

UNESP - Biblioteca - Assis
Class.: OR.050
Tombo/Tit.: 1084

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

OLIVEIRA LIMA da Academia Brasileira	A doutrina de Monroe	1
CARLOS DE CARVALHO	Operações de cambio	16
MARIO DE ALENCAR da Academia Brasileira	Poesias	27
JOÃO KÖPKE	O ensino da leitura pelo methodo analytico	31
C. DA VEIGA LIMA	O pensamento actual	70
JOÃO FERRAZ	As estiagens e a febre ty- phoide em São Paulo	72
R. VON IHERING	Diccionarios portuguezes	76
COLLABORADORES	Resenha do mez	82

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 5 - ANNO 1

VOL. II

MAIO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

20285



RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — João Köpke, N. — Olavo Bilac em Lisbôa, *R. M.* — Homem de Mello — Bibliographia — Tribunal para menores — O ensino technico em França — Superstições irlandezas — O mestre de Paderewsky. — **As caricaturas do mez** (quatro caricaturas reproduzidas). — **Retratos:** João Köpke e Olavo Bilac, por *Wash Rodrigues*; Homem de Mello.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS ❖❖

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, estando mobiliado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **8\$000 réis.** A's familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cosinha é dirigida por um reputado profissional

PROPRIETARIO:

F. KOSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SAO PAULO

Endereço Telegraphico: (HOTELPAZ)

oooooooooooooooooooo

Fabrica de Moveis
Especiaes de - - -

João M. Llaverias

◆ ◆ ◆

SÃO PAULO

Telephone N. 16-23

Rua Barão de
Itapetininga N. 58

oooooooooooooooooooo

Casa fundada em 1895

**PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS**



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Electr.: EMISEL

SÃO PAULO

■ ■ ■ Agencia
de Bilhetes
de Loteria

TELEPHONE N. 4590

A PREFERIDA

Lopes & Fernandes

Rua 15 de Novembro N. 50 ■ ■ SÃO PAULO

ALFAIATARIA

CASA ESPECIAL EM ROUPAS SOB MEDIDA
IMPORTAÇÃO DIRECTA de Fazendas Estrangeiras

Salvador Magliano

RUA BOA VISTA N. 23 - Sobr.
(Em frente ao HOTEL BELLA VISTA)

SÃO PAULO

Molho Aromatico Brasileiro

O melhor estimulante da digestão. Aroma delicioso e sabor agradabilissimo. Indispensavel ás pessoas de bom paladar.

Preparado por **J. Thomaz de Aquino**

REZENDE - Estado do RIO

Preço por duzia: 18\$000 (commum) 20\$000 (especial)

Depositarios:

S. Paulo: - I. DIEGO & Co. - Av. Rangel Pestana, 6

Rio: TEIXEIRA BORGES & C. - R. do Rosario, 110 e 112

Alfaiataria Guarany

Manufactura especial de roupas para homens e meninos

Carlos Camara

Importação directa de Cazemiras Inglezas e Francezas

SEMINARIO N. RUA DO 17 :: São Paulo



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terceiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeicoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo enfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



TAPEÇARIA E MOVEIS
FABRICA A VAPOR CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETINGA
TELEPHONE 1520 S. PAULO

ATELIER PHOTOGRAPHICO
DE

Valerio Vieira

RUA 15 DE NOVEMBRO, 43 :: SÃO PAULO

Premiado nas exposições, concurso photographico do Rio, 1900, Medalha de Ouro, Turim, 1911, Grande Premio, Rio, 1903, Grande Premio S. Luiz, 1904, Medalha de Ouro.

TELEPHONE, 2141

SERRARIA FORSTER

José H. Forster

Deposito de Madeiras Extranjeiras e Nacionaes
Desdobram-se Toros

Apromptam-se quaesquer encommendas com urgencia

Alameda dos Andradas, 30 :: SÃO PAULO

CASA SANTOS

DEPOSITO DE VIDROS PARA VIDRAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos,
Molduras, Papeis pintados, Oleographas, etc.

Encarrega-se da collocação de vidros tanto na Capital como no Interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,
Ypiranga,
Paulista,
Colombo,
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

"Companhia Luz

Stearica"

DO RIO DE JANEIRO

■ ■
■
R. Libero Badaró

. 52

(1.0 Andar)



TELEPHONE

N. 3558



São Paulo

CASA FRANCOEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{ia}

Rua de S. Bento, 89 e 91



Apparelhos de Jantar

VENDEMOS PEGAS AVULSAS

CASA PAULISTA

DE

MOYSES CANDELHMAN

Largo do Paysandú

141, RUA S. JOÃO, 141

TELEPHONE, 3046 - Centro

SÃO PAULO

GASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B
— SÃO PAULO —

JOÃO DIERBERGER

— FLORICULTURA

III
SÃO PAULO
III

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.ª ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

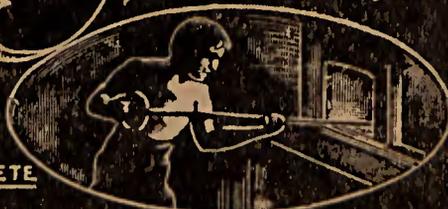
AVENIDA PAULISTA

• PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

Massucci Nicolli

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMA PARA SABONETE



• ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52
• FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO •



Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Electr. "D MAN"
Rua Boa Vista, 44 _____ SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphica, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de lampadas e material Electrico.

Alfaiataria Rocco - Novidades em casemira ingleza
IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

EMILIO ROCCO

RUA AMARAL GURGEL, 20
Esquina da Rua Santa Izabel

TELEPHONE N. 5151
SÃO PAULO

A DOCTRINA DE MONROE

(Conferencia feita no banquete da Camara de Commercio de Fall River, perante os Clubs de Historia e de Eeonomia Politica da Universidade de Harvard e perante o Polity Club da Universidade de Princeton)

Todos aquelles a quem se depara a boa fortuna de uma visita a este paiz de magnificas paizagens e de intensa vida politica que se chama os Estados Unidos da America, têm que vêr o Niagara e que dar sua opinião sobre a doutrina de Monroe.

Vivi entre vós quatro annos exercendo um cargo diplomatico, e desde então aqui tenho vindo duas vezes, a primeira como conferente e a segunda como professor. Sinto dizer que apenas me foi dado admirar uma vez o Niagara; tenho porém tido que dizer muita vez o que penso da doutrina de Monroe. Comquanto não seja cégo partidario da coherencia, isto é, considere a incoherencia inseparavel da natureza humana e n'alguns casos prova até de intelligencia, posso accrescentar que a minha idéa do assumpto não tem variado sensivelmente em vinte annos.

Sinto que esta idéa não seja precisamente a do Secretario d'Estado Lansing, o qual bem recentemente, na abertura do Congresso Scientifico Pan-Americano, tratou a doutrina de Monroe de politica *nacional* dos Estados Unidos, o pan-americanismo sendo uma politica internacional das Americas. Palavras são estas tendentes a fortalecer justamente a feição da doutrina contra que se levantam objecções e que é o seu caracter egoista.

O meu fallecido chefe em Washington, Dr. Salvador de Mendonça, no seu discurso de despedida ao Presidente Mackinley, exprimiu a esperanza que o dia breve chegaria em que as



responsabilidades e deveres de manter a independencia e a integridade do Novo Mundo pertenceriam a todas as nações que o compõem. "Um por todos, todos por um" como pretende o Secretario d'Estado Lansing, só é possível quando um se não sobrepõe a todos.

Eu proprio acredito na doutrina de Monroe e até a considero possível de futuro como um principio reconhecido, uma vez que deixo de constituir uma doutrina exclusivamente dos Estados Unidos, applicada por este paiz, juiz unico da sua oportunidade, em nome de todos os outros paizes americanos, para ampliar-se sob a fórmula de uma doutrina continental, envolvendo o ensejo eventual de uma politica commum, proposta por uma das nações americanas e seguida pelas outras em caso de accordo.

Como realizar este accordo, é a tarefa constructora dos talentos combinados dos homens d'Estado desta parte do mundo. Eu apenas me afoito a dizer que este será o unico aspecto sob o qual a famosa doutrina logrará sobreviver ao seu fado, passando a ser o resultado de uma resolução geral. Mas será isto ainda a doutrina de Monroe?

A doutrina de Monroe foi uma formula de protecção sob a capa de uma promessa de auxilio, e de protecção tem ella continuado a ser até agora. Nestas condições não poderia ter achado lugar por annuncia geral no direito internacional, quer o consideremos um codigo obrigatorio ou simplesmente uma reunião de principios admittidos. O facto é que o Continente da America, em vez de pertencer em plena soberania a cada uma das suas partes, foi d'aquelle modo convertido num apanagio dos Estados Unidos, primeiro diplomatico e depois tendendo a tornar-se economico. As antigas metropoles, Hespanha e Portugal, tiveram que transferir seus direitos e privilegios á nova metropole do Novo Mundo, não menos ciumenta do que ellas.

A melhor prova de que as responsabilidades e vantagens da doutrina de Monroe nunca foram iguaes para todos os parceiros, quer dizer, nunca foram identicas para todo o continente, jaz na circumstancia de terem os Estados Unidos reservado para si o direito de escolher a occasião ou o pretexto da sua applicação de accordo com os seus proprios interesses. As outras republicas, caso appellassem para os Estados Unidos,

nunca poderiam ter a certeza de que o seu appello seria correspondido.

O governo americano não possui obrigações positivas para com os outros governos do continente. Seus compromissos são puramente moraes: elle é juiz unico das suas intervenções. Não admira que a doutrina fosse considerada suspeita pelos outros paizes sobre que se extendia, que estes a tenham na conta de uma tutela compulsoria que os ameaça. Si dotarmos comtudo a doutrina d'aquillo que eu chamei uma feição continental, descobriremos que todo seu aspecto immediatamente se altera, passando a ser tão sómente o direito inherente a cada nação de defender sua independencia e garantir sua integridade, associando-se para isto com outras, si outras ha que pensam do mesmo modo. A doutrina de Monroe apparece-nos a esta luz como o alicerce mesmo do direito internacional.

Como não passo de um diplomata aposentado após um quarto de seculo de serviço no estrangeiro — vinte e cinco annos teriam um som de mocidade, um quarto de seculo já traz a idéa de velhice — e que occasionalmente se atreve a ser um professor, posso bem permanecer fiel á minha idéa e, falando por minha conta e risco, prevêr que, si continuar a ser uma politica nacional dos Estados Unidos, está a doutrina de Monroe destinada a um fracasso. Como politica nacional passou o seu tempo e não mais volverá — pelo menos no que diz respeito aos mais importantes paizes da America do Sul.

Allianças politicas podem vir a formar-se com o proposito de offerecer a raças conquistadoras uma solida barreira, mas não se chegarão a formar com o proposito de estabelecer a supremacia de uma nação, por mais forte e rica que ella seja, sobre um continente inteiro, sem com isto alterar-se sequer a natureza da doutrina como fonte de justiça internacional.

Devemos estar áleria á circumstancia que a doutrina de Monroe pretende haver derivado vida nova da maior das guerras europeas, deste terrivel, criminoso, insensato e estúpido conflicto que está dilacerando o Velho Mundo e destruindo a civilisação, a delle e a nossa tambem, pois parecemos todos a caminho de adorar a Força em vez do Direito. As denominadas aspirações da Allemanha a uma hegemonia universal emprestaram certamente á doutrina uma viva actualidade e per-



mittiram-lhe tratar de extender sua influencia, bem como de ampliar sua significação.

Os Estados Unidos desejam presentemente ver suas republicas irmans — as irmans podem ser de côres differentes, si os pais forem de raças diversas — amalgamadas e dispostas a contrariar as ambições européas, o que quer dizer neste caso a supremacia alleman. A vez do Japão virá depois. O preparo militar é aliás o topico do dia desde a bahia de Hudson até o estreito de Magalhães, mas ha uns tantos individuos lá para nossas bandas, despidos de reverencias senão de criterio, que pensam que a defesa da America Latina deverá exercer-se contra a Amrica Saxonica, aquella que lord Bryce ha bem poucos annos chamava sem malicia, antes com louvor e por sympathia, America Teutonica.

Esta doutrina antagonica não tem nome por emquanto, mas ha de ser baptizada qualquer dia.

Eu suggeriria o nome de um amigo meu que ultimamente me dizia quão gratos deviamos nós, americanos do Sul, ser ao Mexico pela sua resistencia a ser engulido. Esses dez milhões de indios provaram ser tão rebarbativos ao paladar, na opinião daquelle amigo, que não ha appetite que perdure depois de tal prova.

No Brasil, que é a minha terra, as suspeitas contra os Estados Unidos não são tão evidentes. Tem-se geralmente confiança neste paiz, e a doutrina de Monroc não encerra para muitos um sentido ameaçador. A America Hespanhola, porém, uão manifesta por via de regra uma inclinação parecida a uma confiança illimitada. A guerra cubana, originada numa injustiça feita á Hespanha e rematada pela annexação de Porto Rico, e o negocio do Panamá, que o sr. Roosevelt poderá explicar melhor do que eu, augmentáram suas apprehensões, o resultado sendo que os que entre nós levam as cousas ao extremo ajuizaram do imperialismo americano com a mesma imparcialidade com que julgam o imperialismo europeu.

Ambos apparecem a esses pensadores como dotados da mesma natureza, e a situação geographica commum, que se verifica no caso das duas Americas, não torna a pilula mais facil de engulir: é o seu gosto amargo e não o adocicado do envolucro que prevalece.



Prevê-se a tutela como consequencia fatal de qualquer alliança ou accordo do mais forte com o mais fraco, e contra a tutela o sentimento da America Latina é naturalmente um só. Nossas nações desejam manter sua completa independencia até para fazer o que não é direito, prova esta cabal de liberdade. A virtude compulsoria é uma cousa desagradavel, e o peccado tambem tem sua seducção. Vós puritanos, o não direis porventura, mas é mistér não esquecer que somos latinos, ou, o que peor é ainda, latino-americanos. Nossos paizes só têm por assim dizer prejudicado a si proprios, mui raramente a outros, com excepção talvez da exempção a que alguns se acreditaram com jus em virtude da doutrina de Drago. Esta doutrina argentina prohibe, como sabeis, o emprego de força militar por uma nação afim de obrigar outra nação ao pagamento de suas dividas.

Eu não desejo obrigar-vos a um curso de historia, em seguida ao que fiz aos estudantes de Harvard, mas não tenho remedio senão ir buscar algumas poucas informações sobre o nosso assumpto — assumpto de crescente interesse, porque ha evoluído de accordo com este vosso paiz — á sciencia denominada mestra da vida. Esta sciencia ensina-nos que a doutrina de Monroe tem realmente sido uma “politica nacional” dos Estados Unidos, pois que de facto jámais existiu para o resto da America.

A luta da America Hespanhola pela sua independencia durou 15 annos, de 1810 a 1825, sem qualquer ajuda por parte do governo de Washington, fosse esta embora sob a forma de palavras de animação; a cidade de Buenos Aires foi coagida por navios de guerra inglezes e francezes em 1842 e a ilha de Martin Garcia, no estuario do Prata, temporariamente occupada por marinheiros francezes, da mesma forma que as ilhas Malvinas tinham sido permanentemente occupadas por soldados inglezes; as aguas territoriaes do Brasil foram repetidas vezes violadas pelos cruzadores britannicos á caça de navios negreiros; Valparaiso foi bombardeada em 1866 por uma frota hespanhola que já tinha estado em operações contra o Perú; Maracaibo e Puerto Cabello foram em tempos recentes atacados por canhoneiras europeas em virtude de mesquinhas questões de dinheiro — tudo isso sem uma qualquer opposição dos Estados Unidos, cujos interesses se não achavam ahi em jogo. Que foi

feito da defesa promettida contra as aggressões européas? Os golpes não se sentiram menos pelo facto de não serem dirigidos contra os Estados Unidos.

Em 1895 o Almirantado britannico occupou como *res nullius* a ilha da Trindade, que fica a algumas centenas de milhas da costa brasileira e alli arvorou o pavilhão inglez. O proposito era utilisal-a como estação do cabo submarino. A ilha é apenas habitada por immensos carangueijos, aos quaes escasseavam entretanto os meios de provar sua nacionlidade brasileira. O Brasil, como era natural, sobresaltou-se com o acto. Os Estados Unidos consideraram imprudente intervir em nosso favor. Coube ao Rei de Portugal, o pobre Dom Carlos, mais tarde tão covardemente assassinado, declarar como o melhor representante dos antigos dominadores do Brasil, que a ilha em questão tinha tido no seculo XVIII uma guarnição portugueza. As ruinas da fortaleza provavam que os soldados portuguezes se tinham regalado com alguns dos antepassados dos immensos carangueijos.

Lord Salisbury de boa vontade acreditou em tal e cedeu, resultando o incidente n'uma satisfacção moral para nós, pois que a Trindade continúa a ser deserta e continuam os carangueijos a não ser incommodados.

O protesto do Presidente Cleveland contra a Inglaterra, em pról de Venezuela, constitue um exemplo quasi unico de protecção dispensada á America do Sul, mas foi seguido de perda de territorio venezuelano sancionada pela côrte arbitral de Paris, reunida sob os auspicios dos Estados Unidos depois que o Secretario d'Estado Olney declarou que a vontade destes era o *fiat* no Novo Mundo.

O Brasil tambem perdeu em favor da Guyana territorio indisputavelmente seu e do qual o Rei da Italia dispoz como arbitro, assim satisfazendo seu espirito de transigencia. Si o Conselho Federal Suisso em outro caso de arbitramento entre o Brasil e a França, tivesse agido do mesmo modo em extremo conciliador, a França haveria ganhado um reino ao norte do Amazonas em prejuizo do Brasil, uma cousa que teria redundado afinal na negação da doutrina de Monroe.

A declaração de intervenção no Mexico, pouco antes da execução do Imperador Maximiliano, não teve lugar para defender o Mexico; nem mesmo para humilhar a França, pois



que esta em 1867 já havia retirado suas tropas e o Mexico teria sido muito mais feliz sob um principe esclarecido como era o archiduque austriaco, do que sob os seus caudilhos indios, Juarez e Diaz, tyrannos taciturnos e sanguinarios, tão barbaros quanto os aztecas que praticavam sacrificios humanos. O exemplo do Brasil é inteiramente convincente. Paiz modelo pela sua honestidade sob os seus imperadores, nenhum era mais democratico entre as republicas hispano-americanas do tempo.

Eu não censuro por certo os Estados Unidos pela attitude do seu Secretario d'Estado Seward nos negocios do Mexico; agiu elle de accôrdo com o melhor dos interesses da União. Um forte, ordeiro e prospero imperio latino — prospero por si proprio, não como resultado da exploração estrangeira — collocado na vossa fronteira meridional e tal como Napoleão III o imaginára para impedir a expansão dos Estados Unidos da America para o Mar das Antilhas e paizes, teria constituido um real obstaculo á vossa grandeza e poderio, as coisas expressamente para cuja animação a doutrina de Monroe foi uma vez formulada e successivamente desenvolvida.

Diz-se que a doutrina foi igualmente “concebida em suspeição das instituições monarchicas e em plena sympathia com a idéa republicana”, por outra para manter a integridade republicana do duplo continente, mas a isto eu opponho: 1.º que os Estados Unidos não possuiram melhor amigo na America do que o Brasil, que foi uma monarchia desde 1822 até 1889; 2.º que se não podem razoavelmente denominar republicas os governos demagogicos, despoticos e grotescos que então existiam em muitos dos paizes hispano-americanos.

A substancia exacta da doutrina de Monroe era afastar idéas de recolonização e designios de conquista por parte de nações européas com relação á America Latina, mas mesmo assim o resultado sempre foi vantajoso para os Estados Unidos. Cuba e Porto Rico, as ultimas colonias hespanholas do Novo Mundo, foram mais ciosamente guardadas pelo governo de Washington do que pelo governo de Madrid contra todos os planos estrangeiros de annexação. A Hespanha poude ostentar essas joias quasi durante um seculo mais, quando chegou o ensejo para a transferencia... Porto Rico é hoje uma possessão pura e simples dos Estados Unidos e Cuba é, ao que asseveram alguns, um paiz livre, mas cuja liberdade envolve ao meu

ver algumas restricções. O meu eminente amigo professor Hart considera-a um Estado semi-independente ou protegido. Este é justamente o fado que outras nações da America temem para si, e não podeis censural-as pelo seu nervosismo.

O professor Hart tem inquestionavelmente razão quando affirma que nações como Cuba ou Panamá não gosam de uma completa soberania. Para sir Thomas Barclay, aliás, que contribuiu para a Encyclopedia Britannica com o artigo entre outros sobre Estado, a doutrina de Monroe produz uma diminuição da soberania de todas as nações americanas, excepção feita dos Estados Unidos, para os quaes envolve um direito á suzerania. O conhecido internacionalista inglez escreve textualmente que a doutrina de Monroe põe restricções no poder dos outros paizes americanos de celebrarem tratados com a Europa. Felizmente para elles, que esses paizes nunca reconheceram formalmente a doutrina em questão.

Nunca pretendi falar senão por conta propria, nem aspiro a dar minha opinião como sendo a dos meus compatriotas, mas agradou-me certamente o deparar nos ultimos jornaes recebidos do Brasil com um artigo sobre este assumpto, escripto por um dos nossos melhores pensadores e philosophos, o sr. Alberto Torres, juiz aposentado da Córte Suprema. Agradou-me sobretudo por ver que suas vistas concordam com as minhas. O juiz Torres escreveu o seu artigo após ler o cabogramma publicado por toda a imprensa de todas as Americas sobre a discriminação estabelecida pelo Secretario d'Estado Lansing entre a doutrina de Monroe e o pan-americanismo.

Escreve o meu patricio que de facto o pan-americanismo não passa de uma criação imaginaria, do producto da fantasia applicada á politica, pois que não corresponde a qualquer identidade ou sequer analogia geographica, racial ou social, nem traduz uma união necessaria ou util. Provem esse sentimento de uma semelhança de aspirações e fins, ou antes de uma suggestão litteraria commum no momento da independencia da America colonial, mas agora reflecte, nas expressões do sr. Torres, "a excessiva dilatação de uma força de expansão attingindo a forma fluida de um sonho de absorpção continental".

O pan-americanismo não pode porém ser mais considerado como um devaneio romantico, desde o momento em que assumiu um character pratico. Quanto á doutrina de Monroe, sem-



pre revestiu tal caracter e, além disso, deriva da tendencia imperialistica dos Estados Unidos, como potencia mundial, a importancia de um titulo de dominio sobre a totalidade da America. Os paizes que formam esta parte do mundo, enfeixados pelo pan-americanismo, permanecem deste modo sujeitos á vossa *politica nacional*: tal é a conclusão do artigo que citei, cujo auctor brasileiro me era outro dia mencionado por um graduado de Harvard como um dos maiores espiritos de que elle tinha conhecimento.

Um plano recente para fazer a America Latina approvar a diminuição de soberania de uma sua secção presumo que não operará com exito. A ultima intervenção no Mexico afastou-se dos precedentes. Os Estados Unidos foram diplomaticamente representados pelo *A B C*, o qual não penso que haja ganho cousa alguma com isso, nem mesmo a gratidão do Mexico, pois que a tendencia entre as nações é antes de resentirem-se de qualquer interferencia com seus negocios domesticos. O *A B C* ajudou a substituir o dictador Huerta pelo dictador Carranza: melhorou a situação realmente com isso? E' verdade que ha peores do que esses dous, esperando sua vez ou tentando sua fortuna, mas o melhor meio de leval-os ao poder é justamente o querer repellil-os pela acção estrangeira. Elles algum dia hão de vencer, ou então tereis vós que fazer a conquista apezar dos vossos compromissos, si é que são sinceros taes compromissos, pois que a sinceridade não faz boa liga com a politica.

Li ha pouco tempo, em artigo de fundo de um dos melhores diarios do Massachusetts, que a annexação de Santo Domingo não deveria ter lugar sem o pleno consentimento e *cooperação* das republicas latino-americanas; de outro modo a Europa invocaria o precedente estabelecido pelos Estados Unidos, cujo proceder estaria assim longe de ser limpo de responsabilidades como seria para desejar. Eis um caso em que a cooperação — palavra de que hoje se abusa bastante — tomara caminho de todo diverso daquelle que todos desejaríamos vel-a trilhar. Cooperação afim de sancionar annexações é peor, estou certo, do que uma conquista empreendida por uma só potencia. E' simplesmente espalhar e repartir por varios as responsabilidades de um acto considerado tão injustificavel na sua essencia, que se procuram parceiros para abonar sua honestidade.

O mesmo jornal recordou que ha 95 annos, em 1820, um grande proprietario rural argentino, discutindo assumptos de politica externa com um dos representantes dos Estados Unidos, dissera que a America do Sul nunca depositaria inteira confiança na amizade de uma nação possuidora de colonias. Uma potencia colonial é sempre uma potencia conquistadora: Roma e a Grã-Bretanha, a Hespanha e a Allemanha parecem-se extraordinariamente neste ponto, e os Estados Unidos tornaram-se uma das taes potencias. Por isso vivem estes sob a apprehensão de choques internacionaes.

A peor feição da doutrina de Monroe é ser em demasia elastica: dahi talvez provenha tambem sua melhor recommendação. Estica a um ponto inacreditavel e apraz-lhe apparecer sob variados disfarces de forma a servir as conveniencias de toda a gente. Julgam-na alguns uma theoria de protectorado e dão para isto suas razões; outros a consideram uma politica abandonada, uma cousa do passado, o enredo de uma velha peça, como um drama romantico fóra de moda, e tambem dão para isto os seus motivos.

Ambos os lados têm razão, e ainda devemos contar aquelles que hoje attribuem um sentido differente do primitivo a uma doutrina que peccava pela clareza quando foi primeiro formulada, num momento devéras opportuno, que chegou então a parecer franca demais, mas no decorrer de um seculo perdeu sua limpidez para apresentar um aspecto turvo. Será porque se diz em portuguez e tambem em francez — pescar em aguas turvas? O peixe é abundante e bom, mas não é isto razão bastante para que se consinta a qualquer turvar as aguas com um cacetão, o que apenas serve para assustar o peixe e fazel-o fugir, não obstante a isca do pan-americanismo.

O pan-americanismo, na verdade, não traduz una realidade. Não existe uma commuidade de raça, nem de lingua, nem de religião, nem de tradição entre a America Saxonica — chamal-a-hei, como Bryce, Teutonica? — e a America Latina. A situação geographica nada significa com distancias como as que separam a America do Norte da do Sul, tendo para mais o canal do Panamá destruido a ligação entre os dous continentes. Nós, comtudo, possuímos, senão tradições, pelo menos certos sentimentos communs, e taes sentimentos podem agir de accordo em casos especiaes e determinar excellentes resulta-



dos. Assim bem pode o pan-americanismo continuar a representar o ideal de uma união, para aquelles que acreditam nella ou enfão que querem que os outros acreditem. Todos estes *ismos* são chamarizes de grande effeito, e nem é preciso infelizmente mais do que chamarizes para levar os homens a praticarem os feitos mais heroicos ou mais abjectos. Elles actuam sobre a natureza humana com força igual á de um peso concreto e solido.

Si ajuntarmos um real interesse reciproco á suggestão daquelle relação abstracta e symbolica, esta é capaz de adquirir um grande vigor, nada mais sendo preciso para o seu triumpho. Para que estabelecer uma ligação compulsoria quando uma amisade espontanea, ou calculada que seja, corresponde ao fito e permite conservar uma liberdade de pensamentos e acções tal como mal se poderia manter com uma attitude constrangida? Não deveis esquecer que a doutrina de Monroe pode ser a doutrina americana ou até a panacéa universal que alguns querem nella enxergar, mas que não serve de fundamento a um pacto voluntario. Ora, a vontade é tudo em casos taes. Sabeis perfeitamente que ha cães que preferem ser escanzelados e andar esfomeados á solta, a serem nedios e luzidos, presos por uma colleira.

Eu comprehendo perfeitamente o desejo dos Estados Unidos de converterem a doutrina de Monroe num principio de direito internacional — de direito internacional americano, senão do europeu. Esta divisão do direito das gentes em duas secções, tão surprehendente para os que apenas o entendem de uma maneira, foi na verdade uma maravilha de previsão, particularmente depois que o direito das gentes na Europa entrou a praticar travessuras taes que é preciso estar a cada momento a admoestal-o, sem que elle aliás se incommode com isto. Contudo o reconhecimento da Europa é dispensavel ou póde selo em tempos agitados como estes nossos, em que a proposito de tudo se supprimem garantias e avisos, mas o reconhecimento da America constitue uma formalidade necessaria para converter n'um principio obrigatorio aquillo que lord Salisbury uma vez definiu como uma "norma politica".

Tal norma exige pelo menos a approvação das outras nações, ás quaes tem que ser applicada antes de tornar-se um accordo internacional. Sem semelhante approvação, continuando entretanto a insistir pela adopção da norma em questão,



este paiz estaria simplesmente assumindo a tarefa de legislar sósinho para o mundo, quando de facto estaria simplesmente trabalhando para seu proprio e exclusivo interesse.

Intervenção sempre implica protecção, mesmo quando tem lugar em opposição a designios de terceiro, e nossa gente, com razão ou sem ella, vê na intervenção meio caminho andado para a annexação. Estarão os paizes latino-americanos fazendo injustiça aos Estados Unidos ao manifestarem esses receios? Si proseguirdes annexando ilhas no Mar das Antilhas e tomando posse de zonas de canal como nestes ultimos vinte annos, como deixar de attingir a terra firme na costa Septentrional do continente Sul? O resto seguir-se-ia em devido tempo.

↳ Motivos de anarchia domestica podem ser invocados mais ou menos iguaes; razões de defesa strategica são inteiramente iguaes. O canal alli está a pedir protecção para funcionar, sempre que o permittirem os desabamentos de terras. Graças a elle e segundo o sr. Richard Olney, que é um grande jurisconsulto e um homem d'Estado de não menor valor, os Estados Unidos não são mais uma potencia simplesmente norteamericana: tornaram-se tambem uma potencia sul-americana, digamos uma verdadeira potencia americana. Desappareceu o isthmo, mas vós déstes um salto para a outra banda e viestes tomar assento entre nós, á cabeceira da mesa. Não será algum dia preciso a cooperação latino-americana para deter tamanha força de expansão ou, n'outro sentido, para honrar um conviva assim intromettido?

↳ A cooperação tem a grande vantagem de reunir forças de differente valia num mesmo nivel, e as pequenas nações da America, que não seriam de outro modo capazes, pelos seus unicos esforços, de offerecer uma resistencia idonea, depararão assim com a protecção devida á sua propria existencia. Não ha razão para que tal cooperação não seja eventualmente reclamada pelos Estados Unidos e convenientemente correspondida pelas outras nações da America.

As pequenas nações do Novo Mundo aspiram simplesmente ao mesmo tratamento que é considerado justo e honesto quando se trata das pequenas nações européas: ellas são as Belgicas, e os Montenegros, e as Servias do nosso continente, si bem que sem o progresso politico da primeira, o pittoresco historico do segundo e as tragicas recordações da terceira, por-

quanto si têm sido assassinados dictadores na America Latina, suas esposas têm sido poupadas. Nenhuma jamais soffreu o triste fado da rainha Draga e da esposa do archiduque Franz Ferdinand.

Quanto a mim, pertença ao maior dos paizes da America do Sul, paiz tão vasto quanto os Estados Unidos e o mais populoso da America Latina: por isso se não pode dizer que falo precisamente *pro domo mea*. Para engulir territorio tão immenso seria mistér um daquelles animaes fantasticos das lendas, um dragão com a bocca tão grande quanto a do Mississippe ou a do Amazonas, e a digestão a seguir-se seria das mais penosas. A presa haveria que ser dilacerada e abocanhada tambem por outros dragões, o que poria cobro á doutrina de Monroe. Estou falando com um bom e velho amigo deste paiz, onde se têm passado alguns dos melhores annos da minha vida e ao qual sou devedor de grandes attenções e cortesias.

Não é preciso que estejaes a cada momento invocando a tal doutrina com uma insistencia de enervar, ou mesmo de irritar pelo que implica de tutela de uma irmandade composta de algumas respeitaveis senhoras e de outras tantas raparigas, eventualmente um tanto estouvadas, mas todas ellas com mais compostura e melhores maneiras do que estão demonstrando ter suas avós européas. A cooperação — esta é a occasião propria de usar da palavra da moda na linguagem politica — ha de parecer-vos tão facil e muito mais fecunda sem esse appello de cada dia, de cada minuto, que nos faz algumas vezes desejar que Monroe e John Quincy Adams nunca houvessem existido.

Quantos aliás, mesmo neste paiz, sabem precisamente o que significa a doutrina, o que foi que Monroe escreveu a respeito? O que todos sabem é que se trata de uma cousa equivalente a — America para nós. O *nós* deve porém abranger todo o grupo de povos e nações da America. Um estadista argentino, o fallecido Saenz Peña, que morreu quando presidente do seu paiz, disse um dia — foi na sessão de encerramento da conferencia de 1889-1890, onde Blaine formulou sua “politica nacional” de pan-americanismo — que a America não devia ser só para os americanos, mas para a humanidade inteira. E’ este um programma muito mais nobre e de mais larga inspiração, ao mesmo tempo muito mais simples e mais pratico. Nossas terras es-

tão francas a quem quer que queira trabalhar nellas e por ellas, assim como devem ser hostis a todo aquelle que pretender dominal-as. Ora, para uma melhor, mais effectiva e mais efficiente defesa da sua independencia e integridade, devem ellas começar por possuir uma consciencia plena da sua soberania, a qual cessa de existir desde o momento em que se lhe puzerem restricções.

As nações devem ter a liberdade de associar-se quando, como e com quem preferirem ou acharem mais conveniente, ou então de permanecer num *isolamento* mais ou menos *esplendido*. Os Estados Unidos responderam ha pouco á Suecia, que lhes pedia a cooperação afim de convocar-se uma conferencia de neutros tão necessaria para a paz do mundo, que sua tradição é de agir á parte, por si proprios. Outros paizes podem pensar e desejar agir do mesmo modo: porque constituirá a doutrina de Monroe um obstaculo a um proceder independente da parte dos paizes latino-americanos?

Vossos diplomatas na America Latina referem-se raramente á doutrina, sabendo quão pouco isto agradaria. Esta eliminação, por mal cabido, de um thema rhetorico proprio para o consumo domestico, dá-se com grandissimo proveito, senão da "politica nacional", pelo menos dos interesses nacionaes do seu paiz. Os que aqui citam, em cada discurso e em cada artigo, Monroe e sua mensagem do fructo prohibido, não avaliam quanto embarçan os esforços, tendentes a uma sã e solida intelligencia entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas, de homens como o embaixador Morgan, que no Brasil trabalha para tornar o nome dos Estados Unidos não só respeitado como querido.

Outros tendes como elle, especialmente porque faz parte da vossa bôa fortuna não possuirdes por emquanto uma casta diplomatica. Vossos representantes são homens em contacto com as actividades legitimas do paiz, homens que como professores, jornalistas, manufactureiros, commerciantes, etc., pertencem ás classes vivas, ás classes que representam os fundamentos progressivos de uma commnidade. Não as compõem frivolos observadores e impertinentes criticos de feitos mundanos, e por isso comprehende tão bem essa gente que quanto menos se falar na doutrina de Monroe, tanto mais se consegui-



rá promover o que no seu ultimo desenvolvimento pretende ella ser ou de facto deverá ser — uma solidariedade de esforços entre sociedades oriundas de berços differentes, mas com ideaes communs de equidade, de progresso e de cultura humana.

Boston, 1916.

OLIVEIRA LIMA.



OPERAÇÕES DE CAMBIO

II

As letras sacadas sobre praças estrangeiras são o instrumento principal do cambio, — ellas substituem a moeda na regularisação dos saldos internacionaes. As fórmãs mais simples das transacções de cambio são estas:

O credor de uma praça estrangeira procura quem lhe queira comprar o credito representado por uma letra de seu saque sobre aquella praça. O devedor de uma praça estrangeira procura quem lhe queira vender uma letra sacada sobre aquella praça. O comprador e o vendedor de letras de cambio realisam o seu negocio por intermedio dos bancos, os quaes, de ordinario, remettem aos seus correspondentes as letras que compram, afim de lhes serem creditadas em conta corrente, e sobre o saldo desta conta sacam por sua vez letras que vendem aos que devem ás praças do exterior. As letras de cambio estão sujeitas, portanto, á lei da offerta e da procura, como qualquer outra mercadoria. Si a offerta é maior do que a procura — a moeda estrangeira, em que taes letras hão de ser pagas, baixa de preço. Si a procura excede a offerta — a moeda estrangeira sobe de preço. Daqui a alta e a baixa do cambio — as fluctuações das taxas que marcam o preço de conversão da moeda estrangeira em moeda nacional e vice-versa. Nos paizes em que não ha circulação perfeita, representada pelo ouro, como acontece no Brasil, os bancos, intermediarios nas operações de cambio, fixam o preço das letras sem nenhum obstaculo, tendo em vista apenas a offerta e a procura dos effeitos sobre as praças estrangeiras. Ninguem, diz CHARLES CONANT, — excepto

especuladores aventureiros, — conservará em sua carteira letras sacadas sobre paizes que têm a sua circulação representada por papel inconversível, cuja depreciação não póde ser limitada. O valor de tal papel nunca se avanta ao do ouro, salvo em occasiões especiaes e por fracção minima, ao passo que a sua depreciação, em relação ao metal amarello, não tem limites — e eis ahí porque o cambio, em taes paizes, é muitas vezes objecto de violentas especulações. A Russia, como o nosso paiz, já esteve no regimen do papel inconversível, e, por essa razão, observa Touzé:

“Quando a Russia tinha de pagar, em tempo certo, adquirindo-a por qualquer preço, uma somma de moeda ingleza, não havia limites á alta do dinheiro inglez. Em outras palavras: não havia limites á variação do cambio. O preço era determinado unicamente pela offerta e pela procura, — e si a somma das exportações deste paiz não equalava a somma das importações, como acontecia frequentemente, — si a procura dos effeitos necessarios ao pagamento das importações excedia á offerta das letras dos exportadores, então o saldo não podia ser regularizado sinão á custa de um grande sacrificio.”

A Hespanha, durante muitos annos, esteve nas mesmas condições da Russia em consequencia das suas grandes emissões.

O paiz que funda a sua circulação no papel inconversível está sujeito ao grande mal que é a falta de estabilidade do cambio. O quadro abaixo nos mostra os extremos a que tem chegado no Brasil as taxas de conversão da moeda ingleza em moeda nacional e vice-versa.

Este quadro é a demonstração clara, positiva, da vida incerta que tem atravessado em nosso paiz o commercio e a industria.

ANNOS	Baixa extrema	Alta extrema
1856	27	28 $\frac{1}{4}$
1857	23 $\frac{1}{2}$	28
1858	24	27
1859	23 $\frac{1}{4}$	27
1860	24 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{1}{4}$

1861	24 $\frac{1}{4}$	26 $\frac{3}{4}$
1862	24 $\frac{3}{4}$	27 $\frac{3}{4}$
1863	26 $\frac{2}{3}$	27 $\frac{1}{8}$
1864	25 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{3}{4}$
1865	22 $\frac{3}{8}$	27 $\frac{1}{4}$
1866	22	26
1867	19 $\frac{7}{8}$	24 $\frac{3}{4}$
1868	14	20
1869	18	20
1870	19 $\frac{3}{4}$	24 $\frac{3}{8}$
1871	24 $\frac{7}{8}$	25 $\frac{7}{8}$
1872	24 $\frac{1}{2}$	26 $\frac{3}{8}$
1873	25 $\frac{1}{8}$	27 $\frac{1}{8}$
1874	24 $\frac{3}{4}$	26 $\frac{3}{8}$
1875	26 $\frac{1}{4}$	28 $\frac{3}{4}$
1876	23 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{1}{8}$
1877	23	25 $\frac{5}{8}$
1878	21	24 $\frac{5}{8}$
1879	19 $\frac{1}{8}$	23 $\frac{5}{8}$
1880	19 $\frac{7}{8}$	24
1881	20 $\frac{11}{16}$	23 $\frac{1}{4}$
1882	20 $\frac{1}{8}$	22
1883	21	22 $\frac{1}{4}$
1884	19 $\frac{5}{8}$	22 $\frac{1}{4}$
1885	17 $\frac{5}{8}$	19 $\frac{1}{2}$
1886	17 $\frac{3}{4}$	22 $\frac{5}{8}$
1887	21 $\frac{1}{2}$	23 $\frac{1}{2}$
1888	22 $\frac{7}{8}$	27 $\frac{9}{16}$
1889	26 $\frac{7}{8}$	28 $\frac{1}{2}$
1890	26 $\frac{1}{8}$	20 $\frac{5}{8}$
1891	10 $\frac{3}{4}$	21 $\frac{5}{8}$
1892	10 $\frac{1}{8}$	16 $\frac{1}{8}$
1893	10 $\frac{3}{16}$	13 $\frac{3}{4}$
1894	9 $\frac{1}{16}$	13
1895	9	11 $\frac{3}{4}$
1896	7 $\frac{7}{8}$	10 $\frac{7}{16}$
1897	6 $\frac{7}{8}$	9 $\frac{1}{8}$
1898	5 $\frac{21}{32}$	8 $\frac{15}{16}$
1899	6 $\frac{11}{16}$	8 $\frac{5}{16}$
1900	7	14 $\frac{1}{2}$

1901	9 $\frac{9}{16}$	13 $\frac{19}{32}$
1902	11 $\frac{15}{32}$	12 $\frac{19}{32}$
1903	11 $\frac{5}{8}$	12 $\frac{11}{16}$
1904	11 $\frac{29}{32}$	13 $\frac{21}{32}$
1905	13 $\frac{19}{32}$	18 $\frac{7}{32}$
1906	13 $\frac{5}{8}$	17 $\frac{3}{4}$
1907	15 $\frac{5}{32}$	15 $\frac{9}{16}$
1908	15 $\frac{5}{32}$	15 $\frac{7}{32}$
1909	15 $\frac{1}{8}$	15 $\frac{1}{16}$
1910	15 $\frac{1}{32}$	18 $\frac{1}{4}$
1911	16 $\frac{1}{32}$	16 $\frac{5}{16}$
1912	16 $\frac{1}{16}$	16 $\frac{3}{8}$
1913	16 $\frac{3}{32}$	16 $\frac{23}{64}$
1914	10 $\frac{11}{16}$	15 $\frac{15}{16}$
1915	11 $\frac{13}{16}$	12 $\frac{15}{16}$

Ora, normalmente, nos paizes de circulação perfeita, o cambio não se afasta do par illimitadamente — porque as letras de cambio, compradas e vendidas, não constituem o unico modo de regularisação dos saldos internacionaes. Ha um limite natural ao preço dos effeitos cujo valor é expresso em moeda estrangeira — o que significa que existe um limite natural tanto para a alta como para a baixa do cambio. Tal limite é o custo da expedição do ouro — é o custo da importação e da exportação do metal amarelo.

Si os bancos, a cujas portas vão bater os que procuram e os que offerecem letras de cambio, tentam fixar preços arbitrarioros para os effeitos de commercio, preços que não estão de accôrdo com as condições economicas do paiz, as pessoas que devem ao estrangeiro tem o recurso da remessa do ouro, que o seu credor acceitará em pagamento do mesmo modo como si lhe tivesse sido remettida uma letra de cambio ou um cheque, — suppondo-se que o paiz do credor tenha tambem perfeito o seu systema monetario, — porque não póde existir um par fixo de cambio entre dois paizes que não têm o mesmo metal como padrão.

Ha um par de cambio exacto entre todos os paizes que tem o ouro por estalão — mas não existe, nem póde existir esse par entre dois paizes dos quaes um é monometallista ouro e outro é monometallista prata, — ou entre um paiz em que o



ouro circula de facto, como a Inglaterra, e outro que está no regimen do papel inconvertivel, como o Brasil.

Entre paizes que têm circulação perfeita, representada pelo ouro, as coisas passam-se de ordinario do seguinte modo:

Si os bancos tentam estabelecer preços arbitrarios para os effeitos de commercio, os negociantes, os industriaes desse paiz, por exemplo, não se subordinam a taes preços. Elles têm o recurso da conversão do papel circulante em ouro, o qual, acondicionado convenientemente, e seguro contra todos os riscos, é remettido ao credor. A somma total das despezas feitas com a remessa, as quaes são sempre as mesmas entre duas praças dadas, e facilmente conhecidas, é o limite natural, portanto, ás oscillações dos preços dos effeitos pagaveis em moeda estrangeira. A offerta das letras de cambio póde ser tal que ellas venham a soffrer uma grande depreciação. Os credores de praças estrangeiras importam ouro neste caso e deixam de vender saques. Ao contrario, ha grande falta de letras, tão grande que o dinheiro estrangeiro tem agio pesado. Os devedores a praças estrangeiras exportam, então, o ouro. Deste modo entre paizes cujo padrão monetario é o ouro os limites das oscillações do cambio são quasi mathematicamente fixados pelo custo da importação e da exportação daquelle metal. Ha um trecho de STRAKER que nos faz comprehender perfeitamente o enunciado:

“Supponhamos — escreve elle — que num dado momento, em consequencia dos multiplos negocios entre a França e a Inglaterra, a França nos deve mais do que nós devemos a ella. E’ evidente que na regularisação deste complexo de transacções os negociantes francezes terão difficuldade para encontrar letras de cambio em numero sufficiente para o pagamento de suas dividas e, portanto, um certo numero dentre elles será obrigado a remetter ouro e pagar a despesa da remessa. Todos procurarão adquirir as letras que são offerecidas antes de qualquer delles se resolver a realisar a exportação do metal. A procura excederá a offerta.

Antes de se fazer qualquer remessa de ouro, os compradores de effeitos sobre Londres estarão dispostos a pagar mais do que o valor metallico representado por elles, — quer dizer — mais do que o par.”



Este excesso sobre o par, que os devedores francezes pagam, segundo STRAKER, não será mais do que a somma correspondente ás despesas da exportação do ouro amoedado, ou em barra, de Paris para Londres. Taes despesas são o limite da alta do cambio entre a praça franceza e a ingleza. Só excepcionalmente, em circumstancias especiaes, as taxas de cambio sahem dos seus limites naturaes entre paizes de circulação perfeita. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1861, por occasião da guerra civil, em consequencia das condições politicas de então, os que tinham letras de cambio sobre Londres preferiram vendel-as abaixo do preço normal a esperar o vencimento das mesmas e receber a somma na Inglaterra.

A guerra havia determinado a diminuição das importações e, por outro lado, a necessidade immediata de dinheiro e a offerta de um saldo consideravel de effeitos tambem fizeram descer momentaneamente o preço das letras abaixo do custo da importação do ouro. (BASTABLE).

Ao contrario, em 1839, segundo RAGUET, era difficil a situação do mercado monetario em Londres. Os negociantes norte-americanos, que então podiam comprar em Nova York saques sobre Londres, pagando a libra esterlina pelo seu valor ao par, preferiram remetter ouro aos seus credores em Londres. — e isto porque temiam que os saques comprados e remettidos não pudessem ser descontados em Londres. As despesas de expedição do ouro, entre Nova York e Londres, é de 0,60 0/0, mais ou menos. Ao par a libra esterlina vale \$ 4,866 — o que quer dizer que 4,866 dollars norte-americanos contêm tanto ouro puro ou fino como uma libra esterlina. Em tempos normaes, portanto, o cambio entre Nova York e Londres oscillará entre \$ 4,835 e \$ 4,895 por libra esterlina. No momento em que são escriptas estas linhas o cambio norte-americano está a 4,76, tendo assim ultrapassado o *gold-point* de importação do ouro. Comprehende-se: são consequencias da guerra em que está empenhada a Inglaterra e do grande saldo das letras offerecidas no mercado de Nova York. O dollar está com agio de 2,22 0/0, que se encontra por meio da seguinte formula:

$$\text{Agio do dollar} \left\{ = \frac{(4,866 - 4,760) \times 100}{4,760} = 2,22 \text{ 0/0} \right.$$

Sempre que a taxa de cambio desça abaixo do par, isto é, abaixo de 4,866, — o dollar tem agio quando comparado com o dinheiro inglez. A depreciação deste ultimo, no caso presente, é de 2,17 0/0, que se encontra assim:

$$\text{Depreciação da } \left\{ \begin{array}{l} \\ \text{£ est.} \end{array} \right. = \frac{(4,866 - 4,760) \times 100}{4,866} = 2,17 \text{ 0/0}$$

Não ha presentemente cotação de cambio em Berlim sobre Londres e, pois, só indirectamente se pôde calcular a depreciação do marco, comparando-o com o dollar norte-americano. Ao par um marco vale \$ 0,2382, ou sejam:

$$100 \text{ marcos} = 23,82 \text{ dollars}$$

As despesas de expedição do ouro de Nova York para a Allemanha são estas:

Agio do ouro	0,40 0/00
Acondicionamento em Nova York	0,09 0/00
Frete	1,25 0/00
Seguro	0,57 0/00
Quebra de peso	0,08 0/00
Diversas despesas	0,21 0/00
	<hr/>
<i>Total</i>	2,60 0/00
Mais juros	4,00 0/00
	<hr/>
	6,60 0/00

Esta relação de 6,60 por mil dá 0,66 0/0 — como no caso de Nova York sobre Londres approximadamente.

O cambio de Nova York sobre Berlim, em tempos normaes, não pôde, portanto, subir além de:

$$23,82 + \frac{23,82 \times 0,66}{100} = 23,98 \text{ por } 100 \text{ m.}$$

E não pôde descer abaixo de:

$$23,82 - \frac{23,82 \times 0,66}{100} = 23,66 \text{ por } 100 \text{ m.}$$

No entanto a cotação actual é de \$ 0,76 por 4 marcos ou sejam :

$$100 \text{ marcos} = \frac{0,76 \times 100}{4} = 19 \text{ dollars}$$

O marco está, assim, com a depreciação de 20,23 0/0, que se acha por meio da seguinte formula:

$$\text{Depreciação do marco} \left\{ = \frac{(23,82 - 19) \times 100}{23,82} = 20,23 \text{ 0/0} \right.$$

O agio do ouro americano é de 25,37 0/0, a saber:

$$\text{Agio do dollar} \left\{ = \frac{(23,82 - 19) \times 100}{19} = 25,37 \text{ 0/0} \right.$$

O valor do dinheiro allemão, nos Estados Unidos, desceu muito abaixo do *gold-point* da importação do ouro pelas razões que todos conhecem hoje.

O valor do franco, ao par, é de 25,22 por £ est. e nós já vimos que em tempos normaes, quando o papel na praça de Paris é facilmente conversivel em ouro, o cambio sobre Londres não sobe além de 25,287 por £ est., como não desce abaixo de 25,112. No entanto a cotação actual é de 28,32, o que dá origem aos seguintes calculos:

$$\text{Depreciação do franco} \left\{ = \frac{(28,32 - 25,22) \times 100}{28,32} = 10,94 \text{ 0/0} \right.$$

$$\text{Agio da £ est. ou do ouro} \left\{ = \frac{(28,32 - 25,22) \times 100}{25,22} = 12,29 \text{ 0/0} \right.$$



O valor da lira, ao par, é também de 25,22 por £ est. e, observados os *gold-points* de entrada e saída do ouro, o cambio, quando esteja assegurada a conversibilidade da lira, oscillará entre 25,10 e 25,29. A cotação, neste momento, é, porém, de 30,90, o que exprime uma forte depreciação do dinheiro italiano, a qual se põe em evidencia por meio das seguintes formulas:

$$\text{Depreciação da lira} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(30,90 - 25,22) \times 100}{30,90} = 18,38 \text{ \%} \end{array} \right.$$

$$\text{Agio da £ est. ou do ouro} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(30,90 - 25,22) \times 100}{25,22} = 22,52 \text{ \%} \end{array} \right.$$

A paridade entre o escudo portuguez e a moeda ingleza é a seguinte:

Peso de ouro puro contido no escudo portuguez — 1,gr.6257083.

Peso de ouro puro contido em uma libra esterlina = 240 pence — 7,gr.3223818.

O valor do escudo portuguez, ao par, será dado, então, pela seguinte formula:

$$1 \text{ escudo} = \frac{1,6257083 \times 240}{7,3223818} = 53,285 \text{ pence}$$

As despesas de remessa do ouro para Londres pódem ser calculadas, inclusive juro, em 0,8 %. O cambio portuguez, — si não fôra o paiz estar sempre no regimen do papel inconversivel, — devia oscillar entre 49,025 e 57,545 pence por escudo.

No entanto o cambio está hoje cotado a 34 $\frac{1}{4}$ — o que se traduz numa grande depreciação do escudo, como se vê dos seguintes calculos:

$$\text{Depreciação do escudo} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(53,285 - 34,250) \times 100}{53,285} = 35,72 \text{ \%} \end{array} \right.$$



$$\text{Agio da } \text{£} \text{ est. } \left\{ \begin{array}{l} \text{ou} \\ \text{do ouro} \end{array} \right. \left\{ = \frac{(53,285 - 34,250) \times 100}{34,250} = 55,57 \text{ } \% \right.$$

A peseta hespanhola está cotada acima do seu valor ao par, isto é, está com agio comparada com a £ esterlina. A paridade são 25,22 pesetas por £ esterlina. A cotação actual são 24,41. Logo, temos:

$$\text{Agio da peseta} \left\{ = \frac{(25,22 - 24,41) \times 100}{24,41} = 3,31 \text{ } \% \right.$$

$$\text{Depreciação da } \text{£} \text{ est.} \left\{ = \frac{(25,22 - 24,41) \times 100}{25,22} = 3,21 \text{ } \% \right.$$

Os paizes que têm o seu dinheiro depreciado neste momento, — á excepção de Portugal que sempre esteve no regimen do papel inconversivel, — pódem attribuir o facto ás enormes difficuldades da guerra européa. A maior deprecição, sem falarmos no escudo portuguez, é a do marco (20,23 %), seguindo-se a da moeda italiana (18,38 %) e a do franco (10,94 %).

Pois bem, — o nosso dinheiro, — que já teve em 1898 a deprecição de 79,03 %, equivalente ao cambio de 5 $\frac{21}{32}$, — está agora cotado a 11 $\frac{15}{32}$, o que representa isto:

$$\text{Depreciação do nosso dinheiro} \left\{ = \frac{(27 - 11 \frac{15}{32}) \times 100}{27} = 57,40 \text{ } \% \right.$$

$$\text{Agio da } \text{£} \text{ est. } \left\{ \begin{array}{l} \text{ou} \\ \text{do ouro} \end{array} \right. \left\{ = \frac{(27 - 11 \frac{15}{32}) \times 100}{11 \frac{15}{32}} = 135,39 \text{ } \% \right.$$

Em toda parte do mundo se cuida seriamente da estabilidade do cambio, — alcançada já agora pelas principaes nações commerciaes.

A Inglaterra, — hoje soberana reguladora do preço do ouro, — submettida em 1797 ao regimen do papel de curso forçado, — realisou a sua reforma monetaria em 1816, resgatando,



a partir de 1821, ao par e em soberanos de ouro, a emissão do Banco da Inglaterra. Em 1871 a Allemanha adoptou o ouro como padrão de sua moeda de conta, utilizando-se, para isso, das fortes sommas que a França lhe devia pagar a titulo de indemnisação de guerra. Em 1879 os Estados Unidos tornaram resgataveis á vista e ao par as suas emissões do tempo da guerra de successão que ainda não haviam sido chamadas a troco. A Italia resgatou as suas emissões de 1892 e elevou o seu cambio ao par. A Grecia, já em 1910, tinha normalisado as suas taxas de cambio.

A Austria-Hungria, onde o ouro chegou a ter o agio de 124,06 % em 1887, de 122,08 % em 1886, de 117,17 % em 1889, de 113,85 % em 1890, de 114,07 % em 1891, algarismos estes que exprimem a depreciação de mais de 50 % do papel, quebrou o seu padrão monetario, — é verdade, — mas conseguiu estabilisar o cambio, a partir de 1892, estabelecendo uma circulação interior que se póde dizer normal. A Russia, em 1897, tambem quebrou o seu padrão monetario — mas conseguiu uma circulação normal e estabilisou o seu cambio. No mesmo anno de 1897 conseguia o Japão normalisar a sua circulação, — tendo ouro em quantidade sufficiente para regularisar as suas transacções com o Occidente, — servindo a prata unicamente para os seus negocios no Oriente. A Índia, em duas reformas successivas, normalisou a sua circulação e, a partir de 1899, o seu cambio se tornou inteiramente regular. No Brasil nada se tem feito.

O cambio erratico, — o maior flagello do commercio e da industria, — ahi está e ahi estará para satisfação dos que jogam com o nosso dinheiro avariado.

CARLOS DE CARVALHO



POESIA

CIGARRAS

*Cigarras, houve tempo em que o cicio
Das vossas azas era a voz contente
Que acordava o meu animo sombrio;
E a luz azul do nosso céo de estio
Reabria aos meus olhos de repente.*

*E o meu olhar silencioso e affeito
A' meia-luz das intimas paysagens,
Que o destino poz dentro do meu peito,
Volvia á tona, e enchia-se de imagens,
Como um rio que sahe de um valle estreito.*

*Arqueava-se mais amplo o firmamento;
E já o espirito, alaere e renovado,
Integrava na vida o pensamento,
Concertando lembranças do passado
Com as figuras e os sonhos do momento.*

*Era-me o estio o tempo bemfasejo,
Em que eu fundia sob um mesmo tecto,
Na solidão de um sitio predilecto,
As encontradas ancias do desejo
Das minhas affeições num só affecto.*

*Alli o esposo e o pai se repartia
Sem desigual porção, com o filho terno;
Pois tinha junto a mim de noite e dia,
Para aclarar-me sempre o olhar materno,
E a voz bendita que me bendizia.*



*Ia beijar-lhe a mão, mal acordado;
De noite, no silencio do seu somno,
Quantas vezes, velando o meu cuidado,
Podia acompanhar o seu resono,
E ir escutar-lhe o coração deitado!*

*Não nos cortava o sol a convivencia;
Nem quando o pensamento recolhido
Passava as horas no labor qucrido,
Um coração não lhe sentia a ausencia,
Que a sua voz soava em meu ouvido.*

*O vulto amigo ia e vinha a espaços,
Leve como uma sombra e sem rumor;
Mas ás vezes, temendo os meus cansaços,
Sobre o meu busto curvo os seus dois braços,
Como azas me afastavam do labor.*

*Meu ambiente de estudo, ella o tecia;
Meus sonhos, desdenhava-se toda gente,
Ella os achava grandes, e fazia
De minha doce musa diligente,
Mãe sempre, até da minha phantasia.*

*Em horas de vagar, pelas estradas,
Do verde sitio, agreste e silencioso,
Quantas idéas nossas conjugadas!
Revivia o passado saudoso;
Bailavam esperanças irisadas.*

*Manhãs alegres, claras, argentinas,
Que pareciam nunca vistas de antes,
Debruçavam-se rindo das collinas.
Quantos sonhos ouvistes-nos, confiantes
De longos, quietos dias radiantcs!*

*Nos dias muito azues tinham mais brilho
Os olhos della, côr de azul turqueza.
E dos seus olhos meu olhar de filho
Sentia irradiar a natureza
De mais doçura e de maior belleza.*

*Sobre tarde, reunidos na varanda,
A quietação das horas nos colhia.
Transmontava-se o sol na outra banda;
Passava lesta alguma ave tardia;
Baixava lenta a unção da Ave-Maria.*

*Em noites limpas, sempre o mesmo espanto
No nosso olhar affeito á maravilha
Daquelle céo, calado em luz e encanto,
E áquelle luar que em cada cimo e trilha
Desdobrava, enrolava o claro manto.*

*A eusto recolhíamos então.
E em torno á mesa grande começava
O trabalho e a palestra do serão.
E quem de nós acaso alli cuidava
Que não voltasse um dia igual verão?*

*E não voltou, e já não volta mais.
Cigarras, hoje ouvindo esse cicio
Das vossas azas, outro som lhe dais,
Que não me lembra a luz azul do estio;
Ou sois outras cigarras que cantais.*

*Aquellas outras davam voz contente
Que o espirito me abria á claridade,
E ao prazer da esperança; hoje somente
Sinto avivar-se, a ouvir-vos, a saudade
Neste peito que é morto, e vive, e sente.*



A VAI-DEM DO VENTO

*Vês aquella folha? — folha ou pluma — Olha
Como vae batida, como a leva o vento
De um para outro lado; do alto e acima, lento,
Rapido, sem norte, leva-a, pluma ou folha,
A' mereê do acaso, pelo movimento
Que a elle mesmo impelle, sopro de ar gerado
Por ignota força. Sabe o vento em summa
Quem o trouxe á terra? Sabe a que é levado?
Sabe o que carrega, se é uma folha ou pluma,
Que brutal agita de um para o outro lado?*

*Pobre folha avulsa, que arvore gerou-a?
Foi um dia gomo verde de esperanças;
Bebeu ar e força, deu sorriso ás franças
Da arvore materna. Subito arrancou-a
Uma lufada e ora vai batida á tóa.
Pluma leve, que ave trouxe-a ao corpo outróra?
Tinha um canto e em vôo dava ao ar mais vida,
Adornava a terra, flor de som vestida,
Adejante gotta do elarão da aurora...
Onde foi tua ave? que és, pluma perdida?*

*Tu tambem, na terra quem te leva acaso?
Sabes teu destino? tu que sabes, homem?
Leva-te uma força; tens nascer e oceaso;
Erguem-te altos sonhos; dores te consomem,
Té que as tuas carnes vermes molles comem
Sob o chão que pisas como sombra leve...
Quanto esforço gastas antes que te colha
O antro fundo e negro, no teu sonho breve!
Que te importa o vento que te arranque e leve?
Deixa-te ir á tóa, homem, pluma, folha...*

1916.

MARIO DE ALENCAR.



O ENSINO DA LEITURA PELO METHODO ANALYTICO

Referindo-me, em conferencia que fiz sobre a educação moral e civica como é comprehendida pelo actual Director da Escola Normal do Rio de Janeiro, ao programma para esse ensino esboçado por Charles Bigot, transcrevi o trecho seguinte:

“Mas onde essa educação civica mais está, penso eu, mais que na propria historia e geographia, é no ensino literario. Em nenhuma outra cousa uma raça põe mais de si que nos seus livros. E’ ahí que, como num espelho fiel, melhor se reflectem os seus pensamentos, os seus sentimentos, o seu genio. Os nossos escriptores é que melhor têm traduzido os altos pensamentos do espirito nacional, suas elevadas ambições, seus sentimentos generosos. Elles que melhor hão manifestado a sua intelligencia vigorosa, seu firme bom senso, seu instincto de clareza, sua imperiosa necessidade de medida e justez.”

A presente conferencia é, pois, um corollario daquella, porquanto, propondo-me a tratar do processo mais conveniente ao ensino da leitura, que é o introito obrigado para o ensino literario, implicitamente trato deste e concorro para que, desde as suas primeiras letras ganhe o discipulo vontade de ir ás ultimas, uma vez que o processo aconselhado não só não o desalenta desde os seus primeiros passos confrontando-o com difficuldades perfeitamente evitaveis, como tambem lhe impõe confiança na propria potencialidade, deixando-lhe evidente na sua marcha que todo o progresso, que consegue, é resultado do seu esforço encaminhado, mas desajudado, e o mestre apenas com-

N. da R. — Este trabalho foi lido numa conferencia realizada, no Jardim da Infancia, em S. Paulo, em 12 de Maio de 1916.



panheiro, cuja presença, pela experiencia que tem da estrada a percorrer, o premune contra possiveis desvios. A persuasão do proprio valor é condição essencial de successo.

Assim sendo, aqui e por este modo, demonstro praticamente a inverdade do anexim, que diz que não cabem dois proveitos num sacco, pois que num só metto tres: 1.º — o prazer indizível de voltar ainda uma vez a este meio, a que as saudades do passado me vinculam indissolavelmente e que não revejo sem os olhos cheios de admiração pelo surto do progresso, em que o encontro; 2.º — a certeza de que me é aceita a parcella minima, que traz a minha experiencia para encaminhar o desenvolvimento desse ramo especial da educação, que affeição o character e habilita a intelligencia a bem servir á patria e á humanidade; e, 3.º, a satisfação de afirmar que pude viver para, depois de estudo constante e aprofundado dos principios cuja propaganda aqui iniciei, desobrigar-me da promessa feita de incorporar em livro o molde, que dou ás lições na applicação do processo da leitura pelo methodo analytico, na esperanza de poder fazer doação delle, ao Estado de São Paulo, como testemunho humilde, mas sincero, do meu reconhecimento ao estimulo e animação com que sempre amparou o meu esforço de modesto, porém devotado, obreiro na magna tarefa da nossa organização pedagogica.

A 1.º de Março de 1896, a convite do Instituto Pedagogico Paulista, na velha Escola Normal da rua da Bôa Morte, naquelle edificio onde a patriotica dedicação de Francisco Rangel Pestana tantos e tão nobres sacrificios empenhou por dar á futura mãe paulista aquella educação, em que assenta principalmente a proficuidade dos esforços do mestre, que tem de completar o por ella iniciado, — e onde tambem leccionou o grande mestre, que foi Caetano de Campos, cujo nome está para todo o sempre echoando neste recinto e relembrando ás crianças, nelle diariamente acolhidas o prazer, que os seus maiores têm no tributar ao insigne organisador e possante braço direito de Cesario Motta o testemunho de sua gratidão pelo impulso maravilhoso dado á instrucção e educação do povo a 1.º de Março de 1896, — ha, pois, quatro lustros completos, em conferencia de que é esta complemento, expuz a doutrina relativa ao methodo analytico, applicado segundo o processo, a que a minha pratica me tinha levado.



Hoje, e cada vez mais convencidamente, persevero ainda na sua adopção, pois o estudo continuo do assumpto, unido á experiencia accrescida pelo exercicio do magisterio, que nunca interrompi, me tem demonstrado a verdade inconcussa dos fundamentos, em que assenta, e a realidade das vantagens da sua applicação.

Sendo, porém, a preocupação do mestre consciencioso melhorar os seus processos pelo supplemento, que á propria, dê a observação de outros empenhados no mesmo escopo, tenho, na minha pratica, trazido ao processo, que por muitos annos segui e aconselhava, algumas modificações, cuja razão de ser achará justificação nas considerações, que perante esta illustre assembléa tenho a honra de fazer.

Por entender que o *meio*, em que o ensino se faz, é que deve fornecer os elementos, que lhe dê maior efficacia e mais facilitem a aprendizagem guiada pelos principios accéitos, organizei sempre, como mestre pratico, as minhas lições para cada alumno, que tive de iniciar na arte da leitura e escripta pelo processo analytico.

Parcendo-me, de outro lado, que, quer para essa, quer para a instrucção collectiva, onde os aprendizes tem de procedencias tão diversas, e, portanto, trazem para a escola a não de capacidades, cabedal de idéas e vocabulario tão diferentes, não melhor seria confiar ao criterio do mestre a selecção dos vocabularios sobre os quaes se hão de organizar os exercicios, nunca tive pressa em empenhar-me na confecção de cartilha ou cartilhas destinadas a tal uso, apesar de moralmente obrigado pela antiga promessa de um "Livro das mães", que repetidas solicitações me têm lembrado, partidas na maior parte daquelles, que, tendo sido meus discipulos, desejariam ver seus filhos seguirem o caminho pelo qual, sem lagrimas ou enfados, aprenderam a ler.

Hoje, si a omissão d'esse trabalho, como auxilio aos que desejariam seguir a marcha por mim indicada, me podesse ser attribuida em culpa, acharia eu attenuante na existencia de livrinhos intelligentemente escriptos por dedicados, ardorosos e competentes mestres, que, honrando o magisterio nacional, compensam pelo seu dvotamento á causa entregue ás suas mãos, os esforços deste grande Estado em prol da elevação do ensino pelo aperfeiçoamento dos seus methodos e processos



didacticos. Refiro-me, como o tereis entrevisto, á “Cartilha analytica” e ao “Meu Livro”, dos professores Arnaldo Barreto e Theodoro de Moraes, assim como ao trabalho do professor Cardim.

As referencias, que á minha propaganda fazem o 1.º e o 2.º, compensam-se tambem a mim da parcella de devotamento, posta ao serviço dos meus jovens compatriotas, e enche-me de contentamento por ver que mestres tão bem recommendados por seus dotes pessoacs, filiam á propaganda do velho lidador a contribuição, que trazem ao progresso de uma doutrina e pratica, abonadas pela sua experiencia de applicadores competentes e convencidos.

Crendo, porém, que a sua entrada em fileira não implica a exclusão dos veteranos, que têm encanecido na peleja pela bôa causa, e devendo trazer aos novos legionarios meu applauso como homenagem á sua collaboração, entendi opportunas as ponderações, que aqui venho trazer e nas quaes vai a franca e leal externalização de um juizo, que, por não solicitado, nem minimamente constringe quem se propõe a emittil-o, fundamentando-o.

Outrosim, como a melhor demonstração da marcha de um processo é a organização dos exercicios a que deve elle recorrer, o corpo á intenção por muito tempo adiada, de escrever as cartilhas destinadas ao ensino da leitura pelo processo, que pratico, aproveitando na sua confecção os conselhos dos grandes educacionistas, que especialmente se têm occupado do assumpto, entre os quaes Meiklejohn, Stanley Hall, Chubb e Carpenter, e a observação da minha propria experiencia na especialidade.

Aquelle juizo e a exposição da genesc destas cartilhas ficarão implicitamente contidas nesta conferencia e registadas no opusculo, em que deve ella apparecer e destino á distribuição larga pelo professorado, na esperanza de ver em breve accclerar-se o progresso da leitura analytica por todo o paiz, fructificando na inteira plenitude de sua excellencia para felicidade das crianças e proveito da illustração do povò.

QUANDO? COMO? PARA QUE? e O QUE? ensinar a ler — eis as quatro interrogações, que se impõem ao espirito ao investigar o assumpto especialissimo da didactica da arte da leitura e cscripta.



Em antes de tudo, e como preliminar, QUANDO, porque, tendo variado o programma da cultura mental para se pôr em conformidade com a ordem e intensidade do desenvolvimento das faculdades cerebraes, grande maioria de disciplinas que aguardavam a instrução na leitura para a aprendizagem pelo livro, passaram, por consenso unanime dos pedagogistas, que julgam dever obediencia aos ensinamentos da psychologia, a independer della, dando-se a instrução nas COUSAS não pelas LETRAS, sim, porém, pelas proprias COUSAS, que melhor fazem a apprehensão daquellas.

Assim, de introito obrigado á cultura encyclopedica, deslocou-se a leitura para instrumento precioso, e indispensavel, mas não inicial, dessa cultura.

Os annos primeiros da infancia, que se consumiam em adquirir a penosamente—*“la letra con sangre, entra”*, diziam os medievaes — são hoje empregados em encher o espirito de generalidades alcançadas pela observação, enriquecendo-o de idéas, que a fala, pela commmicação oral, auxiliará a assimilar, de modo a que se gravem na consciencia psychica dos edncandos imagens nitidas e indeleveis, evocadas com precisão pelo symbolo phonico, que as registrou.

No momento, em que este symbolo phonico se tiver de traduzir n’um symbolo graphico para evocar a idéa, ou a relação entre as idéas evocaveis pela fala, comprehende-se que a rapidez da assimilação será tanto maior quanto mais intima fôr a connexão entre a imagem e o primeiro symbolo, em que se ella concretisou.

O periodo, pois, que primitivamente se apropriava á iniciação na leitura, consagra-se hoje ao estudo das coisas, preambulo obrigado ao estudo das letras; e, si entre os 5 e 8 annos está de facto, como assevera Stanley Hall, a phase em que culminam o interesse e a facilidade na aprendizagem da leitura, claro é que esta só terá lucro em aguardar aquelle estudo, fazendo-se dentro destes limites, sem prejuizo do adestramento, que lhe pôde ser de auxilio maximo.

Tomando, em consequencia, como termo medio do desenvolvimento normal, a idade de 7 annos, que assignala o termo da primeira infancia, deve-se referir todo o esforço do methodo, seguido para a iniciação na leitura, á capacidade revelada pela criança, que o attinge.



Note-se que falámos em termo medio, deixando, portanto, salva a possibilidade dos desenvolvimentos especiaes, que, antes daquelle limite, possam proveitosamente inicial-a.

A precocidade, entretanto, deve ser tratada como tal, porque, exigir della um esforço inferior á sua potencia, não é tão prejudicial ao seu progresso como submeter a esforço maior o desenvolvimento, que o requer menor. O livro organizado para este servirá para aquella: a inversa não seria verdadeira.

Considero, por consequencia, capital a questão e o limite dos sete annos como o mais conveniente.

A fina percepção de Froebel, pondo o ensino da leitura fóra do jardim da infancia, justifica esta minha opinião, que tem por si o apoio de grande numero de autoridades na materia, e acredito que não m'o negará a maioria dos mestres, que sabem qual é a leitura a que me refiro, isto é, aquella que todo o educador digno do nome deve querer para os seus discipulos.

COMO ensinar a ler, isto é, a preferencia pelo methodo a adoptar, é uma questão, que tem uma preliminar obrigada: dado o mestre competente, em absoluto tudo depende do discipulo. Variando as aptidões, variam necessariamente os caminhos. Tal discipulo aproveita mais pelo appello á sua actividade manual, escrevendo; tal outro, á actividade visual, olhando; tal outro, á capacidade auditiva, ouvindo. Sendo, porém, incontestavel que as crianças preferem as cousas completas, e acham, ao menos no vernaculo, como assevera Stanley Hall, as sentenças mais faceis que as palavras, como é certo que aborrecem os detalhes, os elementos e as abstracções, o ponto de partida para o ensino da leitura deve ser o TODO. Este TODO, mais do que a SENTENÇA, é a fala, a descripção, a narração, o DISCURSO, que a instruiu na lingua em que entende e se faz entendida, e que, sob a forma de *conto* ou *historia* escripta, se ha de traduzir a seus olhos, dando-lhe o segredo da representação graphica, em que se faça entendida e entenda.

Analytico, pois, será forçosamente o methodo desde que o TODO ha de ser o ponto de partida qualquer que seja o aprendiz: os processos, que todavia, puzer em jogo, esses hão de combinar-se de modo a que olho, ouvido, bocca e mão se exerçam conjunctamente em collaboraçãõ mutua para a conquista da perfeiçãõ automatica, mercê da qual a fala escripta



se faz para a intelligencia, travez da visão e da mão, o que para ella é a fala oral, travez da audição e da bocca.

Partindo do Todo e, por isso, *analytica*, a cartilha n. 1., primeiro livro que entra para as mãos do aprendiz, entra para ella como para a dos seus maiores o livro ou jornal — isto é, para que nelle se entretenha, dahi tirando o prazer procurado pelo interesse que o impulsiona, ou que nelle suscitamos como estímulo ao seu esforço.

Compõe-se, consequentemente, de uma série de quadros, onde se lhe offerecem aos olhos *cousas e pessoas*, que vão adquirindo papel e *connexão* pela breve narrativa fronteira, *synthese*, como se verá, organizada com o que á visão do aprendiz terá dito a *cstampa* e, em resposta ao mestre no colloquio inicial, tiver elle externado.

Trinta ao todo as narrativas, que correspondem a esses quadros, são ellas tecidas com um numero limitado de palavras, cuja repetição é disfarçada pela variedade da acção, que se vai tramando com uma simplicidade que, nada as fazendo valer em si, tem para as crianças grande encanto como o tem tantas futilidades — o “*non-sensical*” e o “*doggerell*” de Chubb em que encontram *diversão predilecta*.

Entre os vocabulos empregados, porém, nessas narrativas são postos em destaque e mais repetidos aquelles sobre que tem de se exercer a *decomposição*, que levará á *synthese*, chave graças á qual se abre ao espirito do aprendiz a porta por onde ha de entrar para a consciencia da *syllaba* e do *phonema*, eternas desconhecidas suas si a *acquisição* da fala *escripta* não lh’as revelasse, como o seriam tambem as palavras si a *solução* de continuidade, de que os Gregos não usavam, não as isolasse na pagina, que fita.

Esses vocabulos mais frequentes, a que convencionalmente chamo *matrizes*, são, em cada nova narrativa, os *introductores* dos novos vocabulos, a que se emparelham pela identidade do *phonema* inicial — *phonema* esse que se vai assim impondo á *inducção* do aprendiz, e, portanto, naturalmente se isola como uma entidade especial, deduzida do funcionamento, em que é encontrado, e assignalada na variedade de *funcções*, em que ocorre.

Conhecidos pelo comparecimento frequente, que com elles mais e mais familiarisa, esses *phonemas*, primeiro pela *syllaba*



inicial e mais tarde por si sós, evocam ao espirito o inteiro vocabulo, ao mesmo tempo que, concretamente se lhes vai prendendo o som, que representa, som emissivel de per si, como o das vogaes e semi-vogaes, ou acostado ás vogaes, como com as consoantes.

Aos vocabulos usados nas narrativas e que se vão fixando pela frequencia da repetição, outros semelhantes no som, e, portanto, na representação graphica, se vão apresentando, de maneira que, por comparação e contraste, vai tambem a inducção operando como aconteceu com as syllabas e phonemas iniciaes em relação ao vocabulo inteiro.

A representação graphica, pois, vai desvendando os seus mysterios á intelligencia, que se deve sentir animada pela certeza de que é producto do seu proprio esforço a sciencia e segurança do que vai adquirindo.

Em todo o correr dos exercicios, que se referem a cada quadro e correspondente narrativa, visto contar-se sempre que o aprendiz se identifique com o pensamento, tão simples é elle e tão simples a linguagem em que se incorpora, supprimiram-se vocabulos, assignalando com pontos ou traços a sua omissão para que elle os suppra. Essa certeza de que o inteiro aprendiz está absorvido no esforço, que faz, é imprescindivel para que esse esforço não seja meramente mechanico e não tire á leitura a expressão, que deve ter, e que é o unico expoente seguro da assimilação do lido.

Desde que o individuo tem de adquirir a linguagem graphica como um meio de transmissão, accresce mais este fundamento á razão para começar a aprendizagem da leitura pela letra manuscripta.

Si, com effeito, tendo de escrever, convem que se habilite elle á leitura manuscripta, o mais efficaç meio de conseguir esse escopo é inicial-o simultaneamente na escripta, dando aos olhos o auxilio valioso da actividade muscular. Esse auxilio, porém, deve pautar-se por esforço mental, que assegure a consciencia da realidade que o traçado representa. Reduzil-o á copia mechanica dos cadernos de caligraphia em uso, além de exercicio material de traçado bonito, é pratica sem abono pedagogico, porque não é ensinar a *escrever*, isto é, a representar por letras o pensamento, mas apenas caligraphar, cousas distinctas, que a lingua ingleza designa por palavras bem diversas,

— *writing*, que é o escrever, no sentido de falar por escripto — e *penmanship* ou arte da penna, caligraphia, desenho da letra. Portanto desde a primeira lição, segundo o nosso processo, o aprendiz escreve, isto é, representa idéas por logogrammas.

Para esse effeito, uma série de exercicios é enfeixada em caderno especial para a primeira phase da escripta. Ao alto de cada pagina, como modelo onde escolha o que tem de copiar, vão vocabulos já bem conhecidos, tomados dentre as palavras da narrativa correspondente a cada quadro. Abaixo, sobre ou em frente a pauta singela, apparecem varias figuras, ás quaes o aprendiz ha de antepôr um determinativo, copiado dos que ficam ao alto, ou interpôr um connectivo, que as relacione, connectivo esse tambem ao alto encontrado. Como o genero e numero grammatikal dos objectos figurados varia e varia a relação a estabelecer entre elles, é evidente que, quando o aprendiz copia do alto o que tem de adaptar a cada figura, o faz com consciencia do que está graphando, e, portanto, está identificando som e forma ao mesmo tempo que, na forma, reconhece a idéa representada.

Começando pelos vocabulos mais simples: *o, a, e, é, em, de, dá, por, tem, etc.*, a mão se lhe vai desembaraçando para o traçado mais complexo de vocabulos gradativamente mais extensos; e, como ao mesmo tempo a familiaridade com as *palavras-matrizes* se terá tornado maior, será possivel ir exigindo que o aprendiz faça, de memoria, pelo que ellas lhe representam, seguir ás estampas, ou interpôr a uma e outra, os nomes das *pessoas* e *cousas*, que se lhe fizerem conhecidas pelas narrativas, de maneira a formarem sentenças ou proposições, em que essas mesmas *pessoas* e *cousas* appareçam em nova relação. Finalmente, em occasião opportuna, os exercicios se vão tecendo com elementos das palavras conhecidas, que serão completadas pelo aprendiz, e o todo da pagina formará uma pequena narrativa, que trará como que a crença — a persuasão de autoria á sua collaboração, lisonjeando-o e estimulando o seu progresso. Da primeira á ultima pagina, pois, o aprendiz jamais fará trabalho mechanico pura e simplesmente: sua actividade será sempre dirigida pela intelligencia, que o identifica com o esforço empregado.

Podereis examinar nos exemplos copiados nos quadros-negros o aspecto das paginas dos cadernos de escripta assim or-



ganizados antes e depois do traçado pelo aprendiz. Está claro que, como exemplos, falta entre elles o elo de relação, que desapareceu com a solução de continuidade. Em todo o caso, pelos domingos se tiram os dias santos.

E, como os resultados explicam melhor do que os discursos, aqui vos apresento trabalho espontaneo de alumno, que, começando em meados de Julho do anno passado a aprendizagem da leitura, antes do fim de Dezembro, já, e pelo uso do typewriter, que por si mesmo se adestrou a manejar, vasava sobre o papel as concepções da sua ingenua phantasia, escrevendo em orthographia desautorisadamente phouetica, contos, que se podem ler. E isto sem pretensões a genio, nem genial inspiração de professor *nec plus ultra*. Fructos logicos e naturalissimos do methodo, ao alcance de qualquer aprendiz e de qualquer professor, que o queira applicar.

Tendo em vista fornecer um instrumento, que sirva tanto ao ensino individual como ao collectivo, assentei ser de bom aviso separar em um livro as narrativas tecidas sobre o assumpto de cada quadro, organisando outro livro-companheiro com os exercicios, que a cada uma se referem. Desta sorte, aquelle não será prejudicado na sequencia do enredo, que prende entre si os quadros pela intercalação de materia, que não é parte integrante do sentido geral.

Assim decidindo, pareceu-me ter tambem attendido implicitamente á vantagem da instrucção em classe, pois que a esta bastará tambem um exemplar do livro-companheiro, cujos exercicios serão repetidos no quadro-negro, si, dada a despesa que acarreta a impressão de quadros parietaes ou "reading charts", systema americano, fôr aquelle o campo para a lição collectiva. Pesou igualmente na minha resolução o facto de se tornar assim o livro do aprendiz menos volumoso, e poder constituir, acabado o curso, propriedade do alumno, que certamente terá prazer em conserval-o como recordação das suaves lições dos seus primeiros dias de leitura, si o mestre entender conveniente, com a promessa de tal, estimular o desejo da sua posse, provocando maior applicação.

No ensino individual, quando o aprendiz está em contacto mais proximo com o mestre, o livro-companheiro dispensará o quadro-negro.



Dado o caso que o professor não possa repetir no quadro-negro as estampas do livro-companheiro, nada impede que seja este distribuído á classe, construindo propriedade desta, porquanto o manejo simultaneo dos dous não tem difficuldade, nem inconveniencia.

Tambem, comprehendida a acção dos exercicios desse livro auxiliar, poderá o mestre organizar outros de sua invenção, illustrando-os segundo os meios ou possibilidade, que tenha, e, deste modo servindo de suggestão áquelles, que, sem um modelo, não têm facilidade de idear.

Na Cartilha N.º 1, que é a primeira posta em mãos da criança, limitei o meu objectivo a ministrar-lhe o conhecimento e traquejo dos phonogrammas nas suas combinações mais simples, isto é, as syllabas formadas de vogal e as de vogal articulada com consoante inicial, embora no contexto das narrativas outras appareçam em vocabulos, que o sentido fixa sem que a analyse se exerça, comtudo, em relação a elles.

A insistencia sobre as syllabas assim formadas terá compensação na rapidez com que as combinações mais complexas, resultantes da sua modificação, têm de ser depois, na cartilha N.º 2, dominadas.

No organizar os meus planos de ensino de leitura, nunca me deixei dominar pelo que sei que constitue o almejo de grande maioria de pais e mestres: andar depressa. Tive sempre em mente as seguintes palavras de Sarah C. Brooks, inspectora das escolas primarias de St. Paul, Minnesota: "SI, POR MOTIVO DE SUA CAPACIDADE E INTELLIGENTE DIRECÇÃO POR PARTE DE SEUS MESTRES, A CRIANÇA DOMINAR O MECHANISMO DA LEITURA EM TRES ANNOS, DE MODO QUE, AO CABO DESSE PRAZO, ESTEJA RAZOAVELMENTE APPARELHADA PARA A LEITURA INDEPENDENTE, CONSIDERAMOS O SEU TEMPO BEM EMPREGADO."

Tres annos entre nós é heresia, porque a leitura de que se cogita é uma cousa muito differente do que constitue uma verdadeira prenda do espirito e um instrumento proficuo de digno aperfeioamento. Todavia, a exaggeração, que contenha o conceito da illustre educacionista, já eu a deixei attenuada quando me referi ao caso do alumno, que, de Julho a Dezembro, poude alçar-se á dupla-dignidade de autor e dactilographo. Mi-



lagres taes não são raros entre a nossa infancia, sobretudo quando a solicitação para a aprendizagem se faz na razão propria e o methodo adoptado ajuda. Em cinco mezes já vi eu um aprendiz ler mechanicamente a seguinte sentença: "Um pai, que tinha cinco filhos, levou para casa quatro pecegos", arrancando com segurança cada syllaba e ligando-as sem interrupção, hesitação ou pausa, para fechado o livro e perguntado: "O que leste, filhinho?" abaixar a cabecinha cheia de intelligencia, os olhinhos vivazes, e sentir-se humilhado, o pobrezinho, pela impossibilidade de apanhar no esforço feito para unir á forma graphica de cada phonema a idéa representada pelo seu conjuncto e o sentido traduzido pelas syllabas decifradas. E deste facto ninguem poderá duvidar da verdade, quando considere que "*enne agá ó enne agá ó*" ou "*enne agá ó nhó enne agá ó nhó*" deve ser *nhonhô*. Pela mesma forma, com a mesma logica, *dó ré mi fá* deve ser *sol lá si dó*, por solfa ou sem ella!

Que isto aconteça mesmo em escola da Capital da Republica, isto é, que o methodo, que leva a taes resultados, impere ainda victoriosamente na maioria das escolas do paiz, não é assombro nenhum, quando nos Estados Unidos ainda ha educacionistas que dizem: "Estais exigindo muito da criança. Cada cousa por sua vez. Quando solicitaes a criança a vencer uma especie de obstaculo, que exige sobretudo da sua memoria visual, não lhe deveis pedir que ao mesmo tempo arque com as difficuldades maiores de pensar e raciocinar: não appelleis para as suas faculdades mais elevadas. Quanto mais depressa o processo se mechanisa, mais de prompto pode a criança attender ao sentido. Que primeiro domine os symbolos; que depois os utilise e interprete." Ah! João Huss, João Huss, ha muito psychologo neste mundo que bem mais merecia a tua phrase do que a pobre da fanatica velhinha!

O Dr. Bosanquet, referindo-se á extensão de tempo, que a primeira instrucção nas letras requeria entre os Gregos, os nossos illustres predecessores e mestres, cujo tino "Minha Terra e minha Gente" tanto preconisa, affirma que os grandes educadores modernos a ella estão voltando, embora com a nossa notação muito mais simples e os vocabulos destacados uns dos outros, nós possamos caminhar muito mais celeremente. Comparados os resultados dos methodos rapidos e dos moro-



sos, sómente hesita na preferencia quem prefere a apparencia á realidade.

Entraremos agora no estudo da terceira questão: PARA QUE LER?

Si ler fosse apenas repetir pela voz o som, que as letras representam, bem pouca utilidade teria a leitura. Que assim a quem muitos antes que ella seja o que realmente deve ser, já aqui ficou dito, e justifica Benecke, quando affirma que é preciso dominar o fastidioso mechanismo da syllabação e da soletração para poder o leitor occupar-se com o assumpto e assimilar-o. Que não é ella para assimilar o pensamento alheio, affirma-o uma autoridade do maior prestigio, o extincto director da Escola Normal de Chicago, o Coronel Parker: "If it were true that reading is getting the thought of an author, then we should have to suppose that the reader has the power to think as the author thinks, the same power of imagination the same power of inference, of generalisation; in fact the power to follow the same processes of reasoning."

Para que ler, pois?

"Porque a criança, quando entra á leitura, já traz ao mestre alguns annos de vida activa, a parte mais importante da linguagem oral espontaneamente adquirida, um espirito cheio de energias, cheio de experiencias, e a eterna pergunta: "O que é isto?" — cumpre que nós, ao pol-a defronte de um novo problema, indaguemos qual o melhor movel para acoroçoar-lhe o esforço e guial-a á meta, a que a destinamos. A sua emotividade em demanda de estímulo, que a provoque á acção, ahí está patente aos olhos de quem os não quer fechar. Leval-a, pois, á acção, dar-lhe no exercicio da sua actividade a consciencia de que tem em si o poder de progredir, é *fazer pelo seu character o que nunca farão dezenas de paginas aprendidas, mas consegue-o a aquisição do poder moral, demonstrado em habitos de acção.*"

Que a criança, portanto, como quer Parker e nós largamente vertemos, leia para sentir em acção o seu pensamento em confrontação com o pensamento alheio por seus olhos traduzido da mudez da escripta. Que nessa traducção a sua iniciativa se exerça de maneira que sinta ella haver no seu trabalho uma irradiação da sua propria individualidade. O automatismo, a que os exercicios hão de subordinar seus orgãos de percepção



mechanica e mental, deve ser adquirido com a intervenção da sua vontade consciente, percebida no prazer, que deriva da sua applicação. Ler, conseguintemente, deve ser para ella a satisfação do seu almejo pelo lucro de um goso, em que se sinta activa.

Daqui se vê que, segundo pensamos, a criança ha de ler para se divertir; e, longe do que geralmente se crê, ella se diverte sobretudo quando a empregam em trabalho serio, isto é, em trabalho que mais a aproxima dos grandes para ser um dos quaes está crescendo a toda a hora. "Children are perfectly serious; they always want to get to business; and like to believe they are doing something useful", dizia Meiklejohn. Não sei si traduziria bem ou si teria aqui bôa applicação o anêxim, que nesta terra aprendi: "Serviço de criança é pouco, mas quem o perde é louco". A modo que d'elle se poderia tirar a mesma moralidade que das palavras do eminente educacionista britannico.

Si a criança é seria, isto é, si discrimina bem brinquedo e trabalho, que de mais serio que entregar-lhe um livro, onde vai achar o que os seus maiores ahi procuram: a distração, o supplemento ao saber, pela descripção, pela narrativa, pela doutrina — conto, historia ou tratado?

Terei errado, mas ahi está a razão porque nunca adoptei para assumpto dos exercicios as sentenças constituídas pelo aprendiz sobre objectos com que já está familiarisado á saciedade.

Por ventura aprende elle a ler para ler o que pensou e disse? Não aprenderá antes a ler para pensar o que puder sobre o que disse um outro? Que novidade tem para elle a phrase banal, que lhe sahiu da bocca sobre um objecto trivial? Que interesse o pode levar á contemplação da forma escripta de conceitos seus, que nada de importante, de curioso ou de engraçado registram?

Não é, porém, para elle um prazer contemplar uma estampa e, de collaboração com o mestre, nessa doce *joie d'être ensemble*, traduzir em linguagem o que as figuras lhe declaram e suggerem, recebendo do collaborador o que seus olhos e imaginação lhe não podem dizer, mas lhe sacia a curiosidade e o habilita a se ir identificando com a acção, que cousas e personagens vão tramando?



E, quando vai vendo tecer-se a seus olhos e com o seu concurso essa trama, e, depois, a vê perpetuada pela letra, que fronteira o quadro, essa letra que para elle ganha entidade desde que pôde immobilisar a imagem fugida com o silencio da fala, não se torna numa sedueção pela certeza de que por ella pôde gosar novas imagens, arrebatarse no enleio de outros contos, vêr o que os outros viram, e, dessa arte, dilatar o campo da sua visão, multiplicando por assim dizer as suas faeuldades e vivendo sem o eonstrangimento dos limites do espaço e do tempo?

Em 1896 disse eu: "Si a linguagem, as palavras relacionadas, é o que a eriança entende, um conto, preferivelmente a uma sentença, deve ser a primeira apresentação da fórma graphica.

O tempo caminhou e eu ahí fiquei. Abro, pelo caminho, os livros e consulto a opinião dos que mourejam na mesma seara. Pensam commigo.

"As sentenças feitas por encomenda pelo plano das lições de Ollendorf em franeez e allemão, sentenças que implicam uma approximação de idéas impossivel e absurda, não são o typo de sentenças, que eultivam o poder de pensar, dizem Carpenter, Baker & Scott nas suas lições sobre o "Ensino do Inglez", pagina 116.

"..... assim se evita o grave erro pedagogico de nutrir os alumnos com sentenças deseonnexas e disparatadas, taes como: "Abra a janella", "Assente-se na cadeira", "Fique de pé num pé só", etc., affirma Ida A. Shaver, na sua monographia, contribuida para o volume sobre "Methodos do ensino da leitura em dez eidades".

"Muito da perieia, que se adquire na leitura, depende dos assumptos escolhidos para as nossas lições. Desde principio, o trabalho de qualquer dia, semana ou mez, se unifica.

A obra é planejada de modo a formar um todo organico.

Por esta organização do trabalho e associação de idéas estimula-se o interesse e a eriança mais facilmente retem e recorda os factos, que lhe foram apresentados. Com o interesse e entusiasmo crescente, manifesta-se tambem ereseente actividade mental e até os exercicios mechanicos são apreciados. Durante as primeiras semanas de escola, mesmo uma historia, uma fabula, uma poesia serve como thema central, não só para a leitura, mas para ponto de convergencia, a que se ligam as



lições das outras classes”, declara Loula Bradford no mesmo volume citado, como professora das escolas de Birmingham, Alabama, e herbartista, qual se mostra.

Todas estas citações se referem a escriptores americanos. E, entretanto, singular que a grande maioria dos *primers* ou cartilhas usadas nos Estados-Unidos sejam as do typo da Cartilha de Arnold, em que esta unificação, esta dependencia de partes para a constituição de um todo, não é a regra. Ninguém pôde, sem esquecer a verdade que deve ás suas affirmações, dizer que seja materia capaz de inspirar interesse a quem quer que seja, e, portanto, a uma criança, a leitura de coisas como estas:

Eu vejo

Eu vejo uma

Eu vejo uma

Eu vejo uma

Eu vejo um

Eu vejo um

Eu vejo um

da primeira pagina do Step by step de S. C. Peabody; ou

Eu vejo um cavallo

Eu tenho um cavallo

Tens tu um cavallo?

da primeira lição do beginner's reading book de Eben H. Davis; ou

Este é Carlos.

Bom dia, Carlos.

da Cartilha de Arnold, vertida para o vernaculo.

O que Jacotot viu e a alta pedagogia do nosso tempo acciitou como logico e pratico, isto é, que á criança se devem apresentar idéas e assumptos para ella apreciaveis e apreciados, que lhes imprimam na memoria a imagem da palavra, fica esquecido por estes applicadores.

Entretanto, no que esquecem é que estaria o grande lucro do aprendiz para quem elaboram os seus livros, com fadiga compostos e fartamente illuminados.

Não só na mesma pagina as sentenças não guardam entre si continuidade de sentido, como entre pagina e pagina nenhuma relação se estabelece.



Póde, porventura, haver prazer ou proveito algum em decifrar a semsaboria de phrases e phrases desgarradas, em que as palavras apparecem para sua fixação material por esforço isolado dos olhos, visto que a emoção do interesse, que despertam, não abre a intelligencia á sua assimilação espirital?

Ainda no systema da chamada concentração comprehende-se que a leitura, que é incidente á aprendizagem de todas as diciplinas, se faça por palavras e sentenças desconexas pois ahí suppõe-se ganharem ellas realidade e interesse pela satisfação adveniente do nexo resultante da coetaneidade com que surgem idéa e forna, imagem mental e phonica ou graphica.

E' o que claramente se infere das palavras de Loula Bradford, atraz citada, mórmente quando affirma que "durante as primeiras semanas de escola, mesmo uma historia, uma fabula, uma poesia, se empregam como thema central, não só para a leitura, mas para ponto de convergencia, a que se ligam as lições das outras classes".

Assim, sim; assim a leitura de palavras e sentenças póde tolerar-se, porque o sentido, que aparentemente não tem, existe de facto na trama da cultura, que o espirito está recebendo — as palavras e sentenças vem a ser como marcos plantados ao longo de um caminho andado com satisfação para fixar o rumo determinado e possibilitar o percurso futuro.

Como, porém, nos exemplos transcriptos, é de todo o ponto inaceitavel a pratica. Podera, sem muita crueldade, applicar-se-lhe o que disse João de Deus da soletração e da syllabação *mutatis mutantis*: isto é, que "o alumno, conduzido através dos elementos inertes e inexpressivos do pensamento, reduz-se á posição de repetidor de uma cambulhada de miudezas trivialissimas, que não o divertem, nem instruem, atrophiam-lhe o espirito e deixam nelle impresso o habito da leitura mechanica, senão, muitas vezes, o sello do idiotismo."

Cousa curiosa! Sarah Louise Arnold, a autora da Cartilha de que acima transcrevemos a primeira lição, diz, na compilação de monographias, a que nos temos vindo referindo:

"Faz-se, desde o principio, a tentativa de dar ás crianças alguma noção do fim da leitura, de maneira que ellas ganhem vontade de ler livros. Lêm-se-lhes historias, afim de lhes mostrar o que os livros contêm, que lhes traga prazer. O material escolhido para as primeira lições é, quanto possivel, o que para



ellas tenha interesse, contendo cada sentença um pensamento digno de fixar. Tal qual uma eriança quebra uma noz para lhe comer o miolo, assim se esforça o discipulo por descobrir o sentido e mostra-se disposto ao trabalho que isso impõe. O primeiro vocabulario trata de objectos familiares ás crianças e as primeiras sentenças exprimen o pensamento das crianças sobre estes objectos.”

O conteúdo dos livros é revelado ás crianças para as estimular, aguçando-lhes o desejo de lerem outros, que as emocionem e tragam prazer; entretanto, para uso dellas, escrevem-se livros que contêm as coisas que conhecem e o que pensam a respeito! Maravillhoso!

“Eil-o aqui”, diz Emma C. Davis, com a admiravel intuição da mulher, que sente e sabe exprimir a verdade, “eil-o aqui este entezinho, que de tudo se espanta e tudo inquire, bracejando para um lado e para outro a vêr si agarra quanto pedacinho de informação pôde, afim de ajuntal-o ao que lá adquiriu, e, esforçando-se como melhor ao seu alcance por emendar cada fiapinho, que consegue, aos que já havia apanhado, e com elle tramar e urdir a teia do saber neste mundo. Eis agora o mestre, que o vai estudar para descobrir quaes são os pontos de contacto do seu intimo com o mundo exterior; quaes as linhas que segue; o que o embaça; o que deseja saber; quaes trilhas buseam os vãos da sua phantasia; quaes as suas aspirações; quaes os elos que faltam ao encadeamento da sua sciencia dos factos — em uma palavra, quaes os seus interesses na vida. Achados, então, estes, como nós o temos, no eireulo da vida humana, no mundo da natureza e no mundo das actividades sociaes, o mestre procura, em seguida, descobrir as phases particulares destes, que mais proximas estão dos discipulos nas condições do seu meio especial e da sua especial experiencia, afim de fazel-as reflectidas no trabalho diario da sua educação. Porque é sobre estes interesses inherentes á criança que nós havemos de basear os nossos planos de trabalho no escopo de que o impulso para aprender, para fazer, venha de dentro, e a criança se desenvolva pelo exercicio da propria actividade. Este principio de desenvolvimento pela propria actividade é uma das verdades fundamentaes, que constituem o nosso credo profissional.

Outra é que o poder de dar expressão propria ao que se concebe consubstancia o mais elevado almejo de espirito humano depois da esperanza da immortalidade. Que a expressão propria conduz á realisacão independente e original é a terceira. A realisacão independente e original depende de dois factores: a criança intima, isto é, seus impulsos, desejos, voliçoes e pensamentos — e a vida exterior, o que vale dizer, o meio espirital e material. Só reputamos este, aquelle ou aquell'outro methodo de valor, quando empregado convenientemente como instrumento, que habilite a criança a se desenvolver por intermedio das suas proprias actividades com sufficiencia para a cada vez mais perfeita realisacão independente e original.”

Não é esquecer a sabedoria de taes palavras quando, á criança, que entra para a aprendizagem “adestrada pelo ouvido” na linguagem para se fazer pela vista “destra de olhos”, nós impomos palestras, que a suppõem uma tabula rasa, em vez de lhe offerecer pabulo, que o seu espirito pode perfectamente assimilar e través do qual ella será conduzida aos mysterios de uma nova forma, tanto mais facilmente desvendavel quanto maior for a sua familiaridade com as idéas e pensamentos, que nella se incorporam?

E, si as historias, que a imaginação alentada pelas primeiras narraçoes do lar, torna desejadas, são um repositorio precioso de vocabulario já assimilado e que, pois, se presta perfectamente á iniciação da nova forma, porque não ir dahi tirar o motivo das liçoes, em que trabalho e satisfacão se consorciam com proveito mutuo?

Historias, sim, historias simples e muitas, prendendo-se na teia ininterrupta de capitulos, que constituem como um todo, eis a estrada pela qual a leitura do pequeno se aproxima da leitura dos seus maiores, aproveitando como possivel a sua actividade actual e as aspiraçoes de futuro, que o impellem a identificar-se paulatinamente com o grande que ha de ser um dia.

Sem especificadamente determinar a gradacão a estabelecer na materia, que deva constituir o curso subsequente ás liçoes primeiras, a ultima das interrogaçoes, isto é, O QUE ENSINAR A LER, ficou respondida no que até aqui temos dito.



O que ha de a criança ler? O que com interesse lêm os seus maiores, isto é, aquillo para que a sua idiosyncracia a dispõe, — aquillo para que o meio e a educação a inclinam, — aquillo que lhe appetece segundo a sua capacidade peculiar para o appetite, si lhe deixarem livre a escolha, quando senhora da arte da leitura; — aquillo que é accessivel á sua capacidade mental no momento; — aquillo que se conhece como consultando as disposições normaes de sua idade; e, emquanto sujeita á acção dos mentores, a quem incumba o encargo da sua cultura, aquillo que pode emocional-a com beneficio seu; — aquillo, emfim, que é capaz de lhe educar o coração e formar o character, lisonjeando a sua imaginação naturalmente propensa ás idealisações, que tambem tão gratas são aos seus mais velhos.

Começando, ao iniciar a aprendizagem, por pequenos entretuchos illuminados por estampas, em que se concretise o scenario e a acção dos personagens, irá o mestre, a pouco e pouco, por selecção criteriosa, respigando na seara da bôa literatura o que se lhe fôr offerecendo como mais capaz de lhe formar o bom gosto e accrescentar á belleza, riqueza e proficuidade de expressão, sendo, subentende-se, ao mesmo tempo assimilavel pela capacidade actual do leitor.

Ou na prosa ou no verso, a seara da nossa propria lingua lhe fornecerá messe abundante, convindo preferir os todos aos excerptos e cuidar mais do goso real das obras que da biographia e critica dos seus autores. A deficiencia seria para os primeiros annos, pois que a nossa bibliotheca didactica é ainda pauperrima de livros escriptos por quem tenha competencia pedagogica unida a talento literario. Na peregrina, porém, não falta onde buscar supplemento. Lá o encontrou a Serie Rangel Pestana, que tem prestado e presta ainda bons serviços apezar dos seus annos. Da sua compilação para cá, muito se tem accrescido o cabedal onde a bôa vontade dos mestres possa encontrar satisfação.

Voltando, depois de discutidas as preliminares, a que se pôde reduzir a questão do assumpto da leitura, á organização, que dei aos meus recentes trabalhos, isto é, as Cartilhas n. 1 e 2, seu livro-companheiro e cadernos de escripta, direi, quanto a detalhes, que os extremam dos congeneres, elaborados em conformidade com o methodo analytic, quaes sejam esses e a sua razão de ser, ficando assim tambem demonstrado porque me



afasto das Instrucções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytic, elaboradas pelos distinctos mestres Ramon Roca Dordal, Mariano de Oliveira e Arnaldó Barreto, publicadas pela Directoria Geral da Instrucção Publica deste Estado e do exposto pelos Inspectores escolares Miguel Carneiro, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes na monographia "Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar", pela mesma Directoria publicada.

1.º — Toda a leitura é feita em typo manuscripto desde os primeiros até aos ultimos exercicios da Cartilha n. 1. E' nesse typo que o aprendiz tem de escrever. Nelle, portanto, aprenderá a representação dos valores phonicos, que terá de empregar como transmissores do seu pensamento pelo emprego da linguagem graphica, em que se instrne. Si, como affirmam todos os praticos, a transição do impresso para o manuscripto não offerece difficuldade, não a pode offerecer tambem a deste para aquelle. Para que, portanto, logo de entrada, assoberbar o aprendiz com duas coisas, que, separadas, se facilitam, e, simultaneas, se aggravam? A não ser como o fazemos, de melhor aviso fôra introduzir logo o typewriter na escola primaria e substituir a caligraphia pela dactylographia.

2.º — Até á transição do manuscripto para o impresso, não emprego o maiusculo. A razão é identica. Historicamente, o maiusculo precedeu o minusculo. Este fundamento, porém, pouco peso tem. O que importa é que o aprendiz, pela linguagem oral que possui, entre na posse da graphica correspondent. Ora, o maiusculo se intercala no minusculo por excepção: segue, em geral, os pontos finaes e assignala os nomes proprios. Quando, portanto, o aprendiz tiver a posse do minusculo e poder ver a facilidade que, para a leitura, acarreta a adopção do maiusculo, assim como reconhecer na inicial do nome proprio uma deferencia especial, esse será o momento psychologico para o metter na convenção da escripta. Dominar-a-á elle, então, com mais presteza visto saber-lhe



a razão e não terá tido a atravancar-lhe a marcha uma simples questão de forma diversa para o mesmo effeito. E' um processo provisorio em beneficio do progresso melhor como o engatinhar o é no apparellamento para o andar, disse-o eu a Miss Brown quando me ponderou que, pelo meu processo, eu instrua a criança no que não era verdade. Ainda hoje acho a resposta muito feliz. Meus discipulos sabem maiuscular; os que não minusculisam sempre, esquecem-se muitas vezes da regra, em que de entrada se metteram.

3.º — Ou emprego figura ou emprego palavra para representar a idéa. O emprego cummulativo de uma e outra, acho-o inutil para o não qualificar de outro modo. Quero dizer: quando tenho de teer um exercicio e convem empregar um vocabulo de que não preeiso como *vocabulo-matriz*, emprego a figura como meio de possibilitar a sentença ou narrativa sem sobrecarregar o aprendiz, dando ao mesmo tempo variedade ao aspecto da pagina e goso a olhos, que sempre se reereiam com illuminuras; e, quando a palavra me é necessaria para aquelle fim, emprego-a isoladamente da figura para que toda a attenção do alumno se concentre n'ella. N'este ultimo caso, si empregasse a figura, é elaro que o faria sem proveito para a fixação da palavra, para a qual o aprendiz nem olharia, salvo si fosse um pobre de espirito, porque onde está o mais facil nenhum experto emprehende o mais difficil. A lei do menor esforço, a que "MINHA TERRA E MINHA GENTE" malsina com o nome de preguiça, esperou que Darwin a formulasse mas estava ha muito tempo praticamente applicada até pelas nossas bem-ditas e queridas crianças, brancas, vermelhas ou pretas.

4.º — Uso com frequencia das omissões para serem suppridas pelo aprendiz. O fim, que viso, é evidente: assim me certifico de que vai elle levando comprehendido o que lê. O sentido é o seu fio de Ariadne. E o meu tambem; porque si o aprendiz, pelos elementos presentes,



não chega aos ausentes, vejo logo que não está elle em minha inteira posse e ponho-me a correr atraz do que me falta para o possuir inteiro. Nós, os grandes, podemos lêr o que lemos com a suppressão de muitas palavras, como, por exemplo, num telegramma. O aprendiz o fará com satisfação visivel, a mesma com que vai atraz do escondido no Tempo-será, porque vê na exigencia uma prova de confiança na sua capacidade e parece-lhe que sabe mais do que realmente sabe, o que é um lucro, pois nada anima tanto quanto a convicção do proprio valor. Na vida, todos nós, não nos animamos com a insignificancia do que realisamos para ter, como temos, a coragem de viver?

- 5.º — Insinuo em cada narrativa, sem violencia á naturalidade da mesma, as palavras concretas de cuja syllaba inicial, como a mais conspicua por mais suggerida pelo sentido antecedente, ha de o aprendiz deduzir syllaba e som do phonema. Tanto quanto possivel, em uma média de menos de quatro por lição, foram escolhidas tendo em vista o vocabulario mais conhecido pela criança de qualquer meio, porque além de lhe ser a idéa, que representam, mais familiar, é das que a interessam — e o fito da primeira leitura não é iniciar em idéas desconhecidas por palavras novas, sim, por palavras velhas, evocar idéas conhecidas. Cada cousa por sua vez, aqui é tambem a boa regra. O criterio, que operou a escolha, foi: (1.) necessidade da palavra para urdidura da narrativa; (2) preferencia á mais commum; (3) variedade de som nos phonogrammas vogaes, para sem notações diacriticas, habituar a distinguil-os pelo sentido; e, (4), comprehensão de todos os phonogrammas, excepção apenas de k y e w, de rara occurrencia em vocabulos de uso infantil.

A respeito da selecção d'esses vocabulos, a que chama "*normaes*", assignalando a enorme variedade de principios, em que se têm baseado os processos empregados pelos muitos applicadores do methodo analytico, diz Stanley Hall:

“Quanto mais subtil a analyse e mais apurada fôr a conformidade com determinadas condições na escolha das *palavras normaes*, tanto menos perfeitamente serão satisfeitos os outros desideratos. Não é possível congraçar todas as vantagens n’uma serie de palavras, ou mesmo de ruidos sem significação, de modo que as varias séries de *palavras normaes*, tenham todas merito mais ou menos igual; sim que se considerem melhores aquellas, que realizem, embora parcialmente, a maior parte das condições de excellencia.”

Tendo em vista que “qualquer que seja o methodo adoptado o verdadeiro trabalho da leitura, isto é, o poder de lêr por si, começa quando o discipulo analysa as palavras, decompondo-as nos seus elementos phonicos e phonographicos, e fazendo com esses elementos a synthese, que apresenta á sua consciencia uma nova palavra”, eu, na apresentação das minhas *palavras matrizes*, não me preocupei absolutamente com relação de som ou forma entre ellas: fiei-me da verdade concretizada no preceito de Jehonnet: “O sentido no começo; o sentido no meio; no fim, e sempre, o sentido.”

Quando, porém, da leitura da narrativa, faço passar no livro-companheiro aos exercicios em que os mesmos elementos combinados tecem sentenças e narrativas connexas, ou esclarecidas por estampas, de modo a que concretamente o aprendiz veja que, com o que por escripto se diz uma cousa, tambem se pôde dizer outra, tal qual como com as palavras com que na fala exprime isto pôde exprimir differente: “Papai mata a onça” — “A onça mata “Papai” — então sim; então as formas semelhantes são, postas em confronto proximo e constante, auxiliando a indução do aprendiz a exercer-se, afim de chegar á deducção, que os mesmos exercicios preparam o que o conduzirá ao que os Saxonios chamam ser “self-helpful” e a nossa lingua, em termo mais abstracto, traduz por *actividade independente* ou *autonomia de acção*.

6.º — Sem preocupação de enriquecer vocabulário ou de ministrar conhecimentos quaesquer, porque a dominante, quando se trata de leitura, deve ser “ensinar a ler”, esforço-me por tramar com o menor numero possível de palavras, as narrativas, que constituem a Cartilha N. 1. Assim, com 410, contadas como distinctas as variantes da mesma, escrevi as trinta narrativas; e, no livro-companheiro, as accrescidas por analogia de forma e por synthese subiram o total a cerca de duzentas mais.

A Cartilha de Arnold; por exemplo, nas oito primeiras secções, que vão até á pagina 11, emprega 27; eu, nas 30 linhas, que correspondem ás d’essa parte, emprego 36 para a leitura, e, nos exercicios, por ellas chego a 29 mais. A comparação dirá aos entendidos o que é mais pedagogico, quando se lhes tiver declarado que, das minhas palavras, 17 são concretas, emquanto são taes apenas 8 das de Arnold, e que en fiz lêr quatro narrativas, emquanto Arnold occupou o aprendiz com sentenças desgarradas, “scrappy” como lhes chama sua patricia Ida Shaver, ha pouco citada — sentenças umas relativas ás estampas, mas pela maior parte sem connexão com ellas, visto referirem-se ao leitor, implicando perguntas ou ordens — action sentences — que melhor ficariam como exercicio oral ou correlato, pois nenhuma funcção tem no contexto.

Notar-se-á que, sem dados para calcular o tempo preciso ao percurso de cada secção de processo Arnold, que antes mencionei, o necessario ao percurso das minhas narrativas e respectivos exercicios, computando-o pelo numero de paginas, e cada pagina representando uma lição, sendo a hypothese a de uma criança pouco intelligente, seria de 330 dias.

Passo de kagado! dirá quem mais rapido queira o curso do principiante. De accordo, visto que a psychologia applica ao progresso mental a lei, que rege a queda dos corpos; e, si erramos, ella que tome a si a culpa. Uma criança ouve mezes e annos para chegar pelo balbucio á fala. Que muito é que não aprenda a ler com a rapidez da electricidade quem quer ler com

a certeza de orientação da agulha magnetica? Que muito é que não corra, quem pelo caminho faz duas colheitas: a da interpretação da escripta alheia e a aquisição da escripta propria?

- 7.º — Tendo por verdade que, do conhecimento da palavra como *todo*, o aprendiz parte logo para a confrontação com outras, que vai adquirindo, e a sua estructura se lhe vai revelando a pouco e pouco, da mesma fórma por que a continuidade da fala, quando entrou no conhecimento da forma escripta, se lhe revelou subsistente apesar da solução de continuidade entre as palavras, os exercicios referentes a cada narrativa vão gradativamente auxiliando a sua observação espontanea na indução, que o ha de levar á posse da leitura independente. Ao lado, pois, dos vocabulos de fórma analoga, apparecem os vocabulos *normaes ou matrices*, impressos em côres para que o facto inconsciente da emissão da syllaba coincida com a sua representação individual, e, assim se torne consciente, ficando logo dominado para a analyse e consequente synthese, que asseguram a leitura e a escripta, definitiva e effizantemente.

O horror, que têm alguns a esta analyse inicial, é descabido porque, embora ninguem leia porque sabe o valor das letras, sim porque tem a pratica do grupo d'ellas, que representa idéas suas familiares, é indubitavel e indiscutivel que, para ler e escrever, se ha de forçosamente adquirir o valor dos phonogrammas na variedade das combinações em que podem occorrer.

E' um exaggero ou uma falsa comprehensão do processo analytico, que justamente assim se chama por partir de *todos* phoneticamente conhecidos, em cuja posse põe o aprendiz, para os seus elementos phonicos inconscientes em vez de lhe ministrar primeiro elementos inconscientes para elle os combinar em *todos* conscientes.

Mostrar, porém, pelos olhos, ao aprendiz, o que, pelo ouvido se lhe não tornou consciente, é pôr de harmonia a acção de dois sentidos, e, portanto, mais effi-



cazmente penetrar na intelligencia, a que se quer falar.

Para adoptar ou repellir, é necessario estudar o facto psychologico e proceder de accordo com o resultado a que, pelo bom caminho, se chegue. Analyse e synthese, longe de antagonicas, integram-se. Como dellas servir-se é a sciencia, que guia o criterio do mestre.

8.º — Sendo, como diz Mary R. Atwater, difficil que a maioria dos mestres organisem uma serie de exercicios em sentenças connexas, que tenham poder de interessar a criança e dêem a necessaria repetição ás palavras novas sem, pela monotonia, gerar enfado, pareceu-me que seria melhor organisal-os, como o fiz, em livro separado e numerosos bastantes para d'elles o mestre se servir em tanto quanto fôr necessario á adestração do aprendiz. Para o emprego do processo com o livro de leitura que dou, era indispensavel assim proceder. Não penso que os livros americanos ou os organisados pelos seus moldes, que tudo deixam ao quadro-negro, sejam auxiliares, que descansem o mestre e assegurem ao processo fiel execução. Essa a razão principal da acceitação difficil que tem tido o methodo analytic, assim como a divergencia em que encontro de comprehensão das suas incontestaveis vantagens.

A differença, que separa o meu processo do seguido pelos operosos, competentes e dedicados mestres, a quem de entrada me referi, os srs. Arnaldo Barreto, Theodoro de Moraes e Cardim, autores de livros em que tem applicação os principios do methodo analytic, assim como a divergencia em que encontro o exposto com as instrucções, aliás excellentemente elaboradas e inspiradas em pratica intelligente e com abono pedagogico, a que tambem fiz allusão, fica implicita na exposição dos pontos, a que a minha pratica me levou a obedecer no moldar as lições graduadas, que destino ao uso dos meus patriciosinhos.

Os meus illustres collegas continuaram a iniciação pelo typo impresso, ou, antes, occupam simultaneamente o aprendiz com esse e o manuscripto, unindo assim duas formas diversas,



como unem maiusculas e minusculas, por mim separadas, o que quer dizer, complicando o problema ao principiante em vez de lh'o facilitar.

Tiram das figuras, insertas no texto, um proveito diverso daquelle, que eu tiro, pois eu as tomo como um recurso para facilitar o tecido da narrativa, ou as dou como substituto á palavra sobre a qual se não fará a analyse, que habilite á synthese.

Não empregam a emissão de palavras claramente subentendidas pelo sentido afim de se assegurarem de que o aprendiz vai sempre na posse mental do que lê.

Não se percebe na deducção das lições de um e outro que tenham tido em vista um grupo de palavras concretas sobre as quaes se deva fazer subsequentemente a analyse, destacando o valor das syllabas e dos phonemas — analyse, que, entretanto, sem exercicio bastante da inducção, iniciam, a meu vêr, prematuramente, impondo, por isso, os elementos, mais pela memoria do que pela *self-realisation* da sua funcção e consequente valor.

Finalmente, não parece haverem tomado em linha de conta a maior ou menor complexidade dos phonemas e phonogrammas para os separarem por classificação dirigente e, por ella, exercerem proficuamente a observação do aprendiz o que, dando aos exercicios primeiros mais folga para tornar interessante a narrativa, asseguraria aos posteriores maior celeridade de apprehensão, dado que a difficuldade material da graphia se houvera alliviado, quando reservara para esses as simples modificações de elementos já assimilados com firmeza, pois é evidente que, a quem possue e maneja: a, e, o, ba, bo, ca, co, da, de, di, do, du, etc., — nenhuma difficuldade offerecem al, ar, as, an, el, er, es, en, bal, bar, bas, ban, etc.; ou a quem destacou b, c, f, g, p, t, como elementos, é facil dominar bla, blar, blas, blan, cra, crer, cres, cren, etc., si um adestramento systematico procedeu a exigencia da sua prompta emissão.

O que teria convindo era que os distinctos mestres, dado o devido desconto á circumstancia de ser a graphia vernacula de muito menor complexidade que a ingleza, seguissem a pratica dos americanos, em cuja didactica se inspiraram e nos inspiramos, organisando cartilhas seriadas como seriados são os seus *primers*. Assim, a tradicional recommendação do "simples para o complexo" teria ficado mais bem attendida e muito

mais suave seria ao aprendiz a conquista desta arte, que os iniciados acham muito facil, mas ganha sempre em ser posta ao alcance da intelligencia pelo caminho menos arduo e que mais se approxime daquelle, que o espirito segue na conquista de tudo mais que emprehende submeter ao seu dominio.

Posse do mechanismo e cultura mental — são os dois objectivos, que o processo analytico bem comprehendido realisa perfeitamente. A uma e outra, os illustres mestres Arnaldo Barreto, Theodoro de Moraes e Cardim, como eu, se esforçaram por dar a devida attenção. Eu, porém, preferi a narrativa concatenada em capitulos aparentemente desconnexos, onde, entretanto, a identidade dos personagens, cousas e scenarios constitue para a criança a trama, que ao adulto se faz pela sequencia da acção; elles optaram pelas sentenças mais ou menos proxivamente connexas, a que casaram outras com endereço ao leitor sobre o objecto da estampa, no intuito do emprego das palavras postas em jogo.

Elles vão distribuindo ao longo das lições os diversos “passos”, por meio dos quaes completam o cyclo, que conjunge analyse e synthese, exercendo a inducção do aprendiz para a deducção, que collimam; eu, a cada narrativa, faço seguir a série de exercicios, que põem em jogo os elementos nella assimilados sobretudo pela acção do sentido em sequencia, de modo que, gradativamente, pela comparação, esses elementos se vão apprehendendo no seu todo e nas suas partes componentes, demonstrando praticamente ao aprendiz que o que vai ficando conhecido é chave para o que tem de o vir a ser, e elle, por propria iniciativa, pode dominar.

Assim, ao passo que elles, ao cabo da quarta lição, têm exercido o aprendiz sobre 19 palavras, um, e, o outro, sobre 15, ou, sobre a primeira narrativa, nos onze exercicios, que se lhe referem, com 13 palavras, sendo 4 concretas e 9 de relação, chego á posse de 17 outras, que lhes são connexas pela forma, e som, considerando-as no seu todo e nas suas partes, sem contudo precipitar a analyse, pois que só se lhe revela essa na concordancia entre olhos e ouvidos para, no mesmo symbolo, perceber o mechanismo da combinação com que as idéas se representam graphicamente.

De “menina, dudu, gato e macaco” sahem “bate, cato, mato, pato, rato, gata, bata, çata, mata, pata, rata”; de “aqui” sahem



“ali e ahi”; “menina e macaco” dão “nina e caco”; “gato e menina” dão “tome”; “gato e macaco” dão “toco”; confrontam-se “c e é” “c e está”; c, pela escripta, fixam-se “a, e, o, é”; restando apenas a se fixar pelo confronto, repetição e sentido “está e chama-se”.

Começando com a apresentação da primeira narrativa ou sentença escripta a revelação ao aprendiz de um factó que escapava á sua percepção, isto é, a solução de continuidade entre os sons ou vocabulos, que exprimem as idéas que se relacionam para constituir a declaração da sentença, — ou, em outras palavras, tornando-se, então, sensível aos seus olhos, e, por elles, á sua consciencia, que o que ouve como uma unidade, um todo, é um aggregado de partes, pareceu-me que, dessa primeira analyse, passando a syntheses que dessem em resultado novas declarações ou sentenças, o espirito do aprendiz já estaria preparado para vêr no *todo—palavra* os elementos de novas palavras como no *todo—sentença* vira os elementos de novas sentenças. A sua indução natural o promptificaria a vêr na palavra, que é elemento da sentença, a syllaba, que é elemento da palavra, como mais tarde verá na letra o elemento da syllaba. Apresentei-lhe, conseguintemente, no assignalamento da côr, a coincidência da emissão inconsciente para a tornar consciente, isto é, concretisei a idéa da syllaba por essa característica da côr como a solução de continuidade entre os vocabulos já, no seu espirito, concretisara a da palavra, para, depois de sufficiente impressionamento, entrar na analyse systematica e consequente synthese, ao fim da 6.^a narrativa, e continual-a d’ahi em diante com maior frequencia até ás ultimas lições.

Os meus illustres collegas seguiram outro norte, talvez mais bem inspirados e de melhor resultado na pratica; todos, porém, respeitámos os preccituados essenciaes do methodo, movendo-nos com aquella espontaneidade, que deve ficar sempre a quem se prende a uma actividade qualquer, afim de que a sua operação technica não se ankylose numa rotina esterilicante e esterilizadora.

Em vista do exposto, deprehender-se-á que a differença entre o meu modo de encarar o desenvolvimento pratico a dar á leitura e o dos mestres paulistas, que para ella têm elaborado livros, está sobretudo no ponto de partida, pois que eu dou á criança o livro com assumpto á altura da sua capacidade e na



medida do seu interesse, mas organizado como o é o livro, que têm os seus maiores, enquanto elles enfeixam nos seus livros as séries de exercícios, que agilitam na leitura e eu separa em volume para o mentor, mãe ou mestre, não tramando em unidade uma acção, e, portanto, não fazendo do livro um todo, quando poderiam distinguir entre o que é leitura e exercício para a sua aquisição.

A historia em estampa, que suscita a actividade mental do aprendiz, pedindo, para satisfação da curiosidade, que se despertou, a narrativa, que o desenho não pôde supprir — as estampas ligadas entre si pela continuidade da narrativa, formando, no seu conjuncto, capitulos de um livro — esses capitulos, pelo assumpto e pela linguagem, postos dentro da preferencia e naturaes interesses do leitor — os elementos contidos nesses capitulos fornecendo os que a synthese recomporá em novos todos — eis, me parece, o caminho, que mais prompta e seguramente levará mestre e aprendiz á realisação do que mais vantajoso a cada um é no ensino e aprendizagem da leitura.

Sem embargo da minha convicção de que por este processo, que indico, é que o methodo analytico assegura os resultados primeiros e ultimos de um ensino bem orientado, não sou exclusivista: penso que não ha vantagem em supprir ao mestre, que tenha segurança no manejo de um processo especial, approved por sua experiencia e que não faça violencia á hygiez cerebral do aprendiz, o uso do mesmo processo. Reconheço, como Stanley Hall “que não ha um só e orthodoxo methodo de ensinar e aprender esta mais ardua e grande de todas as artes, em que ouvido, bocca, olho e mão devem, cada qual a seu turno, exercer-se reciprocamente até conseguirem perfeição automatica.”

Como, porém, reconheço também com Chubb que “o mestre tanto se deve preocupar com os processos como com os resultados, pois que os processos são sempre vitalmente importantes na cultura mental das crianças”, não posso deixar de inculcar por melhor aquelle a que uma experiencia longa, conscienciosa e — porque não direi? — intelligente, na especialidade, me tem trazido a considerar como melhor?

A resposta ás perguntas, que todo o mestre, qualquer que seja á sua especialidade, se deve propor ao passar em revista os seus esforços durante um certo periodo de actividade no



ministerio delicado, que exerce, isto é: O meu trabalho tem deprimido ou avigorado o espirito e o caracter dos meus discipulos? Tem elle desenvolvido a sua capacidade? Em que attitude para com a materia ficaram elles? — não me permite senão perseverar na trilha pela qual os tenho sempre trazido e aconselha-a a quantos os queiram levar ao resultado satisfactorio, a que me tem sido dado conduzir aquelles, a quem a minha solicitude de mestre tem tido a ventura de se repartir.

Falando com a franqueza com que até aqui o tenho feito e pondo em parallelo o meu trabalho, que ainda se não expoz ao julgamento da publicidade, nem, talvez, com os recursos de que dispõe um particular, se possa expôr, comparando-o com o trabalho dos meus intelligentes, criteriosos e dedicados collegas, os dignos mestres paulistas, nenhum interesse pequeno me move — sim, e só, o interesse supremo da sinceridade, e o amor, que, em commum com elles, voto á infancia da nossa cara patria, e, em especial, a este nobre canto do Brasil, onde o meu affecto está preso ao berço, ao tumulto e ao lar dos filhos, cuja saudade se nunca extingue e me fala constantemente ao coração, recontando a deliciosa felicidade dos tempos idos, em que aqui me foi dado officiar nas lides do magisterio ao lado de Silva Jardim, Rangel Pestana e Caetano de Campos.

Antes, o sentimento, que me move, é o desejo de lhes testemunhar, publica e solemnemente, a minha admiração pelo seu digno, pujante e valioso esforço em prol de um ensino que por ali se faz sabe Deus como, plantando, desde o inicio da vida escolar a semente do aborrecimento ás letras, que mais tarde afasta dos livros e estudos serios aquelles para quem foram ellas muito cedo instrumentos de tortura e idiotisação.

Bem hajam esses mestres preocupados assim com a sorte das crianças confiadas á sua guarda e tutela para de suas mãos receberem, no pão do espirito, o alento vivificador, que, abrindo-lhes a mente ao clarão das boas luzes, lhes acompanha os passos pelas veredas ignotas com a musica dulcissima d'esse contentamento intimo, em que as fadigas do jornadasear se diluem na perspectiva sempre ridente das distancias ainda por vencer!

Bem hajam esses dignos mestres!

E aqui pediria eu indulgencia ao abuso, que tenho feito da vossa attenção, meus senhores, si vos não tivesse ainda de to-



mar por testemunhas do cumprimento de um dever atrasado de cortezia para com um distincto escriptor paulista, que, desde Julho do anno transcorrido, enviou-me o seu appello em pról das escolas ruraes, na tentativa de oppôr, com a sua melhor organização e garantia de real aproveitamento dos alumnos, uma barreira ao exodo dos campos.

Levantando aqui, como em França o fez Méline com o seu *Retour à la terre*, um brado em favor d'essas escolas modestas de que podem promanar os maiores beneficios á população, que contribue mais poderosamente para a riqueza e consequente engrandecimento nacional, o Dr. Silvio de Andrade Maia pergunta: "Devemos, na roça, no ensino da leitura, adoptar o mesmo methodo adoptado nos nossos grupos escolares?" — e, declarando-se talvez o mais entusiasta apologista do methodo analytico, confessa não poder dar áquella pergunta uma resposta categorica e definitiva.

Lisonjeado e desvanecido pela obsequiosa deferencia da sua dedicatoria amabilissima, desde que li o seu sensato e patriotico opusculo, fiz tenção de lh'o agradecer em carta, expondo-lhe as razões de desaccordo, em que estamos sobre a proveitosa applicabilidade do methodo analytico nas escolas ruraes, dada mesmo a ausencia de condições, que o digno escriptor affirma não existirem nas escolas de bairro paulistas: *perfeito entendimento e muita dedicação do professor, assiduidade e nivel intellectual dos alumnos*. A importancia do assumpto, porém, exigindo desenvolvimento, adiei aquella resposta devida até hoje, e, daqui, penhorado, prazeroso e penitente, tributo ao illustre compatriota a homenagem devida ao seu bello trabalho, tão nobremente inspirado. Nasceu-me, ao lel-o, o desejo de, tomando a sua offerta como um appello ao meu patriotismo, acudir em tempo com as minhas ponderações a dissipar as duvidas, em que está, e que procedem, como o declara, da propria excellencia do methodo analytico, que não estamos ainda preparados para receber, tal qual como á propria excellencia do regimen politico, os seus inimigos, attribuem as difficuldades da nossa vida administrativa, economica e financeira, dada a falta de perfeito entendimento por parte dos que o executam, segundo mostrei hontem allegar o eminente Director da Escola Normal da Capital da Republica.

As razões primordiales, que o illustre escriptor invoca contra a possibilidade de bõa fructificação do methodo analytic, isto é, menos perfeito conhecimento e falta de dedicação no professor e pouca assiduidade e desenvolvimento intellectual do alumno, essas são razões que justificam a improficuidade de todo e qualquer methodo, mesmo o de Basedow, que fazia biscoitos em fórma de letras para, para, pela cubiça da gula, acender os lumes do espirito.

Não tomando, entretanto, essas razões ao pé da letra, mas admittindo que sejam allegadas porque o resultado obtido por um methodo, em que não estão ainda bem traquejados os professores, accusa desproporcionalidade com o tempo empregado na sua consecução, o que nos cumpre é promover a melhor preparação do professor, mórmente demonstrando-se que não ha methodo mais facil e que tanto dispense grande capacidade de mestre e alumno como o analytic. Por elle, o mestre ensina e o alumno aprende a lêr como aprenderam a falar: — para a aquisição da expressão oral, que assimila e transmite, o que lhes bastou? Dois ouvidos. Pois bem; para a aquisição e uso da expressão escripta, bastará, a um: olhos, que vejam; massa cerebral, em que se reflecta a visão, e a mesma dõse de potencia mental, que o empossou na fala; — ao outro, a ferramenta do officio, isto é, o conhecimento da estrada, por onde tem de guiar.

Si toda a creatura humana, a menos bem dotada, tirante, é claro, a physica, intellectual ou moralmente deficiente, possui aquelle minimo, a falta do entendimento perfeito por parte do professor é questão do ensino normal como, a falta de muita dedicação, questão de administração escolar — nunca fundamentos para a inapplicabilidade de um methodo qualquer em qualquer especialidade do programma.

A verdade é uma e não admite rodeios. Eu entendo que é minha obrigação dizer-vol-a inteira.

Si, na falta de idoneo preparo, estivesse, no caso da insufficiencia de resultados verificada pelo Dr. Silvio Maia, a inapplicabilidade do methodo analytic, não me causaria admiração o facto, porque, em geral, as nossas escolas normaes, não são *training schools*, isto é, escolas de treinamento no officio de ensinar; sim, porém, como já o dizia Gabriel Prestes em relatório, cursos de ensino secundario, desde que a sciencia e arte de educar não predominam no cultivo profissional, ao lado do



tirocinio bem orientado e sufficiente, adquirido nas escolas da applicação, sob a regencia de mestres experimentados e eminentes, capazes de applicar com segurança e justificar com clareza a razão de preferencia dos methodos adoptados.

Está claro que estas minhas palavras são écho de tudo quanto vejo protestado, em quanto leio, obras theoreticas ou relatorios; — não se referem, pois, nem ás escolas normaes deste Estado, nem a outras quaesquer em especial.

Esta a tecla, em que tem, pois, o dr. Silvio Maia de bater, si, de facto, os professores têm menos perfeito entendimento de um methodo, que a Directoria geral da instrucção quer ver applicado.

Quanto aos mais fundamentos, que induziram o digno escriptor a manifestar duvida sobre a conveniencia da applicação desse methodo nas escolas ruraes, isto é, a ignorancia dos pais, colonos ou outros, que se indignam ao vêr os filhos, ao cabo de tres mezes, não conhecerem nem sequer uma letra do alphabeto — a exigencia dos que querem que os filhos aprendam pelo alphabeto como elles proprios aprenderam, estas, vamos e venhamos, não procedendo, representam reacções applicaveis e accitaveis até certo ponto. Estar tres mezes em uma escola e não conhecer nem uma letra, quando o methodo analytico, segundo exhibi provas ha pouco, em tres mezes habilita a redigir contos originaes em typewriter directamente, de duas uma: ou é por deficiencia do mestre ou por incapacidade do alumno. No primeiro caso, o que ha a substituir é o mestre; no segundo, o que ha a fazer é mesmo o que os pais fazem: levar os seus ricos filhos. Quanto á exigencia daquelles que votam aborrecimento ás novidades e querem o velho, essa é demonstração de um apego, que justifica o *conservar melhorando*, elemento que, no curso do progresso, representa a acção dos freios como compensação aos excessos do acelerador.

E' preciso ser indulgente com o colono, que descarrega a punhada sobre o balcão do armazem, e o vaqueiro, que manda a mestra p'r'os diabos, porque ha genios assomados e rotineiros intransigentes em todos os tempos e entre gente de muito melhor estofa.

George Nash Morton, fundador e director do Collegio Internacional, que funcionou em Campinas e depois n'esta cidade, polemista que teve o topete de enfrentar com o autor das "Tres

Philosophias”, discutindo-se a questão do melhor methodo de ensino da leitura, disse-me, sem articular um argumento em favor deste ou daquelle, que sua mãe, ao completarem os filhos os 7 annos, fechava-se com elles num gabinete, abria o alphabeto e, quando dalli sahia, os pequenos, ou por bem ou por mal, sabiam as 26 letras. E, perguntando-lhe eu á affirmativa: “E com isso sabiam lêr? não sei o que lhe passou pelo espirito, ao manter-se calado, no sorriso com que me encarou, mas o seu nobre character de *gentleman* e as suas responsabilidades moraes de ministro evangelico não lhe deixaram que me tornasse com o sim. Alguns annos depois, no Rio de Janeiro, então capital do Imperio, o dr. Domingos de Almeida Martins Costa, preclaro professor da Faculdade de Medicina, vendo que seu filhinho Cyro, alumno sob minha direcção, ao cabo de um mez de escola não era capaz de lêr nem *um artigo de jornal* interpellou-me a respeito; e, ás minhas explicações, affirmou-me que, em oito dias, pelo processo de João de Deus, o faria lêr *qualquer coisa*. Depois de lhe responder que, si, sem conhecimentos profissionaes, elle o podia fazer em oito dias, devia reputar-me capaz de operar a proeza em menor prazo: disse-lhe ou que, dada a confiança, que o levava a entregar-me a instrucção da criança, o natural e logico seria indagar, em vez de extrahar, porque o não fazia eu. Desde, porém, que preferiu a censura e a condemnação sem mais detido estudo, eu, por minha vez, me abalançava a perguntar ao medico eminente, que era, si a sua sciencia physiologica considerava innocua a sollicitação do cerebro para a apprehensão do que estava fóra da sua potencialidade, visto que o esforço mechanic da assimilação e combinação de sons, letras ou syllabas, outra coisa não era senão metter a criança em pleno mundo de abstracções sem interesse, que attenuasse a intensidade da tensão.

O eminente mestre declarou, então, que o seu *artigo de jornal e qualquer coisa* eram apenas modos de dizer; o Cyro ficou aos cuidados do meu ensino e, vendo-o, ao cabo do anno, na festa escolar do encerramento das aulas, pequenino e empertigado, dizer, do alto de uma cadeira, porque a grade da tribuna passava-lhe da cabeça, umas quadrinhas ingenuas, ora, o ex-protestante, babava-se de satisfação como qualquer outro mortal, que não tinha as luzes da sciencia superior a illuminar-lhe o criterio. Excusado é declarar que o menino já



tinha aprendido a lêr. Não sei si estas recordações vos terão algum dia aqui falado pela voz do Professor Cyridião Buarque, que era, na época, meu auxiliar no Instituto Henrique Kopke.

Que, pois, havemos de extranhar no colono boçal ou no vaqueiro retrogrado, ambos os quaes não mais se maltratam no lombo de um burro para descer do centro ao littoral, mas descem commodamente pela estrada de ferro — ambos os quaes, pelo telephono, a leguas, com economia de tempo e dinheiro, realisam lucros, que outr'ora demandavam semanas e annos, — que lhes havemos extranhar o reclamarem que os filhos leiam devagar para ler melhor do que elles, que aprenderam mais depressa o abc, mas ual chegam hoje a lhe combinar as letras em lingua que se entenda?

O argumento melhor para o primeiro seria talvez fazer-lhe o que elle, sem motivo nenhum, fez ao balcão; e, para o segundo, que fosse aprender lições de civilidade lá com quem para onde mandou a mestra. Vêr, porém na rotina emperrada de taes brutamontes uma razão para mudar os methodos de ensino na escola, é empatar definitivamente todo e qualquer progresso á disseminação do bom ensino, que é o que as escolas publicas, ruraes ou outras, devem distribuir.

Assim, pois, entre as ponderações do dr. Silvio Maia, a unica procedente é a ausencia de livros e material de ensino collectivo, que permittam a qualquer mestre tirar vantagem da sua adopção. E essa mesma apenas em parte é aceitavel, porque, ou com a Cartilha analytica ou com "Meu Livro" ou com a Cartilha de Cardim e Arnold, e o esclarecido e esclarecedor auxilio das instrucções distribuidas pela Directoria Geral da Instrucção Publica, qualquer professor, que queira, pôde applicar o methodo, mesmo sem necessidade de grande dedicacão, certo de que, quando o aprendiz não leia dentro de tres mezes, pelo menos já saberá alguma coisa, que o pai, colono ou vaqueiro, aceitará como equivalente ao que esperava do abc pelo qual se não instrue.

Entretanto, recusados os fundamentos, em que estriba a sua explicação, fica de pé a constatação irrecusavel de que o methodo analytico tem, por outras razões, dado resultado negativo. Cumpre, portanto, que as autoridades prepostas a ministração do ensino publico, entrando no conhecimento do caso, velem por que os mestres a quem prescrevem a adopção de



certos e determinados methodos, tenham a realidade dos conhecimentos, que a sua nomeação faz presumir; delles requeiram, por todos os meios ao seu alcance, a dedicação indispensavel e proporcional ao estipendio, que lhes é adjudicado; e promovam, por medidas adequadas, a assiduidade dos alumnos, cujo nivel intellectual, quando mesmo inferior ao dos das escolas urbanas, (affirmação passivel de prova) — nunca é tão baixo que não responda a intelligencia á solicitação do esforço, que della se exija, uma vez que seja proporcionado á sua capacidade.

Penso eu que, fornecidos ao professor os meios, que o dispensem de engendrar exercicios complementares dos consagrados nos livros, quadros parietaes ou mappas, os quaes demandam tempo, que, sem essa sobrecarga, empregariam em supprir a deficiencia do estipendi orecebido, ou suppõem um talento inventivo, que não é dom de todo o que se vota á tarefa de mentor, para a qual, aliás, pôde ter decidida e comprovada habilitação, penso eu que, fornecidos esses meios, o methodo analytico applicado á leitura não mais dará motivo a verificação de resultado negativo.

Tornar a acção do livro e material escolar independente de qualquer supplemento, que acarrete sobrecarga ao professor, on, mau grado seu, por má comprehensão dos principios basicos do methodo, falseie os seus resultados, foi objectivo, que tive em vista, quando elaborei as cartilhas, cujo plano deixei exposto.

Sou, naturalmente, o menos competente para julgar si essas cartilhas satisfazem o objectivo assim visado. Si, porém, o juizo dos competentes, a que desejo submettel-as, verificar que sim, grande será a minha satisfação em que justifiquem ellas, pelo auxilio, que dêem aos mestres das escolas ruraes e urbanas, o entusiasmo do Dr. Silvio Maia e de quantos mestres sejam do seu sentir como apologistas do methodo analytic.

Obtido esse julgamento, que aqui vim expressamente promover, pedindo aos juizes do meu trabalho, que só tenham em vista os sagrados interesses do ensino e da infancia a instruir, entregal-o-ei, si me fôr dada a venia por quem de direito, ao Governo deste Estado para nso nas suas escolas, com a renuncia dos meus direitos autoraes, recebendo, na acceitação, a maior e a melhor das compensações, que poderiam ambicionar os meus almejos, e mais um estímulo para ao serviço das crian-



ças, minhas patricias, da carinhosa terra paulista e da nobre causa da educação na nossa grande e gloriosa patria, pôr o resto de uma actividade, que sempre teve por maior incentivo o amor de todas ellas.

Si,

para servil-as, braço ás armas feito,
para cantal-a, mente ás musas dada,

não tenho, vão ao menos as lições do mestre, que não as quer ver mettidas

no gosto da cubiça e na rudeza
de uma austera, apagada e vil tristeza,

ajudar as gerações, que estão crescendo para o futuro, a esganar na guela das "raças admiradas" a affronta da affirmação, quando ousem

dizer que são para mandados,
mais que para mandar,

os Brasileiros.

JOÃO KÖPKE.



FACTOS E IDEAS

O PENSAMENTO ACTUAL

O pensamento moderno se orienta na philosophia nietzscheana, em parte, pela exaltação romantica; de outro lado, a necessidade de ideal se faz sentir imperiosa, determinando a formação de uma corrente, — não digo escola de idealismo com Boutroux e Bergson como guias.

Na verdade, esta corrente vencedora não deixa de merecer a censura de certos espiritos positivos, no verdadeiro sentido scientifico desta palavra.

Reclamam contra o impressionismo ora dominante na philosophia, muito embora se esqueçam de que todo o trabalho feito de Kant a Miltzsche como affirma Goultier, foi de systematisar o personalismo das impressões — resultando desta fórma improductivo o supremo esforço da moderna cultura philosophica no sentido da finalidade da vida. Reconheceu-se emfim o agnosticismo speuceriano como uma fórma do conhecimento, isto é, quanto a explicação puramente causal do universo. Posteriormente, da apparencia de verdade commun, limitando o espirito aos resultados da experiencia, surgiu o *pragmatismo* de W. James, philosophia do utilitarismo que evoluiu mais tarde na concepção humanista de F. C. Schiller.

Impossivel de ser aceita como doutrina a theoria de James, não trazia solução aos problemas philosophicos actuaes, que são essencialmente para Boutreux problemas metaphysicos.

Demais o pragmatismo não era um processo philosophico original; póde-se mesmo julgar Bacon pragmatista.



Como processo esthetico, naturalmente espontaneo, é de significação universal. A realisação intuitiva dos sentimentos humanos é de facil constatação nas obras de arte.

Dada a fallencia do pragmatismo, que exilava do dominio philosophico o interesse theorico, o movimento de generalisação, a abstracção sob a fórma do conhecimento aperceptivo, para não dar simplesmente á razão cathogorias e outros postulados da logica, não se podia tão pouco retrogadar ao empirismo racionalista nas condições de desenvolvimento experimental da philosophia.

Desta maneira, numa athmosphera social saturada de romantismo, podia-se tentar originalmente uma renascença do espiritualismo.

Foi o que fez Bergson. Fundamentando-se na correspondencia activa da materia com o espirito, leia-se do instincto na actividade consciante, pôde reviver emocionalmente a *idéa pura* (intuição).

Era afirmar de uma maneira puramente hegeliana a realidade do espirito.

Podia confirmar de outra parte a originalidade do sentimento (these defendida com raro brilho por T. Ribot e aceita pelos psychologistas modernos).

Evoluindo, no sentido da immanencia psychica e com as conclusões definitivas e dogmaticas do neo-kantismo que affirma a irreductibilidade experimental da actividade espiritual, pode-se chegar a definição de Baldwin como termo da synthese mental — que existe no universo uma significação impessoal ideal de ordem schematica.

Baldwin constata a finalidade ideal, áquella que resulta da organização progressiva do methodo experimental.

Tem-se assim o sentimento de uma tendencia de um progresso possivel para a realisação de uma fórma mais completa de existencia e a significação mais humana do universo.

Estabelece-se o intercambio da *sympathia* entre o consciante e o inconsciente, entre o espirito e a materia, sob a fórma da redempção esthetica.

A arte dá, pois, a significação moral e ideal de todas as cousas.

C. DA VEIGA LIMA.

AS ESTIAGENS E A FEBRE TYPHOIDE EM SÃO PAULO

Observar os effeitos para d'ahi deduzir as causas, é o caminho naturalmente indicado, quando se trata, principalmente, de salubridade publica e de molestias que intermittente e periodicamente grassam nos centros populosos. Só assim se poderá melhor orientar a parte referente á hygiene preventiva e applicar as medidas necessarias á sua melhor execução. E' o que procuramos fazer, em uma pequena parcella, estudando as epidemias de febre typhoide em São Paulo e a sua correlação com as estiagens que de tempos a tempos se reproduzem, acompanhadas das naturaes consequencias, que affectam directamente a hygiene urbana. Ha perfeita coincidência entre as secas rigorosas e o máo estado sanitario da cidade; obedecendo a deducções que parecem perfeitamente logicas, fomos levados a estudar com mais detalhe o assumpto, procurando chegar a conclusões razoaveis, que tornam evidente a dependencia existente entre as condições sanitarias da cidade, a deficiencia de chuvas nas épocas apropriadas e a escassez no abastecimento de agua potavel á população.

São Paulo conta hoje com o volume theorico de 70 milhões de litros diarios. Comparativamente com o volume fornecido a Santos e Rio de Janeiro chegaremos ao seguinte resultado:

Rio de Janeiro (1915) 240 milhões (media) 2.400 litros por predio;

Santos (1911) 12 milhões (media) 2.148 litros por predio;

S. Paulo (1915) 70 milhões (maximo) 1.520 litros por predio.

O volume fornecido em São Paulo, mesmo considerando as hypotheses mais favoraveis para a nossa cidade, é 30 ou 35 % mais baixo do que o volume fornecido em Santos e Rio de Janeiro.

Em Santos, o volume disponível de que se pôde servir a população é muitissimo superior áquelle que consideramos e tem baixado sensivelmente com a adopção de hydrometros, evi-



tando os desperdícios e os abusos, fataes com as torneiras livres e a agua não medida.

As medias mensaes *maximas* foram: em 1907 de 16.000.000 litros e em 1911 de 13.719.000, considerados ahi todos os usos, privados, publicos e industriaes.

O quadro abaixo dá uma perfeita ideia da redução de volume de abastecimento n'aquella cidade, de 1907 a 1911, onde consideramos a media das medias mensaes, registradas pelo medidor Venturi, collocado á sahida do reservatorio de distribuição.

Anno	Predios ligados	Predios com Hydroms.	Porcentagem de Hydroms.	Volume medio diario	Porcent. de redução para 1907	Volume por predio	Redução para 1907
1907	4.962	2.216	44.6 %	14.840.000	—	2.990	—
1908	5.047	2.498	49.4 %	13.973.000	6 %	2.770	8 %
1909	5.184	3.427	66.1 %	13.440.000	10 %	2.590	14 %
1910	5.344	3.722	69.6 %	12.653.000	15 %	2.360	22 %
1911	5.586	3.982	71.3 %	11.899.000	20 %	2.130	29 %

O ultimo recenseamento realizado em Santos em 1913 accensou a elevada cifra de 14 pessôas por predio. Se para São Paulo considerarmos 10 pessôas por predio e o supprimento maximo de 250 litros por habitante, para attender aos mezes e dias de maior consumo, chegaremos ao total de 125 milhões de litros para os 50.000 predios actualmente existentes na cidade, comprehendidos os bairros mais afastados, ainda não servidos.

Com aquelle volume teriamos a quota de 2.500 litros por predio e se suppuzermos uma redução de 30 % para usos publicos, industriaes e perdas inevitaveis, o volume disponivel para o consumo domiciliario baixaria a 87.500.000 litros ou 1.750 litros por predio, valor este somente attingido nos annos de 1908 e 1909, época, justamente, em que melhorou sensivelmente o estado sanitario da cidade, não só em relação ao numero de obitos de febre typhoide, como no obituario geral.

Os graphicos que organisamos, permitem, em observação de conjuneto, acompanhar facilmente a deducção que delles se podem tirar e o seu exame faz notar a correlação entre os diversos elementos que alli figuram.

Pelos "Boletins Meteorologicos" de São Paulo, da repartição competentemente dirigida pelo Dr. Belfort de Mattos, podemos extrahir as alturas de chuva cahida annualmente em São Paulo. A altura *normal* é approximadamente de 1.300 millimetros, de onde se conclue que houve *deficit* nos annos de 1895, 1897, 1903, 1908, 1913 e 1914; mais pronunciadamente em 1897, 1913 e 1914. Para o volume fornecido por predio tomamos nma redução de 25 % sobre o volume total disponivel, suppondo que somente isto seria consumido em uso não domiciliario.

Em 1897 chegou a um maximo o numero de obitos, coincidindo com a estiagem rigorosa desse anno, desfalcando naturalmente o abastecimento e dando um volume por predio provavelmente muito inferior ao que figura no graphico, em que supuzemos um total uniforme para certos periodos. Em 1903 sobe um pouco o numero de obitos, havendo tambem um deficit nas chuvas. Em 1904 augmento no abastecimento e deerecimo nos obtidos. De 1905 a 1907 diminue o abastecimento augmentando o numero de obitos.

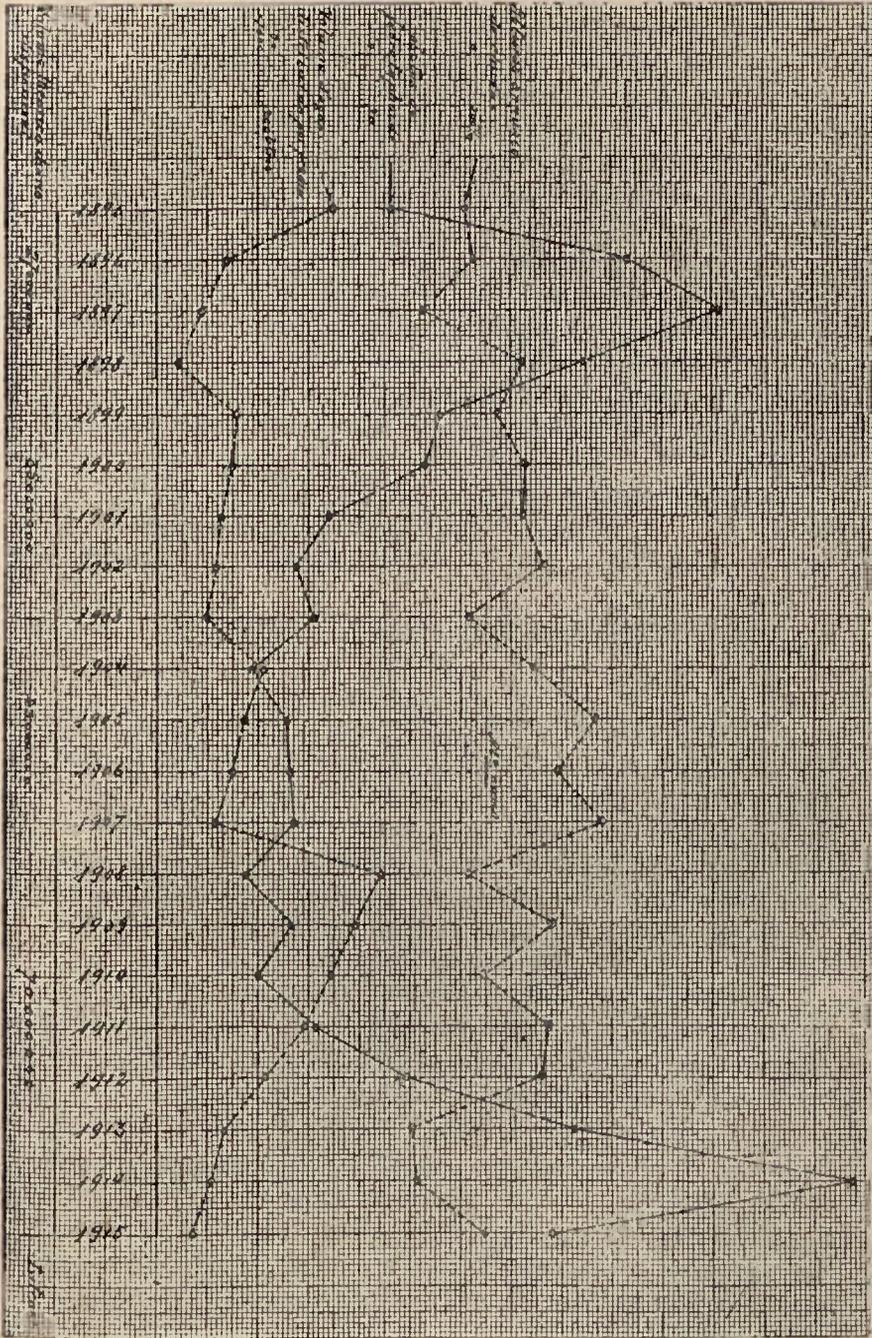
Em 1908 honve secca rigorosa; entretanto attingiu ao minino o numero de obitos, em coincidencia com o augmento do abastecimento. Durante este anno foi fornecido á cidade um volume d'agua consideravel, com as obras do Cabuçú. D'ahi por diante o volume tem se mantido approximadamente em 70 milhões de litros diarios, mas a cidade eresece e o numero de predios abastecidos quasi duplicou daquelle anno para cá.

As estiagens de 1913 e 1914 provocaram ainda um augmento consideravel no numero de obitos de febre typhoide, havendo provavelmente grande redução no volume theorico e portanto no supprimento d'agua por predio ou por habitante.

Que devemos concluir das ligeiras considerações que expuzemos e do exame dos graphicos que podemos observar?

Parece-nos incontestavel a influencia das estiagens sobre o estado sanitario da cidade. Os volumes theoricos de que são capazes as canalisações rednzem-se naturalmente a muito menos; a população é levada a não poder manter o necessario asseio domestico ou a lançar mão de aguas improprias para o





seu consumo; a propria repartição encarregada desse serviço vê-se na contingencia de procurar recursos de occasião, de caracter provisorio, para soccorrer a uma calamidade publica, provocando, muitas vezes, na melhor das intenções, uma outra della consequente; todos os fócios de contaminação se desenvolvem com mais facilidade e encontram um meio apto para que o mal progrida sem obstaculos.

Um volume sufficiente de bôa agua, ainda mesmo nas estiagens mais rigorosas, seria preciso fornecer á população, a exemplo do que fazem os Americanos do Norte, que supprindo as suas cidades com volumes de agua aparentemente exaggerados, economisam em vidas e em hygiene repressiva, muito mais do que gastam em obras de saneamento bem comprehendidas.

S. Paulo, Maio de 1916.

JOÃO FERRAZ

DICCIONARIOS PORTUGUEZES

Já uma vez tive occasião de apontar quanto são falhos os dictionarios da lingua portugueza no que diz respeito aos vocabulos cuja definição requer algum conhecimento de zoologia; e como amostra citei então do Lacerda e do Segurier quantos vocabulos comportavam as poucas columnas de uma nota ligeira — uma série de erros palmares, daquelles que infallivelmente acarretam bombas aos examinandos, já não direi do curso gymnasial mas das elementares *Lições de cousas*.

Entretanto um dictionarista tem responsabilidades, pois as suas definições são frequentemente invocadas nas discussões (mesmo dos Congresso) e pelo preço, ao menos, não é sciencia barata a que se compra por 50 ou 60 mil réis.

A esperanza de que o novo "Candido Figueiredo", edição de 1913, refundido, corrigido, etc., nos proporcionasse melhores ensinamentos no ramo da minha especialidade, desfez-se logo á primeira consulta e uma analyse um pouco mais minuciosa dos vocabulos zoologicos forneceu a mesma lista de disparates que facilmente se colhe em qualquer dos outros dictionarios da nossa lingua.



Mas será inevitavel este mal commum? Certamente que não. E será só a zoologia que os dicionaristas maltratam por esta forma? Tambem não. Um exame, mais perfunctorio ainda dos vocabulos de botanica e de geologia, mostra desde logo que o critico encontra farta messe tambem nestes departamentos da sciencia, e dos medicos ouve-se igual queixa. Com relação á medicina não ha desculpa aceitavel: o *Littré*, constantemente modernizado, encerra tudo quanto os dicionaristas possam querer aproveitar. Em sciencias naturaes tambem não faltam os recursos literarios, ao menos em francez, allemão ou inglez, de onde se possam extrahir as boas definições.

Em vernaculo falta-nos quasi tudo, especialmente trabalhos completos que abranjam toda a materia; mas ainda assim... (naturalmente não vou agora dar a receita de que usei para a confecção do meu "*Diccionario da Fauna do Brasil*" de 1913 e que talvez em breve, graças ao poder maravilhoso do charope — trabalho e dedicação: q. s. — será estampado em segunda edição).

Deixemos, no emtanto estas considerações e analysemos o mais moderno dos nossos dictionarios da lingua portugueza. O proprio auctor confessa na introdução que uma das suas maiores preoccupações foi registrar vocabulos ainda não consignados nos outros lexicons. E de facto abundam as estrelinhas, que designam os vocabulos recém-chegados. Mas com que proveito para a lingua figuram ali os nomes genericos de animaes e plantas, deslatinizados simplesmente por uma desinencia euphonica? Para o cientista tal vocabulo já não serve e o vulgo não o saberá utilizar com precisão quando se referir a uma especie rara, ou então, para as especies raras, já terá denominação consagrada, que ninguem irá abandonar em troca do neologismo. E' aliás abuso de que soffrem tambem os outros idiomas; cumpre ponderar que, si um Larousse pode registrar taes nomes, um dictionario puramente linguistico os deve evitar, incluindo apenas os termos technicos que são realmente usados em linguagem commum.

Indiscentiveis, porém, e ás vezes engraçadissimas, são as seguintes definições, cujo numero poderia ser elevado talvez até um maximo de quasi toda a lista dos termos zoologicos do novissimo Dictionario.



AGUA-VIVA — diz o *D.* é o mesmo que *Alforreca* e esta vem explicada como “mollusco” de feitio de umbrella, etc.

portanto o *D.* se refere bem ao celeuterado, que de mollusco só tem o ser molle.

BÔTO — “peixe” do Purús, do Tocantins e dos Açores, semelhante ao atum.

quando todos sabem que o bôto é cetáceo e o atum é peixe semelhante á Sororóca ou ao Bonito (*Scombridæ*).

CALAMAR — peixe da costa do Algarve.

Póde ser que no Algarve haja um peixe com tal nome, mas neste caso o *D.* omittiu o pequeno polvo (mollusco) de igual nome, e ao qual pertence a siba, cuja definição tambem figura nesta lista.

CARRAPATO — o mesmo que *Carraça*, e esta, segundo o *D.*, é um pequeno “crustaceo” que se prende á pelle, etc.

FURÃO — pequeno mamífero vermiforme que os caçadores empregam, etc.

Ainda que o furão fosse inteiramente apode, a sua semelhança com um verme seria igual á do ovo com o espeto.

GOLFINHO — grande “peixe” da familia dos cetaceos.

Portanto, as baleias tambem são peixes.

GIBOIA — a maior serpente do Brasil...

quando mede no maximo um terço da Sucury. Felizmente o *D.* não copiou a etymologia de Lacerda, que reza: *gi*—agua, *boia*—cobra, quando a giboia sempre foge da agua e só vive nos campos seccos (nos dois casos houve confusão com a Sucury).



JACÚ — ave gallinacea avermelhada;

JOÃO-DE-BARRO — ave amarella;

JOÃO-GRANDE — o mesmo que “gaivota”;

O *D.* acrescenta a cada um destes nomes que se trata de aves do Brasil — e portanto são bem os nossos velhos conhecidos, transfigurados apenas pelas definições.

JACARÉ DE OCULOS — (Aligator sclerops) jacaré inoffensivo.

É inoffensivo apenas quando fôge ou quando não nos pôde segurar com os dentes, particularidades que aliás compartilha com qualquer outra féra.

LACRAU — o mesmo que “escorpião”; — e sob *Escorpião* diz apenas: o mesmo que “lacrau”.

Seria uma distracção perdoavel si á pag VI da introdução o *D.* não recriminasse o “respeitavel Moraes” e outros por terem definído mal este mesmo vocabulo!

LICRANÇO — diz o *D.* que os collegas erraram ao definir esta palavra;

mas a emenda sahiu peor ainda: a descripção não combina com o nome scientifico que acrescenta. “Amphisbaena” é o nome generico das “cobras de duas cabeças”; estas são caracterisadas sob “Amphisbena” (perdõe-se o “serpente” quando se trata de lacertilio), mas ahí o *D.* já não menciona mais o Licranço — vocabulo que vamos encontrar de novo sob “Cobra de vidro”, o que aliás é certo.

LEPIDOSIRENOS — genero de peixe cuja unica especie é o “caramurú”.

Está errado, porque os Lepidosirenos (aliás “Piramboia”) são da Amazonia e do Matto Grosso e os Caramurús são as



nossas morcias, um tanto semelhantes mas zologicamente muitissimo diversas.

JEQUITIRANABOIA — borboleta venenosa do sertão.

Em tres palavras, tres erros: a Jequitirana não é borboleta, mas homoptero como as cigarras; não é venenosa nem só do sertão, porque já tive occasião de pegal-a com os dedos em plena rua 15 de Novembro, sem outra consequencia senão attrahir a curiosidade dos transeuntes, que, imbuidos da mesma credence como o *D.*, tinham o feio insecto em conta de venenoso.

LOMBRIGA — verme intestinal do genero das ascarides.
Genero de anelideos que tem por typo a minhóca.

Dispensa commentarios, mas é a convicção do *D.*, como se verá tambem sob *Verme*.

MAMANGÁ — insecto diptero, cuja mordedura...

Não é diptero mas hymenoptero e não morde mas dá ferretoadas.

MARSUPIAL — genero de molluscos do grupo das medusas.

Tres animaes distinctos em uma só palavra; até parece cousa da sagrada escriptura.

MINHOCÃO — amplibio das lagôas do centro do Brasil.

Sempre o sêr lendario encontrou quem o classificasse!

MOLLUSCO — o *D.* quiz ennumerar 6 classes aqui comprehendidas, mas a ultima

que menciona: "Cirropode", faz parte dos crustaceos, como o proprio *D.* o explica sob essa rubrica.

MUTUCA — mosca da região do Amazonas;



PREÁ — o mesmo que roedor;

PITÚ — peixe fluvial.

Sem duvida deve ser o nosso “pitú”, o grande camarão d'agua doce.

PIRARUCÚ — peixe do norte do Brasil, muito apreciado e de grandes dimensões, semelhante ao bacalhau.

A tal semelhança do pirarucú com o bacalhau só se verifica depois de ambos terem passado para a cathegoria de peixe secco!

SIBA — genero de mollusco

que tem por typo o “chôco” vulgar — mas sob *Chôco* o *D.* ensina apenas: “peixe, o mesmo que siba”.

TICO-TICO (Brasil) — passarinho de papo amarello;

TARTARUGA — animal amphibio, etc.

Poderia passar (isto é: reptil amphibiotico ou amphibiano) si o *D.* sob *Batracios* não nos procurasse convencer que os sapos são reptis! Assim será melhor dizer logo o que é certo, e classificar as tartarugas como reptis e os sapos como amphibios.

NIARA (o conhecido bôto da Amazonia)

é, segundo o *D.* o mesmo que “mãe d'agua”, que vem explicado como sendo entidade lendaria.

VERME — Minhóca ou lombriga terrestre, (e depois de alguns synonymos): Cada um dos suppostos animalculos que corroem os cadaveres nas sepulturas.

R. VON IHERING.



RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Recente livro didaetico, muito dis-
cintido, veiu pôr em foco a questão
de se saber se, na educação civica
das crianças, deve dizer-se-lhes toda
a verdade, ou não, a respeito das
coisas publicas. Houve quem repro-
vasse ao autor do livro as allusões
claras que entendeu de fazer a al-
gumas das nossas peores mazellas
— o desgoverno, a farça eleitoral,
a empregomania, o filhotismo. Fo-
ram muitos mais, porém, os que lhe
applaudiram essa franqueza, — sus-
tentando, com elle, que a *verdade*
deve ser dita inteira, sem rebuços,
aos futuros cidadãos.

Esta opinião é inquietante. Dizer
às crianças, abertamente, toda a
verdade... Mas, antes de mais na-
da, qual será a verdade, a verdade
toda, inteirinha, que se quer que se-
ja dita aos pequenos? Quem já a
viu? Qual a formula que nol-a dará,
ineconfundivelmente, completa e per-
feita? Vá que se diga, que se pro-
clame, que se grite, que se esmiece
e repise: — antes disso, porém, que
fique bem assentado onde e como
ella se encontra, por que meios se
identifica, se marca e se carimba,
como a *única*, a inviolavel e auten-
tica, a que não pode ser posta em
duvida. Sem isso, como até aqui
nunca houve duas pessoas que vis-
sem as mesmas verdades pelo mes-
mo geito, correriamos o risco de en-
sinal-as ás crianças sob tantos as-
pectos quantos os autores de livros
didaeticos e quantos os professores,

— o que, quando menos, seria pouco
pedagogico.

Admittamos, porém, que, a respi-
to dos negocios publicos do paiz, —
assumptos de que toda a gente en-
tende, segundo está assentado, —
os autores e mestres de bom seuso
possam chegar a uma razoavel ap-
proximação da verdade, a uma sor-
te de média, e que essa média bas-
te. Admittido isso, pergunta-se: ha-
verá realmento vantagens em ins-
truir as crianças a respeito das nos-
sas miserias, em dizer-lhes por
exemplo, que a maioria dos nossos
politicos se têm revelado incapazes,
ou egoistas, ou malvados, ou corrup-
tos? que o Brasil é um colosso po-
bre, desgovernado e ingovernavel?
que o futuro da nacionalidade é in-
certo e tenebroso? Pode ser que is-
so sirva de muito: mas parece cla-
ro que servirá principalmente de
preparar marotozinhos, carcomidos
de scepticismo até a medulla, resol-
vidos a gosar a vida, sem se incom-
modar com a humanidade tão pôdre
o uma patria tão pouco amavel.

O culto da verdade! O culto da
verdade, para muita gente, é ape-
nas uma grosseira superstição. Dá-
lhe para adorar a Verdade, com V
grande, como uma entidade exte-
rior, existente por si, igual para to-
dos, com direitos proprios e com
exigencias tyrannicas — tal qual
um fetiche. Ora, a verdade, emana-
ção dos juizos bem formados e das
consciencias integras, não pode dei-
xar de ser regulada e manejada por
elles, de accordo com multiplas ques-

tões de dosagem e oportunidade! O contrario seria absurdo. Só existindo em função da razão humana, a verdade está-lhe, naturalmente, subordinada, e só a razão pode ser juiz do seu justo e opportuno emprego. Para felicidade nossa, a humanidade, muito mais sabia do que os individuos, nunca poz isto em duvida...

O melhor meio de cultivar a verdade não é reverenciar boçalmente todas as suas apparencias momentaneas e contradictorias; é, justamente, guardar-se disso. E o que cumpre desenvolver não é o amor ego o estouvado da verdade, é o tacto moral, é o senso moral, é a delicadeza de sentimentos, a honestidade profunda. Esta tornará os futuros cidadãos incapazes de mentir, mas igualmente incapazes de abusar da verdade: saberão que ella, em si, não tem nenhuma virtude; que, como os toxicos da botica, tanto pôde sarar como matar, conforme quem a presereve é um medico ou um assassino. — YORICK.

JOÃO KÖPKE

As gerações modernas de S. Paulo conheciam este nome apenas dos livros escolares de leitura, até hoje, preferidos pelos alumnos das nossas escolas e pelos nossos mestres mais conscienciosos.



A recente visita de João Köpke a esta capital veiu reavivar, na memoria de muitos, e despertar na curiosidade de outros, um longo, esplendido passado, em que a figura desse illustre brasileiro apparece-nos com uma autentica auréola de apóstolo da causa do ensino.

A vida de João Köpke é uma cadeia ininterrupta de serviços á educação nacional, cadeia em que se ligam as mais brilhantes iniciativas

pedagogicas que já se têm feito no Brasil e os mais penosos sacrificios por uma causa que tem enriquecido muitos dos seus falsos defensores.

Filho de um professor que deixou de si nobre e honrada fama, João Köpke, estudante de direito, vae buscar no ensino os meios de subsistencia e a melhor applicação da sua actividade. Já, então, o preoccupa o ensino da leitura o desso tempo é o seu primeiro trabalho sobre o assumpto.

Professor particular, lente de Historia e Geographia do Curso Anexo á Faculdade de Direito, mais tarde membro do corpo docente do Collegio Culto á Sciencia de Campinas, em todos estes postos João Köpke prégou e executou a mais adiantada doutrina pedagogica, a ponto de um dos seus biographos dizer que a sua sala, em Campinas, era um pequeno museu escolar, onde se viam apparatus que só elle, na provincia, possuia.

Mas a sua grande preocupação era o ensino primario e foi em S. Paulo, na Escola Neutralidade, que o seu esforço culminou na organização do um estabelecimento modelo, cujo adiantamento em relação ao nosso meio só hoje podemos avaliar, quando vemos que ainda se procura generalisar a pratica de alguns dos processos correntes naquella escola. João Köpke era, porém, um precursor. Os seus esforços quebraram-se de encontro á indifferença da maior parte e aos preconceitos das classes dominantes. Por outro lado, o seu combate incessante aos exames parcellados e a recusa de seu instituto em fornecer attestados para esse fim, punham em difficuldades financeiras o estabelecimento, pois era diminuto o numero de paes que preferissem um curso integral do preparação para a vida á "chauffage" destinada aos exames de preparatorios.

Era preciso estancar o mal na sua fonte. Parte João Köpke para o Rio, a combater o erro pela palavra e pela demonstração experimental, ao lado dos responsaveis pelo

governo do paiz, na esperança de convencel-os o chamal-os á razão. A humilde casa de sua residencia era a sua escola e nas mais afflictivas condições pessoas encetava o abnegado propagandista a sua nova campanha. Convidado pelo senador M. F. Corrêa, realisou o dr. João Kopke diversas conferencias sobre pedagogia, com a assistencia do imperador D. Pedro II. Não lhe faltou o louvor do monarcha e algumas de suas idéas penetraram as regiões officiaes a ponto de apparecerem esposadas pelo barão de Mamoré, ministro do imperio, num de seus relatorios.

Pouco depois proclamava-se a Republica. S. Paulo teve a feliz inspiração de associar á reforma das instituições a reforma da instrucção. Prudente de Moraes, primeiro governador, confiou esse encargo a F. Rangol Pestana, autor do projecto de reforma, e a Caetano de Campos, eminente executor, quo lançou as bases do aparelho escolar paulista.

Ainda aqui, sem embargo do valor individual dos dois illustres cidadãos a cuja competencia entregou Prudente de Moraes a grandiosa tarefa, dando-lhes o mais entusiastico apoio, pode-se affirmar que João Kopke collaborou efficazmente nessa obra, não só pelas suas iniciativas anteriores, como pela influencia que exerceu no espirito daquelles dois reformadores, na convivencia de uma longa e intima amizade e na diaria cooperação no magisterio a que os tres se entregaram como a verdadeiro sacerdocio.

Por esse tempo, o seu collegio do Rio — Instituto H. Kopke — perdia a sua direcção por não querer o antigo propagandista da san escola, sujeitar-se ao mercantilismo que invadira o ensino. Nomeado mais tarde para um officio de hypothecas, emprega desde então todo o tempo, que lhe sobra, na educação gratuita de filhos dos seus antigos discipulos e na elaboração de obras didacticas.

A recepção carinhosa que o velho mestre acaba de ter em S. Pau-

lo é, portanto, o reconhecimento por um serviço que apenas começa a ser avaliado pelas gerações actuaes; nem sequer se deve attribuir a expansões de coração de seus antigos discipulos, porque estes quasi todos já attingiram o grau de madureza em que estes julgamentos se fazem com isenção e imparcialidade.

O alto valor moral da obra de João Kopke é o do ter inflexivelmente ajustado a pratica á theoria, resistindo heroicamente a todas as solicitações de interesses particulares. A sua fé inextinguivel, a sua coragem intrepida, têm sido a defeza principal dessa lenta o abnegada cruzada em que a sua intelligencia e o seu coração foram postos ao serviço da infancia brasileira.

João Kopke realisa um dos mais esplendidos typos da "vocação". No seu physico, no seu temperamento singularmente affectivo, na sua clarissima intelligencia, nos seus dons innatos de psychologo, na ostructura geral da sua personalidade, ha um que de evangelico que o predestina para a função social a que irresistivelmente se entregou. A quem o tiver visto uma unica vez, no meio dos seus alumnos das classes elementares, nunca mais esquecerá esse quadro delicioso. As crianças, na sua curiosidade insaciavel, bebem as palavras desse homem admiravel que sabe dizer-lhes coisas tão bellas e altas numa linguagem que todas percebem, e o velho mestre, desdobrando-se em mil formas de actividade mental e de carinho, sabe aproveitar-se do minimo incidente para tirar delle desde os rudimentos das sciencias physicas e biologicas o as regras da boa linguagem até a noção de moral. Na direcção de uma escola a sua acção constitue um verdadeiro curso de methodologia applicada.

E' possivel que, ás vezes, o ardor do propagandista contraste um pouco com a serenidade que habitualmente se requer dos simples applicadores de idéas alheias. Nunca porém, o veremos exaltado senão pe-

las nobres idéas de Educação e de Patria.

A sna ultima passagem por S. Paulo assignala-se por um soberbo exemplo de fé republicana, de ardor civic e de dedicação ao ensino, de que felizmente nos ficaram documentos escriptos: a generosa offerta de suas cartilhas ao governo do Estado e as conferencias pedagogicas, uma das quaes apparece nas paginas desta revista, onde tambem serão publicados brevemente outros trabalhos do illustre educacionista. — N.

OLAVO BILAC EM LISBOA

Todos os annos, quando chega o verão, Olavo Bilac atravessa o Atlantico e se refugia em Paris. E só regressa á cidade querida do seu berço, onde tem o seu lar, quando já não



vibra nos ares o canto estridulo das cigarras e a folhagem escura das arvores se descora, annunciando a entrada bemfeitora do outomno.

Fiel a esse habito salutar, no começo de Janeiro Bilac seguiu para a França. Acolheu-se a Paris. Rendeu, como de costume, a sua vassalagem de trez mezes á incomparavel Lutecia, e tornou ao Brasil. Ao voltar, porém, aportou em Lisboa. Portugal, berço da nossa raça, sempre o attrahiu... E foi alli glorificado.

O chefe da nação, Bernardino Machado, fel-o assentar-se á sua mesa, offerecendo-lhe um jantar. A Academia de Sciencias, a veneravel instituição sagrada do merito litterario e scientifico, abriu-lhe as enas portas, numa sessão solemnisima, e o recebeu no seu gremio. Para saudal-o poetas, artistas, sabios, homenz de letras e homenz de ostado, reuniram-se num grande banque-te. E o p vo duas vezes o victoriou,

delirantemente, agglomerando-se em massa deante do seu vulto amado, no theatro da Republica e numa praça da cidade.

Para agradecer essas extraordinarias manifestações, Olavo Bilac proferiu alguns discursos. E nunca o seu verbo inspirado de vate foi tão rico de belleza, de sabedoria e de eloquencia. Olavo Bilac é tão grande orador quanto poeta. Tem a palavra quente, sonora, melodiosa; tem a dicção impecavel; tem o gesto sobrio e preciso; tem na figura a irradiante sympathia quo enlaça e seduz. Quando elle fala, o ouvinte menos accessivel ás deliciosas suggestões da oratoria pode estar certo de sahir encantado. Sómente encantado? Não. Encantado e deslumbrado; deslumbrado e rendido.

Nos discursos de Lisboa, elle chegou á alta eloquencia. Tocou por esses cimos inabordaveis da arte sem equal, só familiares aos genios da tribuna. Foi simples e profundo, vivaz e doce, elegante e castiço. Exaltou Portugal e glorificou o Brasil. Cantou o trabalho, prégou a coragem, apostolisou a energia, preconizou o esforgo e entou ao patriotismo um desses hymnos de notas vibrantes e heroicas que vão direitas ao coração, arrancando-nos commovidas lagrimas dos olhos e dos labios palavras de entusiasmo, de ternura e de fé.

Elle quer que o Brasil se affirme uma patria consciente e forte; que accite com alegria o fardo das suas responsabilidades, accitando, viril, as luctas que ellas lhe impuzem; que ame a sua lingua, a sua raça, a sua civilização latina; que conserve o patriotismo das suas tradições; que reaja, energicamente, contra as miserias do presente; que encare sem assombro, o futuro, que só será amargo e ignominioso, se em vez da coragem, cultuarmos a covardia; se em logar do trabalho, cultivarmos a preguiça; se adoptarmos o egoismo, pelo desinteresse e pelo amor; ou se antes que a sciencia preferirmos a ignorancia.

São essas as mesmas largas e generosas idéas que elle espalhou em S. Paulo, quando deu a esta cidade a honra da sua visita, em Outubro do anno passado. Chegado á maturidade, Olavo Bilac resolveu votar-se á acção social. Não se contentou de ser um dos maiores poetas da sua terra e da sua raça: quiz ser tambem o seu libertador, arrancando-a do entorpecimento moral e politico que a consome. Como Barrós, em França, e D'Annunzio, na Italia, fez-se o prégoeiro da regeneração nacional, pelo eulto activo das virtudes eivicas. Embocou a tuba heroica do patriotismo e soprou. O paiz acordou; está ouvindo-o com attenção. E ha-de acabar por segui-lo, triumphando de si e dos seus inimigos eventuaes... — E. M.

HOMEM DE MELLO



No dia 5 de Maio falleceu n'esta capital o dr. Francisco Homem do Mello, filho do coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello e d. Maria da Pierga Monteiro de Mello, nascido em Pindamonhangaba a 23 de novembro de 1859. Estudante do Collegio Caraça em 1789, formou-se

em 1886, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Engenheiro da Companhia Mogyana, construiu o Ramal de Pinhal e organizou os projectos de Serra Negra, Monte Alegre e Mocóca.

Foi secretario da superintendencia das Obras Publicas.

Explorou e projectou a Estrada de Ferro do Rio São Francisco a Montes Claros. Na E. F. Central levantou a planta da antiga S. Paulo Rio de Janeiro para seu competente alargamento e foi engenheiro residente em Porto Novo da Cunha.

Construiu a Douradense e parte da Monto Alto. A' sua iniciativa é devido o projecto e a construcção da São Paulo a Goyaz.

Com seu tio barão Homem de Mello publicou o "Atlas do Brasil", trabalho notavel e de grande valor.

Consoceado com d. Escolastica de Araujo Cintra, deixa seis filhos.

Falleceu occupando o logar de inspector geral da Companhia Itatibense.

Foi uma intelligencia lucida e um trabalhador infatigavel.

BIBLIOGRAPHIA

A voz do Sino, Vicente de Carvalho.

Deste bello poemeto de Vicente do Carvalho, já publicado pela imprensa, a revista *A Cigarra* acaba do fazer uma graciosa edição em *plaque*. Isto nos forneceu o ensejo de lêr mais uma vez e, o que é melhor, nos permite conservar na estante os lindos versos, onde a arte do nosso eximio poeta se affirma, brilhantemente, com todas as qualidades que a tornam das mais completas — um perfeito equilibrio entre a idéa e a forma, aquella sempre plenamento desenvolvida e esta vestindo-a com justeza e realce, uma profunda emoção humana a latejar sob a medida dos versos, um estylo sem artificios o uma linguagem desataviada, sobria, enxuta, quasi in-

genna. E' este conjunto de qualidades que faz da poesia de Vicente de Carvalho uma coisa inteiramente sua, e inteiramente á parte na poesia nacional.

Poesias, J. H. de Sá Leitão.

Deve ser um livro de estréa. O A. tem uma sensibilidade de poeta, e isto se percebe em muitos relanços do seu livrinho, mas ainda não conseguiu levar as suas concepções a esse ponto de maturação em que ellas se exteriorizam completas e acabadas, existindo por si mesmas, e não como uma simples serie de vagas notações psychologicas que se têm de interpretar umas pelas outras, se se querem interpretar. As sessenta ou sessenta e poucas composições do livro, em geral muito breves, parecem, quasi todas, esboços fugitivos, fragmentos de idéas, obras interrompidas... Entretanto, como dissemos, sente-se ahí uma sensibilidade; encontram-se mesmo bonitas estrophes e versos cantantes e suggestivos, de que nos seria facil colher exemplos, se a estreiteza do espaço não nos obrigasso a sermos muito breves.

Versos, Antonio Bandeira.

Pequenino, — 56 pag. apenas, — este livrinho, para quem procura em livros de poesia uma vibração sincera e nova, vale mais do que muito volumê alentado, repleto de verficações correctas e *savantes*. Não ha dentro delle joias perfectas: ha uma serie de "gritos de alma", acondicionados numa forma vacillante e, não raro defeituosa. Mas são gritos de alma! E vibra por elles um accento tão natural, tão commovido, tão franco, e os versos são tão correntios e melodicos, — que afinal o livrinho é um encanto. Não temos, talvez, ahí a revelação de um poeta, mas temos a promessa, a linda promessa de um poeta que o será de véras, alma e coração, nervos e pensamento, — se o autor, muito novo, tiver a protecção dos deuses... Eis como elle canta — e muito propositalmente dizemos "canta", porque todo poeta que não

faz prosa nos sous versos nos dá a impressão do que compõe cantando:

Minha poesia é serena,
tem um som brando e velado,
pois que só pego na penna
quando estou desanimado;

pois que rimo as minhas dores
para ver so ellas se vão,
como fazem tocadores
de guitarra e de violão.

REVISTAS E JORNAES HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS

TRIBUNAL PARA MENORES

O problema da criminalidade juvenil, que nas ultimas decadas do seculo passado começou a preoccupar seriamente os governos bem orientados, encontrou nos Estados Unidos um grupo de homens intelligentes para estudal-o e resolvel-o.

Coube a Chicago centralisar a campanha nesse sentido e a campanha agitada, incessante, e formosa, terminou por uma victoria: a creação de tribunaes para menores.

Dos quarenta e cinco Estados que formam a grande nação só nove ainda não possuem tribunaes dessa natureza.

O grande segredo dessa instituição reside na especialisação do juiz. Examinando habilmente o menor criminoso, interrogando-o com geito e ouvindo-o com attenção, o magistrado consciencioso poderá em breve prazo certificar-se do seu estado moral e, assim, applicar-lhe com segurança o remedio que a orthopedia penal recommenda. Esse juiz unico a quem a sociedade commette tão delicada quão ardua função é uma especie de tutor destinado a orientar o menor. Recorrendo a informações que lhe permittam julgar com acerto, indagando das suas origens, do seu procedimento e de outras circumstancias, o juiz ordenará a sua internação no asylo correccional ou conceder-lhe-á a liberdade provisoria.

Para proteger o menor ha ainda um delegado especial o *prohctiou officier*, cuja acção ardilica completa a do juiz.

O resultado pratico desses tribunaes é attestado pelas seguintes observações estatísticas: em Donver durante os quatro annos que se seguiram á installação do tribunal 95 o/o dos menores delinquentes foram entregues aos paes o postos em liberdade vigiada. Graças a essa medida, a proporção dos reincidentes abaixou de 50 o/o a 5 o/o.

Em Nova York ficaram vigiados no periodo de 1903 a 1905, 3.377 menores. Destes, 83 o/o conduziram-se perfeitamente; só 17 o/o tiveram de ser internados nas casas de correccão.

Na Inglaterra observa-se tambem o mesmo phenomeno. Em 687 menores julgados pelo tribunal especial de Birmingham só 15 reincidiram. O mesmo resultado lisongeiro tem sido, invariavelmente, obtido em todos os logares onde a experiencia tem sido tentada. Deante disto, o attendendo a outros factos, impõem-se as seguintes conclusões aos governos e aos especialistas:

I — A' especialização do juiz incumbido de julgar os jovens delinquentes, dove-se incontestavelmente o grande exito que alcançaram os tribunaes para menores, constatado por escriptores dignos de credito.

II. — A liberdade vigiada offerece ao menor e á propria sociedade vantagens mui superiores ao regimen das prisões de curto prazo, as quaes enervam as crianças, semeando no seu coração germens de vicios repugnantes.

III. — E' conveniente aos interesses do Estado, auxiliar os patronatos para menores desamparados ou viciados, já subvencionando-os, já reconhecendo-os de utilidade publica.

IV. — E' necessario enfeixar nas mãos de um juiz capaz, attribuições que lhe permittam conhecer de todos os assumptos relativos aos menores da sua circumscripção, competindo-lho fallar sobre os casos de

destituição ou suspensão do patrio poder, sobre o modo porque os tutores curam da pessoa e interesses dos seus pupillos, visitando com certa regularidade os asylos e reformatorios quo recolhem menores, impondo penas aos commerciantes que venderem alcool, tabaco e fumo, aos menores e aos empregarios que lhes franquearem os clubs de jogo e de outras diversões prohibidas e aos pais negligentes que se descuraram das suas obrigações. — (Alfredo Balthasar da Silveira. — *Jornal do Commercio, Rio*).

O ENSINO TECHNICO EM FRANÇA

Em França vai-se delineando um grande movimento em favor da instrueção technica, concretisando-se desde já em propostas de leis como a que foi recentemente apresentada pelo senador Astier.

Antes da guerra, contavam-se em França novecentos mil rapazes e raparigas omprogadas no commercio e nas industrias, e monos do cem mil adquiriram os conhecimentos technicos dos seus misteres. Na Alemanha, entrotanto, desde 1892 vinham sendo instruidos nas escolas e nas casas do aperfeicoamento, mais do quatrocentos mil rapazes e raparigas, — e esse numero tem crescido sempre, de anno para anno.

Justificando a sua proposta de lei sobre o ensino technico, o senador francez Astier mostra que a diffusão do ensino technico é uma causa essencial da prosperidade da nação. Propõe-se elle organizar systematicamente em França a instrueção technica, podendo resumir-se em poucas linhas a sua proposta da lei. O artigo primeiro é relativo ás disposições geraes e contém, antes de tudo, a disposição do ensino technico, o qual tem por escopo, sem prejuizo de um complemento de instrueção geral, o estudo theorico e pratico das sciencias e das artes ou officios com relação á industria e ao commercio. O artigo 2.º diz respeito



ás autoridades do ensino technico: conselho superior, inspectores, "comité" departamental, "comités" locais. O artigo 3.º refere-se ás escolas publicas e trata da sua fundação e administração. Esse artigo prevê igualmente a criação da escola de artes e officios pela camara do commercio e associações profissionais, com o concurso do Estado, escolas essas que deverão dar um ensino completo de todos os officios aos jovens aprendizes. O artigo 4.º determina o regimen das escolas privadas commerciaes e industriaes, determinando as condições da abertura das escolas e as sanções de vigilancia. Finalmente o artigo 5.º crea para os jovens de menos de dezoito annos, empregados no commercio e nas industriaes, ou com contracto escripto ou sem contracto — cursos profissionais ou de aperfeiçoamento, gratuitos e obrigatorios.

Mediante o parecer do conselho departamental, o ministro deve designar as communas a que são necessarios taes cursos, instituindo uma comissão local profissional que adapte os programas e o funcionamento da escola ás profissões da localidade. As despesas da manutenção e criação consideram-se despesas obrigatorias da Communa, não podendo o Estado contribuir com uma subvenção maior do que a metade de ditas despesas. As lições devem ter logar durante o dia legal de trabalho á razão de quatro horas por semana e de cem horas por anno, no minimo, e de oito horas por semana, e duzentas horas por anno, no maximo. Aos chefes dos estabelecimentos incumbem tres obrigações: dar aos seus jovens operarios e empregados o tempo necessario; verificar a assiduidade delles ao curso; declarar á Communa, nos oito dias do inicio do estudo, os nomes e cognomes, e todos os dados necessarios, ácorca dos rapazes e raparigas que entrarem para a escola. O chefe do estabelecimento pode ainda organizar taes cursos no interior de suas officinas ou de sua casa de commercio.

Depois de tres annos de instrução technica, os alumnos poderão concorrer á obtenção do certificado de preparo profissional. São estas as disposições principaes do projecto de lei que o senado francez vai discutir em breve.

PSYCHOLOGIA

SUPERSTIÇÕES IRLANDEZAS

A Irlanda é uma terra muito supersticiosa. Ainda hoje, em pleno seculo XX correm pelo seu povo muitas lendas cujas origens se perdem na noite dos tempos. Para os camponezes irlandezes, as fadas continuam a fazer bailados nas noites de luar, como succedia ha trinta seculos. O apito da locomotiva e a fumaça das usinas não conseguiram ainda desvanecer os phantasmas que annunciam a morte dos descendentes das familias nobres. Na Irlanda, é crença que, quando está para morrer um membro da nobre familia dos viscondes de Gormanstovn, em torno do castello por ella possuido se reúnem numerosas raposas — não animaes espectraes, mas raposas em carne e ossos. Essa crença data de muitos seculos, e as suas origens são envoltas em mysterio. Em vista dos varios factos que se citam, pode-se dizer que ella tem algum fundamento.

No condado de Limerick são famosas as chamadas luzes dos Scanlan. Os Scanlan de Balliyknokane são uma familia irlandesa muito antiga, descendente dos reis de Ossory. Diz-se que a morte dos seus membros é annunciada pela apparição de estranhas manifestações luminosas. O actual chefe da casa, teve occasião de vel-as uma vez, poucas horas antes da morte de um parente.

Muitas lendas populares referem-se a um phantasma chamado Aibhill que apparece em Craglea, perto de Killaloe. Acredita-se que, antes da batalha de Clontarf (1014) esse phantasma tenha apparecido ao rei guerreiro Brian Boru (chefe da fa-

milia O' Brien), e lho tenha predicto a morte, que realmente succedeu, doze horas depois. Nos tempos antigos, o phantasma fazia-se vêr sempre daquelles a quem se manifestava. Agora, porém, faz-se ouvir sómente. Geralmente, manifesta a sua presença com gemidos.

Ha ainda na Irlanda outras crençees . A dos carros-phantasmas por exemplo. Varias pessoas affirmam ter visto rodar velozmente um grande carro tirado por animaes, isso por noite de luar ou noite escura.

Os cães phantasmas tambem têm papel importante nas superstições da Irlanda. Como exemplo, podemos citar os cães-espectros do castello de Doneiraile, no condado de Cork, os quaes têm sido vistos e ouvidos por varias pessoas. Um certo dr. Hornibrook, de Limerick conta que, uma noite, elle e o filho, depois de terem examinado cuidadosamente se todas as portas do parque se achavam bem fechadas, voltavam para o castello quando, improvisamente ouviram o ulular de uma malta de cães, avançando rapidamente em torno do castello. Os dois homens esconderam-se. Sabiam muito bem que no parque, bem fechado por altos muros, não podia haver cães. E eis que avança um grupo de grandes cães de caça, seguidos de um caçador montado sobre um grande cavallo negro. Os animaes passaram tão proximos aos dois Hornibrook que estes puderam ouvir o seu resfolegar. Depois, atravessaram o prado n'uma corrida desesperada, e desapareceram. Segundo a lenda, muito conhecida nos arredores, o cavalleiro seria o tereceiro visconde de Doneraile.

Ha alguns annos, o prof. Barret, que é estudioso do occultismo, fez um inquerito pessoal sobre alguns desses mysteriosos phenomenos que, segundo as crenças populares, se verificam na Irlanda.

Os resultados desse inquerito foram communicados á Sociedade de Investigações Psychicas de Londres. Declarou o prof. Barret que não se pode duvidar da realidade dos phe-

nomenos que haviam formado objecto do seu inquerito. E concluia affirmando que " a crença, diffundida na Irlanda, sobre a existencia de fadas, gnomos, phantasmas, etc. é baseada provavelmente sobre varias manifestações de um certo numero de "poltergeists". Com este nome os occultistas designam uma entidade invisivel que revela a sua presença por meio de rumores, pon-do em movimento objectos e pregando varias peças aos seres humanos. Segundo o prof. Barret taes manifestações são muito communs na Irlanda e formam a base de muitas das superstições diffundidas entre as populações daquella ilha. — (Reginald B. Span. — *Chambers's Journal*).

VARIEDADES

O MESTRE DE PADEREWSKY

Ha alguns annos, quando se descobriu na California uma pequena pianista-prodigio, e pediram a Paderewsky que a escutasso — elle respondeu: "Deveis conduzi-la a meu pai."

O grande pianista alludia assim a Theodor Leschetizky, de quem se considerou sempre filho em arte.

A grande arvore já tombou, mas existem ainda no mundo numerosos rebentos della, que prolongam a sua lembrança entre os homens. O famoso mestre, morto a 17 de novembro em Dresden, teve, effectivamente, numerosos discipulos, centenas e centenas, não só na Europa como ainda na America. O mais celebre do todos é Paderewsky — o é por isto que a homenagem delle é a mais preciosa. Paderewsky conheceu Leschetizky em 1885. Até então, Paderewsky havia dedicado as suas energias principalmente á composição. Como, porém, ninguem executava as suas musicas, decidiu tornar-se pianista para dar a conhecer ao publico as suas composições. Dirigiu-so pois, a Leschetizky para ter delle algumas lições. O mestre conhecia-o

já de nome, e conhecia também as suas obras. Fê-lo tocar alguma coisa e logo se mostrou entusiasmado. Quando, porém, o joven autor lhe declarou a sua intenção de tornar-se concertista, o entusiasmo do mestre dissipou-se: é que não esperava que Paderewsky pudesse ter bom exito na nova carreira, visto como já tinha vinte e cinco annos, idade que considerava tardia para começar a tocar em publico. Não obstante, consentiu em dar-lho lições, umas nove ou dez. "Nunca se mostrou muito animador nesta primeira phase — conta Paderewsky — e não creio que nutrisse grandes esperanças de successo. Depois de algum tempo, fui obrigado a deixal-o. Achava-me em pessimas condições financeiras, precisava pensar em ganhar a vida de qualquer modo, e não podia dar-me ao luxo de continuar com as lições. O proprio Leschetizky rocommendou-me para o logar de professor do piano e composição no Conservatorio de Strasburgo, onde fiquei durante anno e meio. Nesse lapso de tempo, tive de tocar em publico algumas vezes — e o succes-

so de tacs provas me persuadia cada vez mais de quo podia vir a ser um concertista. Depois, voltei ás lições de Leschetizky, por alguns mezes. Obtivo, em seguida, varios successos brilhantes em Vienna o Paris; mas, vendo que o meu repertorio não era bastante vasto, tornei a Leschetizky, estudando com elle durante alguns mezs ainda. Isso foi em 1887. Depois, não tomei mais lições."

Leschetizky tinha um verdadeiro culto pela arte, que antepunha a toda idéa de interesse. Nunca recusou lições a estudantes quo a mereciam, mesmo que não pudessem pagar-lhe. Poderia ter sido rico, mas preferiu ser generoso.

Teria podido, affirma Paderewsky, tornar-se um grandissimo concertista, mas preferiu ensinar sómente, e formar concertistas. Entre os mestres, Leschetizky vem logo depois do Czerny, de quem foi discipulo. E pode-se bem dizer que com a sua escola exerceu grande influencia sobre a arto do piano, em todo o mundo.

"REVISTA DO BRASIL"

Com o presente numero a "Revista do Brasil" inicia o seu segundo volume. Acolhida favoravelmente, o mesmo com entusiasmo, pelo publico brasileiro, a Revista grangeou logo numerosos assignantes e tem já uma boa venda avulsa, de sorte que se pôde considerar definitivamente firmada. Não obstante, as suas difficuldades de publicação são enormes — por causa da crise excepeional que atravessamos. A crise affecta sobretudo o papel importado, cujo preço subiu incalculavelmente. A "Revista do Brasil" manterá, apesar disso, emquanto lhe fôr possível, o mesmo aspecto com que se iniciou.

São directores da "Revista do Brasil" os srs.: dr. Luiz Pereira Barretto, dr. Julio Mesquita o dr. Alfredo Pujol. Redactor-chefe, dr. Plinio Barreto; Secretario-gerente, dr. J. M. Pinheiro Junior.

A "Revista do Brasil" é lançada per uma sociedade anonyma constituída em S. Paulo com a seguinte directoria: dr. Ricardo Severo, presidente; dr. Mario Pinto Serva, vicepresidente; dr. Luiz Wanderley, secretario. Conselho fiscal: dr. Oscar Thompson, dr. Ruy de Paula Souza, dr. Armando Prado. Accionistas: dr. Alfredo Pujol, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, dr. Adolpho Augusto Pinto, dr. Armando de Salles Oliveira,

Amadeu Amaral, dr. Alarico Silveira, dr. Anthero Bloem, dr. Abrahão Ribeiro, dr. Armando Prado, Arnaldo Simões Pinto, dr. Augusto de Toledo, Arthur de Cerqueira Mendes, dr. Antenor Liberato de Macedo, dr. Alberto Scabra, Adalgiso Pereira da Silva, dr. Antonio Piccarolo, dr. J. Ayres Netto, Benjamin Victor de Mendonça, Carlos de Carvalho, dr. Florivaldo Linhares, Gelasio Pimenta, Heraclito Viotti, dr. Heitor de Moraes, dr. Julio C. F. de Mesquita, Julio de Mesquita Filho, dr. José Martins Pinheiro Junior, dr. José Gonçalves, dr. J. P. da Veiga Miranda, dr. Jeronymo Rangel Moreira, dr. Jacomo Define, dr. Leonidas Barreto, Luiz Ponceca, Luiz de S. Gomes Carneiro, dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, dr. Luiz Pinto Serva, dr. Luiz Wanderley, dr. Mario

Pinto Serva, dr. Mario de Barros, dr. Manoel de Azevedo, Moysés de Oliveira Horta, dr. Mario Cardim, Manoel Rodrigues de Leiroz, dr. Manoel Carlos de F. Ferraz, Nestor Rangel Pestana, Numa de Oliveira, dr. Olympio Portugal, dr. Oscar Thompson, dr. Octavio Augusto Inglez de Souza, dr. Octavio Mendes, dr. Pedro Lessa, dr. Plinio Barreto, dr. P. A. Gomes Cardim, dr. Ricardo Severo, dr. Ricardo Gonçalves, dr. Ruy de Paula Souza, Ricardo Figueiredo, dr. Rogerio Fajardo, dr. Roberto Moreira, dr. Raul de Sá Pinto, dr. Sebastião Soares de Faria, dr. Sylvio de Andrade Maia, dr. Synesio Rangel Pestana, dr. Thomaz Catunda, dr. Victor da Silva Freire, dr. Valdomiro Silveira, dr. Virgilio do Nascimento.



AS CARICATURAS DO MEZ



A papelada — A ponta do casco alemão já não chega para as notas norte americanas.

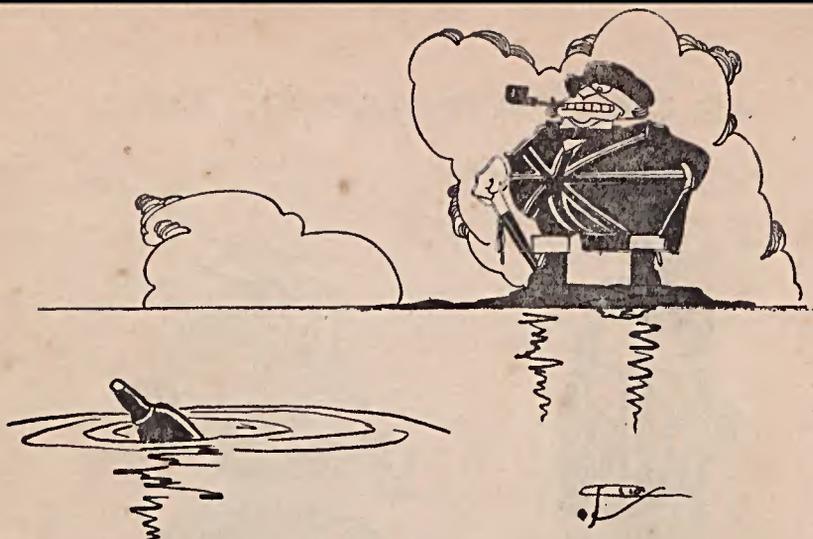
(“Careta” — J. Carlos)

OS CORRESPONDENTES NO THEATRO DA GUERRA



Allemão — Conquistamos, hontem, mais uma trincheira
Inglez — O marco baixou mais um bocadinho.

(“Pirralho” — Voltolino)



João Bull — Lá vem um submarino.

(“Careta” — J. Carlos)

OS NEUTROS PROTESTAM



O Brasil também “deu a sua Nota”

(“Careta” — J. Carlos)

==== EDIÇÃO DA NOITE DO
"ESTADO DE S. PAULO"



Jornal moderno, de formato commodo,
publicando oito paginas diariamente
Insere telegrammas de ultima hora

ASSIGNATURAS - Anno 15\$000
6 mezes. . . 8\$000

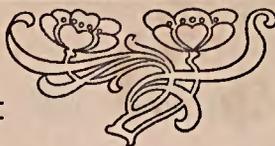
Para anuncios:

Pedro Didier

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

Valentim A. Harris & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45



Os Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia

SÃO PUBLICADOS MENSALMENTE

Cada numero contem 24 a 32 paginas de texto
AS ASSIGNATURAS PARTEM de JANEIRO ou JULHO e são sempre annuaes

Assignaturas : 15\$000

ANNO

Para estudantes

Assignatura annual: 10\$

Num. avulso : 1\$500

Redacção e Administração

Rua de São Bento N. 41
(Sobrado)

S. PAULO - BRASIL

Os autores de artigos originaes tem direito, quando o sollicitando, a cincoenta separados do seu trabalho.

Toda a correspondencia sobre assignaturas, annuncios nacionaes etc., deverá ser endereçada ao Redactor Secretario Dr. AYRES NETTO. Rua Quintino Bocayuva, 4

Toda a correspondencia do Estrangeiro, artigos originaes ou outros, deverá ser dirigida ao Redactor Secretario Dr. REZENDE PUECH. Rua S. Bento, 41

A redacção dará noticia e analyse, nas columnas do jornal, de todos os livros e trabalhos que lhe forem remetidos.

La Redaction annoncera et analysera les livres ou ouvrages dont un exemplaire lui sera envoyé.

Para annuncios nacionaes, tratar eom a Redacção ou seus agentes autorizados.

Pour la publicité européenne, s'adresser à Mr. E. THIOLLIER - 54, Rue JACOB, PARIS, Règic Exclusive des Journaux de Médecine.



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escritório de advocacia e comercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escritorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE, ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escritorio de advocacia e comercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escritorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escritorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angellca, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. — Rua Libero Badaró, 181. Teleph. 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. — Resid.: Rua da Consolação, 62. — Consultorio: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethrites chronicas, pelos methodos mais aperfeiçoados. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Teleph. 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escritorio: Travessa do Commerço, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: Rua Albuquerque Lins, 58. Telephone 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua S. Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.—Rua S. Bento, 57 (baixos).

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e commissões em geral — Agentes de companhias de seguros.—Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, Telegrammas: "Belli".

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação. Artigos para escriptorio, pintura, desenho e engenharia. Utensilios para typographia, encadernação, pautação e este-reotypia. — Telephone 792 — Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras — Variado sortimento de malas de couro, lona e zinco — Malas para cabina, de mão e bolsinhas. — Saccos de roupa suja, cadeiras e mais artigos de viagem. — Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

PREPARATORIOS

CORPO DOCENTE:

Professor LUIZ BASILE

Professor A. FERREIRA DAS NEVES

Professor J. CURCIO PALMIERI

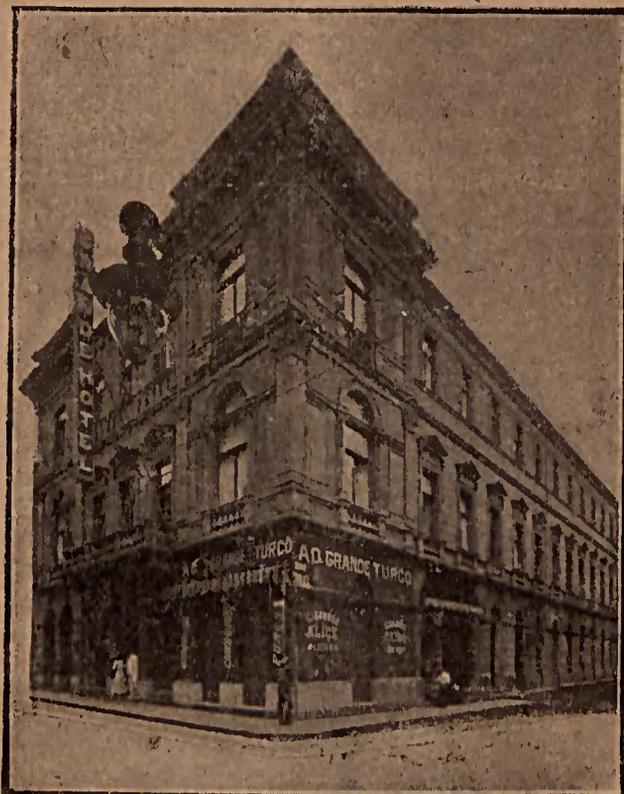
Dr. J. C. FAIRBANKS, Engenheiro Civil

RUA DO SEMINARIO, 13

SÃO PAULO

Para admssão á Faculdade de Medicina, á Academia de Direito, á Escola Polytechnica, de Pharmacia, de Odontologia, de Obstetricia, de Commercio, á Escola Normal Primaria e Secundaria.

GRANDE HOTEL



O hotel mais antigo e acreditado do centro da cidade
APOSENTOS VASTOS E LUXUOSOS

Ordem e moralidade absolutas - Serviço irreprehenível ==

Rua de S. Bento N. 49

Caixa Postal N. 49
Telephone N. 834

SÃO PAULO

Grande Fabrica de Bilhares TACO de OURO :: JANUARIO PIRILLO

importação e exportação de artigos para bilhares - Tornearia. Tapeçaria e Moveis
Pintam-se pannos para todos os jogos, sendo todas as encomendas, tanto da Capital como do Interior executadas com a maior presteza

TORNEIAM-SE BOLAS COM PERFEIÇÃO

Jogos de bolas, tabellas de borracha de diversas qualidades, pannos, sollas, marfins, giz branco e azul, tacos de varios felttos, escovas, cõa especial em vidros, tintas para tingir bolas, etc., etc., sendo todos os artigos de primeira qualidade.

Artigos para todos os jogos, como sejam : Roletas, tableau de roletas, tableau de baccarat, mesas para jogos carteados, fichas, bolinhas para roletas

Largo General Osorio, 29 :: S. PAULO :: Telephone, 3799

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação ==

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

Em Quartois e por duzias. :: Grande Variedade em

LICORES FINISSIMOS

Nacionaes e estrangeiros ::

Não deixem de comprar uma **Lamparina Ideal**

Última novidade: pratica, economica e hygienica :::

RUA DE SÃO BENTO, 76

Telephone, 429

Café Academico

Telephone, 1336

*Café e Bar completo
Casa de 1.a ordem ::*

Bernardino José Borges

Rua Direita, 53

S. PAULO

Grande Fabrica de COFRES e Officina Mechanica

Premiada com Grand Prix nas Exposições : Nacional, 1908 — Milano, 1912 e 1913 — Gran Premio e Medalhas da Ouro

VITTORIO GARIBALDI

Patente privilegiada N. 5222

Fazem-se chaves difficeis e qualquer trabalho pertencente a esta arte

Travessa do Seminario, 10 - 12 :: Telephone, 2412

SÃO PAULO



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 - Telephone, 2795 - Caixa Postal, 571 - SÃO PAULO

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco accita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

Industrias de Esmaltação

ENAMEL
INDUSTRIES

FABRICA DE FERRO ESMALTADO E FUNDIÇÃO

Placas esmaltadas, Numeros, Letreiros, Fogões
economicos esmaltados, Caixas de descarga,

Latas frigorificas

M. Boeris & Comp.

BREVEMENTE:

Fabricação de ferro Fundido
Esmaltado, Artigos Sanitarios
etc.

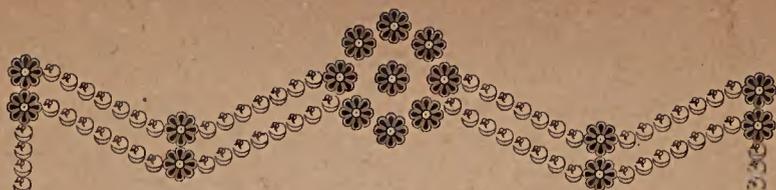
*Unicos Fornecedores da Prefeitura
Municipal da Capital do Estado*

Telephone N. 4794

Loja e Escritorio:

Caixa N. 903

Rua Florencio de Abreu, 6-A - S. PAULO



Grande Loteria de S. Paulo

em 28 de Junho

200 CONTOS

em tres grandes premios

100:000\$000

50:000\$000 — 50:000\$000

Os bilhetes já estão á venda em todas as casas
deste negocio.



REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorizados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Julzes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560



WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE 'ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRÁGENS; OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANÇA"** de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.
"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.



Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

CASA EDITORA ITALIANA

Dr. Francisco Vallardi

MILANO

Filial de S. PAULO - Rua José Bonifacio, 34

Caixa, 582 - Telephone, 3679

OBRAS DE MEDICINA - DIREITO - VETERINARIA - ENGENHARIA
LITERATURA, ETC.

REVISTAS DE DIREITO - MEDICINA - LITERATURA

BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

CASA RAMOS

Especialidade em Casemiras Inglezas e Francezas

**GRANDE ALFAIATARIA
S. RAMOS & COMP.**

Confecção a capricho e pelos ultimos figurinos

Telephone, 2165

Caixa, 171

RUA DO THESOURO, 7

SÃO PAULO

“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripuração, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: Livrarias ALVES e GARRAUX

Editores: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

Redacção: RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908

GRANDE MARMORARIA DE

Serafino Francesconi

IMPORTAÇÃO DIRECTA de Marmores, Estatuas, Vasos, Cruzes, etc.

Apremtam-se com brevidade quaesquer trabalhos como sejam

Monumentos para Cemiterios, Altares, Escadas

e qualquer outro serviço concernente a este ramo de negocio

Preços rasoaveis

Rua Aurora N. 59

:-:

SÃO PAULO

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão, etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

■ ■

SÃO PAULO

■ ■

Joallerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

· RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Mar-
bres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

ALFAIATARIA SÁ PEREIRA

— de —

A. R. Bastos

MODAS E CONFECÇÕES PARA HOMENS

Telephone, 4295

RUA DE S. BENTO, 12-B (sobrado) - SÃO PAULO

(Proximo aos Quatro Cantos)

Sportsman Salão de Engraxates
e Tabacaria

TRAVESSA DO COMMERCIO, 12

Presentemente é o melhor Salão de engraxates que existe em S. Paulo

*Casa de primeira ordem onde os dignissimos freguezes encontram: or-
dem, limpeza, hygiene e conforto e está em condições de servir bem o freguez
por mais exigente que seja e para isto tem pessoal competente na arte, e em-
prega material de primeira ordem no serviço.*

*O mesmo salão tem Tabacaria onde se encontra uma exposição perma-
nente de CHARUTOS e CIGARROS das melhores marcas. — O proprietario toma
a liberdade de convidar-vos para uma visita ao mesmo para verificarem a verdade.*

Desde já muito agradece.

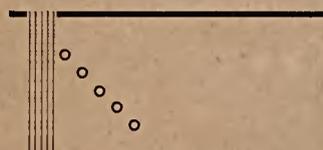
ALVARO F. BURGOS

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIÔ DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

SUMMARIOS DA REVISTA

N. 1 — 25 de janeiro de 1916

REDACÇÃO	Revista do Brasil.
PEDRO LESSA, da Academia Brasileira	O preconceito das reformas constitucioaes.
ADOLPHO PINTO	O cotecario da lodepedecia.
L. P. BARRETTO	O oitimo passo da chirurgia.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	O elogio da mediocridade.
VALDOMIRO SILVEIRA	Descespero de amor.
JOSÉ VERISSIMO, da Acad. Brasileira.	O moderorismo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — O codigo Civil Brasileiro, P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e esculptura, P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situacão internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituções das republicas do hemispherio occidental. — A alimentacão das crianças nas escolas. — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da «triplice-entente». — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da «réclame», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automoveis amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins, X. — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

N. 2 — 25 de fevereiro de 1916

MARIO DE ALENCAR, da Acad. Bras.	José Verissimo.
CARLOS DE CARVALHO	Ecoomia e floanca de S. Paulo.
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoora cafeira de S. Paulo.
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas.
VEIGA MIRANDA	O Margarida (novella).
ARMANDO PRADO	Francisco Adolpho de Varahagen.
E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	Um teformaote do Imperador Pedro II.
FLORIVALDO LINHARES	O "apriori" na theoria criticista.
PLINIO BARRETO	Edoardo Prado e seos amigos (cartas ineditas).

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick*. — José Verissimo. — A «Atlantida», R. S. — Nacionalisacão da arte, R. — Pintura, N. — Musica, F. — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Steccetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientacão social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificacão dos caminhos de ferro, L. — As propriedades therapeuticas do sapo — Como se deve estudar — A reconstitução das florestas — Odores humanos — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

N. 3 — 25 de março de 1916

AUGUSTO DE LIMA, da Acad. Brasileira	Afonso Arinos.
AURELIO PIRES	Recordaado . . .
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoora cafeira de S. Paulo (com illustrações).
MARIO PINTO SERVA	A orgaolsacão do meio circulaote.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	A palmeira e o ralo.
MONTEIRO LOBATO	A vlogança da peroba.
OCTAVIO AUGUSTO	Nos dominios de Beethoveo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	1815-1915.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Afonso Arinos, *Redacção* — Afonso Arinos (soneto), *Arduino Bolivar* — As Academias de Portugal, R. S. — Eduardo Prado, P. — Pintura, N. — Musica, F. — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do Norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das racas na America — As mutuaas escolares na Italia — Consequencias da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o systema nervoso — Os metaes da guerra — Os diarios de Tolstoi — Gathe nas trincheiras. — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas). — Retratos: Afonso Arinos e Lucilio de Albuquerque, por *Wash Rodrigues*. — Gravuras fóra do texto: «Mãe preta», quadro de *Lucilio de Albuquerque*. — Fazendas do Estado de S. Paulo (oito gravuras).

N. 4 — 25 de abril de 1916

ANTONIO PRADO	O "stock" hovlo e a exportacão da caroe.
CARLOS DE CARVALHO	Operações de cambio.
HELIO LOBO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	Sós oa America.
JACOMINO DEFINE	Lendas e mythos.
MEDEIROS E ALBUQUERQUE, da Ac. Brasileira.	O meo amigo D. Jnan.
JULIO CESAR DA SILVA	Poeslas.
A. CARNEIRO LEÃO	Litterature brésilleooc.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — As promessas do escotismo, R. M. — Arthur Orlando — Padre Julio Maria — Francisco Glycerio — Caricatura e pintura, F. — Varnhagen e a sua obra — Brasil Historico — Credito Agricola — Transformações do captiverio — O «stimulo da natureza» — O fim do mundo — Os microbios e a temperatura — Como se tem julgado a dança. — As caricaturas do mez (quatro caricaturas reproduzidas). — Retratos: Voltolino, Arthur Orlando, padre Julio Maria e Francisco Glycerio, por *Wash Rodrigues*.

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBA, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor. Rodas de agua,
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14

SÃO PAULO

OFFICINAS D' O ESTADO DE S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. T. DE SOUZA REIS	A moeda metallica no Brasil (I).	95
JOSÉ ANTONIO NOGUEIRA	Narcisos e Jeremias	111
ALBERTO SEABRA	Os versos aureos de Py- thagoras.	122
JOÃO RIBEIRO <small>da Academia Brasileira</small>	Vida do Padre Antonio.	136
JOÃO KÖPKE	Educação moral e civica (I)	146
CARLOS MAGALHÃES DE AZE- REDO <small>da Academia Brasileira</small>	Sonetos a Helena.	166
E. ROQUETTE-PINTO <small>do Instituto Hist. e Geograph. Brasileiro</small>	Rondonia.	169
ÁLVARO DA SILVEIRA	As florestas e as chuvas	172
FRED. G. SCHMIDT.	Assimilação do immi- grante	182
COLLABORADORES	Resenha do mez	185

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 6 - ANNO I

VOL. II

JUNHO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Emilio Faguet — Bibliographia —
O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universi-
dades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philanthropia de
Affonso XIII — O maior escriptor francez — **As caricaturas
do mez** (cinco caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” comple-
tou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alpha-
betico e analytico que já foi remetido a todos os assignantes.
As pessôas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode
fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fas-
ciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LÉTRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS :

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO
CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



RESENHA DO MEZ — Emilio Faguet — Bibliographia —
O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universi-
dades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philanthropia de
Affonso XIII — O maior escriptor francez — **As caricaturas
do mez** (cinco caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” comple-
tou o seu primeiro volume, de 464 páginas, com indice alpha-
betico e analytico que já foi remcttido a todos os assignantes.
As pessôas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode
fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fas-
ciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



Auto-Geral



CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS ❖❖

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA
- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO



TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

TELEPHONE, 2141

SERRARIA FORSTER

José H. Forster

Deposito de Madeiras Extranjeiras e Nacionaes
Desdobram-se Toros

Apromptam-se quaesquer encommendas com urgencia

Alameda dos Andradas, 30 :: SÃO PAULO

CASA SANTOS

DEPOSITO DE VIDROS PARA VIORAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos,
Molduras, Papeis pintados, Olographias, etc.

Encarrega-se da collocação de vidros tanto na Capital como no interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO

Molho Aromatico Brasileiro

O melhor estimulante da digestão. Aroma delicioso e sabor
agradabilissimo. Indispensavel ás pessoas de bom paladar.

Preparado por **J. Thomaz de Aquino**
REZENDE - Estado do RIO

Preço por duzia: 18\$000 (commum) 20\$000 (especial)

Depositarios:

S. Paulo: - I. DIEGO & Co. - Av. Rangel Pestana, 6
Rio: TEIXEIRA BORGES & C. - R. do Rosario, 110 e 112

Joallerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Mar-
bres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas
Hydro-Electricas. Material de alta o baixa tensão, Turbinas, Goradores,
Motores, Transformadores, Medidores, Telephones, Fios e Cabos, Isolado-
res, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

Sportsman Salão de Engraxates
e Tabacaria

TRAVESSA DO COMMERCIO, 12

Presentemente é o melhor Salão de engraxates que existe em S. Paulo

*Casa de primeira ordem onde os dignissimos freguezes encontram: or-
dem, limpeza, hygiene e conforto e está em condições de servir bem o freguez
por mais exigente que seja e para isto tem pessoal competente na arte, e em-
prega material de primeira ordem no serviço.*

*O mesmo salão tem Tabacaria onde se encontra uma exposição perma-
nente de CHARUTOS e CIGARRROS das melhores marcas. — O proprietario toma
a liberdade de convidar-vos para uma visita ao mesmo para verificarem a verdade.*

Desde já muito agradece.

ALVARO F. BURGOS

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLÍNIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

CASA RAMOS *Especialidade em Casemiras Inglezas e Francezas*

GRANDE ALFAIATARIA,
S. RAMOS & COMP.

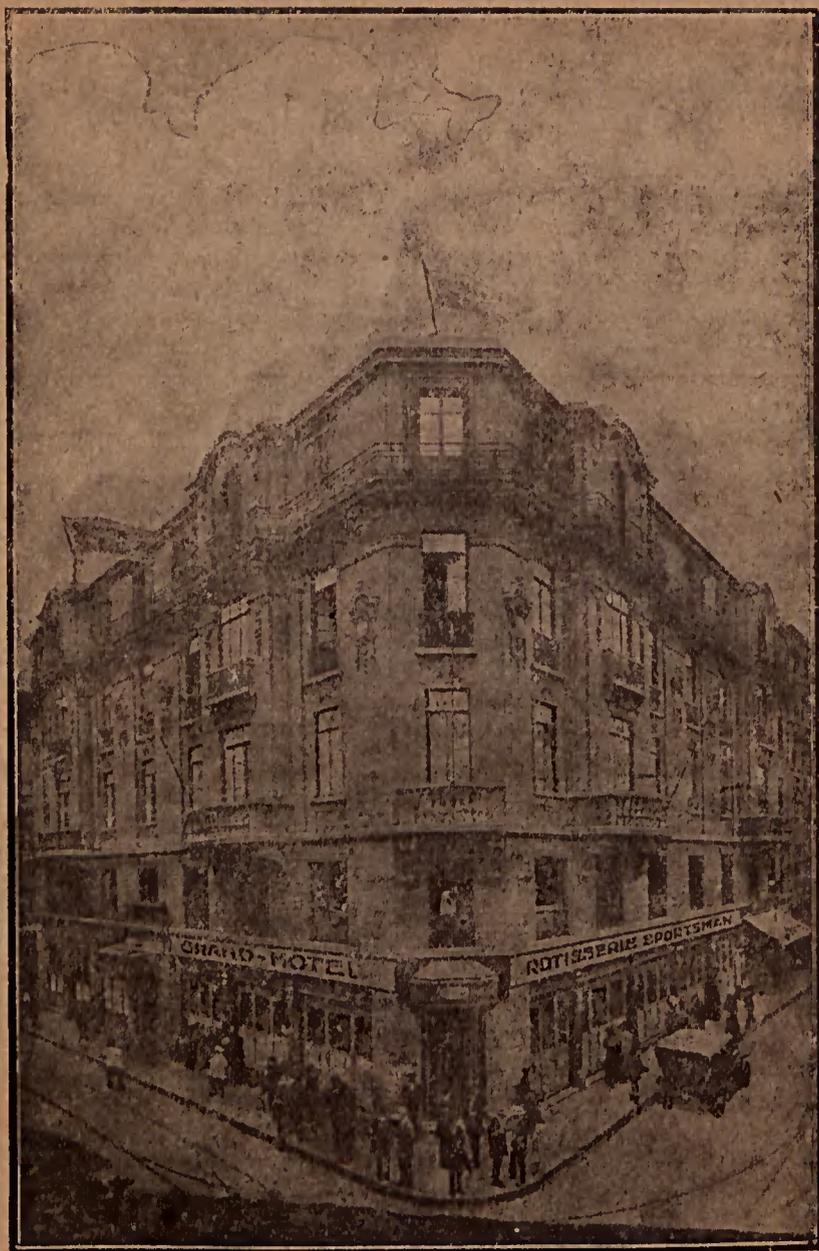
Confecção a capricho e pelos ultimos figurinos

Telephone, 2165

Caixa, 171

RUA DO THESSOURO, 7

SÃO PAULO



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 , Telephone 2795 - Caixa Postal, 571 - **SÃO PAULO**



Grande Fabrica de Bilhares TACO de OURO :: JANUARIO PIRILLO

Importação e exportação de artigos para bilhares - Tornearia. Tapeçaria e Moveis
Pintam-se pannos para todos os jogos, sendo todas as encomendas, tanto da Capital como do Interior executadas com a maior presteza

TORNEIAM-SE BOLAS COM PERFEIÇÃO

Jogos de bóias, tabelas de borracha de diversas qualidades, pannos, sollas, marfins, giz branco e azul, tacos de varios feltros, escovas, côa especial em vidros, tintas para tingir bolas, etc., etc., sendo todos os artigos de primeira qualidade.

Artigos para todos os jogos, como sejam : Roletas, tableau de roletas, tableau de baccarat, mesas para jogos carteados, fichas, bolinhas para roletas

Largo General Osorio, 29 :- S. PAULO :- Telephone, 3799

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação ==

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

Em Quartolas e por dzias. :- Grande Variedade em

LICORES FINISSIMOS
Nacionaes e estrangeiros ::

Não deixem de comprar uma **Lamparina Ideal**
Ultima novidade; pratica, economica e hygienica :: ::

RUA DE SÃO BENTO, 76

Telephone, 429



BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depósitos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depósitos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.!

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

Redacção: **RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43**

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908



Os Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia

SÃO PUBLICADOS MENSALMENTE

Cada numero contem 24 a 32 paginas de texto
AS ASSIGNATURAS PARTÊM de JANEIRO ou JULHO e são sempre annuaes

Assignaturas : 15\$000

ANNO

Para estudantes

Assignatura annual: 10\$

Num. avulso: 1\$500

Redacção e Administração

Rua de São Bento N. 41

(Sobrado)

S. PAULO - BRASIL

Os autores de artigos originaes tem direito, quando o sollicitando, a cincoenta separados do seu trabalho.

Toda a correspondencia sobre assignaturas, annuncios nacionaes etc., deverá ser endereçada ao Redactor Secretario Dr. AYRES NETTO. Rua Quintino Bocayuva, 4

Toda a correspondencia do Extrangeiro, artigos originaes ou outros, deverá ser dirigida ao Redactor Secretario Dr. REZENDE PUECH. Rua S. Bento, 41

A redacção dará noticia e analyse, nas columnas do jornal, de todos os livros e trabalhos que lhe forem remettidos.

La Redaction annoncera et analysera les livres ou ouvrages dont un exemplaire lui sera envoyé.

Para annuncios nacionaes, tratar com a Redacção ou seus agentes autorisados.

Pour la publicité européenne, s'adresser à Mr. E. THIOBLIER - 54, Rue JACOB, PARIS, Régie Exclusive des Journaux de Médecine.



Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella

Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

CASA EDITORA ITALIANA

Dr. Francisco Vallardi

MILANO

Filial de S. PAULO - Rua José Bonifacio, 34

Caixa, 582 - Telephone, 3679

OBRAS DE MEDICINA - DIREITO - VETERINARIA - ENGENHARIA
LITERATURA, ETC.

REVISTAS DE DIREITO - MEDICINA - LITERATURA

F. BULCÃO & C.

CASA MATRIZ:

RIO DE JANEIRO - Avenida Rio Branco N. 20

CASA FILIAL:

S. PAULO - Rua Florencio de Abreu N. 58

OFFICINAS:

Jundiahy

Fabricantes e importadores de Machinas para Industrias e Lavoura

ESPECIALIDADES DA NOSSA FABRICAÇÃO:

Machinas completas para café, canna, mandioca, arroz, milho, madeiras, torradores de café de diversas capacidades

Além das machinas de beneficiar café, fabricamos tambem machinismos para capacidade de 300 até mil arrobas de café beneficiado por dia. -- Tendo os srs. agricultores reconhecido a superioridade de nossas machinas separadas ou conjugadas de beneficiar café e outras sobre as demais combinações que por ahi appareceram, excusado será recommendarmos aos srs. interessados os machinismos de nossos vastos ramos industriaes e commerciaes. :-: :-:

F. Bulcão & C. - Casa Arens

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inequalavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corrêas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B

SÃO PAULO

JOÃO DIERBERGER
FLORICULTURA

|||
SÃO PAULO
|||

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,

Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

• PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

*Massucci Peracchi
Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMA PARA SABONETE



• ESCRITORIO - Rua Florencio de ABREU 52
• FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO •

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



———— Edição da noite de ————
“O ESTADO DE S. PAULO”

Jornal moderno, de formato commodo, publicando oito paginas diariamente

INSERE TELEGRAMMAS DE ULTIMA HORA

ASSIGNATURAS:

Anno. 15\$000 — 6 mezes. 8\$000

Para Annuncios:

PEDRO DIDIER

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

VALENTIM A. HARRIS & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45



SECÇÃO DE OBRAS

— DE —

“O Estado de S. Paulo”

Jornaes, Revistas, Folhetos, Appellações e Trabalhos commerciaes

com esmero e a preços modicos

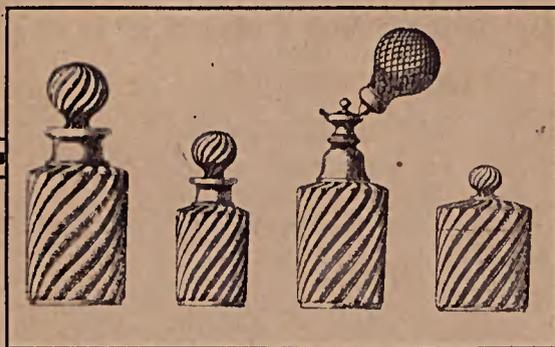
TELEPHONE, 725



SECÇÃO ARCHIVO

RUA 25 DE MARÇO N. 145 -- SÃO PAULO

CASA FRANCEZA
— DE —
L. Grumbach & Cia.



APPARELHOS PARA LAVATORIO
O melhor Sortimento

JOGOS DE FRASCOS PARA PERFUMES
Preços moderados

Rua São Bento Ns. 89 e 91 — SÃO PAULO

Grande Fabrica de COFRES e Officina Mechanica

Premiada com Grand Prix nas Exposições : Nacional, 1908 — Milano, 1912 e 1913 — Gran Premio e Medalhas de Ouro

VITTORIO GARIBALDI

Patente privilegiada N. 5222

Fazem-se chaves difficeis e qualquer trabalho pertencente a esta arte

Travessa do Seminario, 10 - 12 :: Telephone, 2412
SÃO PAULO

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Electr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 — SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transmadores, Medidores, Telephones. Pjos e Cabes, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

A MOEDA METALLICA NO BRASIL

(SYNTHESE RETROSPECTIVA)

A moeda no periodo colonial — O Conde de Ercelra e o bi-metallismo — A unificação monetaria — os resultados da lei de 1688 — A moeda fraca e a crise do fim do seculo XVII — Primeiro golpe ao bi-metallismo — As emissões de cobre ordenadas por D. João V — Casas da Moeda do Rio e da Bahia — Moedas nacional e colonial — O mono-metallismo-ouro — Legislação parcellada — Moeda especial nas terras de Minas — O fracasso do emprestimo de 1796 — Medidas visando o augmento do numerario — Tentativa para introduzir o papel-moeda — As novas cunhagens de 1797 — Abertura dos portos brasileiros ao Commercio Internacional e os seus effectos no problema monetario — Duas taxas de cambio par — Desordem monetaria — A legislação de D. João VI — Fuga da moeda de ouro — Desdobramento da prata e do cobre — O 1.º Imperio e a desordem monetaria. Herança aos estadistas da Regencia — O resgate do cobre e do papel-moeda foram as preocupações dominantes no periodo regencial — A proposta do Marquez de Barbacena — A lei de 1833 — Fracasso da circulação em ouro — Impossibilidade de organização bancaria — A situação financeira do quinquenio 1840-45 — Nova legislação monetaria — Razões que a justificaram — A lei de 1846 e o padrão monetario actual — A moeda de prata — Decretos de 1846 e 1849 — A legislação posterior mantem para a prata a função de moeda auxiliar com curso obrigatorio limitado — A proposta da Commissão de Finanças da Camara em 1912 — Debate provocado pelo deputado Calogeras — A lei que autorizou a recente cunhagem da prata, não attinge a legislação de 1846 — Declarações categoricas de Homero Baptista e Antonio Carlos — Emissões illegaes de prata e nickel — Seus effectos — Bi-metallismo? — A solução do problema monetario exige firmeza e constancia de orientação.

I

E' sempre interessante tratar da moeda metallica em nosso paiz, principalmente, sob o ponto de vista historico, já pela desordem monetaria que herdamos de Portugal, já por ter sido, este problema, e o ser ainda, o alvo collimado, de preferencia, por todos os governos durante os nossos 94 annos de Independencia.

Além disto, que questão economica sobreleva em importancia a da moeda? Não ha, não pode haver organização economica e financeira em um paiz não dispondo de uma circulação sadia, de um perfeito systema monetario. Todo desenvolvimento economico tem por base o credito, tanto vale dizer, uma solida organização bancaria e esta não póde existir nas sociedades em que o numerario é constituido, unicamente, pelo papel de curso forçado. Dotemos um paiz com moeda má e tel-emos sempre sujeito ás alternativas de prosperidade e miseria, enfraquecido e pobre, opulento hoje, andrajoso amanha, entregue ás oscillações da sorte, aos vendavaes da fortuna, ora impulsionando todas as actividades, ora destruindo todas as energias.

Ainda interessante se nos afigura, em meio da quadra amarga que percorremos, estudar um problema nosso que, apesar de jámais ter sido descurado, durante quasi um seculo, comtudo, contiúa a pedir que se lhe desvende a trilha da solução, desde que não a podemos resolver immediatamente.

Não será para extranhar encontrar-se no Brasil quem ignore ser o nosso systema monetario o mono-metallismo ouro, de tal sorte e ha tanto tempo já afastada das transacções commerciaes, a moeda de metal amarello que o Poder Publico declarou ser a legal. Em vez della conhecemos as notas do Thesouro, tão malsinadas por uns e decantadas por outros, contendo a esperança vaga de resgate.

E tão vaga, é a promessa que em geral nem mesmo nos apercebemos mais da obrigação que nos assiste de effectuar este troco, tal tem sido, nos ultimos tempos, principalmente, a orientação financeira e economica dos nossos governos.

Entretanto, não parece ainda de todo extinto o grupo de teimosos que insiste em considerar, divida sagrada, o papel-moeda circulante, procurando nas forças vivas do paiz, na



ordem e equilibrio das finanças, no franco desenvolvimento da energia economica, chegar ao restabelecimento do regimen metallico, banindo, expulsando da vida commercial o papel inconversivel, que força é confessar, tem sido a causa permanente das perturbações economicas do Brasil.

Somos dos que pensam que as questões dessa natureza devem sempre ser encaminhadas para o terreno da solução ditada pelo elemento historico de cada povo, tão certo é nelle encontrarmos como corrigir os erros do presente e os materiaes de resistencia comprovada necessarios á construcção do edificio do futuro.

Pena é, ser demasiada pesada a tarefa de descrever a obra dos estadistas do passado, firmada neste mesmo elemento historico e bem assim a destruição periodica, que, em nome de interesses parciaes, foi feita dessa obra. Veriamos então como por vezes foi o caminho da solução definitiva aberto ao nosso futuro e outras tantas desviado o rumo da picada, soffreada a marcha redemptora do curso forçado até á regressão a ponto já vencido, á adopção de processos condemnados, base falsa, insustentavel, terreno pantanoso, donde pretendemos, ainda hoje, ver surgir o monumento da nossa grandeza economica.

Essas duas correntes que se contradizem, chocam-se, ha mais de 60 annos, passando ambas pelo Poder, periodicamente, destruindo cada uma a obra construida pela que a antecedeu.

Da incerteza de orientação de cada agrupamento, do ponto de vista de cada um, emana a collisão. O sentimentalismo, uma noção falsa da acção governamental em face de classes determinadas, anima a um dos grupos, emquanto que o outro visa os interesses geraes, a Patria acima de tudo, o bem estar de toda a nação.

De um lado a crença de que a protecção do Estado a esta ou aquella classe redundará, afinal de contas, no bem estar nacional; de outro lado a convicção de que tanto mais feliz será um povo quanto mais o Estado se mantiver dentro do conceito da Justiça e que não será amparando classes determinadas que se porfiará neste ideal.

Para uns o artificio deve ser creado e mantido desde que delle resulte qualquer vantagem, particular que seja, ainda que ephemera; para outros a acção governamental deve ser a de guia e de apoio ás leis naturaes. Tudo que entrava a marcha



natural dos phenomenos economicos, tudo que desobedece ás leis geraes da sciencia, deve ser afastado das normas administrativas.

Temos de nós para nós e já o dissemos na Imprensa, que as leis economicas são mais fortes que os sophismas; o artificio não derróca o phenomeno natural; é impotente para modificar, permanentemente, a sua acção ou para destruil-a; pode sim, atrophiar-lhe a energia, deter-lhe, provisoriamente, a marcha, mas, tão sómente, o tempo preciso para que a resistencia seja vencida pela reacção; não evita o triumpho, mesmo através de mais longo e tormentoso caminho.

No mundo economico as relações dos phenomenos, mantêm em equilibrio um systema invariavel. Se uma acção extranha, perturba a marcha natural de qualquer delles, as relações se alteram, o equilibrio se desfaz momentaneamente, mas, por fim, ha de se restabelecer na primitiva fórma, á custa de reacções sobre os outros. Se vantagens resultam da intervenção indebita, effeitos perniciosos são tambem sentidos, reflectindo-se nas outras partes constitutivas do systema.

Estimulemos a prodncção, sonhando com o nacionalismo, crentes de podermos viver isolados do concerto internacional e havemos, finalmente, de recuar dessa trilha ante o esmagamento que nos ameaçará na nossa propria patria. Desvalorisemos a nossa moeda e dia virá em que sentiremos a asphixia quando tivermos de adquirir a moeda internacional.

A historia da moeda no Brasil é a da luta entre o sentimentalismo que anima a corrente nacionalista, proteccionista, a qual se incorporam os homens de negocio e a do patriotismo que aspira para a patria logar de destaque no convivio internacional, prosperidade e grandeza, tendo por base a boa doutrina economica.

E a controversia decorre, no que concerne á moeda, da desharmonia existente entre a que usamos nas relações ordinarias da vida social e a que por lei nos foi concedida, sujeita aos principios geraes da sciencia, ás conveniencias da prosperidade nacional.

De facto, como meio circulante, encontramos, entre nós, o papel inconversivel, emittido pelo Estado, os discos cunhados de prata, nickel e ainda de cobre, sem que sejam qualquer



destes o que reservamos como unico e bom, ao estabelecermos o regimen monetario.

Entre a lei e a pratica ordinaria da vida commercial, existe a mais profunda divergencia, com bem graves e perniciosos effeitos para a economia nacional.

Aliás, este mal é antigo, podendo-se dizer que jámais possuiu o Brasil, um meio circulante, tal qual fôra em lei estabelecido.

Volvamos os olhos para as paginas da historia colonial e só encontraremos na circulação, moedas cereceadas, de cunho imperfeito, contendo quantidade de metal fino, em grande desproporção com o valor nos mercados.

Se até o seculo XVII era má, em geral, a organização monetaria de todos os povos, já por um excessivo direito de senhoriagem, já pela falsificação tão communmente observada naquella época, cumpre salientar que em parte alguma, como na Inglaterra e Portugal era tão desenvolvida a profissão de moedeiro falso, explorando uma industria fartamente remuneradora, zombando da inefficacia das medidas de repressão, severamente mandadas adoptar.

Então, não se havia ainda bem firmado qual o metal preferido para representar efficientemente a moeda, recorrendo-se com relativa indifferença, ao ouro, á prata ou ao cobre. Dest'arte, correspondia a tal estado de cousas inevitavel desordem monetaria, acarretando aos Erarios da época a consequencia fatal concretizada nas finanças desorganizadas, ou para nos servirmos da phrase de um notavel economista moderno, referindo-se á situação financeira de certos Estados: finanças avariadas.

Não escapou Portugal a um tal regimen financeiro sendo bem de vêr que igualmente soffria a grande colonia portugueza da America.

Na verdade, parece que só no reinado de D. Pedro II, o Pacifico, teve o velho reino, ao lado do seu soberano, alguém que comprehendia a necessidade de boas finanças como base essencial da prosperidade de um povo.

D. Luiz de Menezes, o Conde de Ericeira, illustre pelo seu saber, talentos e actividade, animado de ardente desejo de impulsionar o desenvolvimento da sua patria, estimulou o progresso da industria, organizou as finanças da Corôa, sem ter

deseurado o problema monetario, tendo-o mesmo resolvido, satisfactoriamente, dentro das idéas economicas da época.

Predominava o mercantilismo; a preponderancia economica da França sob Luiz XIV, tornára o colbertismo doutrina francamente aceitavel.

O Conde de Ericeira, agia na sua patria animado pelas mesmas idéas do grande ministro de Luiz XIV; a historia portugueza, cognominou-o, por isto, o Colbert Portuguez. Seja ou não exaggerado o cognome, a nós pouco importa averigual-o; basta salientarmos que a elle deve o Brasil a legislação monetaria que vigorou até 1747, apesar de sensivelmente viciada nesse longo periodo, e, ter sido elle quem primeiro adoptou o ouro como padrão monetario.

Para as idéas do seculo, o alvará de 4 de Agosto de 1688 representa uma boa lei monetaria e se não trouxe ao nosso paiz a ordem necessaria á circulação, deve-se a inexiquibilidade á factores de outra natureza, da mesma fórma que a lei de 1846 não conseguiu até hoje, por periodo maior do que 6 annos dar-nos a ambicionada circulação metallea.

São as causas que militaram, para tal resultado, não só naquella época, como ainda hoje, que estudaremos em seguimento.

E' eontudo facto digno de registo ter sido o Brasil, colonia, embóra de Portugal, uma das organizações sociaes, que primeiro possuiu o metal amarello entre os padrões do seu systema monetario.

Quando ainda Loocke preferia a prata como *legal tender* e a aconselhava á Inglaterra e William Pety a preconisava igualmente, o Conde de Ericeira, declarava no alvará referido ser conveniente que o ouro e a prata ficassem equiparados perante as casas de moeda de Lisbôa e do Porto, fixando legalmente a razão entre os seus valores.

A lei não determinou arbitrariamente qual seria esta relação. Fixou-a, justamente, na existente no mercado, muito embora um pouco differente da registada em varias praças da Europa. E' sabido que em Portugal elia se manteve, por muito tempo em $\frac{1}{16}$ emquanto noutros paizes, permanecia em $\frac{1}{15}$. D. Luiz de Menezes adoptou a primeira.

Desse modo, o ministro de Pedro II estabelecia para o Reino e colonias o bimetalismo, reconhecendo como padrão ao



lado d'ô amarello o metal branco e providenciando de modo a que a cunhagem dos dois não se fizesse permittindo a existencia por lei de uma moeda má. Manteve, para ambos, o mesmo direito de senhoriagem e fixou em 6.6 %. O marco de ouro de 22 quilates seria pago, nas casas da moeda, pelo preço de 96\$000 e o de prata por 6\$000. Os cunhos seriam, portanto, na proporção de 102\$400 para o marco de ouro amoedado e de 6\$400 para o de prata nas mesmas condições; isto é, as moedas de ouro de 4 oitavas seriam cunhadas na razão de 1\$600 por oitava.

Para que a lei pudesse produzir os effeitos desejados, mandou-se fazer a unificação de toda a moeda cerecada em circulação no Reino e nas colonias.

Daquella data em diante só seriam recebidas nas transacções pelo valor do peso de metal que realmente possuissem ou então seriam levadas ás casas de moeda que as receberiam pelos preços acima para o metal fino que contivessem.

Essa foi a lei monetaria que por muito tempo vigorou nos dominios portuguezes, muito embora contra ella fossem desfechados profundos golpes sendo, certamente, o maior de todos, e contido na Ordem do Conselho de Fazenda no anno de 1747, que lhe modificou profundamente o espirito.

Antes de nos referirmos a esta Ordem, devemos investigar se no Brasil a primeira lei monetaria que o attingia foi praticamente executada. Não o foi; não, porque de seus defeitos emanasse a causa, mas, tão sómente, pelos mesinos motivos que determinaram sempre insuccesso das coisas brasileiras em bem largo periodo da nossa historia colonial: o descaso da Corôa, algumas vezes, outras vezes, o receio de que a rica colonia creasse azas...

A lei, já o dissemos, representava um producto da época; criava o bimetalismo com todos os seus defeitos, mas da sua pratica não emanaria a moeda fraca, nem seria a de ouro expellida, emquanto os dois metaes guardassem a invariabilidade de valores que o Conde de Ericeira, investigou nas praças e fixou no alvará de 4 de Agosto de 1688.

O Brasil possuia moeda cerecada em avultada proporção e principalmente as de prata, em virtude do alvará, proporeionavam á economia brasileira, uma perda representada em 17 % do valor da moeda circulante.



Não havia casa de fundição na colonia para a fabricação do novo cunho, não enviava Portugal stocks de moedas para a substituição das que aqui circulavam, providencia alguma tomou para regular a situação monetaria, nesta parte do Atlantico, quedando-se á espera de que a situação se modificasse á custa, unicamente, das relações commerciaes, da colonia com a Metropole.

Facil é imaginar a que desastrado estado economico foi arrastado, o nosso paiz, nessa época, attendendo a que só negociando com a Mãe Patria e possuindo uma moeda má em confronto com a do Reino, estavam os nossos antepassados, sujeitos a um regimen monetario depreciado. Como e de que fórma poderia ter curso no Brasil, conjuntamente com a sua desvalorizada moeda, a cunhada no Reino, que lhe era superior em valor intrinseco, conservando embóra os mesmos dizeres, os mesmos carimbos?

Só seis annos mais tarde e quatro depois da morte de D. Luiz de Menezes, resolveu a Corôa autorisar a fundação temporaria, na Bahia, de um estabelecimento destinado a cunhar moedas de um typo especial destinado á circulação colonial e que tivesse tanto menos valor intrinseco, quanto bastasse para que não fossem exportadas ou fundidas, devendo o estabelecimento existir, apenas, o tempo necessario para reduzir á nova fórma toda a moeda antiga. Cumprida a sua missão devia ser extincto.

Bastam, as instrucções que acabo de citar, mandando executar a lei de 1694, para esclarecer-nos porque a lei monetaria de 1688 não repercutiu, praticamente, no Brasil.

Essas providencias merecem alguns commentarios e deixam antever como, economicamente, preparava-se para o nosso paiz uma situação de crise. Estabelecia-se a moeda fraca no Brasil com o proposito de se evitar a exportação de seu meio circulante, de sorte que restricto ao Commercio com a Metropole e ficando em relação, numa situação de inferioridade manifesta, della recebendo tudo o que necessitavam ficavam os brasileiros ou os que entre elles residiam, sujeitos a resignação de uma vida carissima, cheia de difficuldades, determinada pelos elevados preços que seriam forçados a pagar plas mercadorias que importassem. E como só com o producto do trabalho colonial se poderiam liquidar as contas no escambo com a Mãe Patria, a

solução unica era: trabalhar, consumir a ultima parcella de energia para saldar do outro lado do Atlantico, a roupa que vestissem, os generos com que se alimentassem, a ferramenta que devia revolver o sólo abençoado da Patria querida! A Metropole distendia, assim, por sobre o Brasil, muito amado, as malhas da rêde metallica, os grillhões com que pensava prendel-o para sempre na posição humilde de escravo!...

Com a criação temporaria de uma casa de fundição na Bahia, mais tarde transferida para Pernambuco e Rio de Janeiro, modificou-se a lei Ericeira na parte referente ao Brasil e creou-se o typo de moeda dito colonial.

A modificação consistiu em alterar o preço da oitava de ouro augmentando-lhe o valor de mais 10 %. Quanto á moeda de prata, entendeu o Governo portuguez, que para o Brasil a relação devia ser outra. Cunhou-se prata guardando para o ouro, não a razão legal e do mercado de $\frac{1}{16}$, mas, sim a de $\frac{1}{10.5}$. Era evidente que a tão profundo golpe no bimetalismo, resultaria como resultou a emigração do ouro amoadade e o dominio, sem restricção, da moeda fraca de prata. Não se fez esperar a crise financeira que se alastrando attingin a todos os ramos da actividade, produzindo sensível desvalorisação do capital empregado no beneficiamento de terras, notadamente, na cultura da canna e fabricação do assucar.

O deficit que tanto perseguin as finanças coloniaes no tempo de Manuel Telles Barreto, em fins do seculo XVI e que já havia desaparecido no começo do seculo XVII resurgiu violento, tendo a aggraval-o a precariedade do capital applicado aqui, as difficuldades commerciaes resultantes da moeda fraca e o pessimo estado da saúde publica, origem de uma elevada mortandade e exodo provocadas pelas epidemias da bexiga e da *bixa*, nome com que se designava, então, a febre amarella.

Em taes condições era fatal que persistisse como persistiu a desordem monetaria no Brasil.

Ao lado da prata e do ouro, tinha curso, como moeda divisionaria, as peças de cobre de 10, 5, 3 e $1\frac{1}{2}$ réis. Zeloso de manter o systema monetario com que dotára sua patria, não obstante o primeiro choque que lhe produzira, no Brasil, em 1694, no occaso do seculo XVII, El-Rei D. Pedro II legislou

ainda, mandando, em 1699, que taes peças não tivessem curso obrigatorio nas transacções além da quantia de cem réis.

Como medida complementar, cinco annos mais tarde iniciava-se a importação do cobre em peças de 10, 20 e 40 réis, dando-se a esta como zona limite de circulação, as *terras de minas*.

Com a alvorada do seculo XVIII raio para Portugal o periodo de rutilante esplendor que as minas do Brasil lhe proporcionavam. Por outro lado, desenvolvia-se na Colonia a actividade aventureira em busca dos filões. Nas terras de minas onde a agglomeração despertava relativo incremento commercial, era, certamente, maior a necessidade do intermediario das trocas, dahi circularem, legalmente, como moeda em todas as transacções o ouro em pó ou em barra. Dessa fórma em taes regiões o problema monetario não exigia da Corôa outra providencia senão fornecer-lhe a moeda divisionaria de cobre que referimos.

Entretanto, no litoral, apesar da caudal de ouro que por elle passava, provindo das entranhas do Brasil, as difficuldades monetarias continuaram as mesmas. Para resolvel-as, D. João V ordenou a emissão de moedas de cobre para o Brasil e que, no dizer de um dos nossos mais competentes financistas modernos, trazendo a inscripção: *Pecunia—totum—circumvit—orbem* — parecia adquirir fóros de padrão monetario.

Por uma conveniencia toda da Corôa Portugueza foram fundadas duas Casas da Moeda em terras coloniaes: uma na legendaria Bahia em 1714 e outra no Rio de Janeiro, doze annos antes. Em taes estabelecimentos não seriam cunhados os disticos coloniaes; delles só sahiriam os nacionaes nos termos restrictos da lei de 1688. A moeda cunhada seria de tres oitavas com o valor declarado de 4\$800 e teria curso no Brasil com a moeda colonial de duas oitavas e vinte grãos, valor nominal de 4\$000.

Essa providencia ao lado da continua derrama de cobre que até 1730 Portugal fez no Brasil, não restringiu a desordem monetaria da Colonia.

A importação de cobre, naquelle momento, tinha um aspecto pittoresco digno de menção.

O ouro e os diamantes que remettiamos para a metropole eram-nos pagos em cobre. Trocavamos metal e pedras preciosas



pela azinavrada moeda africana, cuja circulação, aliás, estava prohibida no Reino.

Durante quasi meio seculo, sem que nenhum acto revogasse a lei monetaria que havia estabelecido o bimetallismo, vivemos sujeitos ás modificações que bem approuve a Corôa praticar, synthetisadas não só nas providencias relatadas, como em outras semelhantes, todas, tendo por effeito inevitavel, cada vez mais, afastar a pratica ordinaria das relações de commercio do caminho que em lei se havia bem nitidamente traçado.

O alvará de quatro de Abril de 1722 trouxe apenas, uma innovação ao systema monetario sem contudo deturpar-lhe o espirito. Mandou que se cunhassem os $\frac{1}{2}$ escudos, escudos e dobras de ouro de 22 quilates e pesos de $\frac{1}{2}$, 1, 2, 4 e 8 oitavas na razão de 1\$600 por oitava.

Verdade é que já então o ouro do Brasil, fascinara a Côrte de D. João V e provavelmente o metal branco, já era considerado indigno de figurar na legislação monetaria do velho Reino. Por esta época andava em perto de 2.000 arrobas a produção de ouro do Brasil que se exportara para Portugal.

Por outro lado no intuito de se evitar a exportação da moeda de prata que aqui circulava, persistia-se na idéa de augmentar o valor nominal das peças de metal branco, pela diminuição do peso das moedas, finalmente corporificada na ordem do Conselho de Fazenda de 7 de Agosto de 1747.

Esta ordem deu o golpe fulminante no bimetallismo, cinquenta annos antes estabelecido, e criou para Portugal e Brasil, o mono-metallismo ouro.

Conservou-se para o ouro o mesmo valor legal e deu-se á prata uma elevada senhoriagem de 16 %. Emquanto a oitava de ouro amoedado continuava a valer 1\$600 em Portugal e 1\$760 no Brasil, a prata cunhada passara a ter curso com um valor nominal muito superior ao seu valor intrinseco.

A nova medida poderia ter sido mais vantajosa á colonia se não continuassem a ser tomadas as mesmas providencias, desordenadas e sem systematização.

A Corôa, porém, parecia desconhecer como imperiosa é a necessidade de boa ordem administrativa para o desenvolvimento efficiente de qualquer povo. Nisto, aliás, ainda hoje, não se afasta muito o Brasil daquella época.



Pouco tempo depois de banida a prata do systema monetario, a Provisão do Conselho Ultra-marino datada de 30 de Março de 1750, mandou cunhar e generalisar o curso em toda a colonia da moeda de cobre de 40 réis, que até então só corria nas minas e em Dezembro prohibia que continuasse a circular dentro das minas, qualquer moeda de onro, inferior a 800 réis, isto é, differente do meio escudo, criado em 1722.

Esta prohibição, acarretou contratempos e difficuldades que mais tarde, em 1752, foram corrigidos com a cunhagem de moedas de prata, dos valores de 600, 300, 150 e 75 réis, tendo curso sómente em terras de minas, permittindo-se tambem a circulação dos pesos hespanhoes.

Na ultima metade do seculo XVIII com o declinio da exploração do ouro, a situação colonial tornou-se excessivamente precaria sob o duplo ponto de vista financeiro e economico. De muito pouco valeram os esforços de Luiz de Vasconcellos e Souza o penultimo Vice Rei do Brasil, autor do primeiro plano financeiro que conhecemos capaz de amparar, conscienciosamente, as energias economicas da Colonia.

A Corôa parecera ter abandonado á sua sorte esta parte dos seus dominios, só cuidando de tirar della os proventos maximos que pudesse dar. A divida do Erario Régio, no Brasil, segundo um officio do Vice-Rei de 1781, elevava-se a mais de dois mil contos de réis, representados em letras das Juntas de Fazenda, titulos fracos e desacreditados, com prazos vencidos de longa data.

A situação monetaria nenhuma modificação soffreu até os ultimos annos do seculo, quando se mandou cunhar para o Brasil, moedas de cobre, tendo os mesmos valores que as peças antigas, mas reduzida a metade o preço legal da oitava. Era um desdobraimento das moedas existentes e mais uma novidade na circulação: a moeda fraca de cobre — cujo valor legal passou de 10 réis a 5 réis por oitava.

Por este tempo, era melindrosa a situação financeira do Reino, sentindo-se abalada a Corôa Portugueza pela marcha accelerada com que os acontecimentos da França, synthetisados na Revolução, se extendiam por toda a Europa.

Na esperança de apparelhar o Erario para preservá-la e aos seus dominios e vassallos das *detestaveis idéas da França*, no dizer das Cartas Regias, appellou-se para o credito publico



em 1796 por meio de um emprestimo em apolices, reservando-se parte delle a ser subscripto no Brasil.

Não tratarei aqui da verdadeira odysséa que a historia deste emprestimo, sempre mal succedido, ainda mesmo quando a favorecer-lhe o exito se deixava ao seu serviço o guante de ferro a que costumava recorrer, como elemento essencial ao seu prestigio, D. José Castro, o Conde de Resende, então Vice-Rei do Brasil.

Bastará referir que do insuccesso do appello ao credito, resultou, para Portugal, o estabelecimento do papel moeda com juros e a tentativa de fazel-o introduzir no Brasil.

Entretanto, aquella porção de *apolices menores de 50\$ que girariam sem endosso, recebiveis nas estações publicas e entre acções particulares, sem excepção, como se fossem metal e com juros de 6 %* a que se referia o alvará de Julho de 1797, não logrou outros tomadores no Brasil, além dos funcionarios da Corôa e poncos fieis e dedicados vassallos. Foi porém invertida nesses titulos somma relativamente grande e producto da violenta acção do Vice-Rei, alienando as propriedades das ordens religiosas, casas de misericordia, etc, com evidente infracção de ordens que recebera para apenas insinnar que tal se fizesse, como, aliás, mais tarde declarou D. João VI, então Principe Regente.

A Corôa attribuiu, certamente, o insuccesso do emprestimo no Brasil, á falta de numerario e por isto, mandou cunhar mais cobre, desdobrando o existente. Foi um processo commo e que parece ter lançado profundas raizes na administração do Brasil. Então, desdobrou-se o cobre, hoje, desdobramos, o papel moeda.

Só no começo do seculo XIX percebeu o governo portuguez que a situação das finanças reaes, o desleixo dos seus negocios no Brasil, haviam sido causa predominante do descredito em que cahira e receiando, com a persistencia neste estado de cousas, atizar, alguma braza, que por acaso restasse do incendio de Villa Rica e justamente quando a Revolução Franceza lastrava victoriosa, resolveu para ventura nossa, poucos annos antes de Junot forçar a vinda do Principe Regente, providenciar para a liquidação do seu enorme debito na colonia, de modo a esboçar a consolidação da divida nacional, pouco tempo depois, em 1827 consumada pelo Brasil Independente.



* * *

São conhecidas as vantagens economicas auferidas, com a permanencia da Côrte Portugueza em terras coloniaes.

Justamente do mais importante acto desse periodo — a abertura dos portos do Brasil ao Commercio Internacional — resultaram difficuldades monetarias que se vieram juntar, aggravando-as ás que então soffriamos.

Na permuta livre com todas as nações, o Brasil passou desde logo a occupar a posição de devedor, de tal fórma lhe era contraria a balança commercial e mesmo a economica, pois nessa época, já haviamos contrahido em Londres um emprestimo em ouro que seria pago com o auxilio da exportação de productos do monopolio da Corôa.

Entretanto, as estatisticas deficientes de então, deixam perceber um saldo de exportação, verdadeiro, se bem que exagerado, até o decreto de 28 de Janeiro de 1808 e inexistente depois desta data. Na extensa costa do paiz campeava infrene o contrabando, sendo impossivel constatar o movimento exacto da importação. Sabe-se, porém, pelos estudos então feitos na Inglaterra, como augmentou consideravelmente a exportação deste paiz para o nosso. O facto era natural, porquanto, os portos europeos estavam trancados, de facto, á navegação portugueza desde que Portugal permanecera alliado da Inglaterra contra Napoleão. Só nas praças inglezas poderia supprir-se o Brasil.

Por outro lado, o commercio inglez procurava expandir-se deste lado do Atlantico, compensando dessa sorte o obstaculo que lhe creava o *bloco continental*. O testemunho insuspeito de um grande economista inglez, affirma que do tratado de commercio de 1810 resultou um movimento importador de mercadorias britannicas no Brasil, levado até ao exaggero.

Estava nessa occasião, a Inglaterra, no regimen do curso forçado, tendo a moeda brasileira elevado agio sobre o guinéu. O par do cambio entre as duas moedas era de 60 $\frac{1}{4}$ d. por mil réis. Referimos-nos a moeda de ouro cunhada no Brasil em virtude da lei de 1694. Entre o padrão ouro estabelecido em 1688 e confirmado em 1747 o par era de 67 $\frac{1}{2}$. Esta situação cambial, exprimia-se, na pratica ordinaria pelo par da moeda de 4\$000 e o da moeda de 6\$400 respectivamente. Nas praças, uma letra sobre Londres, negociara-se a 70 d. por mil réis.

Por algum tempo, gosamos essa valorisação da nossa moeda sobre a ingleza, valorisação que chegou até a expressão de um cambio de 96 d. justamente quando a escassez do ouro em Londres, dava-lhe no mercado o preço de 111 shs. a onça quando o da lei era de 77 $\frac{1}{2}$ shs.

O elevado preço do ouro, na praça onde mantinhamos o maior commercio e os saldos contrarios do balanço economico, foram factores que alliados ás medidas monctarias adoptadas por D. João VI, para attender ás necessidades do Erario no Brasil, determinaram a emigração das moedas de ouro que aqui ainda circulavam.

Na verdade, não foram pequenos os attentados contra a circulação monetaria, praticados pelo Principe Regente, salientando-se, dentre elles, tres que tornaram profundamente precarias as condições monetarias do Brasil e preparavam o meio onde floresceram as difficuldades com que no primeiro Imperio e mesmo além da Regencia, tiveram de luctar os nossos estadistas.

E' lamentavel que legislando sobre a moeda, o Principe Regente se deixasse conduzir pela preocupação de obter, de preferencia, uma maior somma de unidades monetarias, do que um mais forte valor intrinseco das mesmas. Seus actos tendiam todos para enfraquecer cada vez mais a moeda circulante. Triste e pernicioso illusão que vê na quantidade de numerario, as riquezas do Thesouro Publico!

Pensando, talvez em Montague, quando fundou o Banco da Inglaterra em 1696, D. João VI mandou criar o primeiro Banco do Brasil, em 1808 com o intuito expresso em lei de fornecer auxilios ao Erario Regio. Cumulou-o de favores, procurando, dest'arte, apressar a sua existencia e enquanto as providencias não surtiam o desejado effeito, repetia para a moeda de cobre a mesma operação que já mandára praticar em 1797.

Com o intuito de unifical-a D. Pedro introduzira a peça africana que não circulava em Portugal e no reinado de D. Maria se fizera a emissão para o Brasil com peso reduzido de metade. D. João em vez de tornar forte a moeda fraca existente, muito embora, até certo ponto isto desfizesse a sua primeira providencia sobre essa mesma moeda, foi coherente com o seu acto anterior e as suas ideias. Mandou que se elevasse ao dobro o valor nominal da mais forte.



Não parou, porém, o desdobramento monetario. Os pesos hespanhóes que apenas, até então se havia mandado punçar augmentando-lhe o valor para circular em terras de minas, foi carimbado, passando nominalmente a valer 960 réis, isto é, mais do que seu valor intrinseco.

Não é difficil pensar na situação economica a que eramos arrastados com tamanha desordem monetaria. O Erario, em todo o caso, munia-se, assim, de uma maior somma de numerario e o governo estava crente que dessa fórma lhe seria facil continuar a manter a opulencia da Côrte, as exigencias dos vasallos fieis que acompanharam o Principe na viagem ao Brasil e gosar o Inxo do Paço na contemplação deleitosa dos quadros de Le Breton.

Pouco depois, installado o Banco do Brasil iniciava-se o curso da moeda fiduciaria, tentado com insuccesso em 1797 e ensaiado mais tarde na circulação que se procurou dar ás letras das casas de fundições, emittidas contra a entrega de barras metallicas para cunhagem.

Em seus primeiros tempos as notas do Banco eram convertiveis, sendo digno de saliencia não ter o Principe, em meio das suas attribuições financeiras, recorrido a uma typographia de Estado e dos seus prélos ter feito surgir alluviões de bilhetes com a promessa de pagamento em tempo indeterminado e garantidas, como pomposamente hoje se diz, pelo Patrimonio Nacional.

D. João VI, porém, não procedeu assim. Praticou o mesmo abuso de todos os chefes de estado, em todas as épocas, quando á sua disposição têm um banco emissor official. Criou uma enorme divida perante o Banco. Este emittia para emprestar ao governo e quando em 1821, teve o Rei sciencia de que a situação do estabelecimento era precaria, que a bancarrota estava imminente, fez recolher aos cofres bancarios as joias e alfaias da Corôa para garantia da divida que immediatamente mandou considerar nacional.

Foi este o ultimo acto de D. João VI no que interessa a moeda. Dahi em diante, os abusos das emissões de papel e de cobre, que até hoje nos deixam bem longe da pratica de uma circulação sadia, correm por conta do Brasil Independente.

F. T. DE SOUZA REIS.



NARCISOS E JEREMIAS

Foi o sr. Afranio Peixoto quem descobriu ou pelo menos quem baptisou essas duas modalidades brasileiras. Narcisos são os patriotas sempre deslumbrados ante a belleza da propria terra e da propria gente. A seu ver o Brasil não padece eclipses. E' a inveja do resto do mundo e tudo nelle — homem e natureza — é magnifico e sem exemplar. Não pensam, porém, assim os Jeremias, raça sombria e lugubre, que se esnerra em aguar o entusiasmo dos primeiros com lamentações e tristes presagios, donde não ha extrahir nenhuma scintilla de esperanza. E cifra-se nestes dois campos, ao parecer do sr. Afranio, todo o patriotismo brasileiro.

Façamos praça de exemplos. Fala o sr. Affonso Celso, que entra sem duvida alguma no primeiro grupo:

Pintel a vossa incomparavel natureza, com o seu aspecto uivelado e calmo, desprovida de culminancias e abyssos ameaçadores, sem crateras activas, a amena variedade dos seus climas, a ausencia total de cataclysmos, terremotos, seccas prolongadas, Inundações; o nosso systema hydrographico completo, o estripendo numero de lagos, regatos e rios navegavels, entre os quaes o gigante Amazonas, soberano fluvial do mundo, com cerca de scis mil kilometros de curso, contando uma caterva de afflentes tambem colossaes.....

Demonstrel que eramos a primeira nação latina do Novo Mundo, dispondo de recursos incogotavels, em pleno progresso commercial, industrial e agricola, fabricas surdindo activamente, fios telegraphicos e estradas de ferro annullando a cada hora as distancias, a instrucção se expandindo numma ascensão rapida e estavel, a riqueza publica augmentando, a Inmigración estrangeira ufluindo em escala assombrosa.....

Recordel o julzo manifestado por excursionistas illustres sobre o Brasil: — Saint-Hilaire declarando que a Minas seria licito segregar-se do resto do mundo, pois encontraria em si propria tudo quanto pudesse necessitar; Agassis commemorando em phrases enlevadas a sua missão scientifica ao Imperio sul-americano; Humboldt presaglando que residiria nelle o nucleo da civilização futura; Martius pedlindo que sobre seu tumulo se collocassem folhas de palmaceas brasileiras.

Enumerei os costumes singelos e bons do povo, u sua perfeita tranquillidade, espirito hospitaleiro, habltos patriarchacs, tolerancia absoluta para com

qualquer crença ou opinião, tendencias humanitarias, ausencia de separações sociaes, facilidade de accesso aos mais altos cargos, disposições para o progresso, amor ao bello, desconhecimento de exaggeros patrióticos e exclusivismos baírristas, inteira segurança, independencia e liberdade, faculdades estheticas.....

(Do livro *Lupe*).

Tome agora a mão um Jeremias, o sr. Graça Aranha:

E' um cadaver que se decompõe este pobre Brasil... Aqui, a raça não se distingue pela persistencia de uma virtude conservadora; não ha um fundo moral commum... Repare o que se passa com o patriotismo... No Brasil a grande massa da população não tem esse sentimento; aqui ha um cosmopolitismo dissolvente, não que seja a expressão d'uma larga e generosa philosophia, mas simples symptoma de inerclia moral... O clima... A peste se apodera do corpo miseravel da nação... Pobre Brasil!... Foi uma tentativa falha de nacionalidade. Paciencia... E que nos adeantam os Estados Unidos? Será sempre um senhor. Todo este continente está destinado ao pasto das feras... Sul America... Ridiculo... Mas não haverá uma salvação, não haverá um Deus ou uma força que paralyse o raio armado contra nós?... Emfim, vá lá... Mea culpa; e está acabado... Temos o que merecemos... D'ahi, pôde ser que seja melhor... A Terra prosperará... Melhor administração... mais policia... e é só... Vale a pena? E o mundo é só isso? Vale a pena viver para ter mais policia? E a lingua? a raça... esta associação... degradada se quizerem... mesquinha... sim, fraca, quasi a esphacelar-se... mas amavel, boa, e amada, apesar de tudo, porque é nossa... Oh! muito nossa...

(De *Chanaan*).

Esses trechos, um encantadoramente lyrico, o outro angustioso, cortado de exclamações e reticencias, põem-nos deante dos olhos as duas attitudes mythologica e biblicamente nomeadas pelo autor de "Esphyngé".

Não entendemos, porém, que taes modos de encarar os destinos do nosso paiz, quando sinceros, como no caso dos srs. Affonso Celso e Graça Aranha, sejam para condemnados por improficuos. Muito ao contrario, acreditamos que, se o Brasil estivesse realmente dividido em dois exercitos de Narcisos e Jeremias, nada teriamos que recear do futuro. Porque em semelhante hypothese possuiriamos a coisa de que mais havemos mister — sensibilidade patriotica generalisada. Os exaggeros admirativos de uns ficariam compensados pelos threnos dos outros. E, como toda a realidade, no dizer de um philosopho de nomeada, resulta sempre da convergencia de duas forças opostas, que se encontram á maneira dos arcos de uma ogiva, é de crêr que a realidade nacional brasileira só teria a ganhar com esse recontro de pontos de vista.

Mas; infelizmente, por ora só se recrutam Narcisos e Jeremias sinceros em um pequenino meio culto e ainda ahi entre

almas verdadeiramente de eleição. As massas, mesmo alfabéticas, jazem na mais absoluta indiferença e do patriotismo não conhecem senão uma miserável simulação — a especulação política.

Não é, porém, nosso intento analysar os males da nação. Tornemos á classificação do sr. Afranio, ou melhor, a um estiramento da classificação, pois determinamos transformal-a, de binaria que é, em quaternaria.

Como é sabido, quando appareceu “Chanaan”, de Graça Aranha, houve criticos que, sob côr de zelo nacionalista, o notaram injustamente de anti-patriota.

Mau grado, todavia, o pessimismo atroz do livro e a grita dessa gente, que não poupou nem ao nosso grande Machado de Assis, achavamos na obra malsinada fervores de que não seria capaz um contemptor de sua raça e de seu paiz.

Tal convicção mais tarde se nos arraigou no espirito, amadurecida á luz de “umas philosophias”, como lá dizia o amigo de Quincas Barba. E ahí vão ellas, á laia de introito á explanação promettida.

Philosophias... é dizer muito. Trata-se apenas de breve analyse psychologica. Mas, para chegarmos ao ponto que importa, temos necessidade de escrever aqui uma verdade de ordem geral, e é que todo homem, por uma imperiosa lei vital, não pôde deixar de amar-se a si mesmo e, como consequencia, não se pôde diminuir aos seus proprios olhos, sob pena de caminhar para o suicidio. Estavamos para citar Montaigne, Hobbes, La Rochefoucauld, Nietzsche... Porém suspendemo-nos a tempo. Vá por demonstrado o que fica só enunciado.

Ora, quando nos consideramos, não isoladamente, mas como membros de uma collectividade — povo ou nação — não podemos condemnal-a — irremissivelmente e a nós mesmos, sem nos degradarmos até a mais absoluta abdicação, vizinha da inconsciencia e da morte. Dada, comtudo, a hypothese de que a collectividade que contemplamos e a que pertencemos offerece aspectos dolorosos, signaes patentes de desorganização, de fraqueza, de declinio, eis como engenhosamente actua a necessidade biologica de nos elevarmos aos nossos proprios olhos e aos olhos dos outros: — Ou deformamos a realidade, mau grado a evidencia, ou mudamos o valor ás cousas, ou suppono-nos superiores ao que se nos afigura moral ou esthetica-

mente mal aquinhoado, ou finalmente procuramos intervir no espectáculo de que somos parte, para o exalçarmos á altura do nosso orgulho.

Mas são idéas de Nietzsche, acudir-se-á, e nesse quadro não tem lugar o desinteresse. Sem duvida. De Nietzsche e tambem de Gaultier, mais philosopho e menos mystico do que Bergson. Quanto ao desinteresse, nada mais facil de dar-lhe cabimento. E' uma questão de palavras. Basta consideralo uma fórma superior do amor proprio. Não temas, porém, a pretensão de as defender, senão que nos soccorremos dellas apenas como de optimo aparelho classificador, muito apropriado ao nosso caso.

Examinemos as quatro hypotheses assinaladas.

I

Deformação da realidade. Aqui suppõe-se abundancia de imaginação em damno do senso critico. A vida interior assume grande intensidade, ao passo que se torna fraca a acção dos "reductores" de que falla Taine, na "Intelligencia".

Nesta classe podem entrar os Narcisos, com a accepção dada a essa palavra pelo sr. Afranio Peixoto.

Já lemos algures que o sr. Affonso Celso é mais politico do que literato e que o seu patriotismo nada mais é do que manifestação da tendencia dominante de sua personalidade.

Em que mundo estamos, onde uma sensibilidade violentamente patriótica causa tal estranheza, que se procura uma explicação grosseira, quasi utilitaria, para tão formosa attitude!

"Certos espiritos, diz advertidamente Ribot, collocados em face de uma obra qualquer — romance, quadro, monumento, theoria scientifica ou philosophica, instituição financeira ou politica — cuidando aprecial-a, *refazem-n'a* espontaneamente. Esse caracter de sua psychologia os distingue dos puros criticos."

E' o que, a nosso ver, se dá com o sr. Affonso Celso. Julgando estudar a sua patria, pelo muito que a ama, não limita os seus deslumbramentos ao que realmente nos lisonjeia a todos. Vae além. Transfigura tndo — organização social, vida publica, instituições... Até a ausencia de sentimentos pa-



trioticos apparece-lhe endeusada em qualidade. E' mera negação de exclusivismos bairristas, indício de larga tolerancia e de liberdade.

Admiramos esse poder transfigurador, cuja força nos dá a medida de um amor á terra e á gente, que só nos "Insiadas" irrompe com tamanha amplitude. (Isto sem nenhuma intenção de fazer comparações do Brasil ainda em formação ao Portugal heroico de Camões).

Nem se diga que os trechos de "Lupe" por nós citados, entendem mais com o Brasil do Imperio do que com o actual. Mais tarde o mesmo escriptor, em um romance digno de grandes louvores, intitulado "Geovannina", abordou a questão da immigração, assumindo attitude immensamente diversa da do sr. Graça Aranha. Para o suave autor de "Minha Filha" a patria foi sempre maravilhosa expansão da propria personalidade, visão interior intensissima, contra a qual debalde vieram bater as ondas tormentosas de uma realidade dolorosa e ameaçadora... Nelle ainda vive o encantador entusiasmo dos Itaparicas, dos Teixeiras Pintos e dos Rochas Pittas.

A tão nobre exaltação da sensibilidade patriótica desejaramos dar um nome sonoro, despido de quaesquer intuitos pejorativos. Uma vez, porém, que já foram baptisados de Narcisos esses magnificos transfiguradores, não nos esqueçamos ao menos de prolongar a metaphora até a apothose final com que a Mythologia lhes remata o enlevo...

II

Transmutação de valores. E' agora a occasião de tratarmos do caso do sr. Graça Aranha, que já tocámos ligeiramente. Aqui o artificio psychologico, determinado pela lei de ascensão vital a que nos referimos, opera de maneira muito diversa. Não é a realidade objectiva que vae ser directamenté deformada, senão o valor que pelo commum se dá a essa realidade.

Declaremo-nos. A idéa de nacionalidade, de continuidade historica, de resistencia ethnica é tida por um principio sagrado, a cuja luz se avaliam povos e raças. Por outro lado o senso critico do sr. Graça Aranha, acompanhado, a nosso ver, de forte tendencia pessimista (a qual concorre para uma tal ou qual deformação da realidade para peor), não lhe permite illudir-

se ácerca das probabilidades de triumpho da collectividade a que pertence. Que faz então, nos momentos de maior desengano? Recusa subscrever ás apreciações correntes. Que importa que um povo desapareça, se tal é o destino de todos os povos, dos fracos como dos mais poderosos, e se a humanidade inteira, através das fórmulas transitorias que chamamos patrias e nações, caminha dolorosamente para a solidariedade universal, para a Chanaan ideal, que ainda ha de brotar do sangue das gerações redimidias? Bem lhe ensanguenta a alma de brasileiro a persuasão tragica de que a tradição vae quebrar-se e o futuro não entenderá mais o passado. E — o que é terrífico — não lhe resta nenhuma confiança no esforço consciente dos que o rodeiam. Só vê sombras e escuridade. Não haverá, porém, uma salvação, não haverá um deus ou uma força que paralyse o raio armado contra nós? pergunta anciosamente o juiz Maciel, personagem em que evidentemente nesse passo se encarna o autor. Sim, ha uma salvação, responde-lhe pela voz de Milkau, o instinto profundo, a necessidade vital de não decahir no proprio conceito, de envolta com o seu povo e a sua raça. Todos os homens são irmãos e o seu valor não se afere pela maior ou menor capacidade de Violencia, senão pelo Amor e pela Bondade.

E eis como a sensibilidade patriotica do sr. Graça Aranha mais depressa o arrebatava paradoxalmente ás generosas Icarias dos sonhadores de paraísos sociologicos do que ao recurso vulgar de transformar-se individualmente em excepção, em portento sobranceiro ao seu paiz e á sua gente. Porque — cumpre insistir — a abdicção absoluta repugna com uma lei irresistivel da vida consciente.

Convem ainda lembrar que apenas estudamos aqui a intima psychologia das pessoas capazes de se contemplarem sob o angulo ethnico e nacional, por assim nos exprimirmos. Pouquissimos, entre nós, como já observámos, são dotados desse sentimento de solidariedade que leva o homem a considerar-se parte componente de um determinado agrupamento humano. E infelizmente isto é devido, não á influencia de formosas utopias sociaes, senão á ignorancia das massas e ao egoismo estreitissimo dos mais instruidos.

Do exposto se colhe que o modo de encarar as coisas nacionaes denominado jeremiada pelo sr. Afranio Peixoto é,

em seu minucioso processo psychico, uma phase de transição que dispara em uma das attitudes que vamos analysando, ou então remata em inconsciencia ou em indifferença absoluta, que tanto vale.

Talvez ainda se queira achar uma categoria não prevista — a dos que affectam emoções que não sentem, a dos baixamente interessados, para quem semelhantes preocupações não passam de *flatus vocis* lucrativos. Esses, se não entrarem na classe negativa dos inconscientes, se pensarem, por pouco que seja, nas relações que os prendem á collectividade, irão automaticamente alojar-se em uma das casas que aqui estamos abrindo, quando não fiquem a correr de uma para outra, segundo as occasiões e os estados de alma.

De todos os typos de Jeremias, pois os ha de grande variedade, preferimos os que mais se approximam do biblico. Choraram e annunciam desgraças, mas só por setenta annos. Para estes o captiveiro de Babylonia não é eterno...

III

Superioridade illusoria. Como já vimos, nas duas primeiras ordens só entram almas nobres, espiritos de eleição. Para aqui acódem, em numeroso bando, os vaidosos, os fatuos, os ridiculos e os tolos.

Contemplando um instante e de relance os males da nação a que pertencem, correm-se do seu povo e da sua patria. E longe de se angustiarem com os verdadeiros Jeremias, com elles só aprendem alguns gestos condemnatorios, a que misturam laivos de altivo desdém, para se firmarem cada vez mais na prodigiosa convicção de que são rebentos extraordinarios, flores raras desabrochadas no apice de compridas hastes, cujas raizes longinquas souberam seleccionar em seu proveito a quinta essencia da raça em decadencia.

Cada um destes curiosos super-homens (para applicarmos ao nosso caso uma imagem de Mæterlink) reduz, de si para comsigo, toda a historia de seu paiz a um immenso alambique, onde massas e massas humanas se agitaram em guerras, em heroismos, em lutas de toda a sorte, para, ao cabo de seculos, distillarem uma gota brilhante, uma maravilha de suprema perfeição. E essa maravilha é elle — o cosmopolita, o “pari-

siense", o homem de todas as patrias, para quem o ambito do mundo é demasiado estreito, quanto mais a terra que teve a gloria de servir-lhe de berço...

O artificio psychologico no presente caso, assume aspectos do mais delicioso comico. Porque, bem lançadas as contas, o que taes seres conseguem assimilar das supercivilisações que admiram é apenas a parte mais superficial e sem importancia.

Para edificação de tão sublimada casta, seja-vos permitido pôr aqui um retrato que delles faz um francez, estudando a vida politica e social da... Turquia:

Manifestam soberano desprezo pela multidão turca, pelos usos turcos, por tudo o que cheira á terra de nascença. Detestam a musica turca e classficam de barbaros os innocentes divertimentos do "Karagheuz". Fogem de sens conterraheos e procuram a companhia dos estrangeiros. A seus olhos, o ultimo da elegancia está em vestir um "smoking" para assistir aos balles, aos saraus, ás representações dadas pelas colonias estrangeiras. Tomam attitudes de Occidentaes requintados, imitam os ademans das pessoas elegantes que admiram nos saíões onde são accitos, semelam a conversação de "mon cher" e de infinitas expressões francezas, encommendam os fatos nos alfalates em moda... De Paris só conhecem o luxo, a leviandade, a troça... São inimigos jurados do nacionalismo, que juigam esteril e vão... Esta macaqueação desarrazoada do Occidente é, com razão, detestada pelos turcos verdadeiramente esclarecidos, que a estigmatizam com a denominação desprezadora de "levantinismo".

Por onde se vê que cá e lá más fadas ha... A' imitação dos bons turcos, estigmatisemos os nossos cosmopolitas, dando-lhes, porém, um nome mais portuguez do que *smart*, *snob*, *dandy*, etc. Chamemos-lhes, com o velho Castilho, enxacocos... Lá o define o dicionario de Moraes: "Enxacoco, s. m. O que fala mal a lingua estrangeira, misturando-lhe palavras da sua". E' isso.

Os nossos "levantinos" falam mal o francez. Misturam-lhe ainda algum portuguez, fraqueza que muito amargurava a um dos nossos escriptores, para quem o livro de D. Luiz era exemplarissimo, — por ser escripto todo em francez...

Do que dizemos não se infira, porém, que reputamos um mal toda influencia estrangeira. De modo algum. A nossa civilisação é feita de principios elaborados na Europa e da Europa havemos de assimilar o que de melhor ella nos offercer. Não nos podemos furtar ao que Silvio Romero já chamou — *lei da persistencia e da equipolencia das forças espirituaes* entre os povos. Não ha nenhuma nação, sobretudo das ainda em formação, que escape de imitadora. A mesma

Allemanha tem ido buscar á França, não só modas e elegancias, senão idéas e artes. Nietzsche é um genio mais francez do que allemão, o que elle proprio era o primeiro a proclamar...

Mas estamos sahindo do risco deste breve estudo. Afim de darmos fim ás considerações sobre a numerosa classe dos enxacocos, desfazendo ao mesmo tempo todos os equivocos possiveis, lembremos que “assimilar” é coisa muito diversa de “dissolver-se”. Os brasileiros de real valor *assimilam* o estrangeiro, para enriquecerem o seu paiz. Os enxacocos *dissolvem-se no estrangeiro*. Basta ouvil-os falar: Nós em Paris... O diabo é aquella historia da gralha...

.....contemnens suos
 Immiscet se Pavonum formoso gregi.
 Illi impudenti pennas eripiunt avi,
 Fugantque rostris.....

IV

Homens de acção. Arribamos enfim á quarta e ultima modalidade.

Aqui entram todos aquelles que, sem cahirem num optimismo digno de Pangloss nem tão pouco num pessimismo inerte e desanimado, forcejam por modificar a realidade no que ella tem de mau.

Estes têm por lemma o proloquio latino: *possunt quia posse videntur*. A persuasão de poder é poder. Postos em face dos males de sua patria, considerando-se como membros de uma collectividade, não dissimulam a si mesmos a gravidade da situação, não se refugiam no *além* das humanidades futuras, nem commettem a vulgaridade de se suporem superiores á sociedade de que fazem parte — lançam-se quixotesicamente na refrega, ambiciosos de provar com factos que o seu paiz tem energias latentes, donde ha de brotar um amanhã incomparavelmente esplendido... Cada um, na medida de suas forças e de accordo com a sua esphera de actividade, applica-se a fazer algo por se elevar a si mesino e consigo a patria. Porque taes homens podem repetir aquelle verso celebre de um poeta polaco: “Eu e minha patria não somos mais do que um”. E Como não a querem immobilisada na desesperança nem num inutil e injustificavel “deixa-te ir”, arrojам-se para a

frente, com o impeto de quem sente sobre si os destinos de toda uma raça. São os fortes. Não se detêm ante as fatalidades com que lhes acenam, porque sabem que o esforço humano é uma das faces da fatalidade universal. São os heróes de Carlyle e os heróes de Emerson — uns no fastigio do poder e da gloria, outros na sombra dos mais humildes misteres, mas todos senhores desse determinismo que — assegura-se — traz modelados em bronze, desde o principio dos tempos, os mais pequeninos acontecimentos. Um obscuro professor rural, no seu ramerrão diario de ensinar a cartilha a broncos filhos de caipiras, pôde ser tão necessario aos esplendores da nação quanto, por exemplo, a personalidade, nunca assás louvada, do deus Terminus do nosso paiz.

Tudo, assim nas sociedades humanas como na natureza, de que aliás estas não são mais do que um dos aspectos, tudo se prende e se liga, em tal ennastramento de causas e effeitos, que nem sempre poderemos distinguir o grande do pequeno, o util do inutil. Já se disse que, para conhecer bem uma folhinha de herva, é preciso desarmar o universo inteiro. Assim nas ascensões collectivas dos povos e das raças. Não ha força, por infima que seja, para desprezada. Todos pôdem modificar a realidade augustosa, não subjectiva e imaginariamente, mas de facto, exteriormente, concorrendo com palavras e com actos para inserir na trama dos acontecimentos elementos ao parecer mininos, mas ás vezes capazes de alterar a trajectoria dessas terriveis fatalidades que, a modo de grandes massas cegas, se vêm despenhando através dos seculos.

Sabemos que a muitos o nosso entusiasmo por causa tão nova, qual a de procurarmos diffundir entre nós o espirito de nacionalidade, parecerá ôca “tírada” (como diriam os nossos “levautinos”). Não importa. Não visamos effeitos literarios, senão sómente fazer parte dos “imponderaveis” que, segundo Bismarck, servem ás vezes para decidir da sorte das nações.

V

Conclusão. De toda essa longa parlanda se conclue mais uma vez a artificialidade das classificações. Assim é que os illustres escriptores que tomamos para exemplo das duas primeiras attitudes, vêm naturalmente inscrever-se entre os



mais estrenuos da ultima classe — porque todo livro é tambem um acto e de alguns sabemos que chegaram a operar grandes resoluções.

Tal é a obra de Rousseau, que ainda hoje exerce mais influencia sobre os destinos humanos do que as deliberações reunidas de todos os chefes de Estado.

Permanece, comtudo, o quadro abstracto, que tem a vantagem de facilitar certas apreciações das realidades sociaes. — Considerando-nos como membros de uma collectividade, somos levados por irresistivel necessidade biologica a assumirmos uma dessas quatro attitudes: Ou exalçamos directamente o agrupamento humano que é, ao cabo, um como prolongamento da nossa personalidade, ou elevamol-o indirectamente, recusando fé aos valores impostos pelo darwinismo social, ou imaginamos-nos superiores ao nosso meio ethnico ou nacional, ou finalmente procuramos modificar por meio da acção o organismo, por hypothese abalado, da sociedade de que somos parcella.

Especiosa é talvez esta distribuição, que em rigor podia reduzir-se a dois casos, attendendo-se sómente á dupla face subjectiva e objectiva do phenomeno. Serviu-nos, porém, para ampliar a classificação do sr. Afranio Peixoto, a quem não hesitamos em collocar na ultima phalange, ora chamada ao bom combate pelo brado vibrante de Olavo Bilac.

JOSE' ANTONIO NOGUEIRA



OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

Até bem poucos dias não havia em nossa lingua uma unica traducção dos versos aureos de Pythagoras. Ou porque semelhante traducção seja realmente muito difficil, ou porque taes versos comquanto celebres pela profundidade de seus conceitos, não fossem largamente conhecidos, o que é facto é que a musa brasileira e portugueza os tinha silenciado.

Quando tivemos a idéa, talvez temeraria, de fazer alguns commentarios a esses versos immortaes, foi a nossa maior difficuldade encontrar um poeta igualmente temerario, que os traduzisse. Nestas conjuncturas, é que um amigo muito trabalhador e muito recolhido, grande conhecedor do esoterismo, a que se filiam os versos de Pythagoras, á força de ser instado por nós, apresentou-nos a sua bella traducção, que ainda assim não o agradava, não lhe satisfazia o espirito, ancioso por qualquer coisa de mais perfeito e de mais condizente com a majestade dos versos pythagoricos. Essa traducção nos foi concedida com a condição de lhe occultarmos o nome, e tal promessa vamos cumpril-a constrangidamente. Hontem o "Correio Paulistano" surprehendeu-nos com uma traducção de Aristêu Seixas, traducção igualmente bella e em que o pensamento de Pythagoras está expresso com fidelidade. De fórma que damos parabens á nossa boa estrella. Os commentarios que vamos fazer terão vida ephemera, mas a obra dos poetas ficará, enriquecendo assim a nossa literatura.

Eis os versos:

PREPARAÇÃO

Aos Deuses immortaes, seja qual fôr teu credo,
rende o culto da Iel. — Dos Herões — Bemfeloeres
a memoria venéra, e tambem a memoria
dos Espritos-Luz, Iguaes a Semi-Deuses.

PURIFICAÇÃO

Sê bom filho e bom paç, terno esposo e irmão justo.
 Escolhe para amigo o amigo da virtude;
 — aos conselhos lhe attende, e jamals o desprezes
 por nugas, — se estiver em ti poder fazel-o,
 — porque existe uma Lei que jungiu, implacavel,
 o dom da Liberdade ás garras do Destino.
 Mas como te foi dado as paixões que te cêgam
 combater e vencer, — trata então de domal-as.
 Sê sobrio, activo e casto, e jamals te enralveças.
 Ah! nunca a sós ou não, coisas de que te côres
 faças e, antes do mals: — Respeita-te a ti mesmo!
 Reflecte antes de agir, e, antes que fales, — pensa.
 Sê justo, que outra Lei, igualmente implacavel,
 nos faz morrer, e faz que os bens e as honrarias
 que “cantando nos vêm — de nós cantando vão”.
 Quanto aos males que, cêgo, o Fado traz comsigo,
 supporta-os como um bem, e tudo empeuha para
 os suavisar o mals que então te fôr possível,
 — porque nos Deuses apraz que menos soffra aquelle
 que, por bem meditar, mals e mals longe enxerga.

Tambem o Erro tem como a Verdade assecias.
 Prudentemente approva ou reprova o philosopho;
 e, se o Erro triumphá, elle recúa e espera.
 Grava fundo em tua alma o que passo a dizer-te:
 — Nunca julzo algum preconcebás, nem sigas,
 em tal, o alheio exemplo e, agindo por ti mesmo,
 consulta, verifica, e livremente escolhe.
 Ponderá que é loucura agir á toa, a esmo,
 — e que o Futuro nasce e vive do presente.

Não te mettás jamals a fazer o que ignoras:
 — com persistencia aprende, e primarás em tudo.

Trata de ser sadlo. — Assim, com parcimonia
 dá pão ao corpo, e dá descanso ao teu esprito;
 — mas dá de modo tal, que de mals nunca sejam,
 nem de menos, — que a inveja surge nos dois casos.
 E como, da avareza e do luxo os effeitos
 podem se confundir por sua semelhança,
 — escolhe um meo termo em tudo bom e justo.

PERFEIÇÃO

Acordaste? — Vê lá com calma e incontluenti,
 que o que tens de fazer para amanha não fique.
 Vaes dormir? — Nunca o somno as palpebras te feche
 sem que antes hajas tu perguntado a ti mesmo:
 — “Que fiz eu? Que deixel de fazer neste dia?”
 Se praticaste o mal, recúa; perseverá
 se praticaste o bem. — Accelta estes conselhos,
 e as virtudes terás que esplendem só nos Deuses:
 — Jaro-te por quem gravou bem fundo em nossas almas
 a Tetrada sagrada, immenso e puro symbolo
 que engendra a natureza e é dos Deuses modelo.
 Antes, porém, de tudo, o teu dever cumprido,
 desses Deuses a graça ardentemente invoca,
 — pois, sem ella, jamals das coisas começadas

lograrás vêr o fim que de antemão visaste.
 Em tudo acertarás si os tiveres por guia;
 e, das mil coisas que ha, immerso então na essencia,
 de relance o Princípio e o Fim terás de tudo.
 Queiram elles, verás que, em tudo semelhante,
 a natureza é sempre a mesma em toda a parte.
 De posse assim de teus legitimos direitos,
 — o "Imperio da Ilusão" ruirá em tua alma.
 Só então tu verás que os males que nos rôem
 do mau caminho vêm que dantes preferimos
 e que, fóra de nós, vamos busear ao longe
 o remedio que, perto, em nós latente existe!
 Quão poucos sabem ser felizes! Embalados
 pelo inverso fragor de vagas que se chocam,
 eif-os que, das paixões ludibrio, vão rolando
 por tormentoso mar sem fim, á cuja sanha
 ceder nem resistir podem de fôrma alguma!
 Quizesséis Deus, e vós, certo, lhes abrireis
 os oihos... se lhes não tivesséis outorgado,
 como raça divina, o immenso privilegio
 de poderem julgar entre a Verdade e o Erro.
 E tu, Homem, que tens na natureza um servo,
 tu, que cauto e sagaz, lhe arrancaste os arcanos,
 — descansa-lhe no selo agora... Pára! Espera!

Pára! mas pondo em obra as feis que aqui te deixo!
 Pára! sem que jamais o que a alma teme faças!
 Pára! da Intelligencia á voz submisso o corpo
 — afim de que, no pleno e ethereo azul suspenso,
 tambem sejas um Deus por entre os "Immortaes"!

Tacs são os versos aureos de Pythagoras. Na verdade, não são de Pythagoras esses versos famosos e sim de Lysis, seu discipulo, o qual prestou inestimavel serviço á posteridade, salvando assim do esquecimento a doutrina esotérica do seu mestre.

Varios autores os commentaram, destacando-se principalmente Hierocles, entre os gregos, e entre os modernos, — Fabre d'Olivet que lhe dedicou um volume, rico de saber e de preciosos ensinamentos. Da traducção franceza do famoso autor da "Histoire Philosophique du Genre Humain" é que foi feita a traducção portugueza que acabastes de ouvir. Versos aureos é como são denominados e bem merecem o nome. Os antigos prezavam o symbolo e symbolisavam pelo Ouro o que é incorruptivel, o que é verdadeiramente bello, o que é immortal. Por isso é que são aureos os versos de Pythagoras, versos em que se esboça todo o edificio da Sciencia antiga. Dizemos *Sciencia* antiga, escrevendo sciencia com S grande para separal-a da sciencia dos nossos dias, que é um saber contingente, esotérico; que é um saber exterior, adquirido pelos sentidos, instrumentado pela observação e pela experiencia. Por sciencia antiga enten-

demos o Esoterismo, cuja fonte é a tradição millenaria, que assimilamos pela intuição, e cujo objectivo é a espiritualisação do Sêr pelo desenvolvimento de suas forças latentes, de suas virtudes transcendentales.

Se conseguirmos transmittir-vos a nossa admiração pela majestade dos ensinamentos alli contidos, teremos realizado o nosso objectivo.

Aos Deuses Immortaes, seja qual fôr teu credo, rende o culto da lei.

Este verso nos ensina a tolerancia e não a indifferença, como poderia parecer a um julgamento irreflectido. Essa tolerancia deriva da unidade fundamental das religiões que Pythagoras ensinava.

Não a podem acceitar os que se prendem á letra da lei religiosa, os que se escravizam aos dogmas, aos cultos, aos ritos exteriores.

Para os servidores da letra, Deus só é accessivel ao crêdo dessa letra, só ouve o que lhe brota de tal linguagem, e só está na Igreja que as representa, igreja que pode ser a Mesquita, a Synagoga, o Pagode.

Dahi as divisões sem conta da familia humana. E no entanto, toda grande religião preceitúa a paternidade divina e, como corollario inevitavel, a fraternidade entre os homens.

UNIDADE DAS RELIGIÕES E TOLERANCIA

Aos Deuses Immortaes, seja qual fôr teu credo, rende o culto da lei.

Quer dizer: Israelita, ao penetrares no templo de Apollo, respeita, venera e adora. Qualquer que seja o culto, a fórmula ou o rito, é sempre o mesmo Deus que recebe a mensagem do coração; é a sinceridade da mensagem e não o nome do destinatario que abre as portas do Infinito. Christão, ao transpores a Mesquita, não cuides que fóra de tua Igreja não ha salvação. Teu Mestre instituiu o culto, puro, sem fórmula, sem exterioridade, sem patria. Apesar disso, ensinou na Synagoga judia, e disse: Fecha a tua porta e ora a teu Pae em segredo; ou ainda: Deus é espirito e em espirito e verdade é que o devem adorar os que o adoram. Sectario de Zoroastro, onde quer que se invoque a

divindade, lembra-te que é das tuas Escripturas o seguinte preceito: “—Por qualquer caminho que siga chegarei a Ti”. E tu budhista, a ti foi dito e prescripto: “O homem puro respeita todas as fórmulas da fé”. Não te rias, chinês, de fórmulas culturais que te parecerem esdrúxulas, tu a quem foi dito: “O entendimento agudo vê a verdade de todas as religiões; a intelligencia acanhada só vê as diferenças.”

“As flôres do altar são diferentes, mas a adoração é só uma.” A adoração é só uma, porque, como dizia o Christo, somos todos filhos do mesmo Pai.

Aprendamos com os pythagoricos a tolerancia sob todas as suas fórmulas, e lembremos que a intolerancia religiosa já cobriu de sangue o planeta, e que ainda hoje multiplica o numero de suas victimas.

Importa para isso adquirir o habito da reflexão e do exame, o que é raro. Geralmente nossas opiniões e idéas são formadas sem contribuição pessoal, sem elaboração propria, sem esforço consciente. Com ellas nos encontramos, como, ao nascer, encontramos a nossa patria ou o nosso arthritismo. Dahi é que advém a difficuldade de reformal-as, melhorando-as. E quem quer que se proponha a fazel-o se apresenta como inimigo de nossa vaidade satisfeita, de nossa preguiça de pensar. Por isso é que o homem de outra seita, de outro circulo, de outro systema desperta a nossa antipathia, ou a nossa animosidade. O espirito de partido só vê o mal na bocca do adversario, como o espirito sectario só lobriga o erro e a heresia em toda a igreja que não a sua.

A tolerancia é a virtude do homem que aprende constantemente, que se habitúa á reflexão e ao exame, á critica sincera de suas proprias idéas e opiniões, porque sabe o que ha de instavel nos juizos que formúla, o que ha de fragmentario nas verdades que alcançou. O homem tolerante procura compenetrar-se profundamente do pensamento alheio e separa o que é essencial do que é secundario. O essencial é o ponto de convergencia, o fóco de união, porque a verdade unifica; o secundario são as linhas divergentes, porque o erro desune e conta innumeraveis caminhos. Aliás o que divide e separa é muitas vezes uma simples illusão verbal, mero arranjo de som e de vocabulo como se vê desta



PARABOLA

Alexandre, filho de Felipe, estando em Babylonia, mandou vir sacerdotes de cada um dos paizes que havia subjugado e os reuniu em palacio. Reunidos que foram, em grande numero, ao pé do throno, perguntou-lhes: "Reconheceis e honraes um Sêr superior e invisivel?" — Todos responderam: "Sim". O rei continuou: "Que nome lhe daes?" — O sacerdote dos hindús: Nós o chamamos Brahma, isto é, o Grande; o sacerdote dos persas: Nós o denominamos Ormuzd, a luz eterna; o sacerdote dos judeus: chamamol-o Jehovah, o Senhor, aquelle que é, foi e será. E assim por diante; cada sacerdote deu nome differente ao Sêr Supremo.

"Então o rei, irritado, exclamou: "Só tendes um rei e soberano. De ora em diante tereis um só Deus, Jupiter é o seu nome.

"As palavras de Alexandre perturbaram a alma dos sacerdotes, que disseram: Nosso povo, desde a origem, dá ao Sêr Supremo o nome que indicamos. Porque havemos de mudal-o? O rei encheu-se de colera.

Então, um velho, um brahmane que o tinha acompanhado a Babylonia, levantou-se e pediu licença para falar á assembléa. E disse: Brilha em todos os paizes o sol, a fonte da luz? Todos responderam affirmativamente. O velho lhes perguntou a um por um: Como o chamaes? E cada qual indicou nome differente, consoante ao paiz e seu povo. O velho, dirigindo-se ao rei, perguntou-lhe: Não devem elles tambem dar ao sol um nome diverso? "Helios" é o seu nome em grego.

Ouvidas taes coizas, cheio de confusão, Alexandre corou e disse: Cada um empregue o nome que é proprio ao seu paiz. Vejo agora perfeitamente que o signal não é o ser. (1)

Haverá nada mais simples nem mais verdadeiro? O signal não é o sêr. O signal não é a coisa. No entanto ainda não o sabemos comprehender, nem mesmo em nossa época.

Quantas vezes não é o signal que nos atira á peleja, ao odio, á ruina!

Foi o signal que determinou as tremendas guerras de religião e é pelo signal que modernamente seitas religiosas se en-

(1) Morel. — "L'Esprit des allemandes". P. 309-310.

treolham com hostilidade e intolerancia. Guerras religiosas! Mas, qual a religião que não tem por preceito fundamental o amor do proximo? Qual dellas mandará na verdade perseguir, queimar o heretico? Foi o signal, o formalismo, a religião exterior e não o espirito religioso, que o fizeram. Com razão dizia Shakespeare: Heretico é quem mandou accender a fogueira e não quem arde nella.

TOLERANCIA LEIGA

Fóra mesmo do dominio religioso, em assumptos puramente leigos, a tolerancia é coisa rara e de difficil acquisição. Ella reclama da intelligencia que esteja sempre aberta a todas as indagações, á procura perpetua da verdade em todos os dominios scientificos.

Os sabios especialistas, o physico, o chimico, o microbiologista, são geralmente intolerantes. Querem muitas vezes resolver os problemas geraes pelo prisma exclusivo das sciencias que cultivam. Outros organisam systemas philosophicos e rejeitam factos que lhes contrariam as syntheses. E' assim que Hæckel não cuida sequer de interpretar os factos psychicos; nega-os simplesmente, redondamente.

Somos geralmente muito apressados em julgar aquillo que ignoramos.

Formulamos juizos definitivos sobre assumptos não estudados. Lavramos sentenças irrevogaveis, sem reflexão nem exame.

A tolerancia é uma fórma da modestia, — a modestia do pensamento, sempre receioso de encontrar o joio entre suas idéas mais caras. Mas ella não implica ausencia de espirito proselytico. Ao contrario, quer com a discussão, com a propaganda, a livre adhesão da intelligencia. Ella não é a indifferença e não abdica, por isso, de suas opiniões e crenças, mas procura com sympathia no pensamento adversario o que possa harmonisal-os reciprocamente ou ao menos rectificar o seu proprio exaggero.

E se o não encontra, ou não póde convencer ou persuadir, conforma-se sem irritação nem menosprezo. Porque é preciso que o erro seja livre para que a verdade possa triumphar. Além disso, num sentido, cada um de nós tem a sua verdade, a que



a sua intelligencia comporta. Revoltar-se contra isso é a mesma coisa que revoltar-se contra a nossa estatura, contra a côr da nossa pelle ou contra a lei de gravitação.

Tem-se visto a felicidade domestica fugir, porque um dos conjuges faz parte de outro rito; velhas amizades quebrarem-se porque idéas politicas se tornam inconciliaveis. Assim, a intolerancia separa e hostilisa, embaraçando a marcha das idéas em todos os dominios. Se o nosso argumento não convence o adversario, é porque — ou não o soubemos apresentar, ou não teve ou não tem o merito e o alcance que lhe attribuimos, ou porque preconceitos vetustos não podem ser abalados num momento, por encanto; ou porque as nossas idéas lhe excedem a medida, se porventura não acontece exactamente o contrario. Como quer que seja, não venha a intolerancia aggravar a situação. Persista o desaccôrdo, mas não o animo bellicoso. Sejamos tolerantes, mas não indifferentes. Amemos as nossas idéas, propaguemol-as, atiremol-as ao combate; mas isso sem que a nossa pessoa lhes siga o argumento, sem que a nossa vaidade lhes acompanhe o syllogismo e sem que o nosso orgulho lhes aguce as pontas do dilemma. Se as idéas são como as sementes, como as sementes é que devem ser semeadas: — com cuidado e carinho.

Aprendamos a tolerancia por um esforço de reflexão. Quantas vezes não attribuimos nós a outrem a teimosia, o pyrrhonismo, os preconceitos que estão em nós. Quantas vezes merecemos a ironia mordente, a severidade inexoravel com que julgamos o adversario, para reduzil-o a pensar como nós.

Sejamos tolerantes. Quem nos contradiz, nos rectifica muitas vezes. E não pensemos ter o monopolio da verdade.

Vimos ha pouco alguns preceitos, máximas, ensinamentos derivados de religiões diversas e em que estão claramente expressos os sentimentos da unidade divina e da fraternidade humana. No entanto, se taes são os preceitos, assim não é a conducta dos homens. Na realidade das coisas mundanas, cada crente, julgando-se um privilegiado, não se limita apenas a ver o erro e a heresia fóra da sua Egreja, mas chega até a vel-os e com mais forte prevenção nas proprias fórmulas de uma mesma creença fundamental. No seio mesmo do christianismo, por exemplo, quão raros não serão os crentes capazes de penetrar com animo religioso o culto lutherano, o calvinista ou as variantes

grega e russa do mesmo christianismo fundamental! Dahi resulta a excellencia dos preeitos pythagoricos que não reconheciam barreiras para o exercicio do seu culto.

Não olhavam os pythagoricos o polytheismo de seus contemporaneos com os olhos myopes com que o contemplamos á distancia dos seculos. O povo ineulto tinha tantos deuses quantas estatuas, eomo ainda hoje muita gente vê verdadeiros santos nas imagens; eomtudo, os discipulos de Pythagoras não eram idolatras; “elles viam, eomo diz Fabre d'Olivet, nos deuses das nações os attributos do Sêr ineffavel que lhes não era permittido nomear; augmentavam ostensivamente, e sem repugnancia alguma o numero desses attributos cuja causa infinita reconheciam; rendiam-lhe o culto consagrado pela lei e os reduziam todos em segredo á unidade que era o objecto de sua fé.” (1)

Qualquer que seja a fórma em que se tenha vasado a concepção do monotheismo, e por muito que se affirme ainda em nossos dias, que o pensamento só tenha chegado á idéa da unidade divina com os ensinamentos de Moysés, a verdade é que todas as Escripturas das grandes religiões do passado consagram semelhante unidade, em termos elaros e insophismaveis.

Seria faeil estender aqui os textos escripturarios que o comprovam. Não o faremos, eomtudo, e isso para evitar explicações e delongas exegeticas que nos projectariam fóra do thema proposto.

Dos heroes-bemfeloires a memoria venera, e tambem a memoria dos espiritos-luz,
iguaes a semi-deuses

Surprehendamos o fundo através da fórma, e não vejamos na letra dos versos senão a expressão verbal do espirito. O que alli se recommianda á nossa veneração é a hierarehia do mundo divino, e hierarchia é faeto que tambem existe no mundo das fórmas vivas e terrestres.

Sabemos que a vida é universal; que o universo é um organismo vivo, que materia, vida e espirito estão associados por toda parte na natureza. Manifestações elementares da vida existem nas fórmas mais grosseiras da materia densa. Manifestações mais altas se nos apresentam, maior amplitude da cous-

(1) Fabre d'Olivet. — Vers dorés de Pythagore, p. 198.

ciencia, mais largo descortino do universo á medida que se passa da materia densa a formas mais instaveis da materia. Mas é sómente nas fórmas fluidicas da materia, em que se encarna esporadicamente, e de maneira transitoria o homem terrestre, no duplo, que a vida e a consciencia se manifestam no seu apogeu. Posto que o nosso saber experimental seja a tal respeito fragmentario e incompleto, comtudo no ponto de vista philosophico, nada nos autorisa a marcar um termo, a designar um limite para a evolução da monada que se encarna na materia e que passa do meio terrestre ao meio espirital. Alli continuam as linhas da ascensão evolutiva. A evolução prosegue a sua marcha no mundo do espirito, porque a evolução é a lei universal da vida.

HIERARCHIA ESPIRITUAL

Tal é a concepção que se nos depara nestes versos de Pythagoras, e tal é igualmente o fundo commum esoterico de todas as religiões.

Intelligencias de todos os graus, diz Annie Besant, que poderiamos chamar sobrehumanas e sub-humanas, tomando nossa raça como termo de comparação, reflectem a imagem divina em proporções que variam constantemente; muitas myriades de vidas formam por assim dizer uma vasta escada cujos pés repousam na vasa dos mundos visiveis e cuja ponta se perde no esplendor dos céus; “são os degraus do altar deste vasto universo que se elevam em declive, das trevas até Deus.”

Quaes serão, pois, estes Heroes-Bemfeitores, os Espiritos-Luz de Pythagoras? São os Dévas dos hindús e dos budhistas, tambem chamados seres radiosos. São os anjos e archanjos, dos hebreus, dos musulmanos e dos christãos. São os sete Ameshas-pentas dos discipulos de Zoroastro.

Todas as vezes que transpomos o dominio da letra, que deixamos as fórmas exteriores do culto ou do rito, depara-se-nos o accôrdo fundamental entre as grandes religiões. No que se refere á hierarchia das vidas espirituaes não faltam textos a comproval-o em todas as biblias do mundo.

Esta unidade espirital deve conter uma verdade superior.

Todas as biblias do mundo vêem no universo um organismo vivo, e não um simples mecanismo, uma machina sem alma

como o pretende o saber esoterico de nossos dias. Para ellas, acções physicas e chemicas são a expressão de actividades vi-taes, e onde ha vida ha espirito dirigindo a materia para fins previstos e escolhidos. Segundo o ensino unanime de todas as Escripturas, o homem occupa uma escala intermedia na evo-lução; abaixo delle, estão seres submettidos á lei da vida infe-rior, e que a maneira de automatos trabalham de aceôrdo com a lei até que se desenvolvam os poderes latentes; acima delle, estão seres superiores, conscientes e livres e que se associam voluntariamente ao cumprimento da lei. Nesta escala interme-dia, que é o mundo humano, reina a anarchia, o conflicto das vontades. E', pois, o mundo humano a região do conflicto; o ho-mem fica entre as actividades forçadas das classes inferiores e a cooperação voluntaria das classes superiores.

Esta hierarchia de vidas invisiveis é do christianismo se-gundo a sua divisão conhecida em Seraphins, Cherubins e Thro-nos; Dominações, Virtudes e Potencias; Principados, Archan-jos e Anjos.

Está tambem no Alcorão com a sua concepção dos quatro grandes Archanjos.

Limitemo-nos, mesmo porque este sentimento da unidade das grandes religiões resaltarà com mais clareza e mais abundancia no deurso dos nossos commentarios.

Pythagoras tinha a consciencia dessa unidade, e ensinava essa e outras verdades que recebeu de sua iniciação no Egypto.

A INICIAÇÃO E A EGREJA

Que iniciação é essa que se diz ter sido outróra o patrimo-nio de todos os povos, de todas as religiões, incluindo a propria religião ehristan?

A Igreja christan nega que tenha havido um ensino esote-rico no seu remoto passado e affirma que o seu ensino é unifor-me para o ignorante ou para o sabio. Evidentemente assim acontece na actualidade, e já ha longos seculos. Tendo perdido a chave da tradição esoterica, ella ficou presa á letra da lei, e já não penetra no fundo das coisas. Isso, porém, não aconteceu nos primeiros tempos em que se reservavam a elucidação de certos mysterios exclusivamente aos eatechumenos. Não nos esqueçamos de que o seu fundador falava ao povo em parabolae e



explicava em particular aos discipulos o significado occulto, transcendente, de certas verdades inacessiveis á comprehensão popular. E não obstante terem os monges da Edade Media destruido todos os manuscriptos que lhes pareceram erroneos e até perniciosos, porque não estavam de accordo com a sua propria orientação, muitos dos antigos ensinamentos chegaram até nós, graças ao labor indefectivel dos gnosticos e dos alchimistas.

INICIAÇÃO E SYMBOLISMO

Duas palavras sobre a iniciação grega. Sob a allegoria dos mythos, o iniciado moderno devassa o véu de muitos antigos symbolos, cujo significado escapa á generalidade dos homens. E' o que acontece, por exemplo, com o mytho de Tantalos, que fazia parte dos Mysterios menores.

Tinham elles por fim ensinar aos discipulos a influencia da conducta terrestre sobre a vida posthuma no plano astral. Condemnado a soffrer nos infernos sêde inextinguivel, Tantalos estava rodeado de agua por todos os lados, a qual se afastava cada vez que della aproximava os labios.

O esoterismo nos ensina que desejos, sensações e paixões sensuaes, estão no corpo astral do homem. Escravo de sua vida puramente material, tendo identificado a existencia com os prazeres alcoolicos, o homem, ao morrer, transporta para o plano astral a unica coisa que lhe dava um sentido á vida. A paixão de beber apaga todos os sentimentos nobres, degrada o individuo em todas as suas fibras. Estes desejos morbidos acompanham o individuo no Além-Tunulo, e, por ausencia de um corpo physico, não podem ser satisfeitas: — dahi o supplicio de Tantalos, o purgatorio do bebedor, que soffrerá as consequencias de sua falta enquanto durar o karma, a lei de causalidade natural, que se exerce em todos os planos da existencia.

Semelhantemente a fabula de Sisyphos, obrigado a rolar até ao alto da montanha a pedra que, mal attingia o vertice, se despenhava. Ella symbolisava a vida astral dos ambiociosos egoistas que só trabalham para a vangloria, para a ostentação, para as honras pessoases. Nenhum sentimento de abnegação, de desisteresse, de sacrificio. O symbolo mostra-nos o viver delle no mundo astral, a formular projectos e mais projectos, os

quaes se desfazem como fumo logo que o infeliz verifica que já não tem um corpo physico. E assim a pedra continuará a rolar até que elle comprehenda que seus desejos são vãos como a espuma das vagas de sua vida terrestre.

Quanto aos mysterios maiores, eram elles celebrados no Templo de Eleusis, cujos iniciados se chamavam "epóptas", palavra que significa "aquelles que têm os olhos abertos". Tinham por emblema o tosão de ouro de Jasão, cuja côr amarella corresponde á "aura humana", e symbolisava o que os theosophos chamam "corpo mental". E da mesma fórma que os Mysterios menores ensinavam os resultados da conducta e sua influencia posthuma na vida astral, assim tambem os Mysterios maiores ensinavam a influencia de certos actos sobre o chamado mundo celeste. Os symbolos são aqui mais complicados e difficeis pela propria difficuldade de adaptar ao plano physico as coisas do mundo mental.

A INICIAÇÃO E A SCIENCIA MODERNA

Não nos parece vantajoso prolongar este estudo sobre os antigos Mysterios, mesmo porque, se houver entre vós alguém bastante saturado dos ensinamentos da sciencia contemporanea, certamente não estará disposto a acompanhar-nos em indagações cuja authenticidade é geralmente negada por semelhante sciencia.

A esse proposito escreveu Schuré o seguinte:

"Os sabios de hoje recusam admittir que esta religião dos Mysterios fosse na Grecia, não sómente a mais sagrada, mas tambem a mais antiga. Elles consideram-n'a como fabricação tardia e artificial enxertada sobre uma mythologia puramente naturalista. Esta doutrina tem contra si os mais solennes testemunhos da propria antiguidade, não sómente os dos poetas de Homero a Sophocles, mas ainda os dos mais graves historiadores, de Hesiodo a Estrabão, e os dos dois maiores philosophos gregos, Platão e Aristóteles. Todos falam dos Mysterios como da religião mais alta e mais santa, todos os fazem remontar aos tempos prehistoricos e falam de uma antiga religião sacerdotal que reinava na Thracia, muito antes de Homero, e da qual dão testemunho os nomes lendarios mas eloquentes e significativos de Thamyris, de Amphyão e de Orpheu. As theo-

rias arbitrarías dos historiadores e dos mythologos modernos, que raciocinam sob o jugo de idéas materialistas preconcebidas, não poderiam prevalecer contra taes autoridades. Menos ainda resistem ellas á poesia maravilhosa e suggestiva que deriva desses velhos mythos, quando, ousando contemplal-os frente a frente, então nos inspiramos em sua indestructivel magia." (2)

Desde a origem dos tempos que se interroga a esphynge. O homem quer resolver o proprio enigma porque sente por intuição que o seu problema é o problema do Universo. O microcosmo corresponde ao macrocosmo. O que está em cima é como o que está em baixo. E a esphinge responde segundo o gran de evolução de cada um. Alguns chegaram aos mais altos vertices, lá onde palpita a monada divina: São os grandes Iniciados, os grandes instructores dos povos, os fundadores das grandes religiões. E transmittiram ao seu povo o verbo divino, que se reflecte em cada ser com luz maior ou menor, consoante o seu fóco de reflexão. Ora, este fóco de reflexão augmenta á medida que a intuição se desenvolve, e pouco ou quasi nada deve á cultura xclusiva da intelligencia.

A intelligencia é o organ de adaptação ao mundo exterior, consagrado á vida externa, á interpretação das fórmas. A intuição é a intelligencia das coisas interiores, é o sentido esoterico, o instrumento do divino. Por isso a sciencia sem a intuição não passa das planuras do materialismo, do agnosticismo ou do positivismo. Não vê o universo senão pelo seu lado exterior atómico e mecanico; não lobriga nas coisas senão uma successão de phenomenos; na vida ella vê em accção as mesmas leis da materia morta; no homem, — simples poeira ephemera de moleculas.

Mas o homem não é isso, e o saber mais informado do futuro encontrará certamente em sua curva ascendente os dados primitivos da intuição.

ALBERTO SEABRA.

(2) Schuré — *L'Evolution divine*, p. 294.

VIDA DO PADRE ANTONIO ⁽¹⁾

TIRADA DO SEU ARCHIVO PARTICULAR

Nunca me passou pela idéa que eu teria de escrever a historia do Padre Antonio. Mas tambem quem poderia escrevel-a senão eu?

Poucas pessoas conheciam a belleza divina da sua alma, e ninguem sabia que elle era um santo. E nunca houve santidade tão grande como a sua.

Muitas vezes ouvi dizer delle que era um hypocrita e um mau padre. A verdade é que foi um espelho de virtudes.

Fui seu companheiro e amigo na prosperidade como o fui na adversa fortuna, quando uma doença minaz devorava as suas forças, e quando todos o haviam desamparado.

Sendo eu um herege, elle punha todo o cuidado na minha conversão — grande signal de verdadeiro amigo. Mas não tinha indignações apostolicas. Sabendo-me relapso, não tinha o espirito inquisitorial dos seus antigos confrades e preparava-me apenas algumas dessas fogueiras scenographicas, como as ha nos theatros, onde eu podia ser chamuscado sem inconveniente grave.

— A bondade de Deus é infinita, dizia-me elle. E quem sabe? talvez o fogo do inferno não seja mais que uma allegoria chimica para certos effeitos da religião.

E assim era que eu sempre renascia das minhas cinzas.

Não se vá concluir desta excepção de bondade que fosse perpetua e inalteravel.

(1) A "Revista do Brasil" obteve do autor deste romance inédito a parte preliminar aqui impressa.



Por vezes, o Padre Antonio se agastava e até por motivos futeis e quasi frivolos. Era talvez o signal prematuro da sua doença.

As pessoas que lerem estas paginas poderão verificá-lo, discretamente.

Vê-se de um passo deste livro, lá para o capitulo LXXI, que elle não me tinha em grande conta. Pésa-me a decepção de o confessar, mas é a verdade: "Este Cleobio, diz elle (com a sua mania de nomes trocados) é intelligente e é uma boa alma, mas é homem inepto e pedante que sabe misturar atrevimentos grandes com certas prudencias asininas que escachariam a besta de Balaão se cá viera de novo a disputar com os doutores."

Este Cleobio sou eu, não tenho duvidas, segundo vim a perceber pela transparencia do texto. A referencia, comprehendese, não foi agradável, mas tem a sua explicação. Em primeiro lugar, a vehemencia daquelle rasgo pode ser um defeito de estylo. Quantas vezes um epitheto pode acender a discordia! as longas guerrilhas byzantinas não tiveram outra causa. Eu, por mim, avalio todas as cruezas do vocabulo pela intenção occulta, talvez pelo habito grangeado de meu velho mestre-escola que me mandava sempre descobrir os synonymos.

Nesse confronto com a besta sagrada descubro a temperança e a misericordia de uma alma christã. Que admiravel fortuna a de entrar na Biblia mesmo de gatinhas e quadrupedante! A immensa reputação de Pilatos não tem outra origem. Porque, em verdade, o caso assim se passou, como vou relatar em breves palavras.

Falava-se de doutores da egreja e dos antigos padres que tanto lustre deram ao christianismo nascente; e eu, com descuidosa familiaridade, cheguei a dizer que Tertulliano era certamente um idiota quando affirmava que deviamos crêr em coisas de si mesmas indecentes e absurdas, desde que fossem necessarias á fé.

Era, da minha parte, talvez uma prudencia de asno.

Ante a colera do Padre Antonio, comecei a pôr attenuantes inhabeis e de occasião. Disse que a minha intenção era outra; alleguei ter empregado a palavra *idiota* no seu sentido antigo e proprio: de pessoa que não sabe lêr nem escrever; e é coisa conhecida que Tertulliano roçava pela heresia com todo o seu

mau latim cheio de barbarismos africanos; e eu reclamava para mim, o que já se havia feito para aquelle vaso insigne, algumas glossas complacentes.

E' preciso entender os homens.

— Cleobio, disse o padre Antonio, aqui o idiota seguramente és tu. A verdade não precisa de estylo; ella é formosa, sem formas, como a luz.

Comtudo fiquei aborrecido por alguns dias e temeroso do lance arriscado em que me vi mettido. Amuei e senti-me tomado de melancholia; e como ás vezes me succede quando tenho cuidados graves, surprehendi-me a escrever em todo o papel que me vinha á mão as palavras sagradas de quando a besta prophetica se cosia á parede — *asina junxit se parieti*.

Na realidade eu estava encostado e vencido. Afinal, tudo passa. O resentimento foi apenas uma vertigem. O padre Antonio fez elogios do jumento sagrado e deu-me, por atalhos, grandes consolações de espirito.

Aliás a intimidade, em familia, explica certas indelicadezas e grosserias que estimulam a concordia.

A monotonia do affecto gera esses reagentes de perturbação talvez pela necessidade de dar um rythmo ao proprio tédio.

Eis ahi toda esta frivola anecdota. Pouco tempo depois:

— Então?! inquiriu-me o padre Antonio pondo a mão sobre os meus hombros.

— Então?!

Já não havia mais nada. E nem já me lembrava o mesquinho incidente.

Outro successo differente não deixa de ter alguma circumstancia neste livro de archivo. E deu-se da maneira que passo a referir.

Pouco tempo depois da morte do Padre Antonio appareceu-me em casa uma figura triste e dolorosa que me lançou em profunda consternação. Parecia-me um espectro (se eu nelles acreditara) tão longe estava da realidade familiar a meus olhos e que me vinha advertir da inconstancia das coisas humanas.

Entrava-me pela casa dentro uma mulher macilenta, torva e desfeita; moça talvez ainda, mas desfigurada ou envelhecida, mal posta de roupas, e miseravel.

Fedia á pobre, que assim acontece quando a pobreza se junta ao desespero e ao desconsolo. Reconheci-a. Era bem ella, a Dona Juliana, que eu conhecera farta, alegre, alva e formosa, com o seu riso bom, aberto e perenne. A seriedade ou a tristeza fechara-lhe os labios e agora ao vel-a, de botas encarquilhadas, com os pés quasi desnudos, senti que o seu riso alto lhe tinha descido aos sapatos. Parecia assim pisar a cada passo a fugitiva fortuna que a vestia, e a compunha ha pouco e que lhe cahira agora aos pés.

Quão differente do que tinha sido!

Dona Juliana, uma creatura sã e alegre, tinha um pouco daquelle temperamento que entre nós se define com uma palavra corriqueira. Emfim, era *pernostica* ou literata. Não que fizesse sonetos (indicio certo de literatura) mas era lida em romances e outras cavallarias que vinham em fasciculos.

Agora era a imagem da tristeza. Parecia-me feita de uma lagrima só, grande, inteiriça.

Era outr'ora visinha do Padre Antonio e era ella quem fornecia as suas frugaes refeições. O padre tratava-a com extranha severidade e, com certo respeito como a um inimigo poderoso.

Foi talvez alludindo aos encantos desta sereia que uma vez o Padre Antonio me disse:

— Em toda Helena ha sempre uma Troya.

E atraz d'aquella mulher eu via symbolicamente a ira de Achilles, o incendio e o escombro dos teucros.

Que engano! esta pretensa Helena cil-a ahi: esfarelou-se em ruina. E o incendio e os gemidos que devia projectar voltaram-se-lhe para dentro a consumil-a de miseria e desesperação.

Dona Juliana contou-me entre lagrimas a historia da sua decadencia. Em resumo, *seu Souza* (era o seu marido) só conviveu com ella emquanto foi vivo o Padre Antonio que era a unica pessoa a quem obedecia. Mas, ha muito tempo a queria deixar, não fosse o conselho do santo homem.

— Logo que o padre morreu, disse ella, abandonou-me, metteu-me os pés...

Esteve a dizer ainda algumas coisas...

E a sua voz desencordoada como a de um phonographo esgotado escambou em tons graves e confusos, guaiando em soluços.

Consolei como pude aquella tristeza grande. Dei-lhe tudo o que tinha na occasião e no bolso.

Dona Juliana desapareceu. Della ficou a memoria de como entendia a caridade christan aquelle silencioso apostolo das almas que havia prevenido tantas desgraças e concertado tamanhos infortunios.

O mundo ignora essas virtudes occultas das quaes elle vive, entretanto; a paz que respiramos é, como o ar, invisivel, e é o trabalho perpetuo de uma providencia desconhecida.

O meu grosseiro atheismo nunca chegou á negação dos anjos da guarda. Sim! ha pelo menos anjos que nos vigiam e nos protegem.

Tudo me imporia, ao redor de mim, o dever de falar d'aquelle missionario encoberto; mas a empreza era demasiada para as minhas forças.

Todavia, não foi surpresa para mim quando dois annos depois da morte do Padre Antonio eu recebia em registrados do correio quinze maços de papeis vários de letra do saudoso amigo.

Como vinham a mim essas reliquias? Mandava-m'as do longiuquo sertão de Minas um seu parente, o coronel Mascarenhas que recolhera o espolio do querido morto.

Os dois annos decorridos não haviam lançado nenhuma poeira na minha memoria. Eu via e sentia viva a sua figura nitida e luminosa como a realidade. Achei, porém, que tardara muito essa inesperada visita que no meu espirito ainda não era pósthuma.

Vinham os papeis com a seguinte carta:

“Meu querido amigo:

“A morte avizinha-se do meu leito e sinto que chega com aquelle pé egual de que nos fala o poeta. E' a minha vez, e já era tempo do meu ajuste de contas.

“Antes de partir, puz em ordem o meu archivo. Estes papeis ser-te-ão entregues quando eu tenha já apodrecido. Pensei em destruil-os, mas a destruição é uma obra diabolica. No



diluvio, Deus poderia ter destruído o mundo mas não quiz renovar a criação. Conservar foi preferível a Deus quanto mais ao homem!

“Pensei que a tua curiosidade amiga poderia ainda por algum tempo libertar os fantasmas da minha imaginação, presos nessas garbulhas. Podem ainda voar, se nas malhas dessa rede escripta não perderam o habito das azas com que adejaram no outro tempo.

“O crime foi todo meu de escrever tanto, mas o que não escrevi foi crime ainda maior.

.....”

Eis ahi, num trecho apenas, a historia desse archivo que me chegava ás mãos. Delle é que engenhei o romance que se vae lêr e que é a verdade e a poesia d'aquella grande alma de santo. Quanto não daria eu para escrevel-a com a dignidade que merece!

Em poucos dias comecei a pôr em ordem os papeis que me chegavam desencontrados, em desconcerto. Pela numeração, vi que faltava um caderno.

Emfim, dispul-os em duas séries.

Uma dellas compunha-se de *Sermões* (alguns já conhecidos meus de ouvida) materia curiosa para clerigos da roça. Estou que um bispo e um editor de mãos dadas vulgarizariam este sermonario; mas essa accolade hoje em dia me parece difficil. E' provavel que os sermões fiquem sempre inéditos.

A outra serie é para mim a mais importante; para mim e para o editor, e quem sabe? Talvez para o proprio bispo. Della é que tirei quasi toda a substancia deste livro; o leitor dirá da minha perspicacia.

Os papeis cheios de gregotins quasi indecifreveis reclamavam da minha parte immenso labor, uma exagese e uma arte de interprete que eu não suppunha existir em mim.

Revolvi, noites inteiras, com amor e diligencia os textos obscuros e falhos, cheios de passagens em latim, chamadas, cotas e rasuras.

Eis ahi o que fiz.

Entretanto, escapou, por muito tempo, á minha argucia una parte (a mais delicada e certamente a mais discreta) de todo o archivo.



Eram talvez casos de consciencia estudados por um *probabilista* insigne como era o Padre Antonio. Como decifral-os? estavam postos em hieroglyphos, senão era chim ou hebraico que não alcancei entender. Uma nota prévia dizia. “Veja o caderno verde, n. 13”.

Ora este era o caderno que faltava, subtrahido acaso por mão inhabil ou criminosa. Ahi estaria a chave do mysterio.

Como os antigos theologos e philosophos, o Padre Antonio praticava a *acroamatica*, uma especie de cabala e de escripta figurada em que só podiam penetrar os iniciados.

Fiz todas pesquisas e viagens para descobrir o caderno perdido. Tudo em vão.

“Veja o caderno verde” era a noticia unica que me exasperava, de vez em quando. Sem iniciação, sem um interprete ou um mystagogo como havia eu de penetrar naquella escura meciada? “Veja o caderno verde”. Mas...

Continuavam assim os meus trabalhos de interpretação do archivo quando já decorrido um anno recebi um concurso inesperado. Vinha do céu donde seguramente vêm todos os favores grandes.

Appareceu-me Dona Juliana. Era já outra, ou antes era a mesma de outro tempo, mas remontada e rediviva, talvez mais bella, alegre, farta e opulenta. O riso subira-lhe de novo ao rosto, agora illuminado de extranha felicidade.

Pensei involuntariamente na fabula de Helena reconduzida a Sparta, duplicando a Menelau a graça de outra lua de mel.

Doce fabula! Dona Juliana tinha um ar de importancia indescrictivel. Notei que falava muito, talvez mais do que convinha. Usava palavras novas, e creio, se não estou enganado, que adquirira um certo *sutaque* italiano. Talvez illusão minha, por que ella parecia de facto uma rainha de opera lyrica ou talvez por outra majestade que me escapou.

— Está admirado da minha mudança, não é? disse-me ella com o seu sorriso perenne. Pois, os tempos mudam, não são sempre os mesmos. Não é verdade?

E accrescentou :

— Agora sou outra. *Vita nuova*, como se diz no commercio. Notei que dizia tudo rindo e com graciosa indolencia.

— Dona Helena, disse eu ...

— Perdão! Pois já esqueceu o meu nome? eu sou a Juliana.

E assim nos entretivemos algum tempo, quando ella, emfim, disse ao que vinha.

— Venho trazer-lhe uma insignificancia que foi do seu amigo, o Padre Antonio. Era a unica lembrança — que eu tinha delle.

E abrindo a bolsa de seda, monstruosa, della 'sacou o *caderno verde*.

Arrebatei-o com as mãos ambas impetuosamente.

Ella riu-se da infantilidade do meu gesto. E contestou :

— E' uma insignificancia este livrinho de figuras que ninguem entende. Faltam umas quatro paginas que *seu Giuseppe* arrancou, creio que para embrulhar palitos.

Seu Giuseppe? pensei. Quem era? Mas que me importava o nome de um vandalo?

A verdade é que eu tinha já o *caderno verde* tão longamente cubigado nas minhas vigílias.

Emfim, Dona Juliana despediu-se.

— Adeus! disse-me. Adeus e talvez para sempre!

— Como assim? repliquei surprezo.

Sentiu-se um pouco tolhida e abaixando os olhos e diminuindo o sorriso, murmurou :

— Nós partimos para *Nápole* esta semana.

Dei-lhe os parabens e desejei-lhe a boa viagem. Não busquei esclarecer-me; tudo era claro como o céu donde iam gozar o benigno exilio. A sua formosura bem o merecia. Quasi á porta e tomando-me a mão, ainda ella reprehendeu com graça :

— Mas não se esqueça outra vez do meu nome. Eu nunca fui Helena, desde a pia que sou Juliana...

— Bem o sei. Dona Juliana de Souza...

— Outra cantiga, atalhou ella. Juliana Capirotti, sua creada.

Se na *Vida* que escrevo deslizar algum erro, ou inadvertencia, a culpa deve ser attribuida á lacuna das paginas do *caderno verde*.

Ou antes, deve attribuir-se a culpa á minha insufficiencia, pois tendo quasi todo o esqueleto dessa historia, não comprehendendi nem restitui a anatomia harmoniosa das suas partes.

Ou antes, dê-se uma porção da culpa a este insensato *Giuseppe Capirotte*.

E' sempre bom repartir as responsabilidades.

JOÃO RIBEIRO

POST-SCRIPTUM

Cumpre-me ainda, antes de começar esta *Vida*, agradecer o concurso de duas pessoas que me valeram em algumas difficuldades da narrativa.

Comquanto ricos e numerosos os papeis do archivo particular do Padre Antonio, alguns passos da sua vida sempre me pareceram obscuros. Foi preciso soccorrer-me de outras fontes para a intelligencia dos textos.

Algumas das notas escriptas foram redigidas em latim que não pude alcançar, sendo, como sou, muito fraco na materia.

Informações pessoais, era o que eu buscava.

Entre os que me ajudaram com as suas luzes devo citar em primeiro lugar Sua Excellencia o Barão de Cajurubeba que todos conhecem pela sua grande posição social não menos que por sua nobreza cuja prosapia vem desde os cruzados bretões. Sem embargo da sua alta linhagem, o Barão de Cajubeba foi homem pobre nos seus principios, e serviu a Deus e ao mundo humildemente como sacristão da matriz de Quatipurú, berço do Padre Antonio.

Esta circumstancia não é decerto nenhuma nódoa nos seus braços. A verdade é que no arraial de Quatipurú elle era sacristão e até conhecido por Chico do Capêta, (o povo assim o appellidou por suas tendencias picarescas e diabolicas, como se verá em tempo). O Barão occultou-me essa circumstancia meramente anecdotica e sem importancia; e nem eu commetti a indiscreção de alludir a ella.



O Barão disse-me que nos seus começos fôra mestre-escola e professor de latim em Quatipurú — o que é perfeitamente exacto. E lembrou-me que o padre Antonio foi um dos seus discipulos.

— Era muito distrahido e parecia estar sempre doente.

Sua Exa. animou o meu projecto de escrever a vida do virtuoso sacerdote. Achou que era obra patriotica e ficou de falar ao governo ou ao congresso sobre o caso. Quanto á sua bolsa, estava ao meu dispor, disse-me elle.

Agradei a inutil generosidade e recusei ambos os alvitres.

O outro informante que tive foi o doutor Bezerrinha, hoje aclamado entre os grandes vultos e luzeiros das nossas letras medicas. Homem imponente (e mais conhecido na sua ausencia por Doutor Bezerrão) é na verdade um colosso de oleos e de sciencia. Infelizmente o seu nome não acompanhou a adiposidade crescente. Por absoleta fidelidade historica chamar-lhe-ei sempre Bezerrinha.

Não applaudiu o meu tentamen.

— Faça o que quizer, disse-me dogmaticamente. Faça o que quizer; mas para que escrever? A vida passa e é um crime perpetual-a. A nós mesmos cumpre apenas prolongal-a até o termo. A vida não se mineraliza. Deixe o Padre Antonio em paz. A sobrevivencia é talvez uma falta de respeito pelos mortos.

Hesitei um momento. Mas antes que eu chegasse á porta, já havia atirado o conselho pela janella.

Bezerrinha ou Bezerrão, pouco importa ao meu intento. Colhi os testemunhos que pude e comecei a escrever esta historia.

J. R.



EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

(A PROPOSITO DE UM LIVRO DIDACTICO)

Bem sei que, do assumpto e não da sua pessoa deve tratar o orador. E' velho o preceito e voluntaria a obediencia. Quando, porem, o orador não fala por si, mas é emissario de mais alta autoridade, a apresentação das credenciaes, que o investem no mandato, precede a exposição da mensagem que traz.

Apostoió de uma fé, em prol da qual tantos militam, não é em nome de almejos egolstas ou interesses particuiare, que, a esta terra, onde ensaiei as minhas primeiras armas na cruzada nobilissima do magisterio, sou vindo agora ievantar a minha voz de mestre obscuro, após a longa ausencia de dous decennios: é em nome da doutrina, em cuja pregação aqui ful minima parte, quando ainda não ralara para a patria brasileira a dupla aivorada da redempção dos captivos e da liberdade politica.

A razão, que d'aquél me fez ievantar a tenda e lr armal-a onde o combate da palavra e da acção se podia ferir para a victoria da grande causa, é a mesma que me faz volver ao recanto, onde o grito de alarma, que é o protesto contra a má doutrina e a pratica condemnada, foram erguidos.

Si corri ao centro, d'onde a omnlpotencia do governo pessoal coaretava e regla então as manlfestações do pensamento e da actividade nacional, si para lá corri afim de convencer e chamar esse governo ao caminho por onde, a meu ver, se havia de encarrear o engrandecimento e a prosperidade patria, isto é, o da educação que nutre, que rege e que guia, hoje que, livre da influencia effectiva d'esse poder caprichoso, n'este recanto, que põe todas as suas forças em contribuição para serviço da propaganda, em que militel, a cruzada em prol da doutrina avança, imperterrita e conflante, para a realisação do ideal pregado, impõe-me o zelo de patriota que para aqui

N. de R. — Este trabalho foi lido em conferencia publica realisada no amphiteatro do Jardim da Infancia, de S. Paulo, a 8 de maio de 1916, na presença dos srs. drs. Altino Arantes, presidente do Estado, Oscar Rodrigues Alves, secretario do interior, membros do magisterio etc.



acuda a ajuntar também o meu grito de alarma e o meu protesto aos dos que gritam e protestam, vendo armar-se disfarçadamente, na Capital da Republica, um perigoso golpe contra as instituições livres, que a 15 de Novembro de 1889 inaugurámos, a pretexto de corrigir pela educação cívica da infancia, os defeitos da raça, "que tem tornado o regimen responsavel pela incapacidade dos seus homens de Estado."

E' como uma nova cruzada, que se quer levantar entre crianças, qual a que no delirio da exaltação religiosa da epoca medieval se levantou para a conquista dos Santos Lugares; e parece que o pontifice maximo, que a suscita, quer também, como Innocencio III, exprobar por ella a tibez dos grandes, que dormem indifferentes ao sacrilegio dos increos.

Verdadeiramente nugatoria, verdadeiramente derisoria, como chamaram os chronistas aquella expeditio, a aqui suscitada, si não pode ter felizmente o destino da que os Ferrer e os Porcus levaram ao naufragio nos cachopos da Reclusa porque a catechese faiou uma linguagem tão incomprehensivel á intelligencia dos catechisandos que foi como si seus ouvidos não a ouvissem, é entretanto, uma tentativa falha, que pode, pelo silencio e pela impunidade, levar a mais bem tramado e succedido commettimento.

E' pois, em nome da causa republicana que hoje aqui estou, não como o general, que vos venha apresentar na sua fé de officio os feitos heroicos, que hajam merecido os louvores das ordens do dia na campanha, que levou á victoria — mas como o soldado desprentencioso, que vos vem provar que não deu ainda baixa á sua praça, porque a victoria almejada está até agora longe de se inscrever como um facto consummado nos annaes da vida republicana, e, no momento, um attentado de funestas consequencias clama pela vigilancia e devotamento de todos os sinceros republicanos.

Sem louros, portanto, que ostente ufano aos vossos olhos, com grandes responsabilidades no que os estadistas do dia chamam a decadencia do ensino, como pessoalmente l'ho declarou, em franca expansão, o digno compatriota, que acaba de deixar o governo d'este Estado — com a mesma coragem, a mesma convicção, o mesmo zelo e o mesmo amor da sua mocidade, aquelle, que se vos dirige, vem ajuntar a sua voz, que não é senão affirmacão de sympathia e promessa de esforço, a d'aqueelles, que conhecendo a funcção da escola na educação de um povo, não querem ver semear no coração da infancia o germen da descrença no futuro da patria pelo entibamento da sua confiança nas virtudes da raça, e creem na regeneração dos costumes pela convicção de que é pelo exercicio da virtude, que se eific moralisam.

Ilustre collaborador no progresso da terra paulista, infelizmente já arrebatado ao seu serviço, o dr. José Luiz de Almeida Nogueira, escreveu no livro "Tradições e Reminiscencias da Academia de

São Paulo”, á pagina 297, setlma serie, em relação a minha individualidade sem nenhum destaque como estudante das letras juridicas, as palavras seguintes: “Conhecldo educacconlsta, deixou infelzmente a sua nobllissima missão pedagogica e fez-se serventuario vitalicio de um pingue cartorio na Capital Federal.”

A minha presença vos prova que o officio pingue ainda não abafou em minha alma as desinteressadas aspirações dos ideaes da mocidade, nem os firmes e assentados propositos do homem maduro, que, para sua reallsação, teve de cortir as mals duras provações, embora o imperio das circumstancias o traga ora retirado nas fileiras da reserva, onde, no estudo e na meditação, não tem um momento deixado de pensar e de trabalhar pela causa, conforme em futuro proximo vos ha de demonstrar com a publicação de trabalhos didacticos, destinados a servir a um numero maior de seus jovens compatriotas do que o poderia fazer com o exerciclo militante do magisterio.

Velho, hoje, assoberbado pelas decepções contra as quaes se não rebella porque as acha naturaes, pois que o monstro da rotina, como a hydra da fabula, precisa, para sua destruição, da clava de um deus, tem visto a reacção dos espiritos obscurantistas vlbrar golpes fundos e bem succedidos contra Idéas, que já iam fazendo caminho victorioso nas reformas republicanas, e, certo de que hão de alnda lr avante, não só não dá por mal empregados, nem vencidos, os esforços da sua actividade em prol das conqulstas annulladas, como ainda o pouco, que vale, o pouco a que reduz a sombra d’essas derrotas, tem-n’o sempre a causa do ensino a seu serviço — é sempre tributo espontaneo e grato da sua alma brasileira e republicana.

A melhor parte da experiencia de um homem, diz um grande escriptor, que tambem foi um dedicado mestre, a melhor parte da experiencia de um homem é que aquillo, em que falha, lhe ensina como havia de ser bem succedido. Não são as grandes cousas, que leva a fellz termo, que dão ao homem a sua preciosa sabedoria; sim, porem os desapontamentos, as humilhações, as perdas, a descoberta da sua nullidade, ou, o que é mals intoleravel, a convicção da sua pequenez: é por estas que chega elle a experiencia, que mais importa — o conhecimento do seu Eu e do outro Eu, que não o seu, assim como da escada entre os dous. Nas batalhas, que se perdem, lucrase, pois; e, como a taça cheia das gottas de sangue, que a coroa de esplnhos e a lança fizeram verter, se poude tornar no symbolo da communhão, travez do qual a crença entranha em si o corpo do amado ideal, que a alenta para as lutas por vir, assim a derrota soffrida, a responsablidade que me pesa, a maldição que me punge, alentam em mim o animo para, esquecendo o vencido, arrostar de novo o inimigo triumphante, porque na vergonha do desastre, que me possa humilhar, vejo o exemplo para o emprehndimento das lutas, que outros podem vencer.

Por isso, e em nome da santa causa da educação republicana, é que aqui estou hoje e vos peço a vossa attenção para o que a ponderação reflectida dos annos — o amor entranhado das idéas, a que sempre servi — as responsabilidades, em que por minha vida publica tenho incorrido — me impõem que vos diga sobre o recente livro do dr. Afranio Peixoto, o illustre Director da Escola Normal da Capital da Republica, que se propoz ser util á infancia habilitando-a a “formar julzo seguro sobre os nossos homens e as nossas cousas”, para que, n’este regimen democratico, em que lhe tocou crescer para a cidadania, “faça, pela selecção, que o voto lhe conceder, recahir sobre quem mais capaz fór, a escolha dos homens, que hão de fazer o Brasil eterno e forte, feliz e grande”, pondo-o a caminhar sobre “as estradas amplias e rectilineas por onde”, na phrase d’aquelle eminente cidadão, que ha pouco vem de assumir o governo d’este grande e glorioso Estado, “as gerações de hoje e de amanhã hão de conduzir a Patria e a Republica á fortuna e á grandeza, de que uma é digna á sombra da outra,,.

Permitta agora V. Exa., sr. dr. Presidente do Estado que, apresentando-lhe aqui muito especialmente os meus votos pela prosperidade do governo, que ora inicia e de cujos resultados são esperançosa promessa os honrosos antecedentes da sua vida publica, a V. Exa. agradeça desvanecido a honra da sua complacencia em concorrer a ouvir a minha desautorizada palavra — agradecimento que torno extensivo ao digno sr. dr. Secretario do Interior, ao sr. Director Geral da Instrucção, ás illustres autoridades escolares, que aqui se encontram, e a vós todos, minhas senhoras e senhores, cuja presença me penhora e anima. E, pedindo-vos venia, passo a ler as considerações, que me pareceu opportuno fazer sobre:

MINHA TERRA E MINHA GENTE

I

“A vitalidade e a integridade politica de um Estado moderno devem, em ultima instancia, assentar sobre o caracter e a clareza das opiniões politicas sustentadas pelos homens, que estão fóra das posições sociaes. Nenhum vigor administartivo e nenhuma sabedoria legislativa podem por muito tempo sobreviver no vacuo da ignorancia e indifferença publica.

Um corpo de opinião, que a ampara, é essencial á marcha da politica administrativa ou legislativa; é necessaria uma opposição séria e de principios elevados, afim de impedir o exaggero e o abuso, “diz um eminente escriptor americano em ponderado arti-



go sobre a educação da opinião publica, que, no seu modo de entender, não é senão "o jogo reciproco das forças de propulsão e resistencia, influenciado pelos sentimentos religiosos e moraes do povo, traduzindo-se em credos politicos e tendencias para os pôr em acção."

Comquanto a opinião publica seja filha da imprensa, da educação moderna, dos meios de communicação e da demoeracia dos nossos tempos, porque esta a desenvolveu pelo exercicio, aquelles contribuíram para a sua propagação, e as primeiras a tornaram possivel, já Pericles dizia, segundo o assevera Thueydides: "O cidadão atheniense não se deseura do Estado pelo facto de presidir ao proprio lar; e, mesmo aquelles de nós, que nos consagramos ao commercio, temos idéas precisas sobre politica. Só nós consideramos o homem, que se não interessa pelos negocios publicos, não como um caracter inoffensivo unicamente, mas inutil; e, se poucos de nós somos criadores, somos todos juizes competentes de um sistema politico."

A sabedoria destas verdades, applicaveis a qualquer forma de governo, que tenha um paiz, tem sido em todos os tempos comprehendida, e, em todos os tempos, mais ou menos intensamente, se tem esforçado pela effectividade das vantagens, a que alludem os espiritos mais esclarecidos e as nações, que mais norteadamente aspiram á realisação de progresso firme e duradouro, procedente do sentir e do agir de cada impulso individual, dando como resultante a segurança, o bem-estar e o engrandecimento crescente da communhão social.

Não simples dente em roda que gira ás cegas, sim, porém, e cada vez mais, cellula viva em organismo animado, o individuo ou cidadão, pôde-se dizer que o aggregado é o que o faz a acção de cada um dos seus componentes. Para que, porém, a acção de cada componente se possa effectuar profieua em relação a si e em relação á sociedade, cumpre que cada um tome por base do seu bem-estar particular e da sua felicidade, a paz, a liberdade e a segurança publica, sem o que não poderá exercer o seu privilegio e cumprir sua funeção como membro de uma comunidade.

Não podia, pois, escapar á observação daquelles, a quem incumbe nortear o afeioamento do caracter e a illuminação do intellecto das gerações novas, a necessidade de preparar o cidadão para intervir na vida da comunidade com a acção mais efficiente compativel com o seu *essere* psychico, ao mesmo tempo que se



lhe dá o mais completo aparelhamento para assegurar-lhe a sua maior prosperidade individual.

A pedagogia, portanto, de Platão e Aristoteles até nós, ao lado do eidadão-animal viu sempre o animal-eidadão, e, tanto quanto daquelle, deste se preoccupou através dos seculos, reputando-se mais sensata aquella que não põe o seu alvo na esperança de estabelecer uma igualdade utopica — sim, porém, o seu esforço em arraigar funda a convicção de que, na acção commum, havendo socios mais capazes a colaborar com outros menos, estes aceitem a quota, que recebem, como proporcional á exiguidade da parella, com que contribuam e, pela responsabilidade menor que lhes caiba, se compensem das vantagens melhores que não auferam.

O animal, tomado no physico e mental a que se chama *homem*, cultiva-se sob o duplo aspecto de *corpo* e *espírito*; mas como o espirito se desdobra em *intelligencia*, *sentimento* e *vontade*, influenciados todos, travez do aparelho de sua manifestação, por heranças de ascendencia, a cultura de um e outro cáe tambem sob a alçada dos cuidados pedagogicos — donde o tradicional desmembramento da educação em *physica*, *intellectual* e *moral*. Sob qualquer das tres capitulações, os problemas da cultura do homem-individual entendem com a cultura do homem-social: o que este tem de ser depende do que fôr aquelle. *Civica*, pois, e dentre todas a mais vantajosamente *civica*, é a educação que mais fizer pelo aperfeiçoamento do individuo como homem physico, intellectual e moral para o exercicio das suas funções como homem social ou eidadão.

Compreende-se pelo exposto a razão sobeja, que levou o dr. Afranio Peixoto a querer que, para o Brasil ser “prospero e eterno”, comece por ser um povo “instruido e educado”, desde que “só ha um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: saber:” e “não ha outro meio de o conseguir: “querer”: o que por outra forma se poderia exprimir dizendo que o futuro de uma nação depende da maneira por que corresponde o seu sistema de escolas publicas ás exigencias da educação dos futuros eidadãos, que tem ellas por função promover.

O que se não comprehende, porém, é o que no seu recente livro “MINHA TERRA E MINHA GENTE” faz o dr. Afranio Peixoto em prol do objectivo, a que o destina — a educação civica — quando nelle se limita a repetir *per summa capita* a historia da evolução da cultura greeo-romana travez da nação portugueza

no desenvolvimento da nacionalidade brasileira, e a reproduzir em traços muito geraes a entidade geographica do paiz ou meio influente sobre a raça, repetição excusada das noções de historia e geographia patria, que constituem materias obrigadas dos programmas elementares das escolas frequentadas pelas *crianças*, a cuja cultura civica foi seu intento acudir.

O primeiro erro do illustre academico, professor emerito e abalisado director da Escola Normal, foi destinar a *crianças* a contemplação de assumptos, que lhes não pôdem ser submettidos, porque a sua idade não dá a essas crianças o criterio necessario para a formação de convicção propria, nem nellas desperta a materia o interesse infallivel, que ahi encontram os *adolescentes*, isto é, aquelles, que se vão a emancipar das influencias da infancia para receberem as dos sentimentos, que a virilidade vem evocando.

O segundo erro foi, dirigindo-se a *crianças*, concentrar em resumo substancioso, que requer capacidade grande de assimilação, posse de vocabulario abstracto muito copioso e somma de conhecimentos ou noções impossivel na idade, empregando exposição muito superior á comprehensão normal, e de todo despida do calor narrativo capaz de emocionar, e, travez da emoção despertada, affectar o leitor juvenil, produzindo-lhe no coração e na mente impressões, que assegurassem o exito do fim proposto ao livro, isto é, inspirar o zelo pela patria como terra e nação.

O terceiro erro, e o mais grave de todos, foi ter mettido entre e quadro do nosso desenvolvimento historico e o do nosso meio geographico, a pretexto de dizer "*verdades necessarias, sem reservas, nem vehemencias, sobre os problemas essenciaes da nossa nacionalidade*", o libello accusatorio contra a Republica, no seu conceito responsavel por males, "*se não do regimen, ao menos culpa de homens pouco capazes que a têm servido*", sem entretanto, indicar meios a que recorrer para extirpar esses males, a não ser a diffusão da instrucção, que "*cria a consciencia collectiva capaz de escolher e impor homens idoneos.*"

Querer prender a attenção de *crianças* a assumptos, que não as podem interessar, é já de si emprehender trabalho evidentemente improficuo; fazel-o, porém, com considerações abstractas como se se doutrinasse a espiritos amadurecidos e providos de meios para assimilação respectiva, é dar prova da mais completa ausencia de



observação e do mais absoluto desconhecimento das lições pedagógicas mais elementares.

No trecho á pagina 12:

“O *hellenismo*, nome pelo qual tambem se chama á cultura grega, foi, de facto, a idade de oiro da humanidade. A liberdade, civil e politica, pela qual o homem dispõe livremente de sua pessoa e bens, e governa-se, sem senhor nem mandões; o respeito e a dignidade da mulher; a educação geral do povo; a cultura das artes e das sciencias; as navegações de commercio e colonisação, que levaram todas essas vantagens aos povos da bacía do Mediterraneo, são os seus maiores louvores.”

que *criança*, mesmo a que haja completado o curso da escola primaria, realisa mentalmente o que é *cultura grega, liberdade civil e politica, disposição livre da sua pessoa e bens, dignidade da mulher, educação geral do povo, navegações de commercio e colonisação?*

No trecho á pagina 17:

“A Egreja, um poder novo, acima dos Estados e entre elles, velou solícita e pertinaz pela pureza e estímulo da crença e das virtudes publicas e particulares, que d'ella derivavam.”

que significa para a *criança*, que naturalmente ignora o que seja *poder* ou *poderes*, um *poder novo acima dos Estados e entre elles, estímulo da crença e virtudes, virtudes publicas, e virtudes particulares*, a não serem as theologaes, que tenha aprendido no catechismo ou haja visto suspensas entre berloques á corrente, pulseira ou collar de alguém?

Querer que o espirito movel de uma *criança*, que ainda nem tempo teve de vêr as coisas até ao fundo, mesmo quando provida fosse de capacidade psychica, que permittisse o aprofundamento, é como impor a um estomago debil, que digira uma nutrição demasiado forte em prejuizo da sua integridade physiologica e da de todo o organismo, que com elle está em relação.

Se querer tal é, em regra, não só absurdo, porque a natureza tem as suas reacções, mas monstruoso porque attentatorio não só á hygidez physica como ao caracter da criança, que, ou memorisa sem convicção e adquire assim o habito de repetir sem consciencia, ou esfalfa-se na baldada tentativa de attingir o que escapa á sua potencialidade e perde em consequencia o estímulo para a perseverança na pratica do que lhe traz canção sem compensação em

prazer — querel-o, ainda mais, falando a linguagem das verdades sinceras e frias, que pretendem convencer sem emocionar, é ou absoluta ignorancia da psychologia infantil ou ousada affronta ao criterio dominante no assumpto.

O dr. Afranio Peixoto sabe o que é Homcro, e, com certeza, se não no grego, já o leu na prosa mascula e cantante de Leconte de Lisle. Não pôde, tambem, ser alheio ao facto de constituir, na convicção e pratica desses hellenos, cujos successores somos no mundo do pensamento em todas as suas irradiações as mais grandiosas, não pôde ser alheio ao facto de que as grandiloquas epopéas do Divino Cego, lidas, decoradas e recitadas sob direcção, eram o objecto da primeira educação, sendo o grande poeta considerado entre os mais competentes educadores da infancia e adolescencia como o mais eminente mestre da vida e da moral. Compare, porém, o dr. Afranio Peixoto o que escreveu na "*Minha terra e minha gente*" com a narrativa homerica e pergunte a si mesmo si o seu livro poderá fazer da sua gente e da sua terra o que a Odysseia e a Iliada fizeram da Grecia, de Roma e de todo o Occidente europeu. Em seguida, então, como psychologo profundo, que deve ser dê sinceramente a si proprio a razão da negativa, eorra ao preclaro director da Instrucção Municipal e supplicue-lhe que tranque as portas da escola á invasão de um livro, a que, como medico e pedagogo, não pôde dar nellas entrada.

O genero didactico, ha de sabel-o perfeitamente o dr. Afranio Peixoto, se quer simplicidade e precisão, não rejeita calor e entusiasmo, que dêem graça e vigor á narrativa, acordando nos discipulos o interesse, sem o qual o fruto da instrucção é peço ou frustro.

Se, em vez da exposição, houvesse o dr. Afranio Peixoto dramatisado em palestra viva, de dialogo cerrado, é bem certo que, numa aula de leitura expressiva, do embate entre a pergunta, que pede luz ou complemento, e a resposta, que a duvida objectada arranca emphatica e incisiva, aquelle interesse se despertaria e fora grande o lucro do que quiz inculcar. A passividade, a que a narrativa secca obriga o ouvinte, desinteressa-o facilmente, porque o canção physiologico actua desapiedado, se a voz, que a faz, não se timbra sonora nas vibrações de entusiasmo pelo factos, que expõe.

Leia o dr. Afranio Peixoto a uma classe infantil a passagem simples como tudo que ha de mais simples, em que Affon-



so Arinos conta que, nas travessias do Atlantico, ao aproximar da linha, os brasileiros, de retorno á Patria, *abandonam* os se-rões da musica e se precipitam para a amurada afim de contem- plarem ao longe, erguida sobre a massa escura do Oceano, a constellação do Cruzeiro, e verá que éco suavissimo leva aos eo- rações pequeninos a affirmação de que, para contemplar essas quatro estrellas, que se accendem na noite do nosso eú, os seus patricios, entretidos no convivio do salão luxuoso, *abandonam* a correr os encantos da musica e se suspendem da amurada en- tre a scintillação dos astros e o rumorejo das aguas, que o avan- ço da proa possante faz chapinhar de encontro ao eastado.

Os portuguezes, porém, com Pedro Alvares Cabral, á vista desses olhinhos cheios de curiosidade e d'estes coraçõezinhos sus- pensos em aneio de maravilhas, vem entrando pelo mar a den- tro, rumo de costa para elles nova, como marujos fartos de sul- ear sempre a mesma rota; avistam na terça-feira um monte; chamam-lhe Paschoal; aproam para terra na foz do rio Frade; costeiam a praia; acham uma enseada, onde podem abrigar a ar- mada; parece terem ficado sem nada fazer até á primeira mis- sa, celebrada quatro dias depois; ouvem segunda missa, celebra- da ao pé de uma cruz, cinco dias mais tarde, e chamam á terra, a que assim aportaram, Terra de Vera Cruz — tudo isto em uma des- fiada firme e simples como o pregão espevitado e imperterrito do caixeiro de restaurante barato, que annuncia aos freguezes mortos de fome o menu das petisqueiras do dia.

Conseguir o que por essa forma quiz o dr. Afranio Peixoto, muito mais facil e efficazmente o faria a apresentação dos qua- dros de Victor Meirelles ou Aurelio de Figueiredo, representan- do a primeira missa e o avistar da terra inesperada.

Diante dessas telas, em que fôrma e côr falam á vista e sug- gerem a scena real de um modo palpavel, o que nellas vissem as crianças, e as respostas, que tornasse um mestre competente ás perguntas despertadas pela sua curiosidade por saber o que o visto lhes não dissésse, seria sem duvida, muito mais agradavel e muito mais proficuo para as instruir e edificar.

Quiz o dr. Afranio Peixoto ser simples e grave como eon- vem a um historiador e, para tal, fez-se frio e concentrado, quando quente e expansivo é que age sobre as erianças. “Não é necessario que a eriança comprehenda todas as minucias do que lê ou recita”, diz Chubb, notavel director da High Scholl

Department of the Ethical Schools de Nova York; “a condição imprescindível para que as impressões sejam duradouras e nutritivas é que as obras escolhidas sejam de primeira ordem... O que lhes convém é o que lhes interessa, o que lhes empolga a atenção e atea os sentimentos — não o sensacional, mas o realmente affectivo e impressionante. O interesse é a primeira pedra de toque; a facilidade, a linguagem simples, o estorvo: a criança salta por cima de muita barreira de palavras difficeis, se encontra genuino interesse no assumpto. No rebuseo de palavras faceis, fareja ella algo de artificial e condescendente.

É a obra, um todo, texto e forma, a impressão total, que vale.”

A differença entre a narração secca e fleugmatica de “Minha gente e minha terra”, está para o que deveria ser a narração capaz de interessar a criança como estão para os quadros de Victor Meirelles e Aurelio de Figueiredo os apagados clichés monochromos das paginas 79 e 83, por exemplo, entre os varios com que é recheiada a edição.

E, como a “Descoberta”, a “Campanha Hollandeza”, o “Sacrificio do Tiradentes”, a “Proclamação da Independência” e o “Advento da Republica”, os grandes episodios da epopéa nacional, em vez de se aureolarem no fulgor da narrativa, que os devia cantar ao ouvido, desenrolam-se insulsos em rapida menção chronologica, como insulsos deslisam ante os olhos os clichés, em que traço e côr enchem a pagina, mas não desem a accordar no coração o sentimento, que pretendem educar.

E o modo de o fazer convenientemente deveria ser tão conhecido daquelle, a quem hoje está incumbido o arduo, mas nobre, encargo de formar os preceptores, que hão de educar á altura das exigências do tempo e á luz da mais adiantada pedagogia a infancia nas escolas publicas, essas retortas maravilhosas, onde a fusão da nossa triste mistura de raças irá pedir ás raças regeneradoras as virtudes, cuja falta nos peia o progresso são e seguro!...

Na sessão legislativa de 23 de Agosto do anno ultimo, por occasião de se discutir o projecto financeiro, o dr. Cincinato Braga, salientando o papel historico economico e politico de São Paulo na Federação, afim de oppor protesto á injustiça daquelles que, na phrase do digno deputado representante, attribuem ao mesmo Estado o papel de polvo a sugar em seu proprio pro-

veito os recursos geraes da mãe-patria, se bem que se não ende-reçasse a uma assembléa de crianças, mas a homens eultos, eru-ditos e euja comprehensão de seus deveres eivicos e patrioticos não precisa de ser Jespertada pelo calor da linguagem capaz de a suscitar e alentar, positivo e sincero, eomo soube ser, não dei-xou, emtanto, na sua peroração, de dar, em suas palavras, éco ao surto dos sentimentos proprios, quando se referiu ao nosso pas-sado historico e á terra, em que nos eoube nascer, passado e ter-ra que são um patrimonio precioso de que se deve orgulhar o Brasil inteiro sem parcialidade de prefereneias bairristas ou odioso e systematico chauvinismo. Alludiu, pois, embora em ra-pidissimo escorço, á *gloria* brasileira, que deriva do *heroismo* pernambueano — á lição *patriotica* dos Inconfidentes mineiros — á *união e bravura* de todos os brasileiros na cruenta camp-anha do Paraguay, lembrados sempre com *enthusiasmo e cari-inho* — ao *sumptuoso* edificio das nossas tradições nacionaes — ás *seductoras* lendas da grandeza do Amazonas — ás descripções *maravilhosas* daquilo, que os Paulistas ehamam a *nossa caehoei-ra* de Paulo Affonso — ás eochilhas onduladas do Rio Grande do Sul, onde as *paixões* bucolicas afinam os *cantares de amor*; e re-matou eom a deelaração solenne de aprenderem as crianças da sua terra, pelo ensino de seus pacs e mestres, a não comprehen-derem São Paulo senão envolto no “bemdito” agasalho do auri-verde pendão, que a estrophe do poeta immortalisou na harmo-niosa eadeneia dos seus versos inesqueiveis.

Pois bem: todos esses episodios historicos da nossa vida na-cional, todos esses arrebatadores vislumbres da nossa paizagem geographica, quando, ás paginas 106, 132, 164 e 196 do livro “Minha Terra e minha Gente”, do dr. Afranio Peixoto, são apresentados ás crianças, traduzem-se numa frieza glacial con-tristadora, sem o eolorido rapido de um qualificativo ao menos, que lhes dê relevo e denuncie na alma do autor a affeição, que quer inspirar, por vezes até num tom que tange com o aehineca-lho; e, mesmo o auriverde pendão, a que o texto não allude, se assoma entre as paginas, em que as gerações novas devem lêr o Evangelho do Brasil futuro, é solto no ar como uma coisa lar-gada, sem mãos que o empunhem ou o applaudam, e mentindo á realidade porque mutilado pela suppressão de uma das suas es-trellas.

Entre os livros, que a bibliotheca americana põe nas mãos da mocidade, que as suas escolas educam, tem logar proeminente um pequeno conto de Eduardo Everett Hale: "O Homem sem patria". Se esse livro, ou outro inspirado pelo mesmo sentimento de reacção contra o estadualismo ou cosmopolitismo, tivesse sido a norma á empresa do dr. Afranio Peixoto, com eerteza "Minha terra e minha gente" teria vindo contribuir para a formação da bibliotheca pedagogica brasileira com um contingente valioso, e dado ao ardor civico dos nossos jovens patrieios o impulso, que lhe quiz dar o autor. Assumindo, porém, o tom com que iniciou e conclue, para fugir "ao macambuzismo ou á gabolice", não soube conservar o meio termo, onde estaria a virtude, e, intencionalmente simples e frio, deduziu a sua narrativa de maneira a não informar á altura da capacidade das erianças, a não insinuar com probabilidade de aaccessão ao seu coração e a não evocar na sua imaginação visões patrioticas, que lhes podessem despertar impulsos promissores bem deliberados, resolutos e orientados em rumo a um ideal de civismo convencido e eficiente.

Que é que explica o successo enorme do *Coração* de De Amicis, não só na Italia, para a qual foi escripto, mas no mundo, onde em qualquer parte a alma da infancia vibra intensamente á musica de cordas, que nada tem de extraordinario senão serem universalmente humanas? Que é que faltou á *Testa* de mangazza afim de que fosse elle o leme projectado por seu illustre autor para segurança daquella vela desfraldada pelo incomparavel escriptor de *Constantinopla* no bareo, que leve ao porvir as novas gerações?

A presença ou a ausencia do ardor convencido, que se comunica aos leitores ou aos ouvintes, sem prejuizo da verdade, que lhes é demonstrada, ou da exaeta comprehensão e realidade dos factos, que lhes são expostos. Sem essa qualidade primeira, sobretudo quando o assumpto por si só não é de natureza a despertar interesse tão vivo como aquelles, que mais falam aos sentidos do que á razão, os livros didacticos, no genero de "Minha Terra e minha Gente" — são obras falhas.

Lendo, digamol-o sem rebuço, nem constrangimento, com animo desprevenido e proposito de confirmar o merecimento de trabalho realizado sob aspiração tão auspiciosa qual a que exa-



ra o prefacio, vê-se, entretanto, o critico obrigado a perguntar, concluida a leitura:

E o que pretendeu o dr. Afranio Peixoto accordar no coração dos seus patrieiosinhos, quando lhes expoz aos olhos o syndroma, que positiva o declinio, que se tem vindo accentuando de 1889 até hoje, para infelicidade e vergonha da sua gente e da sua terra?

Podem essas almas ingenuas e inexperientes, comprehender a therapeutica do *saber* e do *querer*, que, como chave de ouro de um soneto, feeha o livro, e lhes deve abrir porta para a conquista "da natureza, dos homens e de si mesmo?". Podem essas almiabas, abertas sempre á espetativa do bom e do bello, comprehender, collocadas como as deixa o dr. Afranio Peixoto, entre os nativistas emperrados e os patriotas de vista eurtta, em que caracter hão de entrar na liça? Como é que hão de ellas renunciar a ser discursadores, poetas, romaneistas, actividades, que subsistem do orçamento, se, no autor do livro, que as quer fazer patriotas de vista larga, vêm um orador, um vate, um novellista, um pereciendario do Thesouro, que tem por isso logrado em muito verdes annos escalar ás mais invejadas e apregoadas posições no mundo official e extra offocial?

Não teria sido preferivel, em vez de lhes antolhar o quadro desolador da decadencia, em que se precipita esta terra graeiosa, que a chorographia de seu livro retrata apenas em enfadonha nomenclatura juntamente com esta nação corrompida pelo sangue negro, não teria sido preferivel retratar-lhe com todas as galas do estylo a paizagem, que emmoldura e dá realee á silhueta esvelta de Maria Bonita, e erguer-lhes os olhos, ao conspecto das antigas e actuaes grandezas da raça e da humanidade, para o clarão das auroras, em que o devotamento dos sabios e a solieitude dos pensadores illustres promettem ao porvir a utopia da Perfeição Suprema, como pharol, que as attráia para a senda segura, em eujo rumo caminhe o Renascimento Social, que s. exa. almeja?

Não é com a visada posta no modelo ideal que o artista faz convergir todos os seus melhores esforços afim de o transformar em realidade? Porque, pois, em vez desse modelo, mostrar aos almejos de melhor, a realidade do peor?

Não se estiolam as esperanças do futuro, quando é funda a convieção da irremediabilidade do presente?

E não se pôde dizer irremediavel o presente como incertissimo o futuro, quando, depois de caldear no seu cadinho psychologico os elementos ethnographicos, que actualmente compõem a mistura de que hão de sahir as gerações porvindouras, o dr. Afranio Peixoto nada affirma sobre o caracter da massa resultante, mas pergunta apenas ás erianças, a quem se dirige, se della “resultará um povo forte, são e feliz” — se “o esboço de hoje dará um povo *voluntarioso*, sentimental, intelligente, digno da terra e do tempo, em que viver, sob a influencia da selecção reiterada da cultura e a disciplina forçada da vida social?”.

Tem cabimento ou justificação qualquer propor a edades inexperientes, depois de deprimir cada um e todos os elementos coneorrentes e eollaborantes do progresso da nação, problemas com que não podem enfrentar, porque tudo lhes fallece para os resolver: o desenvolvimento intelleetual, a experiencia da vida, a posse de conhecimentos que constituem criterio seguro, a philosophia, emfim, que, dos mais altos pinaeulos, a que pôde ascender a meditação humana, sonda para cima, para baixo, para trás, para diante, em todos os rumos e da comparação do que vê no tempo e no espaço, induz, deduz, eonelue, projecta e guia á realisação?

A formula do *saber e querer*, em que o dr. Afranio Peixoto conceentra a effieacia do regimen, que fará o Brasil futuro, nação e terra, impede que outra raça, em que s. exa. de certo vê a iniciativa, que falta á sua — o *saber* e o *querer*, impedem que, nos Estados Unidos da America do Norte, a influencia dos *boss*, se exerça nefastamente, “considerando as eleições locaes como o campo de treinamento, onde exereitam as suas cohorts, e os cargos publicos como o commissariado, onde lhes podem satisfazer a fome”, segundo o affirma Bourne?

E o segredo para reduzir ao que é patriotico, legitimo e justo a acção inevitavel dos *boss*, entidade fatal desde que as opiniões, e com ellas, as tendeneias e objectivos variam, é chamar de parasitaria a classe do funcionalismo civil e militar, menos escrupulosa a justiça, minguada e envilecida a instrueção, farça ou fraude as eleições, proteccionismo exaggerado a taxaço aduaneira, mereenaria a imprensa, administrativos os advogados, nulla a organisação do trabalho, atrophiantes os impostos, frequentes as crises economicas e financieras — males de que as erianças não podem sequer medir a gravidade, e dizer-lhes que

todos elles se remediam com o *saber*, que vem da instrução, constante e maior cuidado do Imperio, que a Republica minguou e quasi que esqueceu?

Não perguntará a criança, que tiver lido no livro do dr. Afranio Peixoto o capitulo "A Republica", em que s. exa. afirma o dogma de que a America deve ser republicana, não lhe perguntará a criança, que á pagina 175 houver visto apontado pela mão de s. exa. como *honesto e liberal* o governo de d. Pedro II, o qual *assegurou ao Brasil longos annos de paz interna*, apesar da mistura das raças e influencia corruptora do sangue negro, *emquanto caudilhos e oligarchias*, só apparecidos entre nós depois da eliminação da monarchia, *ensanguentavam a America do Sul* — não perguntará a criança, muito natural e logicamente, porque é que não voltaremos ao já experimentado e demonstrado melhor para a gente, que somos, em vez de continuarmos no regimen que s. exa. demonstra ter tornado quasi tudo peor?

E não terá razão em perguntal-o, quando, decorridos vinte e sete annos, em que "a população subiu de 14 a 24 milhões de almas, a renda commercial de 52 a 138 milhões de libras, mais alguma selecção de cultura e mais alguma disciplina forçada de vida social se operou, mais braços civilisadores affluiram graças á lei Miguel Calmon, que de 1907 a 1914 introduziu 928.000 immigrants, isto é, numero superior a 28 o/o do total de um seculo, e, emfim, quando já aediram muitos elementos e influencias capazes de levarem a termo, na mistura ainda mal feita dos coefficients ethnicos, a fusão que faz um povo forte, são e feliz, o regimen inaugurado a 15 de Novembro de 1889 apenas fez do Brasil uma earta sem endereço?"

Longe de nós entretanto, contradizer o remedio receitado pelo emerito professor, se a instrução e a edueação, que pretende elle em beneficio da nossa terra não é a que o Imperio constante e maiormente cuidava, nem a que enontra amostra no livro de s. exa.

Para o Imperio a escola do povo, a instrução primaria, nem nos moldes entrou das mais atrazadas instituições de que haja memoria entre os povos assim ehamados cultos; a instrução secundaria foi o que geralmente sa sabe — um obiec a vencer para as especialisações do ensino superior; e a instrução superior, a caça ao diploma para o exercicio de profissões privilegiadas. Nem de admirar é que de tal não passasse, quando o sabio,



que o dr. Afranio Peixoto acelama á pagina 167, erigia em programma do seu interesse pela instrucção "o estudo do hebraico, a conversa com outros sabios, as viagens á Europa, a assistencia a concursos, a visita a bibliothecas e a nomeação de comissões para espiarem — espiarem! — a passagem do planeta Venus pelo disco solar!" — segundo tambem affirma s. cxa.

Para o dr. Afranio Peixoto, essa instrucção, a julgal-o pelo seu livro educativo, não é a que construe sobre o principio de que o objecto dos euidados pedagogicos é o desenvolvimento e nutrição de uma criatura viva; não o de um corpo e um espirito, sim, porém, uma unidade, em que a vida physica evolue para a mental", como já o entendia Platão; não é aquella que, adequando á vida em uma sociedade, — o que é essencial — faz subir a alguma coisa de mais alto a natureza humana."

Sem aqui levantar a cathedra para a lição, em que esse objectivo mais alto da educação ideal, aquella que habilita o individuo a ser algo mais do que *cidadão*, fazendo d'elle um *homem* em toda a extensão da palavra, baste-nos perguntar agora: "Que terá a eriança, ao fechar "Minha terra e minha gente" aprendido, que contribua para formação do seu caracter civicio?"

Se o lêr de per si, isto é, sem um mestre ao lado, ou alguém, que lhe dê a mão para galgar muitas e muitas ladeiras, nada, absolutamente nada.

Demasia — se o lêr pela mão do mestre, ou de alguém, que lhe vá á ilharga como cicerone, e, sem escrupulo, explique o que é por vezes eselarecimento precoce.

Desçamos á demonstração.

A' criança, que lê só, o que é que dizem os seguintes trechos:

Pagina 139: "Convem dizer, entretanto, para não tomar palavras como realidades, que não é sómente colonia a região submettida a dependencia politica de outra nação, senão tambem aquella que de outra ou de outras depende, na sua formação ethnica, na sua gestão financeira, nas suas relações economicas, de commercio e industria, e até manifestações impostas ou imitadas de sua vida politica, moral, religiosa, artistica e literaria."

Pag. 227:

"Um povo nunca foi uma grande familia ou uma seita immensa, mas sómente uma identidade de espirito manifestada n'uma lingua commum. Não importa a origem, si ha adopção dos que, recebem, e, assimilação dos que são."



recebidos... Uma nação, define Renan, é uma grande solidariedade, constituída pelo conhecimento dos sacrificios feitos dos sacrificios ainda por fazer; resume-se, no presente, em facto concreto: o desejo, o consentimento inequivoco de continuar a vida commum."

A' criança que lê ajudada, nos trechos:

á pagina 154: "Entre a mãe louca, a esposa sem compostura, os filhos mal educados, os ministros sem accordo, D. João VI, se não teye dons brilhantes de agradar, possuía bom senso, clarividencia, tino pratico e qualidades com que nos transformou de atrazada colonia, num esboço promettedor de nação civilisada."

á pagina 222: "Serão intelligentes e avidos, asperos no ganho e desperdiçados na economia, aventureiros e idealistas, como os brancos; serão sentimentaes e servis, deramados em sensualidade e capazes entretanto das provações mais penosas, como os pretos; serão altivos e indolentes, sem saber reagir ás coacções affrontosas, como os brásileiros primitivos, qualidades muitas vezes antagonicas, que existem em dous individuos proximos, no mesmo individuo alternativamente, ainda não dependurados e ligados num complexo resumido e compensado dos componentes."

como se ha de explicar sem constrangimento ou sem antecipação perigosa de idéas, que hão de ser opportunamente recebidas, mas quando a sua posse não offereça risco, como se ha de explicar, como, sobretudo, ha de explicar a mestra, o que é "uma esposa sem compostura" ou "derramados em sensualidade" si quizer obedecer á lealdade e verdade devidas ao discipulo, isto é, sem falsear a exemplificação, que concretise e objective a idéa a inculcar, affim de fugir á escahrosidade da explicação completa?

Sem entrar no exame do que é ou não é o estylo do autor, o qual realmente deve preencher todos os requisitos, que constituem direito á entrada na Academia de Letras — simples, nitido, preciso, gracioso e mais virtudes que, em ohras de outro genero tenha, é elle no genero didactico, a negação de tudo quanto ha de recommendavel ou desejavél. A intelligencia das crianças é como as suas pernas, que só podem galgar alturas por degraus, que estejam em proporção com as suas dimensões ou funcionamento das suas juntas. Entretanto as proposições ou sentenças — de 8, 10 e mais linhas, predominam sobre as de menos, e apresentam-se cheias de incidencias, nas quaes o fio do sentido principal se enreda, difficultando a comprehensão prompta do sentido total, como, por exemplo, entre centenares, o trecho á pagina 48:

"Camões ainda numa epocha de competencias politicas e religiosas, em que a guerra era feita pela fé ou pelo imperio, emancipou-se, como seu povo, desse horizonte mesquinho de uma humanidade fanatica e cannibal, e escreveu

a epopéa que antecede a civilização moderna, livre, expansiva, industrial, juntando todo o prestígio antigo, do culto da bravura e das tradições, aos valores actuaes, da experiencia do mundo, conhecimento da natureza, relações entre os homens, com que elles se conhecem e se humanisam, aprendem os meios de vencel-a e conseguem os de se dominar."

Que criança é capaz de assimilar o que quer dizer esta tirada, que lhe não cabe no folego, comprehendendo cada uma das idéas, que a compõem, e comprehendendo o sentido total, que a sua relação deve exprimir? Quasi que se nos não dá de apostar, que o proprio autor, lendo esse trecho, seria, a livro fechado, incapaz de repetir-lhe o conteúdo, como nós aqui, com toda a inteireza e sem nenhum constrangimento, confessamos que o não fizemos.

Grande parte da difficuldade de apprehensão procede, sem duvida, de que as questões assim tratadas estão fora do alcance da intelligencia de crianças: mas a isso accresce que a estrutura da expressão, tornando-se demasiado complexa, exige uma tensão muito superior á que se pode esperar de um espirito ainda sem energia para a supportar.

Não são raras, de outro lado, as impropriedades de termos e as incorrecções grammaticaes, que se encontram e podem viciar o manejo da lingua, dado o espirito de imitação característico nas crianças.

Da impropriedade de termos são exemplos:

Pagina 96: "França verdadeira, em opposição a França antartica;"

pagina 127: "documentos que lhes interessam, por em que são interessados, ou que lhes dizem respeito;"

pagina 138: "pronunciar o grito;"

pagina 180: "responsavel por beneficios;"

pagina 222: povo voluntarioso;"

pagina 225: "perguntar esta phrase,

entre outras.

Das incorrecções grammaticaes:

a) graphicas — Vesinho, por visinho, pagina 12 e **passim**; quase, por quasi, pagina 53 e **passim**; cathegoria, por categoria, pagina 130; dissencções, por dissensões, pagina 136; detritos por detricitos, pagina 192; discrição, por discreção, pagina 223; etc; das quaes algumas são cacographias autorisadas em Portugal;

b) syntacticas — Era a certeza de que a esperança lhe enganava, por "o enganava" pagina 36; entestar a Serra Leá por "com", a pagina citada; aspirar "o" monopollo, por "ao", pagina 39; aperfeiçãoando-o "a" todos os fins de uma boa expressão, por "para", página 67; enganavam aos pobres cabocios, por "os", pagina 88; "se" foi emergindo, por foi emergindo, pagina 192, entre varias outras.

Não raro mesmo a inobservancia dos preceitos grammaticaes na correlação de antecedente e consequente torna o sentido amphibologico ou obscuro;

pagina 221: "Considere-se que a indigena, embora o seu pequeno contingente, é representada pela terra, isto é, o **meio physico**, cujo reflexo vivo representava, o qual continua a actuar nos descendentes das outras raças, para effeito semelhante."

As concordancias forçadas concorrem tambem para tornar a apprehensão difficil em outros casos:

pagina 51: "E' que a **Europa**, visinha da **Asia**, proxima da **Africa**, **mal communicadas** entre si e **desconhecidas** portanto umas das outras, já se não **contentavam** com os arduos incertos senão muitas vezes impossiveis caminhos terrestres; já não se **bastavam** nas suas ambições e necessidades, etc.

Outras vezes, por deficiencia de tudo, que mais parece culpa de typographo que do autor, só adivinhando é que é possível comprehender o que o texto não exprime:

pagina 201: "As industrias extractivas e agricolas e a pecuaria, constituem, pois que nos sobram terras fartas e campos gordos, o forte da riqueza do Brasil: oiro, diamante, cobre e ferro das suas minas, madeiras de lei para construcção e marcenaria, das suas florestas; borracha dos seringaes infinitos da Amazonia; café, fumo, algodão, assucar, arroz das plantações, por toda a parte distribuidos segundo as preferencias de terreno; charqueadas, carne frigorificada, lacticínios, de suas criações; — estaria com que, systematica e scientificamente explorados, enriquecer o paiz mais ambicioso."

Nem mais é preciso para ficar evidente que á boa intenção do dr. Afranio Peixoto não correspondeu o exito do seu emprehendimento; e, quando elle sincera e francamente confessa que no livro ora publicado "teria realisado a sua mais alta ambição literaria por diminuto resultado que lograsse,, peza-nos, tambem sincera e francamente o declararmos, dizer que a sua nobre esperança se mallogrou, o que o põe na obrigação de envidar todos os esforços do seu grande talento e operosissima actividade na elaboração de outro que corresponda aos elevados intuitos, que lhe dictaram o aqui condemnado.

(Continúa)

JOÃO KOPKE

POESIA

SONETOS A HELENA

I

*Muita vez, com a ardente fantasia,
por mereê do alto Homero venerando,
séculos e millenios dominando,
vivi na Grecia antiga noite e dia.*

*Lá, no primevo mundo, que esplendia,
de Heroes e Numes, um só vulto, brando
e augusto — a grande Helena — ia eu buscando.
Mas a Divina sempre me fugia.*

*Desde então, a mais de uma formosura
mortal (quasi illudindo a minha pena)
dei o nome da excelsa Creatura.*

*Certo — pensava — ella visão terrena
não scrá mais... E errava a mente escura.
Deuses! homens! eu vi, eu vejo Helena!*



II

*Helena eu vejo: bella como outr'ora,
de uma belleza intacta e soberana,
dessa — carnal e ideal — que não engana
olhos que a eserutam, coração que a adora.*

*Sim; é a mesma, de fama ampla e canora,
cujo prestigio o tempo não profana;
eil-a resurge em nova aurora humana,
e o ccu, revendo-a, um seu sorriso implora...*

*Mas, se egual vem na venustez sublime
do aspecto, outra, mais pura e luminosa,
alma em seus gestos de bondade exprime.*

*Já hirta, fria, o excidio atroz não gosa,
nem traz por seu cortejo a Guerra e o Crime...
Persignou Christo a frente da Amorosa.*

III

*Ella, que as eras doma airosa e altiva,
dobra-se ao jugo da piedade santa:
não da piedade van, que psalmos canta
inoperosa, e aos miseros se esquiva;*

*bem é, a sua, perpétua fonte viva
de graça e força, prodigiosa planta,
que pão e rosas dá, que ao eeu levanta
seu tronco, e mimos tem de sensitiva...*

*Assim, mais rara e mais preciosa é a chamma
que em torno a um só dilecto ella condensa,
em torno ao homem que escolheu e que ama.*

*Seu coração, como cratera immensa,
eandentes lavas de paixão derrama...
No dom de amar não ha mulher que a vença!*

IV

*Amou-te Fausto em extase de gloria,
suprema Flor do eterno Feminino!
mas quando quiz teu vulto alabastrino
cingir, possuir, num esto de victoria,*

*sumiu-se-lhe a visão, como illusoria
nuvem no azul a um vento repentino;
nas mãos um véu só lhe ficou, e um hymno
nos labios, e uma imagem na memoria!*

*Cahe a meus olhos a roupagem tua;
triumphas no fulgor das bellas linhas,
mais que o Sol louira e branca mais que a Lua!*

*Não foges... a encontrar-me te encaminhas...
Conduz-te Amor, Amor te entrega nua...
Não! tanta luz nem no meu sonho tinhas!*

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

(Do livro, em via de impressão, *Vida e Sonho*).



FACTOS E IDEAS

RONDONIA

Na primeira das preleções que fiz em Dezembro proximo passado no Museu Nacional, depois de apontar as principaes características da obra gigantesca da Commissão de Linhas Telegraphicas, no extremo Oeste Brasileiro, propuz que se nomeasse — *Rondonia* — a extensa faixa de terra que Rondon descobriu, palmilhou e começou a civilisar.

A idéa, logo acceita, depois, quando a divulgaram, ainda foi mais apoiada; corresponde a uma necessidade pratica e representa a mais distincta e perenne das homenagens que o Brasil poderia, hoje, prestar a seu filho.

Porque, effectivamente, a somma de aquisições novas, em sciencia, realisadas nas terras da Rondonia, é tão grande, que um nome geral para a região se tornou indispensavel, mórmente pelos caracteres individuaes de muitos dos factos agora postos em destaque pelos estudos effectuados sobre os dados e sobre o material que devemos á notavel Commissão.

*
* *

No continente africano onde, como na America, foi modernamente possivel descobrir territorios, já existe a *Rhodesia*, que pertence á Inglaterra e occupa cerca de 1.058.000 k2. na bacia do rio Zambéze. *Rhodesia* tem como epónimo o colonizador Cecil Rhodes, que os ingleses chamaram Napoleão do Sul da Africa... *et pour cause*. No Brasil, desde 1868, ha um vasto territorio que os bons geographos deveriam sempre conservar nos



mappas com o nome de *Pinsonia*, conforme a proposta de Candido Mendes.

Primitivamente esse territorio recebêra outra designação.

Em 1853 Candido Mendes era deputado. E, preocupado com o estado de abandono em que se achava o territorio da Amazonia comprehendido entre o grande rio ao Sul, o Oceano a Leste, o Nhamundá a Oeste, e ao Norte os limites do Brasil (serra de Tumucumac e rio Oyapoc), formulou um projecto de lei que o elevava a cathogoria de provincia, sob o nome de *Oya-pockia*. A capital da circumscripção projectada seria a villa de Macapá.

Pinsonia, conforme a corrigenda do seu patrono, feita em homenagem ao navegante hespanhol que, em Janeiro de 1500, depois de Hojeda e antes de Cabral, avistou as nossas costas, correspondia tambem a uma necessidade. Tanto assim que, em outras occasiões, recebeu designações particulares; foi chamada *Guiana Portuguesa*, e o velho Ayres do Casal baptisou-a, sacerdote que era, — *Guiana Brasileira*.

* * *

O padre Ayres comprehendeu melhor que outro qualquer a vantagem dessas denominações regionaes para um paiz de tão dilatados territorios. Variando os limites politicos de um tempo para outro, a denominação geographica permittirá sempre aos estudiosos ligar entre si sectores de terra primitivamente unidos pelos mesmos laços sociaes, ou *anteriormente* separados. Ayres do Casal esboçou, assim, a *Mundurucânia*, a *Bôrôrônia*, e outras provincias, cujos nomes tirou das populações primitivas existentes em cada qual.

* * *

Rondonia — pois, não deverá irritar o espirito cousevador dos nossos geographos.

E' uma homenagem que a sciencia não poderá recusar por ser impropria, visto como se apoia nas nossas melhores tradições.

Surgem, ás vezes, attritos. Rompe-se o equilibrio social ainda mal seguro; é um conflicto pessoal. Sempre, um caso local. A colonisação sertaneja continua. São villas e cidades em processo de incubação. Todas á beira da magnifica estrada de rodagem que acompanha a linha telegraphica, ao longo de milheiros de kilometros; por ellas hão de passar as boiadas que os campos de Goyaz e Matto Grosso mandarão aos seringaes da Amazonia.

Que pouco vale a linha telegraphica perto dessa *Estrada Rondon!*

E quanto valerá o laço immenso que a tenacidade desse homem e seu patriotismo, apoiados na coragem e no espirito de sacrificio dos sertanejos resistentes, conseguiram estender sob o Cruzeiro, para revigorar o Brasil?

E. ROQUETTE-PINTO.

AS FLORESTAS E AS CHUVAS

Entre os males attribuidos ao corte das florestas, cita-se correntemente a diminuição das chuvas.

Segundo essa ordem de idéas, explicam-se com grande facilidade factos que apresentam, de certo, uma relativa complexidade.

Estão hoje escassas as chuvas, que antigamente eram abundantes?

Isto é simplissimo: — é porque se têm devastado as mattas.

Este ou aquelle rio tem diminuido o volume de suas aguas?

Nada ha que admirar, á vista do estúpido desbaste das florestas.

Esta ou aquella lagôa se deseca?

Que ha nisso de estranho, uma vez que se sabe terem sido abatidas as mattas das visinhanças!

Acham, assim, uma relação insophismavel, evidente, entre a floresta e a chuva, e consideram esta ultima como um corollario daquella.

A chuva, no entender desses, é, pois, uma consequencia da floresta; e como a humidade do solo depende principalmente



da chuva, deixando de lado, por exemplo, a influencia do orvalho, concluem que as nossas terras se tornam seccas por causa do desaparecimento das mattas.

A humidade do solo é, pois, para os que vêm os factos desse modo, uma resultante da acção da floresta.

Esquecem-se, entretanto, de que se pode fazer esta indagação: — O deserto é arido por não ter matta, ou não tem matta porque é arido?

Parece incontestavel, pelo menos para mim, que o deserto não tem arvores porque é secco, visto ser essencial, para o apparecimento dessa categoria de vegetaes, ter o solo humidade sufficiente.

A humidade é, portanto, como o mostra a observação, uma das causas determinantes da floresta. Está claro que outras condições, entre as quaes se deve mencionar a qualidade ou natureza da terra, influiram para o apparecimento da matta. Quanto, porém, ao papel da humidade, vemos a sua manifesta influencia nas margens dos cursos d'agua, orlados, mesmo quando atravessam campos aridos, de vegetação arborescente.

Vemos, ainda, a tendencia que têm as pastagens artificiaes e abertas em terrenos cobertos anteriormente de mattas, para voltarem novamente á floresta, invadidos que são, constantemente, de vegetação arborescente.

E' muito conhecida a necessidade da *limpa dos pastos*. Si estes ficarem abandonados a si mesmos, se tornarão em capoeiras no fim de mais ou menos tempo, salvo si o esgotamento da terra já o não permittir.

As condições de humidade, portanto, que influiram para o apparecimento da primitiva matta, não se modificaram profundamente, tanto que a matta voltará de novo, si o corte das plantas arborescentes o não impedir, ou por outra, si o pasto não fôr limpo de tempos em tempos.

A humidade da terra é, como se vê, nesse caso das pastagens, não uma consequencia da arvore, porém, sim, uma das condições do apparecimento desta.

Porque, então, dizer que quando se corta a arvore, desaparece a humidade do solo?

Porque affirmar que a arvore é a causa dessa humidade?

A arvore é, bem ao contrario, uma consequencia da terra humida e carregada de principios nutritivos em condições de poderem alimentar grandes organismos vegetaes.

São, portanto, os dous factores de maior importancia no apparecimento da floresta: a natureza do solo e o gráo de humidade deste.

Conheço no valle do rio das Velhas, mattas estabelecidas em terreno que numa certa época do anno, se torna completamente secco. A vegetação, porém, não se faz ahí de modo continuo. As arvores perdem as folhas e paralytam o seu crescimento durante esse periodo de sequidão, para o recommencarem na estação humida seguinte.

Si a arvore é, pois, o factor determinante da humidade do solo, porque, então, se torna este ahí completamente secco?

Posso citar em condições identicas, os cerradões que se estendem entre Vargem da Palma e o sopé da serra do Cabral, no valle do rio das Velhas, e mattas das vizinhanças de Natividade, na bacia do rio Doce.

Vê-se, pois, bem claramente, que determinadas condições de solo e de humidade promoveram em certa occasião, o apparecimento de plantas arborescentes, cuja vegetação porém, cessa logo que ha falta de humidade, para recommencar novamente quando esta existe em gráo que lhes é propicio. Esses periodos de plena vegetação, que se alternam intermitentemente com outros de paralygação completa, dão em resultado, como é claro, sobre os terrenos precedentemente citados, o estabelecimento da matta ou cobertura onde predominam as plantas arborescentes.

Não é a arvore, portanto, a causa da manutenção da humidade do solo, como affirmam os propagandistas dessa doutrina, pois que os exemplos que citei, mostram que o solo de algumas florestas têm quasi tanta sêde como o dos desertos.

A matta, coitada, soffre as consequencias dessa sêde da terra que a supporta, cessando a sua vegetação.

Não sei como poderão explicar esses factos aquelles que sustentam ser a matta para o solo uma especie de *mãe d'agua*.

Por outro lado, posso citar campos limpos em que a humidade é abundantissima — taes são os das serras do Cipó, da Mantiqueira, do Cabral, de Ibitipóca, de Diamantina, e de outras muitas; taes são os chusqueaes da serra do Caparáo.



Nessas serras a agua existe por toda a parte, abundante, saborosa; e entretanto, a arvore ali apparece como excepção — o capim e a vegetação de pequeno porte são os donos da terra.

De Vargem da Palma á serra do Cabral, em um percurso de 7 leguas, é o rio das Velhas o unico curso d'agua que se atravessa quando se faz essa viagem de Maio a Setembro; todos os outros estão nessa época *cortados*, isto é, apresentam apenas de espaço a espaço em seu leito deseccado, pequenas poças d'agua; ao passo que nos campos do alto da serra, os cursos d'agua que ali existem, são perennes, não havendo noticia de terem *cortado* mesmo nos annos de mais rigorosa secca.

O contraste, como se vê, é ali formidavel: — no terreno coberto de arvores — a sequidão absoluta, a aridez desoladora; no terreno desarborizado do alto, no campo onde raramente se encontra um pequeno grupo de arvores — os cursos perennes, abundantes.

Como se poderá ainda affirmar que o desaparecimento das arvores occasiona consequentemente o desaparecimento das aguas e que uma terra se torna secca por não ter arvores?

Nas mattas de uma grande parte da bacia do rio Doce, é facto muito sabido e eu mesmo o verifiquei, quasi todos os cursos d'agua *cortam* de Maio a Setembro. Nessa região, coberta toda ella de espessas mattas, a agua é escassissima. Os moradores que ali enfrentam os azares da sorte, cavam cacimbas ou cisternas, donde retiram a agua para as suas mais prementes necessidades.

Uma estrada de 8 leguas, ligando Penha á Natividade e aberta toda ella dentro da matta, teve de ser abandonada porque não atravessava sequer um curso d'agua que não *cortasse* no tempo da secca, não apresentando, assim, ao menos um bebedouro para os animaes que por ella transitavam.

Em uma medição de terras realisada não ha muito tempo, na margem esquerda do rio Doce e que abrangeu alguns milhares de hectares, não se encontrou ao menos um curso d'agua, apesar de se haver penetrado algumas dezenas de kilometros na matta virgem. A agua destinada ao abastecimento do pessoal da turma de medição, era levada do proprio rio Doce.

Como poderão explicar os apregoadores da doutrina que eu aqui estou combatendo, essa immensa floresta em solo completamente secco?

Si a floresta é que traz a agua, porque falta esta na extensa região a que me refiro?

E', evidentemente, falsa a doutrina de ser a floresta a causa unica da humidade do solo, pois que os factos que citei e que podem ser observados por quem se dér ao trabalho de fazer um passeio aos logares precedentemente citados, o demonstram cabalmente.

Fique, portanto, bem positivada aqui mais essa prova de que os cursos d'agua não dependem das mattas: — nos extensos campos altos das serras mineiras, os numerosos cursos que nunca deixaram de ter agua, mesmo na estiagem dos annos de secca mais rigorosa; nos terrenos cobertos de matta em extensão consideravel, sendo de notar que ás vezes é a propria matta virgem, gigantesca e bella, como o são as da bacia do rio Doce, cursos que apenas têm agua na estação chuvosa, cursos que *cortam* e que recebem o nome de "valla".

A valla é o leito do corrego cujas aguas normalmente desaparecem em uma certa época do anno — em geral de Maio a Setembro.

Ha vallas de enorme desenvolvimento, tendo dezenas de kilometros, como a do Travessão, que desempenhou importante papel na questão de limites entre Minas e o Espirito Santo.

As vallas ou drenos naturaes que sulcam o sólo florestal em tão grandes extensões, não recebem, portanto, uma gota d'agua em outra época que não a chuvosa.

Enganam-se positivamente, como estamos vendo, os que imaginam que a floresta attrae a agua para o solo ou mesmo a retém ahi, pois que esses exemplos das mattas do rio Doce annullam de modo inilludivel, essa phantasia de ser a floresta o chamariz da agua corrente.

Em completo desaccordo com essa pretensa propriedade da floresta como creadora ou garantidora dos cursos d'agua, convem citar aqui alguns factos interessantes que me foram referidos pelo dr. Clemente de Faria, residente em Fortaleza, norte de Minas.

Quando os fazendeiros daquella zona desejam obter agua corrente ou augmentar a já existente, mandam destruir as mattas das nascentes, alcançando, com a maxima regularidade, o que tinham em vista.



Conta-nos a mesma cousa o sr. Manoel Apollo em artigos por elle publicados no "Diario de Minas", de Bello Horizonte.

Esses factos narrados pelos dous illustres mineiros, devem desnortear completamente os pregadores da theoria que ensina não haver agua corrente sem floresta, ou por ontra, ser devido á devastação das mattas a diminuição de volume ou mesmo o desaparecimento de alguns cursos d'agua.

Não desejo aqui entrar na explicação desses factos; citos tão somente para mostrar que a floresta não é a portadora directa ou indirecta da agua das fontes.

A matta tem um valor real, incontestavel — é produzir madeira para a satisfação das diversas necessidades humanas; além disso, tem tambem um valor secundario e relativo á agricultura — prepara, natural e lentamente a terra fertil pela camada de humns resultante dos destroços de vegetação — folhas, flores, etc.

Todas as outras qualidades apreciaveis e tão proclamadas da matta ou são discutiveis ou são de pequena importancia.

O seu papel sob o ponto de vista hygienico não é menos problematico do que outras qualidades uteis cuja existencia não sahiu por emquanto, do dominio da pura phantasia. E' bem sabido, com effeito, que o ar que se respira sob a matta densa, devido justamente á espessa camada de restos organicos em decomposição, é portador de germens perniciosos causadores das tão conhecidas e temidas febres que constituem o espantallo para quem tem necessidade de se internar na floresta virgem.

Quando necessitamos de retemperar o organismo, empregando tão somente a cura de ar, não vamos procurar as florestas virgens e espessas, porém, sim, os campos limpos onde o ar é expurgado de germens virulentos.

A propria função chlorophylliana, que não é, seja dito de passagem, privativa das arvores, existindo, como se sabe, em todo o vegetal dotado de chlorophylla, não tem importancia capital na manutenção das condições de nossa vida, pois que já se apurou que si se queimasse todo o carbono existente na Terra e si os vegetaes deixassem de restituir o oxigenio á atmosphera, a população humana do globo poderia viver ainda muitos milhares de annos, utilizando o oxigenio armazenado na atmosphera e sem correr os riscos de asphyxia.

Ninguem mais do que eu respeita a arvore; acho-a majestosa; amo-a; extasio-me contemplando a floresta; venero-a tambem.

Tudo isso, porém, não me fará encherger na matta qualidades ou virtudes que ella não possui.

Como no nosso paiz é costume attribuirem-se aos governos todos os males que nos perseguem, clama-se por um codigo florestal onde se achem medidas que impeçam o corte das mattas, afim de nos salvar da morte pela sede. O codigo florestal será o guarda possante de nossas fontes e o portador das precipitações atmosphericas em abundancia sufficiente para trazer ao nosso espirito a desejada tranquillidade.

E assim, trata-se de elaborar um codigo florestal para rehabilitar as nossas fontes por meio de chuvas que, desde então, ficam tambem sujeitas e não poderão mais desaparecer.

E' sempre o mytho da tutela official a nos resguardar dos males ou a nos encher de infelicidades.

Poderá ser util o codigo florestal no sentido de promover a exploração mais parcimoniosa de nossas florestas, impedindo desperdicios evitaveis e prejudiciaes, si é que elle a isso se proponha. Quanto porém, á prohibição do corte das mattas com o fim de impedir a diminuição das chuvas e o consequente decrescimento dos nossos cursos d'agua, é bem provavel que não passe do papel essa aspiração da lei, visto que a Natureza pouco se encommoda com os decretos humanos.

Em vez de se fazer a propaganda demagogica da indestrutibilidade da matta, inventando para ella uma virtude hyetogenica que ella não possui e não tem valor justamente por não ser provada, será mais logico dizer-se que a floresta representa uma riqueza que so tem valor real depois de ser ella abatida, porque o seu valor é a madeira e para ter madeira é necessario abater a arvore.

Recommendar que não se toque na floresta é exigir que se guardem como reliquias as nossas jazidas mineraes; é prohibir que se abata o gado em beneficio de nossa alimentação; é não permittir, emfim, que se anniquile qualquer riqueza natural em proveito de nosso bem estar.

Tudo isso póde ser muito sentimental, porém nada tem, absolutamente, de pratico.



De que modo poderemos, com effeito, obter madeira sem ser abatendo a arvore, sem ser devastando as mattas?

Mais logico será ensinar que deveremos plantar arvores para colher madeira, do mesmo modo que se prepara o millharal para a colheita do milho.

Justamente por ser a matta necessaria, não para garantir a estabilidade das fontes, nem para purificar o ar, porém sim, para fornecer madeira — esse elemento de que o homem não pôde prescindir, deveremos fazer esforços para que seja bem comprehendida a necessidade do plantio das arvores para serem opportunamente cortadas.

Essa é que parece ser a orientação mais de accôrdo com os nossos interesses reacs.

Propagar nas escolas o amor á arvore será tambem uma medida de grande alcance economico, si se fizer que o alumno comprehenda a arvore não como uma reliquia para adoração apenas, porém sim, como uma cousa de valor industrial. E' preciso fazer o alumno comprehender que precisamos é de madeira e não de idolos vegetaes sob a forma de arvores; precisamos é da arvore abatida e esquatejada, e não da arvore em pé e cheia de vida.

Neste ultimo estado tem a arvore, sob o ponto de vista florestal, uma utilidade quasi nulla quando comparada á que ella nos apresenta depois de morta.

São verdades que eu bem sei não estarem muito de accôrdo com uma certa doutrina que, dominada por um platonismo inutilissimo, ensina a considerar a arvore como um verdadeiro idolo em que não se deve tocar e faz cahir o anathema sobre todo aquelle que a derribar, estabelecendo, assim, um fetichismo sem o menor proveito real.

Ninguém deve desejar, está visto, o corte da floresta por mero vandalismo, sem um fim justificavel; mas tambem é claro que tentar impedir a devastação das mattas, é proclamar que não necessitamos da madeira para cousa alguma — o que parece só poder ser asseverado por quem não tenha senso.

Todas essas incongruencias, entretanto, originam-se da falsa lei estabelecida — especie de credice — sobre o papel da floresta como garantidora das chuvas e protectora dos mananciaes.



Que as aguas diminuem na Terra, parece fóra de duvida, a julgar pelos ensinamentos da Geologia, que nos diz ter havido na época paleozoica, por exemplo, chuvas torrencias e persistentes, occasionadoras dos immensos depositos de vegetaes mais tarde em hulha, e até mesmo na época quartenaria as formidaveis chuvas diluvianas cujas torrentes excavaram os valles e deram á face da Terra mais ou menos o seu aspecto actual.

Segundo a opinião da maioria dos geologos, a agua diminue e ha-de mesmo desaparecer da Terra, que, então, se tornará como é hoje a lua.

Entretanto, para impedir esse phenomeno fatal segundo a Geologia, superior á vontade humana, acha-se que é bastante prohibir o corte das mattas; acha-se que a acção governamental, si o quizer, com um simples decreto promulgando um código, revogará essas leis naturaes, inflexiveis e pouco favoraveis no caso, a nossa tranquillidade.

Phenomeno complexo como esse das chuvas cujas causas ainda não estão totalmente conhecidas, não póde, diz-nos o bom senso, depender de cousa tão simples como esta — do corte ou da conservação das mattas.

Sabe-se, por exemplo, que os ventos e os accidentes orographicos influem de facto, na producção do phenomeno; ha, entretanto, outras causas que não se conhecem. Assim, ninguém sabe, por exemplo, porque um anno é mais chuvoso que outro.

Tivemos agora, este anno, uma prova de que as mattas ajuda não inflniram de modo muito pernicioso na producção das chnvas, pois foram estas tão abundantes que chegaram os cren-tes a fazer promessas para que ellas cessassem.

De sorte que a devastação das mattas servirá apenas como causa da falta de chuvas nos annos bastante seccos. Para explicar a abundancia desse meteoro nos annos como o actual, será preciso, evidentemente, imaginar que as florestas se tenham magica e rapidamente reconstituído.

Só assim poderíamos ter tamanha abundancia de chuvas, visto que, quando estas escasseiam, é isto devido á falta de florestas.

A propria Meteorologia nada conhece, ao certo, sobre a cansa dessas variações das quantidades de chuvas de anno para



anno. Suppõem alguns meteorologistas ser o phenomeno relacionado com a extensão das manchas solares, e isto, francamente, parece muito razoavel, sabendo-se que os annos chuvosos se reproduzem mais ou menos de 10 em 10 annos, seguindo approximadamente as variações das manchas do sol.

Nestes ultimos tempos, parece que os annos chuvosos são os terminados em 6. Em 1896 houve fortes temporaes que occasionaram grandes damnos, impediram o trafego das estradas de ferro, etc.

Em 1906 houve tambem inundações fóra do commum — no rio S. Francisco varias povoações, entre as quaes se póde citar a cidade de Joazeiro, tiveram ruas inteiras destruidas pela enchente pavorosa.

Em 1916 tem sido tal a quantidade de chuvas que se chegou a recorrer ao poder divino para a sua cessação.

E' natural que em 1926 se reproduza o phenomeno, si fór, de facto, essa a lei que elle obedece — lei resultante de causas complexas, algumas das quaes ainda ignoradas.

Vê-se, portanto, que não passa de pura credence essa doutrina que tem adquirido ares de sciencia e que attribue ás mattas uma influencia manifesta sobre a produção das chuvas. Nada mais representa do que mera phantasia.

Como a utilidade real, incontestada, evidente, da matta é produzir madeira, o que urge é que nos esforcemos todos para que sejam plantadas arvores florestaes e se cubram de florestas as grande extensões onde a arvore póde viver.

Precisamos é encarar seriamente e com firmeza essa questão da reconstituição das mattas, para o provimento das nossas necessidades.

E para resolver tudo isso, precisamos muito mais de boas escolas onde se dêm exemplos praticos do cultivo das arvores destinadas á produção de madeira, do que fazer essa recommendação platonica de não abater as mattas; ser-nos-á muito mais util a instituição de centros de silvicultura, do que a de cretação de codigos florestaes.

Bello Horizonte — 1916.

ALVARO DA SILVEIRA.

ASSIMILAÇÃO DO IMMIGRANTE

Ha cerca de dez annos escreviamos na "Kosmos", do Rio de Janeiro, sobre a "Assimilação do immigrante".

Denunciavamos então, como em certos recantos do paiz existem elementos que resistem deliberadamente á assimilação, e faziamos um appello para que se cultivasse com mais carinho tudo o que tendesse a tornar mais patente, mais firme, mais respeitada, mais efficiente, essa força de assimilação que distingue os povos viris.

Lendo agora o artigo programma da "Revista do Brasil", vêmos com prazer, que ha muitos pontos de contacto com as idéas que esposamos, e que já temos defendido por varias vezes.

Guardemo-nos, entretanto, de pôr demasiada emphase sobre — o sangue e a tradição. — Dum sangue foram feitas todas as nações, e ha tradições más e ha tradições boas. Roma teve o imperio do mundo de então; mas, cahiu logo que enveredou pelo caminho da immoralidade, do vicio, da dissolução. Igual sorte têm tido, e terão, as nações que escolheram a porta larga e facil que guia á perdição.

— Sangue e character — é ainda um problema a estudar para os que não querem render-se á evidencia. Este thema tem entrado nas cogitações de sabios e pensadores. Mantegazza, no seu livro "Caracteres Humanos", nos dá illustrações vividas, convincentes, verdadeiros factos observados numa viagem que fez á Irlanda, chegando á conclusão que são "as immundicies moraes" que degradam uma raça, seja qual fôr o sangue que lhe corra nas veias!

O nosso inolvidavel Nabuco, discursando na Universidade de Chicogo, disse que "devemos augmentar a capacidade assimiladora do organismo latino." Para isso, é imprescindivel, antes de tudo, cuidar do nosso character. Primeiro que nossa sciencia, que nossa posição, que nossos direitos, é innegavelmente — esse conjuncto de virtudes, de energias, que surgem duma consciencia honesta e sã, que hão de impressionar positivamente, não só o estrangeiro, o immigrante, mas todos os que conosco tiverem contacto. Será em vão edificar sobre outra base. Salvas as naturaes e honrosas excepções, temos que começar por uma obra de saneamento. E' mister varrer "in primo loco", as "immundicies moraes". Assim fazendo, descobriremos o fundo de

males e deficiencias que procuramos remediar, e teremos successo em nossa campanha.

Wagner, o extraordinario pensador francez, disse algures:

“Quando se faz abstracção do fundo de tudo o que se não vê, faz-se abstracção precisamente do que elle tem de mais real nas realidades e na vida humana. Para o homem em particular, o centro moral é a fonte de tudo; é em ti, é em vós, é em mim, que tudo o que nos diz respeito, germina e começa. O proprio mundo exterior que se reflecte em nós, tem por medida o nosso proprio espirito. Tal homem és tu, tal universo tu reflectes. E’ do teu fundo limpo ou desasseado, que vêm todas as manifestações da tua acção exterior.”

Ao lançar, pois, as bases duma campanha nacionalista, deve-se levar em linha de conta, todos os factores que lhe possam assegurar o mais pleno successo. Confessamos francamente que nossa fé em certas medidas, em certos reactivos, lembrados em fórma de appellos, é devéras muito fraca. O appello pôde ter o seu valor relativo; mas, nunca substituirá uma educação moral systematica, nunca poderá echoar, com toda a sua força, onde não ha um sólo preparado, uma base de character são, temperado em doutrinas que influam positivamente na vida do individuo.

Ha, entre nós, uma idéa que tem gerado desfallecimentos e que tem trazido muitas desillusões. Nasce ella da emphase exaggerada que damos ao passado, que emprestamos á tradição e que conferimos aos nossos antepassados. A’ primeira vista, parece uma irreverencia falarmos assim; mas, não percamos a calma, ponderemos.

Do passado, da tradição, devemos apenas aproveitar o que é são. Uma cidade pôde ter uma tradição, um passado, immundos, ter sido falha de limpeza, de hygiene, ter sido mesmo um fóco de miasmas, de doenças. Um paiz pôde ter um passado e uma tradição de analphabetismo, de ignorancia, de desleixo, de indifferentismo.

Cabe-nos conservar tal passado e tal tradição?

Por outro lado, como disse alguem maior do que nós: “Trita-se de ser os continuadores de nossos paes, e não seus servis “repetidores”. Devemos reparar-lhes as injustiças e não perpetual-as por não sei que fetichismo da saudade. Para edificar com o trabalho do passado e do presente a cidade do futuro,



não é sufficiente construir os tumulos dos prophetas, é preciso seguir suas pégadas pelas obras vivas e fazer reflorescer melhor em nossa alma o melhor do passado.”

Num escripto como este, em que apenas expendemos nossas idéas geraes sobre o momentoso assumpto da — Assimilação do Immigrante — e apontamos a verdadeira base em que deve assentar nossa — força de assimilar, — é certo, não podemos estudar mais de perto a questão, referir-nos por exemplo, com mais vagar, á obra do professor Ross da Universidade de Wisconsin, (*The Old World in the New*) em que elle trata magistralmente do nosso thema. Por ora, ao applaudir a campanha que esta sympathica Revista vae iniciando, só desejamos aos seus dignos directores — elara visão e firme perseverança em sua ardua, mas gloriosa tarefa, repetindo aqui o que já escrevemos algures, tratando da “Inercia das classes cultas”:

“Não raro, a grande culpa duma absorpção de influencia, de poder, de salutaes reformas, por elementos retrogrados, cabe exclusivamente á inercia das classes cultas do Paiz, que vão paulatinamente abdicando de suas prerogativas, descurando de seus deveres e deixando de promover uma renascença intellectual e espirital.”

Rio Grande, Abril 1916.

FRED. G. SCHMIDT.



RESENHA DO MEZ

EMILIO FAGUET

O fallecimento de Emilio Faguet, cuja noticia nos veiu ha dias pelo telegrapho, rouba á França o seu critico mais conhecido e popular. Outros haverá de mais profundeza ou de um talento artistico mais accentuado; nenhum, porém, com uma tão facil, tão clara e tão extensa faculdade de analyse. Sem ser um critico de systema, como Taine ou Hennequin, ou um critico impressionista como Lemaitre ou Anatole o sem ter a rigidez de um Scherer, a sua opinião era sempre interessante porque era sempre intelligente e expressiva. O seu processo de exame das obras e dos escriptores lembrará um pouco o de Sainte-Beuve, com a differença de que Sainte-Beuve, sensivel e indiscreto, se comprazia na decomposição dos sentimentos mais intimos dos personagens, sobretudo quando os personagens eram do outro sexo, aliando para um plano secundario o estudo das suas idéas. Faguet, mais frio e mais reservado, exercia o seu talento de analyse de preferencia sobre as idéas. O traço distinctivo da sua intelligencia, uma das mais vivas e solidas da moderna literatura franceza, era a faculdade quasi prodigiosa de penetrar no pensamento alheio, de o comprehender e de o exprimir.

Não foi um creador propriamente dito, nem podia sel-o dado o seu feito mental; foi, porém, um interprete admiravel das grandes

obras e dos grandes escriptores e deixa alguns estudos, como, por exemplo, o que dedicou a Voltaire, que, pela argucia da analyse e pela excellencia da composição, são obras impereciveis.

BIBLIOGRAPHIA

Do Poder Executivo na Republica Brasileira. Annibal Freire da Fonseca.

Não conheciamos o sr. Annibal Freire da Fonseca.

Ficamos conhecendo-o agora por um trabalho que nos enviou sobre o Poder Executivo na Republica Brasileira. A apresentação não podia ser melhor: esse trabalho poz-nos deante de um excellente constitucionalista forrado do um escriptor destro e elegante.

O sr. Annibal Freire, republicano de fé e de estudo, impressionado com a campanha revisionista e achando-a, senão sem fundamento, ao menos exaggerada, saiu a campo para mostrar que a Republica e a Constituição não merecem os qualificativos feios que lhes atiram.

“O pessimismo, malsão da parte de uns, pedante da parte do outros, compraz-se, diz elle, no pernicioso o deprimente criterio de desenhar a vida das instituições republicanas com as mais sombrias côres.

A simples lição dos factos mostra o exaggero dessa orientação. Por isso mais do que nunca compete aos

que têm fé na Republica presidencial e não descrêm do nosso povo, das suas tradições, das suas energias civicas e das suas poderosas reservas moraes contribuir com qualquer esforço para conter a injustiça e salientar a verdade”.

Estas palavras revelam o caracter do homem e definem o livro. O homem é alguém que ama a reflexão, que procura as mais solidas bases para as suas convicções e que tem pelas suas idéas o carinho vigilante e a protecção activa de um apóstolo; o livro é, ou, quando menos, procura ser uma obra de justiça e verdade.

A Republica e a Constituição, esta sobretudo, têm sido victimas, e continuam a sel-o, de ataques de toda a ordem. Esses ataques, sinceros da parte de alguém, são, porém, da parte de grande numero, senão da maioria, uma explosão leviana dessa leviánissima tendencia que temos, os brasileiros, de maldizer de tudo e de todos, sem exame, de improviso — pelo prazer vanglorioso e pueril de mostrar que não nos faltam nem idéas nem talento para external-as...

O sr. Annibal Freire demonstra, com uma extraordinaria habilidade de argumentação e com uma notavel distincção de linguagem, que o estudo dos factos que se têm desenrolado no Brasil e das lições que o estrangeiro nos fornece, já na sua vida corrente, já nos livros dos seus escriptores, leva antes a admirar a nossa actual organização politica do que a pedir para ella qualquer reforma.

Do que mais se malsina, entre os que clamam pela modificação da Constituição, é da força que no regimen em vigor vae ganhando, dia a dia, com detrimento dos outros dois, o poder executivo. O sr. Annibal Freire sustenta quo esse defeito, que aliás pôde ser remediado, não é do regimen.

“Até certo ponto, escreve elle, explica-se essa tendencia de fazer do presidente o ponto de confluencia dos desejos politicos e dos interesses da facção. O regimen mo-

narchico deixou-nos saturados do poder pessoal.

A chamada rotação dos partidos não era mais que um simulacro para disfarçar as preferencias do imperante. Com a Republica, porém, urge que desapareça essa anormalidade. Das soluções propostas, nem o parlamentarismo nem a cloição indirecta podem remedial-a.

O defeito não é integranto do regimen e sim oriundo dos habitos da direcção politica. E a prova é quo com os presidentes que não mostram as suas aspirações de tutela sobre os partidos estaduaes e os seus directores e representantes, os casos occorrentes não têm a importancia que assumem noutras administrações que se professa a concentração do predomínio”.

Com a analyso viva e erudita da nossa organização constitucional e sobretudo da organização executiva conduz elle os leitores por entre duzentas e poucas paginas, presos á rêde fria, mas resistente, de uma dialectica habil até o alto desta conclusão final: não ha negar que a organização constitucional brasileira constitue um trabalho ingente de alta sabedoria, de descortino e de suggestivo interesse patriotico. Para sua conservação não se faz mistér senão que o executem lealmente, obedecendo á directriz que a inspirou e lhe anima a existencia e a duração, através de todos os embaraços e incertezas.

E’ possivel que nem todos se curvem ante esta affirmativa e que alguns tenham para combatel-a mais de uma objecção. Ninguem poderá, porém, contestar que, ou por que seja ella, de facto, verdadeira ou por que o autor soube vestil-a com uma pericia rara, ella é a conclusão natural e logica de tudo quanto no livro se narrou e discutiu.

A campanha revisionista talvez ainda venha a vencer. Seja, porém, qual fôr o destino da Constituição actual, permaneça como está ou soffra modificações, a verdade é que ella não encontrará para sua defesa armas mais rijas nem mais bem lavradas do que as que o sr. Annibal Freire lhe fornece.

A Mulher no Brasil. M. F. Pinto Pereira.

A preocupação nacionalista já está passando do jornalismo e da tribuna publica para o livro. E' que, naturalmente, começa a crystallisar-se.

Generalisa-se a convicção de que é preciso que alguma coisa se faça para revelar o Brasil aos brasileiros e de que nada ou quasi nada ainda se fez para isso.

O sr. Pinto Pereira encarou o problema com seriedade e ardor — atacando-o pela raiz e com um entusiasmo que se outros motivos não a justificassem a pouca idade do Autor, por si só, explicaria de so-bejo.

O joven escriptor propõe uma coisa simples: que se remodele a nossa educação, assim moral como intellectual — melhorando a educação da mulher e ampliando a esphera de acção que ella tem na vida da familia e na vida da sociedade.

Para chegar a esse resultado elle estuda a posição da mulher no mundo, no passado e no presente, e mostra a efficacia e a excellencia da sua collaboração com o homem quer directamente na formação e preparo do individuo isolado, quer indirectamente na grandeza e esplendor das nações.

Esse estudo proporciona-lhe ensejo para dissertações interessantes, reveladoras de intelligencia aguda e de leituras proveitosas e para exercitar o seu talento de escriptor.

Esse talento é incontestavel.

Pouco dará, entretanto, se o escriptor não procurar imprimir á sua phraso por ora curta e cataleptica, um pouco de flexibilidade e harmonia. A concisão das phrases e a rapidez do periodo são, na verdade, qualidades excellentes de estylo mas não são as unicas qualidades do estylo. Sosinhas, desacompanhadas de uma certa arte na combinação o bolcio dos periodos que lhes communico essa coisa vaga e deliciosa, branda e attrahente que se chama o rythmo, cançam e desconcertam.

Ninguem tolera uma pagina siquer em que a rigidez cadaverica dos periodos simples, de uma só peça, não cede, aqui o alli, á mola suave de orações incidentes nem se disfarça, uma vez ou outra, com a roupagem vistosa de imagens vivas e reluzentes...

Feita esta reserva, só temos, porém, que elogiar o trabalho do sr. Pinto Pereira. Anima-o uma larga inspiração patriótica e fortalece-o a sinceridade de uma nobre sympathia pela mulher.

Não é um livro vulgar.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

O SENTIDO DA REVISÃO

Pode-se dizer com segurança que o nosso mundo politico e parlamentar se mantém numa attitude de expectativa benevola ante a promessa do sr. Ruy Barbosa, de renovar no Congresso a questão da revisão constitucional. Renovar, porque o sr. Antonio Carlos, interpreto o confidente do pensamento regional do Minas, e, provavelmente, interprete tambem da alta politica federal, já havia lançado, ha mezes passados, a titulo de ensaio naturalmente, a mesma idéa.

Mais experimentado do que o sr. Antonio Carlos, o sr. Ruy Barbosa, revelando com isto, o ácu-me dos grandes "leaders", preferiu prece-der, e sagazmente, o problema revisionista ao problema economico e tributario, isto é, ao unico centro ainda possivelmente nevalgico da nossa sensibilidade civica.

Como provavelmente, finda a guerra européa, o nosso governo federal e os governos estaduais, urgidos pelos encargos e *deficits* orçamentarios, ver-se-ão na contingencia de recorrer a novos impostos, o sr. Ruy, vinculando a questão da reforma constitucional á questão tributaria, pôde gabar-se de ter encontrado para a sua idéa aquello ponto

de apoio, que pedia Archimedes. Com esta base esplendida, a sua eloquencia, tão frequente em prodigios, fará, sem duvida, mais cedo ou mais tarde, da revisão uma tentativa victoriosa e segura.

Qual será, porém, o sentido real da revisão?

Não creio que cheguem a uma combinação razoavel ou a qualquer resultado legislativo efficaz e fecundo revisionistas e conservadores, se não fizerem em si mesmos, antes de tentarem a reforma constitucional, uma dupla reforma mental: a reforma dos seus velhos preconceitos sobre o valor e a superioridade das fórmãs de governo, e a reforma das suas velhas presumpções sobre as capacidades e as aptidões politicas do nosso povo. Sem que façam taboa raza de todos esses preconceitos, que estrabizam ou des-thronizam a visão real das nossas coisas, toda e qualquer tentativa de revisão resultará em frioleira ou em pura logomachia parlamentar.

Um desses preconceitos a expungir é aquelle que poderemos chamar o preconceito opposicionista, pelo qual os que combatem uma dada situação e estão fóra do poder se julgam sempre os unicos cidadãos capazes do salvar a Patria, ao passo que os que estão no poder não passam de uns salaftrarios muito grandes, que não fazem senão perdela e exploral-a.

Este preconceito, dominante em todas as nossas camadas sociaes, das mais baixas ás mais altas, tem a sua origem numa das mais deploraveis falhas da nossa raza, o instincto de politicagem, o espirito de *clan*, quero dizer, a nossa mentalidade de homens de campanario e de tribu. Delle é que procede esse eterno messianismo, em que vivemos, sempre invocando e sempre á espera de "um grande homem", de "uma geração patriótica", de "um grande movimento nacional", capaz de nos fazer "sair disto" e realisar, em toda a sua grandeza, "as promessas do regimen". Não fóra esse preconceito, e esses inadjectivaveis 25 annos de vida republicana fe-

derativa bastariam para nos fazer comprehender, na sua dolorosa luctidez, estas tres verdades, claras, limpidas e transparentes: 1.º — que todos esses descabalros e des-atinos, que temos o habito de carregarmos á conta de *alguns* homens, outra coisa não são senão consequencia da incapacidade politica da propria razão; 2.º — que a execu-ção, que até agora temos dado ao regimen estabelecido na actual constituição, é a unica que lhe podemos dar; 3.º — que, afóra alguns homens excepcionaes, não possuímos, considerados collectivamente, como povo, capacidades nem aptidões para dar ao regimen vigente outra e melhor execu-ção.

Para o nosso povo a melhor constituição seria, não a que *crystalizasse* no seu texto todas as sublimidades do liberalismo e da democracia, mas a que, permitindo a revelação de todas as boas qualidades da raza (e as temos primorosas), nos desse meios de reduzir ao minimo a influencia nociva dos maus governos, dos maus chefes, dos maus politicos, dos maus cidadãos. E' nas virtudes *communs*, ordinarias, virtudes de todos os dias, do povo, que se devem assentar os fundamentos de uma constituição verdadeiramente nacional. E' uma illusão funestissima confiar o perfeito funcionamento de um regimen constitucional a estados omotivos excepcionaes, a crises de superexcitação civica, ou fazel-o depender da apparição de grandes homens. Essas crises passam, cessadas as causas, que as geraram: esses grandes homens desaparecem, sem deixar continuadores; e as constituições, que nelles tinham a sua unica condição de funcionamento e applicação, ficam por assim dizer suspensas no ar, magnificas e brilhantes, mas sem nenhum ponto de apoio na realidade nacional. Desde os primeiros dias da independencia até hoje estamos a reincidir numa leviandade, eujas consequencias têm sido incalculavelmente funestas para a nossa organização e integridade nacionaes: a leviandade de nos propôr a imitar,

nas duas ou tres vezes que temos tentado organizar constitucionalmente a Nação, o mais inimitavel cidadão do globo: o anglo-saxão, particularissimo, originalissimo, inconfundibilissimo, sempre absolutamente elle mesmo. Durante mais de meio seculo, no imperio, levámos a procurar "fazer como os inglezes"; durante mais de vinte e cinco annos de republica, estamos a procurar "fazer como os americanos". Esta coqueluche anglo-saxonia, longe de ser innocente e inoffensiva, como talvez pareça a muita gente, nos tem levado, ao contrario, a sacrificar ineptamente todos esses altos, austeros e fecundos principios, que a nossa condição de povo em formação, incoheso e desarticulado, impõe como essenciaes para a integração definitiva da consciencia nacional: o principio da unidade politica; o principio da continuidade administrativa; o principio da supremacia da autoridade. Tudo isto está por ahi diluido inteiramente no caldo ralo de um liberalismo dissolvente e anarchizador. Contra esse erro calamitoso o historico é que a grande agitação revisionista, com que se nos acena, ha de provavelmente reagir. Dentro desse excesso dissolvente de "liberdades" de toda casta, os revisionistas hão de procurar introduzir no texto constitucional um *modicum* desse "principio monarchico", que a imprevidencia dos nossos legisladores constituintes esqueceu, e quo Goodnow julga, entretanto, indispensavel á existencia de todo governo livre. Este é que ha de ser, presumo, o sentido da revisão. Se pudesse resumil-o num lemma unico, a fórmula seria naturalmente esta: *organização solida e estavel da liberdade por meio de uma organização solida e estavel da autoridade, principalmente da autoridade federal.*

Ou a revisão terá este sentido, ou não terá sentido algum e será apenas uma agitação temeraria e perigosa. — (F. J. Oliveira Vianna — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS

UMA NOVA ORGANIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

Adoptando-se um estreito ponto de vista, erroneamente tido e havido na conta do pratico, affirma-se que as nações modernas precisam tão sómente de boas escolas technicas, destinadas a preparar profissionaes competentes.

Não creio que nenhum homem illustrado ousasse sustentar seriamente um tão evidente disparate.

Seria sem duvida praticamente impossivel reorganizar fundamentalmente, por decreto, as universidades actuaes.

Entretanto, independentemente de uma subversão brusca, pôde-se levar a effeito uma evolução gradual, não subordinada a um plano definitivo, mas variando segundo as conveniencias do meio e as necessidades creadas pelo progresso da Sciencia.

Expliquemo-nos:

Cada faculdade consta actualmente de duas classes de estudos: os technicos ou profissionaes e os geraes ou scientificos.

E' facil a distincção entre estudos technicos e estudos geraes. Assim, por exemplo, numa Faculdade de Sciencias Juridicas, é technico o Direito, é geral a Sociologia; numa Faculdade de Medicina é technico a anatomia topographica, é geral a physiologia; numa Faculdade de Engenharia é technico a resistencia de materiaes, é geral a physica.

Logo, a seguir-se uma tal orientação, cada Faculdade especial poderia ter duas ordens de estudos e dahi, necessariamente, duas classes de diplomas.

Uma ordem de estudos habilitaria para o exercicio da advocacia, da medicina, da engenharia; e a outra daria aos respectivos candidatos o diploma do doutor em sciencias juridicas, biologicas o mathematicas.

Segundo esse modo de vêr, cada carreira profissional seria organizada pela Faculdade corresponden-

te, porém o título de doutor seria dado unicamente pela Universidade. As Faculdades preparariam technicos e a Universidade homens de sciencia solidamente preparados por uma cultura geral. E coroando essa organização de cultura superior, uma Faculdade de Philosophia e Letras, não como tantas que por ahí existem, falseando o seu verdadeiro papel no desenvolvimento do ensino moderno.

O diploma de doutor em philosophia se alcançaria cursando as materias geraes das escolas especiaes de Direito, Medicina e Engenharia. E' claro que se não trataria de ensinar todos os detalhes particulares de todas as sciencias que constituem os alludidos cursos. Tão sómente se dariam os conhecimentos geraes de cada uma dellas. Daríamos assim ás Universidades o espirito de generalização e de synthese, do qual tendem as Faculdades afastar-se com graves prejuizos para a cultura geral.

Dess'arte, os problemas do universo e da materia melhor seriam comprehendidos com o auxilio das disciplinas physico-mathematicas, unicas que podem ajudar a resolvel-os.

Os problemas da vida humana seriam abordados com os methodos das sciencias biologicas, assim como os da vida social seriam estudados o interpretados com o auxilio das disciplinas sociologicas.

Com uma tal orientação no que concerne aos elevados estudos da philosophia, evitar-se-ia a situação ridicula das actuaes faculdades philosophicas em que se discute sobre o universo sem saber astronomia, sobre a materia sem conhecimentos de physica, sobre a vida ignorando-se biologia e constantemente se trata do homem sem conhecer sufficientemente anthropologia. — (José Ingenieros — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

OSSYMBOLOS DA GRAN-BRETANHA

Como as cidades têm os seus emblemas, e como as coisas abstractas

têm symbolos que as representam materialmente, assim as nações são symbolicamente representadas por qualquer coisa que lhes resume o caracter ou se refere a algum ponto culminante da sua historia. Nada poderia caracterisar melhor o povo japonês do que o "cysanthemo"; o "crescente" figura bem a Turquia, e o famoso "coq gaulois", que a revolução franceza fez reaparecer na bandeira nacional em substituição do lyrio da monarchia, é a mais completa expressão do caracter e da historia da França. Egualmente interessantes são os symbolos dos tres paizes que formam o Reino Unido da Gran-Bretanha.

O periodo mais agitado e mais desastroso de toda a historia da Inglaterra é o meio seculo que vai da subida ao throno de Henrique VI á de Henrique VII. Nunca se viu tamanho ardor no disputar um throno. Nem bastava que um dos pretendentes ao throno desaparecesse: em lugar d'elle surgia outro, e a luta não cessava. Ora, por tragica ironia, no meio dos horrores daquella luta, a rosa, symbolo de belleza e de amor, tornou-se o emblema e o signal visivel de uma das mais longas e atrozes guerras civis que têm devastado as nações. Este facto estranho teve origem numa scena digna de relembrar-se. Nos jardins do Templo, por uma bella manhan da primavera de 1450, se achavam reunidos em Londres os gentishomens da Inglaterra, a discutir a grande questão que separava, naquelle tempo, todas as almas do paiz: "Entre os dois principes reaes que pretendem subir ao throno da Inglaterra, qual delles devemos reconhecer como o legitimo herdeiro?" Naquelle tempo, não havia ainda *clubs*. "Por isso, fôra escolhido aquelle lugar afastado, entre flôres, para discutir-se a magna questão. Ora, de repente chega Ricardo Plantageneta, duque de York, justamente um dos dois pretendentes ao throno. A sua presença fez com que todos se calassem. O principe percebeu que se fizera subitamente silencio, e perguntou que

estavam elles conversando tão animadamente; se, por acaso, haviam abraçado a causa de Henrique de Lancaster... o "usurpador"! Como ninguem respondesse, Ricardo exclamou:

— Como emudeceste, e ninguem se aventura a dizer a sua opinião pela palavra, fazei com que eu a conheça por um signal. Que os partidarios da Casa de York colham aqui uma rosa branca, como eu faço...

Então, o conde de Somerset exclamou:

— Desde que assim é, os que odeiam a bajulação e estão promptos a sustentar os direitos do nosso verdadeiro e legitimo soberano, mesmo na sua ausencia, e deante dos seus inimigos, colham comigo uma rosa vermelha...

Todos imitaram o conde de Somerset ou o principe. E um dos presentes se pôz a gritar:

— Um momento! um momento! Antes do despojar este jardim de todas as suas rosas, e antes de precipitar o nosso paiz na guerra civil, combinemos que o partido que tiver o maior numero de flores, sejam brancas ou sejam vermelhas, será declarado vencedor, submettendo-se o outro á maioria dos votos.

Assim foi combiuado. Mas as paixões já se tinham exaacerbado muito, de sorte que a questão degenerou em revolução, entre os partidarios da Casa de York e os da Casa de Lancaster. Foi uma horrivel guerra civil que durou meio seculo. O povo inglez não respirou desafogadamente senão quando Henrique VII de Lancaster desposou Elisabeth de York, filha de Eduardo IV.

E foi assim que a rosa se tornou o emblema nacional da Inglaterra.

O trevo é o symbolo sagrado da Irlanda. Conta-se que S. Patricio, o famoso santo que converteu a Irlanda ao christianismo, levado até aquella ilha pelo seu ardor apostolico, desembarcou no anno 442 em Wicklow, onde começou logo o seu apostolado. Um dia, o Santo préga-

va nas collinas de Tara, procurando explicar o mysterio da Trindade. O seu auditorio, porém, não conseguia comprehendêr como podiam existir tres pessoas diversas num só Deus verdadeiro.

S. Patricio, baixando o olhar, viu, no magnifico tapete de verdura, uma grande quantidade de trovos. Colheu um delles e mostrando-o aos irlandezes, disse:

— Vejam bem que nesta plantação tres folhas reunidas formam, na realidade, uma só folha. E recusam-se a crêr em mim, quando eu lhes digo, segundo as sagradas escripturas, que não existe senão um só Deus, e ha tres pessoas distinctas num Deus só?

Desde então, o trevo ficou sendo o emblema nacional da Irlanda. Ainda na guerra actual, os regimentos irlandezes distinguem-se dos outros por um trevo bordado no peito dos soldados.

Tem tambem uma historia o "cardo" da Escossia. Sob o reinado de Malcolm I, no anno de 1010, a Escossia teve de soffrer uma invasão de dinamarquezes, os quaes desembarcaram em Buchan Ness, no condado de Aberdeen, marchando logo para a fortaleza de Slains. A noite, de verão, era escurissima. Os dinamarquezes contavam com a escuridão e o silencio para o assalto á fortaleza, que, pela sua posição na extremidade da Escossia, era de importancia decisiva. Por cumulo de precaução, diz a lenda, os assaltantes puzeram-se descalços, afim de não fazerem nenhum rumor. Inicia-se o assalto. A guarnição da fortaleza parecia não ter dado pelo perigo, e tudo fazia crêr que a conquista era infallivel. Subitamente, porém, ouve-se um grito de dôr entre os assaltantes, e logo se ouvem outros. As sentinellas dão o alarme, a guarnição vai logo a postos. E os dinamarquezes, repellidos, põem-se em fuga, perseguidos pelos escossezes. Que tinha acontecido? Um facto simplissimo: o verão fizera seccar a agua dos fossos que rodeavam a fortaleza, fazendo surgir uma luxuriante vegetação de cardos.

El foram os cardos que salvaram os escossezes, tornando-se o symbolo da Escossia... (Americo Searlatti — *Minerva*, Roma).

VARIEDADES

A PHILANTHROPIA DE AFFONSO XIII

O palacio real de Madrid tem sido, em todos os tempos, testemunha de scenas extraordinarias. Ainda agora, com a conflagração europea, o que nelle se passa é verdadeiramente admiravel, e com certeza ficará na historia da humanidade. Um dia — isso foi ha cerea de um anno — uma pobre mãe esereveu ao rei Affonso XIII implorando-lhe auxilio para encontrar um filho soldado, que havia desaparecido.

O rei fez com que o seu embaixador em Berlim promovesse um inquerito e o soldado perdido foi encontrado. Começaram então a chegar ao rei, de todos os logares de todas as nações belligerantes, e em todas as linguas, cartas de progenitores, que imploravam investigações eguaes. Com a sua habitual generosidade, Affonso XIII pensou em organizar uma obra piedosa: a da procura dos soldados de todas as nacionalidades, desaparecidos ou prisioneiros. Numa ala do palacio real, sob a direcção de Don Emilio Torres, secretario privado do rei, estabeleceu-se a repartição. E dia a dia o serviço foi augmentando — a ponto de ter hoje proporções extraordinarias.

Como se sabe, a Hespanha é encarregada dos interesses de todas as nações alliadas (exceptuada a Inglaterra), em Berlin e Vienna, e dos interesses da Austria, em Roma. E', pois, das mais penosas a tarefa do rei. Os pedidos de noticias podem referir-se a officiaes ou soldados dos exereitos alliados perdidos num campo de batalha da Flandres á Bukovina, do Baltico á Mesopotamia, ou podem referir-se a familias inteiras de fugitivos da Belgica e da França. A's vezes, as cartas que chegam ao rei Affonso não pe-

dem informações sobre militares, mas sobre creancinhas e sobre mulheres de que não ha noticias e de que se perderam todos os traços. Cada carta que chega ao escriptorio do rei, é annotada, catalogada — e responde-se immediatamente, dizendo que o rei vai providenciar. A repartição esereve no mesmo momento ao embaixador hespanhol em Berlim ou em Vienna, e assim que chegam as respostas, são incontinenti enviadas aos postulantes, com uma carta, e ás vezes com um telegramma. So a noticia é má, o rei fal-a sempre acompanhar de uma palavra de condolencia. Só se póde ter uma idéa do grande serviço que o rei Affonso está prestando, sabendo-se que sómente da França chegaram a elle mais de duzentas mil cartas que supplicavam noticias, o que em dois mezes a repartição teve de despende cerca de cento e cincoenta mil pesetas com as despesas do correio. São em numero do vinte os empregados que se encarregam dessa correspondencia, tendo a auxilial-as varias damas da aristocracia e irmans do Convento de Santa Isabel.

O MAIOR ESCRIPTOR FRANCEZ

Muitos francezes lamentam não ter a França um escriptor representativo, absolutamente grande, comparavel a Dante, a Shakespeare ou a Cervantes. Qual o escriptor francez que poderia nivelar com qualquer desses? Voltaire e Victor Hugo são os dois escriptores francezes que têm a maior sympathia publica. Entretanto, para Chateaubriand, que indiscutivelmente entendia destas coisas, o maior escriptor francez era Rabelais, e Victor Hugo parece tambem ter partilhado a mesma opinião, ao menos a titulo provisorio, na esperança de que a fama o elevasse ao supremo fastigio. Victor Hugo é eertamente o maior poeta do seculo XIX, na França, é o maior poeta que appareceu na Europa depois de Goethe, e provavelmente o maior genio lyrico que tenha existido em todos os tempos. Mas o lyrismo não é toda a literatura. Dando a Victor

Hugo o primeiro lugar, não seria menosprezar o periodo classico da litteratura franceza? Voltaire exercen a realza litteraria sobre o XVIII sceulo francez e europeu. A sua obra é todo um mundo, e pela sua curiosidade universal, pelos seus conhecimentos encyclopedicos, pela lucidez, pela generosidade e ás vezes pela profundidade do seu pensamento, o prodigio de sessenta volumes da sua prosa alada é verdadeiramente inimitavel. Mas esse miraculoso prosador não era poeta o os francezes não podem desiinteressar-se da sua poesia. Rabelais é immenso: com elle so inaugura a era moderna, elle foi quem restabeleceu o naturalismo philosophico, e são admiraveis a sua audacia e a sua fantasia. Mereceria o titulo de Homero comico, que Victor Hugo deu a Cervantes. Mas esse genial operario da palavra não conseguiu fixar a lingua. Relativamente ao sceulo XVII, ha a notar que elle foi uma efflorescencia unica, na França, sendo, nessa época, muito inferiores as outras litteraturas, cujas obras-primas datam da Renascença ou dos Concilios Medievaes ou só vão apparecer no romantismo. Mas esse magnifico sceulo de Luiz XIV não nos dá tambem “o

maior escriptor francez”. Os grandes escriptores francezes desse tempo não têm eguaes no seu genero, nas outras litteraturas. Quo paiz possui o equivalente a um Molière, a um La Fontaine, a um Pascal? Haverá um poeta mais perfeito do quo Racine, mais nobre do que Corneille? — Mas a qual desses mestres so poderia dar o primado? E’ difficil responder, porque nem mesmo Moliéro tem sobre os mais tão grande ascendencia. No emtanto, esso sceulo é o mais bello da historia litteraria franceza. Os Shakespeare, os Cervantes, os Dante, os Goethe, têm um caracter commum: são syntheticos. Shakespearo é, a um tempo, um tragico e um comico. Goethe cultivou todos os generos. Dante foi um douto polygrapho. As obras desses escriptores são “sommas”. Justamente por isso, não se encontra um escriptor francez que se lhes possa comparar. A litteratura franceza tem uma tal abundancia de riqueza, que se não pode dizer qual seja o escriptor mais rico, entre todos. Porque os seus grandes escriptores são em demasia, a França não conseguiu ainda ter o escriptor “maior” e mais representativo do que os outros.

AS CARICATURAS DO MEZ

O IMPOSTO DE HONRA



Wensesláu — Tenba paciência, meu amigo. Nós precisamos salvar o paiz.

O promptíssimo capitalista — Se minhas visceras servirem, estão às ordens de V. Ex.

(“Caretá” — J. Carlos)



Os grandes planos — Desculpe, mas eu só aceito esmola de dez tostões para cima... Também quero participar do imposto de honra... e com uns vintens não posso honrar o imposto.

(“Correio Paulistano” — Raul)

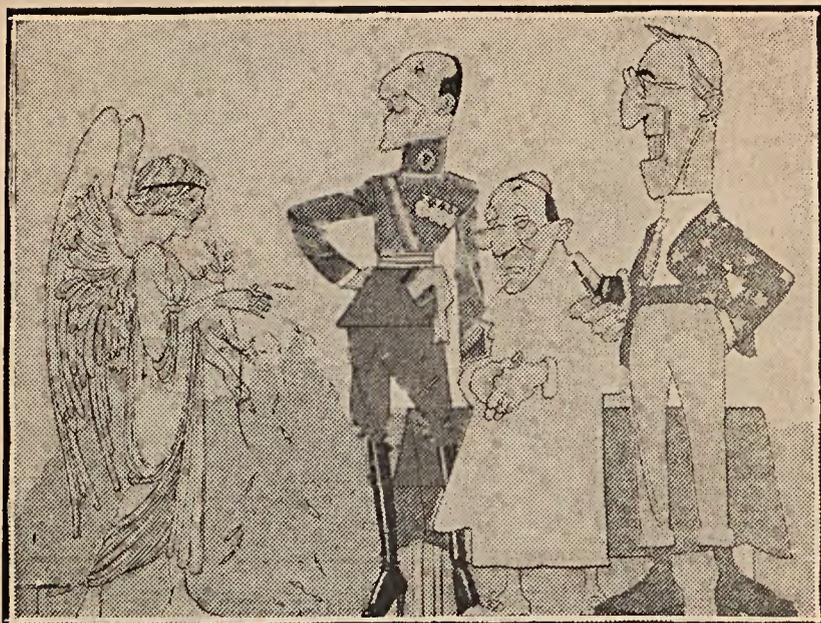
BALANÇO NO PÉ DE MEIA



O pobre diabo — Chegou a hora do honrado!

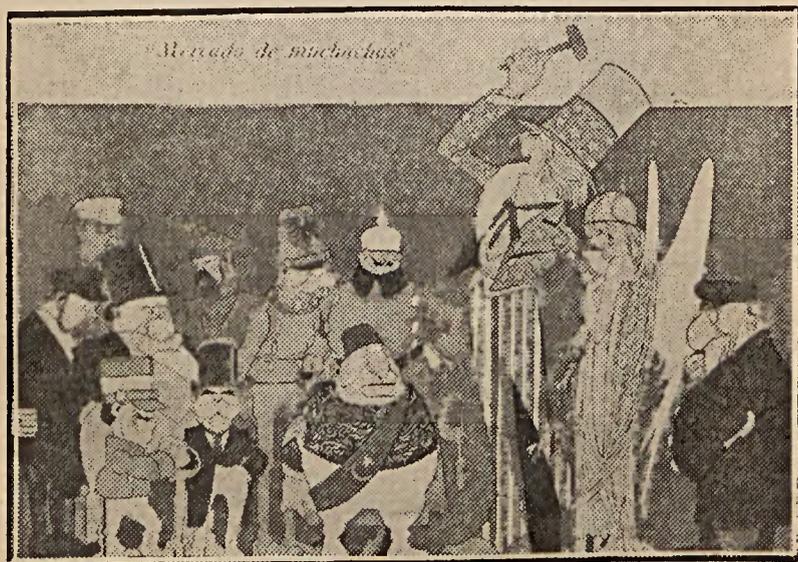
(“Caretta” — J. Carlos)

A MISSÃO DA PAZ



A paz — E' inutil. Eu não consigo nada. Eu sou... La fille morte.

(“Caretá”—J. Carlos)



Tio San, depois de fer vendido aos belligerantes o quanto era possível, vai *negociar* a paz.

(“Caretá”—J. Carlos)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correo 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. — Rua Libero Badaró, 181. Teleph. 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. — Resid.: Rua da Consolação, 62. — Consultorio: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethritas chronicas, pelos methodos mais aperfeçoados. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetinga, 9. Teleph. 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILLHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: Rua Albuquerque Lins, 58. Telephone 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua S. Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de aplices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.—Rua S. Bento, 57 (baixos).

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e commissões em geral — Agentes de companhias de seguros.—Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, Telegrammas: "Belli".

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Platiniano — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAS E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação. Artigos para escritorio, pintura, desenho e engenharia. Utensilios para typographia, encadernação, pautação e estereotypia. — Telephone 792 — Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras — Variado sortimento de malas de couro, lona e zinco — Malas para cabina, de mão e bolsinhas. — Saccos de roupa suja, cadeiras e mais artigos de viagem. — Offleina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CHAPÉOS PARA SENHORAS

M.^{me} Pereira

Rua S. Bento N. 18-A
TELEPHONE N. 4480

São Paulo

Para emprego do seu dinheiro, terrenos,
casas, hypothecas, etc.,

na-
tu-
ral-
men-
te:

Casimiro Costa Corretor S. Bento, 25

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Paris - São Paulo

GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Povo Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, eslando mobiliado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: 8000 réis. A's familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cosinha é dirigida por um reputado professional

PROPRIETARIO: F. KOSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SAO PAULO

Endereço Telegraphico: (HOTELPAZ)

CASA CONHECIDA

— DE —

**Ramiro Tabacow
& Cia.**

Vendem-se em prestações: MOVEIS
e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS
FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

Casa fundada em 1895

**PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS**



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Electr.: EMISEL

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Baneo tem correspondentes em todas as principaes eidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

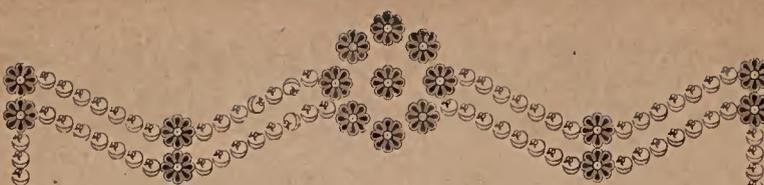
Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente.	2 % ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3 % „ „		Seis mezes	4 ¹ / ₂ % „ „
„ „ „ 60 „ .	4 % „ „		Doze mezes	5 % „ „

Este Baneo, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



Grande Loteria de S. Paulo

em 28 de Junho

200 CONTOS

em tres grandes premios

1000:00\$000

50:000\$000 — 50:000\$000

Os bilhetes já estão á venda em todas as casas
deste negocio.

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão, etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escritorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

■ ■ SÃO PAULO ■ ■



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

Brasileira,

Ypiranga,

Paulista,

Colombo,

Bicho, Pequenas

e demais productos da

“Companhia Luz

Stearica”

DO RIO DE JANEIRO

■ ■
■
R. Libero Badaró

N. 52

(1.º Andar)



TELEPHONE

N. 3558



São Paulo

SUMMARIOS DA REVISTA

N. 1 — 25 de janeiro de 1916

REDACÇÃO, Revista do Brasil. — PEDRO LESSA, da Academia Brasileira, O prencelto das reformas constitucionaes. — ADOLPHO PINTO, O centenário da independência. — L. P. BARRETO, O ultimo passo da cirurgia. — ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira, A rima e o rythmo. — AMADEU AMARAL, O eugino da medicridade. — VALDOMIRO SILVEIRA, Desesper de amor. — JOSE VERISSIMO, da Academia Brasileira, O modernismo. — VICTOR DA SILVA FREIRE, Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — O codigo Civil Brasileiro, P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e esculptura, P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças nas escolas. — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da «triplice-entente». — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da «craclém», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automoveis amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins, X. — As caricaturas do mez.

N. 2 — 25 de fevereiro de 1916

MARIO DE ALENCAR, da Academia Brasileira, José Verissimo. — CARLOS DE CARVALHO, Ecnomia e fianca de S. Paulo. — PAULO R. PESTANA, A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo. — AMADEU AMARAL, O Brasil, terra de poetas. — VEIGA MIRANDA, O Margarida (novella). — ARMANDO PRADO, Francisca Adolpho de Varnhagen. — E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro, Um informante do Imperador Pedro II. — FLORIVALDO LINHARES, O "apriori" na theoria criticista. — PLINIO BARRETO, Ednarda Prado e seus amigos (cartas ineditas).

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick*. — José Verissimo. — A «Atlantida», R. S. — Nacionalisação da arte, R. — Pintura, N. — Musica, F. — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questões orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, L. — As propriedades therapeuticas do aspo — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — As caricaturas do mez.

N. 3 — 25 de março de 1916

AUGUSTO DE LIMA, da Academia Brasileira, Afonso Arinos. — AURELIO PIRES, Recordando... — PAULO R. PESTANA, A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo (com illustrações). — MARIO PINTO SERVA, A organização do meio circulante. — ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira, A rima e o rythmo. — AMADEU AMARAL, A palmeira e o rato. — MONTEIRO LOBATO, A vingança da proba. — OCTAVIO AUGUSTO, Nus domínios de Beethven: — VICTOR DA SILVA FREIRE, 1815-1915.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Afonso Arinos, *Redacção* — Afonso Arinos (soneto), *Arduino Bolivar* — As Academias de Portugal, R. S. — Eduardo Prado, P. — Pintura, N. — Musica, F. — Visconde de Portó Seguro — Cidades mortas — Aspectos do Norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na America — As mutuas escolares na Italia — Consequencias da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o systema nervoso — Os metaes da guerra — Os diarios de Tolstoi — Goethe nas trincheiras. — As caricaturas do mez.

N. 4 — 25 de abril de 1916

ANTONIO PRADO, O "stock" bovino e a expurtação da carne. — CARLOS DE CARVALHO, Operações de cambio. — HELIO LOBO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro Sós na America. — JACOMINO DEFINE, Lendas e mythos. — MEDEIROS E ALBUQUERQUE, da Academia Brasileira, O meu amigo D. Juan. — JULIO CESAR DA SILVA, Poesias. — A. CARNEIRO LEÃO, *Litterature brésilienne*. — VICTOR DA SILVA FREIRE, Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — As promessas do escotismo, R. M. — Arthur Orlando — Padre Julio Maria — Francisco Glycerio — Caricatura e pintura, F. — Varnhagen e a sua obra — Brasil Historico — Credito Agricola — Transformações do captiverio — O «tumulo da natureza» — O fim do mundo — Os microbios e a temperatura — Como se tem julgado a dança. — As caricaturas do mez.

N. 5 — 25 de maio de 1916

OLIVEIRA LIMA, da Academia Brasileira, A doutrina de Mnaroc. — CARLOS DE CARVALHO, Operações de cambio. — MARIO DE ALENCAR, da Academia Brasileira, Poesias. — JOÃO KÖPKE, O ensino da leitura pelo methodo analytic. — C. DA VEIGA LIMA, O pensamento actual. — JOAO FERAZ, As estiaçens e a febre typhnide em São Paulo. — R. VON THERING, *Diccionarios portuguezes*. — COLLABORADORES, Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — João Köpke, N. — Olavo Bilac em Lisboa, R. M. — Honem de Mello — *Bibliographia* — Tribunal para menores — O ensino tecnico em França — Superstições irlandezas — O mestre de Paderewsky. — As caricaturas do mez.

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa-sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. T. DE SOUZA REIS	A moeda metallica no Brasil (conclusão)	197
SOUZA BANDEIRA da Academia Brasileira	Ruinas da aristocracia rural.	213
AMADEU AMARAL	Poesia	221
JOÃO KÖPKE	Educação moral e civica (conclusão)	225
H. INGLEZ DE SOUZA da Academia Brasileira	Iniciação	244
VEIGA MIRANDA	A probidade literaria	248
PLINIO BARRETO	Leonor Telles.	262
ROCHA POMBO	A terra paulista e as suas grandes legendas	272
JOÃO FERRAZ	Salubridade publica no Estado de S. Paulo	277
COLLABORADORES	Resenha do mez	281

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 7 - ANNO I

VOL. II

JULHO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Brasil-Argentina, *Redacção* — O Direito Criminal Moderno, *M. O. H.* — *Bibliographia* (Sensações e reflexões — O Combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa). — Tribunal medico — A questão shakespeareana — Opiniões sobre o *Don Quixote* — As fructas contra as doenças — O banho de sol — A longevidade das mulheres. — **As caricaturas do mez** (tres caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remettido a todos os assignantes. As pessoas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSÁRIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursacs do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente	2% ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3% „ „		Seis mezes	4 ¹ / ₂ % „ „
„ „ „ 60 „ .	4% „ „		Doze mezes	5 % „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Auto-Geral



CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS



Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,
Ypiranga,
Paulista,
Colombo,
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

"Companhia Luz

Stearica"

DO RIO DE JANEIRO

■ ■
■
R. Libero Badaró

N. 52

(1.º Andar)

■ ■
■
TELEPHONE

N. 3558

■ ■
■
São Paulo

Companhia Mechanica e Importadora

de São Paulo

IMPORTADORES de

Materiaes para toda a classe de construcções
e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos,
Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos,
Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua,
Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas
e automoveis FIAT, etc.

FABRICANTES DE MACHINAS de

Café e para lavoura, de Material ceramico e
sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e Rebites.
Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor :: Constructores e Empreiteiros

AGENTES de:

Robey & Co., - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Es-
maltado "Silex" - Comp. Paulista de Louça Esmaltada -
Societâ Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos
Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

ESTABELECIMENTO CERAMICO:

AGUA BRANCA - TELEPHONE, 1015

CODIGOS EM USO:

A. B. C., 5.a edição :: A. I., A. Z., WESTERN UNION :: LIEBER'S e RIBEIRO

RIO DE JANEIRO
Avenida Rio Branco N. 25
CAIXA 1534

SANTOS
Rua Santo Antonio, 108, 110
CAIXA, 129

LONDRES
Broad Street House-New Broad street
LONDON E. C.

S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 36

End. Telegraphico: MECHANICA

CAIXA DO CORREIO. 51 - TELEPHONE 244

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Julzes, promotores e delegados de pollicla, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

Joaillerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Mar-

bres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 50, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella

Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

“A Transoceanica”

“A Cook Brasileira”

CAPITAL 400:000\$000

Sociedade Anonyma - Carta Patente 33 - Autorisada a
funcionar na Republica e fiscalisada pelo Governo Federal

AGENCIA GERAL DA ESTANCIA BALNEARIA, HOTEIS, AGUAS MINERAES
E THERMAES DE POÇOS DE CALDAS “A SUISSA BRASILEIRA”

Representante do Expresso Internacional, “Banco Supervielle”, Buenos Aires. - Viagens no Interior do
Brasil, á Europa, America do Norte, Rio da Prata, etc. por meio de sorteios pela Loteria Federal,
com fiscalisação do Governo Federal.

Succursal em S. PAULO: Rua Direita N. 42-Loja



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcanec, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo enfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escriptorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



Alfaiataria Rocco

*Novidades em casemira Inglesa
Importação Directa*

Emilio Rocco

*Rua Amaral Gurgel, 20
Esquina da Rua Santa Izabel*

*Telephone 3131
S. Paulo*

JOÃO DIERBERGER
— FLORICULTURA

III
SÃO PAULO
III

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

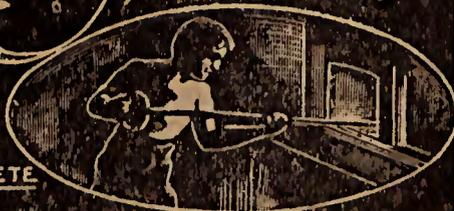
AVENIDA PAULISTA

PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

*Massucci Perazzo
Nicoli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMAS PARA SABONETE



ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52
FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO

L. Grumbach & C.

CASA FRANCEZA

RUA DE SÃO BENTO, 89 E 91

LOUÇAS



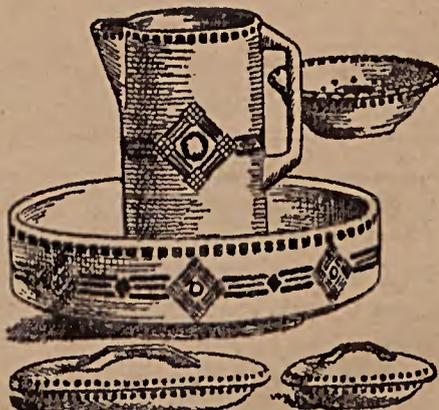
VIDROS



ARTIGOS

DE

COSINHA



OBJECTOS

DE ARTE

PARA

PRESENTES



METAE



PERFUMARIAS

Chegou nova remessa de serviços de toilettes

Casa Paulista de

Moyses Gandelhman

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmalçado, colchões,
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e luz, Telephonica, Telegraphica, Usinas Hydro-Electricas, Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephonos, Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

A MOEDA METALLICA NO BRASIL

(SYNTHESE RETROSPECTIVA)

(Conclusão)

A legislação monetaria que herdámos de Portugal foi a seguinte: monometalismo ouro, 22 quilates de toque e 1\$760 réis por oitava. Essa era a moeda legal com que iniciavamos a nossa vida de povo livre.

Como moedas auxiliares, tínhamos a de prata com elevada senhoriagem e a de cobre com o valor legal de 5 réis por oitava.

Tinha ainda curso a moeda portugueza de ouro, toque 22 quilates e 1\$600 réis por oitava.

A coexistencia das duas peças de ouro em circulação, davanos a anomalia de possuirmos duas taxas de cambio par em relação á moeda ingleza; essas taxas eram, como já dissemos, a de 60 $\frac{1}{4}$ d. e de 67 $\frac{1}{2}$ d. conforme se tratasse da moeda brasileira ou da portugueza. Não sabemos bem porque alguns escriptores brasileiros insistem em considerar a existencia de um terceiro par de cambio, em relação á prata e por elles fixado em 54 d. Ora, o metal branco tendo deixado de ser a moeda legal do Brasil, por força da resolução de 1747, não se encontra explicação satisfactoria para investigarmos qual o par do cambiõ em relação a elle, muito embora o ouro já tivesse sido expellido do mercado. Confessamo-nos satisfeitos com a anomalia de duas taxas de cambio par e recusamos acceitar mais una terceira.

A prata tinha curso illimitado, outro defeito da legislação existente, e quanto ao cobre, a unica restricção imposta datava ainda do reinado de el-rei d. Pedro II a que já nos referimos.

Para mais nitida idéa da legislação monetaria da época, lembharemos que por lei, entre o ouro e a prata, a relação era de 1|12.5 emquanto no mercado, em média, conservava-se em 1|15, e

entre a prata e o cobre era de 12,8|1 enquanto no mercado era de 40|1.

Bastaria um augmento impensado de emissões de cobre para afugentar, ineontinenti, a moeda de prata.

Esse augmento deu-se, infelizmente em bem grande proporção. O governo de d. Pedro I a elle recorreu, conjuntamente com as emissões de papel do Banco do Brasil para fazer face ás avultadas despesas com que teve de arear.

O abuso do cobre, chegou a extremo maximo e por tal forma se houve o governo, praticando-o, que não tardaram as falsificações e uma grande introdução clandestina de moedas na circulação. Não temos por objectivo deserever a erise do "xcm-xem", e recordando-a apenas patenteamos como estimulada estava a industria da moeda falsa. No dizer de Lino Coutinho, em discurso no Parlamento, no anno de 1826, uma libra de cobre custava no mercado 18 vintens e com ellas se cunhavam peças no valor de 2\$000. Era um luero espantoso, remunerando, extraordinariamente, o industrial falsificador.

Além do cobre, o primeiro Imperio recorreu ás emissões do Banco e aos empréstimos estrangeiros, verificando-se quanto ás primeiras que dos vinte mil contos, approximadamente, postos em circulação, pouco mais de 10 % foram para auxilio ao commercio, sendo os oitenta e tantos por cento restantes applicados em empréstimos ao thesouro.

A administração economica e financeira desse periodo não foi do molde a corrigir os males que nos haviam afastado da circulação monetaria que a lei estabelecia. Antes, em todo elle se aggravaram os erros commettidos, distanciando-se cada vez mais para outra época a solução do problema. Tratados mais ou menos contrarios aos interesses economicos estorvavam o commercio. Restricta estava a exportação ao pau-brasil, couros, algodão e diamantes, e o trabalho agricola ao braço escravo. As despesas externas aerecidas por um elevado serviço de divida em ouro, obrigando a se contrahir um empréstimo especialmente para liquidar os compromissos dahi decorrentes. Armamentos, despesas militares e diplomatieas deram eausas a gastos avultados e muitos até improduetivos.

Além da guerra cisplatina, o desequilibrio das finanças internas, o augmento da já grande divida deixada por d. João VI, as lutas do nativismo...



Por sobre tudo isto, o “xem-xem”, a macuta, o papel-moeda...

Pessimas as condições financeiras e economicas do primeiro Imperio e portanto difficultado o saneamento da circulação apesar dos esforços do Marquez de Barbacena, Martim Francisco, Bernardo de Vaseoncellos, Evaristo da Veiga, Paula Souza, Leão, Rebouças e Hollanda Cavaleanti

Esta situação traduzia-se flagrantemente na expressão cambial. O cambio que até 1815 mantivera-se em média annual, dentro dos limites de 70 d. a 85 ½ d. por mil réis, estava na occasião da Independencia em 51 ½ d. taxa maxima, e em 1830 descera ao minimo de 21 ½ d.

O primeiro Imperio manteve o padrão monetario-ouro de 1694, mas entregou á Regencia uma situação de facto má, por elle mesmo excessivamente aggravada.

Cobre, “xem-xem”, macuta, papel inconversivel, cambio a 21 d., agio do ouro 195 ‰, agio da prata 130 ‰, agio do cobre verdadeiro 50 ‰.

Com tal legado a desafiar a competencia dos estadistas do periodo regencial, iniciava-se o reinado do sr. d. Pedro II, o monarcha magnanimo, a quem muito deve o Brasil.

Tão má situação monetaria preoccupou os estadistas da época, absorvendo-os em cogitações attinentes á valorisação do meio circulante. A situação economica e financeira era melindrosa, e as relações commerciaes resentiam-se de um intermediario das trocas, constituido pelo cobre e papel depreciado, tendo adquirido o primeiro as funções de moeda principal de escambo.

Com *deficits* nos orçamentos e no commercio internacional, o cambio cahia, progressivamente, com tanto maior rapidez, quando nulla era a aptidão da moeda circulante para regularisar-lhe o curso, pouco valendo as disposições com que a Regencia iniciára o seu governo, esforçando-se pelo saneamento da circulação. Entretanto, força é reconhecer que bastaram as medidas conducentes ao resgate do cobre e liquidação definitiva do Banco do Brasil, para que melhorasse a média cambial dos annos que se seguiram á abdicção.

Os documentos da época demonstram ter sido a orientação predominante para este fim a organização de um novo banco, destinado a livrar-nos do “flagello das notas” na phrase de um conceituado organ de publicidade do Rio de Janeiro, naquella época já existente, o *Jornal do Commercio*.

Em 1830 o marquez de Barbacena pediu ao Parlamento a criação de um banco, em substituição ao que fôra extinto em 1829. A sua proposta não teve andamento, apesar de com ella o ministro esperar conseguir um meio circulante baseado em moeda metallea, com a suspensão da cunhagem do cobre e resgate do papel-moeda.

“Assim como a estabilidade dos cambios depende da estabilidade do meio circulante, assim tambem a deste depende do valor das moedas que devam ser cunhadas, com determinado peso e quilate, correspondente ao valor intrinseco dos metaes”, escrevia o ministro da Fazenda de então.

“A segurança das especulações do commercio”, continuava escrevendo o Marquez de Barbacena, “o bom preço nos productos da industria nacional, a tranquillidade do cidadão sobre a sua subsistencia, não se poderão jamais conseguir sem um bom systema monetario, sem um padrão a que tudo se refira. Todos sabem que o papel realisavel á vontade do portador é o meio circulante mais estavel, mais facil e menos dispendioso; mas, como a condição “sine qua non” para aquellas vantagens é o troco effectivo em moeda com determinado peso e quilate, segue-se que a base da circulação e finanças de qualquer paiz consiste em um bom systema monetario e por isto, indispensavel me parece que a nossa reforma financial, ou o meio para consolidar o nosso credito, deve começar pelo vantajoso estabelecimento d'aquelle systema. Algumas nações, é verdade, em momentos de apuro e desgraça emitiram cobre, bronze e ferro, mas, em profunda paz e no paiz do ouro, só o Brasil apresenta o desgraçado phenomeno de pagamentos legaes em moeda de cobre”.

Em meio da desordem monetaria que temos relatado, no caso do primeiro Imperio, erguia-se a voz do marquez de Barbacena, pedindo que se dotasse o paiz de um systema monetario.

A esse proposito escreveu recentemente, o senador Leopoldo de Bulhões:

“Nessa occasião o valor legal de cada um dos metaes nobres não guardava uniformidade no paiz. A oitava de ouro de 22 quilates em moedas de 6\$400 tinha o valor de 1\$600, que lhe dera a lei portugueza de 1688 e em cunhos de 4\$000 chamados provinciaes ou coloniaes, o de 1\$777 7/9 que alcançara pelo modo por que se cumpriu a lei de 1694 diminuindo-se o peso das moedas. A prata, de conformidade com a lei de 1688 devia correr por 100 reis a oitava e segundo a lei de 1694 por 128 reis; mas, em consequencia do que havia sido determinado em 1747 e do que tinha resolvido, quando se cunharam os pesos hespanhóes, gyrava por muito mais. Era, pois, da maior conveniencia attender-se á reclamação do Ministro da Fazenda e regularisar-se o systema monetario”.

Era na verdade contraproducente deixar-se de cumprir um dispositivo da Constituição de 1824 que mandava legislar sobre a moeda, para manter-se a legislação do tempo colonial, anarchi-

sada por successivas reformas parciaes, inteiramente em desacôrdo com um estado economico que, na verdade, nunca lhe respondera.

O ministro da Fazenda de 1830, porém, não pretendia alterar o valor legal da oitava de ouro estabelecido pelo conde de Ericeira. Propunha que em vez de 1\$777 7|9 por oitava, fosse fixado o mesmo valor que então tinha a moeda portugueza, isto é, 1\$600 como já vimos. E para conseguirmos a conversibilidade do papel circulante appellava para a organização de um estabelecimento bancario.

E' em 1832 que a questão volta a ser debatida quando a commissão especial da Camara dos Deputados lavrou o seu parecer sobre a materia.

"Elegendo o marco de ouro de 22 quilates por 160\$000 para padrão de um novo systema monetario", diz ainda o Senador Bulhões, "a Commissão como fez ver um dos seus illustrados membros, não procurou alterar ou quebrar a moeda, conformou-se com o que já existia. O antigo systema monetario tinha cahido em desuso o as moedas que o representavam não corriam mais nos termos da lei". — (Relatorio da Fazenda - 1905).

As difficuldades com que teve de lutar o legislador para resolver um problema que se impunha, consistindo na volta á circulação dos metaes preciosos, resumiam-se, finalmente, na escolha de dois unicos caminhos a seguir: ou resgatar o cobre e o papel ou alterar o padrão. Bem sabiam elles a impossibilidade em que se encontravam de proceder ao resgate necessario; não haviam sobras de receita nem recursos que de prompto se encontrassem para tal operação. Assim para que os metaes nobres viessem melhorar a circulação monetaria era forçoso declarar para elles um valor maior do que o até então estabelecido. Isto, certamente, perturbava as relações entre credores e devedores, era contrario á boa ordem em face de contratos celebrados a taxas cambiaes mais altas, mas em todo o caso não seria a ruina, como poderia acontecer com "o resgate de uma assentada do papel e do cobre, e era ao mesmo tempo praticavel", na opinião de um dos membros da referida commissão.

Toda a questão resumia-se portanto na escolha do novo valor a dar á oitava de ouro.

A commissão tomando para taxa cambial typica a resultante da comparação entre a moeda ingleza e a de prata que circu-

lava no Brasil depois de 1810, isto é, para taxa de cambio para a de 54 d. por 1\$000, ponderou que não devia ser esta a correspondente ao novo padrão monetario, porque primeiro: "os contractos e transacções do commercio realisados, então, a um cambio de 30 pence mais ou menos, seriam prejudicados por essa grande alteração no elemento que lhes servia de regulador; segundo: porque a renda publica ficaria nominalmente reduzida em uma razão muito elevada, sem que por outra parte as despesas houvessem de decrescer do mesmo modo, o que traria ao governo sérios embaraços para satisfazer aos seus encargos. Pareceu tambem á commissão que não era de bom conselho dar-se a nova peça de 4 oitavas de ouro o valor nominal então corrente, ou 12\$800, que era o mesmo que fixar o cambio a 33 $\frac{3}{4}$ d., porquanto, bem que semelhante modificação estivesse de accordo com a totalidades dos contractos e transacções commerciaes da época, comtudo traria consigo o depreciamento dos juros da divida publica interna e dos vencimentos dos empregados, na razão de mais de um terço do seu valor, tomando por termo de comparação a moeda de prata ou par de 54 d." (Bulhões relat. cit.)

Assim, pois, foi definitivamente acceto o alvitre de se proeurar um termo médio entre as taxas de 54 d. e a que então vigorava, chegando-se por esta fórma, disse-o da tribuna Miguel Calmon, depois Marquez de Abrantes, ao valor de 2\$500 por oitava de ouro de 22 quilates, correspondendo a taxa de 43 $\frac{1}{5}$ d. por mil réis. Dest'arte proeurava-se amparar, em parte, os interesses pecuniarios do thesouro, de credores e devedores, empregados publicos e portadores de apolices. A expressão cambial assim determinada era superior ao preço do ouro no mercado e nisto residiu o maior entrave á execução da lei que a commissão projectou.

Apesar dos esforços empregados para resolver a questão, encerrou-se a sessão legislativa de 1832 sem que fosse tomada qualquer providencia.

No anno seguinte convocada a Assembléa Legislativa para o fim especial de prover ao melhoramento do meio circulante, o ministro da Fazenda lembrou a conveniencia de estabelecer uma fórma de pagamento nas estações publicas, segundo a qual os metaes preciosos entrassem, ao menos, por metade, limitandose os pagamentos em moeda de cobre ao maximo de 1\$000.



"Não temais que a fixação de um novo padrão importe uma alteração na moeda legal, prejudicando por esta maneira os contractos; os metaes preciosos não têm presentemente curso livre no mercado, e, por conseguinte, nenhuma relação com as transacções de hoje: ao contrario, a alteração do antigo padrão monetario será tanto mais justificavel quanto ella mas se approximar do estado presente das cousas."

Nesse anno surgiu, finalmente, o projecto com que se esperava "pôr termo á anarchia em que se encontrava o paiz em materia economica, a ponto de ninguem saber o valor de sua propriedade."

"Dando á oitava de ouro o valor que, pouco mais ou menos, tinha no mercado nessa occasião, criava uma taxa cambial cujo desvio não podia ser muito sensivel. Firmado assim tanto quanto era possivel o valor da moeda corrente, tratar-se-ia de tirar da circulação o papel que a embaraçasse. O Banco projectado faria depois o necessario para completar o melhoramento do meio circulante." Essa foi a opinião vencedora dos defensores do projecto.

Pensou-se na organização de um estabelecimento bancario e a lei que alterava o padrão então existente foi longa, com muitos artigos, quasi todos consagrados a esse fim.

Ecoou, porém, a tentativa. Jámais foi o banco organizado, e o cambio, expoente verdadeiro das situações economicas, de quéda em quéda, afastou-se cada vez mais da taxa por que se lhe attribuiu na lei de 8 de Outubro de 1883.

Porque? Predissera o Marquez de Barbacena em uma das sessões reunidas das duas Camaras: "Nenhum poder humano é capaz de fixar o valor dos metaes preciosos, quando ha na circulação papel-moeda e cobre demasiado."

Além disto, dizemos nós, quando mesmo o Poder Publico, se arrogue esse direito de perturbar as relações existentes em contractos anteriormente feitos, para que a violencia e a injustiça decorrentes do seu acto, encontrem attenuantes, é mister escolher o momento mais opportuno para pratical-as, e que se deve traduzir numa diminuta variabilidade, em periodo relativamente longo, do preço dos metaes nobres, saldos economicos, saldos orçamentarios e a paz politica.

Nada disto se observava no anno de 1833. Se investigarmos quaes as condições economicas anteriores á lei de 8 de Outubro, encontraremos *déficits* orçamentarios, sommando mais de 45 mil contos, a divida do paiz, incluindo o cobre, o papel-moeda, a

fluctuante e a consolidada, elevada a 102 mil contos, sendo que esta ultima era apenas um terço da somma total. Estavam suspensos os pagamentos das amortisações. Custava-nos pesados sacrificios o pagamento de juros da divida externa; o cambio que ainda em 1826 pairava em 54 d. em média, cahira anno a anno a 40, 34, 28 e 24 em 1830 para oscillar na alta, nos dois annos seguintes, entre os limites de 25 e 20 $\frac{1}{2}$ d., 35 $\frac{1}{8}$ e 28 $\frac{3}{4}$ d. respectivamente. O commercio internacional deixava um *déficit* de exportação em média de tres mil contos. Politicamente o de- cennio regencial caracterisou-se pelas agitações partidarias e a guerra civil.

Em taes eondições, tinha razão o conselheiro Araujo Lima quando declarava no Senado não ser propria a occasião para legislar sobre essa materia. A situação permaneceu, mais ou menos, a mesma, durante annos consecutivos, impedindo que os intuitos do legislador se confirmassem na pratica.

Castro e Silva não poupou esforços para sanear o meio circulante, insistindo com o Parlamento para que dotasse o paiz com os meios necessarios á normalidade da situação monetaria. Visava o ministro e com elle os financistas da Regencia, a volta ao regimen metallico pelo resgate do cobre do papel-moeda.

A lei de 1833 não permittiu a circulação do ouro amoadade, tendo a Casa da Moeda cunhado com o padrão por ella estabelecido, apenas, pouco mais de novecentos contos de réis.

Medidas posteriores criaram fundos especiaes de resgate, substituiram as cédulas e cautelas então circulantes, uniformisaram o papel moeda sem contudo produzir resultado appreciavel no objectivo que se tinha em vista.

As novas emissões foram abolidas, recorrendo o governo á venda de apolices para obter recursos destinados ao custeio da grande despesa que o paiz exigia para a sua organização, e as commoções politicas aggravaram.

Em 1839, com surpresa geral e contrariando o então ministro da Fazenda, Manuel Alves Branco, o Parlamento, attendendo a uma solicitação da Praça do Commereio, resolveu autorisar a liquidação de um *déficit* com uma emissão de notas inconversiveis. Esse acto repercutiu com desagradaveis e perniciosos effeitos, maximé quando a legislação existente tendia para a politica san da valorisação do meio circulante.



A obra dos estadistas desse periodo é grandiosa em qualquer ramo da nossa historia e não ha, de certo, quem a estude, sem render preito de homenagem aos homens que tiveram sobre si o encargo da reorganisação social e economica do Brasil, em meiodos obstaeulos de uma triplice crise: economica, financiera e politica. A questão monetaria, se não foi por elles resolvida, não a aggravaram elles tambem.

No anno de 1840 foi declarada a maioria do Imperador e no primeiro decennio do novo governo, teve logar a ultima reforma monetaria que ainda hoje vigora.

Para bem estudal-a, passemos uma succinta revista na situação economica durante os cinco annos que immediatamente antecederam á lei de 1846.

O commercio internaecional no quinquennio 1840-1845 deixára um *déficit* de exportação na importancia de 61.376 contos de réis. Os effeitos economicos desse estado da balança commercial não foram contrabalangados por factores que pudessem agir benefieamente no paiz. Contrahimos um emprestimo em 1843, mas fôra para liquidação de contas com Portugal, sendo a somma levantada em Londres entregue aos credores no estrangeiro. O pagamento das amortisações da divida externa estava suspenso, mas religiosamente cumpriamos os contractos, quanto aos juros, apesar de enormes sacrificieios. Por isto, no quinquennio, o governo teve de remetter para a Europa, entre limites cambiaes de 29 d e 25 $\frac{1}{2}$., a importancia de £ 2.311.477. A receita em todo o periodo fôra inferior á despesa, havendo um *déficit* sommando mais de 36.000 contos de réis. O papel-moeda concorrea para preencher este deseoberto, apenas com importancia correspondente á sua setima parte. O Banco de resgate que se pretendera fundar em 1833, não o fôra até então. O meio circulante continuava mau. A falsificação das notas do Estado era ainda o alvo das cogitações governamentaes e procurava-se reprimil-a com a provincialisação das notas. O resgate continuava a ser feito de accôrdo com a lei de 1837. O augmento da receita publica era pleiteado pelos financistas como uma necessidade para enfrentar o augmento das despesas, consequencia do desenvolvimento do paiz.

"Não illudamos a Nação", disse o Visconde de Abrantes, "deixemos os palliativos, que alliviam por momento e afinal exacerbam o mal; o augmento razoavel da receita é uma necessidade publica a que

devemos curvar-nos; si traz-nos passageiros sacrificios da nossa popularidade ha de succeder-lhe o reconhecimento dos nossos concidadãos”.

O mau cambio expoente de finanças desequilibradas, *déficits* economicos e moeda má, continuou: de 32 ½ d. média do anno de 1840 viera, gradativamente, a 26 ¾ d. média de 1845.

Entretanto, se compararmos este quinquennio ao que o antecedeu notaremos um sensivel desenvolvimento economico, tendente a minorar os males que então soffriamos.

O movimento commercial representado pela navegação expressara-se no periodo que terminou em Junho de 1840 em 2.907.871 toneladas e no immediato em 5.807.672, isto é, duplicou no 2.º quinquennio. O valor da importação que em 1833-1834 attingira 36.237 contos elevava-se em 1844-45 a 57.228 contos; a exportação passara de 33.011 contos a 47.054 contos; a receita augmentara no 2.º quinquennio em relação ao primeiro de 30.57 % e a despesa de 44.95 %. O cambio de 41 ½ d. baixara progressivamente a 26 ¾. Isto indicava que apesar do crescimento do paiz, permanecia má a situação financeira e economica. Cresciamos, augmentavamos as nossas importações, facto natural e thermometro da nossa vitalidade, mas, por outro lado contra nós, estavam ainda agindo os erros dos primeiros tempos, a moeda má, a desorganização do trabalho, a divida externa.

O exercicio de 1845-46 encerrou-se com saldo orçamentario; a exportação sobrelevou o valor da importação, o cambio tendeu para a alta, attingiu ao maximo de 26 15|16 d.

Continuou o augmento do commercio interno e externo, a abundancia de capitales disponiveis no interior fez affluir ao Thesouro, desde que não haviam bancos funcionando, avultada somma em busca de collocação a juros. As letras do Thesouro adquiriram a preferencia dos tomadores na praça. Os titulos da divida externa cotavam-se a 89 ½ e os da interna aleçavam 79.

Por outro lado, a partir do anno de 1844, em toda a Europa, manifestou-se actividade febril de negoeios mais ou menos faeis que fez baixar a taxa de deseonto a 1 ¾ %; havia abundancia de dinheiro disponivel. Em 1845 e 1846 esta excitação periodica foi detida pelas más colheitas desses annos, provoeando uma subita retração nas praças estrangeiras do velho mundo e originou uma corrente de ouro que se encaminhou para a America em demanda da aquisição de productos que escasseavam do outro lado do Atlantico. Os Estados Unidos da America gosaram

um augmento rapido de 40 °|° das suas exportações e no Brasil o acceeseimo foi de 25 °|° entre os annos de 1844 e 1846.

A lei de 1830 referente á organização das sociedades anonyms e que até então só conseguira fundar quatro ou cinco companhias, permittiu neste anno a incorporação de quinze sociedades, para fins industriaes e commerciaes.

Foi nessa oecasião que Hollanda Cavaleanti poz em execução uma medida que conforme elle declarou na sessão da Camara de 31 de Agosto de 1846, ha muito tempo premeditara.

Disse, então, o ministro:

"Apenas entrei na administração entendi que devia levar a effeito uma medida que ha muito eu julgava conveniente, quero dizer, que em logar de remetter para Londres letras negociadas nas praças, poderia muito bem tentar a compra de ouro no mercado e ser essa remessa feita para nossos pagamentos

"Tentou-se a medida antes da apresentação do projecto. O ouro é recebido na Casa da Moeda segundo o cambio do dia. Parecia esta idéa irrealisavel, mas o facto é que tem concorrido ouro á Casa da Moeda".

Assim, o ministro da Fazenda apoiara na Camara, o projecto cuja iniciativa coubera no Senado a Bernardo Pereira de Vasconcellos, dentro das idéas preconizadas por Manuel Alves Branco no relatorio de 1845.

Alves Branco, depois Visconde de Caravellas, era de opinião que se cunhassem moedas de ouro de 22 quilates, de duas especies: uma tendo cinco oitavas e valor nominal de 20\$000, outra tendo duas oitavas e meia e valor nominal de 10\$000. Fixava desta forma em 4\$000 o preço legal da oitava de ouro.

O projecto de Bernardo Pereira de Vasconcellos mandava que nos pagamentos feitos nas estações publicas fosse o papel-moeda recebido na razão de 4\$000 por oitava de ouro, podendo ser recebido o eunho metallico que o governo designasse e extendendo a disposição ás transações particulares.

Dava-se, dest'arte ao paiz uma nova legislação monetaria, que de um só golpe determinava um valor ouro para o papel existente. Este valor era o do ouro no mereado, na oecasião. Para evitar a depreiação do meio circulante, ou em outras palavras, para manter a taxa cambial em altura correspondente a esse valor do ouro, ficava o governo autorizado a retirar papel da circulação.



Alves Branco imaginava, porém, outro systema consistindo em obrigar os pagamentos em ouro nas estações publicas na proporção de 1|50 no 1.º anno, 2|50 no 2.º anno e assim, successivamente, até ao 25.º anno em que os pagamentos seriam feitos metade em papel, metade em moeda metallica.

Preferido o projecto Vasconcellos, emendado e discutido no Senado e na Camara, foi depois de longos debates promulgado na lei n. 401, de 11 de Setembro de 1846, constituindo ainda hoje a lei monetaria do Brasil e cuja integra é a seguinte:

“Art. 1.º — Do 1.º de Julho de 1847 em diante, ou antes se for possível, serão recbidas nas estações publicas as moedas de ouro de 22 quilates na razão de 4\$000 por oitava e as de prata na razão que o Governo determinar. Esta disposição terá lugar nos pagamentos entre os particulares.

Art. 2.º — O Governo é autorizado a retirar da circulação a somma de papel moeda que for necessaria para eleva-lo ao valor do artigo antecedente e nelle conserva-lo; para este fim poderá fazer as operações de credito que forem indispensaveis.

Art. 3.º — Serão conservadas as convenções sobre pagamentos.

Art. 4.º — Ficam revogadas, etc.

Dest'arte, aproveitou-se uma situação que parecera favoravel para fixarse um padrão monetario ao mesmo tempo que pelo artigo 2.º providenciava-se quanto á manutenção do par cambial estabelecido.

De facto, desde que qualquer das causas que têm influencia em uma depressão cambial, dado o estado de paz interna e externa que atravessamos, viesse a se manifestar, era evidente que se havia de traduzir numa diminuição do volume das transacções commerciaes, e nesse caso o numerario em circulação tornar-se-ia superior ás necessidades do commercio e como tal a correção unica, até hoje conhecida, seria a redução da quantidade do papel circulante.

Um augmento das importações poderia determinar a sahida do ouro que existia em circulação, mas para que produzisse uma baixa cambial seria preciso que de crise fosse a situação que se desenhasse ao paiz. Mesmo assim, a restricção do papel seria benefica no interior. Outra não é a situação nos paizes sujeitos ao regimen metallico e dispondo de bancos de emissão. A anomalia que por acaso existiu desde a promulgação da lei consistia na falta de um aparelho que, lentamente, amparando a situação commercial, substituisse as notas do governo por outras convertiveis á vista por moeda metallica. Na occasião, de facto, eram

inconvertíveis as cédulas do Thesouro, mas o seu poder aquisitivo era o mesmo da moeda metálica. Para corrigir definitivamente a circulação e tornar conversível, á vista, o papel circulante, promoveu-se, embora mais tarde, a constituição de um banco, que só não preencheu cabalmente os seus fins, pelo abuso a que se entregou a sua directoria e pela victoria, ainda que passageira, da corrente inflacionista que galgou o poder e ficou na nossa historia conhecida sob o titulo da *pluridade bancaria*. Veremos depois os effeitos produzidos no paiz por esta orientação a nosso ver perniciosas.

Cumpré ainda salientar o facto de ter a lei de 1846 dado em os seus primeiros tempos resultados efficientes, o que se não observou na lei de 1833.

Na verdade, a partir de 11 de Setembro do anno referido, gosou o paiz de um meio circulante saneado; taxa cambial mantendo-se, num periodo superior a oito annos, em média mais alta que o novo padrão, apesar da intensa crise monetaria de 1847 na Inglaterra com repercussão em todo o mundo.

A situação financeira no quinquennio que terminou em 1850 foi boa deixando um excedente de receitas sobre as despesas. Ao passo que a receita excedeu á do quinquennio anterior de 40.99 %^o, a despesa apenas augmentou de 1.02 %^o, o que sobretudo abona a conduta dos dirigentes da época, maximé, quando ainda, em formação, não dispensava o paiz, gastos necessarios á expansão das suas energias.

A navegação augmentou sensivelmente, orçando em mais de 5.000.000 a tonelagem das embarcações que frequentavam os portos. O saldo da balança commercial orçou em 10.000 contos, sendo este o primeiro quinquennio em que tal se dava. Em 1833, nada disto se observou, perfeitamente justificando a causa do insuccesso da lei de 8 de Outubro.

A lei de 1846, a nosso ver, foi promulgada em momento opportuno não a ditando, como querem alguns escriptores da nossa historia economica, a illusão de uma prosperidade monetaria.

Termina aqui a historia da legislação monetaria do nosso paiz e dariamos por finda esta ligeira exposição se actos posteriores, sem na essencia modificarem a lei n. 401, não viessem perturbar seus effeitos salutaes. Cumpré-nos, por isto, relatar quaes as providencias tomadas no segundo Imperio com o fim de tornar real na vida pratica o que a lei estabelecera, as razões do in-

sucesso de taes medidas, as tentativas de resgate, o diluvio inflaccionista e finalmente innovações desconhecidas dos financistas de outr'ora, servindo taes perturbações trazidas á lei monetaria, apenas, para afastar-nos cada vez mais da legitima aspiração dos brasileiros — o regimen metallico.

Antes de o fazer, vejamos, porém, o papel que desempenha no nosso systema monetario a moeda de prata, que ainda ha bem pouco tempo, de envolta com as de nickel, vimos ser lançada em circulação, sem conta nem medida.

Promulgada a lei n. 401 para regular o que nella se dispunha, o governo fez expedir o decreto de 28 de Novembro mandando fixar entre o ouro e a prata a relação de 1|15 % e pelo decreto 625, de 28 de Julho de 1849, que se mantivesse esta relação, sendo as moedas de prata, de valor e peso que fixou, admittidas na receita e despesa das estações publicas e entre os particulares (salvo o caso de mutuo consenso) até o maximo de 20\$.

Dessa forma a prata continuou a desempenhar no nosso systema monetario a função de moeda auxiliar, para troco da de ouro. Não ha assim em virtude da lei nenhum contracto de valor superior a 20\$000, que se considere liquidado, senão o fôr solvido mediante determinado peso de ouro, como muito acertadamente ponderou em uma das sessões do anno de 1912, na Camara, o então deputado Calogeras, hoje ministro da Fazenda.

A legislação posterior sobre a moeda de prata, não alterou o que dispõe a lei de 1849 quanto ao maximo da importancia a ser recebida pelos particulares e as modificações feitas versaram sómente quanto ao peso e valor nominal das peças, mandando que nas estações publicas fossem ellas aceitas em pagamento, sem limitação de quantia.

Em 1912 a Comissão de Finanças da Camara, conforme consta do discurso proferido no mez de Dezembro pelo então relator da Receita, o illustre presidente actual do Banco do Brasil, visando attender á falta de moeda divisionaria, autorizou o governo a elevar até 15 % da importancia do papel-moeda em circulação, a cunhagem da prata, applicando 50 % do lucro liquido da emissão no resgate da moeda ineonversivel. No referido discurso, o dr. Homero Baptista declarou terminantemente que a emenda da commissão não alterava as disposições relativas á circulação da prata, que continuaria a ter o mesmo poder libe-

ratorio, e ainda accentuou, claramente, que se não attingia de modo algum o regimen da lei de 1846.

O debate fôra provocado pelo deputado Calogeras e delle ficou perfeitamente esclarecido o intuito do legislador. Em seu parecer sobre o orçamento da Fazenda, para 1914, é ainda um brilhante financista que se occupa do assumpto, outra vez fiscalizando-o num intenso faecho de luz.

“Certo é, porém, escreve Antonio Carlos, referindo-se ás duvidas de se ter revogado a lei de 1846, que não só em face do proprio texto essas duvidas improcedem como diante da razão e motivos da lei.” Mantem para o exercicio de 1914 a autorisação que originou a ultima cunhagem de moedas de prata determinando que com ellas se fizesse a substituição do papel-moeda de 1\$000 e 2\$000 e troco até 20\$000 das notas do Thesouro.

Diante do exposto, não ha duvida alguma que se não pretendeu alterar o monometalismo ouro da legislação de 1846 e 1849 e por conseguinte, só contra o recolhimento de papel-moeda, poderia a Caixa de Amortisação e não o Thesouro, lançar na circulação os novos eunhos.

Infelizmente a lei foi desviada do seu objectivo. Em 1913, quando os cofres publicos ficaram vazios por força da situação em que se encontrou o governo, o ministro da Fazenda não hesitou em lançar na circulação á guiza de moeda legalmente emitida, o deposito de prata e nickel que possuía, com evidente descaço pela legislação monetaria.

Desrespeitou-se a lei no tocante ao curso liberatorio da moeda auxiliar, e o que é mais, ainda com flagrante violação das medidas legislativas em vigor, o governo recusou-se a receber em suas estações publicas, sem quantia limitada, a propria moeda que havia emitido.

Não é o momento de apreciarmos as razões determinantes de factos tão modernos, cabendo-nos tão sómente referil-os para salientarmos, porque, dia a dia, nos afastamos do ideal de uma circulação saneada. O mal que se praticou produziu os effeitos esperados por todos os que, previdentes, condemnaram o acto do ministro. Economicamente, resultou da sua acção aggravar as causas que põem em fuga o ouro, e se no conjuneto de factos dessa natureza, criados nos ultimos tempos, não se pôde medir o coeficiente correspondente a este, nem por isto elle deixa de existir.

No commercio, os effeitos foram perniciosos como attesta a insistencia com que se procurou substituir a prata e o nickel que abarrotam os cofres dos estabelecimentos commerciaes, por papel moeda de pequeno valor, e ainda as recentes moções do commercio ao governo.

Suprema irrisão! A lei mandou cunhar prata para eliminar as notas de 2\$, 1\$ e 500 réis que ainda existissem nas praças e os executores da vontade legislativa, agem de modo a justamente conseguir o inverso.

Ainda neste assumpto, deu-se publicidade ha pouco tempo a um memorial apresentado á directoria do Banco do Brasil no sentido de ser restabelecido o bimetalismo no nosso systema monetario.

Não sabemos qual seja a opinião da illustrada directoria do nosso principal estabelecimento de credito, mas, seja qual fôr o acolhimento que o memorial referido tenha nos circulos das altas finanças nacionaes, não occultaremos o desanimo com que presentimos a possibilidade de qualquer lei parcial desviando cada vez para época mais longinqua a solução de uma questão vital para a economia brasileira.

Se ha problema que não pôde supportar solução de continuidade na orientação com que se procura resolver, é incontestavelmente o que se refere com a moeda. Se o paiz adoptou como systema o monometalismo ouro, se fixou como preço legal dessa moeda o de 4\$000 por oitava, se este é o regimen que queremos de facto gosar nas nossas relações economicas, para attingil-o, só uma politica, uma unica orientação se tem a seguir e essa é: mantermos inalterada a legislação de 1846; promover os saldos orçamentarios e os da balança economica; jamais emittirmos papel-moeda, seja do Estado, seja bancario. E papel-moeda, é toda e qualquer emissão que não tenha para lastral-a, em qualquer proporção, ouro, no valor estabelecido na lei basica.

F. T. DE SOUZA REIS.



RUINAS DA ARISTOCRACIA RURAL

(CAPITULO DO LIVRO "EVOCAÇÕES", A APPARECER)

Como as ruínas de um magestoso castello feudal realçam o encanto de uma bella paisagem, assim sobreviviam ainda, ao tempo da minha mocidade, relevando o ambiente bucolico dos engenhos, as reliquias da aristocracia de Pernambuco.

Já tem sido muito batido o velho thema da fidalguia pernambucana, e da influencia da antiga provincia no movimento social, economico e intellectual do Brasil. Não tendo a pretensão de fazer um livro de historia, remetto ao leitor benevolo a já formidavel bibliographia dos que, antes de mim, trataram do assumpto, com mais autoridade e mais documentos. Limito-me apenas, a registar, tão fielmente como m'o permite a memoria, as longinquas impressões que em mim produziram os écos distantes do antigo esplendor.

Basta lembrar que a cultura da canna de assucar foi introduzida em Pernambuco pouco depois da descoberta do Brasil. Já estavam fixadas no sólo as grandes familias de onde proveiu a *gens* pernambucana, quando começaram os paulistas as heroicas *entradas* com que desvendaram ao mundo quasi a metade da America do Sul. Bento Teixeira Pinto, em meados do seculo XVI, talvez o brasileiro que primeiro manejou a penna, era um rico pernambucano.

A epopéa hollandeza, está toda cheia dos Barbalhos, Albuquerque, Xavieres, Bezerras, nomes que ainda hoje figuram nas principaes familias pernambucanas. A organização das tropas que combatiam o batavo invasor correspondia exactamente ao processo pelo qual os antigos Ricos-Homens apercebiam as suas mesnadas



para arrancar contra o mouro ou o eastelhano. Na guerra hollandeza, nas lutas da Independencia, nas revoluções contra d. Pedro I, sempre as familias tradicionaes de Pernambuco tomaram a dianteira, e arriscaram bens, liberdade e vida pelos seus ideaes. A Rebelião Praieira de 1848, ultima do eyelo das revoluções pernambucanas, foi a uniea que significou um movimento demoeratico, baseado no povo. Todas as mais se apresentam como impulsos de patriotismo partidos das grandes familias.

A revolução de 1817 é encabeçada pelas mais notaveis familias de então, e os fidalgos pernambucanos, tentando fundar uma republica, sempre accentuavam a distancia que os separava da plebe a quem commandavam. Diz a tradição que, tendo os rebeldes adoptado entre si o tratamento de *patriota* e de *vós* um dos proceres da revolução foi desta forma interpellado por um rebelde negro, ao que respondeu indignado: — “Alto lá! Eu sou *patriota* vos para os meus iguaes. Para ti, serei sempre senhor coronel, vossa senhoria!” Republicanos patricios, não lhes permittia a aristocracia demasiadas intimidades com a plebe vulgar. Como o Coriolano de Shakespeare, não hesitariam em responder aos populares que os proeurassem:

*Bid them wash their faces,
And keep their teeth clean.*

Presos á gleba pelos interesses e pela affeição, os senhores de engenho tanto se identificavam com ella que as denominações das propriedades passavam a constituir os seus sobrenomes, os quaes muitas vezes se juntavam até aos apellidos familiares (Chico de Caxito, Casusa de Quizanga, Yôyô de Cursahi, Jôca de Pindobal) e assim se transmittiam de paes a filhos. Habitualmente a munificencia imperial consagrava taes costumes com a concessão de titulos da nossa demoeratica nobreza sem hereditariedade. Assim, os baronatos e viseondados não eram mais do que a aristocratisação dos engenhos da familia. Não de outra forma se fundaram as velhas easas da Europa feudal, eoneorrendo a terra, a riqueza, o valor pessoal e as graças do soberano para formarem o titulo, que depois de alguns seculos adquiria o prestigio magico do passado. A nossa época não permite mais o inieio de taes praticas, e já não é pequeno esforço manter as velhas, a bem da esthetica e da tradição. Consolemo-nos porém, em imaginar que se não fossem a imprensa, o telegrapho, a Republica e... a baixa do assucar, daqui a

alguns seculos os nomes dos engenhos da matta de Pernambuco soariam aos nossos vindouros, com a mesma sonoridade dos Motmorencys e dos Northumberlands.

Pude ainda, na infancia, contemplar os gloriosos destroços da fidalguia de antanho, notadamente os da famosa estirpe dos Cavalcantis. Não aleancei o Conde da Bôa Vista, deslumbrando o povo pernambucano com os seus modos aristocraticos de fidalgo europeu, sem esquecer a sua triplice qualidade de senhor de engenho, chefe de partido e Grande do Imperio. Frequentei, porém, o seu antigo palacio, já deteriorado pelô tempo, e pude apreciar na intimidade da velha Condessa, o que teria sido, em meados do seculo XIX, a *grande dame* inspiradora dos poetas e *leões* do Recife e da Côrte, Maciel Monteiro á frente.

Os que, porém, constituem a essencia dos Cavalcantis, são os filhos do heroico Coronel Suassuna, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, veterano das lutas da Independencia, e fundador da dinastia. Dos quatro irmãos que mais se distinguiram: Visconde de Albuquerque (Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti), Visconde de Camaragibe (Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque), Visconde de Suassuna (Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque) e Barão de Muribeca (Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque), sómente conheci os tres ultimos.

O Visconde de Camaragibe, fino e discreto como um verdadeiro gentil-homem, ameno no trato, secco de maneiras, guardava sempre a linha de um homem que sabe ter a responsabilidade de um grande nome. Recordo-me da imponencia, sem ostentação, com que fardado de Senador do Imperio, e constellado de condecorações, presidia aos actos solennes da Faculdade de Direito. Sem as qualidades brilhantes que dão na vista e forçam a popularidade, Camaragibe era intelligente, culto, de grande firmeza de caracter, de lealdade e sisudez a toda prova. Poude pelo seu prestigio occupar as mais altas posições no paiz, e tornar-se o chefe do partido conservador em todo o norte.

O Visconde de Suassuna, heróe de 1817, conheci de vista, sepultando na sua clausura de Pombal a solidão de sua viuvez sem descendencia. Desilludido de tudo e de todos, divorciado da politica de que fôra chefe, nem sequer vindo tomar assento no Senado desde 1849, dedicava os ultimos annos da sua longa vida a uma

feroz parcimonia, e tinha por unica diversão um presepe de pastorelinhas que mandara organizar perto do sitio em que morava.

O ultimo sobrevivente foi o Barão de Muribeca. Sem quebrar a altiva linha da familia, tinha, porém, habitos mais burguezes, e administrava a sua fortuna com severa habilidade, diferenciando-se assim dos seus antepassados, de quem dizia Joaquim Nabuco que "pegavam nas cédulas com a ponta dos dedos". Vivo e sagaz, tinha o humor um tanto aere. Deixou os seus titulos ao portador em vida aos seus herdeiros, para que se não pagassem impostos á provincia, e assim, os funcionários fisceaes não ganhassem porcentagens á sua custa. No seu cofre do engenho S. João, foram encontrados depois da sua morte cem contos de réis de notas recolhidas!

Ha pouco tempo falleceu, em edade avançada, o Barão de Albuquerque, Manuel Arthur de Hollanda Cavaleanti, filho do Visconde de Albuquerque, antigo deputado, e um dos maiores elegantes do seu tempo. Tendo abandonado a politica, dividia o seu tempo entre longinquas viagens e as suas residencias de Paris e Florença, tratando de defender-se contra a velhice, e usando artisticamente de todos os artificios empregados para suste-

... *des années l'irreparable outrage.*

Homem de fino gosto, finou na sua casa da Rue S. Florentin, ao lado do palacio em que, um seculo antes, tinha morrido Tayllerand, que tambem lutou contra os estragos da velhice até o ultimo suspiro. E pode-se dizer que com o Barão de Albuquerque desapareceu o ultimo dos antigos fidalgos pernambucanos.

Em época mais recente começou a ter ascendente a familia Souza Leão, na pessoa do Barão de Villa Bella, Domingos de Souza Leão, chefe do partido liberal. De maneiras fidalgas e trato distincto, sentia-se tão á vontade no seu engenho, como no seu palacete da rua do Riachuelo, viajando na Europa, ou occupando a pasta de Estrangeiros. Casado com uma distincta senhora, o seu salão foi o ultimo que em Pernambuco deu a nota da elegancia e do bom gosto. Pretendeu Villa Bella restabelecer, em favor da familia Souza Leão, para o partido liberal, a antiga hegemonia conservadora dos Cavaleantis. Os tempos, porém, tinham mudado, e, digamos a verdade, os homens tambem. Onde poderia encontrar Villa Bella, em 1878, um punhado de homens da estatura de Rego Barros, Paes Barreto, Sá e Albuquerque, e tantos outros,

que, sob a chefia de Olinda, Albuquerque, Bôa Vista, Suassuna e Camaragibe, tinham, vinte annos antes, cercado de prestigio a familia, o partido e a provincia perante o Brasil inteiro? Bem pode dizer, entre lagrimas, em 1864, o velho Marquez de Olinda, ao acompanhar o enterro de Paes Barreto: "Ahi vae encerrado o resto do thesouro que eu esperava deixar a Pernambuco."

Estava definitivamente extinto o tempo glorioso das oligarchias. Se reapparecem, muito depois, com a Republica, é em sinistra caricatura, representação deformada e invertida das antigas. Não são mais as familias tradicionaes, dignas da benemerencia publica, por si e pelos antepassados, representantes da riqueza territorial, que punham o talento, a honestidade e a fortuna dos seus ao serviço da provincia e a faziam respeitar no paiz inteiro. São, ao contrario, os parentes e aggregados do chefe occasional, empossados do poder pela fraude ou pela violencia, que aproveitam do fugaz momento para organizar a distribuição dos cargos publicos, quando não dos dinheiros publicos em especie, pela mediocridade enfatuada dos seus adherentes, até o gêbo momento em que, por sua vez, um delles, apanhando despercebido o chefe da tribu, se apoisa pela traição do cofre das graças.

Como quer que seja, já ia longe, ao tempo do Barão de Villa Bella, a época em que o povo repetia a quadra attribuida a Jeronymo Villela:

Quem viver em Pernambuco
Deve estar desenganado,
Ou ha de ser Cavalcanti,
Ou ha de ser cavalgado.

Póde-se dizer, *si parva magnis comparare licet*, que o acto do Presidente Chichorro da Gama, ordenando em 1847, as buscas e prisões dos escravos e criminosos acoitados nos engenhos, foi para o feudalismo pernambucano um golpe identico ao de Frederico Barbaroxa desmantelando os castellos dos burgraves rhenanos, ou de Luiz XI decretando a libertação das communas. Continuou depois a vida de fausto e de elegancia, o prestigio da aristocracia de maneiras, mas a base feudal da oligarchia estava ferida de morte. Se, ainda em 1853, o presidente Sergio Teixeira de Macedo, tenta reviver os aureos tempos da presidencia do Conde da Boa Vista, só o consegue no brilho das recepções. Não foi mais capaz de restaurar a omnipotencia dos senhores de engenho. Diplomata e ho-

mem de espirito, já se lamentava de que os pernambucanos “não estivessem acostumados a ver maneiras como as suas, juntas a um sangue frio imperturbavel, humor alegre, formas atteneiosas.” Ao mesmo tempo, orgulhava-se da sua filha, que fazia as honras do Palacio do Campo das Princezas, e a considerava “um dos maiores elementos de civilisação que tem vindo a esta terra.”

A correcção de attitudes e a elegancia desprendida que só se adquirem pelo nascimento e por uma fina edueação, foram os ultimos apanagios da velha aristocracia pernambucana, transmitidos ainda ás novas gerações que lhe succederam. Como devia ser interessante a época em que os *dandys* do Rio de Janeiro esperavam a vinda dos chamados *Leões do Norte*, quasi a maioria da deputação pernambucana, para formarem a legião sagrada dos Petronios, que sob o mando de Maciel Monteiro, o Brummel brasileiro, floream nas salas, galanteavam as actrizes e davam a nota do bom tom na Capital do Imperio. E quando se attende a que aquelles homens eram a um tempo artistas no trajar e na palavra, cultores da boa lingua e do bom gosto, observadores fieis do protocollô da moda e da disciplina partidaria, capazes de discorrer sobre questões de elegancia como sobre assumptos sociaes e politicos, bem se comprehende porque naquelle tempo, e ainda muito depois pela força de velocidade adquirida, Pernambuco poude ser contado como uma unidade poderosa no equilibrio politico do Imperio.

Os *rari nantes* que do naufragio das antigas elegancias, chegaram, levados no dorso dos annos, até á minha curiosa moeidade, apenas davam pela natural distineção das maneiras, a impressão dos louros colhidos.

Por occasião de se exeeutar a lei Saraiva, em 1881, tive occasião de assistir em Jaboação a um pleito eleitoral que me deu uma idéa longinqua do que deveria ter sido antigamente a acção politica das grandes familias.

O candidato conservador era o dr. Ignacio Joaquim de Souza Leão (depois Barão de Souza Leão), em opposição ao dr. Segismundo Gonçalves, genro do Senador Luiz Felipe de Souza Leão, chefe do partido liberal. Jaboação era considerado um dos feudos da familia Souza Leão, dividida assim entre os dois candidatos. Era forte a luta, e terrivel a prova a que se submettiam os candidatos. Além do mais, o desembargador Henrique de Lucena (depois Barão de Lucena) juiz de direito da comarea, e chefe do

partido conservador na localidade, era desaffecto do candidato do seu partido, o que não impedio entretanto de trabalhar por elle com toda a lealdade. Concorreram ao appello partidario todos os membros da familia que, acompanhados dos seus adherentes, vinham depositar os seus votos na urna. Em frente á casa da Camara, estacionavam carros e relinchavam cavallos ricamente ajaezados, cercados pela multidão dos pagens das casas nobres. Não faltou um só dos ricos senhores de engenho da redondeza, e desfilaram perante os mesarios todos os grandes nomes da lavoura districtal. Foi eleito por uma pequena maioria o candidato da opposição. Nesta mobilisação, porém, de forças, via-se bem que o prestigio das grandes familias, passada a época em que se affirmava nos grandes combates campaes, passava a empregar-se nas eleições.

As mesmas rivalidades que devastavam as casas feudaes da Europa, viviam latentes no seio das grandes familias ruraes do Norte, e supponho que de todo o Brasil. A principio a luta era corporal, e os bacarmates dos Montes e dos Feitosas correspondiam exactamente aos arcabuzes dos Sforzas e dos Medieis. Depois, foram se modificando as coizas e adoçando-se os costumes, mas no fundo as lutas eram as mesmas, ainda que por processos differentes. Por questões de terra ou de mando, havia ainda familias inimigas, e ás vezes, membros inimigos da mesma familia. Ainda pude ser espectador das ultimas refregas da luta tradicional entre as casas de Quisanga e de Caiará. Apenas em logar de assaltos e combates á mão armada, travava-se a luta a golpes de artigos de jornaes, mandados de manutenção, buscas policiaes e outros processos, mais burguezes se bem que igualmente ferozes.

A vida actual, e a degenerescencia dos costumes politicos destruiu por completo o prestigio das familias tradicionaes. E' impossivel hoje restaural-o artificialmente. Se me fosse dado, porém, formular uma opinião relativamente a tão romantica quanto inutil questão da verdadeira forma de governo, eu concluiria pela republica aristocratica, que representa o governo das minorias, segundo o velho conceito de Ciccro.

Qualquer que seja a forma de governo, sempre pertence o poder ás minorias mais fortes, mais habeis, mais ricas, ou mais honestas, e até mais deshonestas. Sob as monarchias, mesmo absolutas, salvo os casos rarissimos de um despota genial como Napoleão ou Frederico, ha sempre um grupo de cortesãos ou estadistas

que, ao lado do soberano, dirigem os negocios publicos. Nas formas constitucionaes, monarchicas ou republicanas, destaca-se do seio dos parlamentos um punhado de homens representativos, que fazem a politica, e em torno dos quaes gravitam os partidos, massas amorphas e anonymas. E' delles o governo. Quando bem intencionados o governo é bom. No caso contrario o governo é detestavel.

A opposição é igualmente formada por outra minoria que combate, convence, faz propaganda, mina, conspira, e podendo, destróe os outros, para alcançar o governo. Ha momentos em que a plebe soffredora, fermenta, transborda, extravasa, e vence á mão armada. Nos primeiros dias domina pela anarchia, enforca alguns proceres, invade sediciosamente os parlamentos, grita, delira, revolve o polmen das agitações populares, e suppõe ter conquistado a sua tão promettida soberania. Puro engano! Installados nas suas curues, os seus novos representantes tomam a direcção dos negocios publicos, organisam os costumados syndicatos e continuam tranquillamente a explorar o paiz, ao seu arbitrio, quando não em seu proveito, em nome do povo, que eontinúa tão afastado do governo, como em uma monarchia absoluta.

O governo de facto existente é o das minorias. Governo de um só ou de todos só existe em theoria. Tudo mais é completa illusão.

Toda a difficuldade consiste em encontrar minorias esclarecidas e honestas.

SOUZA BANDEIRA.



POESIA

A UM RAPAZ DE VINTE ANOS

I

*E's moço. E's bello. E's forte. Em ti a juventude
lançou todo o esplendor da harmonia e da graça:
nem traço feminil que mesquinho te faça,
nem o vigor bestial que a imagem torne rude.*

*Vejo o Alcides pagão, prompto a brandir a maça...
Mas, não. Alguma coisa ha em ti, que não me illude:
teu olhar morno e quieto é um sonnolento açude,
onde um lento bulir de agua morta perpassa.*

*Dextreza, porte, côr, musculos, nada falta,
— nada te faltaria, oh não! se não faltasse
o sopro, a chamma, a luz que transfigura e exulta,*

*o instincto heroico, o ardor de exceder-se nas lides,
que essa alma ainda em fusão, vivo e bruseo, plasmasse
pelo relevo audaz desse corpo de Alcides.*

II

*Quizera ver-te, oh tu que és moço, olhos erguidos
ao beijo alto da luz, o olhar cáldo e recto
espelhando ante o sol, o amigo predilecto,
o clarão interior dos sonhos atrevidos.*

*Nem tristeza banal, nem desanimo abjecto,
nem plangente desdem, nem queixas e gemidos,
mas a graça e o vigor do corpo e do intellecto,
e a alma a vida a beber pelos cinco sentidos.*

*Que importa que te falte uma erença radiante?
Que a illusão te morresse ao bafo atroz do mundo?
Basta erer na Belleza! E basta a Moeidade...*

*Sê moço. Vive e luta; anhela e vibra. Adeante.
Vive como um faleão de olhar duro e profundo,
vive amando o esplendor, a altura e a immensidade.*

III

*Basta erêr na Belleza. Ama-a, no cosmos, fora
de ti, e ama-a em ti mesmo. E' a suprema pesquisa!
Busca-a. E esculpe teu ser, juntando, hora por hora,
á mente que concebe o escopro que realiza.*

*Perguntas: — "Onde o metro, a norma, a arte precisa
para rasgar no bloco a forma que se ignora?"
— Quem ao leão deu o ardor com que os desertos pisa?
E quem a aguia ensinou a ser do azul senhora?*

*Tens o instineto voador de quem naseceu com asa.
Ama o que é forte e puro, odeia o que é perverso,
o que é baixo, o que é vil, tudo que anda de rastros.*

*E põe-te em communhão, no enthusiasmo que abraça,
com a Belleza, esplendor da vida e do universo,
com a poesia, os heróes, os abismos e os astros.*

IV

*Falta o preeceito firme a que a acção se conforme?
Falta uma directriz certa e definitiva?
— Quem a teve jamais? O bom ideal é informe,
e a Certeza, ai de nós! de todo eneanto o priva.*

*A torrente que corre e espadana, aurea e viva,
sem parar nem recuar no itinerario enorme,
busca um sonho que além, sob a névoa, se esquiva...
e ai della! se desvenda o sonho azul que dorme!*

*Sê tú como a caudal: foge ao remanso e ao charco.
A agua pura é a que ferve e seintilla entre abrolhos.
O miasma e o lodaçal moram nas aguas mansas.*

*Avança, seja o sol resplandeeente ou pareo;
— e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,
impelle-a para além á proporção que avanças!*

V

*Ponha quem o quizer a mira predilecta
ao aleance da marcha, e, mão alçada, siga,
certo de achar um dia a suspirada meta
e de colher o fruto e applaeur a fadiga.*

*Muito melhor, porém, — deixa que o diga um poeta
e que o fatuo saber dos doutos contradiga, —
é perseguir o ideal com a esperança seereta
de que vel-o jamais de frente se consiga.*

*E? lutar como quem ambiciona a victoria,
arder em sangue, em raiva, em jubilo, em heroismo,
e abrir para a derrota um semblante risonho.*

*Nem ouro, nem poder, nem gratidões, nem gloria;
nada vale o viver pairando sobre o abismo
e a graça de morrer antes que morra o sonho.*

VI

*Que importa que o final de todo humano esforço
seja um enigma, além, — e, inda mais longe, nada!
Que os caminhos da vida, o direito e o retorso,
levem ao mesmo termo a boa e a má jornada!*

*Que procurava o ephebo, erguendo o disco e a espada
na arena, ou governando a quadriga no corso?
O sereno esplendor da alma forte, ligada
á rigeza do braço e ao relevo do torso.*

*Perdeu-se tudo? Sim. Talvez não. A belleza,
que em vagas de emoção tocou a turba erguida,
não se perdeu, talvez, quem sabe! como o resto.*

*E que importa, afinal! Affronta essa incerteza,
affronta a escuridão, glorificando a Vida
no minuto de luz que arde, ás vezes, num gesto!*

Fevereiro, 1916.

AMADEU AMARAL.



EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

(A PROPOSITO DE UM LIVRO DIDACTICO)

(Conclusão)

N'uma escola primaria, e para o mundo das crianças, não so entra sem perfeita certeza dos seus meios de acção para o desempenho de grande responsabilidade, que se assume ao tomar a si o afeiçoamento dessas entidades em evolução, que, segundo o tratamento recebido, se constituem definitivamente ou para o bem ou para o mal. Ahi é que tem de ficar assetadon o alicerce de toda a super-structura do character, que se molda para o labor na seara da cultura humana, cultura que não é o privilegio de raça nenhuma, mas deve ser o patrimonio de todas. E não é na cathedra das especialisações academicas que se faz jus á investidura de pedagogo: é levando pela mão as crianças para lhes penetrar, pelas expansões do convívio, no mais fundo da alma e nella lhes fazer sentir a sympathia do nosso coração, que se aprende a ensinar-lhes as licções, que lhes aproveittem, porque só assim, entre discipulos e mestres ou livros, a mente fala e a luz do saber se communica do facho, que a porta, ao facho, que nella se quer accender.

Embora, fazendo o inventario dos beneficios, que devemos á civilisação greco-romana, á pagina 12, o dr. Afranio Peixoto explique aos seus jovens leitores que ao hellenismo devem "a liberdade civil e politica pela qual o homem dispõe livremente de sua pessoa e bens, e governa-se, sem senhor nem mandões; o respeito e a dignidade da mulher; a educação geral do povo; a cultura das artes e das sciencias; as navegações do commercio e colonisação, que levaram todas essas vantagens aos povos da bacía do Mediterraneo", esqueceu-se de dizer-lhes como, por essa educação geral do povo, sem se preocupar especialmente de dar ao individuo pericia tecnica ou meio de vida, segundo o affirma T. G. Tucker, dava-lhe os meios de cultura propria e de bem exercer os seus deveres de cida-

dão sem ensino especial de "civismo", mas apenas, por um programma muito limitado, fazendo evoluir delle, entre os 7 e 18 annos, o "kalos kagathos", isto é, uma boa e bella forma de "homem", com a sua intelligencia, os seus sentimentos e o seu corpo treinados de tal arte que o complemento da ephebia o habilitava a prestar, conscienciosa e lealmente, o juramento com que assumia as suas funcções de membro da sociedade, ao receber o escudo e a lança na assembléa dos cidadãos:

"Nunca aviltarei estas armas sagradas, nem desertarei do meu companheiro nas fileiras. Combaterei na defesa dos templos e da propriedade publica tanto só como com muitos. Transmittirei a minha terra patria, não só não menor, mas maior e melhor do que me foi transmittida. Obedecerei aos magistrados que estejam em qualquer tempo postos em autoridade. Respeitarei tanto as leis existentes como as que o povo possa unanimemente de futuro elaborar; e, si qualquer pessoa procurar destruir as leis ou não fazer d'ellas caso, farei o possivel para ih'o impedir, e as defenderei tanto por mim só como com muitos. E invoco como testemunhas Agraulos, Enyalios, Ares, Zeus, Thallo, e Auxo, e Hemogene."

Querendo, porém, por obediencia aos ensinos da pedagogia moderna, dar aos seus jovens patricios um treinamento civico especial, não ha na vida da ephebia, mas pelo livro, pelo mestre, pela aula, pela escola primaria, o livro do dr. Afranio Peixoto, em vez de incorporar compendios de geographia e historia, deveria ter tomado por typo os que, no genero, são modelos reputados: o de Numa Droz, já vertido para o vernaculo; o de Raymond Poincaré, "Ce que demande la cité", ou os de Clark, Bourne, Ashley e outros americanos, que se têm tornado classicos, onde é objecto de ensino aparte esse accidente da educação moral, a que se tem chamado "ensino civico".

Não devia, porém, em caso nenhum, pensar em "crianças ou infantes", porque a natureza do assumpto requer para inicio de sua proveitosa contemplação um preparo anterior como o da escola preliminar e primaria, que o relega para os ultimos annos da escola complementar, isto é, para quando os discipulos abeiram os seus dezeseis annos e, passada a puberdade, estão de vez para entestar com o estudo proficuo dessa cultura especial, que se entende dever dar-lhes.

Chamar, entretanto "educação civica" á exposição, que faz, sob pretexto de que, para educar, isto é, conduzir facilmente os futuros brasileiros, o caminho é o da "verdade honestamente procurada e dita com franqueza", isso é usurpar a funcção, que para si reivindicava, e de que se ufana, toda a imprensa do orbe civilisado, que doutrina para adultos.

O perigo dessas "verdades honestamente procuradas e ditas com franqueza", quando não seja encapotar a sympathy ou antipathia pessoal por uma forma ou processo determinado de politica legislativa, executiva ou administrativa, é, em relação ás crianças, antecipar precocemente a contempiação de factos, que ellas não têm criterio para comprehender nas suas causas, nem nos seus efeitos, e que, portanto, em nada podem contribuir para edificação do caracter com que convém que entre cada membro para a communitate e convivio social dentro da nação e fóra della.

A sinceridade, que o dr. Afranio Peixoto põe na sua exposição do que entende proveitosa informação ás crianças, não impedirá que estas extranhem a maneira singularissima pela qual as quer convencer, ievando-as a formar um juizo perfeito da nossa gente e da nossa terra, quando lhes ensina que o Brasil deve ser uma republica, porque toda a America o é, embora o governo "honesto e liberal" de d. Pedro II, isto é, a monarchia, "lhe assegurasse longos annos de paz interna, emquanto a America do Sul", como ainda o Mexico, "ensanguentavam o solo patrio com as lutas promovidas por oligarchias e caudilhos", que tambem entre nós cogumelam desde a inauguração do novo regimen. Não ficam, essas crianças, no direito de lhe dizer, e muito logicamente, que si já tivemos melhor e peorámos, o preferivel é voltar ao menos peor? E não lhes exprobrarão ellas que as aconselhe a procurar no "saber" o remedio para os males, que lhes aponta, quando é s. exa. que, dizendo-lhes ser "sabio" o varão "excellente e digno" que foi o Imperador, esse mesmo que nos deu, como a Republica nos vae dando, longos annos de paz interna, affirma ter elle exercido o poder pessoal, que foi e é ainda tudo na politica do paiz, sem entretanto, com toda a sua "vontade" incontrastavel, orientada pela mais alta "sabedoria", "ter podido organizar finanças, trabalho, industria, commercio — a prosperidade, emfim, da nação, porque não sabia escolher homens, que o ajudassem, entre os poucos, que havia, nem guiar os que escolhera?" Si um "rei sabio, honesto e liberal", qual reconhece o dr. Afranio Peixoto ter sido d. Pedro II, não tirou de sua "sabedoria" o condão magico, que o levasse á realisção dos ideaes de um governo omnipotente, entregue a uma vontade que poderia "querer" sem opposição, que probabilidade tem o futuro de derivar de quanta "sabedoria" e "vontade" tenham os seus cidadãos a prosperidade da sua terra e da sua gente?

O "saber", precioso sem duvida, não é, emtanto, a panacéa que a rhetorica recommenda para todos os males sociaes. Que o diga o systema de educação no periodo aureo da civilização hellenica, que o dr. Afranio Peixoto profundamente conhece e exalta, e na qual, como se lê no magistral livro de P. Monroe, o grande professor da Historia da Educação no Teachers'College da Universidade de Columbia (Source Book of the History of Education) não

era objectivo a força intellectual, sim, porém, a reverencia, a lealdade e a temperança nas palavras e nos actos, alcançados, não pela suppressão do individuo, mas pelo seu desenvolvimento, como sensivelmente o demonstrou Pericles na sua oração pelos mortos.

O dr. Afranio Peixoto, comtudo, em vez de, como Pericles, indicar por que princípios de acção pôde uma nação chegar ao brilho do hellenismo, e com que instituições e de que maneira se pôde tal conseguir, mostra como a nossa gente, modificada pela mistura com o indigena e o negro, vae levando para a ruina completa a terra, sobretudo depois do advento do regimen, sob o qual "a fortuna publica é devorada pelo funcionalismo parasitario, a justiça degradou-se, o analfabetismo recrudescer, o suffragio é uma farça, a plutocracia domina, a tributação esmaga e a ruina economica, devida a esbanjamentos e imprevidencias, nos arrasta para a barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes", e conclue com o recipe maravilhoso do "saber" e "querer", desmoralizado pela acção negativa de um monarcha, que, sem mãe louca, sem esposa a que faltasse compostura, sem filhos mal educados, sem ministros em desaccôrdo, como o seu real avô, filho de um dos ultimos brutos da familia a educar por José Bonifácio", "sabia" como um sabio e "queria" sem contraste!

Acredito eu, á minha parte, que, quaesquer que sejam os meios de que se sirva a escola moderna para educar civicamente o futuro cidadão, o de mais proficuos resultados será aquelle que, no "individuo", desenvolver as maiores virtudes de que é capaz o "homem", porque essas não só lhe darão competencia para o desempenho de seus deveres como homem em relação aos outros homens, individual ou collectivamente, como tambem os de cidadão digno da comunidade social, em que lhe tenha cabido viver e agir. A questão é que o esforço da escola não vise só a intelligencia, mas, principalmente, cure do sentimento, que regula o coração, e da moral, que forma o character. Creio, com Platão, que a virtude se ensina, e que o exercicio activo do sentimento e da razão é que mais efficazmente o consegue.

Estimular, pois, e guiar esse exercicio é a tarefa da educação. "Minha terra e minha gente" para isso, no meu talvez mal orientado entender, para tal não contribue, e, portanto, como o poeta da Republica de Platão, deve ser excluido da escola, mau grado o intuito, que o dictou ao seu autor, a quem sobeja tudo quanto é necessario para realisar de outra forma o que por esse livro não logrou.

Sem autoridade para aconselhar, si conselho me fora pedido por quem quizesse especialisar a cultura moral pela adopção do que hoje se chama educação civica, eu lhe indicaria a leitura meditada da conferencia feita no Museu Pedagogico em Pariz por Ch. Seigno-

bos sobre o ensino de historia como instrumento de educação politica.

Furtar-me-ia, porém, ás exigencias do meu coração, em que a idade e os desgostos da vida não amortecerão jamais o amor á patria, si, aos que querem a educação civica das crianças, não recommendasse, si não recommendasse aos que as querem ver crescidas no esforço de tornar a patria grande, san, forte e feliz, que se abstenham de lhes pintar o quadro escuro do seu estado actual, como occulta ao enfermo o medico prudente a realidade do seu morbo para lhe não diminuir, pela pressão moral, a efficacia dos agentes de cura, a que recorre, e as probabilidades de restabelecimento, com que conta.

Frei Itaparica, tradicional figura no magisterio das terras onde teve seu berço o dr. Afranio Peixoto, quando, exaltados, se referiam os seus patricios á grandeza das alheias patrias, enaltecendo-as invejosos e maldizendo a inferioridade da propria, costumava, referiu-me o dr. Pires Prandão, um de seus brilhantes discipulos, costumava dizer-lhes: "Olhem, meus filhos; eu sei que os outros têm mães bonitas, cheias de encantos, felizes, ricas; a minha, coitada, é vesga, coxa, feia, ignorante, infeliz, pobre, mas é minha mãe: eu quero-lhe bem, por que é minha mãe; e todos esses defeitos, que lhe reconheço e sinto, eu não os vejo, nem os comparo com o que têm as outras mães, pois o meu amor me faz a minha entre todas a mais bella, porque ella é que é minha mãe."

Façamos nós como o illustre frade. Amemos esta patria, porque é a nossa: vejamos-lhe, sem a vermos, porque a amamos, toda a fealdade, que a deforma, e, na elevação da propria belleza, fazendo-nos bons e cada vez melhores, aureolemos-lhe o vulto no reflexo do brilho, que de nós emane, impondo-a como mãe digna no conceito de quantos com severa imparcialidade quizerem julgar do cumprimento, que damos aos nossos deveres de filhos.

Em livro que a Republica Argentina põe entre as mãos da infancia nas suas escolas primarias, uma poesia de Aguilera, depois de dizer ás crianças em linguagem accessivel, porque quente e expansiva de sentimentos, que encontram éco em seu coração, o que pela sua experiencia e para os seus affectos é isto a que se chama patria, diz-lhes:

Si a Patria é ingrata
 Ao filho, que a serve;
 Si a peste e a miseria
 Jamais a desertam;
 Si infames tyrannos
 Em ferros a prendem,
 As leis violando
 Mais justas e santas;
 Si noites eternas
 Em trevas a trazem
 E nunca as estrellas

Sobre ella scintillam;
 Pergunta ao proscripto,
 Pergunta ao que vaga
 Sem pão e sem tecto
 Por terras alheias;
 Pergunta si pode
 Jamais esquecel-a;
 Si, em sonho ou vigilia,
 Por ella não chama.
 Não ha aos seus olhos
 Mais bella morada;
 Nem ceus e nem terras
 Iguaes, outras tem —

e remata estas affirmações, gaboias talvez segundo o criterio que as juiga, mas sinceras, com estas estrophes:

Acaso, entretanto,
 Um tempo virá,
 Em que, de mãos dadas,
 As raças humanas
 Dirão jubilosas:
 "Não ha mais divisas!
 Meu Deus é teu Deus!
 Tu crês o que eu creio;
 E, como por sobre
 Nós todos se estende
 Um ceu, tua Patria
 A minha é tambem.

Na crença de que temos a melhor e que é ella a melhor porque é a nossa, eduquemos o espirito da infancia na esperanza de que algum dia a Humanidade não terá senão uma Patria. Esta educação vale mais do que quantas conferencias se celebrem e quantos palacios se ergam em Haya. A segurança da affirmação vê-se distincta ao ciaror do incendio, que abraza a Europa.

Abafadas amanha pela victoria do mais forte, resurgirão dentro em pouco essas chammas ainda mais assoiadoras por sobre os pedaços de papel, a que a chancelaria germanica reduziu os tratados, como, a sabor de suas conveniencias, os reduzirá outra chancelaria qualquer, emquanto o amor da humanidade não prevalecer sobre as pequeninas e vaidosas competencias, em que os sociologos "à ia minute" separam as raças, prociando a dominação do mundo pelas mais capazes, cujo imperio fomentam, em vez de se aliarem para unir em um só povo, pela liga do amor fraternal, os grandes e pequenos, que compõem a Família da Terra.

A esses mesmos, a esses que querem instiliar á força de injeções pedagogicas na alma do individuo esse sentimento a que chamam civico, e que, segundo a sua noção, não passa de um orguiho pretencioso, que fanfarroneia em actividade palavrosa sem a coragem dos grandes actos mudos com que o altruismo dá tudo que tem

para auxilio efficaz das causas, que o merecem, a esses seja-nos permittido dizer, paraphraseando os eloquentes conselhos de Ch. Bigot.

“Como é que ha de o mestre agir para formar almas verdadeiramente brasileiras?

O ensino patriotico não está em parte alguma e está em toda a parte: deve ser o guia e o inspirador de toda a educação; deve animar todo o ensino, qualquer que seja elle.

Toda a vez que lhe referirdes um bello exemplo de heroismo militar, de dedicação á patria, de virtude de familia, de immolação de si proprio aos outros homens ou alguma idéa nobre, seja esse exemplo tomado á nossa historia á da antiguidade ou á estrangeira, tereis inspirado á criança um bello enthusiasmo, excitado nella a generosidade dos sentimentos — tereis trabalhado para della fazer um bom brasileiro.

Todas as vezes que houverdes conseguido despertar nella o sentimento da honra, mostrar-lhe que toda a mentira é uma covardia, inspirar-lhe asco a tudo que é desprezivel e vil — tereis trabalhado para della fazer um bom brasileiro.

Todas as vezes que houverdes volvido para um objectivo nobre a sua ambição e a tiverdes curado de alguma vaidade pequenina — tereis feito della um bom brasileiro.

Todas as vezes que tiverdes logrado fazer penetrar na sua intelligencia uma verdade nova; todas as vezes que a houverdes trazido a ousar um esforço de espirito, a não registrar na memoria uma palavra cujo sentido não comprehenda, a não aceitar uma idéa sem ter perfeitamente apprehendido o que vale, a adquirir o habito do exame serio, a não julgar levianamente, a não se deixar embahir pelas phrases feitas, nem pelas palavras sonoras — tereis, em verdade, eu voi-o digo, trabalhado para fazer della um bom brasileiro.

Esta educação está em toda a parte; em todas as licções dadas, solidas, serias, tanto em uma licção de historia natural como em uma licção de historia. Está nas menores relações entre mestres e discipulo, nos menores incidentes, que se dão na escola, tanto como no ensino moral e civico. Está na disciplina, até nas attitudes, até na maneira de attender á lição ou de manter um caderno.

Não ha coisinhas á tóa em materia de educação.

Mas onde ella mais está, penso eu, mais que na propria historia e geographia, é no ensino literario. Em nenhuma outra coisa uma raça põe mais de si que nos seus livros. E' ahí que, como num espelho fiel, melhor se reflectem os seus pensamentos, os seus sentimentos, o seu genio. Os nossos escriptores é que melhor têm traduzido os altos pensamentos do espirito nacional, suas elevadas ambições, seus sentimentos generosos. Elles que melhor hão manifestado a sua intelligencia vigorosa, seu firme bom senso, seu instincto de clareza, sua imperiosa necessidade de medida e justeza. Queria eu que, entre todos, se escolhessem, para pabulo quotidiana-

no da nossa juventude, aquelles que no mais alto grau têm possuído as qualidades da nossa raça, nem receitaria que, em relação aos maiores, se ousasse, quando opportuno, dar á critica a sua parte mostrando em uns a superficialidade, noutros a declamação, da mesma fórma que não receitaria ver o mestre, quando conta a historia do Brasil, apontar aqui os desfallecimentos vergonhosos e alli as ambições injustas ou os arrebatamentos irreflectidos.

Ó paes! ó mães! ó mestres! Trabalhae por fazer-nos homens verdadeiros; será assim com certeza que fareis bons brasileiros. Fazei-nos espiritos sensatos e rectos; fazei-nos corações generosos. Quaesquer que sejam as provações imprevisitas, que possa reservar á geração nova o futuro mysterioso, ella terá porte para arrostar e vencer, si com altivez guardar a tradição de seus antepassados.

Fazei com que tenha ella, como esses, saude inteiektual e moral.

E nem tudo assim fica dito: applicai-vos tambem a dar-lhe a saude physica.

Não ha alma verdadeiramente san sem corpo verdadeiramente são.

E' só o equilibrio dos nervos e dos musculos que pôde assegurar á intelligencia o dominio do ser humano.

E' o empobrecimento do sangue, é a perturbação dos nervos que entre nós faz hoje tantos violentos, tantos soffregos, de um lado, e, de outro, tantos indifferentes e tantos irresolutos.

Nossos antepassados tinham vigor physico; cuidemos como elles em tei-o tambem."

Este sim, este é um programma de instrucção moral e civica, que merece entrada em uma escoia de crianças.

O dr. Afranio Peixoto, porém, subiu tão aito com o seu que desde a primeira pagina se tornou manifesta a sua inapplicabilidade ao fim proposto. Para o civismo, a criança ha de ser educada como para a hygiene e para a civilidade: pelo que vê praticar e pratica, de maneira a neila constituir habito, base para reflexão opportuna, virtude que adquire indirecta, mas conscientemente, num meio onde paes e mestres, isto é, a tutela, se vá retrahindo á proporção da liberdade consentida á auto-actividade e á auto-direcção, que preparam para fazer face ás responsabilidades maiores da vida madura.

Quando Daniel Webster asseverou que a educação nos Estados Unidos devera ser considerada como "alguma coisa de organico, alguma coisa que pertencia essenciaimente á estrutura politica e social", dizendo que "da diffusão da educação entre o povo dependia a conservação e a perpetuação das instituições livres", e que "não de um inimigo externo viria a sua destruição", sim, porém, "da indifferença do povo pelos actos do governo, do seu descuido e da sua negliencia" por "pôr elle confiança muito implicita nos servidores publicos e deixar de examinar convenientemente a conducta

dos mesmos, affim de não ser enganado por homens ambiciosos o se não tornar instrumento do seu desgoverno”, lembrou-se apenas de recommendar: “Fazei-o intelligente e elle será vigilante: dai-lhe os meios de descobrir o que é mal feito e elle applicará o remedio.”

E, como si esta recommendação para attingir vantagem tão relevante pudesse encontrar duvidas na sua comprehensão, ainda no seu discurso em Plymouth, em 1822, elle a definiu clara e plenamente: “Pela “instrução geral” nós procuramos tanto quanto possível purificar toda a atmosphera — manter á superficie os bons sentimentos e voltar a forte corrente do sentir e da opinião publica, assim como as censuras da lei e as denuncias da religião, contra a immoralidade e o crime.”

E, a 94 annos destas palavras tão simples quanto sensatas, William T. Harris, o Commissioner of Education, na monographia n. 3, apresentada ao Departamento da Educação da Exposição Universal de S. Luiz, vem declarar que essa instituição da escola publica gratuita, a que Daniel Webster chamava “um sabio e liberal systema de policia, pelo qual a prosperidade e a paz da sociedade são asseguradas” — essa instituição, que, segundo o eminente patriota, “excita o sentimento de responsabilidade e a consciencia do character”, a escola, assim como faz tomarem os alumnos as formas de pensamento, que lhes são dadas pelos mestres e pelos livros do que se servem, os faz regerem os seus impulsos pessoases e agir de conformidade com as regras e regulamentos; — fal-os conduzirem-se de modo a combinar com outros e a de todos alcançar auxilio, pois que a todos por sua vez o dão; fal-os repellir as inspiraões do seu egoismo e preferir as formas de acção baseadas sobre a consideração aos interesses alheios; — é, emfim, ethica em toda a sua disciplina, isto é, trena o futuro cidadão no habito da contenção e da obediencia á ordem social; e dá-lhe, por assim dizer, a consciencia de dois “eus”: um, o seu immediato impulso animal, e o outro, o seu senso moral de conformidade com a ordem necessaria para a acção harmonica de todos.”

Não fica, pois, evidente pela attestação do um espirito superior, como o de William T. Harris, que é esta disciplina e mais o cultivo da intelligencia, que gera a vigilancia e o criterio para descobrir o mal e remedial-o; — que é o regimen escolar sem especialisação nenhuma com o rotulo de “ensino moral e civico” que ha de, das crianças, pela evolução inciada na escola primaria, fazer sahir o “homem” e o “cidadão” capaz de conquistar a natureza, os outros homens, a si mesmo? Não foi desso regimen que sahiram aquelles, cuja acção civica constitue a ufania desse passado, em que “nos transformámos, de atrazada colonia, num esboço promettedor de nação civilisada?” Não foi desse regimen que sahiram aquelles que, trabalhando pela suppressão do “defeltuoso e remorado serviço do escravo, obtiveram as tres grandes victorias de 1850, de 1871 e

de 1888, as quaes augmentaram o nosso movimento immigratorio e tornaram accentuada a nossa actividade proficua?" Não foi desse regimen que sahiram aquelles, que integraram a America Republicana pelo 15 de Novembro de 1889? Não foi, finalmente, desse regimen que sahiram Rio Branco e Ruy Barbosa, este indesculpavelmente esquecido pelo dr. Afranio Peixoto, ambos os quaes, por sua acção politica, tanto realce deram ao nome brasileiro, collaborando esforçada e brilhantemente para "apertar os laços internacionaes, que de tão grande valor são, não só como humanidade e conveniencia, mas como inicio daquelle mais completo internacionalismo, a federação das nações, que é a manifesta destinação do mundo, a menos que os fogos do sol se apaguem mais depressa do que sazonam a sabedoria e a fraternidade no coração dos homens?"

Apesar, porém, do valor da attestação feita em abono do que a instrucção geral americana está realisando em prol da formação de cidadãos para a vida em regimen democratico, uma outra emnencia do mundo pedagogico americano, o dr. Hanford Henderson, na sua obra "Education and the larger life", vem, na mesma época, affirmar: "Tivemos um continente virgem para explorar — campo e floresta e minas, tudo nosso, de graça — e tivemos, tanto mais lamentavelmente é, o negro captivo da Africa e o branco desherdado da Europa, para trabalhar e abrir mão, em nosso proveito, do lucro, que devera ser seu. E esta obra de dupia exploração de um continente e de um povo proseguiu tão sem hesitação que, agora, em vez de uma democracia, que nós nos constituimos para realisar, temos um paiz com duas classes: a dos que têm e a dos que não têm. E nós nos vangloriamos da nossa obra — esta conquista de um continente e este empilhamento de uma riqueza enorme. Quando, porém, a historia do seculo último vier a ser escripta por mão menos recente e mais moral, ha de ella represental-o como um seculo de escravidão branca e negra tão genuina como a escravidão dos seculos medievaes, que nós affectamos depreciar."

E é quando, ha 140 annos da sua independencia, os Estados Unidos representam ainda no seculo XIX, apesar do seu admiravel systema de instrucção popular, uma era de escravidão branca e negra tão genuina como a dos tempos medievaes — é quando o Brasil ainda não celebrou o primeiro centenario da sua emancipação, está apenas a 28 annos da abolição do elemento servil e a pouco menos da deposição da monarchia, que o dr. Afranio Peixoto o quereria ver já caminhando desassombrado, e invectiva contra o seu presente, esquecendo que nem tempo teve para se restabelecer dos abalos causados por essas crises; taxa de incapacidade as hesitações dos estadistas, que, ao seu serviço, têm dedicado o melhor de sua actividade, inexperiente, sim, mas bem intencionada; e fia todo o seu futuro de duas palavras: "saber e querer", expoentes de forças poderosas, mas que, como todas as forças, podem ser ap-

plicadas ou para o bem ou para o mal, conforme, pelo testemunho de seus publicistas, o demonstra a experiencia do povo americano.

Singular educação moral e civica é essa que, no escol dos homens aureolados pelo brilho do seu talento e que empenharam sua actividade em proveito da causa publica, fosse sob o regimen monarchico ou republicano, vae, turvando a paz das sepulturas ou o retiro honrado de uma velhice respeitavel, buscar os nomes de Theophilo Ottoni, Salles Torres Homem e Lafayette Pereira, para os apresentar á infancia como renegados de sua fé, apostatas de sua crença, trahidores que, pelos trinta dinheiros das honras e graças imperiaes, desertaram dos seus companheiros e do ideal suggerido pelo amor patrio, deixando que um estrangeiro, o secretario do Estado da União Americana, sr. Mac Adoo, vá, ás margens do Prata, numa confabulação de cordialidade, erguer aos applausos mundiaes "um dos maiores estadistas do Brasil, cuja orientação fortaleceu o principio do arbitramento e gerou incommensuraveis beneficios para os povos do continente sul-americano, dando ao mundo um exemplo da efficacia e influencia humanisadora desse instrumento de concordia fraternal, ha mais de vinte annos, e resolvendo por elle todas as questões de fronteiras com todos os paises seus vizinhos sem que fosse derramada uma gotta de sangue, nem se perdesse uma unica vida humana!"

Antes mil vezes, na metaphora ridicula, mas optimista, ou gabolas, da canção do negro Eduardo das Neves, representar aos olhos da infancia a Europa curvando-se ante o Brasil ao contemplar o arrojio aeronautico de Santos Dumont, que não deixa arrebatat á patria de Bartholomeu de Gusmão a gloria do primeiro vôo humano, do que fazer esta exhibição apparatusa de vicios de uma raça e erros de governança, sobre que, no seu ardor de regenerar, o illustre director da Escola Normal, longamente discorre, e apenas nomear, sem os pôr em merecido destaque, com palavras que estimulem á sua imitação, aquelles servidores, que se sujeitaram ao azar de todas as criticas no pensamento de servir á nação e a serviram na medida de suas forças.

Que quer o dr. Afranio Peixoto que "o saber e querer" tragam ao povo brasileiro? A felicidade e a grandeza que tem desfrutado e está projectando para o futuro proprio, e para o da humanidade, essa raça de mais capazes, que é o povo allemão, o qual (segundo o põe Hughes no volume da série scientifica contemporanea, intitulado "The making of citizens") por uma educação deliberada de duas ou tres gerações, prepara o futuro Sédan em materia de assumptos militares e commerciaes?"

Si, quando o pragmatismo, arvorando no campo da podologia a sua bandeira, proclama que a função da escola não é meramente treinar o discipulo para o exacto cumprimento dos seus deveres de cidadão no sentido restricto do termo, mas outra muito mais ele-

vada, isto é, a de assegurar a futura efficiencia social do individuo, não apenas para o desempenho de algum dever particular ou para cumprir algum determinado dever social, sim, si possível, educá-lo para que possa collaborar no progresso da sociedade, não sómente o tornando capaz de prestar serviço, mas também de empunhar o bastão de commando, com trena-o, de modo a que, neste seculo de agitação industrial em constante movimento, se possa elle adaptar ás circumstancias, variaveis de momento a momento — o ideal do dr. Afranio Peixoto é que, como a Allemanha, a nossa nação se prepare para, pelo poder militar, conflagrar, sendo preciso, o mundo, no intuito da hegemonia commercial, assegurada por um novo Sédan, então o impulso dado pelo “Minha terra e minha gente”, mais que nullo, é ridiculo e contraproducente, pois, — pensando, “como diz o critico do “Jornal do Commercio”, “para o pessimismo no estudo do nosso passado”, fazendo delle e do nosso presente uma “exposição nem exacta, nem louvavel”, não é possível “gerar enthusiasmos”, e sim unicamente “provocar desanimo nos nossos jovens patriotas”, pois que ostenta desprezo por certos dons e habitantes do Brasil, que não são fundamentados — deprime as nossas guerras gloriosas e os nossos movimentos politicos e sociaes... não podendo, por isso, formar gerações esperançadas; — sua frieza, sua severidade e sua injustiça no tratar de nosso passado, dos nossos irmãos, do nosso clima, das instituições militares, das guerras que honram a nossa historia, do movimento da independencia, “tornam-no falho como “livro de educação, que deve ser um propulsor de enthusiasmo” — mais “pamphleto” que obra “didactica” e, repetição sincera das abusões européas, que diz “do nosso passado, da nossa terra e da nossa gente” coisas que podem provocar desanimo ou indignação nos seus pequenos leitores!”

E o critico do “Jornal do Commercio”, depois de assim se manifestar sobre o livro, que se propõe a educar moral e civicamente a nossa infancia, pela mais logica e patriótica das logicas, conclúe que é elle **BEM FEITO, PREENCHE OS SEUS FINS E DEVE SER ADOPTADO COMO FOI!**

“Magna res est vocis et silentii tempora nosse!”

E’ o caso de dizer que Seneca perdeu o seu latim.

O critico do “Jornal do Commercio”, dizendo do merecimento de um livro, que se destina, não simplesmente a ensinar á infancia o que é patria, mas a mostrar-lhe como a ha de bem amar e servir, reconhece que a fundação dessa patria, o povoamento do seu solo, a expulsão dos seus inimigos, a sua independencia, as guerras libertadoras, em que se envolveu, todas estas glorias, em summa, do seu passado, todos os episodios brilhantes da sua historia, lhe são “apresentados de um modo pessimista, que não parece mesmo ser o verdadeiro”; mas, sem embargo de tal, quer que “o quadro sombrio traçado pelo autor de “Minha terra e minha gente”, quadro, que,

no seu entender, "pouco se afasta da realidade", embora consagre "noções falsas e tendencias anarchistas", vá, nas escolas publicas, dar ás novas geraes "a noção da sua responsabilidade na solução dos grandes problemas referentes ao desenvolvimento da nossa riqueza e da nossa patria, porque só dessa noção poderá nascer a energia indispensavel para a grande acção necessaria!"

E' de ver, é de esperar sem antecpada surpresa, o lucro que trará a solução "dernier bateau", que a esses problemas magnos vão, em futuro proximo, dar aquelles, que, para os resolver, recebem o concurso e inspiração de "noções falsas e tendencias anarchistas". Sem commissão dos posteros para agradecer ao bemfeitor o assignalado serviço, sentimo-nos, entretanto, na obrigação de felicitar os editores, que não verão, na empresa arriscada da publicidade, desaproveitados os sacrificios patrioticamente feitos em prol da regeneração da raça e do progresso da Republica.

"Chr é sigan é kreißsona sigés gelein". — E' o caso de dizer que ficarmos em grego, si o anexim não dlssesse em vernaculo: "Nem tanto amen que se damne a mlssa".

O tercelro Napoleão, em 1870, precipita a França, pujante potencia secular, na derrocada, que a humilha e enluta, ceifando-lhe innumeras vidas humanas, arrancando-lhe um algarismo enorme de milhares de milhões e duas provincias magnificas. Longe, bem longe do acabrunhamento, em que a tremenda provação mergulhou a alma franceza, um dos filhos de uma dessas provincias, aquelle que hoje preside aos destinos da Republica, dirgindo-se á mocidade do seu paiz, que acaba de receber a Investidura dos primelros estudos, recorda-lhe as gloriosas scenas da sua historia; e, sem uma só palavra de queixa ou revolta contra os compatriotas responsavels pelos desastres, que a ensombraram, ou pelos perigos, que ameacçam ainda a nação, querendo erguel-a á altura do digno desempenho dos seus deveres de cidadão e á maior efflclencia social, a que se possa elevar, diz-lhe:

"A França é o paiz onde nascestes, onde vos criastes, onde vivem vossos paes, onde morreram vossos avós. No bello nome da patria se resumem todas estas recordações. O patriotismo não está em contradicção com os nossos deveres para com a humanidade; é, ao contrario, sua condicção necessaria. O melhor modo de amar os homens é amar, antes de tudo, esta porção da humanldade, que está perto de nós, que nos envolve e que nós melhor conhecemos. Em vez de dlffundlr as nossas affeições e de dissipar nossas energias, saibamos concentrar-as e empregal-as utlmente no canto de terra, onde nos arraigou a natureza. A patria, é pois, o patrlmonio material e moral, que nos legaram nossos antepassados. Não é só o nosso sólo; é tambem nossa alma nacional, isto é, nossas esperanças ou nossas tristezas communs, nossas alegrias e nossas provações, nossa litteratura e nossas artes, nossas descobertas scientificas —

todo o cortejo de idéas e sentimentos, que em nós desperta o nome de França."

Em vez de uma apologia tão ardente quanto simples, como esta — em vez de singelo epinício, em que resumbre no orgulho da successão, a segurança de que o successor ha de tudo envidar por corresponder ao encargo, que herda, dando na firmeza e coragem da promessa o exemplo da determinação assentada e esperançosa, o dr. Afranio Peixoto preferiu embuçar-se no manto negro do moralista da burla rossiniana e cantar, em tom lugubre, a aria da prevenção e do desalento, quasi como quem quer intimar os herdeiros a desistirem da herança a beneficio do inventario.

Poeta, s. exa., esquecendo:

"La souveraineté des choses innocentes",

lembrada por aquelle que viu:

..... de si près les foules misérables,
 Les cris, les chocs, l'affront aux têtes vénérables,
 Tant de lâches grandis par les troubles civils,
 Des juges qu'on eût du juger, des prêtres vils

 Dans ce néant, qui mord, dans ce chaos, qui ment,

não quiz, como elle, ver a paz profunda, que se tece de estrelas, atravez de todos os nossos males:

Qui sont entre le ciel et nous comme des voiles,

para com elle repetir:

C'est à cela que Dieu songeait quand il a mis
 Les poètes auprès des berceaux endormis."

Psychologo por força do officio, o dr. Afranio Peixoto, sabendo o effeito que tem sobre as crianças a Intimidação dos papões e dos cucas, não hesitou em levantar aos olhos da infancia, a que quiz falar, o mais assustador abantesma na figura deste Brasil republicano, povoado por uma raça corrompida pelo sangue negro e eivada do virus da preguiça, vara de cevados do analfabetismo, choldra de macambuslos e gabolas, que elles, os nossos pequenos já feltos homens, terão de amassar com o pó das solas, que, para o paralso dos mulatos, esses representantes das raças mais capazes trouxeram e ahí sacudirem, ao calçar os cothurnos solemnes da plutocracia triumphante, quando volvam á sua terra patria, e, por desfazio dos oculos fidalgos, espalreçam a rir da imbecilidade e prosapia dos botucudos d'áquem-mar!

Acho eu que seria mesmo uma idéa feliz enviar ás nossas agencias de propaganda na Europa e mais partes do mundo a traducção deste resumo tão sincero e franco das nossas presentes condições politicas e sociaes, porque, si os representantes dessas raças fortes e regeneradoras se têm de amalgamar connosco atravez da convivencia na escola publica, bom é que desde logo, os que demandam esta terra com o pensamento de fazel-a patria de seus filhos, certos de que elles serão "trasladados a brasileiros pelo clima", se esforcem por conhecer e aprofundar essa civilisação helleno-latina, que nós, "que os adoptamos", lhes havemos de fazer "assimilar". Em vez de immigrants chucros, já virão redomões.

Adoptando este alvitre, com certeza, quando alguma futura conflagração nos puzer em guarda contra o poder das raças fortes, o elemento assimilado, "more americano sive argentino", estará já de tal maneira identificado em corpo e alma connosco que os navios nos nossos portos não se arrecearão de incendios mysteriosos; as nossas fabricas de armas se sentirão garantidas do estrondo de explosões espontaneas; os nossos Tennysons poderão cruzar todos os mares sem receio de que uma lamentavel distracção dos seus commerciantes inclúa em caixotes de amostra, de minerios machinas infernaes, que explodem com tempo marcado. A amalgamação pedagogica já ha de ter de todo atrophiado no coração dos novos compatriotas quaesquer vestigios de ascendencia, orgulho atavico ou recordação de glorias, que o patriotismo dos paes lhes tenha rememorado nas conversas com que no lar lhes entretinham os serões; serão positiva e definitivamente brasileiros pelo clima, hellenolatinos pela civilisação.

Filhos de uma terra, que poderá abrigar com folga quasi que a população do mundo inteiro — livre, por isso, das ambições de conquista; rica de tudo quanto ha de mais precioso debaixo do céu — e, por isso, capaz de se tornar invencivel pela força na defesa do que é seu; campo aberto e inexgottavel para a exploração de todas as actividades, que engrandecem pelo trabalho — e, por isso, pondo a coberto da necessidade, que arrasta á villania e ao crime; nova, muito nova, na vida emancipada e autonoma — e, por isso, inexperiente e hesitante no avanço; regida por uma forma de governo, que se quadra á indole do povo e do continente — e, por isso, uma irman entre irmans — com todas estas vantagens naturaes ou providencias de que tão liberalmente, aquinhoados somos, porque não havemos de levantar, no quadro verdadeiro e grandioso, em que incontestavelmente se exhibem todas estas munificencias, que são nossas, porque não havemos de levantá-las, exalçadas no entusiasmo da linguagem, que as electrise e lhes insuffle o ardor patriotico, aos olhos das crianças para que as amem, dellas se orgulhem, as prezem, e, no apreço, que lhes ganhem, ganhem tambem o zelo de as guardar e ter por gloriosa herança, nobremente legada

por precursores de que não se envergonham, e que, com ella, lhes legaram tambem as mesmas razões de a amar, e sobretudo, e com extremos, e com altivez sobranceira e crescente?

Porque não estimularemos as nossas crianças a amarem esta patria tão bella, tão digna, tão cheia de gloriosas recordações do passado, tão cheia de nobres aspirações no presente, tão rica de possibilidades para o bem, para o melhor, para o maior — porque não estimularemos as nossas crianças a amarem-n'a, dizendo-lhes, porque não e porque sim?

Porque é grande, porque é rica, porque pode ser forte, porque pôde demonstrar as que juxtam na mesma liça?

Não.

Porque lhes offerece excepçionaes oppportunidades de fazerem feliz a vida de cada uma, fazendo-a tão admirada, e respeitada e venerada do munod inteiro, que essa admiração, esse respeito, essa veneração os exalte a cada um como membro de um povo, que nel-las se eleva?

Sim.

Ensinemos-lhes que nós mesmos nos governamos, porque somos governados pelos que escolhemos; ensinemos-lhes que as nossas instituições são tão liberaes como as mais liberaes, que no mundo ha; ensinemos-lhes que, si os nossos costumes e os nossos modos de pensar ainda se não disciplinaram, como nos esforçamos por fazel-o, é porque o nosso tirocinio de vida independente e autonoma é ainda um atomo na conta do tempo; ensinemos-lhes que, si o nosso solo começa apenas a ser arroteado, a acção das leis e os poderes estão, e estarão, cada vez mais, se esforçando por lhe desenvolver a producção; ensinemos-lhes que, quem quizer trabalhar no que fôr de seu agrado e livre eleição, pôde aqui fazel-o na certeza de colheita certa; ensinemos-lhes, emfim, que ellas têm fundadas razões para tudo a quanto aspire o seu patriotismo, porque a sua patria pôde, e ha de, um dia, ser par entre seus pares, sem attentar pela superioridade de elementos, que tem nas suas mãos, contra a autonomia e felicidade das terras menos bem aquinhoadas, e dos irmãos, cuja felicidade e grandeza, longe de empanar pela inveja o brilho á propria, mais apertam e ennobrecem a amizade, que os liga.

A criança, que

... vai de abraço a abraço:
Do regaço para o collo,
Do collo para o regaço —

a mãe, quando a pousa no chão, estremece da incerteza, em que a vê, pergunta lá no fundo da sua ternura agonizada:

Serão passos? Serão vôos?

e, nesses primeiros passos, crê que:

Ou se rasga um negro abysmo,
Ou nasce alguma roseira.

Os pedagogos da nova escoia, da escoia patriotica e açambarcadora de competencia, a esta criança, que se desenredou das faixas da metropoie ha menos de um escasso secuio, ao verem-lhe os primeiros anceios de marcha, os primeiros tropegares, as primeiras quédas e as primeiras contusões, que um heija-e-sara-logo cura entre sorrisos de esperanza — em vez de sentir, como a terra, que

“O seu seio estremece mais fundo
quando essa criança
....., em seus passos,
Começa a andar pelo mundo,”

rispidos, enfesados, ameaçadores, raiham-lhe e envergonham-na das suas vacillações e dos seus tombos, crendo, por essas fraquezas, que, diante della,

Nasce, não uma roseira,

mas

..... se rasga o negro abysmo

da “barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes!”

Lamurias e iyrismos, que tu, ó gioriosa raça latina, aprendeste a chorar e a cantar ao longo dos corredores do Tempo, bemditos sejaes entre o troar dos canhões que, neste tremendo momento historico, as raças mais capazes alvejam contra as searas da paz! E' um descendente dessas raças, que educou o coração e iiluminou a intelligencia, ao som desses cantos e ao calor dessas iagrimas, quem, testemunha das hesitações e das quédas desta criança, que quasi setenta annos de vida lhe tem feito estremececer mais e mais, vem, quando já desce peia encosta da collina, por onde sóbe a sombra da noite que não tem aurora, é o descendente dessas raças que te vem dizer, ó gioriosa Mater Latina, que feches ouvidos aos pregoeiros desta cruzada de descredito e diffamação, que em torno de ti levantam.

Mestres, ó dedicados mestres da nossa terra, porque, buscando exemplo na historia de outros povos e de outras raças de hoje e de hontem, não haveis de ensinar ás crianças, que uma nação ou uma raça, si quer, póde o que a outra póde porque quer, mas tropéga pelo caminho que a ha de levar ao aivo, porque o progresso não sae armado de ponto em branco da pasta dos sociologos como Pailas da cabeça de Zeus?

Porque não lhes ensinaremos, na escola pratica do exemplo, que a Verdade, a Honestidade, a Fraternidade e a Boa Vontade, as podem levar por dous caminhos, que vão ter ao mesmo ponto, no afan de satisfazer o seu patriotismo: um é aquelle, em que colhem os factos, encontram os princípios sãos, formam os juízos claros e independentes, que, com estudo e cuidadosa meditação, amadurecida pelo criterio crescente com a idade, leva a actividade geral ao aproveitamento das oportunidades, que o meo offerece, e regularisa as relações da nação com o povo ou com as outras no esforço de qualificar a Republica para formar na vanguarda da civilisação do mundo; outro é aquelle que leva ao esforço leal e estrenuo, pela influencia e pelo voto, em cooperação com os outros cidadãos do mesmo espirito ponderado, agindo todos como soberanos pares num regimen democratico, afim de que a acção do governo em todas as suas manifestações se paute e regule pelos conceitos e juízos cuidadosamente formados e assentados?

Sim, mestres da minha terra! Diante dessas alminhas suspensas em anseio do sublime, diante desses olhinhos, que, cheios de curiosidade ingenua, procuram a belleza em tudo quanto espelham; aos ouvidos, que, avidos da Boa Nova, sentem aspera a voz das Cassandras de arribação, não façais, ó mestres da nossa gente, ó Columns de Fogo, que conduzis pela treva do deserto da Ignorancia, o rumo da Terra da Promissão, ás crianças, que vos estão entregues, não façais repetidas estas prophecias agoureiras das almas, que cega a luz, em que se offuscou a razão.

E vós, sobretudo, mestres paulistas, que, de rumo a rumo, em todos os Estados, ides, á solicitação de seus governos, estimulados pelo progresso da vossa terra, em missão especial, novos Bandeirantes, levar por diante essa entrada civilisadora, que disseminará por todo o paiz a boa escola, onde o povo se invista no saber proficuo, que habilite a querer com acerto e efficacia, vós, sobretudo, separai na semente, que espalhardes, a especie que estiola e mangra a seara daquella que a faz viçar, florir e fructificar em toda a exuberancia de uma fartura san, lembrados de que, sem antecipações perigosas, sem julgamentos precipitados, sem preconceitos de raça ou meo, as crianças, estes livros em branco, que o poder publico corria á vossa função civica e social, não devem registrar nas suas paginas nem sombras, que lhes desalinhem a pauta, por onde as aspirações ingenuas lhes vão encaminhando a escripta, nem reflexos de desalento, que as esmoreçam no afan de transmittirem aos seus posteros, na realidade do pouco que consigam, a possibilidade do mais, que delles esperam.

Contentes e orgulhosos do que herdarem, cumpre que leguem o que, com orgulho e contentamento, recebam os que vieram depois.

Não levanteis, portanto, vós, em especial, a quem a felicidade de vosso destino tem feito palinuros, não levantem os mestres desta grande, digna e generosa nação, que ao vosso aceno se vão enfileirando para, á luz do vosso ensinamento, collaborar na tarefa maxima da educação do povo, não levante ninguem a cortina que, mostrando ás crianças o quadro das nossas miserias passadas e actuaes, lhes obumbra, em visão dantesca, as almejadas grandezas do porvir patrio, para que seu coraçãozinho, recolhido na tristeza que tudo mata, não diga, repetindo a queixa do poeta, que:

“Deixou a fonte de que foi nascido;
Quiz ser mar, desfez-se em nevoa e ancía;”

e, para se consolar da desillusão, em que fique penando, quando em presença da realidade, quo lhes descobrirdes on revolver a “verdade honestamente procurada e dita com franqueza”, não soluçe, na angustia de saudade sem remedio:

“Estradas de astros, quanta sombra a vossa!
Deixai-me inda voltar, deixai que eu possa!
Aos caminhos e ao sol da minha infancia!”

JOÃO KÖPKE.



INICIAÇÃO

O Honório de Miranda fôra um dos talentos de maior reputação na Faculdade do Recife, não tanto pela illustração jurídica, em que o excedia muito o Bullhões Carvalho, vindo de S. Paulo; mas pela fama de pertencer ao numero dos adiantados, de acompanhar o movimento philosophico e literario da época, conhecendo as doutrinas que, através dos vulgarizadores allemães e dos traductores francezes, vinham dos grandes trabalhos scientificos da segunda metade do seculo. Mas nem por poupar o Honório as pestanas no estudo do Digesto e das Institutas e os passos no caminho do casarão da rua do Hospicio, onde funcionava a Faculdade, deixaram o nome, que ganhou, e a educação que refez, de custar lutas e dôres intimas recalçadas bem para o fundo do coração para que ninguem as percebesse.

Chegara ao Recife ainda bisonho, com uma boa dôse de grammatica e da literatura do Sotero na cabeça, alguma latiniidade e muita curiosidade de saber, e fôra morar, lá para as bandas da rua Velha, com uns rapazes que nadavam em plena philosophia negativista, e que, parte por amor ás novidades, parte pelo gosto de contradizer a opinião geral, enxarcavam-se de Renan, de Taine e de Littré e misturavam as noções fornecidas pelos vulgarizadores Büchner e Moleschott com as doutrinas socialistas de Proudhon e de Louis Blanc.

Logo no primeiro dia, Honório ouviu, com pasmo, as verdades que o Simões, o Fernandes e o Caetano proferiam com inabalavel segurança, á mesa do almoço, palitando os dentes; proposições atiradas ao vento, que o entonteceram como uma ducha fria, forte demais. Trazia da provincia os seus principios philosophicos, politicos, religiosos e literarios perfeitamente arrumados, com methodo, nos escauinchos do eucéphalo.

Achava o Barbe profundo, venerava S. Thomaz por tradição, Lamartine era o seu poeta, o seu politico, o seu historiadôr: rezava todas as noites á Mãe Santissima, e considerava o republicanismo o *nec plus ultra* das ousadias, hesitando em conciliar-o com a religião catholica. Mas logo de uma assentada ficou sabendo, graças aos esclarecimentos do Simões, que a divindade de Christo éra uma baléla indigna de homens sensatos, a pureza de Maria uma enormidade antiscientifica, e que o mundo só endireitaria quando se enforcasse o ultimo rei nas tripas do ultimo frade.

A' noite rezou a sua oração e teve febre. Vinham-lhe visões de papas em pandegas com freiras, e de monarchas guilhotinados. A cabeça andava-lhe á roda, não sabia bem se por effeito da viagem de mar, se porque as cousas que ouvira chocavam-se no cerebro com ás que lá moravam.

Nos dias seguintes continuou a ouvil-as em silencio, sem comprehender bem, duvidando da seriedade dos destemperos do Simões, mas deixando-se impressionar pelo tom calmo, convicto e frio das affirmativas do Fernandes. Pouco a pouco o desejo de não parecer tolo, de não passar por iguorante, foi-lhe combatendo a timidez, desfazendo o aturdimento, e aventou algumas palavras em defeza das idéas que bebera em São Luiz. Mas o calouro não podia estar em melhores mãos para a tarefa necessaria da raspagem do cerebro. O Fernandes e o Caetano riram, ás gargalhadas, do Barbe e mais do Lamartine, e o Simões exaltando-se, declarou que quem não pensava como elle, Simões, pensava, era burro ou tratante. Honorio metteu a viola no sacco para não ser nem uma nem outra cousa. Demais aquellas idéas, ou, pelo menos, a apparencia de erudição que envolviam, começavam a fascinal-o. Vivo, intelligente, vaidoso, encontrara alimento novo naquellas theorias extraordinarias que davam certo lustre, na Academia, aos propagandistas. Oh! o Fernandes era muito considerado, um dos maiores talentos daquella geração; o Caetano passava por um espirito superior e o Simões tinha os seus admiradores, ainda que outros o chamassem maluco. Honorio ia-se habituando, já se não rebellava contra as opiniões dos collegas.

Até lhe parecia vergouhoso ignorar tudo aquillo. E quando os companheiros enchiam a bocca com Voltaire, Rousseau, d'Alembert, Diderot, Volney, citavam anthropologias e paleon-

tologias, o homem quaternario, as habitações lacustres e outras coisas sabias, Honorio sentia-se amesquinhado e infeliz na consciencia de sua inferioridade. Mas ao mesmo tempo dava parabens á fortuna, por lhe arranjar para companheiros de casa o Fernandes, o Simões e o Caetano que, encafuados na rêde ou espichados no sofá da sala, discutiam, em ceroulas, fumando cigarros, arduas questões de metaphysica e de arte.

Todos tres eram espiritos fortes e illustrados. O Fernandes, o mais velho, era discipulo de Littré, o S. Paulo do positivismo. Não discutia a existencia de Deus, porque como Laplace, não tinha necessidade dessa hypothese. Votava desden a padres e reis e, em arte, éra grego. Um dia escreveu que Christo era dos humildes e Socrates dos dignos. O Caetano era voltaireano impenitente, descria de tudo, ria de tudo, queria o reinado da Razão, a Razão unica, poderosa e creadora, capaz de regenerar o mundo. O mais adiantado de todos era o Simões. O Evangelho deste era a Força e Materia do vulgarizador Büchner, que elle tratava de grande sabio e eminentissimo philosopho. Para o Simões só havia as leis da materia, o mundo physico. O homem era um macaco aperfeiçoado, segundo Lamarck e Darwin o demonstravam até á saciedade. A lei natural devia reger as sociedades humanas como regia os brutos.

Em resumo o seu systema philosophico-politico era atheu e anarchista á maneira de Proudhon, com um requinte: a liberdade do amor. A sua doutrina era exaltada, irritadiça e intolerante, nem admittia contemplações e meios termos. Todos os escriptores catholicos, protestantes, e mesmo os simples deistas não passavam de reverendas bestas, bipedes por abuso, ou de refinados hypocritas, dignos da forca.

Tinha as suas theorias de arte e literatura consoante as philosophicas. Admirava a nudez da arte grega, e, entre os modernos, os pessimistas, os desesperados, os que diziam mal do homem e do mundo, Byron, Musset, Baudelaire, Swift; perseguia as pieguices onde as encontrava, julgava laconica e soberanamente, com uma convicção que impunha, os escriptores citados na conversa. Descartes? Atrazadão. S. Thomaz? Ora, S. Thomaz! que diabo queriam que escrevesse um santo? Santo Agostinho era um frade debochado. Chateaubriand, tentando resuscitar o christianismo no seculo XIX! Besta! Luiz Veuillot, canalha, Victor Hugo, corcunda, canalha e

besta! A bilis revolucionaria e atheista nada respeitava; as proposições eram absolutas e geraes: todos os padres eram ladrões, todas as rainhas meretrizes, todos os estadistas lacaios agaloados.

Em Economia Politica era socialista, e, mais do que isso, communista. Detestava Thiers, o assassino, endeosava Rochefort e Felyx Pyat.

Achava clara e evidente a maxima de Proudhon — a propriedade é um roubo, e idealizava a sociedade do futuro, uma vasta Anarchia, em que tudo era pernittido a todos, em que bens, gosos, direitos, mulheres, tudo era commum.

Nessa sociedade ideal não haveria crimes nem peccados, porque ella não teria leis nem religião; seria absoluta a igualdade das fortunas; e o homem, liberto afinal das cadeias seculares da superstição e do direito, caminharia impávido e contente para o seu pleno desenvolvimento individual.

As idéas do Simões enchiam o espirito do Honorio de pavor e o coração de sobresaltos. No intimo de sua consciencia o moço reconhecia que aquillo era logico, achava-o rigorosamente contido nas premissas que os da republica aceitavam. Mas um sentimento de orgulho, as delicadezas de certos gostos aristocraticos o repelliam, sobretudo quando lhe vinham á lembrança a Mãe e as irmans. O Fernandes e o Caetano achavam o Simões um pouco exaggerado, sorriam benevolmente, dizendo: — Isso não; até ahi não vou. Decididamente o que mais agradava ao Honorio era o racionalismo do Caetano. A Razão! A palavra magica apoderou-se logo de sua intelligencia. Que é que distingue o homem do bruto? A Razão. Era, pois, o principio, o fim, e o guia, o criterio para medir todas as coisas. Tal doutrina estava de accôrdo com a Razão, era uma verdade, tal outra era repellida pela Razão, estava condemnada. Era um criterio abstracto e indefinivel, malleavel, capaz de adaptar-se a todas as intelligencias, mas por isso mesmo satisfazia a sua vaidade, a erudição facil bebida nos vulgarizadores. Rapidamente, embora em duros combates intimos, Honorio assimilava as idéas que o Caetano espargia, e passava do theologismo temperado para o racionalismo puro; e no dia em que se julgou perfeitamente senhor da doutrina, achou-se mais nobre e mais digno.

Foi assim que o Honorio de Miranda se iniciou na Philosophia.

H. INGLEZ DE SOUZA.

A PROIBIDADE LITERARIA

A PROPOSITO DE UM LIVRO DO SR. SERPA PIMENTEL

Amarga decepção para um editor sério deve ser a descoberta de que a obra por elle impressa e sob os preconieios de seus annuncios exposta ao publico não passa de vergonhosa contrafacção do trabalho alheio, ou de escandalosa, evidente, inecontrastavel pilhagem literaria. Deparam-se-nos, ás vezes, em dois escriptores differentes, ligeiras affinidades de idéas, topicos reveladores de uma origem commum, mas tudo isso pôde ser resultado de involuntaria absorpção esthetica, sendo certo que a impressionabilidade em alguns cerebros é levada ao ponto de assumirem, convictos, a paternidade do que não passa de méras reminiscencias de leitura. “La mémoire, diz Charles Nodier, no seu livro *Questions de littérature légale, fait faire des plagiats involontaires*”. O estudo das literaturas está cheio de semelhantes coincidencias, de sorte que um caso isolado em materia de appropriação de imagens, planos e até urdidura da obra de arte, não constitue motivo de estardalhaço para a critica, constatando-se o peccado venial de um deseuido, levado á conta dessa infiltração magica que o prestigio da belleza determina sobre a capacidade mediocre dos seus admiradores. Ha, além disso, no mundo da intelligencia, alguma coisa que pertence a todos, como o ar e o espaço no mundo physico. São as antiquissimas banalidades, as idéas suggeridas pelos aspectos universaes do dia e da noite, da aurora e do occaso, do prazer e da dôr, do nascimento e da morte... São as inspirações das fatalidades amorosas, o queixume dos corações tristes, a magua dos vencidos, a exultação do vencedor. A intelligencia criado-

ra está sujeita a essas forças como está sujeito o corpo ás forças da gravidade.

Dahi o esforço louvavel do escriptor que, para consolidar a sua individualidade, procura libertar-se cada vez mais de tantas influencias seculares, equilibrando-se, bizarro e altivo, sem o lastro desse patrimonio ancestral.

Os fracos, porém, patinham sempre na velha lama, sulcada através dos tempos por todos os calhambeques literarios, e a todo o instante se encontrôam e vociferam, tirando lascas opacas das rochas carcomidas de que só o verdadeiro genio sabe ainda fazer saltar fagulhas maravilhosas.

De qualquer fórma, mesmo diante dos accidentes por assim dizer — secundarios — em questões de analogias, coincidênciaas e parenteseo entre escriptos impressos, um editor idoneo não se sente bem perante a denuncia da critica. O autor desculpa-se, sophisma datas e prioridades, e esgueira-se para o vortice de outros mil assumptos, certo de que será em breve esquecido. A macula, porém, fica sobre a casa editora, permanente, duradoira, como um indelevel estygma.

Que dizer, então, quando nos achamos diante de um attentado formal, typico, completo, á propriedade artistica? Qual a situação moral e qual a responsabilidade do editor, quando a obra lançada á venda se lhe revela um livro grosseiramente calcado sobre outro, evidenciada a fraude por meio de um corpo de delicto tão facil, tão inconstrastavel?

O plagio... Seria faeil exhibir erudição laroussiana sobre o assumpto. "Plagium" chamavam os romanos ao crime de vender eseravos alheios, ineuleando-os como proprios, ou vender como eseravas pessoas livres. E o primeiro escriptor que, por uma nitida analogia, applicou esse nome ao delicto literario, parece ter sido Marcial que em um dos seus epigrammas se queixa de que não só lhe escamctassem os versos como ainda, e principalmente, os recitassem tão mal:

Impones plagiario pudorem...

O latim reeceu essa palavra do grego, onde radical identico significa *obliquo, retirado, posto de lado*.

"Plagiare" devia significar originariamente — pôr de lado, retirar; ação, pois, de furto, sequestro e eseamoteação, referida

posteriormente com particularidade, ao objecto — escravos, e punida com a fustigação publica.

Uma vez identificada, porém, com a idéa de rapina literaria, nunca mais essa palavra perdeu o sentido restricto, talvez porque se fossem tornando, no correr dos tempos, muito mais frequentes as fraudes e a mystificação nas transacções das letras do que propriamente nas dos escravos ou escravas. A usurpação do trabalho literario entrou de tal maneira nos usos e costumes que, no seculo XVII, appareceu um professor de plagio, um tal "Richesourcee", citado no Larousse. Intitulava-se elle "director da Academia dos Oradores Philosophicos" e era uma especie de Albatat daquelle tempo, affirmando-se capaz de tornar distinctos escriptores mesmo os candidatos que não possuíssem absolutamente talento algum... Publicou uma obra intitulada *Masque des orateurs* ou *Manière de déguiser toutes sortes de compositions, lettres, sermons, etc.* Ahi expõe elle o seu methodo que é o mesmo até hoje seguido instinctivamente por todas as gralhas ao enfeitarem-se com as pennas do pavão: colher tão habilmente os fructos nos jardins alheios que não só seja impossivel ao publico dar pelos latrocinios como aos proprios autores lesados reconhecer, depois, a obra deformada e recomposta.

O mais interessante é haver medrado, através dos tempos, e principalmente nos seculos XVII e XVIII, um delicto contrario ao do plagio — o de inculcar um escriptor a outrem (naturalmente mais celebre, mais glorioso...) o trabalho proprio. No terreno da literatura monastica isso foi muito frequente e até a Salomão houve frades que tiveram a modestia de attribuir as personalissimas elocubrações.

François Nodot praticou com habilidade um desses gracejos, resultando-lhe, do seu successo, não immerecido renome. Andava em 1664 muito em moda a leitura de fragmentos, recentemente descobertos, de Petronio, e o mais apreciado e extenso era relativo ao *Banquete de Trimalcião*. Lamentava-se, porém, que escriptos tão capitosos e estimulantes só se encontrassem truncados, cortando-se, de espaço a espaço, a emoção suave da leitura. Nodot lembrou-se, por philanthropia, de certo, mais do que por interesse, de sanar para os contemporaneos e os posteros esse inconveniente e assim publicou, em Rotterdam, em 1693, um *Satyricon* completo, segundo um pretenso manuscripto achado em Belgrado em 1668, manuscripto perfeito, preenchendo todas as lacunas dos anterio-



res. Não durou muito a impostura, mas o trabalho fôra tão genialmente accommodado ao original latino, ligando os varios fragmentos, que lhe ficou incorporado, distinguindo-se nas edições integraes do *Satyricon*, apenas pelos caracteres typographicos differentes, a contribuição intromettida de Nodot.

Esse phenomeno de renuncia, de espontanea delegação a outrem de direitos proprios, passou de moda. O que ficou, talvez menos intenso, mas ainda assim não tão raro como se julga, foi o caso directo, da extorsão, da venda como proprios de escravos alheios.

Antes de proseguir, vem a proposito exeusarmo-nos com um trecho de Bayle, escripto ha quasi dois seculos, da impertinente estopada inflingida aos leitores da *Revista do Brasil*:

"Les interprètes de l'E'criture disent que la perdrix dérobe les œufs des autres oiseaux et qu'elle les couve, mais que les petits qu'elle fait éclore ne la connaissent point pour mère et qu'ils la quittent et vont trouver l'oiseau qui avait perdu ses œufs. Voilà le sort ordinaire des écrivains plagiaires. Ils moissonnent ce qu'ils n'ont point semé, ils enlèvent les enfants d'autrui, ils se font une famille d'usurpation; mais ces enfants enlevés font comme les autres richesses mal acquises, **male paria male dilabuntur**; ils prennent des ailes et s'enfuient chez leur véritable père. Un auteur volé réclame son bien et, si la mort l'a empêché, un fils, un parent, un ami fait valoir ces droits."

Acreditamos não serem hoje tão frequentes como outr'ora as façanhas de pirataria literaria, embora não tenhamos mais um Querard que monte guarda, vigilante e incorruptivel, á porta do templo onde se distribuiam os louros aos bons autores e as vergastadas moralisadoras aos intrujões. Tudo se faz ás pressas, e no turbilhão de livros arremessados pelos prélos ninguem tem vagares para descobrir as fraudes, perdendo-se a faculdade do paralelo e da critica no atordoamento febril de passar adiante e rasgar outras paginas onde quiçá, tambem, quantas cópias e imitações se insinuam, desfaçadamente, com a segurança cynica do triumpho!

Seria louvavel, por exemplo, como medida coercitiva, a instituição de uma policia internacional, ou pelo menos, a de um tribunal em cada paiz, perante o qual autores e editores respondessem, quando increpados de taes delictos. Não seria descabida, parece-nos, entre as attribuições conferidas á directoria da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, uma disposição nesse sentido. Além das penas comminadas pelo Codigo Civil, arts. 666, 669



e 670, perante os quaes autor, editor e vendedor de obras fraudulentas comparecem solidariamente, haveria no tribunal literario uma punição infamante para o autor culpado, ao qual jámais poderia socorrer a excusa da boa fé e ignorancia como, possivelmente, ao editor.

Dirão que estamos a combater fantasmas, tão raros, tão insolitos, os casos perfeitos, caracteristicos do assalto aos bens literarios...

Não são, infelizmente, tão escassos assim. Agora mesmo poderiamos citar tres ou quatro exemplos recentes, documentando á sociedade a denuncia; preferimos, porém, restringir a observação a um caso unico, e esse porque é primoroso, typico, vindo, além de tudo, o livro abonado pela firma de uma casa editora perfeitamente idonea, tradicional no Brasil, a Casa Garnier.

Não o divulgamos, dizemol-o com sinceridade, pelo prurido de fazer um pequenino escandalo, e sim para esboçar o estudo curioso do complicado mecanismo do plagio, as ceremonias iniciaes, os disfarces, o gradativo atrevimento do prestimano, até a ostentação culminante, integrá, — como coisa propria, do trabalho alheio! São artimanhas, ora arditosas e inteligentes, ora grosseiras, saltos e cabriolas, negaças e contorções, esgares de palhaço e attitudes commovidas e graves, como outras tantas mascaras meio diaphanas, véus transparentes, deixando accusar sempre as linhas da phisionomia conhecida...

Esse estudo é curiosissimo, quer psychologicamente, quer sob o aspecto trivial de um trabalho de *maquillage*, de revestimento de lacea sobre velhos artefactos de marcenaria classica.

Nas obras propriamente de ficção não é frequente o dealque de paginas e paginas, copia servil das de outras. Esses prodigios de escamoteação foram sempre mais familiares aos escriptores didacticos ou aos impressionistas de viagens. Já Voltaire (que não era dos que pudessem atirar a primeira pedra...) increpava a Ramsay de haver, na sua obra *Voyages de Cyrus*, commettido desabusadas "escroqueries". "En conduisant Cyrus en Egypte il se sert, pour décrire ce pays singulier, des mêmes expressions employées par Bossuet: il le copie mot par mot sans le citer. Voilà un plagiat dans toutes les formes." (*Dictionnaire Philosophique*).

Na primeira cathgoria, a mais classica das ladroices é por seguro a de Molière contra Cyrano de Bergerac. Toda a gente conhece as referencias que, a esse incidente, apparecem na peça ge-

nial de Edmond Rostand. E' no commoventissimo acto V, scena VI:

CYRANO á Ragueneau

Qu'est-ce que tu deviens, maintenant, mon confrère?

RAGUENEAU, á travers ses larmes

Je suis moucheur de... de... chandelies chez Molière.

CYRANO

Molière?

RAGUENEAU

Mais je veux le quitter, dès demain;
Oui, je suis indigné!... Hier, on jouait Scapin,
Et j'ai vu qu'ils vous a pris une scène!

LE BRET

Entière!

RAGUENEAU

Oui, monsieur, le fameuse: "Que diable allait-il faire?"

LE BRET

Molière te l'a pris!

CYRANO

Chut! chut! Il a bien fait!

(A Ragueneau)

La scène, n'est-ce pas, produit beaucoup d'effet?

RAGUENEAU, sanglotant

Ah! Monsieur, on riait, on riait!

CYRANO

Oui, ma vie

Ce fut d'être celui qui souffre, — et qu'on oublie!

(A Roxane)

Vous souvient-il le soir ou Christian vous parla
Sous le balcon? Eh bien! toute ma vie est lá:
Pendant que jo restais en bas, dans l'ombre noire,
D'autres montaent cueillir le baiser de la gloire!
C'est justice et j'approuve au seuil de mon tombeau.
Molière a du genie et Christian était beau!

Foi nas *Fourberies de Scapin* que o escriptor cujo lemma se tornou afinal o cynico "Je prends mon bien où je le trouve" encaixou — não uma, porém duas scenas inteirinhas da peça de Bergerac *Le pédant joué*. Começa no dialogo entre Scapin (Carbinelli na peça de Cyrano) e Geronte (Granger, na outra) onde se repete a cada instante a celebre phrase:

— *Qu'allait-il faire dans cette galère?*

Phrase que na peça de Cyrano é "Que diable aller faire dans la galère d'un Tuscé?", repetida também insistentemente e nos

mesmos logares. A scena seguinte continua eseamoteada, *ipsis verbis*: entra a alegre Zerbinette e põe-se a contar a Geronte os estratagemas empregados para arranear dinheiro e tudo é reproduzido, até os ha! ha! ha!, hi! hi! hi! do gargalhar da endiabrada peçoinha.

Os livros de viagem, porém, são os mais propicios para as incursões dos plagiarios. Ramsay defendeu-se da accusação de Voltaire dizendo que — se elle tinha visto os mesmos logares que Bossuet que havia de extraordinario em empregar para descrevel-os identicas palavras?

Será essa, naturalmente, a defesa do escriptor que vamos ligeiramente, e apenas como um *sujet* de ordem curiosissima, analysar, sem censural-o pelo seu delieto nem invocar sobre a sua cabeça as coleras dos que se escandalisam com os contrabandos literarios.

Edição Garnier, caprichosa, eneadernação em “perealine”, com gravuras, com dedicatoria, com a lista de outras obras do autor. Primeiras paginas em estylo arrevezado, cheio de phrases em francez, co marremessos de superioridade e desdém, muita enumeração de autores, desde Claude Bernard e Dantee até Verlaine, Baudelaire, Barrés e Anatole France. Vencido o tremedal, deseortina-se uma paysagem mais amena que evoca reminiseencias vagas, muito esbatidas, esfumadas pelo tempo. Temos a impressão de coisas vistas, e vistas de melhor fórma, sob outra luz, como que em dias mais vivos, de mais sol, de mais saude, de mais alegria.

Não se precisam, entretanto, essas duvidas, como esses trechos de musica que a gente leva a ouvir, tempo immenso, reconhecendo-os, sentindo-os familiares e sem atinar a que ópera, a que opereta, a que compositor, pertençam. De repente, porém, sôa um trecho mais vivo, uma melodia mais incisiva, e o nosso espirito se esclarece...

Resvalavamos, exactamente, por um paragrapho, no capitulo segundo, relativo á ponte de Galata:

“Uma e outra margem são terra européa, mas pôde-se dizer que ella une a Europa á Asia, porque em Stambul só europela é a terra, emmoldurada por uma côr e character asiatico. A Asia, propriamente dita é a margem opposta do Bosphoro, do outro lado de Galata. Para se lá chegar, a Scutari, por exemplo, bastam sete a oito minutos de gondola ou caik. Uma noticia de um acontecimento d'Europa circula facilmente por Pera e Galata; vive, intensifica-se, é commentada; mas só chega á outra margem, confusa e tenue como um echo longinquo; a fama dos



homens e das maiores coisas do Occidente embate na agua da Corne d'Or; encontra na ponte um baluarte insuperavel; passam por ella cem mil pessoas por dia, não passa em dez annos uma idéa."

Essas cem mil pessoas em um dia e nem uma idéa em dez annos — foram então os tremulos do violino a revelarem a ópera que estava sendo maltratada. Levantámo-nos, chegámos á estante, tomámos velha obra de carissimo escriptor italiano e a paginas 32 e 33 lemos isto:

"L'una e l'altra riva sono terra europea; ma si può dire che il ponte unisce l'Europa all'Asia, perche in Stambul non v'è d'europeo che la terra, ed hanno colori e carattere asiatico anche i pochi sobborghi christiani che le fanno corona. Il Corno d'Oro, che ha l'aspetto d'un fiume, separa, come un oceano, due mondi. Le notizie degli avvenimenti d'Europa, che circolano per Galata e per Pera, vive, chiare, minute, commentate, non giungono all'altra riva che monche e confuse, come un eco lontano; la fama degli uomini e delle cose piu' grandi dell'Occidente, s'arresta dinanzi a quella poc'acqua, come dinanzi a un baluardo insuperabile; e su quel ponte dove passano cento mila persone al giorno, non passa ogni dieci anni un'idea."

Notemos desde já os disfarces, as mutilações, os accessorios de transformismo barato. O delinquente traduz ao pé da letra cinco linhas e enxerta uma coisa sua, admiravel: "A Asia, propriamente dita é a margem opposta do Bosphoro, do outro lado de Galata." Essa elucidação é preciosa. E como informa que, para chegar-se até lá, bastam sete a oito minutos de gondola ou *caik*, se crê com direito a mais algumas linhas do paiz conquistado e investe!

O escriptor italiano escreve, na sua lingua, "Corno d'Oro"; o outro, como suppõe andar na Turquia e escrever portuguez, traduz "Corne d'Or"...

Não nos assalta arrepio algum de colera pela escamoteação praticada, mas sim pela deformação cruel desta linguagem encantadora, desse estylo leve e irisado, fluente, subtil e crystallino. O delinquente, como o ladrão que desfigura um rico bracelete, rompendo-lhe as incrustações, amassando-lhe os lavores, desengastando-lhe a pedraria, para tornal-o irreconhecivel, atira-se, dahi por diante, com um furor selvagem, sobre as lapidares e maravilhosas paginas da sua victima.

E' toda a obra de Edmondo De Amicis — *Costantinopoli*, escorchada viva, arrancada em postas palpitantes, desarticulada e

mal recomposta, como um quadro de *puzzley* — onde os pedacinhos não se adaptaram em ordem.

O delinquente?

F. DE SERPA PIMENTEL, portuguez, livro datado de Paris, edição Garnier, recente. — *Harens e Eunucos* (“Aspectos da Turquia moderna”), eis o titulo do attentado á propriedade.

Serpa Pimentel é o nome respeitavel de um fallecido conselheiro, ministro e poeta, do reino lusitano. Era Antonio; este F. não é Antonio ao que parece; será Faustino, Florencio ou Feliciano; mas talvez filho de Antonio, caso o seu nome não seja tambem um plagio da paternidade.

Estava explicado o nosso procedimento ao devassar o garbulho do primeiro capitulo. Alli deparava-se-nos ainda a phase da imitação, contornando-se a maneira de narrar, esboçando-se de longe identicas impressões, as primeiras impressões de Constantinopla. Faustino pretendia, de certo, ater-se ao conselho de Riche-source, seu mestre: “*déguiser toutes sortes de discours de telle sorte qu’il devienne impossible á l’auteur lui même de reconnaitre son propre ouvrage.*”

Reparou, porém, que era trabalhoso o methodo, convenceuse de que, no Brasil e em Portugal, jámais aportariam as obras de Edmondo De Amicis, que seria absurdo imaginar alguém a ler italiano nesses dois paizes... e atirou-se então vorazmente ao livro inteiro, amarfanhando uma traducção grotesca, alternando capitulos, intervindo aqui e alli com alguma consideração tão idiota, tão alvar, que até penalisa. Para documentar, abramos ao acaso a obra da Casa Garnier e procuremos na de De Amicis os trechos profanados:

São duas correntes humanas inextinguíveis que se cruzam sem cessar; é um espectáculo ao pé do qual empallidecem os dum mercado Indio ou Africano, ou duma feira em Odessa.

A multidão onduia; cada grupo de pessoas representa um grupo de povo.

Pode-se imaginar o mais extravagante chaos de typos, costumes,

Sono due correnti umane inesauribili, che s’incontrano e si confondono senza posa dal levar del sole al tramonto, presentando uno spettacolo del quale non sono certamente che una pallida immagine i mercati delle Indie, le fiere di Nidgi-Novgorod e le feste di Peking.

La folla passa a grandi ondate, ognuna delle quali offre mille colori ed ogni gruppo di persone rappresenta un gruppo di popoli.

S’immagini pure qualunche piu’ stravagante acozzo di tipi, di cos-

classes sociaes, nunca se terá uma ideia da fabulosa confusão que se vê alli num espaço de vinte metros e num giro de dez minutos.

Dominando um grupo de carregadores (*Hamals*) curvando sob o peso, passa lenta uma cadeirinha arrendada de madreperola e marfim, donde altiva uma senhora armenia olha desdenhosamente a gentilha...

tumi e di classi sociali; non si giungerá mai ad avere un'idea della favolosa confusione che si vede lá nello spazio di venti passi e nel giro di dieci minuti.

Dietro un frotta di facchini turchi, che passano correndo, curvi sotto pesi enormi, s'avanza una portantina intarsiata di madreperle e d'avorio, a cui fa capolino una signora armena...

Seria transerever a obra toda continuar esse paralelo. O cap. III, pags. 17 a 26, é todo elle a contrafação flagrante das pgs. 34 a 44 de *Costantinopoli*. Mas não pára ahi. Desfilam os seguintes, o terceiro, o quarto, o quinto, o livro inteiro, e vemos o batelão pesado e lodoso de Serpa Pimentel sempre rebocado pelo airoso, elegante, aristocratico *yatch* de De Amicis. E' o mesmo delicto de Ramsay contra Bossuet: "il le copie, mot par mot, sans le citer".

Nessa copia, porém, o que nos encanta são os remendos pacovianos, as observações quadrupedaes, misturando grãos de milho, e milho elôcho, carunchoso, aos jorros de perolas de De Amicis. Já vimos, nos topicos cotejados, em que consistem esses enxertos e alterações. A's vezes é o sentido que se deturpa, por obtusidade do delinquente: — continuando a sua soberba descrição do borbório humano, formigando no vae-vem da ponte de Galata, e como para definir o estado de arrebatamento e extase em que o espectáculo o deixara, De Amicis escreve:

"Tutto quæsto non si vede, s'intrevede. Prima che vi siate voltati indietro, vi trovate in mezzo a una brigata di Persiani col berretto piramidale d'astrakan..."

Incapaz de apprehender o sentido, assim desconjuntou o delinquente o primeiro periodo:

"Tudo o que se não vê, entrevê-se. Atravez de um grupo bizarro de Persas com a pyramidal barretina d'astrakan a caír-lhes pelas orelhas..."

Outras vezes esborrifa sobre a prosa de De Amicis algumas palavras com pretensões a eôr local, como nos trechos seguintes:

... "uma zingara desgrenhada caminha andrajosa com o filho mettido num alforge a derrear-lhe a lombada; subito, no meio daquel-

... una zingara scapigliata, che porta un bambino in un sacco appeso alla schiena; un prete cattolico con bastone e breviario, men-

la horda de turcos, gregos, armenios ouve-se gritar *Destour, Destour* (Passagem) e lá surge um immenso eunuco a cavallo, batedor solerte e detestado duma antiga carruagem turca, sarapintada de flores e passarinhos, onde mulheres d'um harem, vestidas de violeta, de verde, velado o rosto pela musselina alva, se apertam timidas, receiosas, como gazellas...

tre in mezzo a una folla confusa di grechi, di turchi e d'armeni, s'avanza gridando: — Largo! — un grosso eunuco a cavallo, che precede una carrozza turca, dipinta a fiori e ad ucelli, con dentro le donne d'un arem, vestite di violetto e di verde, e ravvolte in grandi veli bianchi...

O “solerte eunuco” não trepida em ir assim vitriolando, paginas a fio, as feições encantadoras, vivazes, expressivas, do estylo de De Amicis. Mette-lhe verbos desastrados pelas suas orações ellipticas, engurgita-lhe com adjectivos palermas as phrases syntheticas, luminosas e massiças como *crystaes*...

E' delicioso cotejar, paragrapho por paragrapho, esse trabalho de raspagem charlatanesca, as deturpações, as excrecencias pueris, os appendices apataratados. E ver-se-á como um livro inteiro se fórma de outro, parasitamente, como um enxerto absurdo, contradictorio, de laranja azeda e ordinaria, num tronco de laranja doce.

O delinquente portuguez atréla-se, como companheiro de viagem, a um tal Priester, austriaco com quem “trilhára o primeiro anno da Faculdade de Medicina de Pariz”; e como guia na sua peregrinação através da *Constantinopla* (... de De Amicis) adjudica-se um precioso Salomão, judeu italiano, cheio de malicia e gratidão”.

O cap. III começa assim :

“O nosso Salomão declarou-nos hoje, gravemente, que é um dever irmos ao bazar. Accrescentou até que para um temperamento d'artista essa visita é uma fonte de sensações deliciosas. Salomão é subtil na lisonja...”

Vemos, pois, que o sr. Serpa Pimentel se considera “temperamento d'artista” e decide-se a procurar no grande bazar as “sensações deliciosas”. A' decima linha já constatamos que o arguto Salomão o conduziu perversamente ás paginas (102 e segs.) de De Amicis, illudindo-o com singular espirito :

Primeiro topámos o Balik-Bazar, mercado de peixe, famoso no tempo dos Paleologos que monopolizavam os seus productos para alimentar a população da côrte.

Qui forse si vorrebbe fermare piu' d'un lettore goloso per dare un'ochietta al Balik-Basar, mercato di pesci, famoso fin dai tempi di quel vecchio Andronico Paleoc-



Tempos peiores para o brutal absolutismo dos governantes vieram egualar as classes de compradores, e hoje o Balik-Bazar poderia offerecer ao autor do *Ventre de Paris* uma descripção imponente e appetitosa como as lautas mesas dos velhos quadros flamengos de Steen.

logo, il quale, come é noto, dal solo prodotto della pesca lungo le mura della città ricavava di che far fronte alle spese di tutta la sua corte.

La pesca infatti é ancora abundantissima a Costantinopoli, e il Balik-Basar, nei suoi bei giorni potrebbe offrire all'autore del *Ventre de Paris* il soggetto d'una descrizione pomposa e appetitosa come le grandi mense dei vecchi quadri olandesi.

Não julguem que a traducção clandestina cessou; prosegue, como já dissemos, pelo livro todo.

Observem-se, apenas nesse trecho, as pequenas variantes, algumas adoraveis... De Amicis informa precisamente que o Balik-Bazar era famoso desde o tempo do velho Andronico Paleologo e que este, com o producto das pescarias ao longo do eács, fazia para as despesas da côrte. O sr. Serpa Pimentel rectifica, com superior autoridade: eram todos os Paleologos e esses com os seus productos (!), monopolisados, alimentavam a população da eôrte...

E' talvez um caso pathologico, esse, do escriptor que se irroga a paternidade de uma obra inteira mediante remendos e alterações de tal jaez, tal qual os contrafactores de privilegios que chicanam com a mudança de um parafuso num aparelho ou de uma letra na patente ou marca de fabrica que alceivosamente ambicionam.

Tome o leitor os dois volumes e assista ao desfilar parallelo dos paragraphos, de um lado os esquadroes garbosos e luzidos da tropa italiana, de outro os vaqueiros maltrapilhos do sr. Serpa Pimentel, cambetas, cambaleantes, arrimados aos varapaus. Nem sequer um dialogo que De Amicis figura entre um vendedor e um visitante consegue escapar:

O dialogo trava-se em geral deste modo:

— Não compro nada — responde o viajante perseguido.

— Não tem duvida. Eu só lhe quero mostrar o bazar!!!

— Mas eu não preciso que m'o mostre.

— Mas eu o acompanho gratis!!!

— Não quero ser acompanhado gratis.

Allora segue quasi sempre un dialogo come questo:

— Non compro nulla, rispondec.

— Che importa, signore? Io non voglio che farle vedere il basar.

— Non voglio vedere il basar.

— Ma io l'accompagno gratis.

— Non voglio essere accompagnato gratis.

— Ebbene, non l'accompagneró che fino in fondo alla strada, per

— Bem; então só irei até ao fundo do tunnel para lhe dar qualquer informação que lhe será util quando vier para comprar!!!

darle qualche informazione che le sarà utile un'altro giorno, quando verrà per comprare.

Como se vê, a imaginação “d’artista” do sr. Serpa é tão rica que contribue para o novo dialogo com uma quantidade enorme de pontos de exclamação, aos tres e aos quatro de cada vez. E’ um estratagemas genial, subtil, que torna irreconhecivel o original italiano. Verdadeiro anel de Giges.

Ha mais coizas adoraveis nessa illicita transplantação. Em certo ponto, por exemplo, tratando de vestuarios e tecidos, escreve De Amicis:

“... e in mezzo a tutti questi tesori, le stoffe prosaiche di Francia e d’Inghilterra, dai colori sinistri, che ci fanno la figura della nota d’un sarto in mezzo alle pagine d’un poema.”

O sr. Serpa Pimentel, numa flatulencia de patriotismo, á co-nego Dias do *Padre Amaro*, sublevou o ambiente, satisfeito:

“Empallidecem ao lado estofos de França e Inglaterra, sinistros na cor, contrastando como a conta de merceiro e uma estancia dos *Luzladas*.”

São bellissimos os conceitos de De Amicis relativamente aos cães, borbulhando a sua delicada fantasia em imagens formosas, de commiseração e sympathia pelos erradios reprobos. São tocantes as suas lamentações quanto á sorte dos eunucos, erguendo um brado de piedade humana em prol desses mutilados. De tudo se vae apossando sem cerimonia o escriptor portuguez, despedaçando aqui e acolá preciosidades de estylo para metter no seu alforço de contrabandista.

O sr. Serpa Pimentel via, porém, que a obra de De Amicis tem 575 paginas e sua ex. se contentava com uma de trezentas. A certa altura estava farto, poz-se a petiscar aqui e alli, como um glutão em fim de banquete. Até a pag. 124 vem o seu vagão de cargas engatado á locomotiva deamiciana. Dahi em diante, faz manobras... As pags. 125 e seguintes correspondem a 320 e segs. de De Amicis; as 128 e segs. a 348 e segs.; as 132 e segs. a 306 e segs. e assim alternativamente, aos avanços e aos recuos, propinando-nos em uma prosa ehilra, andrajosa e lastimavel, o que De Amicis vasara no seu estylo fulgido, chispante, movediço, como as escamas de um peixe luminoso.

Richesourcee foi, em 1650, professor de plágio. As suas recomendações principaes eram estas: “dispôr todas as partes da obra escolhida em uma nova ordem; substituir as palavras e as phrases por palavras e phrases correspondentes. Um orador disse, por exemplo, que o embaixador deve possuir *probitade, capacidade e coragem*; o plagiario diria, mudando a ordem dos termos: *coragem, capacidade e probidade*. Isso, porém, não basta, seria preciso substituir expressões por outras correspondentes. Assim, a *probitade* se substituiria *sinceridade* ou *virtude*; em lugar de *coragem* dir-se-ia *força de animo, constancia* ou *vigor de character*.”

A escola de Richesourcee era muito frequentada e nas suas provas finaes naturalmente o nosso Flausino, Fructuoso ou Fabiano de Serpa Pimentel (a quem a Casa Garnier deve pedir contas urgentes), traductor confesso de Heine, de Catulo, de Tibulo e Propereio, e não confesso de De Amicis, autor de outro livro de viagens *Através da Europa* (que não conhecemos, mas será de certo irmão legitimo dos *Eunucos*) obteria condigna collocação.

São Paulo, Abril, 1916.

VEIGA MIRANDA



LEONOR TELLES⁽¹⁾

Leonor Telles é uma das grandes condemnadas da Historia. Os historiadores movem-lhe a mesma guerra atroz que lhe movera, durante toda a vida, a arraia-meuda de Lisboa. O éco das invectivas com que a plebe do seu tempo a flagellou ainda resoa na voz dos chronistas de hoje e o calor do odio que a aprisionou, em vida, num carcere de imprecações, ainda lateja na penna dos historiadores de agora. A nuvem de infamias que a deflagração das paixões populares lhe projectou sobre a figura, deformando-a, não se dissipou. Os modernos areopagitas da Historia olham-na ainda com o mesmo olhar torvo com que a olhava a populaça lisboeta.

Herculano, duro e implacavel, esculpe-a em traços de fogo como uma criatura infernal e, na turbação da sua colera sagrada, atira-lhe, insultuosamente, com o epitheto de Lucrecia Borgia portugueza. Oliveira Martins, menos truculento, mas tão descaravel, dá-lhe o perfil inquietador de uma cortezan fria, impudica e sanguinaria com ambições reaes e põe-lhe, com intenção manifesta de ultrajal-a, o appellido de nova Cleopatra.

A paixão rebenta desses juizos e ha, nessas denominações, um erro patente. Nem Lucrecia, nem Cleopatra.

Lucrecia Borgia, linda estatua de carne que o brilho de uma intelligencia viva banhava de luz, era uma pobre mulher sem vontade. O pae e o irmão, emquanto existiram, maneжaram-na como um brinco de criança. O sinistro scenario de tragedia em que ella apparece na historia outros é que lh'o traçaram. Empurraram-na para elle e alguns poetas, Victor Hugo á frente, chamaram a si a tarefa, pouco cavalheiresca, de lhe fechar as sahidas...

(1) — Antero de Figueiredo, "Leonor Telles", Livrarias Aillaud e Bertrand, 1916.



Lucrecia é a victima inerme de tres calamidades: o pae, o irmão e o Romantismo.

Nos crimes hediondos que lhe pesam na memoria, empastando-a de lodo, ella teve apenas a parte subalterna—de mero instrumento. Diante do pae e do irmão, que eram dois miseraveis perfeitos, falleciam-lhe todas as forças. Amante de ambos, espectadora do assassinio de um dos seus maridos, commettido ás vistas e sob a direcção do irmão, testemunha permanente das maiores ignominias que já se perpetraram impunemente á face da terra, a desventurada acabou por perder o senso moral. Faltou-lhe, nos lances capitaes da vida, aquella energia dominadora que põe fulgurações divinas no olhar e firma no pulso tremulo a arma vingadora.

Entre o incesto e o parricidio ella não teve, como Beatriz Cenci, a coragem varonil de escolher o parricidio. A sua natureza molle e desfibrada arrastou-a para o crime em que era menor a acção de sua vontade...

Tirassem-lhe do eaminho o pae e o irmão, subtrahissem-na á influencia diabolica de um e de outro, e ella teria atravessado a vida, como veiu a terminal-a, amando profundamente os maridos e espalhando, nos salões de seu palacio, entre os mais finos intellectuaes da época, as graças de um espirito culto e o perfume de uma belleza encantadora. Sem o pae e o irmão, ninguem se espartaria, hoje, quando lesse aquelles versos que Ariosto, um dos mais assiduos frequentadores de sua casa, lhe dedicou no *Orlando*:

Lucrecia Borgia, di cui d'ora in ora
La beltá, la virtú, la fama onesta
E la fortuna crescerá nomeno
Che giovín pianta in morbido terreno.

Flor rubra de uma corte tenebrosa, ella carrega uma maldição que não merece. Se aos olhos da posteridade affigura-se um diadema de viboras a cabelleira que lhe emmoldura a tez é porque a posteridade, nem sempre, costuma baixar, através a apparencia enganadora dos factos, até o poço em cujo fundo a Verdade dorme sepultada.

Leonor Telles, mesmo na imaginação de Herculano, era uma mulher radicalmente diversa. O traço dominante do seu earacter foi a vontade e a vontade, mola real de todas as grandezas, foi que lhe talhou a personalidade singular que vive, com cambiantes de luz e de sombra, nas paginas da historia.

Leonor é bem uma flor de altura; Lucrecia é apenas uma flor de salão. Leonor é uma energia que attrahe, concentra e desencadeia outras energias. Lucrecia é um simples vehiculo de energias alheias e, em vez de lhes imprimir, quando as carrega, um vigor novo, amortece o que originariamente já trazem. Leonor é da raça dos que conduzem, Lucrecia é do rebanho dos que acompanham.

Entre Leonor e Cleopatra, flagrante é igualmente o contraste. Cleopatra foi exclusivamente uma cortezan que nasceu rainha; Leonor, nascida fóra do throno, quiz ser e foi, antes de tudo, uma rainha, sem nunca ter sido uma cortezan propriamente dita. O destino equivocou-se com ambas, trocando-lhes os berços.

Accusa-se Leonor, na verdade, de solta nas palavras e destemperada nos costumes, e lança-se-lhe em rosto, como um erime nefando, o adulterio com o Andeiro.

A licença nas palavras e o desconcerto nos costumes não provam por si sós grande coisa. Explicam-se, aliás, facilmente na côrte de um príncipe mulherengo e frouxo, como foi d. Fernando, o qual nem a própria irman sabia resguardar das suas cobiças amorosas, e admittia, nas conversas dos fidalgos em sua presença e comsigo proprio, as expressões mais cruas, os termos mais obscenos, como nol-o attesta a scena edificante que Fernão Lopes descreve a proposito do contrato de esponsaes entre o rei portuguez e a princezinha hespanhola, d. Leonor...

Não é provavel, por outro lado, que Leonor Telles tivesse recebido uma educação esmerada que tornasse imperdoaveis os seus desvios de linguagem. Não teve, certamente, a educação finissima que teve Cleopatra. Mas Cleopatra, se soube nas falas e nas maneiras, poupar os melindres de Cesar, a cuja natureza artistica repugnava a grosseria na linguagem e nos modos, mostrou com Antonio que a sua indole era o de uma zabaneira vulgar, sem peias na lingua nem hesitações na conducta...

Antonio, violento e robusto como um lutador, typo esplendido de exuberancia animal, masculino e tempestuoso, adorava o palavrão; o seu estylo habitual exigia ouvidos rudes e resistentes como a sua mesa ordinaria reclamava estomagos de uma capacidade excepcional. Cleopatra, percebendo-o, deitou á margem os primores de sua educação e entrou logo a disputar-lhe a palma na escolha e no uso dos termos mais reles e mais crespos... Daquelles labios por onde escorria o mel de uma voz de infinita doçura

começou, desde então, para maior gozo do senhor abrutalhado, a desprender-se, em chammas vivas, o fogo de todas as impurezas e a partir, ateando um incendio em cada pupila, a revoada das estrophes lascivas...

A côrte transmudou-se num prostibulo. Não havia capricho do romano que a egypcia não satisfizesse, não havia fantasia da egypcia que o romano não realizasse. Ora, eram funções publicas em que personagens consulares, nu's, o corpo pintado, uma cauda de peixe a cingir-lhes os rins, saltavam no meio da assembléa que se estorceia de riso, ensaiando os passos de uma dança ridicula... Ora, era uma partida escandalosa em plena rua em que os dois amantes, verdadeiro casa le *apaches* reaes, saiam quando vinha a noite, disfarçados em trajos populares, a correr as tavernas e lupanares, provocando conflictos, distribuindo e recolhendo pancadas, na ruidosa explosão de uma alegria eanalha.

Nada ha, na vida da rainha portugueza, que com isto se pareça.

Leonor, muito menos educada, mantinha, entretanto, uma linha natural de dignidade que a impedia de cahir em desregramentos dessa ordem. Os unicos desvios certos de conducta que os historiadores lhe assignalam são os do seu adulterio com o Andeiro. Esses, porém, justificam-se pela paixão tremenda que o Andeiro lhe inspirou. O Andeiro foi o grande, o unico, o desatiado amor da sua vida e, por esse amor, ella sacrificou tudo.

Cleopatra não se degradava por amor; degradava-se por prazer. Seus nervos e seus musculos imploravam uma orgia perpetua. Concubina de quanto potentado a quiz e amante transitoria de varios individuos relativamente obscuros, nem sempre o amor ou a ambição foram o motivo determinante das suas quédas. Dominada pelos sentidos e muito culta, ella tinha, como todas as grandes bargans, os seus caprichos e as suas curiosidades. De Antonio, que era um brutal, gostava, talvez, de repousar em Dello, que era um delicado, "o mais amavel dos homens corrompidos do seu tempo..." Se, de facto, amou Antonio, como parece, amou-o como as prostitutas amam — sem nenhuma ou com muito pouca elevação moral. Amou-o physicamente. O seu amor, como o das rameiras modestas, foi uma mescla perigosa de perfidias e abandonos, de submissão e traições, de seducção e fantasias; foi uma embriaguez pesada e não um sonho azul; foi um veneno que abate e não um cordial que reanima. Felina, colleante, o segredo da sua fascinação estava menos na sua belleza, que não era das mais no-

taveis, que não se podia medir com a da propria mulher de Antonio, Octavia, a desgraçada irman de Octavio, do que nessa coisa vaga, imperceptivel e magnetisadora chamada a belleza do diabo que se desprende de certas mulheres e que envolve os homens como a teia de aranha envolve e retêm o insecto que a toca — para a vida e para a morte.

A sua convivencia com Antonio, uma alternativa constante de violencias inauditas e de expansões desenfreadas, onde o murro succede ao beijo e o beijo ao murro, onde a invectiva insultosa reponta do delirio amoroso e a disputa morre numa onda de luxuria, retrata com exactidão a existencia quotidiana de qual quer hetaria de nossos dias e de todos os tempos e arrea-a do pedestal onde a puzeram os poetas da historia. Cleopatra é apenas uma meretriz de sangue real que a loucura erotica de um romano poderoso precipitou na Historia.

Intelligente e illustrada, não pôde sequer, embora rainha, guardar na imaginação dos posteros essa attitude de soberana distincção que guarda, por exemplo, uma outra irregular, Aspasia, que nunca foi rainha.

Nunca, ou raro, ella soube vencer as solicitações inferiores dos seus appetites e nem sempre teve o sentimento da propria dignidade e da dignidade do throno que occupava. Poucas vezes procedeu como uma rainha deve proceder. Ora, é precisamente o contrario que acontece com Leonor Telles. Leonor, mais bella e menos culta que ella, foi, sobretudo, uma rainha. Não teve uma vida exemplar que se possa apontar como modelo ás donzelas casadoiras, mas tambem não resvalou ao pantanal em que a outra se retouçou.

Só se lhe descobre na vida, depois que subiu ao throno, uma falta séria aos seus deveres de soberana e de esposa, mas essa falta, como já observamos, pôde ser explicada ou attenuada pela paixão, profunda e indomavel, que lhe deu origem. Além do Andeiro não se nomea qualquer outro amante de Leonor e com o proprio Andeiro ella nunca se entregou ás scenas a que Cleopatra se entregava com Antonio. Amou-o desvairadamente; esse amor levou-a a commetter mais de uma imprudencia. Nunca fel-a, porém esquecer-se de que era rainha.

Não seria com Leonor que Cesar faria o que fez com Cleopatra. Leonor não se prestaria, como Cleopatra se prestou, a descer as escadas do throno, abandonar o seu reino e ir para Ro-



ma viver á custa de Cesar, em casa montada por este, como a primeira michela pescada na sargeta das ruas... Cleopatra, vendo o amante derrotado por Octavio, tenta ainda trail-o com o vencedor. Leonor, assassinado o Andeiro, repelle, num lindo movimento de dignidade feminina, a proposta de casamento que o mestre de Aviz lhe manda, e afasta de si, altivamente, o braço, ensopado no sangue do amante, que se lhe offerece para suster o throno em perigo...

Ha, entre ambas, separando-as, um abysmo psychologico. Cleopatra é apenas um temperamento; Leonor é uma vontade.

Leonor é uma alma rija de conquistador que se encarnou, por engano, num corpo fragil de mulher.

* * *

Admira que um espirito atilado e um artista vibratil, como é o sr. Antero Figueiredo, não procurasse, no bello volume que lhe consagrou, estudar a rainha portugueza a uma nova luz e, senão desfazer, ao menos mitigar a severidade da condemnação que sobre ella lançaram todos os historiadores anteriores. Ao contrario, o seu livro, primorosamente escripto, brando de forma é, no fundo, um tremendo libello contra ella.

Explica-se afinal. O sr. Antero Figueiredo, como os seus predecessores, acceita sem discussão tudo o que diz Fernão Lopes na *Chronica de D. Fernando* e na *Chronica de d. João I*.

Nisto, porém, é que, segundo parece, não andaram todos com a devida cautella. Sobre o que se refere a d. Leonor, Fernão Lopes é o que, em direito processual, se chama uma testemunha defeituosa. Intimo e dependente do mestre de Aviz, o velho chronista, vivendo como viveu, entre os maiores inimigos da rainha, tem todas as suspeições para falar de Leonor Telles. A sua parcialidade, que em principio não podia ser repellida pelos historiadores, revela-se, aliás, em mais de um passo da sua *Chronica*: Não ha uma vez que elogie a rainha que não accrescente logo uma observação que destróe o elogio.

A mais elementar precaução aconselha que, para não se esporem desde logo as suas prevenções e não se commetterem injustiças, se apartem, na *Chronica*, o facto do commentario, o que realmente aconteceu da opinião que a respeito o escriptor manifesta.

Ora, de uma leitura de Fernão Lopes, feita com todos os cuidados, a impressão que se colhe não é exactamente a que o sr. Antero Figueiredo, com superior talento, communica no seu livro, que é tanto uma obra de arte, como um trabalho de Historia.

Para o distincto escriptor a ambição de se fazer rainha desabrochava no espirito de Leonor muito antes della ir á côrte e de conhecer o rei. A idéa perseguia-a como um sonho obstinado no seu solar de Pombeiro e era um dos seus refugios contra a monotonia da vida que o marido, João Lourenço da Cunha, lhe proporcionava.

Quer-nos parecer que a fantasia do romancista tomou aqui o passo ao criterio do historiador. A ambição de ser rainha, pelo que se percebe de Fernão Lopes, só muito mais tarde acordou no espirito de Leonor. Talvez nem fosse nella uma idéa espontanea. Razões de sobra existem para fazer acreditar que a idéa lhe foi suggerida por alguém da familia, por seu tio, d. João Affonso Tello.

Como se sabe, d. Fernando não se enamorou perdidamente de Leonor logo da primeira vez que a viu. O amor explodiu mais tarde. Não é provavel, porém, que da primeira vez que a encontrou, a loira sobrinha de d. Affonso Tello não lhe tivesse causado a mais ligeira impressão. Para um rei da sua compleição amorosa, doido por mulheres, sempre a cortejar damas, não podia passar despercebida uma rapariga que Fernão Lopes desereve assim: "era bem manebra em fresea idade, e igual em grandeza de corpo; havia loução e graeios gesto, e todas as feições do rosto quaes o direito da formosura outhorga; tal que nenhuma por então era a ella similhavel em bem pareceer e dulcidão de fala."

E' provavel, é quasi certo, que a figura de Leonor lhe ficasse gravada no espirito e Affonso Tello, que era o *mór privado d'el rei*, não custou a adivinhar o que se passava no intimo do amo e, como esperto cortezão que era, gisou logo o plano de fazer aquella inclinação indecisa tomar vulto e servir ás suas ambições.

Esta hypothese é plenamente corroborada pelas atoardas que correram na époea e que foram recolhidas nas ehronicas do tempo. Dizia-se, por exemplo, que o casamento de d. Fernando com d. Leonor d'Aragão não se realisou por artes do embaixador a quem d. Fernando commetteu a tarefa de o negociar. Esse em-

baixador era d. João Affonso Tello. Elle fez fracassar as negociações — accrescentava-se expressamente — “por casar el-rei depois com sua sobrinha”. Ora, quando occorreu este episodio e estas coisas se repetiam, d. Fernando ainda não estava apaixonado por Leonor Telles nem esta tivera com elle qualquer namoro, como se vê deste lanço de Fernão Lopes:

“Nem el-rei d. Fernando nesta sezão, nem depois ainda por tempo, não tinha sentido de d. Leonor Telles, de que depois se namorou, nem lhe vinha por cuidado nem penso o que depois se seguiu.”

O casamento de Leonor com o rei desenha-se-nos antes como o desfecho de um habil plano de familia, imaginado por Affonso Tello e concertado com as duas sobrinhas, a propria Leonor e Maria, do que o resultado de uma deliberação individual de Leonor e o triumpho supremo da sua arte de seduzir.

Assentado o plano, Leonor foi trazida novamente á corte e seguiu-se, então, o mais que se sabe. O casamento de Leonor com Lourenço da Cunha demonstra, por sua vez, que a idéa do enlace real só nasceu, nella ou no tio, depois do primeiro encontro com d. Fernando. Se tivesse nascido antes, esse casamento não se realisaria. Era elle, exactamente, a unica objecção que parte da fidalguia e a plebe levantaram contra os desejos do rei e o motivo da repulsa com que o povo de Lisboa acolheu a noticia do consorcio real.

Tambem não nos parece fundada a accusação de perversa que o sr. Antero Figueiredo, como os demais historiadores, atira contra a rainha. Ella praticou realmente alguns delictos crucis mas não estamos convenidos de que os tivesse praticado por simples espirito de maldade. Praticou-os visivelmente por necessidade de defesa. A sua indole inclinava-a antes para a brandura do que para a violencia. “Era muito grada e liberal, noticia Fernão Lopes, a quacsquer que lhe pediam, em tanto que nunca a ella chegou pessoa, por lhe demandar mercê, que d’ante ella partisse com van esperanza. Era de muita esmola e muito caridosa a todos”.

A vingança que tomou do povo de Lisboa não foi tão sanguinolenta e tão completa como seria se as offensas que ella recebeu fossem ferir um peito absolutamente inacessivel á piedade. Foram justigados alguns culpados, é exacto, mas outros foram perdoados. “E a muitos que andavam fugidos por esta razão,

perdoou el-rei depois, e não houveram pena." Os acontecimentos e os homens é que a fizeram má.

O unico traço vivo de perversidade da sua parte, é a machinação que armou para levar o infante d. João ao assassinio de Maria Telles.

Mas esse mesmo, uma obra prima de macchiavelismo, é um crime exclusivamente politico: o desaparecimento de Maria Telles era-lhe tão necessario como mais tarde o do Andeiro foi para o mestre de Aviz. Lembremos tambem que ainda eram vivos e formavam na opposição contra Leonor alguns daqueles honrados fidalgos que, por mando de d. Affonso, deram cabo da innocente Ignez de Castro... A época é que produzia frutos deste sabor.

Não ha duvida que Leonor foi uma grande ambiciosa. E', porém falsear-lhe a physionomia, pintal-a apenas como uma ambiciosa secundaria, despida de magestade e de brilho. Havia nella o estofa de uma rainha notavel. O que lhe faltou foi um companheiro á altura da sua energia e uma corte onde houvesse um senso mais esclarecido dos deveres da fidalguia.

O erro maximo do governo de d. Fernando foi a politica que elle adoptou em relação a Castella e Aragão. Esse erro, que muitos querem attribuir a Leonor, é anterior ao dominio della. Os desastres militares de d. Fernando, que tambem lhe querem imputar, são culpas exclusivas do rei e dos seus fidalgos. A propria invasão do reino, apoz a morte de d. Fernando, que á primeira vista parece cair-lhe sobre os hombros, é uma consequencia natural de todos os erros accumulados antes, nos quaes se uma parte lhe cabe não é todavia a maior nem a mais importante...

A infelicidade maxima de Leonor foi a sua paixão para com o Andeiro. Não fosse isso e talvez nem ella perderia o throno nem a posteridade teria della a opinião que tem. Mas a paixão é uma fraqueza profundamente humana, e essa fraqueza, no caso de uma ambiciosa como Leonor, devia grangear-lhe a piedade dos historiadores. Ella mostra que Leonor não era a mulher fria, indifferente, calculista e cynica que a ambiciosa, pura e exclusivamente ambiciosa, tem obrigação de ser.

Não se comprehende que só haja louvores para um rei feliz, como d. João I, que galgou o throno pela porta de um erime evarde e para uma mulher superior que a fatalidade das situações baixou até o crime, só se encontrem vituperios.

A justiça da historia, se é isso, é uma farça como toda a justiça humana. As mesmas pennas que enramam de flores a figura do mestre e cobrem de baldões a memoria de Leonor, deviam accentuar que o primeiro teve a espada de Nuno Alvares para lhe ganhar as victorias e a cabeça de João das Regras para lhe orientar a administração e que a segunda, além de não ter tido ao seu lado um só espirito clarividente e uma só energia efficaz, lutou, sósinha, contra a má vontade de um povo explorado na sua boa fé, a perfidia de uma nobreza desmoralizada e a fraqueza de um marido sem vontade.

Condemne-se Leonor, mas, então, não se absolvam os outros. Contra esse desequilibrio nos pesos da justiça e essa divergencia nas suas medidas, a historia imparcial tem o dever ineluctavel de se erguer.

Pena é que o sr. Antero de Figueiredo não quizesse emprestar a essa obra de equidade historica os fulgores do seu estylo encantador e preferisse cobrir com elles, dando-lhe feições brilhantes, uma tradição que, se não é redondamente falsa, é, sem duvida, exagerada. Mas não nos excedamos na lamentação... O livro do illustre escriptor, tal qual saiu, é delicioso. O drama que nelle se evoca é tecido com os fios de ouro de uma arte literaria consumada e conserva alguma coisa da belleza dominadora da grande mulher que lhe deu o nome...

PLINIO BARRETO.



FACTOS E IDEAS

A TERRA PAULISTA E AS SUAS GRANDES LEGENDAS

S. Paulo póde desvanecer-se de ser a terra onde se passaram os grandes successos mais caracteristicos da nossa vida de povo. Dir-se-ia que o destino teve com a terra paulista o capricho de reservar-lhe essa fortuna de ser na America portugueza o theatro em que se haviam de representar as scenas mais significativas do nosso drama nacional.

Desde a primeira expedição colonisadora, parece que recebera aquelle solo com tanto carinho o espirito da raça, que nunca mais deixou de estar alli, palpitante e forte, o coração da nacionalidade. Essa impressão sente-se muito viva, e em crescendo até nossos dias, ao estudarem-se os annaes que alli se escreveram, e que são, por assim dizer, o centro de toda a nossa historia.

*

Em seguida á entrada daquelles primeiros heróes, que em 1532 fundaram o dominio, apparecem os missionarios que vinham crear a existencia moral. Alli fizeram a sua obra mais bella os padres da Companhia; e em parte alguma do Brasil tem, como alli, qualquer coisa de augusto o incendimento daquellas gloriosas figuras ao deparar-se-lhes, “como uma antevisão do paraizo”, a nova terra “e as searas”...

E' com effeito admiravel “aquella indefectivel grandeza moral com que uns quantos homens, em certo momento de afflicções para a consciencia do mundo, tomam a si, com tanta paixão, a causa mais alta, mais legitimamente humana da



historia moderna do occidente. E o que mais nos espanta hoje, tratando-se daquelles tempos, não é propriamente a dedicação sem limites do jesuita ao encontrar-se com as miserias da familia indigena: o que mais nos espanta é ver como se igualavam e se uniam aquelles homens, com tal espontaneidade de coração, com espirito sempre tão integro e tão perfeito — que se diria serem todos uma unica alma e a mesma indole. Como se explica, adstricto ás leis communs que regem a psychologia humana — como se explica então que entre aquelles homens não houvesse uma falha, um desmentido siquer á fé que juravam? A que prodigios de soccorro, de assistencia divina, deveriam elles aquella uniformidade absoluta de espirito com que *todos* entendiam a missão da Ordem, como se todos fossem um só e mesmo entendimento? Póde-se calcular em mais de cem os padres que trabalharam no Brasil durante aquelles cincoenta annos do primeiro seculo; e entre elles havia portuguezes, italianos, hespanhoes, flamengos, inglezes... Pois bem: não se sabe que tenha havido entre esses homens uma defecção, o mais leve attrito, nem um só que deslizesse, que volvesse do seu caminho, ou que cahisse!

De sorte que o primeiro impulso que se sente ao tratar de taes creaturas é o de dizer de todos elles abstractamente, pois que não ha muito que dizer de um que não esteja um pouco em todos. Haveria, porventura, entre os Jesuitas que serviram no Brasil, quem excedesse, por exemplo, á incomparavel fortaleza de animo, e á lucidez maravilhosa de um Navarro? — ao espirito de obediencia de um Salvador Rodrigues ou de um Leonardo Nunes? — á modestia de um Antonio Pires? — á serenidade de um Manuel de Paiva? — á contricção de um Affonso Braz ou de um Vicente Rodrigues? — ao fervor de renascido, á eloquencia de transfigurado de um Pedro Corrêa? — á coragem apostolica de um Luiz Figueira ou de um Francisco Pinto? Haveria, em summa, quem excedesse á visão calma e perfeita da causa sagrada, ao espirito evangelico, á humildade do mais obscuro dos noviços? Ahi está sem duvida a razão por que todos os chronistas e historiadores da Companhia têm a mesma palavra para cada um daquelles homens: podiam ser varias as obras, mas os obreiros eram sempre da mesma estofa; e cada um delles — mesmo os que se fizeram maiores pelos feitos — julgava-se abaixo de todos os irmãos.



Basta vêr que todos elles escreveram, mas nunca de si proprios. Quem fosse julgar Anchieta pelo que este escreveu persuadir-se-ia de que elle foi o mais insignificante de todos os que por aqui andaram. Nobrega attribue aos seus noviços tudo o que fez”.

Em que tempo se viu na historia homens tão devotados a uma causa?

*

Mas em S. Paulo está a obra mais edificante daquelle novo heroismo. Como já dissemos algures, é ahi que os jesuitas comprehendem melhor que a sorte da catechese, ou um ataque directo e decisivo á barbarie, não seria efficaz si não separando o indio do colono. Fazel-o inteiramente (como depois conseguiram os jesuitas que entraram pelo Prata) não se lhes permittiu aqui, nem estava mesmo nos interesses da civilisação que se ia installar. Submitteram-se, portanto, os padres áquella imposição das circumstancias: foram creando *casas e seminarios* onde se instruissem e educassem creanças indigenas em common com os filhos dos colonos; e ao mesmo tempo foram formando, em pontos não muito isolados no sertão, nucleos de adultos ou *reducções*, onde a catechese se fizesse pela predica, pelo exemplo e pelas pompas do culto.

Estes nucleos de neophytos assim ordenados teriam a vantagem de ficar fóra, tanto das povoações portuguezas como das aldeias dos indios. Deste modo é certo que não se evitava contacto das duas populações, nem isso conviria; mas ao menos dava-se ao indio um meio novo que lhe devia ser menos estranho que a villa. Cada uma de taes *reducções* em regra tornou-se uma villa, e foi um como nexo entre o sertão e a cidade, um meio seguro e pratico de fazer-se muito suavemente a transição da vida da *taba* para a vida urbana.

Entre todos os que se fundaram, o arraial mais famoso, e, sob o ponto de vista da acção do jesuita nesta parte do continente, o mais importante, foi o que se constituiu no planalto de Piratininga.

Se um dia se quizer projectar num grande symbolo toda a historia de S. Paulo, bastará que se represente num quadro, ou numa estatua, a figura de Paiva ou de Anchieta, prendendo com uma das mãos um indio, e com a outra plantando uma cruz no alto de uma collina.

*

Um outro lance admiravel, entre os muitos que enchem a historia daquelles dias, é o da trasladação dos indios já conversos, das aldeias de Santo André para a eminencia onde se ia erigir o collegio, “entre o rio Tamanduatehy e o ribeiro Anhangabahú”. Não desejando que a nova installação se fizesse em nenhuma das aldeias da Borda do Campo, preferiram os padres escolher uma paragem nova, onde tudo se formasse segundo o plano que haviam traçado. Escolhido o logar, “no planalto onde está hoje o centro da cidade”, para ahi tiveram de mudar-se muitas familias já submissas aos padres. Entre os chefes que se trasladaram estavam Tibiriçá e aquelle de quem diz o padre Nobrega no seu *Dialogo* — “o grão velho Saioby, que deixou sua aldeia e suas roças, e se veio morrer de fome em Piratininga por amor de nós, cuja vida e costumes e obediencia mostram bem a fé do seu coração”. Que haverá de mais commovente, e de mais expressivo como testemunho da alma do barbaro que aqui encontramos, do que a figura daquelle velho ao despedir-se para sempre das pobres tendas dos avós, onde vivera cem annos, para seguir outros homens e adorar outros deuses?...

*

Em pouco mais de seculo e meio, o collegio transformara-se em cidade. Isso, no emtanto, valia muito menos do que uma outra transformação que se havia operado. Estava ali creada a nova alma da terra, consustanciando o vigor das duas raças alliadas, e fazendo-se assim capaz de assumir a direcção da corrente que se installára neste lado da America. Esturdia e agitada, a nova alma toma decisivamente o seu papel, e escreve na historia do Novo Mundo a pagina mais brilhante, ampliando a conquista até os Andes. A epopéa dos *bandeirantes*, pela natureza excepcional dos seus episodios, e pelo seu alcance historico, é de tal importancia que seria só por si bastante para renovar o sentimento nacional, se este viesse por acaso a esmorecer nalguma phase imprevista.

*



Logo depois, como obra da investida para os sertões, vem o periodo da riqueza, pelo trabalho das minas. A opulencia gerou o orgulho: este e o amor da patria explodiram em 1822, sendo admiravel que alli mesmo na terra paulista é que se fosse erguer o grito do Ipiranga, como si a historia timbrasse em confirmar assim um predicamento que tres seculos de coragem vinham fazendo.

Tudo isso é bello, e é preciso avivar continuamente na memoria das gerações.

Mas, quando, daqui a seis annos, em 1922, tivermos de celebrar o centenario da independencia, é para um ponto da costa, hoje quasi perdido, que hão de convergir todos os olhares: para aquelle pedaço de terra, sagrado pela cerimonia inicial da nossa historia. E' ali, na praia de Tararé (na antiga bahia de Tumiarú) que desembarcam, em 1532, os nossos maiores, num grande apparatus de insignias e bandeiras, e numa como solenidade de culto. Pero Lopes, ao chegar alli, "adiantou logo estas palavras, como quem se apressa a desafogar-se das longas vicissitudes: *E o capitão poz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolação com verem povoar villas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimonios, e viverem na communhão das artes, e ser cada um senhor do seu... e ter todos os outros bens da vida segura e conversavel* — palavras que recolhemos hoje num sincero enternecimento, com o coração agitado de sentir aquella fé com que a grande alma do heróe chronista abria assim a nossa historia."

*

Houve, até certa época nmas tantas duvidas, que se reflectiam nas varias versões dos historiadores, acerca da paragem do littoral onde haviam fundeado as náus de Martim Affonso, e tambem quanto á data em que se déra esse factó. Entendia-se que, tendo sahido da Guanabara, seguira a frota rumo sul, indo entrar pelo canal da Bertioga e fundear no porto de S. Vicente (hoje porto de Santos); e que dali mandára o capitão a Pero Lopes que descesse até o rio da Prata, a reconhecer a costa. O proprio Varnhagen tinha adoptado esta versão antes de haver descoberto o *Diario* de navegação de Pero Lopes. Segmndo este roteiro, depois que deixou a bahia do Rio, Martim



Affonso só fez estação em Cananéa. Não tocou, portanto, na ida em S. Vicente. Neste porto só veio a entrar, de volta do sul, no dia 21 de Janeiro de 1853. E entrou pelo canal de loeste, desembarcando no sul da ilha, em uma praia perfeitamente abrigada, não longe da qual fundou a primeira villa em terras da America oriental.

E' ali que os panlistas têm de vêr como é que hão de assingnalar o grandioso successo para a commemoração de 1922. Santos, que bem já se poderia chamar — a sumptuosa — não demorará, se fôr crescendo como tem crescido nos ultimos annos, a abranger toda a ilha. Que vá, a opulenta filha de Braz Cubas, caminho da sua grandeza; mas que não se esqueça de reservar e guardar alli com muito ciume aquella praia, onde primeiro puzeram pé os nossos maiores.

ROCHA POMBO.

Rio — Maio, 916.

SALUBRIDADE PUBLICA NO ESTADO DE S. PAULO

“Graças á revisão das rêdes de abastecimento de agua e exgottos das localidades do interior, iniciada pela Engenharia Sanitaria, tem-se obtido a correcção de irregularidades perigosas em varias cidades. Conviria muito que identica providencia fosse tomada em relação a esta capital, estendendo-se, tambem, a rêde de exgottos, á zona urbana ainda não dotada deste melhoramento.”

(Da mensagem presidencial do Dr. Altino Arantes).

Antes prevenir que remediar, diz o rifão. E não ha melhor ocasião de applical-o do que quando se trata da hygiene e da salubridade publica.

As agglomerações humanas constituem os principaes fócios de molestias, que surgem ás vezes repentinamente, como se estivessem em estado latente, esperando apenas o ambiente favoravel para seu desenvolvimento.

Surge, eutão, a necessidade de tratar accuradamente dos serviços de saneamento dos centros populosos, sob os multiplos

aspectos e ramos com que se apresenta. Mais cresce uma cidade, mais a sua população se condensa e agglomera, augmentam tambem as probabilidades de explosões epidemicas, que só serão evitadas quando se cuida a tempo do saneamento local.

Mas, é preciso attender não sómente aos serviços propriamente urbanos, como tambem ao saneamento de uma certa zona adjacente á cidade, eliminando todos os fócos provaveis de onde possam provir as causas de molestias que encontrarão na agglomeração o meio favoravel para se propagarem.

O governo mantém em todo o Estado o serviço de inspecção sanitaria, que muito tem concorrido para a salubridade publica no interior. A hygiene das habitações e as causas mais evidentes que possam concorrer para a falta de segurança sanitaria, são attendidas e fisealizadas com o devido cuidado; mas isto não é o bastante para se estar tranquillo quanto á salubridade de uma localidade.

Os serviços de abastecimento de agua potavel, de esgotos sanitarios e de aguas pluviaes, são, na grande maioria das cidades do interior, desconhecidos em seus detalhes por parte do poder fiscalizador. Em grande numero de cidades este desconhecimento chega á totalidade do serviço, pois não ha, em absoluto, elementos por onde se possa ajuizar do funcionamento das rêdes de abastecimento, de aguas servidas e escoamento de aguas pluviaes. O mesmo se poderá dizer quanto á quantidade e qualidade das aguas fornecidas, de modo a garantir ás populações um supprimento sufficiente e de boa qualidade.

No interesse commum, collaborando todos os municipios para o bem geral, seria facil ao Estado tomar a si o estudo e fiscalisação destas questões, centralizando e uniformizando o problema de saneamento (o que é de grande vantagem) com despesa moderada para os municipios e evitando para o governo uma despesa que não seria justo fizesse sosinho. Continuaria o governo a manter a fisealisação sanitaria espalhada por todo o Estado e as municipalidades contribuiriam então para tratar efficazmente da hygiene preventiva, faelitando os meios de conhecer e projectar o conjuncto das installações das rêdes de aguas e esgotos, extineção de fócos provaveis de infeecção e saneamento geral da localidade. Excluindo Santos, que tem um serviço modelar de esgotos, um abastecimento dagua abundante e de boa qualidade, uma fiscalisação sanitaria que nada deixa



a desejar, e algumas outras cidades do interior que têm serviços identicos em boas condições, poderíamos contar com um total de 22.000 contos para a receita dos municipios restantes.

Se cada municipio contribuisse annualmente com 1 % de sua renda, durante cinco annos, teríamos no fim deste prazo um total de 1.100 contos, que permittiria ao governo ficar conhecendo as condições hygienicas de cada uma das cidades, no conjuncto e nos detalhes, e projectar convenientemente os serviços necessarios onde ainda não existissem.

Se conveniente, esse serviço poderia ser feito em 2 ou 3 annos, para mais rapidamente ficar conhecendo o estado de cada uma das localidades, recebendo o governo o valor com elle despendido no fim de 5 annos, prazo em que os municipios devem entrar annualmente com as suas quotas.

Realizados estes estudos que facultariam conhecer todo o organismo e suas funções, tinham as municipalidades todo o interesse em continuar a auxiliar o governo na fiscalisação e correção desses serviços, que tão de perto dizem respeito á salubridade dos centros habitados.

Contribuindo cada municipio com $1/2$ % de sua renda annual, o total seria de 110 contos. Sendo 180 o numero de municipios existentes no Estado, caberia em media 600\$000 por anno ou 50\$000 por mez a cada um.

Ora, isto é uma somma realmente insignificante em vista das vantagens que podem ter as municipalidades, com a faculdade de consultar e serem attendidas em qualquer emergencia difficil em que se encontrem.

Demais, haveria por parte o governo o compromisso de assumir a responsabilidade de zelar pelas boas condições hygienicas de cada cidade, desde que elle fiscaliza e julga em boas condições o serviço de saneamento local, com pleno conhecimento do que existe e do modo porque funciona.

Todos os problemas municipaes poderiam ser resolvidos de accordo com a fiscalisação, não só os referentes a abastecimento d'agua e esgotos, como todos os outros de ordem technica, concernentes á engenharia ou á hygiene municipal, como viação, calçamentos, illuminação, limpeza publica e particular, codigo de posturas, etc.

Em caracter simplesmente consultivo ficaria o governo apto a attender quaesquer questões suscitadas pelas municipa-



lidades do interior do Estado, enviando o seu parecer e podendo fazer estudos cuidadosos para cada caso especial, o que hoje não acontece, pois, o governo as mais das vezes se nega a acceder a taes pedidos, por falta de meios e de pessoal disponível para esses serviços.

Sómente com pleno conhecimento de causa, isto é, conhecendo em cada caso os órgãos e suas funções, seria possível aos médicos e engenheiros do Serviço Sanitário do Estado emitir opinião que pudesse ter o resultado pratico desejado. E desta forma abandonaria o governo a situação em que se encontra, dos charlatães que pretendem curar, sem ao menos possuírem os conhecimentos indispensaveis de physiologia e anatomia, o que ainda hoje se não póde admittir.

S. Paulo, Julho, 1916.

JOÃO FERRAZ.



RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

A Academia Brasileira resolveu exigir que todo candidato á eleição na casa lho envie uns tantos exemplares dos seus livros publicados. Quer dizer que, sem obra impressa, já ninguém pode pretender ás honras da immortalidade. Até aqui, só se exigia, officialmente, do candidato que tivesse talento e valor. Não era preciso que elle os provasse, exhibindo os seus livros: a Academia reconhecia-os, proclamava-os, e como ninguem tinha nada que vêr com a vida daquella sociedade independente e fechada, é claro que a Academia exercia um direito seu. Exercia-o logicamente. Sendo ella o tribunal superior e soberano das letras, os meritos possiveis do candidato não podiam ter melhor prova do que o proprio facto de ser elle admittido no alto cenaculo. Esta seria a maior, a mais completa e decisiva de todas. Exigindo, agora, que o pretendente mostre a sua bagagem, a Academia prevê a hypothese de que, sem isso, a eleição possa recair em cidadãos despidos do meritos literarios. E' estabelecer condições para um julgamento soberano e sabio, em cujo caracter especial já se acha, naturalmente, incluída a idéa de que elle só se pronuncia depois de maduro exame de todos os elementos do apreciação... É uma vez que se estabelece uma especie de condições, porque não estabelecer logo todas as outras?

Ha uma outra face nesta questão. Determinando, agora, que todo can-

didato exhiba os seus livros, e declarando, com unction, aos crentes da sua magnitude: "Por vossas obras sercis julgados", a Academia como que se olvida de que já recebeu em seu seio alguns cidadãos conspicuos, cheios de qualidades mas notoriamente avessos á letra de fôrma. Em que situação ficam esses cavalheiros, vendo que aquillo que lhes bastou a elles para se immortalizarem já não basta aos que vicrem depois? Então que immortalidade é essa, cuja causa pôde variar de efficacia, valer hoje, não valer nada amauhã? Os referidos cavalheiros devem sentir-se depostos do seu pedestal. E de facto: estão depostos e demolidos. Mas, nesse caso, como os conserva a Academia no seu seio? Como poderão elles querer conservar-se no seio della? E como pôde a Academia manter-se na sua alta posição de suprema côrte da immortalidade, se reconhece que os seus julgamentos não são necessariamente rectos, e implicitamente proclama que já erraram por vezes?

Em summa: a Academia fez muito bem, resolvendo exigir a apresentação das obras. Esta conclusão não é tambem muito logica, mas é sensata. O bom senso consiste exactamente em julgar sem obediencia passiva á filha tentadora de Aristoteles, e ás vezes até contra ella... A Academia é um organismo vivo: nada pôde ter de immutavel o de rigido; evolue. As suas normas de nontem pôdem deixar de ser as de hoje ou as de amanhã, conforme a experiencia fôr ensinando. Afinal,

nada mais justo do que exigir, *a limine*, de todo cidadão que aspire á immortalidade literaria as provas sensíveis de que, além de ser excelente pessoa, tambem escreve alguma coisa. Demonstrado isso, provado quo livros impressos existem, o resto se examinará depois. O que é preciso é que se examine o resto! — Yorik.

BRASIL-ARGENTINA



O acontecimento máximo do mez foi a celebração do centenario da independencia Argentina, e o episodio culminante, nas festas solennes com que os argentinos commemoraram essa data, foi a parte que nel-

las tomou o Brasil por embaixada excepcional.

A *Revista do Brasil* presta nestas linhas uma homenagem de viva sympathia á grande nação sul-americana e de profunda admiração ao chefe incomparavel da embaixada brasileira — Ruy Barbosa.

Essa embaixada ficará na Historia pelo seu esplendor espirital, como ficou a de Buckingham á côrte de França pelo seu esplendor material. Dos labios de Ruy Barbosa rolou, nas salas argentinas, um rio de eloquencia mais bello e mais precioso que o rio de perolas que nos salões francezes rolou do manto do Buckingham.

O DIREITO CRIMINAL MODERNO

Projecta-se actualmente na Hespanha a reforma da sua justiça criminal. E' um velho assumpto este,

abordado frequentemente polos mais cultos povos, sem que, entretanto, se lhe dê a orientação desejada.

Já Henrique Ferri, ha annos, aconselhava que taes reformas deviam começar pela remodelação dos cursos juridicos. Na opinião deste criminalista, os alumnos das Faculdades de Direito, após dois annos de estudos communs, deviam ser separados: — de um lado ficariam os candidatos ao bacharelato em Direito Civil; do outro, os que se destinassem ao bacharelato em Direito Criminal. Assim, desde o inicio da sua profissão os moços estudantes iriam seguindo com mais segurança o verdadeiro caminho das suas predilecções.

Valentim Acevedo, em recente publicação, parece esposar as mesmas conclusões, e as quer ver adoptadas na Hespanha.

Chega até a propôr a creação de uma *Faculdade de Criminologia*.

Dessa Faculdade sairiam os juizes do futuro, regularmente aparelhados para as luctas do Direito Criminal.

E entende o autor citado que para fazer-se, hoje, racional applicação dos principios scientificos da Criminologia é visceralmente necessario dar-se outra orientação aos estudos juridicos. Diz mais ainda: quer a suppressão do Direito Romano desso curso que se fundasse para os estudantes de Direito Criminal.

Reforçando as suas asserções, cita um trecho de Ferri: "No que diz respeito á capacidade scientifica dos juizes, ha uma confusão irracional entre a missão do juiz encarregado das questões criminaes e a dos que têm a seu cargo a solução de questões civis.

No Direito Civil o motivo ou causa não é o homem, mas a relação juridica, o contracto, o testamento.

No Direito Criminal, ao contrario, o homem é a causa essencial. Os estudos necessarios para chegar ao conhecimento do Direito Civil (Historia, Direito Romano, etc.) nenhuma importancia têm quando se trata de Direito Criminal, que exige outros conhecimentos, taes como o de Anthropologia, Medicina

Legal, Sociologia e Sciencias annexas."

Na opinião do publicista cujas idéas aqui estamos resumindo, o juiz, adquirindo por meio de suas investigações nas clinicas criminaes, isto é, nas prisões e asylos, uma mentalidade jurídica bem differente da que actualmente revelam, *ipso facto* melhormente apparelhados se sentiriam para o exacto e escrupuloso desempenho da sua alta missão social.

E tanto isto é verdade que Berner affirma que a verdadeira reforma do Direito Criminal só se fará quando os criminalistas se convencerem de que as suas observações devem ser feitas nas penitenciarias e não se inspirarem tão sómente em abstracções philosophicas.

Neste particular andaram ajuzadamente a Hollanda, a Noruega, a Argentina, cujos codigos são modelares.

O da Argentina, reformado em 1906 por uma commissão composta de cinco juristas e de um medico legista, é indubitavelmente uma das mais bellas manifestações da cultura desse povo. — M. O. H.

BIBLIOGRAPHIA

Matheus de Albuquerque — *Sen-
sações e reflexões.*

O livro do sr. Matheus de Albuquerque é uma collecção de artigos de jornaes. Não é, entretanto, apesar disso, um livro futil. O joven escriptor, de temperamento vibratil e de cerebro fecundo, sabe registrar de maneira interessante as sensações que o espectáculo da vida, num grande centro como o Rio de Janeiro, desperta em nervos artisticos e as reflexões que os individuos e as coisas, nos grandes como nos pequenos centros, provocam em espiritos finos e cultos.

O vicio frequente em publicações dessa natureza é a trivialidade. A literatura de jornal, apressada e alviçareira, resente-se habitualmente da carencia de certa originalidade nas idéas e de certo apuro na forma.

Alguns procuram disfarçar a primeira com o abuso do paradoxo e a segunda com o excesso de adjectivação coruscante.

O sr. Matheus de Albuquerque não é absolutamente innocente desses dois peccados; ha, porém, nos seus escriptos, uma dóse tão grande de coisas bellas, bem pensadas e bem traduzidas, que se lhe perdoam tudo...

O seu estylo, harmonioso e plastico, ás vezes demasiado solenne e palavroso, denuncia o cinzel de um artista exigente; a sua linguagem, rica de tintas, vigorosa e flexivel, adapta-se docilmente ás variadas cambiantes de pensamento e de sensação que o artista procura exprimir ou simplesmente suggerir.

A sua forma é, numa palavra, excellente. Considerado por esse aspecto, o livro é realmente brilhante.

No que toca á substancia, faz-se mistér, porém, alguma reserva. Não faltam ao sr. Matheus de Albuquerque idéas novas e pontos de vista originaes mas o amor ao inedito levou-o talvez longe de mais. Ha juizos e apreciações suas sobre homens e episodios que não passam de exagerações de um espirito mais preocupado com espantar do que com acertar... Dir-se-ia por vezes que a musica dos periodos lho adomece a reflexão e as idéas, afrouxadas as redeas em que a razão as prende, se deixam rolar, umas sobre as outras, tumultuosamente, sobre o dorso das ondas sonoras...

E' assim, para citar um só exemplo, que, depois de affirmar em certa altura de um ensaio — aliás esplendido — sobre Rio Branco que o desconhecimento da historia patria é devido, no Brasil, não tanto ao povo, que está prompto a lêr, mas á ausencia de um predestinado que a saiba escrever, diz, logo adeante, lamentando que Rio Branco não nos houvesse legado um estudo sobre o nosso "miserio passado": "Talvez Rio Branco, com a sua rara experiencia de sabio e o seu amavel scepticismo de artista, acabasse por se convencer da inutilidade do um tal sacrificio. Para

que escrever no Brasil, se aqui não ha platêa, e o extremo consolo da posteridade se vai tornando cada vez mais duvidoso?

Escrever, para provocar, involuntariamente, entre letrados, a velha recompensa dos parallelos humilhantes ou, quando muito, no caso de Rio Branco, merecer a gloria de ser commentado por notabilidades criticas, como o sr. José Verissimo, e equiparado a maravilhas officiaes de saber historico, como o sr. Capistrano de Abreu?"

Isto basta para mostrar a superficialidade de algumas reflexões e que os proprios ensaios sobre varias personalidades nacionaes, que são os fragmentos mais solidos do livro, se resentem dos vicios peculiares ás chronicas de jornaes — amadurecimento imperfeito das idéas e ancia irreprimivel de ferir, deslumbrando-a de qualquer forma, mesmo com sacrificio da verdade e da justiça, a attenção do leitor.

*

J. Pires do Rio — *O Combustível na Economia Universal.*

E' um trabalho de valor da competente lavra do Eng. J. Pires do Rio, que nelle estuda um dos problemas de mais alto alcance para o Brasil, sob o ponto de vista da influencia do meio cosmico na evolução economica das nações, á luz dos conhecimentos das sciencias physicas. Explica-nos o A. os factos da historia technica da metallurgia e da mecanica applicada, sobre os quaes se baseia a explicação do surto da Inglaterra, que, na vanguarda das nações, se conservou durante todo o seculo XIX e, mais tarde, o apparecimento dos Estados Unidos e da Allemanha, que pretendem hoje dividir com o Reino Unido o dominio do commercio mundial. Os principaes factos de physica e de chimica necessarios a um elementar conhecimento do material, a quo Gustave Le Bon attribue o papel principal no desenvolvimento da Allemanha moderna, são elucidados pelo sr. Pires do Rio á luz de um criterio positivo. Para uma

clara comprehensão dos grandes phenomenos economicos da phase actual do progresso das industrias, a que se ligam as grandes correntes de factos sociaes e politicos dos nossos tempos, não esqueceu tambem o A. de lembrar alguns factos de geologia e de geographia assim como as noções indispensaveis de engenharia de minas. Na conclusão, o A. estuda a questão do melhoramento da qualidade de combustivel nacional, pelos tres processos differentes: a) pela "briquetagem" do carvão lavado; b) pelo emprego do carvão nos gazo-genios; e) pela queima do carvão pulverisado.

O volume ora publicado pelo Eng. J. Pires do Rio é sem duvida um grande serviço prestado ao nosso progresso economico. "Abandonomos, diz o A., as phantasias que acalentamos desde que Pero Vaz do Caminha, com a satisfação dos que dão boas noticias, dizia na sua primeira chronica, louvando a nossa terra, que "em tal maneira é graciosa que querendo aproveitar dar-se-á nella tudo por bem das aguas que tem"; precisamos estudar, analysando factos, as possibilidades de cada um dos tratos do nosso immenso territorio, porque fugirmos á idéa ingenua de acreditarmos possiveis verdadeiras inversões de leis naturaes, quaes, por exemplo, a de crear carneiros no Norte e a de cultivar a soringueira ou cacáu no extremo sul."

Rematando o volume a que nos referimos diz o sr. Pires do Rio: "Pelo estudo da historia economica universal, pelo estudo da geologia do Brasil, da sua geographia economica, pelo estudo da metallurgia, tudo com vista na exploração dos methodos universaes de trabalho mecanico, chegaríamos a nos libertar desse optimismo leviano ao considerarmos o valor de nossa terra o desse pessimismo injusto ao apreciarmos o valor do homem brasileiro; fugiríamos, então, a esse patriotismo estrabico de amor ao solo e desprezo pelo nosso patricio."

*

Antonio Cabral—*Eça de Queiroz*.

O escriptor portuguez, sr. Antonio Cabral, acaba de publicar um volume consagrado ao estudo de Eça de Queiroz.

Da vida e da obra do grande romancista quasi nada o livro encerra que seja novo. As apreciações criticas do sr. Cabral tambem pouco contribuem para o conhecimento, mais profundo e mais perfeito, da extraordinaria organização litteraria do Eça de Queiroz. São, por vezes, penetrantes mas não trazem, quasi sempre, muita originalidade. No trabalho, cheio de sympathia, de Batalha Reis e no perfil, cheio de maldade, de Fialho de Almeida, ha traços mais vivos e mais numerosos para a composição definitiva da figura, por varios titulos, superior, que o sr. Cabral quiz evocar.

O livro tem, entretanto, o seu merecimento.

Recorda alguns episodios, que já iam caindo no esquecimento, e contém diversos fragmentos ineditos, inclusive algumas cartas de Eça a Oliveira Martins e outros amigos, que são de um alto interesse.

Francamento infeliz só nos pareceu um capitulo — o que é dedicado aos *plagios de Eça*. Muita coisa do que alli se transcreve para mostrar que Eça reproduzia, frequentemente, idéas e phrases alheias como se fossem proprias não tem a importancia que o sr. Cabral lhe deu.

Ou são idéas corriqueiras que já ontraram, de ha muito, para o patrimonio commum da humanidade e que estão, portanto, á disposição de toda a gente, ou são meros encontros fortuitos de pensamento e de expressões, ou inconscientes reminiscencias de leitura. Não constituem, de modo algum, essa miseria intellectual que é o plagio, o qual, como furto que é, suppõe um acto de vontade, consciente e determinado.

Alguns dos plagios attribuidos a Eça de Queiroz são da mesma natureza daquelle que o celebre humorista descobriu num discurso e que resalta do dialogo travado entre elle e o orador:

— Conheço todas as palavras do seu discurso. Não são novas.

— Não é possível!

— Tenho-as commigo.

— Desafio que o prove.

E o humorista apontando-lhe um dicionario:

— Estão todas aqui dentro.

*

Nazareth Menezes—*Ruy Barbosa*.

Já se começa a fazer, em torno da personalidade gigantesca do sr. Ruy Barbosa, o trabalho de collectanea de documentos e classificação de factos indispensavel para inieio do monumento biographico que, mais cedo ou mais tarde, as nossas letras lhe hão de tributar.

Para essa obra, relativamente apagada e ingloria, requer-se uma tenacidade de apóstolo e um cariuho de filho. Os documentos andam esparcos e os factos esquecidos ou deturpados...

Ao sr. Nazareth Menezes parece que não faltam a pertinacia o a dedicação que a tarefa exige. O livro que escreveu sobre o eminente brasileiro e que visa preparar o terreno para obra de mais folego attesta que lhe não fallecem algumas das qualidades essenciaes para execução dessa obra preliminar de paciencia.

Elle é o primeiro a reconhecer que o seu trabalho é um ligeiro esboço, o que desarma a severidade da critica, e a dar ás suas paginas o caracteristico exacto — definindo-as como "traços que servirão modestamente no decalque para a feitura do perfil completo".

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

TRIBUNAL MEDICO

A noção da responsabilidade dos actos praticados por um individuo, no meio social a que pertenco, é uma das bases de equilibrio natural

e indispensavel á vida do homem em sociedade.

Se cada qual fosse livre de bem fazer o que julgasse conveniente, sem que uma repressão viesse demonstrar a existencia, acima de nós, de um freio que regula os nossos deveres e direitos, traçando as normas dentro das quaes nos devemos conduzir, — o mundo seria, certamente, a desordem, a confusão, o horror e a negação, emfim, de tudo quo é moral o digno.

Assim encarada, em poucas palavras, a vida gregaria do homem, a noção da responsabilidade define-se e positiva-se sempre que uma infracção ás leis do direito ou da moral põe em movimento o machinismo que regulariza a marcha normal do homem no meio em que vive.

Ha, nos dias do hoje, uma lei geral que pune, sem distincções, os culpados ou criminosos, não procurando saber a sua jerarchia social. Desde que o individuo infringiu as suas prescrições, está sujeito ás penas correspondentes ao caso, tendo que se submeter aos processos communs de julgamento.

Ha classes, entretanto, que para certas especies de faltas commettidas dentro dos limites da propria profissão, sejam ellas de natureza technica ou disciplinar, possuem uma legislação especial, um tribunal particular, composto de membros da mesma classe, legislação e tribunal que julgam e comminam penas adequadas a cada caso, implantando, dest'arte na classe, o respeito, a fiel observancia das leis, a disciplina e a moralidade.

Este é o caso das classes armadas que, apezar de sujeitas ás leis civis por crimes communs, resolvem as questões de certa ordem no mesmo meio em que ellas se geram e desenvolvem, isto é, no seio da classe.

Resulta disso, incontestavelmente, grande vantagem para a corporação militar, porque a sua moralidade e prestigio ficam dependendo da vontade, do criterio, da energia, da pureza de sentimentos dos seus membros, sendo facil prevêr-se o quanto elles se esforçarão para le-

vantar o nivel moral e disciplinar dos seus camaradas e collegas.

Pois bem: é, nas devidas proporções e limites, uma obra semelhante, a que se pretende crear no nosso meio, relativamente á classe medica.

Não será uma originalidade nossa a installação do "Tribunal Medico", no Rio de Janeiro, porque tribunaes dessas ordem têm existido e ainda existem em muitos paizes da Europa, havendo na Allemanha particular sympathy por essa instituição do indiscutivel utilidade.

O "Tribunal Medico" não pretende, nem poderia pretendê-lo, julgar os medicos o os seus crimes communs, de alçada privativa da justiça publica.

O que o "Tribunal Medico" virá fazer é pôr um paradeiro ao procedimento incorrecto de certos profissionaes, nas suas multiplas modalidades, evitando scenas edificantes e depoimentos que só têm como resultado o desprestigio e a desmoralisação da nossa classe.

Essa nobre instituição prestará ao nosso meio inestimavel serviço, punindo aquelles que esquecem os seus deveres de homem e profissionaal, para se lançarem avidamente na conquista de certas posições, desprezando a linha do conducta honesta e digna, chafurdando-se em meios improprios e deleterios.

A pratica da medicina obedece a certas leis, traçadas pela deontologia, das quaes nos não podemos afastar sem quebra da dignidade, profissionaal, e, ás vezes, até, pessoal.

Para muita gente isso parece um facto sem importancia, duvidando, alguns, da sua existencia, pela difficil comprehensão de que estas leis existam e sejam todos os dias desprezadas e espezinhadadas!

Os proprios medicos encarregam-se de dar provas dessa ordem aos doentes, na faina ingloria de um renome, que elles nunca consoguem, porque, mais dia, menos dia, so vêm a saber os processos usados por aquelles que, sem ideal na vida, correm atrás das posições commodas e das vaidades fôfas.

O "Tribunal Medico" virá desmascarar os hypocritas e deshonestos da profissão, fazendo com que elles se vejam na contingencia de apresentarem-se taes quaes são realmente; dahi o medo que muitos têm da victoria dessa idéa e da sua execução; dahi a guerra surda, ás vezes, ou franca, em outros casos, que essa idéa deve soffrer.

Compreende-se que um espirito bem formado e superior, acostumado á pratica de actos honestos, possa apresentar certas reflexões relativas á constituição do "Tribunal Medico" no nosso meio, demonstrando as difficuldades que poderão surgir para sua organização e funcionamento. O que se não comprehende é a opposição parva e injustificada daquelles que já condemnados no conceito publico, por acções degradantes, procuram lançar sobre uma idéa nobre a maldade de uma calúnia, ou a peçonha da inveja.

Cogitando-se da criação de um eodigo de ethica medica, que precise bem os deveres e direitos dos medicos, é natural, é justo, é indispensavel que se funde o "Tribunal Medico". Este será o complemento daquelle; o Tribunal será a garantia da observancia dos preceitos do eodigo.

Ainda ha dias perguntava illustre professor e varios membros do "Centro Medico", se, preparado o eodigo, dispunhamos de meios para sua execução.

A resposta aqui fica nestas poucas linhas: a fundação do Tribunal e o seu funcionamento garantirão a exequibilidade dos preceitos do eodigo. — (Dr. Belmiro Valverde, *Correio da Manhã*).

HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS A QUESTÃO SHAKESPEAREANA

O primeiro esboço da vida de Shakespeare foi publicado em 1709 por Nicholas Rowe e reproduzido quasi sem alterações até os primeiros estudos de Malone, em 1778.

Era uma variação breve, fundada sobre tradições vagas. Quando se quiz ter sobre Shakespeare mais informações, começaram a apparecer varias versões da sua vida. Essas falsificações — que o eram, na realidade — foram iniciadas por George Steevens, em 1763; continuadas por John Jordan e William Henry Ireland; e completadas com grande audacia, por John Payne Collier do 1835 a 1849. Em 1860 começaram as discussões sobre a authenticidade das descobertas de Collier, e, com isso, foram tomando corpo as duvidas que, havia já algum tempo, se levantavam sobre a exactidão da biographia tradicional do poeta.

Começou-se por dizer que Shakespeare não era um nome, mas um pseudonymo. As poucas noticias que temos sobre Shakespeare, dizem, — não permittem affirmar nem mesmo que elle sabia escrever. Aos 13 annos, segundo a hypothesis mais accetavel, sahio da escola. E que podia elle aprender numa escola primaria até essa idade? Depois foi empregado num açougue. Aos 18 annos e meio, casou-se, com uma camponessa mais velha do que elle e que havia seduzido... Dois ou tres annos depois desaparece da sua aldeia — Stratford on Avon. Só seis ou sete annos mais tarde é que o encontramos em Londres.

Que teria feito durante esse intervallo de tempo? Ninguem sabe. A sua chegada a Londres é fixada em 1592. Ahi leva Shakespeare uma vida de miseria, até que, voltando á terra natal, morre em 26 de abril do 1616, provavelmente em seguida, a libações copiosas. A' vulgaridade desta vida se oppõem os esplendores, as elegancias, os refinamentos, e as riquezas do theatro shakespeareano. O autor dessa obra não podia ser senão um alto personagem, homem de côrte e de guerra, pratico dos negocios publicos, versado nas linguas antigas e modernas, apaixonado pela caça, pela leitura e pelas viagens. Sómento Bacon — affirmam-n'o 500 ou 600 livros publicados depois de 1848, podia ser esse homem. E não faltam analogias entre a sua obra e a de

Shakespeare. Pelas palavras e phrases empregadas por ambos pode-se estabelecer um parallelismo do estylo. Tambem muitas idéas são semelhantes. E a mesma concordancia quiz-se vêr entre factos da vida do Bacon e algumas particularidades da obra de Shakespeare. Ainda mais: em manuscritos de Bacon, descobertos em 1867, lêem-se o nome de William Shakespeare, os titulos *Ricardo II* e *Ricardo III*, alguns versos do poema *O rato de Lucrecia* e a palavra de baixo latim, que se encontra nas *Fadigas de amor perdidas* — *Honorificabilitudo*. Esta palavra tornou-se o ponto de partida de uma nova theoria baconiana, e varios autores quizeram mostrar que *Honorificabilitudinitibus* é um anagramma do hexametro latino *Hî ludi, F. Baconis nati, tuiti orbi*, isto é: "Estas obras, filhas de Bacon, são conservadas para o mundo..."

Mas essa theoria não reforça muito a hypothese baconica, que não resiste a um exame demorado.

Além de ser natural que dois grandes escriptores contemporaneos tivessem linguagem e idéas de alguma forma parecidas, é preciso recordar ainda que Bacon deixou versos (uma traducção de alguns psalms), dos quaes não se conclue que elle tenha sido capaz de escrever um só dos versos de Shakespeare; nem ha comparação nenhuma entre uma "Mascara" que elle compoz e o theatro shakespeareano. O absurdo da heresia baconiana é tão evidente, por muitas outras razões, que um segundo grupo de criticos negativistas comprehendeu a necessidade de encontrar outra explicação. Celestino Demblon é o representante mais autorisado dessa nova corrente, para a qual o autor das obras publicadas com o nome de Shakespeare foi Lord Rutland. Demblon mostra, com effeito, que ha estranhas coincidencias entre a obra de Shakespeare e a vida de Roger Manners, quinto conde de Rutland, nascido em 1576 e morto a 26 de Junho de 1612 — coincidencias de factos e de datas que seria longo resumir, mas das quaes

so pode dizer, em summa, que não bastam a convencer que Rutland tenha sido Shakespeare.

Demblon trata com ironia os Shakespeareanos e especialmente Sir Sidney Lee, personificação da these que elle combate. E comtudo é a este admiravel biographo de Shakespeare, e á nova edição revista e augmentada, do seu livro consciencioso, minucioso, methodico e prudente — *A Life of William Shakespeare*, que se pôde hojo podir, após as ultimas indagações e as mais recentes descobertas, a solução do problema.

A solução de sir Sidney Lee é esta: o antagonismo que se quiz vêr entre o homem o o poeta não existe. Gullherme Shakespeare não foi filho de um vilão tão rude como disseram. A escola de Stratford não era a pobre escola primaria de aldeia em que um rapaz não pudesse receber os rudimentos de uma cultura classica. Stratford não era tambem uma aldeia em que se não lêsses, tanto que John Marshall, cura da vizinhança, possuia cento o setenta volumes dos melhores, havendo outras bibliothecas importantes.

Não é, pois, fóra de proposito, attribuir a Shakespeare uma primeira educação bastante ampla, e quo elle, provavelmente, alargou ainda mais durante o tempo de que so não conhecem noticias suas, isto é, da partida de Stratford até os inicios da sua carreira theatral em Londres. Pode muito bem ser que seja verdadeiro o que a tradição affirma delle: que nesses primeiros annos da sua vida em Londres o seu serviço fosse segurar á porta dos theatros os cavallos dos fidalgos. Convenhamos que elle precisava viver. Em 1592, porém, começam os sous triumphos de actor e de autor. Em 1596 e encontramos em condições de relativa abastança. E' tão extranho isto para admittir que elle tenha vendido o seu nome!

Com um estudo preciso dos ganhos do comediante autor, Sidney Lee demonstra que a renda media de Shakespeare devia ser do cerca de quatro mil francos por anno (equivalentes a uns vinte mil fran-

eos hoje) antes de 1599; e de mais de dezeseite mil depois desse tempo. A sua riqueza, pois, não tinha nada de mysteriosa. Quando em 1611 Shakespeare se retirou para Stratford, não levou ahi a vida de bebedor vulgar: as suas relações eram as melhores do lugar e grande o seu prestigio. Com tudo isso não era mais que um modesto burguez. A sua unica ambição foi possuir fortuna bastante a garantir-lhe a subsistencia. Para conquistal-a, havia abandonado a sua terra. Para fruil-a, voltava a Stratford. E nem suppunha ser tão grande: é que o genio por vezes se ignora a si mesmo com grande simplicidade; e porque a sua produção é tão natural que não lhe parece resultante de uma potencia extraordinaria.

Mas os posteros, para os quaes Shakespeare é sublime e unico, surpreendem-se dessa vida tão simples, igual á de quasi toda a gente. E é essa a razão por que inventaram o mysterio shakespeareano. — (Firmin Roz, *Revue des Deux Mondes*).

OPINIÕES SOBRE O «DOM QUIXOTE»

Um escriptor hespanhol fez ha pouco um inquerito muito interessante sobre o *Dom Quixote* de Cervantes, pedindo a varios escriptores francezes a sua opinião sobre esse livro. Eis o que disseram alguns delles:

Julien Benda, depois do ter declarado que, na sua opinião, o *Dom Quixote* não encerra nenhum symbolismo, affirma que o valoroso fidalgo é um cavalleiro que se distingue muito dos... allemães. E nessa ordem de idéas continuá a sua resposta. Leon Bloy declara que não ama *Dom Quixote*. "Este livro muito famoso, divertiu-me — escreve elle — quando tinha dezeseis ou dezoito annos. Mais tarde, me entediou e me revoltou. Eu não posso tolerar que as grandes coisas sejam ridicularisadas, — e a cavallaria ó, com certeza, uma dessas grandos coisas, uma das mais bellas que os homens tenham visto jámais". Para Leon

Bloy, o cavalleiro da Triste Figura poderia ainda ser supportado, mas Sancho Pança é que não: "O appetite brutal, contrariamente, systematicamente opposto ao sonho, o ventre que vence sempre o enthusiasmo, e o riso grosso da multidão á face dolorosa da poesia — eis o que é intoleravel no *Dom Quixote*. Remy de Gourmont responde dizendo que elle não compartilhava o sentimento commum relativamente á obra prima hespanhola. "Atenhome, escrevia elle, á opinião que corria no seculo XVII: *Dom Quixote* é um romance comico e satyrico, um romance que põe em ridiculo, e consegue-o — a moda dos romances de cavallarias que fazia andar á roda a cabeça da Hespanha. Longe de defender a cavallaria, que apprecia na bibliotheca de *Dom Quixote*, Cervantes a põe em ridiculo, mas com tal bom humor, que isso acaba por parecer sympathia. De resto, na sua época, ella era já ha tanto tempo morta, que não podia tratar-se della, mas da idéa de que com ella se faziam romances ridiculos..." Daniel Halevy narra que os escriptores francezes actualmente em serviço militar, publicam um *Boletim dos escriptores em campanha* que tomou por epigrapho justamente uma phraso de Cervantes: "Não ha melhores soldados do que aquelles que são transportados do campo da cultura literaria aos campos de batalha. Todo homem de estudo que se torna homem de guerra, é um valente." Mauricio Maeterlinck escreve dizendo que não podia responder com a liberdade de espirito que seria necessaria: "Para nós, que nos achamos no coração da grande guerra, é impossivel desviar o pensamento para qualquer outra preocupação. Em tempo de paz, eu teria falado longamente, e com satisfação, do grande Cervantes. Hoje direi simplesmente que *Dom Quixote* foi como *Robinson Crusó* — uma das primeiras, uma das mais caras e inesqueciveis leituras da minha infancia. Considero-o como um dos livros fundamentaes da humanidade. Como Homero, Shakespeare e a Biblia, elle é uma das fontes da

nossa formação intelectual e moral". Emilio Verhaeren, entretanto, confessa não ter lido nunca o *Dom Quixote*, como não leu também outras obras primas, as de Tasso, Dante ou Milton. "Todavia, continúa elle, *Dom Quixote* é um dos personagens imaginarios que eu mais admiro no mundo. Imagino-o perfeitamente... Elle era o que eu teria querido ser e que me julgava capaz de ser: o homem bastante nobre e bastante grande para resignar-se a ser troçado sempre, sem decair. E' preciso sentir-se fortissimo para admittir constantemente uma tal attitude na vida, deante da habilidade, da falta de eserpulos e do arrivismo de todos os tempos..."

VARIÉDADES

AS FRUTAS CONTRA AS DOENÇAS

Em um artigo publicado na "Contemporary Review", a sra. Mary Drew mostra as vantagens da dieta vegetariana com base nas frutas, recomendada pelo medico inglez William Aird. A autora diz ter ella propria experimentado o tratamento, sarando de uma arthrite na articulação femural que ha muito a atormentava e para a qual já não encontrava mais remedio na medicina. A sua alimentação consiste na seguinte: pela manhan, uma banana; ao almoço e ao jantar, vegetaes em salada, fruta e nada mais.

Aboliu o chá, o café e as outras bebidas estimulantes; também abolidas as carnes; e, quanto aos vegetaes, só admittiu os que se podem comer sem cozinhar. Eis, em poucas palavras, as idéas do dr. Aird:

A maior parte das doenças que affligem os homens na idade madura é proveniente de uma alimentação inconveniente. A ingestão de alimentos improprios impõe ao organismo um trabalho para o qual elle não foi feito. Cada órgão é destinado a realizar uma determinada função: ora, comendo alimentos improprios, nós obrigamos os diver-

sos órgãos a realizar um trabalho supplementar destinado a eliminar a parto do alimento que não serve á nutrição. Tudo isso produz a fadiga dos nossos órgãos mais importantes, e, com o andar dos annos, dá origem ás doenças do coração, dos pulmões, do figado, dos rins, etc.

Muito prejudicial é o uso de alimentos cosidos, concentrados, conservados, etc. O cosimento, assim como outras maneiras communs de se transformarem os alimentos, alteram a composição chimica das substancias alimentares e destrócm a vida que nellas existe. Assim, praticamente, o que geralmente comemos são substancias mortas quo no organismo se transformam em vermes. O uso de alimentos artificiaes quebra o equilibrio das funções organicas, ocasionando muitas perturbações e predispondo para as doenças. Para restabelecer o equilibrio organico precisamos fornecer ao organismo somente alimentos naturais, na forma pela qual a natureza nol-os offerece. Limite a vossa alimentação a alimentos que não precisem ser cozinados, como frutas e verduras, e vereis como se vos tornará aquelle bem estar proprio da infancia; desapparecerão as perturbações, os signaes precursores da velhice, a fraqueza, o cansaço que acompanha o trabalho.

A renuncia ás carnes e ás bebidas estimulantes como o vinho, o café, o chá, produz primeiro uma reacção: quem adopta a dieta vegetariana deve quasi sempre atravessar um periodo de fraqueza e de depressão, acompanhado de perda de peso. Isso, porém, é transitorio, e será logo fartamente compensado pelo bem estar que sobrevém logo que o organismo se habitue ao novo regimen. Então, vos sentireis bem dispostos para o trabalho. Já não tereis mais as frequentes dores de cabeça, os resfriamentos, a insomnia, a inapetencia, a tendencia ao mau humor e ao pessimismo, a irascibilidade, etc.

Se a pessoa se acha doente, os symptomas da doença so attenuarão. Em muitos easos a adopção do

frutarianismo tem trazido a cura de estados morbidos julgados incuráveis. O regimen com base nos vegetaes crus, com abolição do alimentos e bebidas estimulantes, é util especialmente nas doenças inflammatorias. O dr. Aird affirma que depois que adoptou o regimen frutariano pôde reduzir muito as horas de somno: ha occasiões em que elle não dorme mais de doze horas por semana, sem sentir a minima fadiga. E a sua capacidade de trabalho augmentou notavelmente.

O BANHO DE SOL

O sol é a fonte perenne de vida. Desde as edades mais antigas os homens o adoravam como um deus fecundo e omnipotente, para elle se voltando como para um despertador de força e de saude.

Os egypcios construíam terraços para exporem os seus corpos ao sol. Os gregos, mais tarde, praticavam a "aereação", caminhando sem vestes e com os pés tambem nus, sobre a areia ardente. No tempo de Esculapio, em Epidauró, encontrou-se uma galeria aberta para o oriente, contigua aos dormitorios dos doentes, bem semelhante áquellas que existem hoje nos sanatorios de Leysin, Davos o Montreux. Os chinezes tratavam a variola por meio da luz. Os romanos construíam sobre as suas casas terraços para a cura solar. Só na Edade Media o banho luminoso parece ter sido abandonado. Mais tarde, certo Rikli iniciou-o de novo, fundando um estabelecimento não longe de Trieste, sobre os montes, a cerca de 800 metros de altitude.

O exemplo foi depois imitado na Alemanha e em outros paizes. E hoje a heliotherapia já se pode considerar definitivamente fóra do periodo de empirismo para entrar, dentro em pouco, no da sciencia.

Attribue-se o effeito benefico e energetico dos banhos de sol, aos raios ultravioletas, os mesmos que alteram os saes de prata da lamina photographica e que têm uma parte tão importante na formação da

chlorophylla das plantas. Além de exercer uma acção microbicida, elles acceleram as permutas do organismo, o fornecem aos tecidos uma especie de carga dinamica, que lhes augmenta a resistencia, a vitalidade e a energia. Por isso, um banho de sol, feito em condições opportunas produz uma sensação deliciosa; e, como dizia Rikli, "provoca uma singular impressáo de bem estar e uma animação maior, uma superior consciencia de si." Como se dá essa acção solar? — O que parece mais provavel é que o sol provoca uma modificação do elemento sanguineo, enriquecendo a hemoglobina. A circulação torna-se mais activa pela dilatação dos vasos e pela transformação mais rapida do oxygenio em acido carbonico — e dahi augmento de vitalidade. O dr. Carnot suppõe que as vibrações moleculares da luz são absorvidas pelos lipocromios ou cellulas pigmentares do systema cutaneo e do systema sanguineo; e dessa forma a energia radio-activa se diffunde directamente por todo o organismo. Outro especialista, o dr. Malgat admite que os raios activos da luz solar possam atravessar o corpo humano e por consequencia actuar profundamente no interior dos tecidos. E' preciso ter presente, comtudo, que se o banho de sol tem acção geralmente favoravel sobre o organismo, nem sempre é inoffensivo: as pessoas franzinas ou doentes não podem empregal-o senáo com a approvação do medico; e mesmo os individuos em perfeito estado de saude precisam empregal-o com prudencia e moderação. O dr. Rollier, em seu livro *A cura do Sol*, aconselha a exposição gradual e progressiva do corpo: primeiro, os pés, depois as pernas. Depois disso, na terceira ou na quarta sessão, o tronco. Como geralmente quem usa o banho de sol é doente, acredita-se que seja preciso estar immovel ao sol. E' um erro: o verdadeiro banho de ar e de sol deve ser tomado em plena liberdade de movimentos. Os jogos e o exercicio moderado da gymnastica são mesmo muito recommendaveis. O que é preciso é ter sempre a cabeça protegida pelos

raios solares. Não é preciso também, que o tempo seja dos mais calmos para se tomar o banho: para sermos mais exactos deveríamos antes falar de banho de luz, de preferencia a banho de sol. O banho de luz produz tambem excellente resultado com o tempo nublado, especialmente se o paciente se mover bastante. A luz diffusa que actúa com tanta efficacia sobre os saes de prata das laminas photographicas exerce acção não menos energica sobre o corpo humano. Na Suissa, a heliotherapia faz notaveis progressos, tendo em Genebra se fundado recentemente uma sociedade com o nome — *A vida ao Sol*, para fomentar o uso dos banhos de agua, de ar e de luz, estabelecer na vizinhança das cidades estabelecimentos accessiveis a grande numero de pessoas. E' preciso fazer bem comprehender a todos que a agua, o ar, a luz, a boa e vivificante luz do sol, são os melhores e unicos agentes capazes de assegurar a saude. Não é verdade que, sem sol as flores não desabrocham? Pois, como disse Michelet, entre todas as flores a que mais tem necessidade de sol é a humana.

A LONGEVIDADE DAS MULHERES

As mulheres vivem mais do que os homens, affirma-o o dr. Alberto H. Burr, de Chicago, numa communicação lida á Sociedade Medica daquela cidade. Segundo o ultimo recenseamento, em 1910 havia nos Estados Unidos 1.000 meninas abaixo de cinco annos, sendo de 1.076 o numero de meninos. Essa proporção favoravel ao sexo masculino

subia lentamente com a idade, até attingir o maximo entre os cincoenta e os cincoenta e quatro annos, com mil mulheres para 1.183 homens. Mas, desse ponto em diante, o sexo feminino começa a recuperar o terreno perdido, e, depois de conseguir egualar com o masculino, ultrapassa-o aos setenta annos, quando já se contam 1.033 mulheres para 1.000 homens, chegando até os cem annos, a 1.576 para mil homens.

A população total masculina nos Estados Unidos excede a feminina de 2.692.288.

Assim pois, se dos setenta aos cem annos ha mais velhas do que velhos, é fóra de duvida que os homens vivem menos. E' o que confirmam tambem as estatisticas das sociedades de seguro, segundo as quaes a duração media da vida é de 44 annos para os homens e de 46 para as mulheres.

Mas por que razão vive mais a mulher do que o homem? O sexo masculino é superior ao feminino tanto na estatura como no peso e na força physica. Logicamente, o sexo masculino deveria exceder, quando menos egualar o feminino na resistencia vital. Donde provém pois o estranho privilegio das mulheres? — E' que, diz o dr. Alberto Burr, a mulher não se envenena com o tabaco como o homem. E' sabido que a nicotina tem especial influencia sobre certos órgãos, produzindo alterações nocivas nas cellulas e nos tecidos do systema vascular. Dahi a abreviação da vida. — E o dr. Burr estende-se em considerações para mostrar quanto é prejudicial ao homem o uso do tabaco.

AS CARICATURAS DO MEZ

EM BUENOS AIRES



De La Plaza — E', com muito prazer que cumprimento o grande brasileiro.

Ruy — Isso é modestia, excellencia.

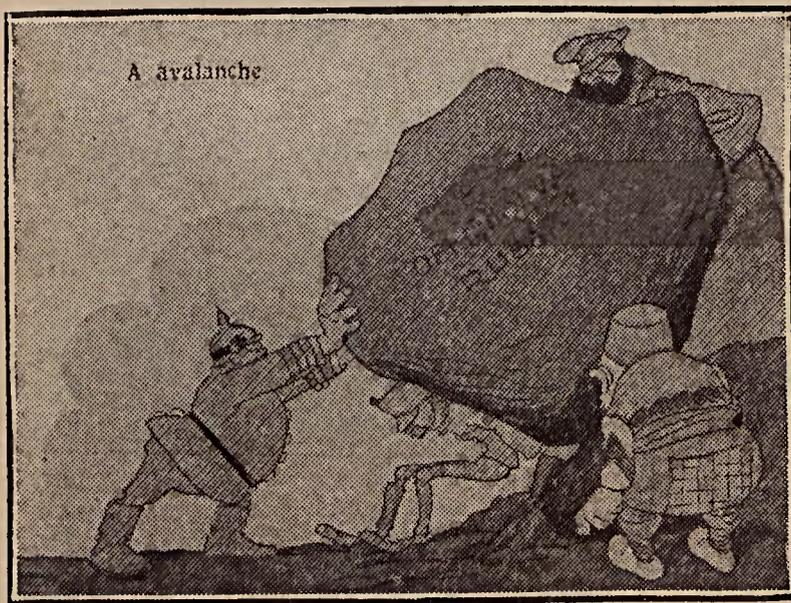
(*"Caretá"* — J. Carlos)

VIVA SÃO PEDRO



São Pedro — Oh! Senhor! Mas que foguete exquisito!
(“Gazeta de Noticias” — Kallsto)

A AVALANCHE



O turco — Vocês vão fazendo força que eu gemo.
(“Caretá” — J. Carlos)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO. — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA. — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO. — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE. — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correlo 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO. — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR. — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA. — Advogado. — Rua da Boa Vista n. 52. — Salas 1 e 2. — Residencia: Av. Augeli-ca, 141. — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA. — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO. — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA. — Medico do Asylo de Expostos e do Seminarlo da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**. — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE. — Especialista das molestias das vias urinaarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetninga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA. — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO. — Corretores officiaes. — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7. — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO. — Corretor Official. — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5. — Tel. 323. Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL. — JAYME PINTO NOVAES. — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738. — Compra e venda de apolices do Estado, Accções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO. — Engenheiro-architecto. — Rua 15 de Novembro, 36-A.



SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Cidade)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Plas-
tino — Emprega s6 fazendas ex-
trangeiras — Rua do Thesouro, 3
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAES E IMPORTADO-
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.
— Papelaria, typographia, enea-
dernação—Telephone 792—Caixa
545 — Rua S. Bento, 31. — S.
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-
de Fabrica de Malas e Cauastras
Officina para concertos. — Do-
mingos Macigrande. — Rua São
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-
telas de cascas de penhores e do
Monte de Soeeorro de S. Paulo
— A CASA MARCELLINO com-
pra e paga bem.—Praça Antonio
Prado, 14 — Telephone 4.692 —
S. Paulo.

Alcide

Alfaiate

R. B.ª de Stapetininga, 56

Telephone, 1395

S. Paulo

GASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papels pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B

SÃO PAULO

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANÇO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

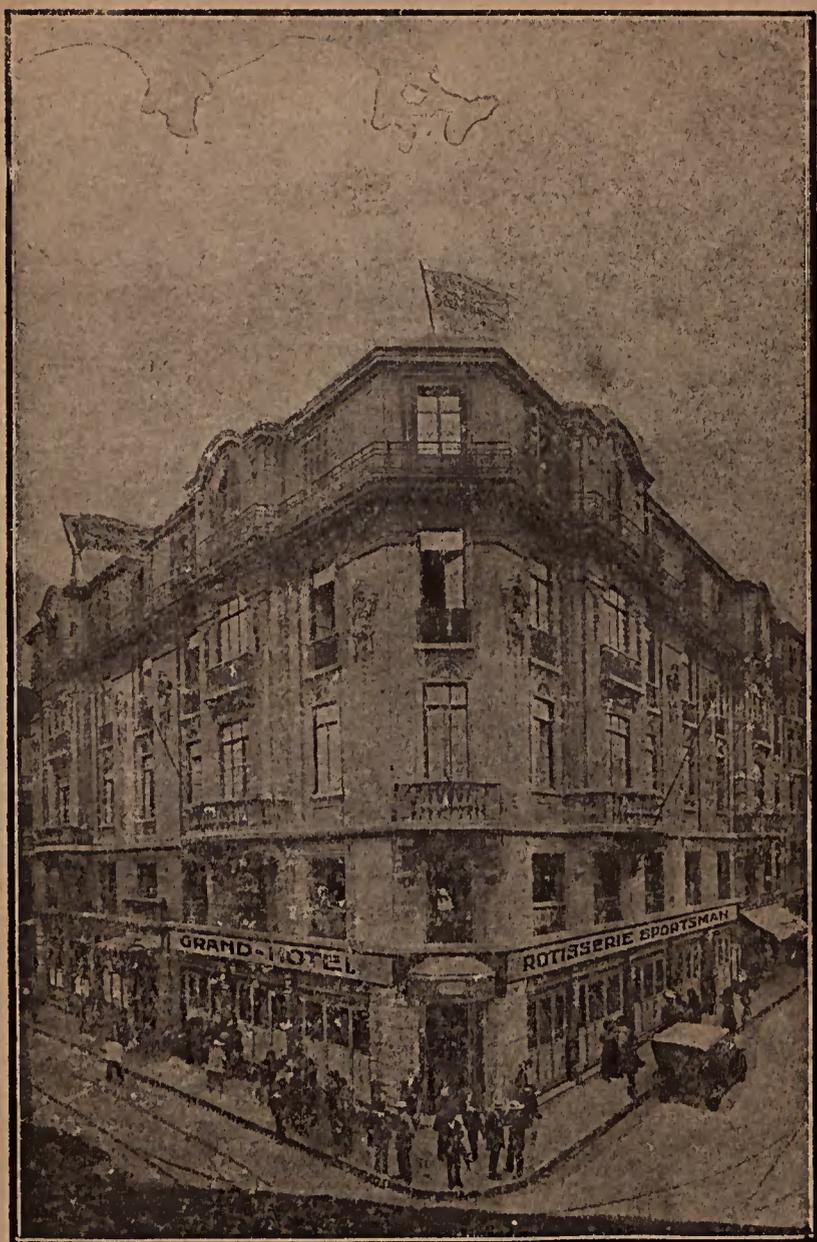
ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Paris - São Paulo



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 - Telephone 2795 - Caixa Postal, 571 - SÃO PAULO

BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”
AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão, etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.ª e 5.ª edição

A. I.

■ ■

SÃO PAULO

■ ■

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPECABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO OE PEORA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANORES E FERRAGENS; OLEO OE LINHAÇA E TINTAS; OROGAS E ADUBOS PARA INOUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANÇA" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.



BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO. 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

CASA CONHECIDA

— DE —

Ramiro Tabacow & Cia.

Vendem-se em prestações: MOVEIS

e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS

FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

Casa fundada em 1895

**PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS**



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Electr.: EMISEL

SÃO PAULO

Loteria de São Paulo

Quarta-feira, 6 de Setembro
Grande Loteria Commemorativa
da Independencia do Brazil

100:000\$000

em 2 Grandes Premios de $\left\{ \begin{array}{l} 50:000\$000 \\ 50:000\$000 \end{array} \right\}$ por 3\$000

Os Bilhetes já estão á venda



SECÇÃO DE OBRAS

— DE —

“O Estado de S. Paulo”

Jornaes, Revistas, Folhetos, Appellações e Trabalhos commerciaes

com esmero e a preços modicos

TELEPHONE, 725

“”

SECÇÃO ARCHIVO

RUA 25 DE MARÇO N. 145 -- SÃO PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIÓ DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega,

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

ARTIGOS PUBLICADOS

(DE JANEIRO A MAIO)

O *preconceito das reformas constitucionaes*, por Pedro Lessa, da Academia Brasileira; O *centenario da Independencia*, por Adolpho Pinto; O *ultimo passo da cirurgia*, pelo dr. L. P. Barretto; A *rima e o rythmo*, por Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; O *elogio da mediocridade*, por Amadeu Amaral; *Descespero de antes* (novella), por Valdomiro Silveira; O *modernismo*, por José Verissimo, da Academia Brasileira; *F. W. Taylor*, por V. da Silva Freire; *José Verissimo*, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; *Economia e Finança de S. Paulo*, por Carlos de Carvalho; A *expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo*, com oito gravuras, por Paulo R. Pestana; O *Brasil terra de poetas*, por Amadeu Amaral; O *Margarida* (novella), por Veiga Miranda; *Francisco Adolpho de Varnhiagen*, por Armando Prado; *Um informante do Imperador Pedro II*, por E. Roquette Pinto; O *«apriori» na theoria criticista*, por Florivaldo Linhares; *Eduardo Prado e seus amigos*, com reprodução de autographos, por Plínio Barreto; *Affonso Arinos*, por Augusto da Lima, da Academia Brasileira; *Recordando...* (a proposito de Affonso Arinos), por Aurelio Pires; A *expansão do meio circulante*, por Mario Pinto Serva; A *Palmeira e o Raio* (poesia), por Amadeu Amaral; A *vingança da Peróba*, por Monteiro Lobato; *Nos dominios de Beethoven*, por Octavio Augusto; *1815-1915*, por V. da Silva Freire; O *stock bovino e a exportação de carne*, pelo conselheiro Antonio Prado; *Operações de cambio*, por Carlos de Carvalho; *Sós na America*, por Helio Lobo; *Lendas e mythos*, por Jacomino Define; O *meu amigo D. Juan*, por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira; *Poesias*, por Julio Cesar da Silva; *Littérature Brésilienne*, por A. Carneiro Leão; A *doutrina de Monroe*, por Oliveira Lima, da Academia Brasileira; *Poesias*, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; O *ensino da leitura pelo methodo analytico*, por João Köpke; O *pensamento actual*, por C. da Veiga Lima; *As estigagens e a febre typhoide em S. Paulo*, por João Ferraz; *Diccionarios portuguezes*, por R. von Ihering.

SUMMARIO DO 6º NUMERO

(25 DE JUNHO DE 1916)

F. T. de Souza Reis, *A moeda metallica no Brasil* (1) — José Antonio Nogueira, *Narcisos e Jeremias* — Alberto Seabra, *Os versos aureos de Pythagoras* — João Ribeiro, da Academia Brasileira, *Vida do Padre Antonio* — João Köpke, *Educação moral e civica* (1) — Carlos Magalhães de Azevedo, da Academia Brasileira, *Sonetos a Helena* — E. Roquette Pinto, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Rondonia* — Alvaro da Silveira, *As florestas e as chuvas* — Fred. G. Schmidt, *Assimilação do immigrante* — Collaboradores, *Resenha do mez*.

Resenha do mez — Emilio Faguet — Bibliographia — O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universidades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philantropia de Affonso XIII — O maior escriptor francez — *As caricaturas do mez* (cinco caricaturas reproduzidas).

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFE

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBA, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-^o

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

DR. OLYMPIO PORTUGAL	Campos de Jordão	295
SAMUEL DE OLIVEIRA	Sylvio Romero e a alma brasileira	322
MONTEIRO LOBATO	Boccatorta (novella)	335
OCTAVIO MENDES	Teixeira de Freitas	349
ANTONIO SALLES	Poesia	365
ALBERTO SEABRA	Os versos aureos de Py- thagoras (II)	370
COLLABORADORES	Resenha do mez	385

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 8 - ANNO I

VOL. II

AGOSTO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorik* — As armas de S. Paulo, *J.* — William Ramsay, *L.* — Metehnikoff — Theatros — Bellas Artes — Movimento literario — Faculdades de Letras e Philosophia — A instrucção militar obrigatoria — O gado vacuum no Brasil — A riqueza dos norte-americanos — A agrieultura mechanica — O problema zootechnico — O ensino technico — «Revista do Brasil» — **As caricaturas do mez** (cinco caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remettido a todos os assignantes. As pessoas que desejarem adquirir esse volume; a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

O segundo volume completa-se com este fasciculo, devendo o indice ser distribuido com o numero de setembro.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realisado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da América do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente	2 0/0 ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3 0/0 ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3 0/0 „ „		Sels mezes	4 1/2 0/0 „ „
„ „ „ 60 „ .	4 0/0 „ „		Doze mezes	5 0/0 „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de **Rs. 50\$000**, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a **Rs. 20\$000**, até o limite de **Rs. 10:000\$000** abonando juro de 3 0/0 ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,
Ypiranga,
Paulista,
Colombo,
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

"Companhia Luz

Stearica"

DO RIO DE JANEIRO



R. Libero Badaró

N. 52

(1.0 Andar)



TELEPHONE

N. 3558



São Paulo

Companhia Mechanica e Importadora

de São Paulo

IMPORTADORES de

Materiaes para toda a classe de construcções
e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos,
Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos,
Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua,
Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas
e automoveis FIAT, etc.

FABRICANTES DE MACHINAS de

Café e para lavoura, de Material ceramico e
sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e Rebites.
Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor :: Constructores e Empreiteiros

AGENTES de:

Robey & Co., - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Es-
maltado "Silex" - Comp. Paulista de Louça Esmaltada -
Società Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos
Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

ESTABELECIMENTO CERAMICO:

AGUA BRANCA - TELEPHONE, 1015

CODIGOS EM USO:

A. B. C., 5.a edição :: A. I., A. Z., WESTERN UNION :: LIEBER'S e RIBEIRO

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco N. 25

CAIXA 1534

SANTOS

Rua Santo Antonio, 108, 110

CAIXA, 129

LONDRES

Broad Street House-New Broad Street

LONDON E. C.

S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 36

End. Telegraphico: MECHANICA

CAIXA DO CORREIO. 51 - TELEPHONE 244

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Somestros, 20\$000

Para os Julzos, promotores o delogados do policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

Joaillerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent — Bronzes et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão 1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SARRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

CASA LEBRE

:: Perfumarias finas,
Brinquedos, Artigos
domesticos e objec-
tos para presentes ::



Porcelanas e Crystaes
Batêrias para cosinha.
de nikel puro, allumi-
nium e ferro esmaltado

ARTIGOS PARA SPORT

MELLO, FILHO & SOBRINHO

Rua 15 de Novembro, 1
Rua Direita, 2

Teleph. 395
Caixa 343

SÃO PAULO

Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarins; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeicoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devidò ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil
A MAIS COMPLETA — A MAIS UTIL — A MAIS INTERESSANTE
Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS sobre Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS sobre Legislação Commercial, Jurisprudencia Commercial, Alfandega, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario. Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa Encyclopedia Commercial — Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

REDACÇÃO:

RUA DIREITA, 27 (1º ANOAR) S. PAULO
CAIXA, 1172

OFFICINAS:

RUA DR. ABRANCHES, 43
TELEPHONE, 1908

PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

Massucci Nicolli

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 SÃO PAULO

GASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Tolographia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tonsão, Turbinas, Goradores, Motores, Transformadores, Moddores, Telephonos. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grando Deposito de Lampadas e material Electrico.

CASA FRANCEZA

DE

L. Grumbach & Comp.



SERVICE BACCARAT

GRANDE SORTIMENTO DE CRYSTAES

Rua São Bento, 89 e 91

Casa Paulista de

Moyses Gandelhman

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colleções,
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)

CAMPOS DO JORDÃO

I

Este sitio encerra tanto de maravilhoso em seu clima, na prosperidade da saúde ou mesmo no revés dos que o têm procurado, que é difficil, na escassa informação escripta, devassar-lhe com segurança a verdade.

Para muitos é o eden de prodigios, onde os dons da natureza se derramam a tanto, que avultam sobre as leis naturaes; para alguns foi o cimo agreste, cujo aspero calvario subiram, ponteando de sangue, até ao desengano da terra, que só lhes deu o pouso derradeiro; para outros é a fonte inesgotavel de Juventa, eterna e sempre moça, tocando com sua graça e refflorindo a saúde aos desenganados da medicina, a pique do naufragio extremo.

E, nas dobras de taes incognitas, entre o tanto bem e pequeno mal retratados, que fórma terá a realidade fabulosa, que lá de cima attrai, fascina e refoge?

Será realmente um pouco de tudo isso ou apenas um mytho, que a imaginação desatada pela altura pinta á feição de cada um, com as tintas da propria phantasia? Vale a pena tentar o enigma.

Experimentemol-o.

E tal foi o esforço da curiosidade immanente, que, enleada na promessa do clima, para lá nos alçou, por uma propiecia e appetecida estação de repouso.

São estas as impressões que colhemos. — Frutõ de um mez de férias, umas desabrocharam ao irresistivel pantheisuno ambiente, outras nasceram da reflexão, fieis aquellas e estas

ao mesmo pensamento, por ventura tocadas, quem sabe? da eiva congenita dos demais forasteiros.

O descanso, em si, a amenidade da estação, os ares, os lugares absolvem o devaneio da escripta, senão por elle ao menos para o perdão de o haver tentado...

* * *

Manhã brumosa de Maio. A viagem propriamente começa, no que tem de peculiar, a partir de Pindamonhangaba.

Primeiro é a planície que se estende sem ruga até á raiz da Serra, cortada a meio pelo Parahyba. Campos aridos ou extensos arrozaes recentemente ceifados, e a perder de vista. Aquí e allí, cicatrizes de antigas e opulentas moradas — a Mombaça e outras incognitas, em melancolica mortalha de ruínas, guardadas por humildes choças, raras e tristes. Por muito que estejam de feição perspectivas felizes, no sorriso da manhã que se espreguiça friorenta, em seu manto de nevoa, opprime a lembrança da vida opulenta que por aqui tumultuou e aqui definhou e morreu. A aristocracia territorial de outras éras teve nestas paragens uma estancia de brilho: grandes senhores, soberbos dominios, legiões de escravos, requintes de riqueza, força de poderio, — que tudo ruiu com o tempo e o esgotamento do solo. Eram o braço e o suor do captiveiro, que tentavam em vão a opulencia da terra, mas o rio tradicional, em suas curvas graciosas pelas campinas opimas, não ouviu somente os hymnos da riqueza, no estrépito das cavalgadas senhorias; escutou tambem o lamento dos captivos, cujas lagrimas amargas esterelisaram o chão, por ventura fadado agora a novas energias.

Transposto o Parahyba, em uma ponte que o Dr. Assis Brazil considera obra de arte sem igual no Continente, capaz de fazer figura no Senna, no Tanisa ou no Sprée, e, mais um tracto de planície, é a raiz da serra, cerca de 16 k. da cidade.

A Mantiqueira apenas ondêa allí os primeiros contrafortes, occulta na bruma, que se vai adelgaçando, a cumiada mysteriosa. E' o valle do Piracuama, cujo curso mais de uma vez se nos enovela ao caminho, atraz mais denso e pouco a



pouco mingnando de corpo, ora recurvo e remansado, ora em cachões, raivando sobre as pedras em escamas prateadas.

Começa a ascensão, entre os primeiros cerros, manchados de raros cafezaes, nos pendores de pastagens, com pouco esmalte de gado, aliás prospero e luzido. Alarga-se o panorama e, livre agora das brumas, a serra alteia imponente, azulada, ao longe, grande e dominadora, enquanto aspera ou carinhosa se entremostra e já fica a paisagem visinha, com espertos regatos, tufos de verdura, alcantis em riste, grotões em que estrepitam cascatas. E' pelas copadas que correm e passam as arvores gigantes, sobrepujadas pela força da engenharia, que vai vingando dez por cento de rampa. A estrada enroscasse, constringindo a serra corpo a corpo, ora de manso, abraçando com meiguice as encostas, ora á bruta, arremettendo com furia, cortando a fundo nos obices que encontra, mordendo rochas, grimpendo escarpas, saltantando gargantas, subindo, snbindo sempre. No verde sobranceiro da montanha avistam-se cortes de caminho e a terra vermelha derramada como sangue pelas feridas da linha ferrea.

Para baixo, espraia-se o valle do Parahyba, ou se occulta nas curvas do caminho; aqui, uma cidade se offerece ao olhar, além, outra e, em certo ponto, são tres cidades a um tempo.

Cerca de dez kilometros a mais, a 1.100 metros de altura, em meio da ascensão, é o *Alto da Serra*, onde se bifurca a estrada de rodagem para Santo Antonio do Pinhal, caminho de Minas. Não está vencida a Mantiqueira, mas é o *divortium aquarum* entre o valle do Piracuama, vertente do Parahyba e o do Sapucahy-Mirim, tribntario do Rio Grande.

Experimenta-se a impressão de outros destinos, mais largos e turbidos: desatadas torrentes estiram-se pelo immenso planalto brasileiro até ao Rio da Prata, carregando comsigo, na trama de tumida rêde arterial, o humus que vai fertilizar os Pampas longinquos. E é fertil que se nos mostra o valle do Sapucahy-Mirim, — largo, extenso, a perder de vista e coberto de culturas cerealiferas, em mil e mil retalhos, povoado de modestos casáes, nas planicies, nas encostas, afastados, visinhos e ás vezes tão proximos e multiplicados como aldeias.

A' esquerda de quem sobe, para além, a E. e N. E. acastellam-se serranias, esbatidas e vagas ao nosso saber, umas de Minas e outras de S. Paulo.

E' a parte mais bella da viagem, nos longes do horizonte, azul e vasto como o mar, ou na polychromia do verde que avisinha e se entorna no caminho, — enquanto erecta, a cumiada da Mantiqueira avulta adiante seu dorso phantastico, balisada nos visos por um collar de pinheiros, — altos, a prumo, e sós, como atalaias das alturas.

Na vegetação opulenta e variada da serra falta de todo aquella araucaria gigante, que lá está de guarda e em linha, acenando para outra flora e outro clima.

Mais um esforço e o Lageado, atravez de suas vertebrae de rocha viva, deixa flanquear o monstro. A minuscula estrada galga 1.220 metros, alcançando em cota maxima 1.773 metros de altitude — e doma e transpõe a montanha.

Rompese o extase, de subito: — eis ahi o premio de tamanho esforço. Tudo serena em torno, ameiga-se o ambiente e, na doçura da paragem nova e imprevista, o mysterio irrompe e se impõe — os Campos do Jordão.

* * *

Após curto rumo norte, em pleno campo, a estrada de ferro inflecte logo para leste e, margeando o incipiente e minusculo Capivary, corta breve para Villa Jaguaribe, seu termino actual, com 45 kilometros de percurso.

Campos e bosques em que dominam pinheiros; e, a caminho pelo fundo do valle, o horizonte é estreito e manso, quasi triste. A terra, atufada pelo humus escorrido dos pendores, é escura, inculta e, a principio, virgem de obra humana.

E' difficil uma impressão segura, no aturdimiento do primeiro instante, captiva a emoção principalmente pelas suggestões subjectivas. O primeiro pensamento é um daquelles, que seduziram nossos passos — é para a estancia sanitaria.

Por mais que a obsessão do planalto nos envolva e convide, o pensamento é irresistivelmente votado aos dramas da saúde que por aqui palpitarão.

Por este mesmo chão, quanta miragem não floreu a olhos murchos de outras esperanças, alçados depois de haverem batido em vão a outras portas impenetraveis á saúde?

Quanta vida em ruinas não respirou este mesmo hausto, trepando cambaleante pelo caminho então rispido e crú, en-



xergando na parca assistencia em perspectiva o unico e sonhado fanal?

E assim mesmo, por inhospitas veredas, o amor da vida deu azas a hombros acurvados e fracos — aqui os trouxe ao peso de densos sacrificios, que mal se pódem comparar com os recursos da viagem de hoje. Era a liteira, era o trolly, quando raro possiveis; a regra, porém, era a montaria, a passo, por dias compridos, pedra a pedra pelo invio e aspero caminho. Depois, que recurso de agasalho e conforto poderia ter a estancia de outróra? Mas a natureza, munificente e dadivosa, suppria a obra humana — e o sangue reaquecia nas veias, as côres voltavam, as tibias forças multiplicavam-se e, na saúde reflorida e satisfeita, gorgeava em todos os tons a alegria.

Se estes campos ouviram muitos desenganos e guardam no silencio de sua terra-ossadas frias, não tem conto os que ganharam por elles a vida que já não era quasi sua...

E, ao correr destes pensamentos, a locomotiva caminha; passa a primeira casa simples e pobre, passa outra e mais outras com o mesmo aspecto, quasi todas, senão todas de madeira. Está proximo o povoado e outras casas melhores, á direita e á esquerda da linha, vão surgindo e passando, entre pomares, on nuas, no campo. Alli estão — a do Dr. Magalhães, palco de amarga tragedia e, segundo nos adverte o mappa da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, o Sanatorio Vello; não tarda a Villa Jaguaribe.

Alarga-se o valle e, sobre suave eminencia, descansa o povoado, antiga Capella de S. Matheus do Imbiry, crescida em desordem, complicada e confusa em seus lineamentos. O nucleo central é escasso e consta de casas agglomeradas ou num só e grande corpo, quasi todas em fórmula de chalet, muitas providas de varanda, — os hoteis, os sanatorios.

Moradas particulares, umas estão na trama do povoado, outras se alongam, visinhas. A do Dr. Jaguaribe domina, com suas varandas envidraçadas, entre outras que se vão distanciando, a escapar da povoação. A villa Bazin, á ilharga de um bosque natural, cerca-se de bosques artificiaes que a enfeitam e distinguem e, para além, caminho percorrido, uma casa nova e confortavel, residencia particular, e a Villa Abernessia, la-deada de vergeis.

Pelas janellas e portas, á chegada, assoma gente curiosa e benigna, que olha com sympathia, como a dar boa-vinda. Na provisoria estação em campo raso, ao pé do povoado, com o Capivary de permeio, agglomeram-se os habitantes do lugar, trazidos a qualquer interesse ou meramente a ver os que chegam. Quasi todos fortes, corados e, segundo nos informam, quasi todos aqui vieram por doentes. No tunulto dos encontros ha expansões felizes: uma senhora robusta e moça, corada de côres naturaes, para que não ha disfarce, — relembrava-se radiante a outrem que a havia recebido e transportado de cama, á chegada.

Certo lá pelas casas o pudor da desgraça retém os doentes graves, mas aqui na estação, entre os que se acotovelam com pressa, o que respira é a volupia da vida e da saúde, nos ares macios que estillam caricias e sussurram promessas.

Ao desfazer do ajuntamento, cada qual a seu rumo, o nosso é para o sul, á direita, meia hora de marcha a cavallo, em demanda das margens do ribeirão das Perdizes, onde descansa a Pensão, qual nos adverte o mappa. Subida a primeira encosta, desdobra-se um painel grato e sorridente, emquanto outros cerros e outras vistas vão surgindo, lado a lado do vinco do caminho. Algumas curvas a mais — e lombas, e grotas, e peuhas, e aguas vivas, — surge a casa almejada, quieta entre os cerros verdes, ao fundo, plantada entre arvores, no socalco de um morro. Foi edificada pelo Conde Moreira Lima, que, dizem, não chegou a habital-a. Após varios destinos e adaptações, é hoje a Pensão Baker, ao resguardo de convivio bacillar, mera estação de clima e de repouso.

Livres agora dos transes da viagem, no cabo de tanto esperar e vencer, installados com sympathia e conforto, o primeiro movimento interior, no entanto, não é de aprazimento. Os olhos pascem sem fel nos contornos da paisagem, entardece meigamente, mas, livres de aresta que punja, inexplicavelmente, opprime-nos alguma cousa de agreste, surdo e profundo, hostil e vago, no physico e no sentir. O tempo é firme, o thermometro marca apenas 14 graus — e sente-se frio, no entanto, desagradavel, que demanda agasalhos. Das duas vezes que aqui chegámos vibrou o mesmo contraste entre o aprazivel dos factores e o acerbo do producto. Será, certo, o espinho da adap-



tação, pela brusca diferença de altitude entre os 552 metros da partida matinal e os 1.675 daqui.

Cai a noite. Veremos o que dirá o dia de amanhã.

II

Afeitos a poucas viagens, andorinhas de um mesmo beiral, é escasso o campo de comparação nas perspectivas de nossa memoria. A paisagem deste planalto se nos afigura, pois, inconfundível.

Tanto quanto aqui vimos, versando rumos variados, acima, abaixo, nas longas e aprazíveis excursões a pé e a cavallo, pelos campos, pelos bosques, pelas margens dos ribeirões, ao manso fluir dos regatos, na macia alfombra da relva, — a objectiva da lembrança guarda fiel, com a mais grata emoção.

Lombas e lombas sem fim, entre grotas; campos e campos a perder de vista, entremeados de bosques — tudo, porém, a seu posto, bem nitido, sem conflictos entre lambas e grotas, bosques e campos.

E' simplicissimo o relevo geologico. Ou o terreno alteia com maior ou menor pendor e estira-se em dorso pelas lombadas longas e suaves ou cai abrupto, não raro quasi a prumo nos sulcos de permeio.

Não ha propriamente o meio termo da planicie. Quando muito curtas chapadas, socalecos naturaes na base dos morros, pendores mais lentos, ou reductos de valles terraplenados pelas correntes.

Valles largos, como o do Capivary, que o não é muito, só elle vimos, por toda a parte onde andámos.

Os contornos geologicos prefiguram a flora que os veste. Ou campo liso de rasa macéga, com a só vegetação rasteira, sem uma sombra de arvore e accidente de arbusto que lhe macule as nuances, ou bosque e bosque cerrado, de limites bem definidos.

Tal é, em suas linhas mais simples, quanto a vista abrange, — com taes tintas, porém, tanta arte e tão doces proporções, que não se pinta.

Campos naturaes, onde não irrompe a mais leve aresta de tronco decepado, ondeam de longe, tão macios e unidos que

convidam á visita, enrugados apenas nos declives mais vivos pelo piso secular do gado, em suas veredas superpostas, como curvas de nivel. Dá vontade de visital-os — e a gente é irresistivelmente arrastada a excursões que não fatigam, tão doce, tão sêco é o ar.

Vistos de perto, os campos não desmentem, para dar mais realce á belleza antevista. E' tudo um gracioso e inesperado jardim.

Entre a macega vária e pobre, touças minúsculas de urze, "ericacea brevifolia", ostentam suas florinhas sulferinas de seis e cinco petalas, multiplicadas sem fim, no entremeio de outra flora phantastica, rasteira, minúscula tambem, toda em flôr. Niveas, em suas hastes recurvas, solitarias margari-dinhas polypetalas balouçam com donaire, entre corollas roxas e vermelhas, e amarellas, e azues, e roseas, de todos os tous e toda a casta, no esmalte da campina. Aqui mais fôfo, domina macia graminea, talvez o carahá, além mais arido é a "aristida flacida" e "pallens", agora é uma bromelia alteando as flores em espádice, lá um cardo, que, em thyrsos, esponca de um jacto suas flechas de alvas pontas, — tudo de exiguo porte. A quando e quando, no chão duro, lichens tenros, grudados na terra, espalmam suas pequenas rosaceas, rubras como sangue, ou resequidas, em discos prateados.

Quem poderia prever tamanho enlevo? — E' por toda a parte assim, campos em fóra. Por mais que se ande são novas e modestas florinhas, que apenas se entremostram, breves na haste fragil, um ponto só mais vivo — e já uma corolla.

O conjuncto dos factores meteorologicos, a natureza physica e a composição do solo têm confluido para a formação de uma flora em todo peculiar. A terra é pobre e trabalhada ha millenios por elementos hostis — o frio com repetidas geadas e a antithese da intensidade solar das alturas, balançando na alternancia da maxima absorpção diurna e a grande irradiação da noite. O predominio de dias sêcos no inverno e as chuvas bravas de estio, a grande luz, a athmosphera de fraco indice hygrometrico, tudo a um fim tem seleccionado a vegetação adaptavel á terra e ao clima. Em meio de especies tropicaes, ha um quê de flora alpina: hastes curtas, cerradas entre si na conjugação da defesa, e curvas sobre o solo; raizes fundas e longas, desproporcionadas ao corpo; folhas pequenas,



agglomeradas e espessas; flores de côres vivas, rentes á terra, temperado tudo ao heliotropismo negativo e positivo, — mais obra da luz que do chão.

A luminosidade do céu gradua e esbate a chlorophylla das folhas, crescendo a phylloxantina, mas as flores, com serem breves, pompêam mais vivo colorido. Sendo sêca a atmosphera, os vegetaes contêm por sua vez menos agua, de modo a guardar o colorido natural, quando conservados. Antithese por antithese: tudo pobre e alegre, lutando bravamente pela vida, e em festa.

Lombas e lombas transcorrem e, a não ser que o passo enrede nos grotões verdes e a pique, continuaria o passeio.

Os grotões não cedem, entretanto, em belleza, cobertos de bosques, que rebentam quasi sempre das ravinas corroidas pela furia secular das torrentes pluviaes. Os bosques são condigno realce dos campos. — Tufos cerrados ou panos de verdura cobrindo maior ou menor extensão de terreno, têm limites ben nítidos, na sua flora característica e prospera, de textura uniforme e continua.

Algumas vezes, mormente avisinhando a serra, alargam-se em floresta, mas a regra é de capões no meio dos campos, abas abaixo dos morros, á feição da terra mais humida. Pelo cimo das copas, altos sobre as mais altas, sobresaem e dominam, em pallio aberto, os pinheiros, dando illusão de outro andar de verdura sobreposto no ar. O pinheiro, “araucaria brasiliensis”, é o que ha de mais typico na vegetação do planalto.

De larga e longa ramaria, tronco rugoso e forte, ha valles em que preponderam, não faltando pelos cimos, nas encostas, por toda a parte onde não foram ceifados.

Estrugem, de vez em vez, no silencio dos bosques, ao seu tempo, as pinhas maduras, para celleiro do inverno, zombando dos estragos da geada e do fragor dos elementos. Se a mão do homem, no pouco que tem feito aqui, não tivesse encontrado nos pinheiros madeira predilecta, quanto não seriam mais densos e beneficos os pinheiraes! Ainda assim a natureza excedeu á ceifa rude, e onde mesmo as derrubadas devastaram mattas, teima muita vez o pinheiro, superior aos aggravos, evocando a todo instante os versos da lyra chinesa, que a memo-

ria conserva e a que Machado de Assis emprestou o requinte
immortal de sua arte:

AS FLORES E OS PINHEIROS

Vi os pinheiros no alto da montanha
Ouriçados e velhos;
E ao sopé da montanha, abrindo as flôres
Os calices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,
As flôres tresloucadas
Zombam delles enchendo o espaço em torno
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha
Os meus pinheiros vivos,
Brancos de neve, e meneiando ao vento
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sitio onde escutára
Os risos mofadores;
Procurei-as em vão; tinham morrido
As zombeteiras flôres.

Outra pinácea mais modesta segue-se a elles em numero e vulto, o teixo, "taxus nucifera" ou "baccata", com pequeninos frutos, semelhando a cajús. Ainda que viçosas, estão longe estas matas das nossas florestas tropicaes, enquadrando antes na flora sub-tropical, "Napæas" de Martius. Não tem palmeiras, que tamanha graça dão ás nossas selvas, não têm musaceas, nem pandanos, nem as figueiras monstruosas que, de parceria com os jequitibás, dominam sobre as outras arvores. Não vimos dracenas, e, talvez porque raras, observámos poucas leguminosas, que são a familia mais variada e mais farta para nós.

O que quasi não ha são lianas, que constituem, na sua exuberancia e multiplicidade, a trama enredada e continua de nossa vegetação de maior corpo: desde as mofinas e ralas capoeiras ás mattas virgens de grande envergadura, os imper-



tinentes cipós tudo enlaçam, atirando forte cordoalha entre as arvores, torcendo-as, atrophiando-as, matando-as. A mata d'aqui é mais pobre, mas livre daquellas cadeias que acorrentam as outras como escravas.

Tem o verde mais uniforme e escuro do que os campos e não lhe faltam flores. Como seja Maio, multiplicam-se manacás silvestres, cobertos a um tempo de sua floração gradativa do branco ao lilaz; roxas quaresmas; fuchsias primitivas e singelas, ornando as ramagens com seus ingenuos "brincos de princeza". A espaços, samambaiussús palmiformes irrompem em triumpho o arabesco de suas frondes, supprindo as palmeiras.

Na proximidade dos ribeiros de aguas claras, á sombra, é o reinado dos cryptogamos, a que a natureza, negando o brilho das flores, deu toda a gamma de suas verdes tintas. — E' a esmeralda dos musgos avellulando os barrancos, cobrindo pedras e velhos troncos, onde os lichens appõem sellos prateados. Tudo é fresco, macio e multiforme: o sorriso das capillarias finas e tremulas, a gelatina das algas, lycopodios sedosos, samambaias de frondes circinadas, fetos arboreos em baculo.

E, entre arbustos e arvores que se afastam, sombreando a borda dos campos, a grama alastra seu fôfo velludo, na textura exclusiva, que enreda e encobre todo o chão.

O Dr. Theodoro Sampaio, com sua profunda competencia, ministra, em largo esboço, a summa geologica da extensa região dos Campos, de que faz parte a que nos occupa. Detalhando observações, sobretudo, acêrca da parte nordeste, em torno de S. Francisco dos Campos, apprehende, no entanto, todo o interessante planalto:

"Caracter geologico. — O solo dos Campos, á margem do planalto da Mantiqueira, é em geral formado de gneiss schistosos e micaschistos; as montanhas mais altas são porém de granito ou gneiss granitoide.

"Subindo do valle do Parahyba, o granito grosso nas encostas da serra mostra-se em grandes lagedos, em dorsos lisos ou em blocos amontoados de todos os tamanhos e fórmias pittorescas. Na parte septentrional dos Campos, pelas cabeceiras do ribeirão dos Tatús apparece superposto ao granito um schisto micaceo, muito fragmentado e com camadas quasi verticaes.

"Ahi, nas fraldas dos morros pellados, onde a vegetação ar-

borea não prospéra, o quartzo branco, em fragmentos angulosos e miudos cobre o solo em larga extensão.

“Pendendo para o pequeno valle dos Pilões, o granito apparece em extensas lombas descobertas em dorso negro e liso; mais adeante apresenta-se em escarpa aprumada sob camada de quartzito.

“Para o sul, ainda na margem do Planalto o granito aflora frequentemente e levanta cabeços arredondados e pittorescos nas cabeceiras do Piaguhy.

“No Cayrú reapparecem as camadas de schistos micaceos; o gneiss granitoide toma aspecto foliaceo, exhibindo cabeços com camadas concentricas que se desagregam com as capas de uma cebola. Para além do Cayrú o character do solo é ainda o mesmo ao longo da escarpa que olha para o Parahyba.

“A Pedra do Bahú e os successivos contrafortes que della partem separando os pequenos valles do Capivary, do Jacú, do Pirangussú, Vargem Grande e do Bahú são tambem de granito ou gneiss granitoide que ahi formam os pontos mais elevados da região.

“Não são abundantes os minerios nos Campos.

“Em alguns lugares apparece o ferro, o graphito, e tambem o ouro antigamente explorado no extremo norte, nas margens do Corrego Alegre e do Santo Antonio que fluem para o Sapucahy. São frequentes as rochas ferruginosas como os conglomeratos recentes, compostos de massas de minerio de ferro ligadas por um cimento de limonito a que se dá o nome de *canga* ou *tapanhua-canga* (cabeça de negro).

“Nas cabeceiras do Piaguy, entre os retiros de Galvão e do Cayrú abundam estes-conglomeratos nos leitos dos correjos.

“Não se conhece senão uma fonte de aguas mineraes, a da Cascatinha no valle do ribeiro da Lavrinha. As aguas em geral são limpidas, leves, doces, salutiferas.”

Além dessas observações do Dr. Theodoro Sampaio, obtivemos tambem as do Dr. Guilherme Millward, que verificou contrafortes de gneiss de biotita no divisor de aguas da Mantiqueira e outros emergindo, de vez em vez, nos picos mais elevados das lombas, onde é notada a presença de um grez muito friavel, quartzito, semelhante ao que se encontra para o norte, em Minas. Sobre o esqueleto de gneiss, que circumda a região e



lhe dá assento, está a bacia dos Campos, com suas ondulações, constituída pela decomposição dessas rochas e coberta por leve camada de humus. Nos cortes da estrada de ferro e nos desbarrancados, termina o Dr. Millward, vê-se, de baixo para cima, sobre a rocha primitiva, uma camada profunda de argilla de decomposição, seguida de uma camada de cascalho (seixo rolado) com potencia variavel, tendo sobre ella outra de argilla de transporte, revestida de humus.

No fundo das *bossorocas*, de onde a força erodente das chuvas arrastou as duas primeiras camadas, como adiante explicaremos, os bosques tomam pé na terra mais humida, que a argilla inferior resguarda, brotando igualmente d'ahi os veios d'agua.

A terra dos bosques, já o dissemos, por isso, é de camada profunda e mais fertil que a dos campos, propicia ao abrigo e nutrimento de vegetação maior. As matas só crescem nos desbarrancados. Surprehende-se a genese dos capões, nos largos e fundos sulcos que as correntes pluviaes por annos e annos escavaram nos declives. — A principio é uma semente, que o vento lançou no sub-solo desnudo e que a custo logra vicejar; depois outra semente já encontra mais facil arrimo e sombra, dando guarida a outras e outras, que se vão agrupando, apenas pequena moita, até tufar com o tempo seu massiço verde, seguro e forte, que deriva para os lados a corrente destruidora e benefica.

Que centenas de annos não consome a natureza, no seu lento e surdo trabalho, para formar um bosque tão facil de destruir!

A agua golpeando os morros, cujas largas feridas os lichens tentam em vão curar, para ajudar por fim a corroer; o mysterio vivaz da seiva sobrepujando as hostilidades do sol, do frio e das mesmas torrentes atmosphericas é que a lento e lento conseguem criar os recessos de verdura, que, além de temperar a adusta aridez dos campos, fazem promanar as nascentes, tão fartas e providenciaes.

Onde ha um sulco mais fundo de terreno, velado de mato. pode-se inquirir confiante: mana delicioso e claro veio.

A hydrographia da região é farta, na modestia de seus muitos ribeiros. Não comporta rios extranhos, que lhe venham trazer sugilações alheias e buscar suas aguas. Tudo o que existe é aqui mesmo nascido e aqui adensado para sua exportação.



O Capivary, primeiro entre os primeiros, celebra-se que é a nascente mais alta do Rio da Prata, nascendo elle proprio do correjo Cachoeira, seu ramo principal. Vai recebendo pouco a pouco os ribeirões da Lagôa, do Imbiry, do Homem-Morto, e, depois da affluencia do Perdizes, passa a denominar-se Sapucahy-Guassú, historico nas pugnas incruentas da divisa entre Minas e S. Paulo. Modesto a principio, vai engrossando á custa dos seus muitos tributarios, entre os quaes — Fôjo, Ferradura, Calhambola, Ribeirão do Meio, Serra, Guaiarada, Marmelos, que é o mais corpulento, até sair dos Campos já rio feito e ir receber mais tarde, em Minas, o Sapucahy-Mirim, que lá está collectando outro valle mais baixo.

Que bellos e limpidos ribeiros! — metros a fundo e ainda se divulgam pequeninos seixos. Conturbam a lembrança as aguas que á custa de dura taxa, queira-se ou não, tem-se que tragar nas cidades...

Dado o relevo das margens, nem sempre é facil transporos. Póde-se rodar dia inteiro pelas lombas, a cavallo, sem que seja possivel vencel-os a vau ribeiros ou mesmo grotões a pique, ainda de tenues regatos.

Quédas d'agua são frequentes, medianas em força, alvissimas e lindas. Mostram-se até nisso benignas: não desfilam enfurecidas e odientas sobre as pedras; fluem mansas e, ao encontrar um obice, recuam, represam e derramam-se em toalhas de prata. Nada lhes hade, porém, valer, na hora fatal, que não tarde, quando houverem de pagar o tributo de hulha branca para as forças do progresso.

De aneroide á mão andámos a julgar os accidentes orographicos, galgando lombas de mais de cem metros, tendo occorrido a empreza maxima numa excursão aos dois mil metros do pico de Itapéva.

Dois mil metros! — é um nada para os alpinistas devotos e foi para nossa comitiva uma rara e magnifica aventura. O dia estava claro: atraz e para os lados outros picos cediam á supremacia deste, acuminados na ancía de elevação, cyclopicos e escuros mais perto, diminuidos e afastados pouco em pouco até sumirem, iguaes e esbatidos, nas lindes remotas. Adiante o valle do Parahyba espalmava a nossos pés a larga esteira. O ollhar abrange de um só golpe oito cidades marginaes do rio, brancas e quietas, em sua mesquinha mancha na amplidão.

Cabia, se houvesse lugar para philosophias, aquelle trecho de Manuel Bernardes em que certo philosopho atheniense levou um amigo opprimido de grande tristeza a contemplar de elevada torre os tectos de uma cidade, considerando os prantos, lutos e tristezas que lhe corriam á sombra, sem haver dia vago em que a morte ou o infortunio não visitasse este ou aquelle lar. Oito cidades! Só mesmo um Parahyba lhes poderia beber as lagrimas...

Nós, porém, alli estavamos para os panoramas da alegria — e era realmente de festa e, mais ainda, solenne o que de largo nos envolvia, ao silencio e repouso de tudo, desde a Pedra do Bahu, hieratica e fechada, até o azul extremo e vago do horizonte, a diluir-se no azul do infinito.

III

Estes campos tão placidos e vãos, a parecerem innocuados e de somenos valor, têm sua historia accidentada e renhida nos litigios de posse, quer entre particulares como entre Minas e S. Paulo. Os debates do poder publico datam de 1714, vão mais de dois seculos, quando a capitania de Minas não era ainda creada e a de S. Paulo contava apenas cinco annos.

As comarcas de Guaratinguetá e Rio das Mortes concertaram entre si suas divisas, assentando que o meio termo entre ellas ficaria no morro de Caxambú, nas immedições da hoje Soledade de Itajubá.

Annos volvidos, Rio das Mortes, dizem, transpoz clandestinamente o marco para cima da Mantiqueira e alterou as divisas, fervendo desde então a disputa entre entender e acertar a linha da Mantiqueira e, mais perto, acceitar ou recusar a margem esquerda do Sapucahy-Guassú.

Creado o governo mineiro, o litigio derivou das duas comarcas, alargando para as duas capitancias, numa successão continua e viva de vistorias, pareceres, assentos, avisos regioes, que, em certa phase, tanto effervesceu os animos a ponto de pôr em armas dois capitães-móres mais impetuosos. A miragem do ouro, com descobertas de minas, deu fermento á peleja, attrahindo aventureiros e acirrando cubiças: Na região de que nos vamos occupando, o Sapucahy-Guassú e a Serra da Man-



tiqueira, de esgalhos emaranhados e confusos, andaram aos empuxos para lá e para cá. Da antiga Amantiquira, tão cheia de fascínios e lendas, já dizia o roteiro de Antonil em 1711, que ninguém a transpunha sem lhe deixar sepulta ou pendurada a consciéncia.

Entre 1703 e 1704, Gaspar Vaz, de alcunha Onyaguara, arriscou-se á aventura, venceu a serra, abrindo um caminho de Pindamonhangaba ao Sapucahy, no rumo da estrada actual. Foi por esse caminho, rompente pelas campinas de Capivary e Rocinha, que entrou a gente e a sizania para a região virgem dos Campos.

Para obviar á exportação, por elle, de ouro das minas de Itajubá, fecharam-n'ó mais tarde, por ordem regia, abrindo-se então a estrada de Itapeva, que até nossos dias subsistiu, dando ingresso ao planalto.

Annos depois, entre 1741 e 1745, o capitão-mór de Pindamonhangaba, Antonio Francisco Pimentel, fundou nos taes campos de Capivary e Rocinha uma fazenda de criar, que, no cabo de alguns annos, procurou vender, como pretendesse voltar, como voltou, para as Ilhas, sua terra natal. Não encontrando, rezam as chronicas, "quem lhe comprasse a fazenda em pé", retirou e vendeu o gado, abandonando as terras, para as quaes subsistiu o caminho de Gaspar Vaz, por onde os da Villa "lá hiam ao Pinhão".

Assim foi que Ignacio Caetano Vieira de Carvalho, morador em Pindamonhangaba, lá foi tambem, tomou gosto e installou-se nos Campos, em 1771. Requeru sesmaria em 1773, obtendo, conjunctamente com dois outros, que, parece, apenas lhe emprestaram o nome, — tres sesmarias, ou nove leguas, em 1790. Abrangiam essas terras toda a região campesina até Itajubá ou Itajiba. Ao requerer tal posse, allegou textualmente que "os campos foram largados de outro morador, por se achar bravio de sua qualidade e muito frio como tambem pelas muitas onças que naquelle Certão habitam e se conservam."

Obtidas as sesmarias, denominou suas terras Fazenda do Bomsucesso e entrou acceso em questões de divisas, batendo-se sem treguas, requerendo, representando aos poderes com estylo teso e colorido, reclamando, promovendo justificações, — com os poderes civis, com os poderes ecclesiasticos, — fazendo e destruindo fechos, brigando, por largos e afanosos an-

nos, sem desfallecimentos. Um seu associado dos primeiros tempos, João da Costa Manços, de Taubaté, obteve também a sua sesmaria contigua ás terras de Ignacio Caetano, para os lados de Itajubá. Sob pressão das autoridades mineiras, Manços opinou por aquella jurisdição, acirrando ainda mais a tenacidade do antigo socio em opinar por S. Paulo.

Numa de suas muitas petições, despachada em 1787 pelo governador Bernardo José de Lorena, o mesmo que lhe concedêra sesmaria, Ignacio Caetano allegava que “a 16 para 17 annos se acha estabelecido com fazenda de gado vaccum, Cavallares, Bestas e Escravatura” naquelles Campos.

A disputa versava, sobretudo, no caso restricto, sobre a posse da margem esquerda do Sapucahy-Guassú e den farta documentação ao litigio que ainda hoje, em termo de accôrdo, pende de solução entre os dois Estados, se bem que abandonada a tal linha. Diz a legenda que Ignacio Caetano era de Rio das Mortes e Manços paulista, torcidos por ventos da sorte a lutar um e outro contra as terras de origem.

Num dos muitos embates entre autoridades das duas capitánias, no movimentado valle do Sapucahy-Guassú, houve ardido cadete de um Registo mineiro, que enfrentou com o sargento-mór de Pindamonhangaba, ponde em terreiro o capitão-mór, os governadores, os bispos e até o vigario de Pindamonhangaba — “Cavalleiro Professo na Ordem de Christo e Vigario Collado nesta Parochial Igreja de Nossa Senhora do Bom Successo da Villa Real pelo Principe Regente Nosso Senhor etcetera”, tudo isso para dizer que “os moradores do Bairro dos Cerranos que confina com a Capitania de Minas Geraes, sobre a Serra do Rio Paraiba, contam segundo a minha matricula da Desobrigação de sessenta fogos e duzentos e setenta pessoas de confissão.” E, terminava: “o referido é verdade, salvo qualqner engano ou olvidação”.

Os contendores não chegaram propriamente a via de armas, mas houve erigada literatura de officios, em que, serra abaixo, serra acima, derramaram reciproca e fartamente suas iras. Foi neste andar que o cadete traçou normas, respondendo a officio do capitão-mór: “extranho muito o seu dizer em Vmcê. se mostrar sentido em en não uzar a politica com Vmcê. quando Vmcê. nem he capais de me ensinar o serviço de Sua Alteza Real nem tambem a politica porque hum soldado quan-

do acenta praça a primeira couza que se lhe ensina é a politica.”

Outro documento que vale menção é esquisito attestado, feito e firmado “in verbo sacerdotis” por um padre, que, “tendo entrado de adjuncto nas Minas de Itajubá”, dalli foi “seduzido” para o Sapucahy, voltando depois como filho prodigo ao ouro que primeiro o attrahira. Defende as minas de “um falço grandiozo” em dizerem que ellas “estavão bromadas”, quando os mineiros “não tirão sim de uma cata arrobas de ouro, mas tirão com que os agrade”. E, por ahi além, é curioso respigar na farta messe offerecida pelos “Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo”, colligidos os que entendem com o caso sob as valiosas vistas do inolvidavel Dr. Orville A. Derby.

Morto Ignacio Caetano, seus herdeiros venderam ao Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, por escripturada passada em S. Paulo a 27 de Dezembro de 1825, grande parte da região campestre de suas terras da fazenda Bomsucesso, pela quantia de dez contos de réis.

A nova propriedade foi denominada fazenda do Natal, subsistindo, no entanto, o nome popularizado de Campos do Jordão.

A escriptura de compra menciona terras de cultura com uma legua de testada no sertão das cabeceiras do Piracuama, campos de S. Miguel, Sapucahy e Itajubá, limitados pelos altos das serras de Parahyba e Itajubá.

Segundo a opinião do dr. Roberto Reid, que obsequiosamente nos ministrou dados e apontamentos preciosos, traçando no mappa da Commissão os limites dos Campos, o Pico de Itapeva e Pedra do Bahu, se bem que paulistas, escapam áquella antiga propriedade.

O Brigadeiro Jordão falleceu a 27 de Fevereiro de 1827, quatorze mezes após a compra, sendo avaliada a fazenda, com bemfeitorias, escravos e criação, em vinte contos de réis. Seus herdeiros fragmentaram-n'a e foram vendendo a propriedade, que é hoje de muitos donos. Tem sua historia nos fastos da Regencia e nos dias nascentes do Imperio o Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão. Foi um dos membros do governo provisorio em 1822, deposto com Martim Francisco, o velho, na bernarda de Francisco Ignacio; hospedou o Principe Regente a 7 de Se-



tembro de 1822, de parceria com Antonio da Silva Prado, depois Barão de Iguape, e foi comparsa eminente do drama da Independência. Possuía um dos melhores predios da época, na modesta cidade de S. Paulo, á esquina das ruas Direita e S. Bento, conhecida por quatro cantos, prédio onde foi o antigo Hotel de França e é hoje o palacete Jordão.

Quanto a Ignacio Caetano, subsiste apenas uma lenda, cada vez mais vaga, de ter deixado elle um thesouro soterrado aqui entre dois pinheiros. E' a só lembrança que lhe resta, na terra em que tanto lutou, por decennios a fio, de corpo e de espirito, pelo seu e pelo direito de S. Paulo, tocando o nome da região a quem por muito pouco a possuiu e consta que jamais a visitou. Nisto, como em tudo, repete-se a melancolia do proloquio de que as aguas defluem para os grandes rios, assim como hade ser sempre das mariposas, dos homens e até das plantas — voar ou pender para a luz...

Matheus da Costa Britto, antigo proprietario do nucleo de terrenos onde está a Villa Jaguaribe, foi fundador do povoado, sob a denominação de Capella de S. Matheus do Imbiry.

Estão, pois, limitados os Campos do Jordão — entre as cabeceiras do Piracuama e do Bahu, com a pedra do Bahu por sentinella, ladeados nos flancos, de um lado pela Serra da Mantiqueira, do outro por terras mineiras dos Campos do Serrano, seguindo pelo Sapueahy-Guassú abaixo a inflectir para o sul até os Campos de S. Francisco. Cerca de nove mil alqueires de campo, segundo avalia aproximadamente o dr. Reid, comprehendendo, a mais, vertentes de serra e terrenos de cultura.

De quanto por muitas vezes perambulámos pela estira das lombas, raro gado se via, — tudo quieto, bello e indefinido. As pastagens naturaes são pobres e, não obstante termos visto na visinhança das casas tapetes cerrados e prosperos de graminha e touças de capim melado, dizem que essas excellentes forragens não resistem nem se adaptam nos campos.

O que domina é macia e fina macega, incognita ao nosso escasso conhecimento, barba de bode, de que ha uma especie nutriente e appetecida do gado, e o capim carahá de que fala o Dr. Assis Brasil. Disseram-nos que o *catingueiro* succumbe ás geadas, porque floresce exactamente no *acme* daquelle me-

teoro, entre Maio e Junho, mas as touceiras a que alludimos, lá estão.

Quem sabe a forragem que ainda encontrará nestes campos as mesmas condições de adaptação que a vestimenta nativa que os cobre? Os morros escavados, do Estado do Rio, lavados anno a anno pelas chuvas, nós, tidos por estereis, estão cobertos de capim melado, que o vento pródigo semeou e que allí encontram o seu *habitat*.

E' pena que não sejam fartos de nutrição estes campos, pois em nossas frequentes excursões a pé não tivemos o delicto de um só carrapato, quando na mesma época são elles abundantes fóra daqui. Os animaes que sobem a Serra trazem a ixodida, mas o parasita cá não prolifera. E tanto como não é proprio o meio para a vida e adaptação de taes especies, cremos não o será para outros parasitas e insectos, tão pertinazes e damnhos em torno do homem. Nas moradas, cercanias e pomares faltaram á nossa observação os mais frequentes, dentre os quaes mosquitos, baratas e mesmo a mosca domestica, de que vimos rarissimas. Não é tão rica a avifauna que se possa attribuir a ella a expurgação dos insectos, se bem que seja delicioso adorno a frequencia e abundancia de aves em derredor das casas.

Canarios amarellos côr de onro, no seu rustico e singelo trinado, colleiros, pintasilgos, vira-viras, entre outros, com sua orquestração mais quente, — não faltam á cavatina do alvorecer e da tarde, nas arvores circumvisinhas, em cujos cimos sobressai ruidosa e festiva a zombaria onomatopaica dos bentevis.

Quando ameaça chuva, o barometro das saracuras articula seus gritos de aviso e os corvos antipathicos revoam mais baixo lentas curvas no espaço. Talvez por terem emigrado, não vimos andorinhas e só dois beija-flores appareceram apressados, exploraram rapidos algumas corollas e silvaram de novo no espaço, para mais gratas paragens.

Resta, quanto ao cultivo da terra, considerar a esperança maxima, tocada em todas as solfas, além e aqui, — a cultura de frutos exóticos, de clima frio.

Vimos pomares sadios, de bellas e grandes macieiras e peireiras, mas por muito que nos dêa a ingratidão para quem tão prodigamente nos offereceu as lindas frutas, pesa-nos dizer

que ellas não correspondiam em sabor ao aspecto seductor que tinham.

Uma grande pêra da Villa Abernessia pesou seiscentas grammas, mas ainda esta, se bem que grata ao paladar, não valia a opulencia que ostentava.

E' de erêr, porém, que ontras variedades, talvez do mesmo vergel, forneçam melhores frutas, provado como está que as condições do meio são favoraveis áquellas especies.

As arvores e os frutos não são sujeitos a parasitas e molestias, mas á terra falta a precisa fertilidade, demandando emprego de adubos, a menos talvez que seja aproveitado o solo dos bosques, com a destruição destes, o que é de todo e por tudo condemnavel. Ha especies exóticas que se dão aqui maravilhosamente: o chá da India (*thea sinensis*) tem prosperos exemplares, alguns enormes e velhos; no rasteiro tapete dos arredores das casas a camomilla alastra, com suas florinhas amarellas.

IV

E' tempo de rematar este bosquejo com o problema climatologico, expresso na formula de sua maxima elueubração — a estaneaia sanitaria.

Os Campos do Jordão assentam a 22° 44' de Lat. S.; 3 H, 2^m (45°, 35') W-Gw; 1640 metros de Alt. na Villa Jaguaribe. Entre os extremos de 1595 e 2000 metros varia a cada passo a altitude, ainda que não vissemos habitação a alcançar 1700.

Resumimos alguns dados meteorologicos do trabalho publicado pelo dr. Belfort Mattos, sob o titulo "O clima dos Campos do Jordão". — Temperatura média annual 13°,1 entre o extremo estival maximo de 28°,8 e a minima de — 7°,0, no inverno; pressão barometrica 633,2, entre os extremos de 639,9 e 625,5. A proporção dos dias de chuva é de 125 contra 240 sécos. A média dos ventos, com 54 % de ealmas, deixa 27,4 % ás correntes sécas de N W e N E, seguindo-se-lhes as de S W e S E com 16,7 %. Nebulosidade: 164 dias de céu elaro, sendo que dos 156 dias restantes apenas 45 se apresentam de todo encobertos.

O Serviço Meteorologico do Estado mantém aqui um posto de observação, cujos dados, no entanto, não são publicados na

imprensa. Nem na imprensa diaria de nossa leitura, nem mesmo, por completo, no ultimo volume de observações annuaes, o de 1912, onde faltam os de Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro, mais interessantes, por comprehenderem os do inverno. Não foi mais feliz nossa solicitação para obtê-los, ficando sem resposta a carta que nesse sentido dirigimos ao director do Serviço.

Não desconhecemos a importancia dos registos meteorologicos no estudo e classificação dos climas. Bastam, porém, os que se nos offerecem, senão para explanar a fundo e a limpo o nosso problema, ao menos para lhe dar a modesta directriz a que nos propomos. Se o clima é, em summa, o conjuncto dos factores meteorologicos de uma região, não se os deve, porém, tomar muito a crú; seria precaria a formula ideal que pretendesse conter a posologia exacta de cada factor.

Nem mesmo pelas médias é licito inferir com segurança, pois, embora pareçam boas, conglobam muita vez valores extremados e indefensaveis.

No caso vertente, ocorre o contrario: as extremas mencionadas é que são excepcionaes.

O clima dos Campos do Jordão attende aos dados classicos de magnifico clima de montanha, equilibrado por factores excellentes, sem a rudeza de outros de menor altitude e livre das taxas adversas de vento e de humidade, que costumam dominar nas alturas.

Dois elementos, sobre tantos, além do abrigo sul, dão-lhe cunho caracteristico: a altitude em si, a configuração e revestimento do solo. A Mantiqueira, anteparando as correntes frias e humidas do sul, saturadas de vapores do mar e da planicie, poupa-lhe o aggravo da humidade que a si propria desfigura, como acontece com as serras do Mar e da Bocaina e as estancias de altitude daquella. Amantiquira, no douto dizer do Dr. Theodoro Sampaio, deriva de *amanty* ou *amandy* — chuva e *uquire* — dormir, em lingua tupy, de onde a significação gentilica da palavra — dormida ou pouso da chuva, dando idéa de sua humidade e condensação de vapores. Costuma ser este o óbice climaterico das montanhas, que as nuvens cobrem de perenne condensação de vapor. Resalvam-se disso estes Campos na configuração do planalto, culminando virtudes sem os defeitos habituaes da altura.



Os 1640 metros que aqui dominam envolvem-se de uma atmosphaera fresca, diaphana, estreme de poeiras, bem proporcionada em correntes aereas e humidade. O frio, ainda que muitas vezes severo, não é rude e aspero de soffrer, porque é sêco.

Nas manhãs de mais baixa temperatura, sendo aliás a estação actual de grande benignidade, a sensação de frio não corresponde á quêda do thermometro e é com surpresa que se deparam as minimas da escala. Um gráo acima de zero dispensa agasalhos exigidos por quinze grãos humidos e sombrios de S. Paulo. Não nos foi dado observar grandes geadas, mas nas que vimos as manhãs eram lindas, como as do oeste paulista.

A atmosphaera, limpida e transparente, deixa, como consequencia optica, desdobrarem-se em grande extensão os raios visuaes. Não só os panoramas diurnos, de excellente perspectiva, accentuam com nitidez os plainos afastados, como o firmamento das noites, azul sombrio, realça de raro brilho o soberbo destaque dos astros.

Venus, que se vê ás primeiras horas da noite, luz com tamanha claridade, que dá quasi illusão de luar, acima de Saturno, a abysmar-se na linha do horizonte. Ao calmo fulgir desses planetas, faisca a rutilancia inquieta das estrellas — da phantastica ronda do sul, com a triade do Centauro, do Cruzeiro e de Argos á Ursa Maior, por Antares e Regulus, e Procyon e Sirius, e toda a theoria infinita do céo.

E sabido que, com a elevação, baixam ao mesmo tempo a pressão atmospherica e a temperatura, aquella em progressão maior do que esta, correspondendo cada 180 metros á quêda de um gráo de calor, accusando algarismo muito maior a escala barometrica. A baixa pressão altera os factores physicos e chimicos da atmosphaera, tanto mais rarefeita quanto menor, por volume, o indice de seus componentes — oxygenio, azoto, gaz carbonico e vapor d'agua.

O sol, tendo que atravessar uma camada menos espessa e menos densa, torna-se mais vivo em luminosidade, em calor e acção chimica. Dahi a antithese entre o ardor solar e a frescura ambiente, porque o ar pouco saturado de vapor d'agua absorve menos calor.

Os raios chimicos, ultra-violetas, excedentes ao espectro

pondo em trabalho zonas menos activas e, por isso, mais accessiveis á aggressão bacillar — os apices. Cresce o indice thora-xico. A hematose pulmonar é mais proveitosa e os globulos vermelhos, salvo altitudes excessivas, augmentam de numero. Exhalta-se a evaporação cutanea e a pulmonar; é maior a eliminação de gaz carbonico; incrementa-se a actividade muscular e todas as funcções da economia — digestão e metabolismo alimentar — tomam sensivel impulso.

Uma das gratas sensações das alturas, e que em poucos dias aqui se experimenta, é um bem estar que aligeira os movimentos e alegra o animo. Passeios que lá em baixo davam fadiga e não seduziam são multiplicados impunemente e, quando por excessivos chegam a cansar, restaura-se com inesperada rapidez a actividade dos musculos.

E' natural que o organismo facilmente domine os estados morbidos, na plena posse da amplitude physiologica.

Foi do empirismo, orientado talvez pelo conceito da altitude, que nasceu a reputação sanitaria dos Campos. Pela observação foi-lhe accrescendo a fama. Não têm conto, realmente, os prodigios de seu clima, embora não seja impune erigil-o em sanatorio para todas as doenças, ou para todos os graus e modalidades da que encontra nelle sua formula — a tuberculose. Muitos dos que lhe têm pedido saúde, voltaram sãos ao tumulto e ás exigencias da vida; outros sacrificaram em precoce retirada o haver de suas acquisições; alguns afrontaram formaes e imprescriptiveis contra-indicações ou vieram no extremo da cachexia, quando tudo era baldado. Não são poucos os que, tendo visto refflorir a saúde, aqui a ficaram fruindo, assentando domicilio e compondo a quasi totalidade dos moradores.

E' realmente estupendo o que a acção apenas de seu clima consegue na tuberculose pulmonar. — Attenua-se em poucos dias, para logo cessar, a secreção bronchica, mitigando-se parallelamente a tosse. Decai e extingue-se a febre; o appetite renasce, revigoram-se as forças e augmenta o peso. Dias alegres e noites de somno tranquillo retemperam o animo e, não obstante a placidez do ermo, os doentes tornam-se alegres, festejando a saúde. A pesquisa do bacillo vai dando conta dos progressos da cura, decrescentes sempre até desaparecerem.

Já não é só na pre-tuberculose, mas ainda nos periodos adiantados da molestia que este clima tem valor, não havendo



medico que lhe não tenha verificado a efficacia nem leigo que lhe não conheça os prodigios.

Entre a realidade de suas veras conquistas, costumam entornar as tintas do maravilhoso: saúdes periclitantes restauradas em dias, augmentos monstruosos de peso, resistencia do organismo a todas e absurdas provas adversas, toldando com essa falsa pedraria a rutilancia da verdade.

O grande valor deste clima ainda está por luzir, quando elle fôr aparelhado das forças intelligentes e bem orientadas que lhe aproveitem e aperfeiçoem as qualidades nativas.

Então, pelo caminho invio e agreste de Gaspar Vaz, que a estrada de rodagem seguiu e a via ferrea acaba de transpôr, haverá romaria maior do que as que tumultuam dos grandes centros para as estancias mais afamadas pelo mysticismo do milagre ou pelos aperfeiçoados aparelhos da arte de curar.

Das suaves encostas, do regaço vasio das collinas, onde agora apenas perpassa e sorri em promessas o silencio do descampado, villas graciosas debruçarão suas varandas, e os hoteis e os sanatorios e os institutos de robustez ou de repouso fulgirão em requintes de arte e de conforto, no lustre das applicações mais completas e melhores da hygiene e da medicina. A natureza, quasi virgem no sadio esplendor de suas maravilhas, desabrochará a floração completa dos beneficios, que rebentam á tóa de suas graças silvestres.

E os que esvoam de nós para plagas extranhas, em demanda dos Pyreneus e dos Alpes, acertarão rumo para o retiro que esqueciam tão perto, acenando á incerteza dos forasteiros de toda a parte do mundo o clima inegalavel, que revigora e expande sem jaça a alegria da vida e da saúde.

Eis ahí fica, longa e talvez por demais derramada, a impressão de nossa visita, retratada do quanto vimos, daquillo que em nós proprio experimentámos e do mais a que nos levou o raciocinio. E' nada, em face do que o assumpto merece e ficará reclamando.

Reflecte, no entanto, em falta de melhores dons, a reciproca dos dias serenos, que, á benignidade dos seres e das cousas, aqui nos deram sua envolvente caricia.

Julho de 1916.

DR. OLYMPIO PORTUGAL

SYLVIO ROMERO E A ALMA BRASILEIRA

I

IMPRESSÕES PESSOAES

No verão de 1910, — em virtude do cargo que eu exercia junto do governo da Republica — tive de me transportar para a Tijuca, installando-me no hotel do Alto da Boa Vista. Poucos dias depois, estando uma noite a palestrar com um dos hospedes, fui informado de que veraneando alli tambem se achava Sylvio Roméro, sendo-me logo indicado o seu aposento: um pequenino quarto abrindo para um corredor, e occupando area quiçá inferior a nove metros quadrados. Illuminava-o frouxa luz de uma vela. Uma das folhas da porta estava de todo fechada, e a outra semi-aberta. Defronte, uma cama de solteiro, sentado na qual estava Sylvio, — soturno, cabisbaixo, a mão direita segurando um copo de leite, e a esquerda comprimindo a região do coração. Era de absoluta tristeza o seu aspecto. Aspecto de um soffredor.

Parado junto á abertura da porta, contemplava eu aquella grande figura do Brasil intellectual, quando senti sahir-lhe do peito um suspiro acompanhado de lento abanar de cabeça, tudo aquillo parecendo traduzir um estado de desalento, de descrença, de desengano. Então resolvi annunciar-me, e penetrei no aposento do meu amigo.

Sylvio recebeu-me como sempre: braços abertos, coração aberto. Falou-me logo da sua extrema pobreza, que lhe não permittia procurar allivio para os males phisicos sem aggravção do moral, privando-o da companhia dos seus. Mas de

repente, como que envergonhado de se mostrar abatido e queixoso, reagiu, e, fitando-me com aquelle seu olhar agudo e brilhante, desatou os labios num amplo sorriso, prologo de uma forte e sonora gargalhada, uma gargalhada moça, que rebentou seguida destas palavras: "Tu por aqui, demonio! Pois então, vamos trocar idéas". Estavam debandadas as nuvens da tristeza.

O homem physico permanecia sentado; mas o espiritual estava de pé, magnifico, soberbo, com todos os fulgores da sua extraordinaria intelligencia e as vibrações do seu singular temperamento.

Sylvio levou-me sem demora para o dominio scientifico da sua predilecção — a sociologia — inquirindo o meu modo de pensar sobre os trabalhos com que os Estados-Unidos têm contribuido para o engrandecimento da nobre sciencia. Nem de proposito, eu estava lendo uma das melhores obras de Alfredo Mahan, o notavel official da marinha norte-americana. Constituiu esse livro o primeiro ponto da nossa palestra, a qual depois se dilatou, abrangendo principalmente os escriptos de Lewis Morgan e Franklin Giddings. De paiz em paiz, de nome em nome, chegámos á Grecia consubstanciada na figura incommensuravel de Aristoteles.

Era quasi meia noite. Despedi-me de Sylvio, muito contra a sua vontade, e sahi verdadeiramente apprehensivo, pois, pelo que observára, me pareceram de octogenario as condições daquelle organismo, que ainda não tinha 59 annos.

Sempre que me era possivel, eu o acompanhava nos passeios que elle costumava dar pelas cercanias do Alto, ás horas frescas da manhã e da tarde. Caminhavamos um dia em direcção á Cascatinha, quando de subito o grande homem parou e me disse, num daquelles rompantes que eram sómente seus: "Fale-me de Leibniz. Porque você o considera a primeira cabeça philosophica da Allemanha?" Sylvio acabava de me *provocar* para me *debater*. Estava alli inteiro o autor das *Provocações e Debates*.

De Leibniz passámos a Descartes, deste a Renouvier, detendo-nos em apreciações sobre os adversarios da evolução. Ahi Sylvio, — de cuja psychologia a doutrina evolucionista era, por assim dizer, parte integrante — não se poude conter: desembainhou a logica e brandiu os argumentos, que reluziam



victoriosos como lamina de espada napoleonica. Falava superiormente, admiravelmente, com esse ardor que só têm os que podem comprehender e amar tão elevados e bellos assumptos. Nunca eu o tinha visto subir a altura tamanha.

Dias depois, tive de deixar a Tijuca e seguir para Petropolis. Nessa cidade, recebi cartas de Sylvio, numa das quaes elle me dizia não saber mais como procurar allivio para os seus soffrimentos. Andava indeciso, ora pretendendo fixar-se aqui, ora alli, sem poder dizer-me aonde o levariam as suas condições de "doente grave e pauperrimo."

De facto, a não ser logo depois da publicação do meu livro *A Verdadeira Revisão Constitucional*, que Sylvio prefaciou, só pude vel-o com frequencia quando elle ficou impossibilitado de sahir.

Era de se vêr como ainda rutilava aquella intelligencia, como aquella prodigiosa memoria ainda conservava toda a sua tenacidade e promptidão.

Na noite de 4 de Julho de 1914, encontrei o meu grande amigo profundamente acabrunhado. Perguntou-me se eu já tinha visto algum homem todo cheio de edemas melhorar á ponto de sahir, andar, trabalhar... E depois, como que, falando a sós: "Tenho muito medo de morrer. Mulher, filhos... filhos pequenos..." Fui obrigado a me despedir de Sylvio: já me sentia atacado da molestia de olhos que me devia reter em casa durante mais de um mez. Guardo no coração as palavras que elle me dirigiu no momento da nossa despedida. Mal sabia eu que eram as ultimas, e que naquella noite eu o deixava para nunca mais tornar a vel-o.

Quando, na manhã de 19, eu soube da morte de Sylvio, occorrida na vespera, tentei immediatamente sahir para beijar a frente do sabio e as mãos do amigo; mas a impressão da luz não na puderam supportar os meus olhos, doentes duas vezes, porque tinham acabado de chorar.

II

ESBOÇO BIOGRAPHICO e QUADRO CHRONOLOGICO

Com o fallecimento do autor da *Historia da Literatura Brasileira*, perdeu o Brasil uma das suas maiores figuras



intellectuaes e ao mesmo tempo um dos seus filhos mais dedicados.

Não tenho motivos para me andar *assombrando* com a sabedoria dos meus patricios. Não que eu a possuia, sim porque, em virtude do character encyclopedico dos cursos que fiz na academia e dos meus estudos ulteriores, estou um pouco habituado ao contacto com os espiritos de vasto e profundo saber.

Mas a illustração de Sylvio Roméro, dadas as condições do homem e do meio, era verdadeiramente de pasmar.

Grande sabedor da *philosophia*, da *historia*, da *critica*, da *sociologia* e dos *assumptos nacionaes*, — elle tem um lugar distincto na historia intellectual da sua patria, e é sob os cinco aspectos referidos que deve ser estudado, para ser comprehendido em todo o seu merecimento. Por outro lado aquelle homem era filho legitimo da segunda metade do seculo XIX, e, por isso, bem cedo comprehendeu a necessidade de se premunir das generalidades scientificas que deviam servir de base aos estudos superiores da sua predilecção. Accrescentae ao que fica dito uma extraordinaria disposição para a leitura e para acompanhar o movimento das idéas, um raro poder de assimilação, uma excepcional capacidade de trabalho, um amor intensissimo por este Brasil, — e tereis, nas suas linhas geraes, a grandeza daquelle espirito, a superioridade daquelle homem, no qual o philosopho, o historiador, o critico e o sociologista só se moviam em serviço do *brasileirista*, no bom sentido da expressão: no sentido de estudioso dos *assumptos nacionaes*, e devotado aos interesses e autonomia desta grande terra.

Sylvio era de Sergipe, onde nasceu a 21 de Abril de 1851. Aos doze annos, em 1863, veio para o Rio de Janeiro, estudando aqui os preparatorios, que terminou em 1867. No primeiro mez do anno seguinte, partiu para o Recife, matriculou-se na Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1873. Em 1874, apparece discursando na Assembléa Provincial de Sergipe. Volta para o Recife, onde se demora até fins de 1876, retirando-se em Novembro com destino ao interior da provincia do Rio de Janeiro, na qualidade de juiz municipal. Em Abril de 1879, chegou a esta cidade, resolvido a estabelecer nella a sua residencia. Mezes depois, em Janeiro do anno seguinte, entrou

em concurso de philosophia no Collegio Pedro II, sendo nomeado lente cathedratico.

Eis a relação dos seus trabalhos, por ordem chronologica, ficando ainda de lado alguns escriptos, que, entretanto, nada adiantam para a comprehensão da personalidade do grande brasileiro:

ARTIGOS DE JORNAL

1870. *A poesia dos Harpejos Poeticos; O que entendemos por poesia critica; A poesia das Phalenas; A poesia das Espumas Fluctuantes.*

1871. *Systema das contradicções poeticas; A poesia e os nossos poetas; Critica das Peregrinas de Victoriano Pathares.*

1872. *Uma pagina sobre literatura nacional; Realismo e idealismo; As legendas e as epopéas; A poesia e a religião; A poesia e a sciencia; Camões e os Luziadas; A rotina literaria; Appreciação das Cartas de Sempronio.*

1873. *Uns versos de moça; A critica literaria; O romanismo no Brasil; Uma these sobre economia politica.*

LIVROS E OPUSCULOS

1874. *Discurso na Assembléa de Sergipe.*

1875. *Ethnologia Selvagem; Razões justificativas do art. 482 do Cod. Commercial.*

1878. *A Philosophia no Brasil; Cantos do Fim do Seculo.*

1880. *A Literatura Brasileira e a Critica Moderna; Interpretação Philosophica dos Factos Historicos.*

1882. *Cantos Populares do Brasil; O Naturalismo em Literatura; Introducção á Historia da Literatura Brasileira.*

1883. *Contos Populares do Brasil; Ensaios de Critica Partamentar; Ultimos Harpejos.*

1885. *Valentim Magalhães; Estudos de Literatura Contemporanea.*

1886. *A Philosophia e o Ensino Secundario.*

1887. *Uma Esperteza!*

1888. *Ethnographia Brasileira; Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil; Historia da Literatura Brasileira.*

1889. *As tres fórmãs da Organização Republicana.*
1890. *A Historia do Brasil pela biographia dos seus herócs.*
1891. *Luiz Murat.*
1893. *Parlamentarismo e Presidencialismo.*
1894. *Doutrina Contra Doutrina.*
1895. *O Antigo Direito em Hespanha e Portugal* (na "Revista Brasileira"); *A Verdade sobre o caso de Sergipe; O Vampiro do Vasa-Barris; Ensaios de Philosophia do Direito.*
1897. *Machado de Assis; Novos Estudos de Literatura Contemporanea.*
1899. *Parnaso Sergipano* (1.º volume).
1900. *A Literatura* (no "Livro do Centenario"); *Ensaios de Sociologia e Literatura.*
1901. *Martins Penna.*
1902. *O Elemento Portuguez no Brasil.*
1903. *O Duque de Caxias.*
1904. *Pinheiro Chagas; Discursos; Parnaso Sergipano* (2.º volume); *Passo recibo.*
1905. *Evolução da Literatura Brasileira; Evolução do Lyrismo Brasileiro.*
1906. *Outros Estudos de Literatura Contemporanea; O Allemanismo no Sul do Brasil; A Patria Portugueza; Compendio de Historia da Literatura Brasileira* (com João Ribeiro).
1907. *O Brasil Social; Recepção de Euclides da Cunha; A America Latina.*
1908. *O Brasil Social* (na "Revista do Instituto Historico"); *Illusões e Realidade no Brasil.*
1909. *Da Critica e sua exacta definição; Zéverissimações ineptas da Critica.*
1910. *Provocações e Debates.*
1911. *Quadro Synthetico da Evolução dos Generos; O Brasil na primeira decada do seculo XX.*
1912. *A Bancarrota do Regimen Federativo; O Casti-uhismo; A Geographia da Politicagem.*
1914. *Minhas Contradicções.*

Ao todo, dezenove artigos, vinte e dois opusculos e trinta e oito livros. Do primeiro artigo ao ultimo livro, quarenta e

quatro annos. Deduzido o tempo durante o qual, por motivos de incommodos physicos e moraes, o grande escriptor se viu impossibilitado de trabalhar, fica um total de mais ou menos quarenta annos de uma pasmosa actividade, rarissimamente observada nesta terra, onde, se o amor ao trabalho persistente, honesto, animado por um grande ideal não chega a ser um demerito, tambem não constitue merito, no verdadeiro sentido da expressão.

III

VISTA GERAL DA OBRA DO ESCRIPTOR

O ligeiro esboço biographico e o quadro chronologico acima traçados deixam vêr intuitivamente que a vida intellectual de Sylvio Roméro se divide em duas phases: a nortista e a sulista. A primeira começa em 1870, com o escripto *A poesia dos Harpejos Poeticos*, e termina cinco annos depois, com a celebre these *Razões justificativas do art. 482 do Codigo Commercial*; a segunda principia em 1878, com o volume *A Philosophia no Brasil*, e acaba em 1914, com o livro *Minhas Contradicções*.

E' bello acompanhar a marcha e o desenvolvimento daquelle notavel espirito através de ambas, á luz do criterio evolucionista.

Assiste-se á formação de um mundo.

A primeira phase é da *nebulosa*, do estado diffuso; a segunda é da *concentração*. A materia vae integrar-se. passando de uma homogeneidade relativamente indefinida, incoherente, para uma heterogeneidade relativamente definida, coherente... E assim como no mundo psychico, do qual este é simples manifestação, tudo gravitava em torno do *brasileirista*, aqui o centro, o *sol* é a *Historia da Literatura Brasileira*. Por outro lado, além da concentração total, da concentração do conjuncto, ha concentrações parciaes, como na evolução astronomica, de que fala o principe dos philosophos modernos.

Estamos em presença de um mundo. Não esqueçamos. Ha de tudo nelle: grandes e pequenas cousas, altos e baixos, luz e sombra... Um sol, que é o centro do systema; planetas, satellites... A's vezes, corpos luminosos passam dando a impressão



de astros que se houvessem desprendido das alturas. Ver-se-á, porém, que não são astros: simples estrellas cadentes, que desaparecem com a toada dos *Cantos do Fim do Seculo*, dos *Ultimos Harpejos*... Outras vezes, a temperatura se eleva, o céu escurece, a tempestade se annuncia... e o raio parte formidoloso, com a furia d'O *Vampiro do Vasa-Barris*, do *Passe Recibo*, d'O *Castilhismo no Rio Grande do Sul*... Não raro, um pavoroso estampido se faz ouvir, denunciando algum phenomeno extraordinario: são grossos aerolithos que cáem, rugindo com a colera de *Uma Esperteza*, de *Zéverissimações da Critica*, de *Minhas Contradiecções*...

O mundo é assim mesmo: tem do grande, do luminoso, do bello, como do pequeno, do sombrio, do horrivel. Aceitemol-o como elle é, e procuremos desvendar, no complexo da sua estrutura, o que viverá para todo o sempre, resistindo ao embate das paixões e injustiças do presente.

* * *

Na primeira phase da vida espiritual de Sylvio Roméro, já se notam, disseminados nos dezenove artigos e nos tres opusculos, os primeiros delineamentos do papel quintuplo que o eminente homem teria, annos depois, de desempenhar como intellectual.

Os escriptos intitulados *Realismo e Idealismo*, *A Poesia e a Religião*, *A Poesia e a Sciencia*, principalmente, deixam perceber alguma cousa do espirito philosophico do seu signatario. Já sufficiente para dar alguma idéa da organização espiritual do futuro historiador, é o discurso na Assembléa Provincial de Sergipe. O critico se acha em estado embryonario nos artigos *A Critica Literaria*, *O Romantismo no Brasil* e outros. A these sobre economia politica e muitissimas passagens dos demais trabalhos dessa primeira phase, pelo modo por que são encarradas as questões, revelam fé numa sciencia social, contém o germen do sociologista. Ha, porém, no meio de tudo isso uns traços mais definidos, mais nitidos, mais visiveis: são do *brasileirista*. Com effeito: os tres opusculos versam exclusivamente sobre assumptos nacionaes, e o mesmo é justo dizer da quasi totalidade dos escriptos.

Na segunda phase, todos esses phenomenos se vão accentuando progressivamente. O philosopho apparece mais comprehensivel n'A *Philosophia no Brasil*; o historiador, na *Interpretação Philosophica dos Factos Historieos*, e na *Introdução á Historia da Literatura*; o critico, principalmente, na *A Literatura Brasileira e a Critica Moderna*; o sociologista, no modo já superior de encarar as relações que guardam entre si os factos de ordem social ;o brasileirista, nos *Cantos e Contos Populares*, na *Ethnographia*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular*, — indo tudo integrar-se na *Historia da Literatura Brasileira, centro do systema* — e que, na realidade, é uma historia *philosophica e critica*, animada pelo espirito *sociologico*. A evolução continúa. Integrações parciaes vão ter lugar, individualizando-se a obra do philosopho, a do historiador, a do critico e a do sociologista, como o demonstram *Doutrina contra Doutrina*, *Historia do Antigo Direito em Hespanha e Portugal*, *Ensaio de Philosophia do Direito*, *Ensaio de Sociologia*, *A Patria Portugueza*, *A America Latina*, *O Brasil Social*...

Não sei, entre nós, de vida espiritual mais bella, mais cheia de attractivos e de interesse para os criticos dignos deste nome.

E' possivel analysal-a muito bem segundo a ordem chronologica das produções do escriptor; mas é preferivel tomar separadamente cada um dos grandes aspectos enumerados da sua alma, estudando-o detidamente: evitam-se as fragmentações e as repetições. Depois, um trabalho mais accurado unificará todos elles, fundindo-os numa synthese superior.

* * *

Uma cousa logo chama a attenção dos que estudam a vida de Sylvio Roméro, impressionando ben: elle não teve a febre das exhibições prematuras, a mania das *preecidades*: não pensou jámais em ser *menino prodigio*. Quando publicou o primeiro trabalho (na *Crença*, jornal do Recife, Abril de 1870), contava já dezenove annos de idade.

E' elle mesmo quem o diz:

“ No Recife, onde aportei em Janeiro de 1868, e onde per-
“ maneci até 1876, levei os dous primeiros annos calado, no

“ estudo das disciplinas que, até aos dias actuaes, me têm
“ preocupado mais.”

Dous annos calado... Attribuo isso não só á propria organização psychologica de Sylvio Roméro, mas tambem ao contacto d'elle com Tobias Barreto.

Eu me explico.

Sylvio não era propriamente um *literato*, isto é, um *artista da palavra*. Era, como já tenho dito tantas vezes, um philosopho, um historiador, um critico, um sociologista e um brasileiro. Natureza de pensador, detestava a superficialidade, o saber pela rama, e se comprazia no estudo penetrante das cousas, que elle via sempre como partes de um mesmo todo. Era homem das observações profundas. Chegando ao Recife antes dos dezeseite annos, lá encontrou Tobias contando quasi vinte e nove, quartannista de direito, festejado como um dos primeiros poetas brasileiros de então, auctor de varios artigos de critica, e já com a intelligencia aparelhada para produzir escriptos como o *A proposito de uma theoria de S. Thomaz* (Abril de 1868) e *A theologia e a theodicéa não são sciencias* (Junho do mesmo anno). Tobias tinha um talento verdadeiramente superior, a cabeça cheia de idéas novas, e um modo de dizer inteiramente novo; era arrogante, impetuoso, conversador eximio, dotado, em summa, de muitas qualidades para triumphar. Sylvio, já por natureza inclinado a dar primazia ás idéas, a preferir o pensamento á phrase, ficou, em presença de Tobias, duplamente obrigado a se entregar a estudos serios, para então apparecer. E foi o que fez: entrou a estudar com a soffreguidão de um forte espirito sequioso de saber.

* * *

Affirmei que o auctor d'*A Philosophia no Brasil* não era propriamente um *literato*, isto é, um *artista da palavra*. Os seus dous livros de poesias só podem concorrer para dar força á minha affirmacão, pois estão a dizer claramente que o seu auctor não era poeta. Dos *Cantos do Fim do Seculo* e dos *Ultimos Harpejos*, o que fica é a concepção, é o trabalho do pensador, que já no prefacio do primeiro desses volumes apparece consideravel, atirando o versejador para um plano muito

abaixo daquelle em que ficam os verdadeiros artistas do verso. Demais, durante o tempo em que esteve aqui estudando os preparatorios, Sylvio não poetou uma só vez. Transportando-se para o Recife, onde Castro Alves tinha acabado de cantar, e onde Tobias cantava ainda, continuou sem poetar, até que, passados aquelles dous annos de silencio, produziu o primeiro trabalho em prosa, traçando o programma de uma *nova poesia*, e logo depois... os primeiros versos.

E' significativo.

Se se tratasse de um legitimo poeta, o estro não teria ficado sem manifestação, á espera de uma fórmula; não teria a lyra solicitado á bussola do philosopho que lhe apontasse um norte...

Sylvio Roméro tambem não era orador, no verdadeiro sentido da expressão. Falava com facilidade e clareza, mas sem aquellas finas qualidades que distinguem o artista da oratoria. Elle proprio lastimava não as possuir, para reforçar a propaganda escripta das suas idéas com a propaganda oral.

Taes as razões por que não tratarei de Sylvio como *poeta*, nem como *orador*. Nos seus discursos, como nas suas poesias, a arte é nulla e por vezes negativa, ao passo que o espirito philosophico e critico assume proporções gigantescas.

Não me parece, outrosim, que o auctor dos *Ensaio*s possa figurar especificamente como *jurista*. Eliminae dos seus escriptos de direito o que pertence ao philosopho, ao historiador, ao critico, ao sociologista, e tereis, manifestamente, um conjuncto de paginas em branco.

Eis a verdade.

Este livro não é um panegyrico: sou absolutamente desageitado para o genero. Este livro pretende ser uma obra de verdade e de justiça. Tratando de um grande brasileiro, que tem o nome inscripto, sem o minimo favor, no quadro das notabilidades sul-americanas, era natural que o seu auctor procurasse manter-se, como fez, no nivel da critica honesta, abominando ao mesmo tempo e com igual força tudo aquillo que lhe parecesse mentiroso e injusto.

Com este criterio, vae aqui estudado, nos cinco grandes aspectos da sua alma, o glorioso anctor da *Historia da Literatura Brasileira*.



São analysados successivamente o *philosopho*, o *historiador*, o *critico*, o *sociologista* e o *brasileirista*, comprehendendo o *ethnographista* e o *folklorista*; em seguida, um capitulo de synthese mostra como tudo isso está, por assim dizer, incluido no *evolucionista*; um outro capitulo diz propriamente do *escriptor*.

Até ahi, o trabalho é tão expositivo e explicativo quanto critico. Este ultimo ponto de vista, porém, predomina no capitulo final, onde o grande brasileiro é estudado em relação *ao seu paiz e ao seu tempo*.

* * *

Não quero fechar estas paginas introductivas sem prevenir uma objecção, pelo facto de não ter este livro um capitulo consagrado a Sylvio Roméro como *polemista*. Na realidade, é de causar estranheza áquelles que pensam como Araripe Junior, para quem o auctor da *Historia da Literatura Brasileira* não passava de um individuo que vivia a *polemiear* a proposito de tudo, de um irrequieto *combatente* e feroz *demolidor*. Mas semelhante juizo é absolutamente destituido de fundamento, como provarei á saciedade no ultimo capitulo deste livro, limitando-me, por enquanto, a dizer que subscrevo, sem restricções, as seguintes palavras de Clovis Bevilaqua — uma intelligencia e uma consciencia: “Na obra literaria de Sylvio, penso eu, a “polemica foi um incidente, como incidentes foram as muitas “batalhas que teve de sustentar e as demolições que foi coa-“gido a realizar.”

E' isto mesmo. Impossivel dizer melhor. Não pôde ser acoimado de polemista em essencia, — como erroneamente, apaixonadamente fez Araripe Junior — o homem que foi um grande e tenaz *propagandista* de idéas novas, um *reformador* e um *construetor*. Por via de regra, os que negam ao grande sergipano estas superiores qualidades para só lhe attribuirem aquelle defeito, não conhecem nem a decima parte da sua obra, vasta e complexa demais para ser julgada como se julgam artigos de jornal. O caso de Araripe Junior, que muito len e estudou os trabalhos de Sylvio, e muitissimo nelles aprendeu, é mais de ordem moral do que intellectual.

A feição polemista de certa parte da obra do illustre brasileiro será apreciada e discutida como deve ser: *incidentemente*.

Julgo, pois, que a razão está toda commigo, quando affirmo que, estudado o auctor da *Historia da Literatura Brasileira* sob os cinco aspectos tantas vezes mencionados, ficará elle integralmente conhecido não só no que tem de verdadeiramente grandioso, mas tambem como factor do nosso desenvolvimento intellectual.

Aprecial-o como philosopho, historiador, critico, sociologista, brasileiro, e, além disso, como *poeta, orador, jurista, ethnographista, folklorista e polemista*, seria fazer obra de dispersão e de critica negativa.

Convém insistir neste ponto, recapitulando o que deixei exposto.

A polemica foi, na vida do escriptor, um *incidente*, para ainda uma vez repetir a phrase de Clovis Bevilacqua. O folklorista e o ethnographista estão *incluidos* no brasileiro e no sociologista. Este ultimo e mais o critico, o historiador e o philosopho *exhaurem* o jurista. Como orador e poeta, Sylvio não actuou de modo nenhum no meio intellectual brasileiro, por uma razão muito simples: *não era* nem uma nem outra cousa. Nas suas poesias, o philosopho e o critico falam pelo artista ausente; os seus rarissimos discursos não differem dos seus escriptos.

Esta é a verdade. Esta é a justiça.

SAMUEL DE OLIVEIRA.



BOCCATORTA

Os fidelissimos portuguezes do seculo 15 e adjacencias legaram aos mundos descobertos a pecha de attribuir aos santos uma tarefa onomastica bem pouco lisongeira ás funcções agiologicas da côrte celeste. De principio eram as terras recém-pisadas, e com ellas as ilhas, os golfos, as praias, as montanhas, e o mais respectivo a relevos geographicos que recebiam nomes tirados do alto.

Depois as cidades incipientes se foram nas mesmas aguas, e as ruas, os beccos infectos, as padarias, bodegas, botequins e outras baiúcas onde se furta no peso.

Não parou ahi o vicio. Desceu-se pelas miudezas domesticas abaixo até alcançar o porretinho de guatambú assado ao fogo, o qual virou S. Benedicto, e o arção das sellas que inda é hoje Santo Antonio.

Isto, no fundo, talvez commova até ás lagrimas o calendario; mas não deixa bem airados os santos varões. Não valeu a pena ao primeiro padecer martyrios beatificatorios para, mais tarde, apeado da peanha celestial, descer á terra transfeito em lenho, e andar para ahi nos disturbios a empolar gallos no coruto dos espancados. Nem ao segundo operar o milagre dos peixes para desfechar afinal em esteio de máus cavalleiros em transe de corcóvos.

As velhas fazendas não fugiram á praxe. Rara é a que toma nome d'algum estyigma peculiar ao facies topographico, escapando desse modo á santificação. Ha-as, porém, e entre estas a fazenda do Atoleiro, propriedade do major João Lucas do Prado Botelho. A quarto de legua do arraial do mesmo nome, seus quinhentos alqueires de massapê vêm morrer á espalda do povoado, rente ao pequenino cemiterio de taipa.

De permeio entre este e um tracto de mattas virgens



dormita de papo acima o atoleiro que passara a perna aos santos. Pégo de insidiosa argila negra fraldejado por uma corôa de velhos guembês nodosos, a tabúa esvelta cresce-lhe pelo meio, muito viçada na folhagem erectil, como espadas verdes que as brisas tremelicam. Pela inflorescencia, longos hastis soerguem-se a prumo sustendo no apice um chouriço côr de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Entre seus talos correm baturas ariscas de longo bico, de parceria com as corruilas do brejo, cujos ninhos bojudos ouriçam-se, tramados de aculeos, nos espinheiros marginaes.

Fóra disso rãs, mimbuías pensativas e, a rabear velocissima por sob as poças verdinhentas d'algas, a trahira, esse voraz esqualosinho do lodo. Um brejo, emfim, como cem outros.

Notabilisa-o, porém, a profundeza. Ninguem ao vel-o tão manso e calmo sonha o abysmo trahidor occulto na verdura. Dois, tres varejões de bambú emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se no lodo sem alcançar pé.

Além de varios animaes sumidos nelle, contava-se o caso tragico de um Simas, portuguez teimoso que, na birra de salvar um burro seu, já atolado a meio, se viu tragado lentamente pelo barro maldito. Desd'ahi ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das boccas do proprio inferno.

Transposto o abysmo a vegetação encorpa até constituir e matta por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda. Pela manhã daquelle dia estrupitára por ali, quebrando o silencio della, o troy do major, de volta com a familia d'uma semana santa passada fóra.

Além do velho, de sua mulher Don'Anna e de Christina, a filha unica do casal, vinha, em gozo de ferias, o doutorando Eduardo d'Almeida, primo longe e noivo da moça. E áquelle hora o major em companhia do moço ouvia, na varanda, da bocca do Vargas, fiscal, a noticia do succedido durante a sua ausencia.

Já contára Vargas do café, da puchada dos milhos e estava agora na criação.

— Porcos têm sumido alguns. Uma leitôa rabió e um capadete malhado dos "Polanchan" ha duas semanas que desappareceram. Para mim ninguem me tira da cabeça que o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava se alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é



preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquillo, Deus me perdôe, é bicho ruim inteirado. Mas não querem me acreditar...

O major sorriu. Vargas tinha ogerisa velha pelo misero Boccatorita, não perdia ensanchas de lhe attribuir maleficios, e de estumar o patrão a correr com elle das terras, que aquillo, Nossa Senhora, até enguiçava uma fazenda!

Eduardo indagou, curioso, do estranho personagem.

— Ah! exclamou o major, é o Boccatorita uma das curiosidades da fazenda. Este Boccatorita é um preto filho d'uma escrava de meu pae. Nasceu, coitado, disforme e horripilante como não ha noticia de igual. E' um monstro. De tão feio fugiu do mundo e ha muitos annos vive sosinho entocado no matto, donde sae raras vezes e sempre de noite. O povo diz delle horrores, que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o diabo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm á conta delle. Para mim é um pobre diabo cujo crime unico é ser feio demais. Perdeu a medida, o infeliz, e está a pagar essa culpa.

Vargas interveiu euspilhando com expressão de asco:

— Se o doutor o visse!... Que bicho! E' a coisa mais nojenta deste mundo!

— Tão feio como Quasimodo? chasqueou o moço.

— Esse não conheço, seu doutor, mas estou aqui estou jurando que o negro passa adiante do... como é?

Eduardo interessava-se pelo caso.

— Mas, Sr. Vargas, feio como? porque feio? explique-me lá essa feiura.

Vargas era um grande parola quando lhe davam trela. Entreparou um bocado e disse:

— O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria 'garre n'um juda de tabatinga e judie delle; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brazas allumiando; metta a faca nos beiços e saque fóra os dois; 'ranque os dentes e só deixe uns tocos; entorte a bocca de vuez na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdôe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cançar, deseance. Corra o mundo campeando feiúra e applique os achados no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente do Boccatorita. Sabe o que acontee? O juda fica lindo!

— Irra! exclamou Eduardo casquinando, você exaggera Sr. Vargas, não será tanto assim, o diabo não ha de ser tão medonho como você o pinta!

— Homem, seu doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquillo é feiura que só vendo!

— Nesse caso quero vel-o. Um horror dessa marca merece estudo e vale bem uma pernada.

Neste comenos assomou Christina á porta, que o café estava na mesa.

— Sabe? foi-lhe dizendo o noivo, temos um bello passeio em perspectiva, vamos desentocar um gorilha que diz o Vargas é o bicho mais feio do mundo.

— Boccatorta? exclamou Christina com um reverbero d'enojo no rosto. Nem me fale nisso! Só o nome dessa creatura me põe arrepios pelo corpo.

E contou o que sabia delle. Boccatorta representára papel saliente na imaginação da moça. Pequenita, amedrontavam-n'a as mucamas com o papão, e o papão era Boccatorta. Mais tarde, com ouvir ás creoulinhas todos os horrores correntes á conta dos sens bruxedos, a menina ganhou inexplicavel pavor ao noctambululo. No collegio, lembrava-se, houve tempo em que todas as noites um mesmo pesadello a atropelava: Boccatorta, hediondo, a persegui-la, e ella, em transes, a fugir. Gritava por soccorro, mas a voz morria-lhe estrangulada na garganta. E despertava arquejante, exausta, lavada em suores frios. Curou-se com o tempo mas a obcessão vincára fundos vestigios em su'alma.

Ir-vel-o agora? Não seria provocar o retorno dos pesadellos a cuja simples lembrança estremecia ainda de horror?

Eduardo insistia.

— E' o meio de te curares de vez. Nada conio o aspecto crú da realidade para desmanchar os exaggeros da imaginação. Vamos todos, em farrancho, e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho em vez do monstro, um simples desgraçado digno do teu soccorro.

Christina consultou-se por uns momentos, e,

— Póde ser, disse, talvez vá, mas não prometto. Na hora veremos... se ha coragem. Agora, café. Café meu pae. Sr. Vargas?...

A maturação do espirito, em Christina, desbotára a vivacidade nevrotica dos terrores infantis. Inda assim vacilava. O medo antigo renascia, como renasce a encarquilhada rosa de Jerichó por influição de humilina gotta d'agua. Medo... não saberia hoje dizer de que. Vexada de surgir aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria, mas uma imperceptivel sombra annuveou seus olhos desde esse instante.

Ao jantar foram assumpto as novidades do arraial, eternas novidades de aldeia, o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casára um boticario e morrera a Luizinha Meira, menina de quatorze annos, muito chegada á gente do major. Condoida particularmente, Don'Anna não a tirava da ideia.

— Pobre da Luizinha! Não me sae dos olhos o geitinho della, tão galante, quando cá veiu pelas jaboticabas, ali, áquella porta — Dá licença Don'Anna? — tão cheia de vida, tão vermelhinha do sol... Quem diria?!...

— E inda por cima a tal historia do cemiterio... intervein Christina. Papai soube?

Corriam no arraial rumores macabros. O coveiro no dia seguinte ao enterramento topou a sepultura remexida, como se a violassem durante a noite, e viu na terra fresca pegadas mysteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo.

Já d'uma feita succedera caso identico por morte, annos atraz, da Sinházinha Esteves, mas todos duvidaram da integridade dos pobres miolos de um coveiro sarapantado.

Esses incréus, entretanto, não mofavam agora do visionario, porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o facto, confirmavam-n'ó.

Eduardo, imbuído do scepticismo bacharelesco dos moços de cidade grande, metteu a riso o caso com muita fortidão de espirito.

— A gente da roça duma folha d'embaúva pendurada no barranco, faz logo pelo menos um lobishomen ou tres mulas sem cabeça. Esse caso do cemiterio: um cão vagabundo entrou lá e arranhon a terra. Está ahi todo o grande mysterio!

Christina objectou:

— E os rastos?

— Os rastos? Estou a apostar em como os taes rastos são

rastos do proprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casco...

— E o padre Lysandro? acudiu Don'Anna para quem um testemunho tonsurado era documento de muito acato.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e trincando um rabanete expectorou:

— Ora o Padre Lysandro! Pelo amor de Deus, Don'Anna! O Padre Lysandro é o proprio coveiro de batina e corôa! A proposito...

E contou a proposito varios casos daquella marca que no correr do tempo vieram-se a explicar naturalmente com grande cara d'asno dos coveiros e Lysandros respectivos.

Christina ouviu, com o espirito longe dalli, absorta em scismas, a bella demonstração geometrica. Don'Anna concordou da bocca para fóra, — por amabilidade. Mas o major, esse não piou nem sim nem não. A experiencia da vida ensinara-lhe a não affirmar com despotismo nem negar com "oras".

— Ha muita coisa exquisita neste mundo... dizia, traduzindo involuntariamente a safada replica do principe indeciso ao cabeça forte do Horacio.

Zangára o tempo quando, á tarde o rancho encaminhou-se rumo ao casebre de Boccatorra.

Ventava. Rebojos de nuvens pardas estrangulavam as ultimas nergas d'azul. Os noivos breve se distanciaram dos velhos, que a passos tardos seguiam commentando a boa composição do futuro casal.

Não havia nisso exaggero de paes. Eduardo, comquanto vulgar, tinha a esbelteza necessaria para ouvir sem favor o encomio de rapagão e Christina era um ramalhete completo de todas as graças que os dezoito annos sabem compor.

Donaire, elegancia, distincção... pintam lá vocabulos esbeçados pelo uso esse punhado de "ques" particularissimos cuja somma a palavra "linda" totalisa?

Labios de cereja, ou de café em cereja para gaudio da côr local, a magnolia da pelle accesa em rosas na face, olhos sombrios como a noite, dentes de perola... as velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor



que o “linda!” dicto sem mais enfeites além do ponto admirativo.

Vel-a mordiscando o hastil duma panicula roxa de catingueiro, colhida á beira do caminho, ora risonha ora séria, a côr das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincarem-lhe nas temporas, vel-a assim tão formosa no quadro agreste duma tarde de Junho era comprehender a expressão dos rocciros: é linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo tinha-os Christina de alta belleza. Naquella tarde, porém, as sombras de sua alma coavam nelles penumbras de estranha melancholia. Melancholia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo arrefecia amiude ante as repentinas fugas da sua alma. Elle a percebia longe de si, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticencia que o amor não vê de boa cara. E á medida que caminhavam recrescia aquella exquisitice. Um como intactil morcego diabolico riscava-lhe a alma de voejos presagos. Nem o estimulante das brisas asperas, nem o “cheiro de natureza” exsolvido da terra, nem a ternura do noivo eram de molde a esgarçar a mysteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo notou-o por fim, e, inquieto:

— Que tens hoje, Christina? Tão sombria...

E ella, num sorriso triste:

— Nada!... Porque?

Nada... E' sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconsciente, como os zigzagues subtilissimos do sismographo em prenuncios de remota commoção tellurica. E esses nadas são tudo!...

— A' esquerda, pelo trilho.

A voz do major chamou-os á realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se em colleios até á beira d'um correjo onde se reuniram de novo.

O major tomou a frente e guiou-os matta a dentro pelos meandros d'uma velha picada.

Era aquelle o matto sinistro onde se alapavam Boccatorita e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o fáro do povileu, sem que se soubesse porque. A's sextas-feiras, na voz corrente no arraial, Merimbico virava lobishomem e se punha de ronda ao cemiterio com muitos uivos

macabros e aboccamientos ás pobres almas penadas. Coisa muito de arrepiar.

O sombrio da matta anoiteceu de vez a alma de Christina.

— Mas afinal para onde vamos, meu pae? Afundar no atoleiro como o Simas? Meu pae já fez testamento?

— Já, filha, chasqueou o major, folgasão, e deixo o Boccátorta para ti.

Christina emmudeceu. Retransia-a em doses crescentes um medo, o velho medo de outr'ora e foi com um estremecimento arripiado de corpo que ouviu o ladrido proximo de um cão.

— E' Merimbico, disse o velho, estamos quasi.

Mais cem passos e a matta rasgava-se de uma clareira em cujo centro Christina viu a biboca do negro.

Fez-se pequenina a moça e achegou-se de Don'Anna, apertando-lhe nervosamente as mãos.

— Bobinha! Tudo isso é medo?

— E' peor que medo, é... não sei o que!

Não tinha feição de moradia humana a alfurja do negro. A' laia de paredes paus a pique, mal juntos, entresachados de ramadas seccas. Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapê no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacaria velha. Como entrada um buraco por onde mal passaria um homem de agacho.

— Olá, ó caramujo! Sae da toca que está cá o sinhô moço e mais visitas! gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradavel som, Christina sentiu correr na pelle o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercível movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro saiu da cova meio de rastros com a lentidão de monstruosa lesma. A principio surdiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços e a traparia impunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando, nos rasgões, o negror da pelle craquenta.

Christina escondeu o rosto no hombro de Don'Anna, — não queria, não podia vêr.

Boccátorta excedia a toda pintura. A hediondez personificára-se nelle, residindo sobretudo na monstruosa deformação da bocca. Não tinha beijos e as gengivas largas, violaceas, com



raros cotos de dentes bestiaes fincados ás tontas, mostravam-se crúas, qual enorme chaga viva. E torta, posta de vuez na cara, num esgar diabolico, resumia o que a teratogenese póde compôr de mais horripilante. Embora se estampasse nella quanto fosse preeiso para dar áquella creatura a culminancia da aseosidade, a natureza malvada não ficára nisso, e dera-lhe pernas cambaias, e uns pés deformados que não lembravam nem remotamente a fórma do pé humano. E olhos vivissimos, que pulavam das orbitas empapuçadas, veitados de sangue na eselerotica amarella. E pelle grummosa, eseamada de escaras cinzentas... Tudo nelle rompia eom o equilibrio normal do corpo humano e se disparatava em desconehavos absurdos, eomo se a teratologia capriehasse em erear a sua obra prima.

A' porta do casebre Merimbico, cachorro vulgar todo ossos, pelle e sarna, rosnava contra os insolitos importunos que vinham perturbar-lhes o insulamento.

Don'Anna e a filha retiraram-se, engulhadas. Só os dois homens resistiam á nauseante visão das duas creaturas proseriptas da harmonia por um mesmo fado.

A Eduardo tolhia-o uma emoção jámais sentida, mixto de asco, de piedade e de horror. Aquelle quadro de suprema repulsão, novo para os seus nervos, desnorteava-lhe as idéas. Estarrecido como em faee da Gorgona, não lhe aeudia palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava lingua eom o monstro, que, em certo ponto a uma pergunta alegre do velho arregaçou na eara um riso. Eduardo não teve mão de si; aquelle riso naquella eara excedia á sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto enojado e se foi para onde as mulheres, fóra da elareira, murmurando:

— E' demais! E' demais! E' de fazer mal aos nervos mais solidos!

Seus olhos eneotraram-se eom os de Christina e Eduardo leu nelles uma expressão tal de pavor — pavor de avesinha engrifada nas púas da suindára — que se arrependeu no fundo d'alma de haver promovido semelhante passeio.

Quando saíram da floresta, morria a tarde sob a chibata

de um vento precursor de chuva imminente. Don'Anna arreceu-se pela filha.

— Foi imprudencia, Christina, vires sem, ao menos, um chalinho de cabeça. Queira Deus!...

A moça não emittiu palavra. D'olhos baixos, retransida, aspirava a largos haustos o ar gelado para desopressão d'um aperto de coração nunca padecido fóra dos pesadellos.

O silencio generalisara-se. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha ora o asco do moço, mas breve calou-se tambem, ganho pelo mau estar geral.

Triste anoitecer o daquelle dia, picado a espaços, pelo revôo surdo dos curiangos...

O vento zunia e numa lufada trouxe da matta sinistra o uivo remoto de Merimbico. Um commentario unico escapou á bocca do major:

— Diabo!

Fechára-se a noite e cahiam as primeiras gottas de chuva quando pisaram o alpendre do casarão. Christina sentiu nesse momento um calafrio unico sacudir-lhe o corpo inteiro como se o convulsionasse a corrente eléctrica.

No dia immediato a moça amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração oppressa. O reboliço foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz tentando descobrir o mal de Christina, mas perdia-se sem bussola, no barathro das molestias.

Nesse em meio Don'Anna exgottava o arsenal da medicina anodina dos simplices caseiros. O mal, entretanto, recalcitrava ás chasadas e sudoriferos.

Chamou-se o boticario da villa. O boticario veio de galopada e diagnosticou pneumonia, como se receava. Quem já não assistiu a uma dessas desgraças subitaneas que de golpe se abatem, qual negro avejão de preza, sobre uma familia feliz, e estraçoa-lhe quanto representa nella a alegria, a esperanza, o futuro? As noites em claro, os dias morosos, as janellas cerradas, cochichos pelos cantos, o rumor dos passos

abafados... E o doente a piorar... O medico da casa, chamado ás pressas, que se mostra apprehensivo, com vincos na testa... E o duello contra a molestia incoercivel... E a desesperança final, o irremediavel antolhado imminente, a morte presentida em ronda á casa...

Ao oitavo dia Christina foi desenganada e ao nono o sino do arraial plangia o seu prematuro fim.

— Morta!...

Eduardo escondia as lagrimas entre as almofadas do leito repetindo cem vezes a mesma palavra.

— Morta!...

Alcançava-lhe agora o significado tremendo, e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som vazio de sentido! A imagem de Christina morta a esfervilhar na dissolução, sob a terra gelada, contrapunha-se ás visões da Christina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz se lhe impregnára a alma.

Cerrando os olhos revia-a pelo seu braço, durante o passeio funesto, envolta nas brumas mysteriosas dum vago presentimento. E recordava suas palavras dubias, sua vacillação. E arreperava-se de a não ter comprehendido, de não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa subconsciente que tenazmente a defendia. Taes pensamentos enxameavam entorno á carne viva da sua dôr coando nella venenos crueis. Fôra, o sol redoirava cruamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Christina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das arvores, nem se recobria de cinzas a terra!...

Revoltado contra a indifferença das cousas Eduardo fechou-se na clausura de si proprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfanhar sob a pata bruta do destino.

Passaram-se as horas.

Noite alta acudiu-lhe a idéa de correr ao cemiterio e beijar num ultimo adeus o tumulo de Christina.

Fluctuava pela natureza adormecida o pallor cinerio da mingoante. Raras estrellas no céu e na terra nenhum rumorejo

além do remoto nivar de um cão — talvez Merimbico — e do concerto das untanhas coaxando glu-glu nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemiterio.

Estava encadeado o portão.

Encostando a testa aos frios varões de ferro seus olhos queimados de lagrimas mergulharam por entre os humildes carneiros em busca do que escondia Christina.

Pairava por ali um silencio de eternidade. A espaços as brisas lhe traziam o odor acre dos cravos de defunto, que em moitas enfloravam aquelle triste cemiterio de aldeia.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar o sitio onde ella dormia o grande somno quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Dirieis um arranhar da terra em raspões cantelosos aos quaes se casava o resfolego soffrego d'uma creatura viva. Pulsou-lhe violento o coração. Os cabellos cresceram-lhe na cabeça.

Allucinação?

Apurou os sentidos: o rumor estranho lá continuava vindo de um ponto sombreado de cyprestes. Firmou a vista: qualquer cousa movia-se no chão, agachada.

Subito, num clarão, fulgurou em sua memoria a scena do jantar, o caso da Luizinha, as palavras presagas de Christina, e ganho de um panico desvairado o moço deitou a correr, como louco, rumo da fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem folego, arquejante, lavado em suores frios, despertando de sobresalto a familia adormecida.

E com gritos de pavor que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam:

— Estão desenterrando Christina!... — exclamou. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!... Eu vi!...

O major acudiu estrouvinhado:

— Que loucura é essa, moço? Está delirando?

— Eu vi!... continuava Eduardo, com os olhos desmedidamente abertos. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

O major apertou a testa entre as mãos. Esteve assim, immovel, uns instantes. Depois sacudiu a cabeça num gesto de decisão, e horrivelmente calmo murmurou entre os dentes cerrados como em resposta a si proprio:

— Ha de ser isso mesmo... E eu que...



Vestiu-se de golpe, meteu no bolso o revólver e atirando tres palavras enigmaticas á estarecida Don'Anna gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz:

— Vamos!

O moço magnetisado pela energia do velho seguiu-o qual sombra.

O major correu ao terreiro e despertou o capataz.

— Venha commigo. A coisa está no cemiterio.

Vargas saltou para fóra de foice na mão.

— Vae vêr que é elle, patrão. Até juro!

O major não respondeu, e os tres homens partiram a correr pelos campos em fóra.

A meio caminho Eduardo já exausto de tantas commoções atrazou-se. Seus musculos recusavam-lhe obediencia. Ao defrontar com o atoleiro a perna fraqueou-lhe de vez e o moço cahiu, offegante.

Entrementes o major e o feitor alcançam o cemiterio. Galgam o muro, cautelosos. E approximam-se como gatos do tumulo de Christina.

Um quadro hediondo antolha-se-lhes de brusco: um corpo branco, nú e inerte, jazia no chão e enleado nelle um vulto vivo, negro como um polvo.

O pae de Christina desferiu um rugido de fera, e qual fera mal ferida arrojou-se para cima do monstro como um dardo. A hyena, mau grado a surpresa, escapou ao bote e fugiu. E coxeando, cambaio, semi-nú, tropeçando nas cruces de pau, deixando frangalhos de trapo nas aspás das cruces de ferro, galgando tumulos com agilidade inconcebivel em semelhante creatura, Boccatorra galgou o muro e fugiu seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo concentrava todas as forças para perceber o desenlace do drama, quando viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrophilo e sumir-se na massa rendilhada dos velhos guembês.

Voando-lhe no encaço viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa em que só lhe feriu os ouvidos o rumor da correria.

Depois, gritos de colera d'envolta a um grunhir de queixada cahido em mundéo — e tudo se misturou no barulho

d'uma lucta que o uivo intercadente de Merimbico dominava lugubrememente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria sob as garras dum pesadelo? Não era sonho. Disse-lh'o a voz alterada do feitor esboçando o epilogo da tragedia:

— Não atire! Não merece. P'ra que serve o barro?

E logo após sentiu recrudecer a lucta, entre imprecações de colera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro.

E ouviu farfalhar o matto como se arrastassem por elle um corpo manietado a debater-se em estorções violentos.

E ouviu um rugir de supremo desespero.

E após, o baque fôfo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista, os ouvidos cessaram de ouvir, o pensamento adormeceu...

Quando voltou a si dois homens borrhavam-lhe a cara d'agua gelada. Encarou-os marasmado. Ergueu-se mal firme, apoiado a um delles. E conheceu a voz do major que lhe dizia entre arquejos:

— Seja homem, moço. E... vamos enterrar Christina.

Ao raiar do dia, Merimbico ainda lá estava sentado nas patas trazeiras a uivar de olhos postos no sitio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragedia nocturna nem denunciava o tumulo de lodo açaimador da hedionda bocca que babujára nos labios frios de Christina o beijo unico da sua vida.

MONTEIRO LOBATO.



TEIXEIRA DE FREITAS

A intellectualidade brasileira celebra a 19 de Agosto de 1916 o centenario do principe dos jurisconsultos patrios.

Tal commemoração é de toda justiça, não precisa ser justificada. Teixeira de Freitas é uma figura de tal modo superior ao seu tempo, de uma cultura juridica e de uma audacia de pensamento em desproporção tal com o meio em que viveu, que basta por si só para honrar uma patria e encher de orgulho a nacionalidade que o produziu.

Dir-se-ia uma arvore gigantesca e frondosa, surgindo em terreno ingrato e safaro, vencendo todas as resistencias pelo proprio e exclusivo vigôr, dominando tudo em derredór pela sua altitude, e produzindo fructos de uma excellencia e novidade proclamadas por todos, nacionaes e estrangeiros, capazes de os saborear e julgar.

Vamos tentar esboçar em pallidos traços o jurisconsulto e o homem.

O JURISCONSULTO

A impressão de incontestada supremacia que Teixeira de Freitas deixou nos homens de sua geração é attestada por todos os escriptores de Direito Patrio.

“Advogado quasi sem competidores, solicitado por consultantes de todas as provincias, muitas vezes por collegas e juizes”, diz Coelho Rodrigues.

“Talento de incomparavel grandeza”, qualifica-o Lacerda de Almeida.

“A mais poderosa e fulgente condensação da sciencia juridica no Brasil”, diz João Monteiro.



“Sabio e eminente jurisconsulto, que, como a mestre, estamos habituados a respeitar”, assim a elle se refere Lafayette.

Tal foi a aureola que cercou o nome do grande jurisconsulto, desde a publicação da *Consolidação das Leis Civis* e da monumental introdução que lhe serve de portico magestoso.

“A obra immorttal de Teixeira de Freitas”, é como lhe chama Carlos de Carvalho.

“Os trabalhos do sr. dr. Teixeira de Freitas, diz Lafayette, pela profundidade das investigações, pela audacia do pensamento e pela riqueza de erudição, competem com o que de melhor se tem publicado no estrangeiro.”

Entretanto, foi o mesmo Lafayette quem mais atacou a celebre classificação dos direitos em *reaes* e *pessoaes*, que Teixeira de Freitas apresenta e desenvolve na introdução á *Consolidação das Leis Civis*.

Essa classificação parece, com effeito, *não preencher os intuitos da sciencia*, como diz Lafayette, pois que ha instituições de direito civil, como a successão, que não podem ser incluídas em qualquer daquellas classes, visto como abrangem ao mesmo tempo direitos *reaes* e *pessoaes*.

Seja como fôr, o que não se póde negar é a originalidade da concepção, a capacidade de generalisação e a força creadora do jurisconsulto, qualidades que só o verdadeiro genio póde apresentar.

Os proprios escriptores estrangeiros fizeram essa justiça ao grande mestre.

“Quoiqu’il en soit, diz Raoul de la Grasserie, cette classification generale est neuve et digne d’attirer l’attention.”

Esta impressão causada pelas paginas immortaes da introdução á *Consolidação da Leis Civis*, augmentou ainda com a publicação do projecto de Codigo Civil, de que o eximio jurisconsulto fôra encarregado pelo governo imperial, em 1859.

“O projecto Teixeira de Freitas, diz Clovis, apreciado mesmo na sua fórmula de esboço, que não era ainda a definitiva no pensamento do jurista, é um edificio de grandes proporções, (4.908 artigos) e de extraordinaria solidez, talhado sobre a rocha dos bons principios pela mão vigorosa de um artista superior e, ao mesmo tempo, recortado internamente por excessivas minucias, que talvez desaparecessem, quando o autor retirasse da obra os andaimes que alli puzera, enquanto lhe



erguia as altas muralhas. A analyse, a decomposição dos principios foi conduzida com admiravel vigôr e segurança, mas, procurando traduzir as relações de Direito Civil em todas as suas infinitas variações, por um preceito legal, foi mais longe do que convinha a uma obra legislativa.”

Porque, então, não logrou o immortal juriconsulto levar a cabo a sua portentosa empresa?

E' este o ponto maximo, o ponto culminante e tambem o mais doloroso da vida do excelso patricio.

Coelho Rodrigues acha que o trabalho da *Consolidação* fôra, talvez, mais difficil de realisar do que o projecto de Codigo Civil, opinião que não nos parece fundada.

“Na *Consolidação*, como diz Joaquim Nabuco, o genio de Teixeira de Freitas tinha tido que se soffrear, que se curvar á lei escripta, á rotina dos tribunaes, á estreiteza da velha jurisprudencia, ás vezes obsoleta; fôra apenas chamado a repetir, não a reformar a lei existente, a renoval-a com maior clareza e individuação, qualquer que fosse o seu defeito intrinseco, a sua incongruencia e insufficiencia perante a nossa época; no Codigo Civil podia, porém, exercitar as suas faculdades creadoras, dar a sua medida; não tinha mais que se escravisar ás idéas e ás formas do passado; tinha a mais ampla liberdade, podia adaptar a sua concepção do Direito, como a sua imaginação lhe inspirasse, ás condições reaes do nosso paiz, transformar-lhe mesmo o seu destino, tal fosse o seu genio.”

E com effeito, assim foi. Já ao fazer a *Consolidação* a audacia do pensamento do insigne juriconsulto déra a sua medida quando deliberára excluir do seu livro, para formar corpo separado, as leis sobre a escravidão.

“Cumpre advertir, diz elle, que não ha um só lugar do nosso texto, onde se trate de *escravos*. Temos, é verdade, a escravidão entre nós; mas, se esse mal é uma excepção, que lamentamos, condemnado a extinguir-se em época mais ou menos remota, façamos tambem uma excepção, um capitulo avulso na reforma das nossas leis civis; não as maculemos com disposições vergonhosas, que não podem servir para a posteridade: fique o *estado de liberdade* sem o seu correlativo odioso. As leis concernentes á escravidão serão, pois, classificadas á parte, e formarão nosso *Codigo Negro*.”

Só um grande espirito e um grande coração poderiam ter o descortino e a coragem precisos para assim pensar e escrever em 1858, treze annos antes da libertação do ventre escravo, trinta annos antes da lei 13 de Maio!

Foi esse mesmo descortino, essa mesma coragem, só proprios do genio, que produziram mais tarde o dissidio entre o grande jurisconsulto e o governo imperial, sobre o methodo a seguir na confecção do nosso Codigo Civil, e o levaram a abandonar os trabalhos á que havia consagrado o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Assignado o contracto com o governo em Janeiro de 1859, Teixeira de Freitas tinha quasi completa a sua obra em 1866, como elle mesmo explicava em carta ao ministro da Justiça (Martim Francisco): "Correm já publicados 3.702 artigos; estão impressos na typographia de Laemmert 1.314 artigos e, portanto, ahí temos promptos 5.016 artigos, dois mil mais do que, exceptuado o codigo da Prussia, contém os codigos conhecidos."

Pequena distancia, portanto, separava o egregio codificador do alvo collimado: mais um esforço, e teria attingido a méta sonhada, dotando a patria com um codigo que traria o seu nome e o immortalisaria para sempre.

E' então que, na phrase de Joaquim Nabuco, um irremediavel antagonismo se manifesta entre o auctor e a obra já feita.

"Depois de demorada concentração no estudo do Direito Civil, a possante mentalidade de Teixeira de Freitas sentiu necessidade de expandir-se num circulo de maior diametro, de abandonar a crypta da analyse por onde se havia internado e remontar ás altitudes da generalisação.

"Tomando novo surto o seu pensamento, pareceu-lhe apoucada e mesquinha a empreza á que dedicára tanto labôr e, em vez de um codigo civil, ambicionou redigir um codigo geral que abrangesse todo o Direito Privado." (Clovis, *Introd.* ao Proj. do Cod. Civil, pag. 8).

Em homenagem á sua grande memoria, transcrevamos as palavras immortaes com que elle expunha ao governo, a 20 de Setembro de 1867, o seu plano de um codigo geral, *que domine a legislação inteira*, sem o que recusava-se a continuar no tra-

balho da redacção de um simples projecto de Codigo Civil, por estar convencido de que *a empresa exigia diverso modo de execução.*

“Ha desharmonia profunda, exmo. sr., entre o meu pensamento actual sobre taes assumptos e as vistas do governo imperial.

“Está satisfeito o governo com os trabalhos de que já tem conhecimento, e o autor mal contente. Deseja o governo a terminação do trabalho impresso, como se fôra o contractado *projecto de Codigo Civil*, e jamais passou pela imaginação do autor, nem é de seu character, dar por *projecto do Codigo Civil* o que elle só compuzêra como ensaio e lealmente publicára sob o titulo de *esboço*. O governo espera por um *projecto de Codigo Civil* no systema desse esboço, systema traçado no meu contrato de 1.º de Janeiro de 1859, e para mim já não ha possibilidade de observar tal systema, convencido como estou de que a empresa quer diverso modo de execução. O governo quer um projecto de Codigo Civil para reger como subsidio ao complemento de um Codigo de Commercio, intenta conservar o Codigo Commercial existente, com a revisão que lhe destina, e *hoje as minhas idéas são outras, resistem invencivelmente a essa calamitosa duplicação de leis civis, não distinguem no todo das leis desta classe algum ramo que exija um codigo de commercio.*

“O governo só pretente de mim a redacção de um *projecto de Codigo Civil*, e eu não posso dar esse codigo, ainda mesmo comprehendendo o que se chama *direito commercial*, sem *começar por um outro codigo, que domine a legislação inteira.*

“Não ha typo para essa arbitraria separação de leis, á que deu-se o nome de *Direito Commercial* ou *Codigo Commercial*, pois que todos os actos da vida juridica, exceptuados os beneficos, podem ser commerciaes ou não commerciaes, isto é, tanto podem ter por fim o lucro pœuniario como outra satisfação da existencia. Não ha mesmo alguma razão de ser para tal selecção de leis, pois que em todo o decurso dos trabalhos de um codigo civil apparecem raros casos em que seja mister distinguir o fim commercial dos actos por motivo de diversidade nos efeitos juridicos.

“Entretanto, a inercia das legislações, ao inverso do progressivo desenvolvimento das relações juridicas, formou len-

tamente um grande deposito de usos, costumes e doutrinas, que passaram a ser leis de excepção, e que de leis passaram a ser codigos, com seus tribunaes de jurisdicção restricta e improrogavel. Eis a historia do Direito Commercial! Eis falsificada a instrucção juridica e aturdidos os espiritos com a frivola anatomia dos actos, até extrahir-lhes das entranhas o delicado criterio. O meio de sahir de taes embaraços, de sanar tantos inconvenientes, de reparar os erros do passado, de fixar os conhecimentos juridicos, de estabelecer a unidade da legislação e de extremar os verdadeiros limites da Codificação Civil, só o acharemos na composição de dois codigos, cujas divisões capitaes vêm a ser:

CODIGO GERAL

Livro Primeiro: Das Causas Juridicas
Secção 1.^a: Das Pessóas
Secção 2.^a: Dos Bens
Secção 3.^a: Dos Factos.
Livro Segundo: Dos Effeitos Juridicos.

CODIGO CIVIL

Livro Primeiro: Dos Effeitos Civis
Livro Segundo: Dos Direitos Pessoaes
Livro Terceiro: Dos Direitos Reaes.

“Tal é o plano que nos permittirá erigir um monumento glorioso, plantar a verdadeira base da Codificação, prestar á sciencia um serviço assignalado. Só elle corrigirá o vicio de quasi todos os trabalhos legislativos, que é o de tomar a parte pelo todo, o que frequentemente se faz por tudo o que se pôde fazer!”

Assim, a unificação do Direito Privado, a extensão da falencia aos não commerciantes, idéas que só modernamente têm sido defendidas e acceitas, o nosso glorioso patricio em um lance genial, descortinando o futuro, já as lobrigára em 1867, antes de Endemann e Dernburg na Allemanha, de Bollaflffio e Vivante na Italia, de Thaller e Yseux em França.

Basta este facto para collocar Teixeira de Freitas entre os grandes juristas de que falla Edmond Picard, fundadores do direito, *juris conditores*, na phrase dos romanos, os quaes, pela força do seu genio, têm a comprehensão antecipada das necessi-



dades juridicas da sociedade, *conhecendo* a verdade, quando o resto dos homens só tem d'ella o sentimento vago. (*Le Droit Pur*, § 148).

Da impressão que estas idéas causaram em 1867 nos dá noticia Joaquim Nabuco, por estas palavras suggestivas:

“A proposta figurava-se a quasi todos como uma aberração intellectual; a principio, o governo lhe não deu solução, talvez para não melindrar a Teixeira de Freitas, mas, passando-se os annos, e acreditando-se que o seu grande espirito estava affectado, Duarte de Azevedo, ministro da Justiça no gabinete Rio Branco, resolve em 1872 regeitar a idéa dos dois codigos, um geral, outro civil.”

E' preciso, entretanto, notar que as novas idéas do grande jurisconsulto foram bem acolhidas pela secção de justiça do Conselho d'Estado, graças ao prestigio de Nabuco, que foi o relator do parecer. Eis as suas palavras:

“A Secção reconhece que a codificação proposta é uma coisa nova. Mas, na Legislação como na sciencia, as idéas por uovas não devem ser repellidas *in limine*, mas pensadas e estudadas.

“A nova idéa é de difficil execução, mas não deve ser por isso repellida *in limine*, quando quem se propõe a executal-a e o bacharel Augusto Teixeira de Freitas, que tantos abonos tem dado da sua alta capacidade. Que inconvenientes ha em que o governo ajude e facilite a grande concepção do autor? Não pede elle áugmento de despesa. Não é de uma lei que elle está encarregado, mas de um projecto sujeito ao exame de uma commissão, e que póde ser regeitado se não preencher seu fim. Haverá demora, mas uma demora compensada pela possibilidade de uma invenção, que póde dar gloria ao autor e ao paiz. A secção de justiça é, portanto, de parecer que seja acceita a proposta, a qual importa somente a novação do methodo da codificação e a prorogação do tempo.”

Este parecer traz as assignaturas de Nabuco, Salles Torres Homem e Jequitinhonha (Montezuma), e é datado de 1.º de Julho de 1868.

E' muito provavel, portanto, que si Nabuco continuasse a influir nas decisões do governo, com o alto prestigio de chefe politico e de jurisconsulto que todos lhe reconheciam, a proposta de Teixeira de Freitas teria sido acceita, e a nossa terra teria tido a gloria de ser a primeira em todo o orbe a unificar o seu direito privado.

Temos o direito de assim pensar, conhecendo hoje o apoio poderoso e firme que Nabuco sempre prestou ao seu grande

amigo e emulo, ao ponto deste o chamar mais tarde de seu "consorte desde o começo da jornada". A melhor prova desse apoio é o proprio parecer acima citado, e que confirma as palavras de Nabuco a Teixeira de Freitas em carta de 19 de Novembro de 1865, citada por Joaquim Nabuco: "Pela minha parte estou disposto a dar-lhe todas as provas do alto apreço e admiração que lhe consagro".

"A confiança de Teixeira de Freitas em Nabuco era completa, sabia que podia entregar-se nas mãos d'elle sem receio de competição nem de inveja, mesmo inconsciente." (J. Nabuco, *Um estadista do imperio*, vol. 3.º, pag. 513).

Infelizmente para a historia do direito nacional, dezeseis dias depois de assignado aquelle parecer de Nabuco, Salles Torres Homem e Jequitinhonha, cahia a situação liberal em que o primeiro era preponderante, e subia a situação conservadora, que devia governar o paiz durante dez annos, até 1878.

Nessa situação, o plano de Teixeira de Freitas foi julgado *prematureo* por José de Alencar, ministro da Justiça do gabinete Itaborahy, conforme consta do seu relatorio á Assembléa Geral em 1869, e em 1872 foi por Duarte de Azevedo, ministro da Justiça do gabinete Rio Branco, rescindido o contrato que em 1859 o governo havia celebrado com o grande juriconsulto para a redacção do projecto do nosso Codigo Civil.

Este fracasso foi um golpe mortal para quem, como Teixeira de Freitas, desde 1859 tinha identificado toda a sua vida e consagrado todos os seus estudos e meditações a uma idéa unica: deixar o seu nome ligado ao codigo civil da sua patria.

Desde então até 12 de Dezembro de 1883, data em que morreu, a vida do illustre patricio não foi mais que um longo e doloroso martyrio.

A consagração, porém, que lhe foi negada em sua terra, devido a um méro accidente politico, o nosso glorioso conterraneo a teve inteira e completa no estrangeiro.

Velez Sarsfield, o eminente relator do Codigo Civil Argentino, ao apresentar em Junho de 1865 o primeiro livro do seu projecto, declarava se ter servido de diversos codigos estrangeiros, "*principalmente do projecto de Codigo Civil que o dr. Teixeira de Freitas estava organisando para o Brasil e do qual tomára muitissimos artigos, seguindo o methodo tão discutido pelo sabio juriconsulto brasileiro*".

Mais de mil artigos do Código Civil Argentino lhe foram fornecidos pelo projecto de Teixeira de Freitas, o que levou o dr. Olegario Machado, commentando o código de sua patria, a escrever: "Es cierto que el codificador argentino ha tenido un guia seguro y un consejero de inestimable merito en el proyecto del dr. Freitas".

Tão profunda foi a influencia da obra de Teixeira de Freitas na confecção do código civil da nação vizinha, que Alberdi, o illustre argentino que se distinguio pelo odio entranhado á nossa terra, chegou a escrever que "el código argentino es la obra de la politica del Brasil, mas bien que de la politica argentina, y que si el padre de eso Código es el general Mitre, Don Pedro 2.º es el abuelo". E denunciando a intenção do Brasil de estender sua dominação até os paizes do Prata, o publicista argentino accrescentava que "todos sus ejércitos y escuadras (do Brasil) no serian tan poderosos para el logro de esa mira, como la acción de un Código Civil para assimilar y uniformar la sociedad argentina al espíritu de la sociedad del Brasil y preparar é iniciar de hecho su anexion."

O mesmo plano de penetração pacifica denunciou Alberdi no facto de ter sido o Código Civil da Republica do Uruguay calcado sobre o projecto do nosso grande jurisconsulto.

Apresentando em 1867 ao governo uruguayo o seu projecto de código civil, assim se exprimia a comissão especial: "Los códigos de Europa, los de America y con especialidad el justamente elogiado de Chile, los mas sabios commentadores del Código Napoleon, el proyecto del dr. Acevedo, el del señor Goyena, el del señor Freitas, el del dr. Sarsfield, han sido los antecedentes sobre que se ha elaborado la obra que hemos revisado, discutido y aprobado. *El proyecto del señor Freitas, (inconcluso aun) es el trabajo más notable de codificación por su extension y por el estudio y meditación que revela, y el mismo dr. Velez Sarsfield dice que de el ha tomado muchisimos articulos.*"

Havendo o Paraguay adoptado o Código Civil Argentino, temos o direito de dizer com ufania que o trabalho do nosso immortal compatriota foi um dos mais solidos alicerces sobre que as republicas da America Latina levantaram o edificio da sua codificação civil.



Ditosos tempos esses em que a mentalidade brasileira servia de guia ao continente sul americano em materia de tanta monta, e em que a posição da nossa terra era de tal destaque que Alberdi denunciava a influencia brasileira na organização do Codigo Civil Argentino como um grande perigo para a independencia de sua patria!

O tempo encarregou-se de demonstrar a inanidade das prevenções e receios do patriota argentino. A influencia dos trabalhos de Teixeira de Freitas na elaboração dos codigos dos nossos visinhos é hoje apenas a prova irrecensavel de que já houve uma época em que a superioridade da nossa cultura juridica impunha-se mesmo ao estrangeiro, que a reconhecia e proclamava sem reboços.

Si o nosso grande jurisconsulto não logrou a ventura de ser o redactor do nosso Codigo Civil, sua auctoridade não diminuiu por isso, pois continuou sempre a ser o mestre respeitado entre todos, enjas opiniões constituíam a melhor defesa de quem quer que visse ameaçado o seu direito. Com toda a razão diz o dr. Sá Vianna na biographia que traçou do immortal patricio: "invocar o seu texto importa citar a lei com summa certeza e apuro; apoiar uma opinião com a do Mestre, constante das notas, é ter por si o maior dos interpretes do nosso Direito."

Além disso, Clovis Bevilacqua ao apresentar o projecto de que resultou o nosso Codigo Civil, confessa lealmente que o projecto de Teixeira de Freitas e o de Coelho Rodrigues foram as fontes principaes á que recorrera para formular o seu.

Os trabalhos de Teixeira de Freitas rasgaram novos horizontes á jurisprudencia dos nossos tribunaes: haja vista a sua interpretação da Ord. do L. 4.º, Tit. 91, paragrapho 2.º, sobre o direito do conjuge vinvo aos bens dos filhos do primeiro leito, fallecidos durante aquella viuvez. — Esse direito foi sempre considerado um direito de usufructo, até que o mestre demonstrou ser um *fidei commissio*, opinião hoje triumphante em nosso direito.

Egualmente, a sua interpretação do art. 303 do nosso Cod. Com. sobre as acções de um socio contra outro, na falta de con-

tracto social, é hoje adoptada sem discrepância. Antes della, se negava toda acção a um socio contra outro, na falta de contracto. Foi preciso vir o mestre e demonstrar que a falta de contracto não destruía a sociedade de facto, a communhão de bens que existiu apesar dessa falta, para se reconhecer a qualquer socio o direito de demandar a outro pelos effeitos já auferidos dessa communhão.

De modo que o preclaro jurista era tão profundo em direito civil como em direito commercial. E os seus *additamentos ao Codigo Commercial* foram publicados em 1878, cinco annos apenas antes de sua morte, quando se dizia que sua intelligencia já não brilhava com o mesmo fulgor de 1858, data do apparecimento da *Consolidação*.

Si é verdade, como diz o conselheiro Aquino e Castro, que a introdução da *Consolidação* faria por si só e em toda a parte a reputação de um jurisconsulto, não é menos verdade que a obra posterior de Teixeira de Freitas não desmereceu do monumento que é a *Consolidação*.

O seu projecto não se converteu em Codigo para a patria, mas o conjuncto da sua obra é imperecível, ha de viver *como uma torre desafiando os seculos*, na phrase incisiva e lapidar de Joaquim Nabuco, attestando á posteridade o genio constructor e clarividente do sabio compatriota.

O HOMEM

Sobre a vida intima de Teixeira de Freitas pouco se sabe: não deixou memorias, como não as deixou qualquer dos seus contemporaneos, que lancem alguma luz sobre a vida particular do grande jurisconsulto.

Nascido a 19 de Agosto de 1816 na cidade de Cachoeira, do Estado da Bahia, a mesma que viu nascer, trinta annos mais tarde, Antonio de Castro Alves, o inspirado cantor dos escravos, Teixeira de Freitas era filho de Antonio Teixeira de Freitas Barbosa, depois barão de Itaparica. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Olinda. E' pura legenda academica aquella que nos apresenta o principe dos juristas brasileiros approvado *simplesmente* em acto do 5.º anno. A sua carta de

bacharel, existente no archivo do *Instituto dos Advogados do Rio*, demonstra o nenhum fundamento dessa legenda.

Casou-se a 9 de Maio de 1836 com sua prima d. Mathilde Teixeira de Lima, consorcio esse de que resultaram dez filhos, dos quaes restam apenas tres filhas, residentes no Rio de Janeiro.

Teixeira de Freitas nunca foi outra cousa além de advogado e jurisconsulto, e á sciencia do direito consagrou a vida inteira. Pela verdade juridica sacrificava tudo, e disso é prova o curioso incidente que houve entre elle, em 1857, quando presidente do *Instituto dos Advogados* do Rio, e o seu grande rival, Caetano Alberto Soares.

A este illustre advogado tinha sido apresentada a seguinte consulta: "São livres ou escravos os filhos de uma escrava que em testamento foi libertada, mas com a clausula de servir a um herdeiro ou legatario, emquanto este viver?"

Caetano Alberto Soares respondera que os filhos dessa escrava, nascidos durante a vida do herdeiro, eram livres. Teixeira de Freitas, a quem a consulta tambem foi feita, divergiu, respondendo que taes filhos eram escravos, e diante da divergencia com o seu eminente collega, suggeriu a este que levasse a questão ao *Instituto dos Advogados*.

Caetano Alberto assim fez, e em assembléa do *Instituto*, presidida por Teixeira de Freitas, foi a questão discutida por aquelle illustre jurisconsulto, que sustentou a solução por elle dada á consulta.

Na discussão ficou patente que a maioria dos membros do *Instituto* votaria pelo parecer de Caetano Alberto Soares, com grave damno da verdade juridica, o que levou Teixeira de Freitas a suspender a sessão e dirigir dias depois ao *Instituto* a sua notavel carta de 22 de Outubro de 1857.

Nesse documento o grande jurista demonstra de modo irrefutavel o erro da resposta de Caetano Alberto Soares, mostrando o absurdo de uma liberdade limitada, pois a liberdade é indivisivel, não havendo meia liberdade. Ou a escrava a quem fôra concedida a liberdade com a condição de servir a um herdeiro durante a vida deste, seria escrava até a morte desse herdeiro, e nesse caso escravos seriam os filhos que della nascessem durante esse praso, pela regra *partus ventrem sequitur*, ou seria livre desde logo, e então os filhos tambem seriam



livres. Mas não podia haver duvida alguma sobre a condição servil da escrava obrigada a servir como tal ao herdeiro em questão, pois servir como escravo ou ser escravo é a mesma cousa, sendo absurdo considerar o caso como de *locação de serviços*, em que o locador como pessoa livre contraeta os proprios serviços.

Teixeira de Freitas terminava a sua carta pedindo demissão do cargo de presidente e offerecendo 1:000\$000 ao *Instituto* para ser essa quantia applicada á fundação de uma bibliotheca, recommendando desde logo a aquisição de um "*Corpus juris*, que deve ser a fonte vital, onde devemos beber sempre e sem deseanço", pois notára durante a discussão, que o *Instituto* não possuia sequer a celebre consolidação das leis romanas.

O final da carta pareceu offensivo ao *Instituto*, que recusou a offerta e concedeu a demissão de presidente pedida por Teixeira de Freitas.

Relembramos o caso curioso tão somente para mostrar que o egregio juriconsulto não hesitou em deixar a presidencia da corporação que tanto amava, e em ineorrer mesmo na censura da maioria dos seus membros, tão somente para não sacrificar a sua convieção juridica, resistindo assim aos sentimentos liberaes que constituíam a opinião contraria, sustentada por Caetano Alberto e seus partidarios.

Entretanto, não podem ser postos em duvida os sentimentos abolicionistas de Teixeira de Freitas, principalmente diante dos termos por nós já citados, em que elle se justifica de não ter incluido na *Consolidação das Leis Civis* uma disposição sequer sobre a escravidão.

O direito era a religião daquelle grande espirito, que da mesma se considerava sacerdote, obrigado, portanto, a pugnar sempre pela pureza dos seus principios e a sua exacta applicação.

Sendo assim jurista acima de tudo, é facil imaginar os sentimentos que lhe invadiram a alma quando viu a politica ameaçar a conclusão do monumento que elle ideára levantar para gloria da patria e delle proprio. "Pela feição das cousas, eserevia elle a Nabueo em Julho de 1866, creio que V. Exa. atravessará no ministerio *essa maldicta camara*, e então tere-mos o prazer de completar o nosso monumento."

Dessa bonhomia ainda é prova irrecusavel a attenção que prestou ás *observações* feitas pelo conselheiro Rebouças á *Consolidação das Leis Civis*, observações que nem sempre obedeceram a moveis puramente scientificos, e que o nosso immortal patricio sempre acolheu e discutiu com toda a urbanidade, só considerando a feição juridica do caso.

É assim passou essa grande vida, só occupada com o culto da familia, do direito e da Patria. A esses tres numes consagrou todo o seu esforço até o ultimo alento.

A 12 de Dezembro de 1883, em Nictheroy, morria Teixeira de Freitas, sendo seu corpo sepultado no cemiterio de Maruhy, da mesma cidade.

Morreu completamente pobre, ao ponto de ser logo preciso, em 1884, se formar uma commissão de collegas e admiradores para o fim de angariar donativos que garantissem a subsistencia da familia do grande morto.

Nem era possivel ser de outra forma, para quem como Teixeira de Freitas, viveu sempre despreoccupado quanto ao lado material da existencia, "perto do céu e bem longe da terra", na bella phrase de Ferreira Vianna.

Não deixou, com effeito, o mallogrado jurisconsulto uma fortuna á sua familia; á sua patria, porém, deixou o mais valioso e rico thesouro, que é a sua obra immorredoura.

A patria, que não soube ou a quem a politica não permitiu fazer toda a justiça ao seu grande filho, durante a vida deste, já começou a pagar-lhe o tributo devido, depois de sua morte.

A 7 de Agosto de 1905, no antigo largo de S. Domingos, que desde então se chama *Praça Teixeira de Freitas*, foi inaugurada no Rio a estatua do insigne jurisconsulto, na presença do presidente da Republica, ministros, magistrados e todo o corpo de advogados da Capital Federal.

O bronze de Bernardelli, porém, não terá jamais a vitalidade da obra do grande jurista. Emquanto existir no Brasil um tribunal para julgar as questões de Direito Privado, e advogados que discutam essas questões, o nome de Teixeira de Freitas ha de ser pronunciado com respeito nesta terra que elle tanto amou e glorificou.

Teixeira de Freitas era de uma bonhomia e amenidade de trato, proprias do verdadeiro sabio. A tradicção nol-o mostra



apaixonado das comédias de Martins Penna, e rindo gostosamente com a interpretação que lhes dava o actor Martinho Vasques.

Emquanto existir a America Latina, esse nome sobreviverá nos codigos que devem ao genio do grande brasileiro o material de lavôr inexcédível no seu tempo e que tornou possível a construcção de taes monumentos legislativos.

S. Paulo, Agosto de 1916.

OCTAVIO MENDES.



POESIA

CANTIGAS

*Este nosso bem querer
É tão isento de mal,
Que nós podemos viver
Numa casa de crystal.*

*

*Mink'alma é um pombo-correio:
De qualquer ponto soltada,
Sem errar busca o teu seio,
Onde lhe deste pousada.*

*

*Achei-te tal diferença
Quando de novo te vi,
Que, estando em tua presença,
Tive saudades de ti.*

*

*Ha gente que se magôa
Se seu bem lhe faz pirraça:
O amor é mister que dôa,
Quando não dóe não tem graça.*

*Eu bem sei que ella me quer,
Mas si falo, ella se eala...
Contradição de mulher!
Quanto mais quer, menos fala.*

*

*Que a verdade sempre esteja
Nos proverbios, ninguém cré:
Nosso coração deseja
Tanta coisa que não vê...*

*

*Nada vale andar errante
Ir para longe de ti,
Pois quando estou mais distante
E' quando mais penso em ti.*

*

*A letra fíca gravada,
Mas vòa palavra... Assim
Dizer não te custa nada
Só esta syllaba: "sim".*

*

*Que este affecto ainda te ganhe
Jamais a fé me faltou,
E a fé, que abala a montanha,
Ainda não te abalou.*

*

*Estas lembranças saudosas
Que tenho dos teus carinhos
São como um ramo de rosas
Cheio de aroma e de espinhos.*

*Se hoje um novo amor te encanta
Teu sentimento não tolhas:
O coração, como a planta,
Precisa mudar de folhas.*

*

*Se as Santas do Paraíso
Possuem os teus encantos,
Eu fico muito indeciso
Sobre a virtude dos santos.*

*

*Que eu me enforque alguém deseja,
E estou disposto a fazel-o,
Comtando que a corda seja
A trança do teu cabelo.*

*

*Se um suspiro traduzisse
A força de uma paixão,
Quem o meu suspiro ouvisse
Julgara ouvir um tufão.*

*

*A chuva encheu, vêde,
O seu rasto no caminho:
Matasse eu ali a sêde
Como faz o passarinho.*

*

*“Amor, no plural — amores”,
Dizem ali... Não ha tal!
Enganaram-se os professores,
Porque amor não tem plural.*



*A esperança, fel-a Deus
Expressamente, parece,
Para impedir que eu morresse
Ao dizer-te aquelle adeus.*

*

*Só vi uma creatura
Que mostrou indiferença
Pela tua formosura:
Era um cego de nascença.*

*

*Deixa que a gente invejosa
Fale de ti com ciume:
A flor precisa de estrume
Para ficar mais viçosa.*

*

*Quando a alma a dôr não comporte,
Chora, que assim tua magua
Se tornará menos forte:
A dôr é soluvel n'agua.*

*

*De flores niveas e puras
O pantanal se recama,
Mas se colhel-as procuras,
Teus pés se afundam na lama.*

*

*Num jarro puz uma rosa
Que no meu jardim colhi:
Quem entra c a vê tão formosa,
Logo pergunta por ti.*

*E's como joia a brilhar
Fechada numa vidraça:
Meu pobre coração passa,
Sem que te possa tocar.*

*

*Quem canta muita cantiga
Da pobreza sente a garra;
Mas não pôde ser formiga
Quem nasceu para cigarra.*

ANTONIO SALLES.



OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

II

Vamos entrar na parte cathartica ou purgativa do ensino de Pythagoras.

Trata-se de formar o homem, eliminando-lhe as escorias animaes, as imperfeições de sua natureza inferior e de fazer brotar os germens do divino que elle encerra. Todos os versos que se referem á purificação concitam o discipulo a uma fiscalização incessante de si mesmo, de seus pensamentos, de suas palavras, de suas acções, e dão regras attinentes a esse fim. Os versos em que Lysis resumiu a doutrina de seu mestre eram lidos pelos pythagoricos todas as manhans e todas as noites. E' de crêr que, assim repetidas, taes maximas se lhe gravassem bem dentro d'alma, integrando-se aos actos de cada dia.

Não era preciso mais do que isso para fazer o homem interior e tornal-o modelo vivo de seus concidadãos.

A FAMILIA

Sê bom filho e bom pae, terno esposo e irmão justo.

O ensino pythagorico attinge aqui toda a altura da lei de Moysés, no quarto mandamento: honra teu Pae e tua Mãe. Não sabemos admirar o que ha de superior naquelle verso, o que alli vai de revolucionario e de novo, como não lobrigamos claramente os alicerces do mundo futuro levantados pelo legislador dos hebreus com o seu decalogo, porque nós mesmos somos novos, herdeiros daquellas sementes. Para honrar devidamente o iniciador dos gregos, é preciso conhecer a sociedade



de seu tempo, e não esquecer que a familia moderna differe da antiga por vinte seculos de christianismo. Tenhamos presente, para confronto, o estado da legislação daquella época. O mundo antigo repousava sobre a instituição da escravidão, e o senhor tinha o direito de vida e de morte sobre a pessoa do escravo. No ponto de vista legal, a familia estava organizada pelo mesmo molde; mulheres e filhos eram egualmente escravos, pois que o Pae concentrava todos os poderes: era o juiz, o sacerdote, o executor. Com effeito, o direito antigo permittia ao pae que determinasse o aborto, a exposição ou a venda dos filhos. Mais ainda: elle podia matar a mulher, os filhos e os escravos.

Mas, na realidade, não ha mister comparar o mundo antigo com o mundo moderno. Pythagoras é nosso contemporaneo pelo vigor de seu pensamento e pela grandeza de seus preceitos. Que teriam a perder os melhores dentre nós, aquelles que tenham esculpido um caracter de homem na massa amorpha de sens concidadãos, se repetissem como os pythagoricos, pela manhan e á noite:

“Sê bom filho e bom pae, terno esposo e irmão justo!”

A AMIZADE

Escolhe para amigo o amigo da Virtude
— aos conselhos lhe attende, e jámais o desprezes
por nugas — se estiver em ti poder fazel-o,
— porque existe uma Lei que jungiu implacavel
o dom da Liberdade ás garras do Destino..

Escolhe, diz o verso. A familia não foi objecto de escolha. Os nossos ascendentes nos foram impostos pela fatalidade, isto é, a familia foi determinada pelo nosso “karina”. Escolhe, isto é, o horizonte do indeterminismo começa. Procre-se o amigo conscientemente, por auto-determinação. Mas que a nossa escolha recaia sobre o amigo da virtude. Duro de ouvir e mais duro de praticar. Porque o amigo da virtude não o é do nosso viver rasteiro, dos nossos instinctos animaes, das nossas paixões irrefreadas.

Houvesse elle dito: procura para teu amigo o amigo da sciencia, e já a *sympathia* universal lhe teria acolhido a maxima. Porque a sciencia é o unico templo que não conta hereticos em nossos dias. Toda a parte material da civilisação á sciencia o devemos: industria, agricultura, commercio, cons-

truções, applicações praticas da hygiene, tudo o que é conforto physico.

Nesse terreno é que a sciencia fructifica, e só temos olhos para vêr o que se passa nesse terreno. O homem moral, porém, nada lhe deve ou quasi nada. Ella não conhece a dignidade do Sêr, que escapa aos seus instrumentos de investigação, nem encontrou as fontes sagradas da vida, senão que deparou unicamente com atomos e arranjos ephemeros da materia pelo Universo todo. A sciencia por si só não faz o homem.

E se alguém quizer moldar o seu character, como o estatuario a estatua, procure o amigo da virtude, compenetre-se de sua vida e della receba instrucções, porque *o verdadeiro amigo, Pythagoras o ensinava, é uma alma que vive em dois corpos.* Assim é que procedeu Paulo com o seu Mestre: embebeu-se de sua doutrina, unificou-se com a sua vida, e declarou: "Não sou eu quem vive, é o Christo quem vive em mim."

Mas a nossa virtude é exterior; nos labios nos morrem as maximas, e os bons preceitos não derretem o gelo de nossa vida.

Se estiver em ti poder fazel-o, diz o texto. Sim, porque nem todos pôdem. Nem todos pôdem admirar a grandeza de Socrates; alguns preferem as glórias de Napoleão. Raphael conta menos admiradores do que os artistas obcenos. A grande arte espera ainda a humanidade que vem. Na verdade, a terra contem representantes de todas as edades, do selvagem ao genio, do anthropoide ao santo. Cada sêr individual occupa um ponto na escala infinita da evolução. E isto porque, como ensinava Pythagoras, existe uma Lei que jungiu implacavel o dom da Liberdade ás garras do Destino.

O LIVRE ARBITRIO E O DETERMINISMO

Que é a Liberdade, que é o Destino de que nos falla o iniciador dos gregos? Aqui está a grande difficuldade para o pensamento occidental. A polemica entre o livre arbitrio e o determinismo se eterniza. Parece até que a sciencia exoterica não pôde resolvel-o. Ella verifica que todo phenomno é submettido a condições e proclama o determinismo, negando a liberdade. Por outro lado, ella educa, o que suppõe malleabilidade

do character; ella pune, e punição pressuppõe responsabilidade; ella trata e cura seres anormaes, restringindo o campo da fatalidade. E assim por sua propria conducta ella nos mostra que ha um campo para o determinismo, para o Destino de que fallava Pythagoras e um campo para a Liberdade, isto é, para o exercicio da Vontade. Qual é esse campo?

A philosophia contemporanea não pôde demarcal-o. Do mesmo modo que os problemas scientificos, os problemas metaphysicos se ligam por laços de mutua dependencia. Sem a analyse espectral ninguem jámais poderia conhecer a composição chimica das estrellas. O espectroscopio era condição indispensavel para aquella descoberta. Assim tambem, sem o conhecimento do *karma* e da *palingenesia*, não se poderá jamais encontrar a linha que divide o determinismo do indeterminismo, que separa o Destino da Liberdade.

Comtudo, não vamos expôr neste momento o ensino pythagorico concernente a este assumpto que será explanado posteriormente.

Mas como te foi dado ás paixões que te cégam
combater e vencer, trata então de domal-as.

Aqui está o dominio principal da vontade. Se quizermos vencer as nossas faltas, remover as nossas imperfeições nativas ou adquiridas, podemos fazel-o. O determinismo céde, a fatalidade recúa. Porque, na realidade a acção do homem sobre si mesmo estende-se até ás suas taras organicas. Deparamos aqui com o largo horizonte da educação de si mesmo, tão cheio de promessas e tão pouco explorado.

No emtanto, a chave do problema está descoberta: é o habito que nos abre todas as portas, as da vida superior como as da vida inferior. Adquirir bons habitos é fazer a sua propria educação, isto é, é ter imperio sobre si, governo pessoal, autonomia individual, organizar a vida superiormente.

Homens de grande saber ignoram muitas vezes aquella sciencia por excellencia: a auto-educação. Dotados de muita luz para as cousas exteriores, elles tacteiam como cégos na sua vida interior. Seus actos instinctivos, seus impulsos irrefreados, reflectem a anarchia de paixões não dominadas. Existem pessoas iguorantes ou de instrucção elemental e que são,

contudo, muito avançadas na arte de viver, e que são mais aptas para a formação de um lar feliz, para a boa educação de seus filhos, para o exercício de suas funções de cidadão do que outras que convivem largas horas diárias com bons livros de sciencia ou de literatura.

E' preciso que os conhecimentos scientificos se integrem á nossa vida, se incorporem á nossa conducta, para que tenham efficacia pratica, para que formem o homem.

Do contrario serão qualquer cousa de exterior a nós mesmos, e que não influem em nossos actos.

O HABITO E A EDUCAÇÃO DE SI MESMO

A nossa vida quotidiana está cheia de incoherencias, de illogismos, de discordancias entre o pensamento e a acção, entre o que sabemos e o que fazemos. E' assim, por exemplo: é com o cigarro na bocca, que são escriptas inemorias contra o fumo e o tabagismo, mostrando-lhes os maleficios. E' o que aconteceu ao Dr. Maurice Fleury que, depois de haver recebido o premio offerecido por uma sociedade contra o abuso do tabaco, cahira em breve prostrado pelas consequencias do tabagismo, elle que o havia condemnado com vehemencia e forte documentação scientifica.

Ora, aqui está verdadeiramente a superioridade dos homens superiores, o agir conforme a melhor regra de acção. E se a sciencia nos fornece a melhor regra de acção, importa practical-a. O caso referido mostra ao mesmo tempo a tyrannia do habito. Como o fumante, o jogador, o ocioso, e os outros, são escravos de máus habitos contrahidos. Mas, o habito é um puro instrumento. Se delles nos servimos para o mal, edificamos para a ruina; se para o bem, colheremos o bem. Nada existe em nossa vida que escape á sua zona de influencia.

Por isso é que dizia Metastasio: tudo na vida é habito, até mesmo a virtude.

O homem é um feixe de habitos e nas leis physiologicas do habito se encerra toda a arte da educação, ou quasi toda. Somos como uma machina de repetição. Um feio gesto, um caoete, tende a repetir-se, como um gesto heroico ou uma acção generosa. Nosso systema nervoso, como a pianola, toca as

peças que lhe introduzimos. Saibamos afinar o nosso machinismo, pondo-o em harmonia com a grande orquestração do bello. Por outras palavras: habituemo-nos á ordem, á regra, ao methodo. Não é mais difficil organizar a vida do que viver na desordem; não é mais fatigante submeter o trabalho, o estudo á regra e ao methodo do que trabalhar e estudar ao acaso dos dias, ao sabor do capricho: e é com certeza mais proveitoso: dá cento por um.

Não é mais difficil. Exemplo: alguém acordou a horas mortas, sem saber porque. Talvez que o tenha despertado uma digestão trabalhosa, uma posição falsa, ou o calor da cama. E como o somno lhe tarda, põe-se a fumar para se distrahir. Pois bem, este facto tende a repetir-se. O movimento segue a linha de menor resistencia. A cellula, como a fibra, ou o musculo, fixa a impressão recebida. Ha uma certa tendencia a acordar na proxima noite á mesma hora, e se o nosso homem repetir o gesto anterior e se puzer a fumar, em breve estará fixado o'máu habito. Dahi em deante, é para fumar que elle desperta.

Assim é que, tambem, se formam os bons habitos. Tal estudante vence por um acto de vontade as doçuras do somno da manhan e levanta-se para estudar. Venceu o primeiro, o segundo, o terceiro dia. Em pouco tempo, o bom habito estará fixado, e já o somno matinal não lhe traz doçuras inhibitorias.

Alguem no vigor da mocidade curva-se como um velho alquebrado: habituou-se desde tenra infancia áquella attitude viciosa, já agora quasi invencivel.

O cacoete está no mesmo caso, pois que não passa de habito organico, habito fixado em nossa estrutura physica. Desfilem deante de nossa imaginação essa serie enorme de gestos, de mimicas, de movimentos, de attitudes e até de contorsões para que possamos bem comprehender a extensão dos males oriundos de maus habitos contrahidos, e portanto evitaveis pela acção do individuo sobre si mesmo, por effeito de nossa educação pessoal.

Estendamos o olhar para a pathologia mental. Tics, obsessões, phobias, impulsões morbidas, não passam de máus habitos, habitos mentaes viciosos, germinados em terreno propicio, que inferiorizam o individuo e lhe agoniam todas as horas da existencia.

O alcoolismo, o grande fornecedor do hospício, da cadeia, do hospital, o alcoolismo é habito.

O habito acompanha o individuo do berço ao tumulo. E' uma arma de dois gumes que nos póde servir ou desservir. Saibamos maneja-la incnclando-nos bons habitos, certos de que não existe uma cellula, um tecido, uma fibra de nosso organismo que não possam ser submettidos á sua influencia. Que de mais espontaneo e caprichoso, que cousa mais rebelde á regra do que a inspiração poetica? Assim parece, mas, na realidade, assim não é. Victor Hugo, como tantos outros poetas e escriptores provam o contrario. Seu trabalho ingente é o fructo do methodo, que lhe poupava a fadiga mental e lhe economizava as forças. Trabalhava das sete da manhan ao meio-dia, obrigando assim a inspiração a visital-o nessas horas. O governo de nós mesmos exige perpetua vigilancia em todas as edades e condições. Ninguem se julgue tão seguro de si, tão senhor de sua conducta que dispense sua propria vigilancia. E' preciso armar a sentinella interior para que ella possa extirpar as sementes de habitos funestos, antes que se enraizem. Uma idéa que se nos apresenta, um gesto que fazemos, um acto que praticamos, tendem a repetir-se e a consolidar-se em nossa pessoa. Estejamos alerta, examinemos o hospede, que nos pode degradar ou exaltar.

E' de certo, porisso, que dizia William James: "Si ao menos os moços soubessem quão depressa se tornarão simples feixes ambulantes de habitos, prestariam mais attenção á sua conducta, emquanto plastico lhe é ainda o character. Nós mesmos é que fiamos o fio de nosso destino, bom ou máu, destino que nunca será desfeito. A menor parcella de vicio ou de virtude deixa uma cicatriz sempre perceptivel". (1)

Tal é a chave da educação de nós mesmos. Tudo depende de nossa vontade, geradora de nossos habitos.

O CAMINHO DA PURIFICAÇÃO

Não confundamos a doutrina de Pythagoras com a dos estoicos que se propunham a matar as paixões. Abstem-te e re-

(1) William James. — *Causeries pedagogiques*, p. 72.

signa-te, dizia Epicteto. Pythagoras, não. Elle comprehendia as vantagens vitaes e sociaes de nossos sentimentos e paixões, comtanto que não imperassem, mas que fossem subordinadas, que servissem de instrumento ao nosso progresso interior. E para que sirvam de instrumento é indispensavel cultivarmos a vontade. Porque a vontade é o grande alchimista do caracter; da chrysalida que é o homem, elle tira o superhomen que é Yogui, o Santo ou o Iniciado.

O discipulo de Pythagoras vai dar os primeiros passos no caminho da Purificação, vai adquirir as virtudes catharticas. E' curioso notar que a Mystica catholica designa-o pelo mesmo nome de caminho da Purificação; os hindús dão-lhe o nome de caminho da Provação. O candidato não póde avançar sem ter alcançado o dominio sobre o corpo physico e sobre o seu corpo astral, onde se localizam paixões, e estados emotivos, conforme a tradição occulta e esoterica.

Sem dominio completo sobre a natureza inferior, o candidato não teria attingido a iniciação superior, nem alcançado as qualidades reclamadas para a Perfeição. Essas qualidades que vamos aqui indicar summariamente, são: o discernimento, o desapego, o governo mental, o governo da acção, a tolerancia, a resistencia, a fé, o equilibrio.

O *discernimento* é a capacidade de separar o que é eterno do que é transitorio, o ephemero do permanente. Elle consiste em outras palavras em distinguir a individualidade da personalidade. Esta ultima faz parte da cadeia illusoria dos phenomenos; é sujeita á mudanças incessantes no curso da evolução: é a veste temporaria e successiva em que se incarna a individualidade, isto é, a monada permanente, em progressão para o divino.

O *desapego* é a indiferença para com a recompensa dos fructos das boas acções. Elle implica a morte da vaidade pessoal, mas não procura o ascetismo, e muito longe está de viver numa vida distante das realidades terrestres. Longe disso; é uma couraça interior que não obsta aos prazeres mundanos, mas que colloca o discipulo acima das dôres ephemeras, uma vez que elle sabe transportar a sua consciencia acima do seu vehiculo cerebral.

O *governo do pensamento* é uma tarefa gigantesca, uma empresa de Prometheu. A sua posse completa faria do homem um mago. O pensamento está sujeito á vontade em grande latitude, em proporções que excedem de muito ao que nós é ensinado pela psychologia scientifica de nosso tempo. Permittir que o nosso cerebro seja simples ponte de passagem de idéas que vão e vêm, sem disciplina pessoal, é o estado corrente do homem medio, a situação commum dos homens. Um pythagorico nunca permittiria semelhante anarchia da parte do escultor encarregado de fazer de sua pessoa uma obra prima de estatuaría moral.

O *governo da acção* é o grito de alerta á sentinella interior, é um appello continuo da consciencia sensorial para a consciencia transcendente. Conhecer os fructos da actividade é reconhecer a lei da causalidade, a lei do Karma, lei indefectivel que repercute no mundo moral e espirítual, é ser o agente do seu proprio destino, o arbitro do seu futuro.

A *tolerancia* é o destacamento pessoal a dogmas e ritos diversos para o reconhecimento integral da alma de verdade espirítual que palpita em todas as fórmás de religião.

A resistencia, no sentido esoterico do termo, é a coragem sem desfallecimento, é a investigação intrepida da verdade, quaesquer que sejam os obstaculos; e pôr muito que o meio se faça hostile e aggressivo, quem poude adquirir-a não corresponderá a esse meio com resentimento, animosidade ou odio.

O *equilibrio* é a ausencia de excitação, a ausencia de paixão, ou melhor — a transmutação da excitação e da paixão em vontade que vae ao fim visado, sem desfallecimento; é o poder de permanecer sereno quando tudo o que nós cerca está perturbado; o poder de ficar de pé, só, mas tranquillo quando todos fugiram e nós abandonaram.

Vem em seguida a *confiança no Mestre*, que tambem pode ser identificada com a fé, e por ultimo o desejo de se libertar da cadeia dos renascimentos, de ser livre para ser util.

Algumas dessas qualidades necessarias ao discipulo e que reclamam porisso o governo das paixões, fórmula superior de educação de si mesmo, indispensavel para quem se propuzesse á iniciação nos Mystérios antigos, algumas dellas estão claramente nos versos de Lysis, como já vimos:

Sé sobrio, activo, e casto, — e jamais te enraiveças.

A intemperança no comer ou no beber faz a desgraça de muitos. As civilizações antigas tiveram a sua phase de incriveis excessos de meza. Os festins de Balthazar, os banquetes de Luculus e de Vitelius dão-nos idéa da voracidade daquelles tempos. Diz-se que Vitelius gastava o equivalente de 80.000 francos em suas refeições. Tacito protestava contra os desperdícios do principe que, num banquete ao seu irmão Lucius exhibiu dois mil peixes variados e sete mil passaros raros.

Parece que a Grecia pagou tambem o seu tributo áquelle frenesi de comer e de beber.

Mas deixemos o passado e vejamos como é que o nosso tempo pôde tirar proveito das recommendações de Pythagoras. O mal dos contemporaneos não está nos excessos de mesa, ou pelo menos não se nos antolha sob aquellas formas excessivas e collossaes de outróra. Parece até que a sobriedade no comer tende a tornar-se vulgar, a expandir-se, alargando o numero de seus proselytos. Vão sendo conhecidos os males que provêm dos excessos de alimentação, — a dyspepsia, a gotta, o diabetis, o eczema, etc. O problema contemporaneo é a intemperança no beber. O alcool é o grande agente do crime e da molestia em nossos dias.

REGRAS DA ACTIVIDADE

A actividade recommendada pelo philosopho não era uma simples condemnação da preguiça ou da ociosidade. Nas sociedades antigas, baseadas sobre a escravidão, a ociosidade pullulava de par com os preconceitos sobre o trabalho. Isso não aconteceu em nossa época, em que o trabalho é excessivo, esfalante para certas classes. O ocioso já é a excepção e ha de ser cada vez mais. O homem moderno comprehende facilmente que desde verdes annos está contrahindo obrigações para com a sociedade. Elle não dá um passo sobre as pedras da calçada sem que ntilise o trabalho de outrem; não ingére a menor parcella alimentar sem que outros tenham concorrido para o seu sustento; não dorme senão porque braços de trabalhadores anonymos lhe fizeram o travesseiro, o leito e a casa. A soli-

dariedade humana prende-o por todos os lados. Como então poderá ser visto com indulgencia o ocioso, parasita do trabalho, que na ociosidade vai buscar o vicio que contamina as fontes do proprio trabalho? A sociedade de amanha ha de compellil-o a pagar a sua divida, lançando justo imposto sobre o rico ocioso.

Que a nossa actividade não nos exceda a medida; mantenha-se nos limites de nossas forças. Ultrapassando-a, diminuímos a nossa capacidade de produção, o que é uma perda individual e social, ou com a quebra de nossa saúde, depreciamos a nossa machina.

E trabalhemos com methodo, que economisa o tempo e dobra o resultado. Nada melhor do que a regra, do que a execução de um programma. Os fructos do trabalho imposto, obrigatorio não escasseiam, quando obedecem a uma regra de actividade, a uma disciplina. Assim se régem as fabricas, as empresas industriaes, as grandes casas commerciaes, os bons collegios. Cada individuo tem a sua tarefa a cumprir e a executar. O trabalho livre, como o do estudante, o do homem de letras, estão arriscados á improductividade, quando não obedecem ao methodo, á regra, e sim ao capricho ou á fantasia.

Trabalhemos sem pressa, que a pressa é inimiga da perfeição. Por muito conhecido o adagio deixa de nos influenciar a conducta, e é pena.

Ponhamos toda a nossa pessoa, todas as nossas energias no trabalho do momento, por pequeno que seja. Só assim é que se disciplina a actividade. E' de pequenas cousas que se fazem as grandes. Não applica a vontade sobre grandes empresas quem não aprendeu a exercel-as nas cousas minusculas. Trabalhar com vagar; trabalhar com attenção; trabalhar com methodo e não exceder a sua propria medida. São regras de actividade e mui preciosas, qualquer que seja a nossa condição ou officio.

A CASTIDADE PYTHAGORICA

Sê casto. O philosopho helleno recommendava a castidade aos pythagoricos. Nada mais claro, nem mais difficil para o homem commum. Nada mais necessario para elles que devian servir de fermento á regeneração da Grecia. Essa, a virtude



por excellencia, a pedra de toque de um alto desenvolvimento espiritual, a prova maxima da acção da vontade, do governo de si mesmo. Bridar o instincto genesico, disciplinar os impetos de Eros, canalizal-o em justos limites, é uma victoria pouco vulgar, muito rara. Mas convem que nos entendamos sobre o que Pythagoras chamava a castidade. Longe do seu sentido ascetico, longe de pregar a privação anormal da função genesica, Pythagoras casou-se e teve filhos. Cremos que sua concepção da castidade está claramente definida pelas palavras de sua propria mulher a quem haviam formulado o seguinte caso de consciencia: Se uma mulher attende a vós de Eros, que expiações deve soffrer e quanto tempo deve decorrer para que ella esteja tão pura que possa approximar-se das cousas santas? — Se foi com seu marido, immediatamente, respondeu; se com um outro, nunca!

AMOR E LITERATURA

A literatura exalta o sentimento amoroso. O romance, o theatro, e presentemente o cinematographo conferem direitos novos á paixão. Nada lhe deve resistir: convenções sociaes, familia, parentesco, amizade, tudo deve ceder ao poder tyrannico do instincto preposto á salvaguarda da especie. O amor desculpa tudo, absolve todas as faltas, apaga todos os crimes. A paixão tem direitos sagrados. Para satisfazer as fantasias de Manon, Des Grieux póde commetter todas as baixezas.

Que uma grande corrente literaria de nossos dias considere *Des Grieux* um heroe, um ideal, um modelo, porque o amor tudo transfigura. Assim o idealiza para que o veneno subtil, a falsidade, a mentira literaria se vá instillando em milhares de creaturas, instaveis, incapazes de discernir para julgar, e que acceptam sem critica nem elaboração pessoal as suggestões do livro que lêem.

Se o amor tudo absolve por causa de sua violencia, porque razão a avareza, a vingança, a colera, não mereceriam a mesma indulgencia, ellas que são paixões egualmente impetuosas, tumultuarias, irrefreaveis?

Mas, senhores, levanto simplesmente o véo e descortino um largo horizonte de problemas mal resolvidos pela nossa

geração e pela cultura contemporanea. Parece-nos que, neste dominio, a humanidade caminha de erro em erro e se do erro deslisa é para cair no crime. Tendencias muito accentuadas se avivam em nós para apontar como o grande criminoso deste enxame de erros e de crimes a orientação literaria de nossos dias. Ella é que vem quebrando os velhos moldes da tradição, e em vez de rectifical-a em suas falhas, quer arrazar as velhas pedras do edificio do passado. Ha certamente alguma cousa de bom neste sopro de revolução, mas o que é bom é preciso descobri-lo, emquanto que o mal está patente, e manifesta-se por seus fructos. E' a familia que se dissolve, o divorcio que se alastra, a filiação illegitima que augmenta, a paternidade que se furta aos seus deveres para com os fructos illegitimos de seus instinctos mal bridados; é a auctoridade paterna que foge, á medida que a licença se approxima nos disfarces de uma liberdade precoce; é a criminalidade que cresce por toda a parte. E' então verdade que o homem interior diminue e se degrada no mesmo seculo em que a sciencia se proclama no seu apogêu? E porque então lhe queimar tanto incenso em seus altares se ella, sciencia, não pôde apagar a lava do gorilla, se não pôde matar o gremem animal e desencantar a semente do divino?

A COLERA

Sê sobrio, activo e casto e jámais te enraiveças — Quem já não sentiu em si mesmo os effeitos destruidores da colera? E quem já nunca projectou sobre outrem os raios dessa curta loucura? A colera nos aliena. A razão fôge quando ella explóde. Ella nos faz insensiveis; o homem irado fere-se e não sente, quebra-se, quebrando o que encontra. Faz-nos surdos; não ouvimos a vóz do amigo, não acudimos ao chamamento materno. Céga-nos: atira-nos ao precipicio, que não vemos aos nossos pés.

E passada a explosão deparamos com a nossa pessoa alquebrada, diminuida em nossa vitalidade physica, em nosso vigor moral. E o silencio e a solidão se fazem em torno de nós. E' o filho que se resente, é a esposa que se agasta, é o amigo que se separa, é o servidor que se despede, se é que pelo crime,

não nos abriu ella as portas da prisão e não nos fechou o horizonte da vida, entregando-nos á nossa propria ruina.

A colera não é um predicado dos fortes, mas das creanças e dos fracos, dos doentes e dos velhos, das vontades pouco afeitas ao dominio de si mesmas. E' a fraqueza, e não a força que se revolta; ella que se irrita, que dispara contra perigos imaginarios, que vê agravos, offensas, onde a razão calma lobriga apenas a regra ou a lei.

A saliva do homem irado póde impregnar-se de ptomainas e tornar-se lethal como os venenos animaes. Assim é que a segregação do leite se resente dos paroxysmos da colera, chegando mssmo a matar a creança de peito.

Valentiniano morreu num accesso de colera. O facto deu-se da seguinte maneira: Quando os moravios foram batidos pelos romanos, o guerreiro Mérobaud foi mandado em deputação junto áquelle imperador. O enviado se portou com insolencia, e o imperador exasperado, entrou em erupção e o sangue suffocou-lhe a garganta em hemorrhagia mortal.

A colera provoca convulsões infantis, desperta a epilepsia latente, desorganiza a saúde, abrevia a vida.

Não ha acção praticada em erupção colerica que se possa conter em seus limites naturaes. E' a peor maneira de castigar, de corrigir, de educar. O que se chama justa colera excede sempre a justiça. O sentimento da medida e do equilibrio não se aparta do uso ponderado da razão.

Como lutar contra um temperamento arrebatado senão por um esforço continuo sobre si mesmo? Ao lado do esforço perseverante contam-se expedientes, palliativos, que foram justificados por seus fructos.

São recursos, pontos de apoio para a vontade que se educa. Porque a vontade educada diria o que disse Socrates ao seu escravo: "Quanta pancada te daria se não estivesse cheio de colera"; esperou que o tempo o restituísse á sua serenidade de animo.

Platão nos offerece um exemplo analogo do dominio sobre a colera. "Irritado contra seu escravo e não podendo differir o castigo, ordenou que o despissem e que lhe apresentassem o lombo ás varas; queria batel-o com suas proprias mãos. Mas percebendo que estava encolerizado, conservou o braço levantado e suspenso na attitude de um homem que vae bater.

Um amigo que surge de repente perguntou-lhe que fazia. Eu castigo um homem iracundo, disse Platão; e o philosopho permanecia como que estupefacto, conservando aquella posição ameaçadora, ignobil para um sabio, porque seu pensamento já estava longe do escravo; elle tinha encontrado um outro mais digno de punição. Abdicou de seus direitos de senhor, e disse a Speusippo: "Corrige este miseravel, porque eu estou cheio de colera. Absteve-se de bater pelo mesmo motivo que teria impellido um outro a fazel-o."

O exemplo de Socrates e de Platão indica-nos a extensão e o alcance da disciplina da vontade. Foge a colera de quem soube repellil-a; volta a tranquillidade ao animo sereno dos que a procuram. O esforço dá sempre fructos, e não ha fructos que valham a educação de si mesmo. Não ha na natureza humana terreno tão safaro donde se não possa extrahir algum precioso minereo. E' a disciplina que tempera o aço dos caracteres.

Fragil é o vapor d'agua no estado de força livre e assim tão fragil não nos presta serviço mecanico algum. Submettido á pressão, orientado de certa maneira, o seu poder como a sua utilidade se patenteiam. Servo humilde, já então, elle arrasta a locomotiva ou o transatlantico em proveito nosso. Assim tambem acontece com a agua da cascata. Como força livre é belleza e não utilidade. Força disciplinada, reunida na turbina, ella trabalha para nós, e dá luz para a cidade e força para a industria.

Acontece comnosco a mesma cousa. De nada valem no estado de força livre, de poder anarchico. E' a disciplina que canalisa o nosso poder, a regra que multiplica a renda de nossa machina, a educação de nós mesmos que rejeita as nossas escorias e lima as nossas arestas.

ALBERTO SEABRA.



RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Ruy Barbosa vai ter, enfim, a sua obra dignamente acondicionada numa serie de volumes impressos. A sua vasta produção juridica e politica, os seus estudos sociaes, economicos, financeiros, admiuistrativos, os seus trabalhos puramente literarios, as suas locubrações linguisticas, as suas polemicas, os seus discursos, os seus artigos, as suas cartas, tudo isso teria dado materia, de quarenta annos a esta parte, para a emissão de um volume por anno. No Brasil, porém, não se lê, e mesmo quando o autor é um Ruy Barbosa, os editores sabem que é uma temeridade, commercialmente idiota, lançar a lume um livro que exija muitas folhas e uma composição regularmente esmerada. Não lêr é a regra: essa regra soffrê algumas excepções — quando se trata, por exemplo, de um libello escandaloso, de um romance apimentado, de uma colleção de versos fescenninos, de um estudinho grammatical e outras inconveniencias por esse gosto. Por isso até hoje Ruy Barbosa esperava o seu editor, e o editor não veio, e o grande Ruy esperaria até a eternidade, se um grupo de admiradores não tivesse resolvido constituir-se em sociedade anonyma, especialmente para converter os seus manuseriptos em letra de fôrma. Eis ahí um movimento que honra muito os admiradores de Ruy, mas não honra nada o paiz. E' o pregação mais alto, dos que nos ultimos

tempos têm denunciado a incultura nacional.

E Ruy ó Ruy, é o homem que “o paiz inteiro admira”! Este paiz, quando admira um homem, na communhão de vinte e cinco milhões de almas dentro do mesmo enthusiasmo, e quando esse homem tem rumas enormes de escriptos sedimentadas por todos os cantos da casa através de quarenta annos de actividade cerebral, — começa por não reclamar os seus livros e acaba por não compral-os, quando apparecem. Imagine-se agora o que succede com os que não são assim universalmente admirados, com os que não têm senão admirações locais, na sua provincia, na sua cidade, no seu bairro, ou não têm admirações nenhuma. E' materialmente impossivel, em noventa por cento dos casos, que as vocações se revelem ao paiz, se affirmem, progridam, cresçam e dêem todo o fructo de que seriam capazes. Quer dizer: a intelligencia nacional e com ella a nacionalidade inteira soffrem as consequencias incalculaveis de um *boycottage* tremendo, imposto pela segunda á primeira. Entrementes, vamo-nos embalando na innocente illusão de sermos o paiz “mais intellectual da America latina”, ou de todas as Americas, — ao passo que o movimento livreiro na Argentina cresce de anno para anno em proporções extraordinarias, abrangendo todos os ramos da actividade mental humana, desde a philosophia pura até as sciencias exactas, desde o romance até o livro de viagens, desde a critica so-

cial até a polemica política, desde a grande historia até as pequeninas contribuições anecdoticas. — *Yorik.*

AS ARMAS DE S. PAULO

S. Paulo não possui brazão de armas. As pesquisas feitas nos archivos da cidade, do Estado, do Rio de Janeiro, na Bibliotheca Nacional, os appellos á tração oral ou á memoria dos velhos paulistas, as investigações procedidas na Torre do Tombo, em Lisboa, a leitura cuidadosa dos chronistas, tudo foi infructifero.

Não ha o menor vestigio dessas insignias que cidades de menor importancia ostentam nos seus paços municipaes e nos timbres dos seus papeis publicos.

Que cidade do Brasil, entanto, pôde disputar a S. Paulo mais honrosa historia e mais notavel papel na formação da Patria Brasileira? Não é preciso que repitamos, com o Visconde de S. Leopoldo, que a historia de S. Paulo é a historia do Brasil. Limitemo-nos á vida propriamente cidadina e ainda S. Paulo de Piratininga offerce um immenso cabedal de factos que dentro dos seus muros se operaram, enriquecendo-lhe as tradições e formando a nobreza da sua gente destemida, do mesmo passo que enchiam de fulgurantes paginas a historia nacional.

O certo é que não tem a cidade o seu escudo. Seriam os paulistas tão preocupados das suas "entradas" pelo sertão e dos seus commettimentos industriaes, que esquecessem os ouuropeis e o fausto, incompativeis com a sua vida de instabilidade e constante deslocação em rudes acampamentos?

O facto de não ter sido a cidade jamais séde do governo central, teria contribuido para que aqui se não desenvolvessem as pompas das capitães, que eriam as exigencias dessas exterioridades ostentosas?

Seja como fôr, a cidade cresceu, a sua acção dilatou-se pelo Brasil inteiro, desde a humilde choupa-

na de Anchieta até á metropole de hoje, sem o brazão de armas.

Seria preciso creal-o?

O prefeito de S. Paulo, dr. Washington Luis, entendeu que sim. E' claro, que se isto constituisse a preocupação unica da prefeitura, neste momento de crise geral, não seria para louvar. Mas, se essa iniciativa surge ao lado de outras que mais directamente interessam á vida da cidade, como succede, não ha se não applaudir.

O concurso aberto para a escolha do brazão despertou no meio artistico de S. Paulo, isto é, no limitado numero de artistas e de amadores de arte da cidade, uma curiosidade muito benefica, como estimulante da produção. Não quer isto dizer que toda a produção que elle provocou fosse boa; mas, toda ella revela um esforço interessante e dentre os trinta e dois trabalhos expostos, alguns havia bem concebidos, bem compostos, bem executados e intelligentemente justificados. Isso só já constitue um excellente serviço.

O prefeito nomeara uma comissão para julgal-os e essa comissão, composta dos srs. dr. Carlos de Campos, senador estadual, mousenhor dr. Benedicto de Souza, governador do arcobispado, dr. Eduardo de Aguiar d'Andrada, engenheiro e proprietario, Mario Barbosa, pintor, e Nestor Pestana, jornalista, deu o seu parecer não considerando nenhum dos projectos inteiramente satisfatorio.

O parecer é sensato e está habilmente fundamentado, pois soube destacar entre os melhores projectos o que elles têm de realmente aproveitavel.

Será assim aberto novo concurso, do qual surgirá naturalmente o brazão definitivo da cidade.

E' a primeira vez que no Brasil se faz um concurso desta natureza, e o resultado da primeira tentativa não é de todo desfavoravel aos creditos da nossa cultura, pois num assumpto tão especial, como é a heraldica, appareceram sabedores dignos de acatamento e artistas capazes de comprehendel-os. — *J.*

WILLIAM RAMSAY

Um apreciador de romances de imaginação não poderia deixar de sorrir ao lêr, ha alguns annos atraz, a "Maravilhosa Descoberta de Raffles Haw". Conan Doyle criou nesta obra o typo de um homem, que tem a infelicidade de achar o processo de transmutação dos metaes; e que, graças á sua faculdade de passar do chumbo ao ouro, torna-se tão rico, que faz a desgraça propria e daquelles que o rodeiam.

Raffles Haw existiu devéras, e ha pouco annunciou o telegrapho laconicamente a sua morte. A criação de Conan Doyle teve vida em Sir William Ramsay.

São muitos os trabalhos que notabilisaram o grande chimico inglez, mas seriam bastantes, para justificar o seu renome universal, a determinação dos pesos moleculares dos metaes, e os seus estudos sobre os gazes pobres, particularmente sobre o helio.

Sem ser cultor da alchimia, a arte chimerica, que visava a descoberta de uma substancia propria a transmutar os metaes, Ramsay obteve a *pedra philosophal*. Sob a acção do radio e dos raios Röntgen, elementos passaram a ter todas as propriedades de outros elementos; e so a celenma levantada pela queda de um dos dogmas fundamentaes da sciencia moderna, o principio da indestruetibilidade da materia, ainda não deixou vêr toda a verdade das asserções de Ramsay, as provas são cabaes na transformação do raio em helio, em neon e em argon. Em resumo, o sentido desta série de experiencias seria o seguinte: elementos, que por si proprios não apresentam a transformação expontanea, seriam levados, pelo contacto com materias radioactivas, a transformar-se da mesma forma que estas materias, isto é, com producção de elementos novos.

Como experimentador, Ramsay era um dos mais brilhantes, que possuiu a sciencia.

Graças á sua destreza incomparavel, foram obtidos, por meio de uma balança sensivel ao millionesi-

mo do milligramma, os pesos de elementos gazosos de vida ephemera productos da emanação do radio.

William Ramsay nasceu em Glasgow, em Outubro de 1852. Fez seus estudos na Academia e Universidade desta cidade, e mais tarde partiu para a Allemanha, onde so demorou algum tempo em Tübingen, pequena cidade do Wurtemberg.

Em 1874 foi nomeado assistente de chimica da Universidade de Glasgow, em 1880 professor de chimica da Universidade de Bristol, e em 1887 passou a occupar o mesmo logar na Universidade de Londres; em 1913 foi-lhe pela mesma conferido o titulo honroso de *professor emeritus*.

Dentre as suas numerosas publicações scientificas destacam-se as seguintes: — A energia molecular na superficie dos liquidos — Um novo constituinte da atmosphera, o argon — Helio, constituinte de certos mineraes — A transmutação do radio em helio — Varios tratados de chimica — etc.

As suas elevadas qualidades, valeram-lhe honras numerosas: pôde dizer-se, que todos os grandes centros scientificos do mundo orgulhavam-se de o ter como membro honorario. Pertencia á Real Sociedade de Londres, á Sociedade de Chimica, ao Instituto de França, ás Academias do Roma, Vienna, São Petersburgo, etc. Era cavalleiro da ordem do Bano, da ordem prussiana "Pour lo mérite", official da Legião de Honra. Em 1904 foi-lhe outorgado o premio Nobel do chimica.

Talvez a chave do seu caracter esteja nas palavras com que elle proprio termina o elogio funcbre de Moissan perante a Sociedade ingleza de chimica:

"Devemos todos collocar o nosso ideal bastante alto para que nunca possamos alcançá-lo". — L.

METCHNIKOFF

Falleceu em Julho ultimo, em Paris, o sabio professor russo Metchnikoff. A sua celebridade universal data da divulgação da theoria da phagocytose em que elle estudou a

immunidade e a defesa do organismo humano. A divulgação dessa theoria deu-se em 1901 em um livro que abalou o espirito humano e de quo se esgotaram successivas edições com a rapidez com que se esgotam as edições de certos romances...



Metchnikoff era, actualmente, o director do Instituto Pasteur de Paris e pertencia a essa meia duzia de individuos que o mundo inteiro respeita e aclama.

MOVIMENTO ARTISTICO

THEATROS

Iniciou-se este mez a estação theatral do anno, no Municipal desta cidade, com a estréa da companhia dramatica franceza dirigida pelo sr. Lucien Guitry. Além do conhecido e festejado actor que a dirige, a compauhia franceza não trouxe qualquer outro artista de grande valor. Todavia, os espectaculos agradaram e a concorrência foi sempre satisfactoria. O repertorio exhibido, quasi todo já familiar do publico, offereceu duas novidades: *Pétard*, de Henri Lavedan e *Miette*, de Dario Niccodemi.

Pétard é uma caricatura do "parvenu", grosseiro, egoista, espalhafatoso, grotesco e ridiculo, que a nossa sociedade procreou, e *Miette*, uma

delicada fantasia sentimental, escripta com espirito e disposta com habilidade.

Ambas as peças provocaram muitos applausos, notadamente a segunda, a qual foi, dentre todas, a que mais satisfez ao publico, já fatigado do adulterio, e das trampolinagens, que o moderno theatro francez obstinadamente lhe serve. A satisfação do publico é symptomatica e devia calar no espirito dos empresarios. S. Paulo, por honra sua, não se deleita com esse theatro morbido, onde só se estudam taras moraes e onde só se exhibem typos depravados.

Os maiores triumphos das companhias francezas que nos visitam, ellas não os encontram nunca em peças dessa natureza. O maior triumpho da Companhia Guitry, neste anno, foi a *Miette* o a da Companhia Huguenet, o anno passado, foi a *Georgette Lemmeunier*... A *Miette* já dissemos o que é, e a *Georgette Lemmeunier*, sabem-no todos, é um bello episodio de amor conjugal. Esse amor, ameaçado na sua felicidade serena, defende-se, luta e vence. O que ha de mais curioso e significativo ainda é que, nessas duas peças não existe nenhuma dessas creações francezas em que os actores de nomeada põem o maximo de arte e de talento...

As maiores creações de Guitry pertencem precisamente ao repertorio que deixou o publico mais frio, como, por exemplo, o repertorio de Bernstein.

Pena é que os directores de companhias, quando organisam o repertorio para as grandes estações theatraes, não consultem um pouco as predilecções do publico... E' pena para o publico e para elles proprios.

BELLAS-ARTES

A Escola Nacional de Bellas Artes celebrou a 12 de Agosto de 1916, o centenario da instituição do ensino artistico no Brasil. O decreto que o instituiu traz a assignatura de D. João VI e do conde da Barca, Antonio de Araujo de Azevedo, e representa um dos grandes serviços que

aquelle monarcha sensivel á seducção das artes, prestou ao Brasil, favorecendo a autonomia do nosso pensamento que devia preceder á independencia politica.

O acto de D. João VI teve excellente execução, pois nella foram aproveitados eminentes artistas francezes que se haviam refugiado no Brasil, segundo uns, e que foram expressamente contractados pelo rei, segundo outros: Joaquim Lebreton, Nicolau Antonio Taunay, Augusto Maria Taunay, João Baptista Debret, Grandjean de Montigny, Carlos Simão Pradier, Sigismundo Neukom (este austriaco) e Marcos e Zeferino Ferrez.

Antes dessa organização destacaram-se, na pobreza intellectual da vida da colonia, alguns artistas de talento, como frei Ricardo do Pilar, e especialmente o genial "Aleijadinho" (Antonio Francisco Lisboa) famoso escultor, algumas de cujas obras ainda podem ser apreciadas nas ricas egrejas de Minas, e Mestre Valentim (Valentim da Fonseca), constructor do Passeio Publico do Rio. Mas, só então se cuidou de proporcionar aos moços brasileiros uma educação artistica methodica.

Depois de muitas vicissitudes, esse grupo notavel de artistas dispersouse, ficando no Brasil os irmãos Taunay que aqui constituíram familia deixando descendencia illustre.

Um dos discipulos principaes dessa pleiade admiravel, foi Manuel de Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo.

Com elle se inicia a serie dos pintores brasileiros formados pela nova escola, que produziu mais tarde Victor Meirelles e Pedro Americo, dois grandes artistas em qualquer paiz do mundo, notadamente o segundo que alliaa ás suas excelsas qualidades artisticas uma variada cultura.

Esses, por sua vez, deixaram uma geração notavel que se não os egualou, na grandeza das concepções, offerecem á admiração dos seus compatriotas artistas como Zeferino da Costa e Rodolpho Amoedo, Rodolfo e Henrique Bernardelli.

E' difficil dizer-se se, num seculo de pintura, progrediu o Brasil como

lhe cumpria, ou ostagnou ou retrogradou. Não se pode separar a evolução artistica, das exigencias do meio local, nacional, e das tendencias universaes da arte. Em outro logar desta revista dirão os competentes sobre a controversia. Aqui queremos registar a commemoração do centenario, levada a effeito graças aos esforços de João Baptista Costa, actual director da Escola, e seus companheiros de Congregação. Constou ella de uma sessão solenne, com a presença das altas autoridades da Republica, no salão daquelle instituto, de um concerto do musica brasileira, dirigido por Alberto Nepomuceno, director do Instituto Nacional de Musica, e da abertura official do "salon", de 1916. Na sessão solenne falaram o professor Araujo Vianna, pela Escola, o sr. Affonso d'E. Taunay, pelo Instituto Historico, e o professor Morales de los Rios, como paranympho dos architectos que nesso dia receberam o diploma.

Sobre o "salon", muito concorrido este anno, escreverá opportunamente nesta *Revista*, um dos seus distinctos collaboradores.

O só facto da realisação solenne dessa cerimonia commemorativa, vale pela affirmação de que um espirito novo domina a direcção official do ensino das bellas artes, na aspiração patriotica de tornalo uma das forças do nosso progresso o da nossa grandeza.

E' a melhor maneira de honrar a memoria dos que lançaram as bases dessa construeção magnifica.

MOVIMENTO LITERARIO

Annuncia-se a edição das obras completas de Ramalho Ortigão. As varias edições dos livros de Ramalho vão ser agora uniformizadas, por um mesmo padrão, naturalmente publicadas pela mesma casa, que, segundo parece, será a Livraria Alves, do Rio de Janeiro, editora das "Ultimas Farpas" agora apparecidas. As "Ultimas Farpas" têm um tomo menor do que as primeiras, editadas pela

antiga Casa Corazzi, de Lisboa. Trazem os derradeiros artigos de Ramalho Ortigão, datados em Paris e Portugal, o ultimo dos quaes a 7 de Setembro de 1914. Alguns mezes depois Ramalho morria.

Ruy Barbosa renunciou á presidencia da Academia Brasileira. Volta a ser falada a Academia, por isso e pelas tres vagas que se abriam no cenaculo — a de José Verissimo, a de Affonso Arinos, e a de Arthur Orlando.

Os candidatos mais falados são: o barão Homem de Mello para a vaga de José Verissimo; Oscar Lopes e Amadeu Amaral para a de Affonso Arinos; e, para a de Arthur Orlando, o desembargador Ataulpho de Paiva e o sr. Pinto da Rocha.

Flamma é o titulo do novo livro de versos de Amadeu Amaral, a apparecer nestes proximos mezes. Conterá, entre outros, os lindos versos que os leitores da *Revista do Brasil* já têm aqui apreciado. Além desses, numerosas poesias ineditas. Amadeu Amaral dará, logo a seguir, ou talvez antes, o seu primeiro livro de prosa...

Outro livro a apparecer: as conferencias de Affonso Arinos, na Sociedade de Cultura Artistica, de São Paulo. Vai ser, seguramente, um acontecimento literario a publicação dessas bellas paginas sobre as nossas lendas e tradições. As conferencias do saudoso escriptor brasileiro constituirão o terceiro volume publicado pela Cultura Artistica. O segundo que justamente agora nos chega ás mãos, traz o seguinte summario: Antonio Piccarolo: *O romantismo no Brasil* — Ricardo Severo: *A Arte tradicional no Brasil* — Plinio Barreto: *Gregorio de Mattos* — Adalgiso Pereira: *O Meigo Idioma* — Alberto Scabra: *Tobias Barreto* — Graça Aranha: *A Mocidade heroica de Joaquim Nabuco* — Alcides Maya: *Don Juan* — Alberto de Oliveira: *O Culto da Forma na Poesia Brasileira*.

Em S. Carlos, neste Estado, fundou-se ha pouco a *Sociedade de Estudos e Conferencias*. Não é a primeira no interior. Esperemos que outras sociedades literarias vão surgindo, de forma a vulgarisar a cultura intellectual.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

FACULDADES DE LETRAS E PHILOSOPHIA

As faculdades de letras e philosophia, hoje vulgarisadas nas principaes cidades da Europa, tiveram inicio na Italia.

O papel mais importante confiado ás escolas secundarias, ou preparatorias, é o preparo literario, no sentido mais geral e comprehensivo da palavra, isto é, da formação litteraria e philosophica da consciencia humana, comprehendendo não só o estudo da lingua nacional, mas tambem o das linguas classicas, da historia e geographia, e das primeiras linhas de philosophia.

Os professores secundarios precisam portanto de uma preparação especial, e a este fim são exactamente destinadas as faculdades de letras e philosophia, que, como consequencia da importancia e da elevação do fim a que visam, apresentam alguma complexidade.

Além dum profundo estudo da litteratura nacional, taes faculdades comprehendem em geral o estudo das linguas, das litteraturas e das civilizações classicas. Deverá portanto haver nellas uma cadeira de lingua e lexicographia grega e outra de lingua e lexicographia latina, uma de litteratura grega e outra de litteratura latina, como tambem cadeiras distinctas de archeologia, orientalismo, mythologia, numismatica, arte e esthetica classica.

Juntamente com os estudos classicos se fazem estudos sobre as litteraturas da idade media, que requerem cadeiras sobre a litteratura ecclesias-



tica, a literatura epica da lingua *d'oil*, a literatura provençal e as literaturas ibericas.

Importancia equal têm as cadeiras de glottologia, philologia classica e moderna e literatura comparada; auxiliadas por cadeiras livres de linguas e literaturas antigas e modernas, como sejam sanscrita, persa, egypcia, arabe, franceza, ingleza, allemã, russa, etc.

Cuidadosamente feitos devem ser tambem os estudos geographicos e historicos, tendo cadeiras especiaes e distinctas de geographia, historia antiga, medieval e moderna, paleographia, heraldica, agiographia e outras.

A importancia do estudo da philosophia pôde ser apprehendida pela simples enumeração das cadeiras que o constituem: philosophia theoretica, logica, metaphysica, physiologia e psychologia, philosophia moral e historia da philosophia. Mais de vinte cadeiras obrigatorias para obter o titulo de doutor em letras e philosophia e o direito ao professorado nas escolas secundarias!

São dignos de applauso os esforços feitos pelo Estado de S. Paulo, o mais adeantado da federação brasileira em beneficio da instrucção. A lacuna mais sensivel na organização escolar deste Estado está exactamente na falta de uma faculdade de letras o philosophia, donde sahisses os professores das escolas normaes e gymnasiaes.

Não quer isto dizer que faltem bons professores secundarios em São Paulo. Ha professores optimos, mas todos autodidactas e se este facto constitue para elles motivo de maior admiração, porque denuncia uma faculdade intellectual e um esforço de vontade superior ao commum, não pôde constituir uma regra com a qual o Estado possa contar, pois a intelligencia e a vontade superiores ao commum são uma excepção. O autodidactismo não pôde constituir a base do futuro edificio escolar.

E' necessario, pois, — e estas idéas já foram sustentadas pelo illustre pedagogista dr. Ugo Pizzoli, e já encontraram éco na Mensagem apresentada ao Congresso no dia 14 do

mez passado, pelo presidente do Estado, — que entremos, neste ponto, no terreno da realidade, e que a S. Paulo caiba a gloria de ter creado a primeira faculdade de letras e philosophia no Brasil — (Antonio Piccarolo — Conferencia publicada no *Estado de S. Paulo*).

A INSTRUCÇÃO MILITAR OBRIGATORIA

Não é sem uma grande e reconfortante alegria que, dos circulos militares, se observa a lenta evolução da intelligencia nacional para uma comprehensão mais elevada, mais clara e mais nobre da missão social do Exercito, e da parte de responsabilidade que a cada cidadão cabe na obra da defesa collectiva do vasto patrimonio que nos legaram os nossos maiores, e que nós temos o dever de transmittir, mais opulento e mais glorioso, ás gerações vindouras. E, quando "a idéa em marcha", de que o tributo militar é um nobre dever, tiver desabrochado completamente na consciencia popular, nesse dia, então, todos se sentirão irmanados com o Exercito na sua gloriosa tarefa, que se tornará assim tanto mais facil quanto mais bem comprehendida: — a de assegurar a paz por uma solida preparação militar. Nessa propaganda é porém, preciso introduzir alguns "coefficientes praticos". A these que nos propomos demonstrar é que, nas condições em que se nos apresenta o problema, o *serviço no Exercito*, voluntario ou compulsorio, por mais rigoroso e perfeito que venha a ser o sorteio, e por mais numero e escolhido que seja o voluntariado, *por si só não resolve o problema da nossa reorganização militar*. E' fóra de duvida que o *sorteio* é inconstitucional, e que só pode ser applicado na falta absoluta do voluntariado. Para contornar essa disposição, entretanto, e dar ao sorteio o caracter de constitucionalidade do que elle carece, basta, segundo alguns, que o Ministerio da Guerra introduza no "regulamento do admissão de voluntarios" um certo numero de exigencias difficeis de satis-

fazer, para que o voluntariado escasseie e o sorteio se torne, *ipso facto*, constitucional. Não são esses, entretanto, os aspectos do sorteio que desejamos discutir; queremos apenas assignalar, embora de passagem, as immensas difficuldades technicas que a sua applicação rigorosa e integral apresentaria entre nós. E' amplamente sabido, e está ao alcance de todos, que não pode haver um sorteio regular sem uma *conscriptão* bem feita; que não pode haver *conscriptão* regular sem um recenseamento bem feito e sem a pratica rigorosa do *registro civil*. Ora, todos sabem o que é o *registro civil* no Brasil, onde as estatisticas mais benevolas assignalam que 30 a 40 % da população se subtrahem a essa exigencia legal. E quanto ao recenseamento, todos nós tambem sabemos o que é. Imagine-se agora o que não será uma *conscriptão* feita nessas condições. Levando-se ainda em conta o gráo de atrazo dos nossos processos administrativos, e as difficuldades reaes com que o serviço terá de enfrentar, a *conscriptão* será tudo, menos regular. Agora, sobre uma *conscriptão* feita nessas condições, applicae a lei do sorteio. Para não irmos muito longe, nem parecer que estamos exaggerando propositalmente as difficuldades, praticae a operação do sorteio (para destacar os 9.000 conscriptos de que o Exercito precisa annualmente) sobre a massa de 250.000 mancebos que todos os annos attingem a idade militar (habitando a superficie de um paiz de oito milhões e meio de kilometros quadrados), e que, por signal, ninguem sabe como so chamam nem onde moram.

Admittamos, entretanto, que o Ministerio da Guerra, depois de um trabalho cyclopoico, conseguiu saber dos nomes e das residencias, não de todos os reservistas do Exercito, que esses são dois milhões e quinhentos mil, mas apenas dos 250 mil mancebos que todos os annos attingem a idade militar. Admittamos ainda mais que o exercito brasileiro tem um effectivo de 20 mil homens, que não tem, e que, adoptado o serviço de dois annos, o Ministerio da Guerra consegue rigorosamente destacar

todos os annos, de 250 mil mancebos, os 10 mil conscriptos de que o Exercito precisa annualmente. Que se terá feito no fim de dez, de vinte ou de trinta annos? — Praticamente, nada. Tendo o Brasil uma população de 25 a 26 milhões de habitantes (ultima estatistica publicada pelo *Jornal do Commercio*) todos os annos attingem a idade militar de 250 a 260 mil mancebos. Excluindo-se dahi 50 a 60 mil, isentos por diversos motivos (25 %), (a Argentina exclue mais ou menos a quarta parte do contingente), ficam-nos, todos os annos, duzentos mil mancebos aptos para o serviço militar, e que devem receber a necessaria instrucção. Admittindo que o Exercito attinge a 20 mil homens, e que se adopta o serviço de dois annos, desses duzentos mil mancebos o Exercito incorporará e instruirá, todos os annos, dez mil; 190 mil ficam sem instrucção.

Incorporando assim o Exercito dez mil homens por anno, no fim de dez annos, teremos cem mil reservistas instruidos.

E' verdade; mas desses cem mil reservistas, uma parte morreu, outra parte inutilizou-se pelas molestias, e outra parte constituiu familia e passou, por conseguinte, para classes mais privilegiadas da reserva, dessas de que não se pode (ou não se deve) lançar mão immediatamente em caso de guerra.

A razão principal disso é que o exercito tem um effectivo muito diminuto em relação á classe a incorporar. Mas a Argentina? dirão. A Argentina está lutando com difficuldades identicas. Ha vinte annos que ella trabalha com afimco e ardor na applicação do sorteio, e chegou a resultados que, embora bons, em relação a nós, não são ainda satisfactorios, e tanto assim que novas medidas estão sendo constantemente reclamadas.

O que precisamos fazer desde já e com toda a urgencia, é a instrucção militar de todos os nossos reservistas solteiros, de vinte a trinta annos de idade. E como o serviço militar, voluntario ou compulsorio, não pode resolver a questão, appellemos quanto antes para a *instrucção mili-*

tar, voluntaria ou compulsoria, applicada á massa geral dos reservistas, que não pode nem poderá ser incorporada ao exercito. *O problema*, a resolver, *da instrucção militar*, consiste na reorganisação *urgente, methodica e systematica das linhas de tiro*. O tiro tem feito um progresso enorme na Argentina, onde, além das linhas ou sociedades de tiro organisadas, a instrucção é ministrada em 88 collegios, universidades e academias. Em 1911 o numero de atiradores que frequentavam as linhas de tiro era de 231.743. Em 1915 já attingiam a 313.474. Dentro de poucos annos a Argentina disporá de 600 a 800 mil reservistas mobilisaveis, perfeitamente instruidos no tiro do guerra. Nós poderíamos empregar como instructores os sargentos. Organizada a Direcção Geral do Tiro de Guerra, creado o corpo de instructores do Tiro, formadas as linhas e regulamentado o serviço pelo Ministerio da Guerra, a instrucção urgente, methodica e systematica poderia começar. Tudo dependerá de uma boa regulamentação e sobretudo de uma boa execução do regulamento. E, depois, "dar tempo ao tempo". Lá diz o povo que Roma não se fez num dia... Mas trabalhando com afinco e continuidade e um verdadeiro patriotismo, dentro de cinco annos já teremos motivos, talvez, para estar contentes com os resultados. — (Tenente Mario Clementino — *O Imparcial*).

O GADO VACCUM NO BRASIL

O historico do nosso gado vaccum pode-se resumir em mui poucas palavras: a sua introducção nas terras de Santa Cruz — uma dadiwa preciosissima de d. Anna Pimentel, consorte de Martim Affonso, donatario da capitania de S. Vicente; a sua distribuição geographica — uma das obras meritorias do expansionismo paulista; e, finalmente, a formação das suas variedades nacionaes — uma das maravilhas da natureza do Brasil Central. Poder-se-ia mostrar como a expansão das raças pecuarias que primeiro se espalharam pelo

nosso paiz a dentro está intimamente ligada á historia do descobrimento e povoamento do seu vasto territorio pelos bandeirantes paulistas — primeiro pelos vicentinos, depois pelos piratininganos. Assim se justifica com o passado do nosso paiz o dizer de Cornevin de que o boi, como auxiliar do homem, o acompanhou sempre no seu progresso por toda a parte. Quem ignora que foram os bandeirantes que deslocaram o eixo da primitiva população colonial até então adscripticia ao litoral, determinando a sua expansão por todo o interior? Que a vida da nossa nacionalidade se expandira por intermedio da Bahia e seu reconeavo, através e pelo valle do rio S. Francisco, é coisa que se deve ter em conta de novella mal contada.

Nem mesmo sob o ponto de vista da industria pastoril os decantados "curraes" das margens do S. Francisco precederam, como base fundamental, os campos ornamentosos de S. Paulo, de onde unicamente se fez por todo o paiz, margens do S. Francisco inclusive, a distribuição geographica.

Onde quer que chegassem, nas suas "entradas", depois de desbravarem o terreno, assentavam tendas, erigiam moradias, cultivavam a terra, deitavam criações. As bandeiras, quando avançavam, iam deixando atrás suas roças, suas plantações. Não tem outra origem as mais antigas e ainda hoje mais importantes fazendas de criação e lavoura por todo esse interior do Brasil. Os primeiros bovinos introduzidos em Goyaz procediam de São Paulo; tiveram a mesma procedencia os que povoaram os campos de Mato Grasso; os que primeiramente habitaram as campanhas sulrio-grandenses até a Colonia do Sacramento foram tambem levados pelos vicentinos, assim chamados os filhos da Capitania de S. Vicente. Foi na Colonia do Sacramento, então pertencente ao nosso paiz, que se fabricou, da carne de gado brasileiro, o primeiro "xarque" que se comeu nestas partes da America. Da carne secca, preparada por outro processo, é que os bandeirantes faziam a sua providencial alimentação — a "pas-

sóca", sem a qual talvez não tivessem afastado a linha de Tordesillas até ás proximidades dos Andes.

Domingos Affonso Mafrense, cognominado "Sertão", alcança com a sua bandeira as latitudes de Pastos Bons no Piahy, e nelles lança os fundamentos das actuaes fazendas nacionaes; Domingos Jorge, outro bandeirante paulista, descobre os altos sertões da Parahyba e ahi se deixa ficar com fazendas de criação bovina. Todos os Estados do Sul, assim como os do Norte nas suas zonas superiores, chamadas do agreste, foram povoados de rezes descendentes das que fizera passar de Portugal para a Capitania de Martim Affonso, a sua consorte d. Anna Pimentel — que bem merecia em Santos, de preferencia á de Braz Cubas, a sua estatua. Foi ella quem, alli bem perto do monumento do Ipiranga, commemorativo da nossa independencia politica, abriu as portas do Brasil ao maior factor da sua independencia economica.

Historicamente S. Paulo foi o berço e o primeiro pastor dos rebanhos do Brasil. — (Henrique Silva — *Jornal do Commercio*).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A RIQUEZA DOS NORTE-AMERICANOS

Em 1850 calculava-se a riqueza dos Estados Unidos em sete bilhões de dollars. Hoje, esse total attinge a 187 bilhões. Nenhuma nação do mundo pôde apresentar uma cifra tão grande. Temem alguns que o rapidissimo augmento da riqueza possa exercer uma influencia nefasta sobre o caracter da nação norte-americana.

Os povos pobres, observam elles, são honestos, laboriosos, parcimoniosos. Os povos ricos abandonam-se á molleza e aos prazeres. E recordam o exemplo de Roma. Roma decaiu quando se tornou rica. A mesma sorte caberá aos Estados Unidos.

A opulencia dá origem ao luxo e o luxo enfraquece as energias da raça. Os norte-americanos entregar-

se-ão á caça febril e desenfreada do ouro. Os ricos despojarão os pobres e corromperão os poderes publicos. Todas as manifestações da vida nacional serão envenenadas pelo ouro.

Mas é preciso notar que ha muita differença entre a riqueza antiga e a moderna. Roma decahiu, não porque se enriquecesse (mesmo no periodo da maior opulencia ella foi relativamente pobre, comparada com a Inglaterra, com a França, com a Alemanha ou com os Estados Unidos de hoje), mas porque a sua riqueza era mal adquirida, mal empregada e mal distribuida. A opulencia romana não derivava dos trabalhos dos romanos livres, mas da espoliação dos povos sujeitos a Roma, e esse facto já bastava a seccar as fontes de produção. O dinheiro que affluia a Roma de todas as partes do imperio, não era empregado em emprezas productivas, mas esbanjado em construcções de palacios e "villas", em despesas militares e na manutenção de proletarios famelicos e ociosos.

O resultado mais evidente do rapido augmento da riqueza nos Estados Unidos é representado pelo crescimento do luxo. Quem ganha muito, e sem muito trabalho, despense muito tambem. Até a metade do seculo passado os Estados Unidos foram uma nação parcimoniosa. Faziam-se ainda sentir os principios puritanos, e predominava mesmo uma concepção ascetica da vida. Desde 1840, porém, o paiz foi presa de uma febre de especulações. Iniciaram-se grandes construcções ferroviarias e começou-se a especular com o valor dos terrenos. Muita gente, em poucos annos, accumulou fortunas enormes.

E o luxo não teve limites, desde então. Do ponto de vista economico, os esbanjamentos dos millionarios norte-americanos não têm senão uma importancia relativa, pois, em confronto com a despesa total de cem milhões de habitantes, representam uma particula. A maior importancia da prodigalidade norte-americana é social, porque por ella se aferem os costumes e se conhece a nova concepção da vida. Hoje, muito pouca gente toma a serio, nos Estados Unidos, os preceitos puritanos. Pensa

muita gente que o augmento da riqueza fará augmentar tambem o proverbial materialismo norte-americano. Entretanto, é de notar que esse materialismo se vem temperando de um certo altruismo. Nos Estados Unidos, onde o sentimento de classe é fraco, e onde não existe uma casta nobre, nem intellectual bem definida, cujos juizos exerçam influencia decisiva sobre a opinião publica; — mesmo os mais ricos sentem a necessidade do louvor dos seus concidadãos. Eis porque tantos multimillionarios norte-americanos têm feito generosas doações a hospitaes, bibliothecas, laboratorios scientificos, museus e outras instituições sociaes. — (Walter E. Weil — *Harpers's Monthly Magazine*).

VARIÉDADES

A AGRICULTURA MECANICA

O problema da agricultura mecanica, que se tornou importante e urgente, desde que, ha alguns decennios, começou a accentuar-se o exodo para as cidades, e que, nestas, os proletarios se foram organizando em syndicatos, — depois da guerra será de importancia decisiva para a França. Como, então, haverá uma grande carencia de braços — estes terão de ser substituidos pelas machinas.

Na Inglaterra desde 1833 se usam os instrumentos agricolas a vapor. A palavra "motoicultura" é nova, mas o que ella significa ha muito tempo existia. Ninguem discute as vantagens da machina sobre o operario: ella não emigra para a cidade, não faz "grêves", não discute, não tem appetites sempre crescentes, trabalha mais rapidamente, e, differindo dos homens e dos animaes ainda nisto — quando não trabalha não consome. Naturalmente, nem tudo são vantagens. Entre os damnos da agricultura mecanica, está a inevitavel diminuição de animaes de tiro, como bois e cavallos. Mas para isso se poderá encontrar um "modus vivendi", e, como a agricultura mecanica não excluirá de todo a tracção animal, pode continuar a crea-

ção de bovinos, reduzindo a dos equinos.

Os instrumentos adoptados na cultura dos campos são de tres grupos: Primeiro: Machinas com a parte motora fixa durante o trabalho e arado movel. Segundo: Machinas como o motor intimamente ligado ao arado. Terceiro: Machinas do typo mixto.

As machinas do primeiro typo transmitem a energia mediante um cabo que se desenrola de uma cabrestante fixo. São estas as formas mais antigas de machinas agricolas, pois ha meio seculo se usavam já arados movidos alternativamente por dois locomoveis a vapor collocados nas duas estremitades do campo.

As machinas do segundo typo têm, sobre as do primeiro, a vantagem da mobilidade. As do terceiro typo trabalham alternativamente como as outras duas: o motor avança, depois se fixa ao solo e puxa para si o arado; avança de novo, e assim por deante.

O problema da motoicultura precisa ser resolvido com urgencia em França. As machinas podem remediar em parte, os males da guerra. Mas como obtel-as? O governo, preoccupado com o problema, ordenou estudos e missões nos Estados Unidos.

Só ha um dilemma para o governo francez: ou crear uma industria de machinas, fornecendo-lhe materia prima e pessoal, ou importar as machinas dos Estados Unidos. (Charles Nordmann — *Revue des Deux Mondes*).

O PROBLEMA ZOOTECHNICO

E' dos mais importantes o problema zootechnico relativamente á guerra. Importante e muito vasto, convido limital-o neste artigo, apenas aos equineos e bovinos, que são os animaes consumidos em maior numero. Para ter uma idéa do enorme consumo de equineos na guerra, bastará recordar que na campanha da Africa do Sul a Inglaterra perdeu 450.000 cavallos e muares dos 670.000 que para lá havia expedido. Nos pri-

meiros quinze dias da recente mobilização, na Inglaterra, o exército tinha 134.000 cavallos. Logo depois foram comprados 20.000 no Canadá, 30.000 na Australia, e ainda mais na Nova Zelândia e Estados Unidos. Nos primeiros doze mezes de guerra a Inglaterra importou do estrangeiro 158 mil cavallos e 66 mil muares. E desde então não parou de comprar. A França, no primeiro anno de guerra tinha importado do estrangeiro 160.000 cavallos (especialmente do Canadá e da Argentina), e 20.000 muares. Se a França, logo depois das requisições officiaes, soffreu em alguns departamentos e durante apenas nove mezes, uma diminuição de 30 % da população cavallar, pode-se imaginar o que não succedeu na Italia, onde a produção é notavelmente menor. As vendas voluntarias e as aquisições forçadas, em França, tiveram um effeito benefico: levaram os criadores a intensificar a criação. Foi assim que, na primavera de 1915 houve uma affluencia enorme de jumentos ás estações estabelecidas pelo governo, com os quaes os criadores so preparavam a preencher as lacunas. E' de esperar que o mesmo venha a succeder na Italia, pela primavera deste anno. E' preciso augmentar a produção: todas as eguas em serviço militar ou occupadas na agricultura, devem ser cobertas. E' um erro dizer que a egua grávida tenha necessidade de ser poupada. Só o que se deve é não sujeital-a a trabalhos muito pesados, espeital-a nos ultimos mezes.

O governo italiano, reconhecendo a importancia do assumpto, trata de augmentar a produção cavallar, e melhor-a, por meio de medidas prudentes, decretadas especialmente para a Sardenha, que é um dos mais importantes viveiros de cavallos para o exercito.

Quanto aos bovinos, é de notar que de 1908, época em que foi feito o ultimo recenseamento de bovinos na Italia até 1915, foi sensível o augmento. Em 1908 a Italia contava 6.198.861 cabeças de gado bovino; de 1908 a 1915 pode-se calcular que o augmento foi de mais de dez por cento.

Os agricultores italianos não têm outra coisa a fazer senão continuar resolutamente a trilhar o caminho pelo qual se metteram — o de produzir mais e melhor. A França, que tinha 14.807.380 bovinos em 1913, onze mezes depois da declaração da guerra viu esse numero reduzir-se a 12.286.849 com uma perda de mais de dois milhões e meio. Na Belgica todos sabemos onde foi acabar toda a sua população bovina, de quasi dois milhões de cabeças. Os italianos provavelmente terão de exportar muito gado e supprir as faltas de outros paizes. (Bartolomeo Moreschi — *Nuova Antologia*).

O ENSINO TECHNICO

Nas vesperas da guerra os parlamentos da França, da Inglaterra e da Belgica estudavam a reforma do ensino technico nos respectivos paizes. Se então o problema já era de grande importancia, de muito maior é agora, quando os acontecimentos têm demonstrado que qualquer retardamento da solução acarretará a inferioridade desses paizes, no futuro. E' necessario restituir á industria, ao commercio, ás artes manuaes, pela educação ou reeducação profissional, um grande numero de mutilados. E' necessario apressar a instrução technica desses adolescentes que perderam o pai na guerra e que são chamados a exercer prematuramente a profissão paterna para salvar a familia. Passada a tempestada, escasseará a mão de obra, justamente quando haverá mais necessidade do homem para reconstruir e restaurar. E será preciso trabalhar depressa e não perder uma hora, se quizermos triumphar da concorrência, mais ardente do que nunca.

Os acontecimentos destes dois ultimos annos demonstraram a superioridade technica da Allemanha, que apresentou um exercito disciplinado de engenheiros, mecanicos, chimicos physicos, constructores. Para formar esse outro exercito — tão importante como o militar — a Allemanha possuia 11 escolas technicas superiores com 15.000 alumnos e seis es-

colas superiores de commercio, com 2.000 alumnos; ao passo que os institutos francezes correspondentes não tinham mais de 500 alumnos. Essa differença augmenta nas escolas medias: em 1902 a Allemanha tinha 547 escolas industriaes com 42.000 alumnos e 85 escolas commerciaes com 7.000 alumnos, enquanto nas seis escolas de artes e officios os alumnos eram apenas 1.800. E ainda mais nas escolas primarias: a Allemanha conta 2.313 cursos de aperfeiçoamento industrial com 300.000 alumnos, e 522 cursos de aperfeiçoamento commercial com 40.000 alumnos. A França, não contava, nas escolas correspondentes, mais de 40.000

alumnos. Assim, sommando tudo: no anno de 1902, a Allemanha preparava para as artes, a industria, e o commercio nada menos de 400.000 jovens, numero que certamente augmentou muito. A França, 100.000. E' preciso que o governo francez, reconhecendo a importancia do problema, cuide com empenho do ensino technico. A questão agora é muito mais complexa ainda, porque ha os cegos e mutilados — um verdadeiro exercito — que não se pode abandonar ás occupações humilhantes e á esmola. E' preciso restituil-os á familia, á sociedade e á patria por meio da reeducação. (P. Astier — *Revue Scientifique*).

REVISTA DO BRASIL

Nos proximos numeros a *Revista do Brasil* publicará trabalhos de Domicio da Gama, Mario de Alencar, João Ribeiro, Amadeu Amaral, João Luso, Amoroso Lima, Armando Prado, Americo de Moura, Carneiro Leão, Octavio Augusto, Jacomino Define, Godofredo Rangel, Alberto Seabra, Antonio Piccarolo, Mario Sette, Frederico Villar e outros.

Com o presente numero a *Revista do Brasil* completa o segundo volume, cujo indice será distribuido com o fasciculo de Setembro.

AS CARICATURAS DO MEZ

DIA DE ANNOS



A Guerra recebe as felicitações de suas amigas.

("Caretta" - J. Carlos)

A NEUTRALIDADE VIGILANTE



— Eis o caminho!...

(“O Paiz” — *Júlio Machado*)

A MUDANÇA DO SENADO FEDERAL



“Os sem fecho”

(“Caretá” — *J. Carlos*)

O ENSINO DAS BELLAS-ARTES



A Centenaria—Uma encomendasinha official, pelo amor de Deus!...

(“O Paiz”—Jullão Machado)



— Carneirinho, carneirão,
Olhae p'ro céo, olhae p'ro chão
Pedi a Deus Nosso Senhor
Que nos dê um logarzinho no Caffete.

(“Jornal do Brasil”—Lutz)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residência: Av. Angelica. 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Guebena e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel. 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Semnario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DÍVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officinaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Offleial — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de aplices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Cidade)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Plas-
tino — Emprega só fazendas ex-
trangeiras — Rua do Thesouro, 3
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.
— Papelaria, typographia, enca-
dernação—Telephone 792—Caixa
545 — Rua S. Bento, 31. — S.
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-
de Fabrica de Malas e Canastras
Officina para concertos. — Do-
mingos Macigrande. — Rua São
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-
telas de casas de penhores e do
Monte de Socorro de S. Paulo
— A CASA MARCELLINO com-
pra e paga bem.—Praça Antonio
Prado, 14 — Telephone 4.692 —
S. Paulo.

GASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B

SÃO PAULO

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES BRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não podcrão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

CASA CONHECIDA

— DE —

Ramiro Tabacow & Cia.

Vendem-se em prestações: **MOVEIS**
e **FAZENDAS, TAPECARIA, ROUPAS**

FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

SÃO PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

Machinas para beneficiamento de Arroz

Machina

“Paulista”

A excellencia das machinas PAULISTAS está hoje constatada por centenares de freguezes que as tem comprado; são machinas completas combinadas e o seu beneficio é perfeito ::

N. 2

Produção

25-40

saccos de
arroz por
dia.

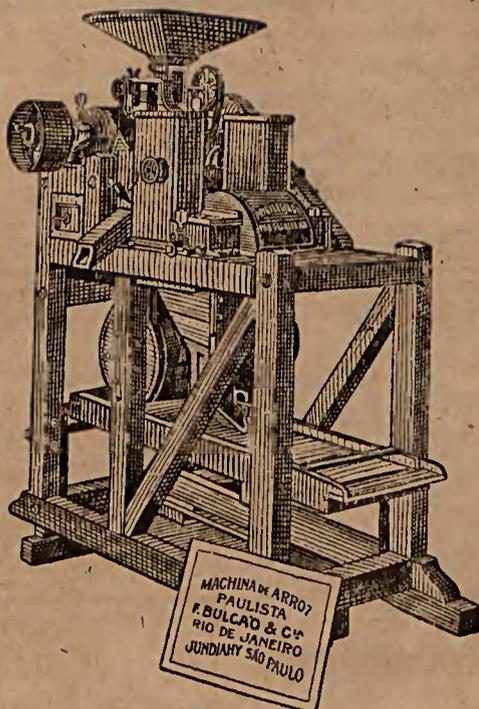
Força

6 HP

nom.^{es}

Preço Rs.

1:700\$000



N. 1

Produção

15-20

saccos de
arroz por
dia.

Força

4 HP

nom.^{es}

Preço Rs.

1:400\$000

F. Bulcão & C. Casa Arens

RUA FLORENCIO DE ABREU, 58 - S. PAULO

SUMMARIO DO 7.º NUMERO

(25 DE JULHO DE 1916)

F. T. de Souza Reis — A moeda metallica no Brasil (conclusão)

Souza Bandeira — Ruínas da aristocracia rural
da Acad. Braz.

Amadeu Amaral — Poesia

João Köpke — Educação moral e civica (conclusão)

H. Inglês de Souza — Iniciação
da Acad. Braz.

Veiga Miranda — A probidade literaria

Plínio Barreto — Leonor Telles

Rocha Pombo — A terra paulista e as suas grandes legendas

João Ferraz — Salubridade publica no Estado de S. Paulo

Collaboradores — Resenha do mez

RESENHA DO MEZ — Monologos YORICK — Brazil-Argentina, REDACÇÃO —
O Direito Criminal Moderno, M. O. H. — BIBLIOGRAPHIA (Sensações e reflexões) —
O combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa).
— Tribunal medico — A questão shakespeariana — Opinões sobre o DON
QUIXOTE — As fructas contra as doenças — O Banho de Sol — A longevidade
das mulheres. — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas.)

MOLHO AROMATICO BRASILEIRO

O melhor estimulante para a digestão

Aroma delicioso e sabor agradabilissimo

PREPARADO POR

Indispensavel ás pessoas de bom paladar

J. THOMAZ DE AQUINO

REZENDE

Preço por duzia

ESTADO DO RIO

18\$000 commum

20\$000 especial

Depositarios: I. DIEGO & Co. - Avenida Rangel Pestana, 6 - SÃO PAULO
TEIXEIRA BORGES & C. - Rua do Rosário, 110 e 112 - RIO

EDIÇÃO DA NOITE DO

“ESTADO DE S. PAULO”

Assignaturas:

Anno . 15\$000

6 mezes 8\$000



Jornal moderno, de formato commodo, publicando oito paginas diariamente. Insere telegrammas de ultima hora.

PARA ANNUNCIOS: PEDRO DIDIER - Rua S. Bento, 61 (Sala n. 5)
VALENTIM A. HARRIS & C. - Rua 15 de Novembro, 45

ARTIGOS PUBLICADOS

(DE JANEIRO A MAIO)

O preconceito das reformas constitucionaes, por Pedro Lessa, da Academia Brasileira; *O centenario da Independencia*, por Adolpho Pinto; *O ultimo passo da cirurgia*, pelo dr. L. P. Barretto; *A rima e o rythmo*, por Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; *O elogio da mediocridade*, por Amadeu Amaral; *Desespero de amor* (novella), por Valdomiro Silveira; *O modernismo*, por José Verissimo, da Academia Brasileira; *F. W. Taylor*, por V. da Silva Freire; *José Verissimo*, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; *Economia e Finança de S. Paulo*, por Carlos de Carvalho; *A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo*, com oito gravuras, por Paulo R. Pestana; *O Brasil terra de poetas*, por Amadeu Amaral; *O Margarida* (novella), por Veiga Miranda; *Francisco Adolpho de Varnhagen*, por Armando Prado; *Um informante do Imperador Pedro II*, por E. Roquette Pinto; *O "apriori" na theoria criticista*, por Florivaldo Linhares; *Eduardo Prado e seus amigos*, com reproducção de autographos, por Plinio Barreto; *Affonso Arinos*, por Augusto de Lima, da Academia Brasileira; *Recordando...* (a proposito de Affonso Arinos), por Aurelio Pires; *A expansão do meio circulante*, por Mario Pinto Serva; *A Palmeida e o Raio* (poesia), por Amadeu Amaral; *A vingança da Peróba*, por Monteiro Lobato; *Nos dominios de Beethoven*, por Octavio Augusto; *1815-1915*, por V. da Silva Freire; *O stock bovino e a exportação de carne*, pelo conselheiro Antonio Prado; *Operações de cambio*, por Carlos de Carvalho; *Sós na America*, por Helio Lobo; *Lendas e mythos*, por Jacomino Define; *O meu amigo D. Juan*, por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira; *Poesias*, por Julio Cesar da Silva; *Littérature Brésilienne*, por A. Carneiro Leão; *A doutrina de Monroe*, por Oliveira Lima, da Academia Brasileira; *Poesias*, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; *O ensino da leitura pelo methodo analytico*, por João Kopko; *O pensamento actual*, por C. da Veiga Lima; *As estiagens e a febre typhoide em S. Paulo*, por João Ferraz; *Diccionarios portuguezcs*, por R. von Ihering.

SUMMARIO DO 6º NUMERO

(25 DE JUNHO DE 1916)

F. T. de Souza Reis, *A moeda metallica no Brasil* (1) — José Antonio Nogueira, *Narcisos e Jeremias* — Alberto Seabra, *Os versos aureos de Pythagoras* — João Ribeiro, da Academia Brasileira, *Vida do Padre Antonio* — João Kopke, *Educação moral e civica* (1) — Carlos Magalhães de Azevedo, da Academia Brasileira, *Sonetos a Helena* — E. Roquette Pinto, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Rondonia* — Alvaro da Silveira, *As florestas e as chuvas* — Fred. G. Schmidt, *Assimilação do immigração* — Collaboradores, *Resenha do mez*.

Resenha do mez — Emilio Faguet — Bibliographia — O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universidades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philantropia de Affonso XIII — O maior oseriptor francez—*As caricaturas do mez* (cinco caricaturas reproduzidas).

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

ARROZ

ASSUCAR

MANDIOCA

MILHO

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

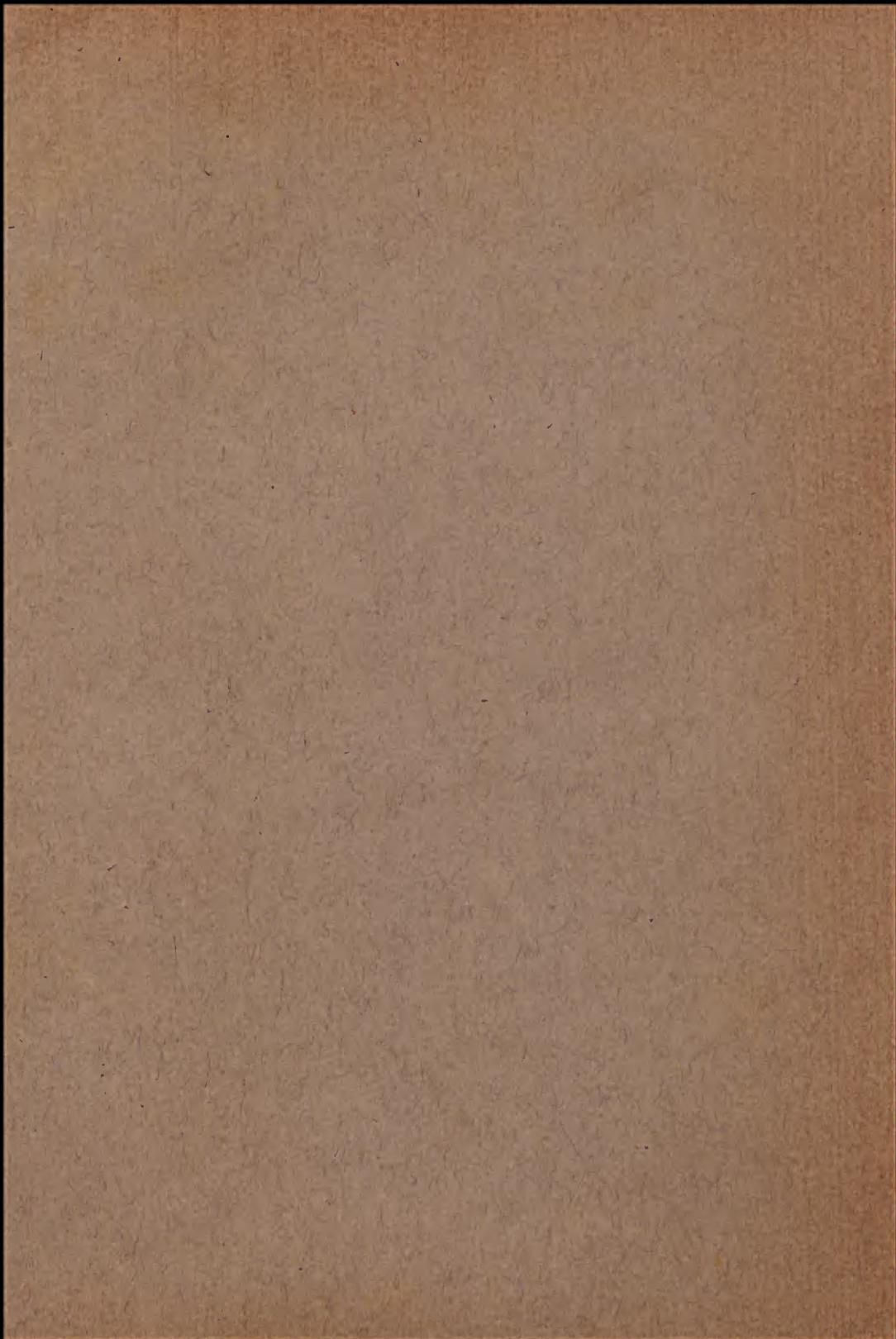
Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

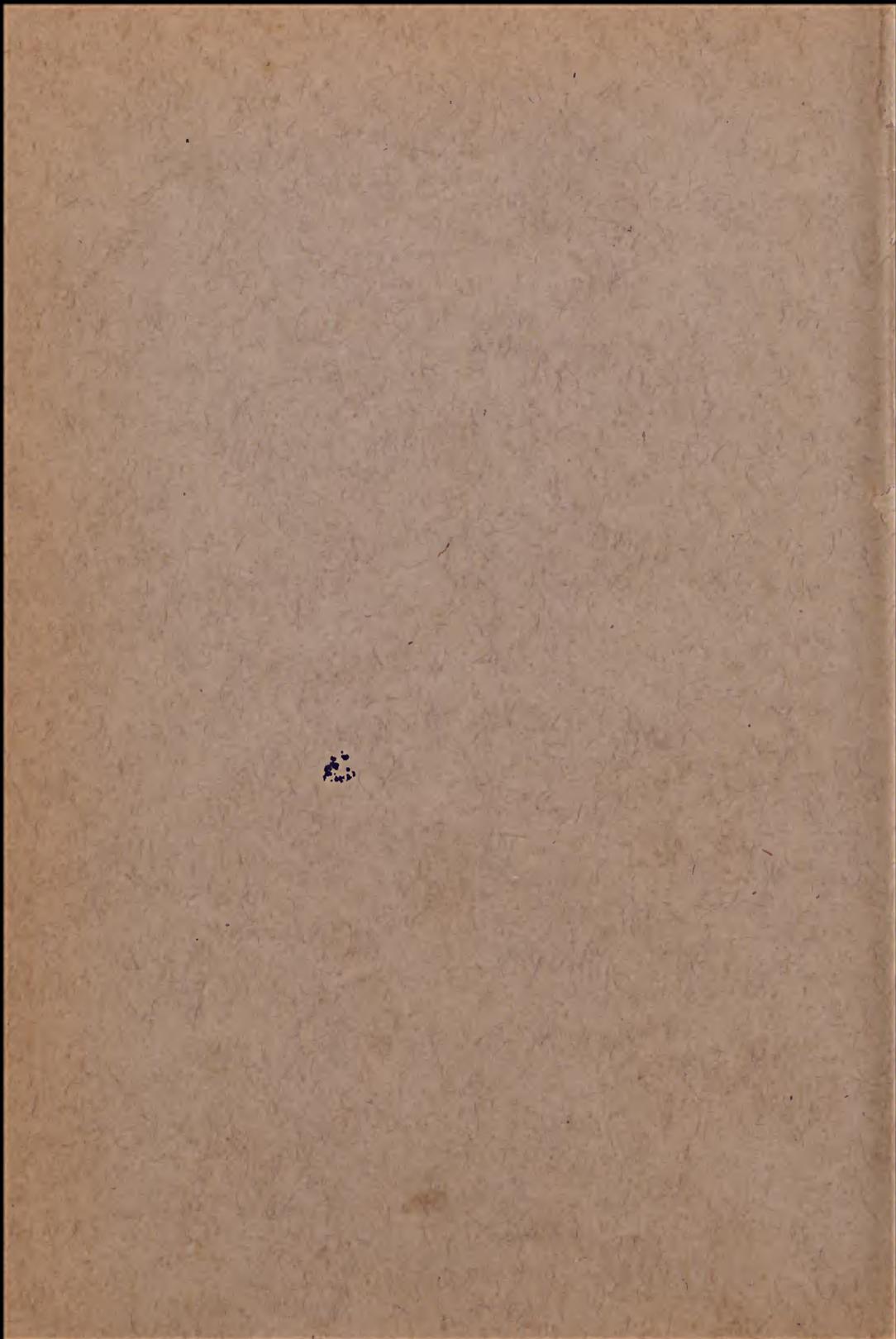
Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"





Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

02 MAI 1989		
23 MAI 1989		
13 OUT 1989		
31 OUT 1989		
22 NOV 1989		
13/2/91		

20285

ANO 1916

Vol 2

N.º 5-8

CLASSIF. 0R050

DEVOLUÇÃO
MAI 1989
25.5.85
01.09.87
13-10-89
31-10-89
22-11-89
05 MAI 1990
15.02.91
15-3-91

TOMBO: 20285

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62



